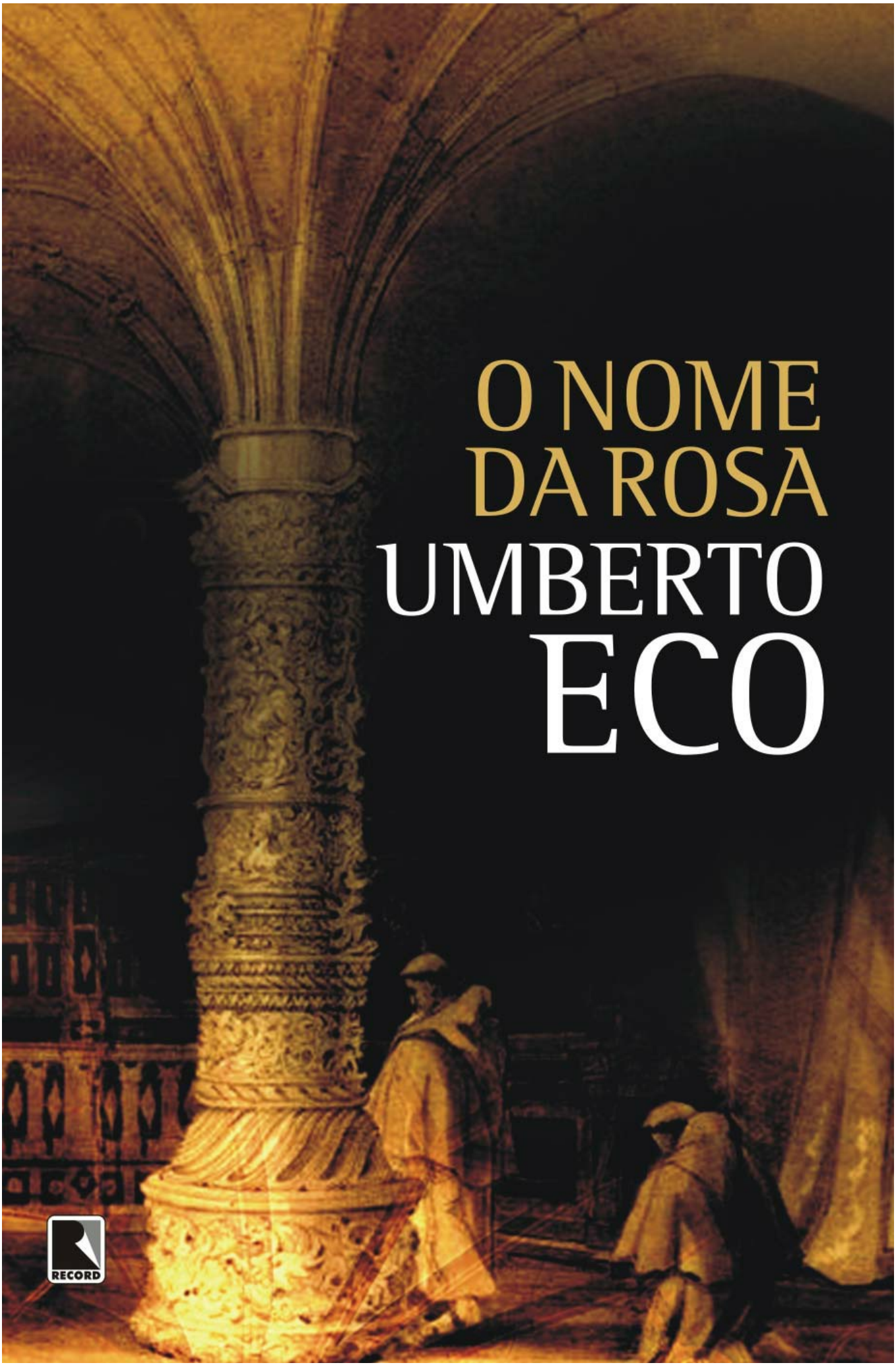

O NOME
DA ROSA
UMBERTO
ECO
RECORD


O NOME
DA ROSA
UMBERTO
ECO
RECORD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



O NOME DA ROSA

UMBERTO ECO

Tradução de
AURORA FORNONI BERNARDINI
e
HOMERO FREITAS DE ANDRADE

2ª edição

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2010

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E22n Eco, Umberto, 1932-

O nome da rosa [recurso eletrônico] / Umberto Eco ; tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. – Rio de Janeiro : Record, 2011.

Recurso Digital

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-01-09419-3 (recurso eletrônico)

1. Romance italiano. I. Bernardini, Aurora Fornoni. II. Andrade, Homero Freitas de. III. Título.

11-1031 CDD: 853
CDU: 821.821.131.3-3

Título original em italiano:
IL NOME DELLA ROSA

Copyright © 1980 Gruppo Editoriale Fabbri, Bompiani, Sonzogno, Etas S.p.A.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito. Proibida a venda desta edição em Portugal e resto da Europa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09419-3

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.



Atendimento e venda direta ao leitor
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO
BIBLIOGRAFIA SELECIONADA
CRONOLOGIA

Um manuscrito, naturalmente

PRÓLOGO

PRIMEIRO DIA
Prima. Onde se chega aos pés da abadia e Guilherme dá provas de grande argúcia
Terça. Onde Guilherme tem uma instrutiva conversa com o Abade
Sexta. Onde Adso admira o portal da igreja e Guilherme reencontra Ubertino de Casale
Por volta da noa. Onde Guilherme tem um doutíssimo diálogo com Severino herborista
Após a noa. Onde se visita o scriptorium e se fica conhecendo muitos estudiosos, copistas e rubricadores além de um velho cego que espera pelo Anticristo
Vésperas. Onde se visita o resto da abadia, Guilherme tira algumas conclusões sobre a morte de Adelmo, fala-se com o irmão vidreiro sobre vidros para ler e de fantasmas para quem quer ler demais
Completas. Onde Guilherme e Adso gozam da alegre hospitalidade do Abade e da conversa ressentida de Jorge

SEGUNDO DIA
Matinas. Onde poucas horas de mística felicidade são interrompidas por um evento muito sangrento
Prima. Onde Bêncio de Upsala confia algumas coisas, outras são confiadas por Berengário de Arundel e Adso aprende o que é a verdadeira penitência
Terça. Onde se assiste a uma rixa entre pessoas vulgares. Aymaro de Alexandria

faz algumas alusões e Adso medita sobre a santidade e sobre o esterco do demônio. Depois Guilherme e Adso voltam ao scriptorium. Guilherme vê algo interessante, tem uma terceira conversação sobre o caráter lícito do riso, mas em definitivo não pode olhar onde quer

Sexta. Onde Bêncio faz um estranho relato do qual se apreendem coisas pouco edificantes sobre a vida da abadia

Noa. Onde o Abade se mostra orgulhoso das riquezas de sua abadia e temeroso dos hereges, e por fim Adso desconfia ter feito mal em vagar pelo mundo

Depois das vésperas. Onde, malgrado a brevidade do capítulo, o ancião Alinardo conta coisas bastante interessantes sobre o labirinto e sobre o modo de nele penetrar

Completas. Onde se entra no Edifício, se descobre um visitante misterioso, se encontra uma mensagem secreta com signos de nicromante, e desaparece, mal encontrado, um livro que será procurado, em seguida, por muitos outros capítulos, nem será a última vicissitude o furto das preciosas lentes de Guilherme

Noite. Onde finalmente se penetra no labirinto, tem-se estranhas visões e, como acontece nos labirintos, fica-se perdido nele

TERCEIRO DIA

De laudes a prima. Onde se encontra um pano sujo de sangue na cela de Berengário desaparecido, e é tudo

Terça. Onde Adso no scriptorium reflete sobre a história de sua ordem e sobre o destino dos livros

Sexta. Onde Adso ouve as confidências de Salvatore, que não podem ser resumidas em poucas palavras, mas que lhe inspiram muitas preocupadas meditações

Noa. Onde Guilherme fala a Adso da grande corrente heretical, da função dos simples na igreja, de suas dúvidas sobre o conhecimento das leis gerais, e quase num parêntese conta como decifrou os signos nicromânticos deixados por Venâncio

Vésperas. Onde ainda se fala com o Abade, Guilherme tem algumas idéias mirabolantes para decifrar o enigma do labirinto, e consegue isso do modo mais sensacional. Depois se come pastelão de queijo

Depois das completas. Onde Ubertino conta a Adso a história de frei Dulcino, outras histórias Adso relembra ou lê na biblioteca por sua conta, e depois

acontece-lhe ter um encontro com uma moça bela e terrível como um exército a postos para a batalha

Noite. Onde Adso, transtornado, se confessa com Guilherme e medita sobre a função da mulher no plano da criação, depois porém descobre o cadáver de um homem

QUARTO DIA

Laudes. Onde Guilherme e Severino examinam o cadáver de Berengário, descobrem que está com a língua preta, coisa singular para um afogado. Depois discutem sobre venenos dolorosíssimos e sobre um remoto furto

Prima. Onde Guilherme induz primeiro Salvatore e depois o celeireiro a confessarem o seu passado, Severino reencontra as lentes roubadas, Nicola aparece com as lentes novas e Guilherme, com seis olhos, vai decifrar o manuscrito de Venâncio

Terça. Onde Adso se debate nos padecimentos de amor, depois chega Guilherme com o texto de Venâncio, que continua sendo indecifrável mesmo depois de ter sido decifrado

Sexta. Onde Adso vai procurar trufas e encontra os menoritas chegando, estes conversam demoradamente com Guilherme e Ubertino e fica-se sabendo de coisas muito tristes sobre João XXII

Noa. Onde chegam o cardeal do Poggetto, Bernardo Gui e os demais homens de Avignon, e depois cada um faz coisas diferentes

Vésperas. Onde Alinardo parece fornecer preciosas informações e Guilherme revela seu método para chegar a uma verdade provável por meio de uma série de erros seguros

Completas. Onde Salvatore fala de uma magia portentosa

Depois das completas. Onde se visita de novo o labirinto, chega-se ao umbral do finis Africae, mas não se pode entrar porque não se sabe o que são o primeiro e o sétimo dos quatro, e por fim Adso tem uma recaída, de resto bastante douta, em seu mal de amor

Noite. Onde Salvatore se deixa miseramente descobrir por Bernardo Gui, a moça amada por Adso acaba presa como bruxa e todos vão para a cama mais infelizes e preocupados que antes

QUINTO DIA

Prima. Onde tem lugar uma fraterna discussão sobre a pobreza de Jesus

Terça. Onde Severino fala a Guilherme de um estranho livro e Guilherme fala aos legados de uma estranha concepção do governo temporal
Sexta. Onde se encontra Severino assassinado e não se encontra mais o livro que ele encontrara
Noa. Onde se aplica a justiça e tem-se a embaraçosa impressão de que todos estejam errados
Vésperas. Onde Ubertino foge, Bêncio começa a observar as leis e Guilherme faz algumas reflexões sobre os diversos tipos de luxúria encontrados naquele dia
Completas. Onde se escuta um sermão sobre a vinda do Anticristo e Adso descobre o poder dos nomes próprios

SEXTO DIA

Matinas. Onde os principes sederunt, e Malaquias cai no chão
Laudes. Onde é eleito um novo celeireiro mas não um novo bibliotecário
Prima. Onde Nicola conta muitas coisas, enquanto se visita a cripta do tesouro
Terça. Onde Adso, escutando o Dies irae, tem um sonho ou visão como se queira dizer
Após a terça. Onde Guilherme explica a Adso seu sonho
Sexta. Onde se reconstrói a história dos bibliotecários e tem-se algumas notícias a mais sobre o livro misterioso
Noa. Onde o Abade se recusa a ouvir Guilherme, fala da linguagem das gemas e manifesta o desejo de que não se indague mais sobre aquelas tristes vicissitudes
Entre vésperas e completas. Onde brevemente se narra sobre longas horas de confusão
Após as completas. Onde, quase por acaso, Guilherme descobre o segredo para entrar no finis Africae

SÉTIMO DIA

Noite. Onde, para resumir as revelações prodigiosas de que se fala aqui, o título deveria ser longo como o capítulo, o que é contrário aos costumes
Noite. Onde ocorre a ecpirose e por causa do excesso de virtude as forças do inferno prevalecem

ÚLTIMO FÓLIO

Introdução*

É impossível escrever sobre O nome da rosa sem considerar seu extraordinário sucesso global, tanto para a crítica quanto para o público de forma geral. Trata-se de um exemplo destes raros fenômenos editoriais, o mega best seller literário que transcende as fronteiras lingüísticas. Refiro-me por "mega" às vendas estimadas em milhões, não milhares, e por "literário" quero dizer um romance com o tipo de ambição artística e individualidade estilística que freqüentemente desanima o grande público: uma categoria que inclui, digamos, Os filhos da meia-noite, mas não O código Da Vinci. A diferença, como o próprio Umberto Eco afirmou, está entre o tipo de livro que dá aos leitores o que querem e o tipo de livro que faz os leitores perceberem o que sempre desejaram inconscientemente. Apenas uns poucos romances deste último tipo em tempos recentes tornaram-se best sellers, não apenas em seus países de origem, mas também em suas traduções, e é um feito particularmente difícil de se obter com livros traduzidos para o inglês, visto que leitores anglófonos já são bastante supridos com obras literárias de alta qualidade e tendem a ser preguiçosamente apáticos frente a obras novas de outras culturas. Pode-se contar nos dedos de uma mão os livros de real destaque que superam esta resistência: Doutor Jivago, O leopardo, O tambor, Cem anos de solidão, O nome da rosa... Talvez haja alguns outros candidatos, mas não muitos. E destes exemplos, o sucesso global de O nome da rosa foi, de muitas maneiras, o mais surpreendente e imprevisível. Certamente se trata de um tipo de romance policial, uma forma narrativa universalmente popular; mas as prateleiras das livrarias estão apinhadas de romances policiais que atraem apenas um público modesto, e os atributos especiais deste incluem uma formidável quantidade de discursos não-narrativos sobre filosofia, teologia, e um capítulo particularmente complicado de história medieval européia, com todos os quais o leitor precisa lidar para descobrir o assassino. O livro também contém numerosas passagens em latim, não traduzidas para o vernáculo. Dada a reputação de Umberto Eco como crítico e jornalista na Itália, O nome da rosa estava destinado a sair muito bem por lá, e seu editor italiano Bompiani mandou rodar uma primeira impressão de 15 mil cópias, esperando uma possível venda de cerca de 30 mil. Mas suas chances no

mercado internacional devem ter parecido magras antes da publicação. Fora de seu próprio país, o professor Eco da Universidade de Bolonha era conhecido, quando muito, principalmente como autor de livros acadêmicos sobre semiótica e teoria literária.

O nome da rosa foi recebido com entusiasmo na Itália em sua publicação em 1980, logo vendeu 500 mil cópias por lá e obteve três prêmios literários no ano seguinte. Foi rapidamente traduzido para o alemão e o francês, e tornou-se best seller em ambos os países, recebendo o Prix Médicis Étranger na França em 1982. Os editores ingleses, Secker & Warburg, que obtiveram os direitos por muito pouco, estavam sem dúvida confiantes de que este sucesso se reproduziria na Grã-Bretanha quando foi lá publicado em 1983. Enviaram, contudo, seiscentos exemplares aos "formadores de opinião" literários no Reino Unido (dentre os quais eu me encontrava) em vez das provas errôneas tediosamente reunidas que freqüentemente circulavam antes da publicação, na esperança de que este simpático presente demonstrasse a fé dos editores no livro e garantisse que ele seria lido. Ao que parece, a estratégia foi bem-sucedida, visto que O nome da rosa recebeu resenhas extasiadas e atingiu o primeiro lugar na lista de mais vendidos do Sunday Times. Vendeu cerca de 60 mil cópias na edição de capa dura, e a Picador, que pagou apenas 2 mil libras de adiantamento pelos direitos da brochura, vendeu 850 mil cópias de sua edição até 1992, e o romance ainda vendia 70 mil cópias por ano.

Nos Estados Unidos, com um mercado mais amplo, o sucesso do livro foi ainda mais espetacular. Ele havia sido rejeitado por quase todas as grandes editoras norte-americanas, às vezes mais de uma vez, até que a Harcourt Brace tomou-o por um adiantamento modesto de 4 mil dólares. Foi publicado em junho de 1983. Em duas semanas, ele estava na lista de mais vendidos do New York Sunday Times, e no começo de agosto passou à primeira posição (pouco acima de O retorno de Jedi), e permaneceu na lista por 23 semanas. Ao final de setembro, vendera mais de 200 mil cópias, e o direito de brochura foi vendido por uma quantia recorde para um romance traduzido. Um editor rival comentou: "Não se trata de marketing, deve haver algo no livro." De fato. Algo como: um mistério emocionante, uma caracterização vívida, um ambiente envolvente, uma fascinante reconstituição histórica, um humor astuto, confrontos dramáticos, assombrosas peças de cenário, e uma prosa suave e eloqüente que pode mudar de registro para abarcar a experiência da fé, a dúvida, o horror, o êxtase erótico e o desespero. "Uma delícia para uma elite, ainda que prazeroso para todos", foi uma descrição

jornalística de O nome da rosa. Ou como Nicholas Shrimpton observou de modo acurado quando revisava o romance: "Se você gosta de Sherlock Holmes, Montaillou, Borges, da nouvelle critique, The Rule of St. Benedict, metafísica, projetos de biblioteca ou The Thing from the Crypt, você irá amar. Quem pode passar por cima isto?"

Leitores do romance são afortunados por ter o relato do próprio autor sobre sua gênese e composição: um pequeno livro intitulado Reflections on "The Name of the Rose" ("Reflexões sobre 'O nome da rosa'"), publicado alguns anos mais tarde. Sendo um sofisticado teórico literário, Eco está bastante ciente do status e limitações de tais revelações: "O autor não deve interpretar", diz. "Mas pode dizer por que e como escreveu seu livro." Um escritor não deve produzir uma interpretação "não-autorizada" de seu livro porque isto comprometeria o potencial de um texto genuinamente literário de gerar diferentes significados de diferentes leituras, sem jamais exaurir-se por completo; mas contar por que e como escreveu seu livro pode lançar uma luz singularmente valiosa sobre o processo criativo, informação que o leitor pode aplicar livremente a sua leitura da obra. Em suma, as reflexões são elas mesmas abertas à interpretação. Eco nos diz: "Comecei a escrever em março de 1978, estimulado por uma idéia seminal: senti o desejo de envenenar um monge." Mas não nos diz por que sentiu vontade de envenenar um monge. Pelo que se segue, e pelo próprio romance, podemos deduzir que havia duas razões possíveis, não excludentes. Uma delas é que, como crítico e semiótico fascinado pelas produções de cultura popular, e pelos princípios estruturais e convenções que subjazem a eles, assim como um fã de longa data da história de detetives clássica, exemplificada pelas histórias de Sherlock Holmes de Sir Arthur Conan Doyle, Eco possuía um "afã" (segundo este, ou segundo seu tradutor) de tentar realizar uma história do tipo, e acreditou que uma comunidade monástica forneceria um ambiente ficcional para tal. Seu título de trabalho por algum tempo foi A abadia do assassinato, sugerindo uma variação picante para a fórmula familiar. Mas podemos especular que havia uma motivação pessoal e psicológica mais profunda para desejar matar um monge (ou, como se mostrou, diversos monges), mesmo que apenas no faz-de-conta.

Originalmente, ele pretendia ambientar a história na Itália contemporânea, mas logo passou a situá-la no final da Idade Média, adicionando mais e mais níveis de

significado através de referências intertextuais e correspondências entre os tempos medievais e modernos, aproveitando-se de um bocado de conhecimento que havia obtido anteriormente em sua vida, mas que poucas vezes utilizara em sua carreira como crítico e semiótico ("Eu era um medievalista em hibernação", observa). Como estudante da Universidade de Torino, Umberto Eco passou do estudo do direito (recomendação de seu pai) para o de literatura e filosofia medieval, escrevendo uma tese sobre a estética de São Tomás de Aquino, seu primeiro livro publicado. O nome da rosa é declaradamente o trabalho de um homem que conhece a religião católica e sua metafísica subjacente com a compreensão íntima e detalhada de alguém que já foi um fiel. Ele foi criado no catolicismo, e fora outrora "um ativista católico militante", mas em algum momento de sua vida adulta Umberto Eco parou de acreditar, e descreveu-se em 1983 como "um cane sciolto, um cão desgarrado, que se abstém de afiliação rígida a qualquer movimento religioso ou político". O elemento de transgressão inerente ao assassinato, que faz deste uma fonte perene de interesse literário, acrescenta um frisson extra quando inserido em um contexto monástico — quando tanto vítimas quanto suspeitos são membros de uma comunidade religiosa. É possível portanto que esta idéia narrativa tenha atraído Eco e estimulado sua imaginação em parte porque dramatizava sua própria atitude ambivalente para com a fé de sua infância, uma mistura de respeito e repulsa, nostalgia e rejeição. O detetive-herói de O nome da rosa, Guilherme de Baskerville, é um frade franciscano que possui muitos traços intelectuais que pertencem ao mundo secular moderno, é em grande medida um crítico da igreja institucional, e aos olhos de seu acólito devotadamente ortodoxo, Adso, o narrador da história, acerca-se perigosamente de questionar os fundamentos filosóficos da fé cristã.

Como Eco belamente esclarece em Reflections, a composição do romance implica realizar escolhas ou decisões regidas por certas restrições, comparadas mas bastante diferentes das restrições da métrica e da rima que governam a escolha das palavras na composição de um verso. "Descobri (...) que um romance nada tem a ver com palavras, em uma primeira instância. Escrever um romance é uma questão cosmológica, como a história contada no Gênesis." Isto é, para poder contar uma história é preciso construir um mundo que possua uma relação lógica e consistente com o mundo real, e o desafio para o romancista é explorar e desenvolver esta idéia ou idéias narrativas dentro de certas restrições. A relação entre o mundo ficcional e o mundo real não precisa ser uma imitação realista (a alegoria, por exemplo, pode ter uma relação lógica e consistente, ainda que não-realista com o mundo real), mas no caso de O nome da rosa, esta o é. Ainda que a

biblioteca labiríntica, centro da história, seja invenção de Eco, sua arquitetura é inteiramente coerente, e a estrutura do monastério no qual está situado corresponde intimamente com os monastérios beneditinos do período. A planta fornecida no livro permite ao leitor traçar os movimentos dos personagens com precisão, e estes são completamente críveis em termos de seqüência e duração temporais. Em suma, as leis do tempo e do espaço no mundo real são escrupulosamente observadas no mundo fictício.

O mesmo se aplica ao fundo histórico e cultural do romance. Eco nos conta que acharia muito mais fácil situar a história nos séculos XII ou XIII, um período que conhecia bem; mas o dispositivo intertextual de fazer de seu detetive um precursor medieval de Sherlock Holmes já era central ao projeto, e isto o impeliu a situar sua história no século XIV, sobre o qual estava inicialmente muito menos informado, pois a abordagem investigativa empírica do crime, antecipando o método científico moderno, só poderia ser adotada por um frade franciscano influenciado pelos ensinamentos filosóficos dos franciscanos Roger Bacon e Guilherme de Ockham, tendo este último vivido na primeira metade do século XIV. (O fato de que muito poucos dos leitores de Eco estivessem igualmente bem-informados é irrelevante: uma vez que o romancista "trapaceie" ao desconsiderar seu próprio conhecimento sobre uma questão importante, ele arrisca perder a fé em seu próprio mundo imaginário.) Tendo inserido a ação do romance no começo do século XIV, e após realizar algumas pesquisas neste período, Eco rapidamente se deu conta de que um franciscano proeminente naquele tempo inevitavelmente se envolveria no debate sobre a "pobreza" que então dividia a ordem e afetava criticamente as relações entre ela e o papado, além de entre o papado e o Sacro Império Romano. Este tornou-se então o contexto político de sua história, e a fonte de muitos paralelos intrigantes entre os tempos medievais e modernos. O processo demonstra um interessante aspecto da composição da ficção, a saber, que a aceitação de uma restrição que pode parecer frustrante e aborrecida a princípio freqüentemente conduz à descoberta de novas idéias e materiais para a história.

A história do debate sobre a pobreza é complicada, e nem ao menos o narrador medieval de Eco, Adso, é capaz de apreender plenamente todas as suas ramificações; mas no coração dela está: a total obediência aos ensinamentos de Cristo implicaria a renúncia de todos os bens e poderes materiais? São Francisco fundou sua ordem no princípio de que sim: seus frades estavam proibidos de possuir propriedade ou dinheiro, e exigia-se que vivessem através do trabalho de suas mãos ou da mendicância. Ao longo do tempo, o rigor desta regra foi relaxado

por razões práticas, levando a uma divisão de grupos conhecidos como os "espirituais" ou fraticelli, que insistiam em uma interpretação extrema da "pobreza" e eram denunciados como heréticos ou cismáticos da Igreja oficial. Enquanto se distanciavam dos extremistas, os franciscanos ainda buscavam defender uma versão moderada do ideal da pobreza, e eram apoiados nisto pelo sacro imperador romano, que, por seus próprios motivos políticos, desejava restringir o poder do papa à jurisdição dos assuntos espirituais, enquanto o papa João XXII, naquele tempo exilado de Roma e com base em Avignon, enxergava os franciscanos com desagrado por razões inversas. Em 1321, o líder da ordem franciscana, Michele de Cesena, foi convidado a Avignon para discutir estas questões, mas hesitou, temendo, com alguma razão, que tal pudesse ser uma armadilha. Este é o contexto da trama ficcional de Eco: Guilherme de Baskerville vem a um mosteiro beneditino nas montanhas do norte da Itália em novembro de 1321 para comparecer a uma reunião dos teólogos do imperador e do papa, que irão preparar a base para um acordo da disputa em presença do próprio papa em Avignon. Porém, sua visita coincide com uma série de assassinatos espantosos na abadia, que passa então a ser o foco da narrativa. Por que em novembro? Porque Michele de Cesena de fato foi a Avignon em dezembro de 1321. E por que o mosteiro se encontra nas montanhas? Porque a trama exigia que uma vítima de assassinato fosse encontrada em um tonel com sangue de porco, e os porcos eram freqüentemente mortos em temperaturas baixas, o que na Itália em novembro seria mais plausível a uma altitude elevada. E por que a vítima precisava estar mergulhada em sangue de porco? Porque os diferentes métodos empregados pelo assassino precisavam parecer corresponder às profecias dos sete anjos do Apocalipse, ou do Apocalipse de São João, anunciando o fim do mundo, sendo que o segundo afirmava que parte do mar se transformará em sangue.

Estes elos lógicos são os elementos básicos que mantêm unida a estrutura da narrativa na mente do romancista; dificilmente são notadas como tais pelo leitor, que vivencia o livro de um modo bastante diferente, como um fluxo de informação no qual muitos fios diferentes são entrelaçados, por vezes de modo confuso. Por exemplo: não é senão após uma centena de páginas no livro que a natureza precisa da missão de Guilherme é explicada, embora haja alusões oblíquas a esta. Tampouco são estes os únicos desafios à paciência e perseverança do leitor. Primeiro, ele precisa atravessar os portais do enganoso aparato erudito que explica como a história de Adso foi obtida pelo "editor"; em seguida, ele precisa assimilar as regras, rotinas e protocolo da vida monástica, conhecer a divisão temporal do

dia nas horas canônicas das Matinas, Laudes etc., acompanhar a completa e exaustiva descrição do entalhe na porta da igreja na qual a figura do mundo medieval é sobejamente ilustrada, e pegar-se com todo tipo de recônditas alusões teológicas e das escrituras. Eco revela que amigos e editores que leram seu romance em forma de manuscrito recomendaram que ele abreviasse as primeiras cem páginas, que julgaram "muito difíceis e exigentes". Ele se recusou a fazê-lo, sob a premissa de que estas páginas eram como uma "penitência ou iniciação". Além do mais, aqueles que não pudessem atravessá-las jamais chegariam ao fim do livro; aqueles que o fizessem teriam aprendido como lê-lo, e não seriam capazes de parar. Esta notável demonstração de fé em seu próprio trabalho foi na ocasião completamente justificado, mas ele testou o esforço e a atenção de seus leitores até as últimas linhas do romance, que contém uma pista criptografada em latim sobre o significado de seu título. (Irei retornar a isto adiante.)

* * *

Umberto Eco escreveu o que foi com efeito sua própria "propaganda" na sobrecapa da primeira edição italiana de O nome da rosa, na qual previu que seria lido de três diferentes maneiras:

> Difícil de definir (romance gótico, crônica medieval, ficção policial, narrativa ideológica à clef, alegoria) este romance (...) pode talvez ser lido de três formas. A primeira categoria de leitores será tomada pela trama e pela coup de scène, e tolerará até mesmo as longas discussões livrescas e diálogos filosóficos, pois perceberá que os sinais, traços e sintomas revelatórios se aninham precisamente nestas páginas distraídas. A segunda categoria ficará apaixonada pelo debate de idéias, e procurará estabelecer as conexões (que o autor se recusa a autorizar) com o presente. A terceira se dará conta de que este texto é um tecido de outros textos, um "quem matou?" de citações, um livro feito de livros.**

Michael Caesar sugere de forma plausível que há uma hierarquia na listagem destes tipos de leitura, sendo a última a mais autorizada. Uma leitura apreciativa completa do romance deve, contudo, combinar todas as três.

O primeiro tipo de leitura responde ao romance predominantemente como uma história de crime e investigação, na qual a principal pergunta narrativa é "quem matou?". Um crime é cometido, ou uma série de crimes relacionados, e o leitor envolve-se na jornada de encontrar o culpado, contrapondo talvez seus próprios

julgamentos com os do detetive na interpretação das pistas. Esta é sem dúvida a primeira fonte de interesse de muitos leitores de O nome da rosa, o atrativo que, mais que qualquer outro fator, impele-os a prosseguir virando as páginas. Mas tal leitor dificilmente deixaria de notar que o detetive franciscano medieval é uma reencarnação literária (ou historicamente uma pré-encarnação) de Sherlock Holmes. O lugar de origem de Guilherme alude a uma das mais famosas histórias de Sherlock Holmes, O cão dos Baskerville, e Adso, o companheiro de Guilherme, possui muitos traços de caráter, e a mesma função narrativa do fiel companheiro de Holmes, Dr. Watson. Ainda no primeiro capítulo, Guilherme demonstra seus poderes de dedução ao admirador Adso, extrapolando de algumas pegadas de cascos na neve um relato circunstancialmente acurado de como um cavalo em particular fugiu da abadia, uma reprise quase paródica de muitas cenas similares nas histórias de Sherlock Holmes. A abadia é freqüentemente envolvida em neblina em momentos cruciais, um recurso meteorológico dileto de Conan Doyle para elevar o mistério e o suspense; e quando Guilherme finalmente confronta o vilão da história, há o mesmo respeito mútuo entre eles como entre Holmes e Moriarty. Em suma, é pouco provável ser um leitor da primeira categoria de Eco sem desfrutar parte de alguns prazeres intertextuais apreciados pela terceira categoria.

O nome da rosa obedece em vários aspectos à estrutura da ficção policial clássica, como elegantemente analisada pelo narratologista Tzvetan Todorov. Ele destaca que esta consiste na verdade em duas histórias: a história do crime, que o detetive tenta reconstruir pelas provas à disposição, trabalhando do efeito à causa, e a história da própria investigação, que procede da causa ao efeito (sendo o efeito derradeiro a revelação do culpado). A segunda história é freqüentemente narrada por um amigo do detetive (por exemplo, Watson), que admite escrevê-la, enquanto a história do crime jamais admite sua qualidade literária. O nome da rosa obedece a este padrão. Muitas ficções policiais modernas se situam em um ambiente fechado — uma casa de campo, por exemplo — que limita o número de possíveis suspeitos e cria uma relação interessante entre eles; a abadia de Eco e sua comunidade dispõem de um perfeito equivalente medieval. A forma tende a uma "estrutura geométrica" — Todorov cita o exemplo de Assassinato no Expresso Oriente de Agatha Christie, que possui, entre um prólogo e um epílogo, doze capítulos, doze suspeitos e doze interrogatórios. A ação de O nome da rosa é dividida em sete dias, tal como a criação do mundo por Deus no Gênesis, em cada qual ocorre um assassinato. No policial clássico, observa Todorov, mesmo naquele em que se encontra um assassino serial, "uma regra do gênero postula a

imunidade do detetive". Isto é válido para O nome da rosa: Guilherme e Adso jamais parecem temer por suas vidas à medida que os mortos se avolumam, e o que mais perturba este é a ameaça de ser banido da abadia antes de completar sua tarefa investigativa. Embora o assassino faça uma tentativa perspicaz de matar Guilherme no desfecho da história, esta é frustrada antes que saibamos que foi empreendida.

Apesar de todas estas correspondências, contudo, O nome da rosa desvia da fórmula das histórias de Sherlock Holmes e seus sucessores em diversos aspectos cruciais. A ficção policial clássica afirma a vitória do bem sobre o mal, a razão sobre a paixão, a lei e a ordem sobre a anarquia; um estado de harmonia e civilidade que foi rompido por um ato violento é curado e restaurado à normalidade pela perícia e dedicação de um detetive-herói. O nome da rosa não possui uma tal conclusão consoladora. Embora Guilherme desmascare o homem por trás das mortes, o velho monge cego Jorge, este não é surpreendido, mas arma seu confronto final de uma maneira que lhe permite escapar da captura. Além disso, a intervenção de Guilherme provoca a destruição de uma das maiores bibliotecas do mundo cristão, incluindo uma obra única de Aristóteles que há muito se supunha estar perdida, uma catástrofe que faz verter lágrimas o erudito Guilherme. E quando Adso tenta consolá-lo afirmando que havia derrotado Jorge "porque puseste a nu sua trama", Guilherme responde: "Não havia trama (...) e a descobri por engano." Ele supusera que havia um assassino, quando, na verdade, cada crime foi cometido por uma pessoa diferente, ainda que manipulada por Jorge. Ele havia formado uma teoria de que o assassino imitava conscientemente as profecias dos Últimos Dias no Apocalipse, ao passo que Jorge na verdade retirara sua idéia do próprio Guilherme, e então a utilizara para justificar suas próprias ações. "Onde está toda a minha sabedoria?", pergunta Guilherme. "Comportei-me como um obstinado, seguindo um simulacro de ordem, quando devia bem saber que não há uma ordem no universo." Esta é uma conclusão tão herética no mundo da ficção policial quanto seria em um monastério medieval.

A segunda categoria de leitor descrita por Eco em seu comentário de contracapa é "apaixonada pelo debate das idéias, e procurará estabelecer conexões (...) com o presente". Condizente com esta previsão, quando o romance apareceu pela primeira vez, foi tomado, especialmente em sua Itália natal, como se referindo

obliquamente ao clima político e ideológico perturbado das décadas de 1960 e 70. A mistura de utopianismo, anarquismo e violência no comportamento de grupos que irrompeu da ordem franciscana na Idade Média para formar suas próprias comunidades, praticando às vezes um tipo de comunismo primitivo que incluía promiscuidade sexual, prenunciou o desenvolvimento das seitas protestantes radicais durante a Reforma; mas essas comunidades também oferecem paralelos com as atividades de diversas células revolucionárias na Europa recente, como a gangue Baader-Meinhof ou as Brigadas Vermelhas italianas, e incontáveis movimentos radicais de guerrilha na América do Norte e do Sul; da mesma forma, os métodos bárbaros e cruéis da Inquisição medieval, que buscavam reprimir qualquer ameaça à autoridade da Igreja, podem ser comparados às ações dos governos repressores e grupos secretos neo-fascistas para esmagar dissidências radicais no final do século XX. Esta dimensão do romance torna-se bastante evidente no julgamento de Remigio, o celeireiro, quando o conflito entre Guilherme e o inquisidor Bernardo Gui atinge o ápice. Este momento deixa claro que, antes de se unir à comunidade beneditina da abadia, Remigio fora um membro da cismática seita franciscana liderada por Frei Dulcino, que sob o lema da "pobreza" vivia uma existência semibandida, desafiando todas as leis da Igreja e do Estado. Remigio admite ter sido um dulciniano, e sua confissão evoca as atitudes dos atuais terroristas inspirados por ideologias:

> E havemos queimado e saqueado porque tínhamos eleito a pobreza como lei universal e tínhamos o direito de nos apoderarmos das riquezas ilegítimas dos outros, e queríamos atingir no coração a trama de avidez que se alastrava de paróquia em paróquia, mas nunca saqueamos para possuir, nem matamos para saquear, matávamos para punir, para purificar os impuros através do sangue. Talvez estivéssemos tomados por um desejo descabido de justiça: também se peca por excesso de amor a Deus, por superabundância de perfeições, nós éramos a verdadeira congregação espiritual enviada pelo Senhor e reservada à glória dos últimos tempos, procurávamos nosso prêmio no paraíso antecipando os tempos de vossa destruição.

Em seus artigos jornalísticos nos anos 1970, Eco esboçou comparações entre as seitas milenares medievais e grupos atuais de extrema esquerda, e no processo de pesquisa para o romance, ele descobriu que Dulcino veio de Trento, tal como Renato Curcio, fundador das Brigadas Vermelhas, e que os anarquistas italianos ainda faziam uma peregrinação anual ao local do acampamento fortificado de Dulcino. A experiência de viver em um período violento na história política italiana, no qual colegas e estudantes seus morreram, obviamente forneceu parte da

energia imaginativa que estimulou O nome da rosa. Mas no quarto de século desde que foi publicado, o romance adquiriu uma nova atualidade. Há ecos estranhos nas palavras de ameaça de Remigio de grupos islâmicos como a al-Qaeda e os pronunciamentos de suas contrapartes nas seitas fundamentalistas cristãs: o toque de arrogante intolerância e rígida indiferença para com as vidas daqueles que não compartilham suas visões de mundo.

Remigio admite a cumplicidade nos excessos dos dulcinianos, mas jura ser inocente dos assassinatos na abadia. Bernardo, contudo, está afoito para atribuir os crimes a Remigio, de modo a demonstrar que o culto franciscano da "pobreza" conduz, enfim, e de modo inevitável, a heresia e abominação. Aproveitando-se de algumas provas circunstanciais, ele ameaça extorquir uma confissão de Remigio por meio da tortura, à qual o desgraçado capitula e afirma que irá confessar todo e qualquer assassinato, assim como a heresia, preferindo ir diretamente para a estaca e morrer de asfixia a ser torturado. Esta falsa justiça, que possui inúmeros paralelos na história do século XX, ganha um elemento de pathos (pois o próprio Remigio não é um personagem muito amável) quando a garota com quem Adso vivenciou o êxtase do amor erótico e romântico é desafortunadamente envolvida e condenada por ser considerada uma bruxa.

No mundo antigo, Adso acredita que "os inquisidores criam os heréticos". Seu mentor Guilherme fora outrora também um inquisidor, mas abdicou de sua posição porque chegou à conclusão de que a tortura viola a livre disposição de uma pessoa, que é um componente essencial do ser humano. Guilherme, anacronicamente, representa a mente humanista liberal moderna, e fala, supõe-se, pelo próprio autor. Ele sente que a perseguição obsessiva de Bernardo a supostos heréticos é motivada menos pelo zelo religioso que por uma determinação de defender a autoridade e o poder temporal da Igreja oficial contra qualquer tipo de individualismo. A mente por trás dos assassinatos, a mente do velho monge cego Jorge de Burgos, contudo, é motivada de modo mais teológico, e a história terminada com um argumento prolongado, um tipo de duelo filosófico entre ele e Guilherme. Este debate já havia sido prenunciado em várias conversas anteriores no livro, e no sermão de Jorge após a morte de Severino. Ele se centra, talvez de modo surpreendente, no papel do riso na civilização humana. Aqui, o segundo tipo de leitura de O nome da rosa, o ideológico, segue para o terceiro, o intertextual.

O próprio nome de Jorge de Burgos, referido especialmente em associação a uma imensa biblioteca monástica de construção labiríntica porém geométrica, irá sugerir aos leitores alertas ao nome de Jorge Luis Borges, o grande poeta e fabulador argentino que por muitos anos foi diretor da Biblioteca Nacional da Argentina, cujo trabalho foi antologizado em um livro amplamente lido, intitulado Labyrinths ("Labirintos"), que contém uma história chamada The Library of Babel ("A Biblioteca de Babel"), que começa: "O universo (que os outros alcunham de Biblioteca) é composto de um número indefinido e talvez infinito de galerias hexagonais..." Uma primeira dica deste fio de alusões pode ser encontrada no aparato pseudo-editorial de O nome da rosa — ela própria uma homenagem às elaboradas invenções de Borges dos trabalhos ficcionais de arcana erudição — onde o autor declara que encontrou primeiro algumas citações da narrativa de Adso de Melk em uma cópia da "versão castelhana de um livrinho de Milo Temesvar, Do uso dos espelhos no jogo de xadrez", com o qual deparou em uma livraria na avenida Corrientes em Buenos Aires. A mesma livraria é mencionada na primeira história de Labyrinths, "Tlön, Uqbar, Orbis e Tertius", que começa: "Devo a descoberta de Uqbar à conjunção de um espelho e uma enciclopédia." No clímax de O nome da rosa o criminoso aguarda que o detetive o encontre, escondido atrás de um espelho em uma biblioteca. Que Eco tenha dado o nome de Borges a seu vilão não implica desrespeito pelo escritor argentino — pelo contrário — mas, além da cegueira do velho monge, talvez tenha sido elaborado para elevar o leitor acima do nível de investigação policial da história.

A biblioteca do mosteiro se encontra no coração mesmo desta narrativa, assim como a idéia da biblioteca como um labirinto. Uma biblioteca é ela mesma uma intertextualidade em forma concreta, como Adso vem a saber de Guilherme: "Até então pensara que todo livro falava das coisas, humanas ou divinas, que estão fora dos livros. Percebia agora que não raro os livros falam de livros, ou seja, é como se falassem entre si." Mas a construção labiríntica deste edifício nega uma verdadeira função da biblioteca, pois é elaborada para prevenir a disseminação do conhecimento, ao invés de facilitá-lo. "A biblioteca defende-se por si, insondável como a verdade que abriga, enganadora como a mentira que guarda", declara complacente o abade a Guilherme. "Labirinto espiritual, é também labirinto terreno. Poderíeis entrar e poderíeis não sair." Adso mais tarde pensa em voz alta: "E então uma biblioteca não é um instrumento para divulgar a verdade, mas para retardar sua aparição?", e seu mestre responde: "Neste caso é." Adiante, Guilherme é mais explicitamente condenatório:

> O bem de um livro está em ser lido. Um livro é feito de signos que falam de outros signos, os quais por sua vez falam das coisas. Sem um olho que o leia, um livro traz signos que não produzem conceitos, e portanto é mudo. Esta biblioteca talvez tenha nascido para salvar os livros que contém, mas agora vive para sepultá-los. Por isso tornou-se fonte de impiedade.

Os assassinatos na abadia estão todos relacionados com a biblioteca e com um livro em particular, oculto em suas estantes labirínticas, um "livro proibido" — proibido, melhor dizendo, pelas custódias autoritárias, que temem as idéias que contém.

Este livro, como se sabe posteriormente, é o tratado perdido de Aristóteles sobre a comédia — uma tacada brilhante da parte de Eco, ainda que apenas acadêmicos como ele poderão saborear plenamente. A Poética de Aristóteles (provavelmente uma versão de suas notas de professor) é uma das pedras fundamentais da crítica literária — nada de muito valor foi acrescentado à teoria da narrativa até o século XX d.C. — mas está incompleto. A Poética aborda principalmente o gênero da tragédia, e refere-se a um estudo aristotélico complementar sobre a comédia, que não sobreviveu. As conseqüências desta perda foram imensas, pois isto fez pender a crítica literária a favor da literatura "séria", e a formas narrativas que obedeciam a regras genéricas e observavam o decoro estilístico: a tragédia e o épico. A comédia foi relegada a um status cultural inferior, e quando o romance emergiu como uma forma distintamente literária na era moderna, ele por um longo tempo sofreu um destino similar, porque não podia se adequar às categorias genéricas à disposição. O teórico que fez mais do que qualquer um para restaurar o equilíbrio da poesia geral foi o russo Mikhail Bakhtin (1895-1975), e seus textos estão entre os mais importantes dos costurados no interior do "tecido" de O nome da rosa.

O que é singular ao romance no que se refere à forma, segundo Bakhtin, é que não é escrito em um estilo único, como a tragédia e a épica clássicas, mas em uma miscelânea de muitos estilos, ou vozes — literárias, coloquiais, regionais, técnicas, sublimes, rudes, paródicas, e assim por diante — que são combinadas em um discurso "polifônico" que imita o caráter dialógico do discurso ordinário, onde cada expressão responde ou ecoa implícita ou explicitamente uma expressão anterior, e antecipa outra resposta. Isto faz do romance um gênero literário que tende a questionar e subverter todas as ideologias "totalizantes" que tentam impor uma única visão de mundo. Bakhtin remonta a genealogia do romance até a tradição da comédia clássica, e a tradição paródica e disfarçada do carnaval, que preservou um

espírito de irreverência e liberdade de pensamento populares ao longo da Idade Média. Foi Rabelais, o sujeito da mais conhecida obra de Bakhtin A cultura popular na idade média e no renascimento: O contexto de François Rabelais (1986), que demonstra de modo preeminente o elo entre a tradição carnavalesca e a evolução do romance moderno. Quando Guilherme, em seu confronto final com Jorge, oferece uma súmula especulativa do argumento de Aristóteles no tratado sobre a comédia, ele (ou melhor, Eco) está em essência sintetizando Bakhtin:

> [A comédia] não narra de homens famosos e poderosos, mas de seres vis e ridículos, não malvados, e não termina com a morte dos protagonistas. Atinge o efeito de ridículo mostrando homens comuns, defeitos e vícios. Aqui Aristóteles vê a disposição ao riso como uma força boa, que pode mesmo ter um valor cognoscitivo, quando através de enigmas argutos e metáforas inesperadas, mesmo dizendo-nos as coisas ao contrário daquilo que são, como se mentisse, de fato nos obriga a reparar melhor, e nos faz dizer: eis, as coisas estavam justamente assim, e eu não sabia. A verdade atingida através da representação dos homens e do mundo, piores do que são ou do que acreditamos, piores em todo caso do que os poemas heróicos, as tragédias, as vidas dos santos nos mostraram. É assim?

"O suficiente", cede Jorge.

Apenas quando chegamos a este ponto em O nome da rosa percebemos por que houve anteriormente tanta discussão entre Guilherme e os monges da abadia sobre a dúvida se Cristo sorria (ele jamais é descrito assim no Novo Testamento), ou por que Jorge insiste tão veementemente que este não o fazia. Durante o desfecho Guilherme pergunta a Jorge por que ele teme tanto o riso e o tratado de Aristóteles, e Jorge responde que este pode converter a inversão temporária da ordem hierárquica do carnaval em um estado permanente de liberalismo radical:

> Este livro poderia ensinar aos doutos os artifícios argutos, [...] com que legitimar a inversão. Então seria transformado em operação do intelecto aquilo que no gesto irrefletido do aldeão é ainda e afortunadamente operação do ventre. Que o riso é próprio do homem é sinal do nosso limite de pecadores. [...] O riso distrai, por alguns instantes, o aldeão do medo. Mas a lei é imposta pelo medo, cujo nome verdadeiro é temor a Deus. E deste livro poderia partir a fagulha luciferina que atearia no mundo inteiro um novo incêndio: e o riso seria designado como arte nova, desconhecida até de Prometeu, para anular o medo.

No debate entre Jorge e Guilherme, portanto, o dogma imutável é contraposto a um inquérito franco, e o medo ao riso. Para impedir Guilherme, e a posteridade, de ler o perigoso tratado de Aristóteles sobre a comédia, Jorge primeiro tenta comê-lo, e então queimá-lo, e esta ação ateia um incêndio na biblioteca, e por fim

destrói o mosteiro inteiro. Em certo sentido, isto é uma punição pela arrogância da instituição, personificada em Jorge — "a arrogância de espírito, a fé sem sorriso, a verdade que nunca é ceifada pela dúvida", como afirma Guilherme; mas a destruição de tantas obras inestimáveis é também uma catástrofe para Guilherme e Adso. Por fim, tudo são cinzas e desilusão. Guilherme não obtém qualquer satisfação da solução do mistério dos assassinatos, e ao se opor à tirania da rígida ortodoxia, ele dá por si questionando a existência da ordem no universo, e portanto de Deus. Ao lado de sua antecipação dos valores liberais modernos ele encontra o aspecto negativo filosófico da modernidade — a possibilidade de não haver fundamentos sólidos para qualquer crença. Paradoxalmente, O nome da rosa é um romance essencialmente trágico, mesmo que contenha um bocado de humor incidental, e em seu clímax afirme o papel central da comédia na cultura humana.

Adso, chegando ao fim da história em sua velhice, nos umbrais da morte, não sabe dizer se ela "contém algum sentido oculto, e se mais de um, e muitos, ou nenhum. [...] Deixo esta escritura, não sei para quem, não sei mais sobre o quê: stat rosa pristina nomine, nomina nuda tenemus." No início de suas Reflexões, Umberto Eco revela que lhe escreveram querendo saber o significado deste hexâmetro latino e por que ele confere ao romance o seu título. Sua curiosidade e espanto não são surpreendentes, visto que não há menção significativa de uma rosa na história. Eco explica que se trata de uma linha de um poema, De contemptu mundi, de Bernard de Morlay, um beneditino do século XII, uma meditação sobre a inevitável transitoriedade das coisas mundanas:

> Mas para o topos usual (as grandezas dos tempos passados, as cidades outrora famosas, as amáveis princesas: tudo desaparece no vazio), Bernard acrescenta que todas estas coisas que partiram deixam (apenas, ou ao menos) nomes puros atrás delas [...] A idéia de intitular o livro de O nome da rosa adveio-me literalmente por acaso, e ele me agradou porque a rosa é uma figura simbólica tão rica em significados que a esta altura ela dificilmente contém algum significado [...] O título desorientou, com razão, o leitor, que foi incapaz de escolher apenas uma interpretação; e mesmo se fosse capaz de tomar as possíveis leituras nominalistas do verso de encerramento, ele chegaria a eles apenas no final, tendo realizado sabe Deus quais outras escolhas. Um título precisa confundir as idéias do leitor, e não dominá-las.

Provocativamente, Eco não fornece uma tradução do verso de Bernard. The Key to "The Name of the Rose" ("O segredo de 'O nome da rosa'"), um livro útil de referência escrito por três entusiastas, contendo traduções de todas as passagens estrangeiras no texto em inglês, oferece: "A rosa de outrora perdura em seu nome. Possuímos nomes vazios." É elegante, mas toma uma certa licença poética ao

traduzir pristina por "outrora" e nuda por "vazios". Uma tradução mais literal ficaria assim: "A rosa preexistente existe por meio de seu nome, possuímos [somente] nomes desnudos." Na filosofia escolástica do "nominalismo" encontrava-se o argumento (exposto por Guilherme de Ockham, dentre outros) que as idéias universais são meros nomes, e não possuem existência aparte serem pensadas (em oposição ao "realismo" que afirma que elas possuíam uma existência substantiva); mas o comentário de Eco confere ao nominalismo um giro moderno e desconstrutivista, abarcando a proliferação dos significados que o uso poético da linguagem inevitavelmente põe em jogo. Os signos somente podem ser interpretados com outros signos. Foi até agora sugerido que a "rosa" na linha de Bernard pode ser um equívoco de copista, de "Roma", que se adequaria melhor como uma conclusão de uma série de versos dedicados aos famosos romanos, e seria mais apropriado ao tema da transitoriedade. Caso, o que é quase certo, Umberto Eco tivesse ciência desta hipótese acadêmica, ele deve ter se deleitado com a possibilidade de que um erro de transcrição de um monge lhe tenha fornecido um título polissêmico.

David Lodge

Notas

* Recomenda-se aos que estão lendo O nome da rosa pela primeira vez que não prossigam na introdução além do intervalo da p. 16 antes de concluírem o romance.

** Citado e traduzido (para o inglês) por Walter E. Stephens, "Ec(h)o in Fabula" ("Eco(s) na fábula"), Diacritics, 13, 2, (1983) p. 51.

Bibliografia selecionada

Caesar, Michael. "Secrets: A Reading of Umberto Eco". Inaugural Lecture, University of Birmingham, Dept. of Italian Studies: 1996.

Caesar, Michael. Umberto Eco, Philosophy, Semiotics and the Work of Fiction. Cambridge, Polity Press: 1999.

Capozzi, Rocco (org.). Reading Eco: An Anthology. Bloomington, University Press: 1997.

Coletti, Theresa. Naming the Rose: Eco, Medieval Signs and Modern Theory. Ithaca, Nova York, University Press: 1988.

Eco, Umberto. Reflections on "The Name of the Rose". Londres, Secker & Warburg: 1985.

Haft, Adele J. White, Jane G.; White, Robert J. The Key to "The Name of the Rose". Ann Arbor, University of Michigan Press: 1999.

McHale, Brian. "The (Post)modernism of The Name of the Rose". In Constructing Postmodernism. Londres, Routledge: 1992.

Todorov, Tzvetan. "The Typology of Detective Fiction". The Poetics of Prose. Trad. Richard Howard. Ithaca, Nova York. Cornell University Press: 1975.

Cronologia

Data	Vida do autor	Contexto literário	Eventos históricos
1922			Os fascistas marcham sobre Roma. Vitorio Emanuel III nomeia Mussolini primeiro-ministro da Itália.
1929			Pacto Laterano entre Mussolini e a Igreja Católica Romana.
1932	Nasce Umberto Eco em 5 de janeiro, em Alessandria, uma pequena cidade a 95 km ao sul de Milão, na província no noroeste de Piemonte. Seu pai, Giulio Eco, é contador.	Broch: *Os sonâmbulos*. Joseph Roth: The *Radetzky Marsch*.	Os nazistas se tornam o maior partido na *Reichstag*. Eleição de Roosevelt nos EUA.
1933		Quasimodo: *Scent of Eucalyptus*. Malraux: *A condição humana*. Mann: A tetralogia *José e seus irmãos* (até 1943).	Hitler se torna chanceler alemão. Roosevelt anuncia o *New Deal*.
1934		Christie: *Assassinato no Expresso Oriente*. Sayers: *The Nine Tailors*. Waugh: *Um punhado de pó*.	O chanceler Dollfuss da Áustria é assassinado pelos nazistas. Hitler torna-se *Führer*. A URSS é admitida na Liga das Nações.
1935			Leis de Nuremberg, na Alemanha, privam os judeus de cidadania. Forças italianas invadem a Abissínia.

1936		Celine: *Morte a crédito.*	Deflagração da guerra civil espanhola (até 1939). Hitler e Mussolini formam o Eixo Roma-Berlim. Inicia-se o "Grande Expurgo" do partido comunista russo.
1937	Começa a freqüentar o Liceo Plana, em Alessandria.	Silone: *Vinho e pão.* Cioran: *De lágrimas e santos.*	Invasão japonesa à China.
1938		Brecht: *A vida de Galileu* (até 1939). Bacchelli: *O moinho do pó.*	A Alemanha anexa a Áustria. Crise em Munique. Ocupação alemã em Sudetos. Reivindicações italianas de Djibuti, Tunísia, Córsega e Nice. Mussolini abole a Câmara dos Deputados. Leis anti-semitas são aprovadas na Itália.
1939	Com a deflagração da guerra, Eco e sua mãe, Giovanna, partem para um pequeno vilarejo sobre uma montanha. Lá, testemunha tiroteios entre os fascistas e os partidários.	Montale: *Le Occasioni.* Joyce: *Finnegans Wake.* Steinbeck: *As vinhas da ira.*	Tropas italianas invadem a Albânia. Hitler e Mussolini assinam o "Pacto de Ferro". Pacto nazi-soviético; Hitler invade a Tchecoslováquia e a Polônia. Irrompe a Segunda Guerra Mundial.
1940		Buzzati: *O deserto dos tártaros.* Greene: *O poder e a glória.* Hemingway: *Por quem os sinos dobram.*	A França se rende à Alemanha. Batalha da Bretanha. A Itália entra na guerra do lado alemão (junho); lança ataque sobre a Grécia (outubro). A marinha italiana é enfraquecida por ataques da RAF em Tarento (novembro).
1941		Pavese: *I Capolavori.* Vittorini: *Conversa na Sicília.*	Exército italiano na Albânia é derrotado pelos gregos. Eritrea e Addis Ababa caem sob os britânicos. Invasão alemã da Iugoslávia. Os japoneses atacam Pearl Harbor; os EUA entram na guerra. Hitler invade a URSS.

1942	Obtém seu primeiro prêmio em uma competição de escrita.	Quasimodo: *Ed è Subito Sera*. Pavese: *La Spiaggia*. Camus: *O estrangeiro*.	Campanha norte-africana; Rommel é derrotado em El Alamein.
1943		Montale: *La Bufera e Altro*. Ginzburg: *La Strada che va in Città*.	Invasão estrangeira na Sicília. Renúncia e prisão de Mussolini (julho). Começa a invasão à Itália; rendição incondicional do governo italiano (setembro). A Itália declara guerra à Alemanha (outubro). As forças alemãs ocupam a maior parte do norte e centro da Itália, onde por dois anos são combatidos pelo movimento de resistência antifascista. Mussolini, libertado pelos alemães, tenta erguer um regime republicano fascista no norte da Itália.
1944		Malaparte: *Kaputt*. Anouilh: *Antígona*.	Queda de Monte Cassino (maio); queda de Roma (4 de junho). Desembarques do Dia D na Normandia (6 de junho).
1945		Carlo Levi: *Cristo ficou em Eboli*. Sartre: *Caminhos da liberdade* (até 1947); *Entre quatro paredes*. Lorca: *A casa de Bernarda Alba*. Orwell: *A revolução dos bichos*.	Mussolini, com sua amante e 12 de seu gabinete, é executado pelos aliados (abril). Rendição incondicional da Alemanha (maio). Bombas atômicas caem sobre Hiroshima e Nagasaki. Fim da Segunda Guerra Mundial. Fundação das Nações Unidas. Começam os julgamentos dos crimes de guerra de Nuremberg (até 1946).

1946	Une-se à organização da juventude católica.	Canetti: *Auto de fé*. De Filippo: *Filomena Marturano*. Pratolini: *História de pobres amantes*.	Vitório Emanuel abdica em favor de seu filho, Umberto II. Referendo delega em favor de uma república; elege-se uma nova Assembléia Constituinte. URSS começa a ampliar sua influência sobre a Europa Oriental. Começo da Guerra Fria.
1947		Levi: *É isto um homem?* Gramsci: *Cadernos do cárcere*. Pratolini: *Cronaca Familiare*. Ungaretti: *A dor*. Quasimodo: *Giorno Dopogiorno*. Pavese: *Diálogos com Leuco*. Moravia: *A romana*. Buzzati: *A famosa invasão dos ursos na Sicília*. Mann: *Doutor Fausto*.	A Itália assina tratado de paz com os Aliados, cedendo o território na Iugoslávia, França e Grécia, e perdendo suas colônias norte-africanas. Nova constituição italiana é aprovada: Luigi Einaudi é eleito presidente por um período de sete anos. Liderado por Alcide de Gasperi, a ala direitista da cristã-democracia forma maioria no parlamento. De Gasperi incentiva a importância do crescimento industrial, da reforma agrária e da cooperação íntima com os EUA e o Vaticano.
1948		Ionesco: *La Cantatrice Chauve*. Pavese: *Il Compagno; Feria d'Agosto*. Morante: *Menzogna e Sortilégio*.	Com maciça ajuda dos EUA (Plano Marshall, 1948—1952), Itália inicia uma rápida recuperação econômica. Fundação de Israel. Assassinato de Gandhi na Índia. Bloqueio da Rússia a Berlim Oriental; ponte aérea dos Aliados. O apartheid é introduzido na África do Sul.
1949		Pavese: *La Casa in Collina*. Malaparte: *A pele*. Orwell: *1984*.	Fundação da Otan.

1950		Pavese: *A lua e as fogueiras.* Ungaretti: *Sentimento do tempo.*	Começa a Guerra da Coréia (até 1953). "Julgamentos de caça às bruxas" de McCarthy se iniciam nos EUA. A China invade o Tibete.
1951	Entra na Universidade de Torino. Inicialmente estuda Direito mas, contra os desejos de seu pai, passa a estudar Literatura e Filosofia medieval.	Moravia: *O conformista.* Beckett: *Molloy; Malone morre.* Yourcenar: *Memórias de Adriano.*	A Itália se une a cinco outras nações para formar a Comunidade Européia do Carvão e do Aço.
1953		Borges: *Labyrinths*, publicado em Paris (Tradução inglesa 1962). Robbe-Grillet: *Les Gommes.* Fleming: *Cassino Royale.*	Renúncia de De Gasperi: Período de instabilidade na política italiana. Estabelece-se a Corte Européia de Direitos Humanos em Estrasburgo.
1954	Gradua-se pela Universidade de Torino. Começa a trabalhar como editor cultural para a RAI, rádio-televisão italiana (até 1959).	Soldati: *Le Lettere da Capri.*	Começa a Guerra do Vietnã (até 1975).
1955		Pasolini: *Ragazzi di Vita.* Pratolini: *Metello.* Nabokov: *Lolita.*	A Itália passa a integrar as Nações Unidas.
1956	É publicada *A Estética de Tomás de Aquino*, uma extensão de sua tese de doutorado. Começa a lecionar na Universidade de Torino. Associa-se a uma rede de escritores, músicos e pintores de vanguarda.	Bassani: *Cinque Storie Ferraresi.* Mishima: *O templo do pavilhão dourado.*	Tropas soviéticas invadem a Hungria. Crise de Suez.
1957		Pasolini: *As cinzas de Gramsci.* Gadda: *Aquela confusão louca da via Merulana.* Morante: *A ilha de Arturo.* Pasternak: *Doutor Jivago.* Barthes: *Mitologias.*	Itália é membro fundador do Mercado Comum Europeu.
1958	Realiza um ano de serviços militares.	Lampedusa: *O Gattopardo.* Quasimodo: *A Terra incomparável.* Bassani: *Óculos de ouro.*	Khruschev torna-se premiê da União Soviética. Charles de Gaulle se torna premiê francês.

1959	Seu segundo livro, *Arte e beleza na Idade Média*, firma sua reputação como acadêmico medievalista. Torna-se editor-chefe na editora Bompiani, em Milão (até 1975). Começa a trabalhar como colunista para *Il Verri*, uma revista devotada a idéias de vanguarda.	Carlo Levi: *The Linden Tree*. Grass: *O tambor*. Queneau: *Zazie dans le métro*. Bellow: *Henderson, o rei da chuva*.	Fidel Castro toma o poder em Cuba.
1961		Lampedusa: *Os contos*. Heller: *Ardil 22*.	Construção do Muro de Berlim. Yuri Gagarin é o primeiro homem no espaço.
1962	Casa-se com Renate Ramge, uma professora de arte alemã e designer gráfica. Publica *A obra aberta*, o primeiro grande ensaio de sua série.	Bassani: *O jardim dos Finzi-Contini*. Solzhenitsyn: *One day in the life of Ivan Denisovich*.	Crise dos mísseis cubanos.
1963	Publicação de *Diário mínimo*, uma antologia de artigos de Eco para *Il Verri*. É co-fundador do *Gruppo 63*, um grupo literário italiano radical e de vanguarda.	Levi: *A trégua*. Gadda: *O conhecimento da dor*. Calvino: *Marcovaldo*. Ginzburg: *Família*.	Assassinato do presidente norte-americano John F. Kennedy.
1964	Muda-se para Milão para assumir a posição de professor na universidade. *Apocalípticos e integrados* (ensaios: revisado em 1977).	Sciascia: *Morte dell' Inquisitore*. Cioran: *La Chute dans le Temps*. Bassani: *Dietro La Porta*.	Khruschev é deposto e substituído por Brezhnev. Nelson Mandela é preso na África do Sul (até 1990).
1965	Eleito professor de Comunicações Visuais em Florença.	Calvino: *As cosmicômicas*.	
1966	Aceita um posto na Politécnica de Milão como professor de semiótica. Dois livros infantis: *A bomba e o general* e *Os três astronautas*. Ensaio sobre *Finnegans Wake*, de Joyce.	Quasimodo: *Dare e Avere*. Bulgakov: *O mestre e Margarida*.	Mao lança na China a Revolução Cultural.
1967		Bernhard: *Gargoyles*. Márquez: *Cem anos de solidão*. Malamud: *O faz-tudo*. Derrida: *A escritura e a diferença*.	A Guerra dos Seis Dias árabe-israelense.

1968	Primeiro texto sobre semiótica, *A estrutura ausente*.	Bassani: *L'airone*. Solzhenitsyn: *Cancer Ward*.	Agitações estudantis em toda Europa e EUA. Invasão liderada pelos soviéticos à Tchecoslováquia. Assassinato de Martin Luther King.
1969	Professor convidado na Universidade de Nova York — o primeiro de muitos compromissos acadêmicos do tipo nos Estados Unidos.		Norte-americanos aterrizam o primeiro homem na Lua.
1971	Assume o cargo de primeiro professor de Semiótica na Universidade de Bolonha. Funda e começa a editar a *VS*, um periódico de semiótica.	Montale: *Satura*. Böll: *Gruppenbild mit Dame*.	
1972	Professor convidado na Universidade do Noroeste, na Virgínia.	Calvino: *Cidades invisíveis*. Bassani: *L'Odore del Fieno*.	O Tratado de Limitação de Armas Estratégicas (SALT) é assinado pelos EUA e a URSS.
1973		Calvino: *O castelo dos destinos cruzados*. Pynchon: *O arco-íris da gravidade*.	Guerra árabe-israelense.
1974	Organiza o primeiro congresso da Associação Internacional de Estudos Semióticos.	Morante: *La Storia*. Bassani: *Il Romanzo di Ferrara*.	Renúncia do presidente Nixon após o escândalo de Watergate.
1975		Levi: *A tabela periódica*. Volponi: *Il sipario ducale*. Borges: *O livro de areia*. Bernhard: *The correction*.	As forças da URSS e do Ocidente assinam o Acordo de Helsinque.
1976	É publicado o *Tratado geral de semiótica*, uma revisão influente sobre o tema.	Yourcenar: *The abyss*.	
1978	Começa a escrever seu primeiro romance, um "mistério" enigmático, sugestivamente intitulado *A abadia do assassinato*. Este torna-se mais tarde *O nome da rosa*.	Levi: *A chave estrela*. Sciascia: *L'Affaire Moro*.	Acordo de Camp David entre Israel e o Egito. A Brigada Vermelha de esquerdistas terroristas seqüestram e assassinam o ex-premiê italiano Aldo Moro. O terrorismo explode na Itália (até o início dos anos 1980).

1979		Calvino: *Se um viajante numa noite de inverno.* Kundera: *O livro do riso e do esquecimento.*	Os presidentes Carter e Brezhnev aventam o tratado de limitação de armas SALT-2. Ocupação soviética no Afeganistão.
1980	*O nome da rosa* é publicado para a aclamação crítica, e logo se torna um best seller internacional.	Burgess: *Poderes terrenos.*	É formado o Comitê Sindical Solidariedade na Polônia.
1981	Vence três dos maiores prêmios literários da Itália com *O nome da rosa*: Prêmio Strega, Prêmio Anghiari e Prêmio Il Libro Dell'anno.	Rushdie: *Os filhos da meia-noite.*	Ronald Reagan toma posse como presidente dos Estados Unidos.
1982	*O nome da rosa* obtém o Prix Médicis Étranger, na França.	Levi: *Se não agora, quando?* Morante: *Aracoeli.*	Guerra das Malvinas.
1983	O nome da rosa é publicado em tradução inglesa. Reflections on "The name of the rose".	Narayan: *A Tiger for Malgudi.* Walker: *A cor púrpura.*	
1984	Semiótica e a Filosofia da Linguagem.	Kundera: *A insustentável leveza do ser.*	O catolicismo romano perde status como religião do Estado na Itália.
1985		Márquez: *O amor nos tempos do cólera.*	Gorbachev se torna o Secretário Geral do Partido Comunista na URSS; inicia-se período de liberação.
1986	É lançada a adaptação cinematográfica de *O nome da rosa*, dirigido por Jean-Jacques Annaud. *Travels in hyperreality* ("Viagens na hiper-realidade"), tradução inglesa de ensaios.		Enorme acidente nuclear na estação de energia de Chernobyl, na URSS.
1987		Levi: *Os afogados e os sobreviventes.* Tabucchi: *Noturno indiano.* Sciascia: *Porte Aperte*; *Il Cavaliere e La Morte.*	Margaret Thatcher é reeleita para um histórico terceiro mandato na Grã-Bretanha.
1988	*O pêndulo de Foucault* é publicado.	Calasso: *As núpcias de Cadmo e Harmonia.* Rushdie: *Versos satânicos.*	George Bush é eleito presidente norte-americano.

1989		Jaeggy: *Les Années Bienheureuses du Châtiment.* Márquez: *O general em seu labirinto.*	Colapso do império comunista na Europa Oriental. Queda do muro de Berlim. Primeiras eleições democráticas nas URSS. Massacre da Praça da Paz Celestial na China. De Klerk se torna presidente na África do Sul.
1990	*Os limites da interpretação* (ensaios).		O Iraque invade o Kwuait. Nelson Mandela é libertado do cárcere após 27 anos. Yeltsin é eleito chefe da Federação Russa.
1991		Buzzati: *Bestiario.*	Guerra do Golfo.
1992	*O segundo diário mínimo* é publicado.	Covito: *La bruttina stagionata.*	Escândalo de corrupção envolvendo líderes de todos os grandes partidos políticos na Itália resulta em exigências de reformas políticas.
1993	Recebe o Chevalier de La Légion d'Honneur (França). Assume o posto de diretor do Instituto de Disciplinas em Comunicações, na Universidade de Bolonha.		O dramaturgo e ensaísta Václav Havel é eleito presidente tchecoslovaco.
1994	*A ilha do dia anterior.* *Seis passeios pelos bosques da ficção.*	Tabucchi: *Afirma Pereira.*	Recém-formado grupo direitista, a Aliança pela Liberdade, liderado pelo magnata da mídia Silvio Berlusconi, alcança a vitória em eleições gerais. Mandela e a ANC são vitoriosos nas eleições sul-africanas.
1995	*A busca da língua perfeita.*		
1996	Cavaliere di Gran Croce al Mérito della Repubblica Italiana.	Camilleri: *O cão de terracota.*	Romano Prodi lidera a coalisão centro-esquerda conhecida como Oliveira na Itália.
1997	*Kant e o ornitorrinco* (ensaios).	Tabucchi: *A cabeça perdida de Damasceno Monteiro.* Camilleri: *A voz do violino.*	Sucessão de terremotos em Assis.

1998	*Entre a mentira e a ironia.*	Roth: *Casei com um comunista.*	Na Itália, Massimo D'Alema torna-se o primeiro ex-comunista a liderar um governo europeu ocidental.
1999		Camilleri: *La Mossa Del Cavallo.*	Ataques étnicos dos sérvios aos albaneses em Kosovo; os EUA lideram a Otan no bombardeio a Belgrado. Eleição de Carlo Ciampi como presidente da Itália.
2000	*Baudolino.*		O genoma humano é decifrado.
2001	*Cinco escritos morais.*	Ammaniti: *Não tenho medo.* Starnone: *Via Gemito.*	Terroristas atacam e destroem as torres gêmeas do World Trade Center em Nova York. Os EUA lideram uma coalisão de forças no Afeganistão em perseguição às forças da al-Qaeda, supostamente responsáveis pelo ataque. Um referendo constitucional na Itália (pela primeira vez desde 1946) dá maior autonomia às vinte regiões do país em impostos, educação e políticas ambientais.
2002			O euro substitui a lira na Itália. Polêmica quando o voto do parlamento italiano permite que Berlusconi retenha o concontrole de seus negócios.
2003			Invasão norte-americana e britânica ao Iraque. Berlusconi é julgado por denúncias de corrupção. Descoberta fraude multibilionária na gigante fabricante de alimentos Parmalat.
2004	*Sobre a literatura; História da beleza; A misteriosa chama da rainha Loana.*	Riccarelli: *Il dolore perfetto.*	O primeiro-ministro Berlusconi é absolvido das acusações.
2005		Camilleri: *Excursão a Tindari.*	Parlamento italiano ratifica a constituição da União Européia.

UM MANUSCRITO, NATURALMENTE

A 16 de agosto de 1968 veio parar em minhas mãos um livro devido à pena de um certo abade Vallet, Le manuscript de Dom Adson de Melk, traduit en français d'après l'édition de Dom J. Mabillon (Aux Presses de l'Abbaye de la Source, Paris, 1842). O livro, provido de indicações históricas em verdade bastante pobres, assegurava estar reproduzindo fielmente um manuscrito do século XIV, encontrado por sua vez no mosteiro de Melk pelo grande erudito seiscentista, a quem tanto se deve pela história da ordem beneditina. A douta trouvaille (minha, a terceira portanto no tempo) me alegrava, enquanto me encontrava em Praga à espera de uma pessoa querida. Seis dias mais tarde as tropas soviéticas invadiam a desventurada cidade. Consegui, depois de muitas peripécias, atingir a fronteira austríaca em Linz, dali dirigir-me a Viena onde me encontrei com a pessoa esperada, e juntos remontamos o curso do Danúbio.

Num clima mental de grande excitação lia, fascinado, a terrível história de Adson de Melk, e me deixei absorver tanto por ela que redigi uma tradução quase de vez, nalguns cadernos grandes da Papéterie Joseph Gibert, em que é tão agradável escrever se a caneta é macia. E assim procedendo chegamos aos arredores de Melk, onde ainda, a pique sobre uma ansa do rio, ergue-se o belíssimo Stift muitas vezes restaurado nos séculos. Como o leitor terá imaginado, na biblioteca do mosteiro não encontrei traços do manuscrito de Adson.

Antes de chegar a Salisburgo, numa trágica noite, num pequeno albergue às margens do Mondsee, o meu sodalício de viagem interrompeu-se bruscamente e a pessoa com quem viajava desapareceu levando consigo o livro do abade Vallet, não de propósito, mas por causa do modo desordenado e abrupto com que tivera fim o nosso relacionamento. Sobrou-me assim uma série de cadernos manuscritos de próprio punho, e um grande vazio no coração.

Alguns meses depois, em Paris, resolvi ir a fundo na minha pesquisa. Das poucas notícias que tinha retirado do livro francês, sobrava-me a referência à fonte, excepcionalmente minuciosa e precisa:

Vetera analecta, sive collectio veterum aliquot operum & opusculorum omnis generis, carminum, epistolarum, diplomaton, epitaphiorum, &, cum itinere germanico, adnotationibus aliquot disquisitionibus R.P.D. Joannis Mabillon, Presbiteri ac Monachi Ord. Sancti Benedicti e Congregatione S. Mauri. — Nova Editio cui accessere Mabilonii vita & aliquot opuscula, scilicet Dissertatio de Pane Eucharistico, Azymo et Fermentato, ad Eminentiss. Cardinalem Bona. Subjungitur opusculum Eldefonsi Hispaniensis Episcopi de eodem argumento Et Eusebii Romani ad Theophilum Gallum epistola, De cultu sanctorum ignotorum, Parisiis, apud Levesque, ad Pontem S. Michaelis, MDCCXXI, cum privilegio Regis.

Encontrei logo os Vetera Analecta na biblioteca Sainte Geneviève, mas, para minha grande surpresa, a edição descoberta discordava em dois particulares: primeiro o editor, que era Montalant, ad Ripam P.P. Augustinianorum (prope Pontem S. Michaelis) e depois a data, posterior de dois anos. Inútil dizer que tais analecta não continham qualquer manuscrito de Adso ou Adson de Melk — e trata-se mais, como cada um pode observar, de uma coletânea de textos de média e curta extensão, enquanto a história transcrita por Vallet estendia-se por algumas centenas de páginas. Consultei, na época, medievalistas ilustres como o caro e inesquecível Etienne Gilson, mas ficou claro que os únicos Vetera Analecta eram os que eu tinha visto em Sainte Geneviève. Uma parada na Abbaye de la Source, que se ergue nos arredores de Passy, e uma conversa com o amigo Dom Arne Lahnestedt convenceram-me, além disso, de que nenhum abade Vallet publicara livros nos prelos (aliás inexistentes) da abadia. É notório o desleixo dos eruditos franceses em dar indicações bibliográficas com alguma plausibilidade, mas o caso superava qualquer razoável pessimismo. Comecei por achar que me teria caído em mãos uma falsificação. Afinal o próprio livro do Vallet era irrecuperável (ou pelo menos não ousava ir pedi-lo a quem o tinha de mim subtraído). E não me restavam senão as minhas notas, das quais já começava a duvidar.

Há momentos mágicos de grande cansaço físico e intensa excitação motora, em que surgem visões de pessoas conhecidas no passado ("en me retraçant ces details, j'en suis à me demander s'ils sont réels, ou bien si je les ai rêvés"). Como aprendi mais tarde no interessante livreto do Abbé de Bucquoy, dão-se igualmente visões de livros ainda não escritos.

Se não tivesse acontecido algo de novo estaria ainda aqui a perguntar-me de onde vem a história de Adso de Melk, porém em 1970, em Buenos Aires, espiando

nos bancos de um pequeno livreiro antiquário na Corrientes, não longe do mais insigne Patio del Tango daquela grande via, caiu-me entre as mãos a versão castelhana de um livrinho de Milo Temesvar, Do uso dos espelhos no jogo de xadrez, que já tivera ocasião de citar (em segunda mão) no meu Apocalípticos e integrados, resenhando o seu mais recente Os vendedores do Apocalipse. Tratava-se da tradução do já inencontrável original em língua georgiana (Tbilissi, 1934) e ali, para minha grande surpresa, li copiosas citações do manuscrito de Adso, salvo que a fonte não era nem o Vallet nem o Mabillon, mas o padre Athanasius Kircher (mas qual obra?). Um sábio — que não acho oportuno nomear — assegurou-me depois que (e citava índices de memória) o grande jesuíta nunca falara em Adso de Melk. Mas as páginas de Temesvar estavam debaixo de meus olhos e os episódios a que se referia eram absolutamente análogos aos do manuscrito traduzido por Vallet (em particular, a descrição do labirinto não deixava margem para qualquer dúvida). Seja o que for que tenha escrito depois Beniamino Placido[1], o abade Vallet existira assim como certamente Adso de Melk.

Concluí disso que as memórias de Adso pareciam justificadamente participar da natureza dos eventos que ele narra: envoltas por muitos e imprecisos mistérios, começando pelo autor e terminando na localização da abadia sobre a qual Adso silencia com tenaz obstinação, de modo que as conjecturas permitem desenhar uma zona imprecisa entre Pomposa e Conques, com razoáveis probabilidades de que o lugar surgisse ao longo da encosta apenina, entre o Piemonte, a Liguria e a França (como dizer entre Lerici e Turbia). Quanto à época em que se desenvolvem os eventos descritos, estamos em fins de novembro de 1327; quando porém tenha escrito o autor é incerto. Calculando que se diz noviço em 1327 e já próximo da morte quando escreve suas memórias, podemos conjecturar que o manuscrito tenha sido elaborado nos últimos dez ou vinte anos do século XIV.

Pensando bem, bastante escassas eram as razões que pudessem inclinar-me a publicar a minha versão italiana de uma obscura versão neogótica francesa de uma edição latina seiscentista de uma obra escrita em latim por um monge germânico em fins do século XIV.

Antes de mais nada, que estilo adotar? A tentação de remeter-me a modelos italianos da época estava afastada como de todo injustificada: não só Adso escreve em latim, mas fica claro por todo o andamento do texto que sua cultura ou a cultura da abadia que tão nitidamente o influencia é muito mais datada. Trata-se claramente de uma soma plurissecular de conhecimentos e de vezos estilísticos que se ligam à tradição baixo-medieval latina. Adso pensa e escreve como um monge

que permaneceu impermeável à revolução do vulgar, ligado às páginas abrigadas na biblioteca sobre a qual narra, baseado em textos patrístico-escolásticos, e a sua história (afora as referências e os acontecimentos do século XIV, que Adso também registra em meio a mil perplexidades, e sempre por ter ouvido dizer) poderia ter sido escrita, quanto à língua e a citações eruditas, no século XII ou XIII.

Por um lado é indubitável que ao traduzir para seu francês neogótico o latim de Adso, Vallet tenha introduzido várias licenças suas, e nem sempre apenas estilísticas. Por exemplo, as personagens falam por vezes das virtudes das ervas, remetendo-se claramente ao livro dos segredos atribuídos a Alberto Magno, que sofreu, nos séculos, infinitos reparos. É certo que Adso o conhecesse, mas permanece o fato que dele cita trechos que repetem literalmente quer receitas de Paracelso, quer claras interpolações de uma edição do Alberto de autêntica época Tudor[2]. Por outro lado, apurei em seguida que nos tempos em que Vallet transcrevia (?) o manuscrito de Adso, circulava em Paris uma edição setecentista do Grand e do Petit Albert[3] já então irremediavelmente contaminada. Todavia, como ter a certeza de que o texto a que se remetiam Adso ou os monges, dos quais ele anotava as conversas, não contivesse, entre glosas, escólios e apêndices diversos, também anotações que viriam a nutrir a cultura posterior?

Enfim, devia conservar em latim as passagens que o próprio abade Vallet não achou oportuno traduzir, talvez para conservar um toque do tempo? Não havia justificativas precisas para fazê-lo, se não um sentido, talvez mal-entendido, de fidelidade à minha fonte... Eliminei o excesso, mas alguma coisa deixei. E receio ter feito como os maus romancistas que, pondo em cena uma personagem francesa, fazem-na dizer "parbleu!" e "la femme, ah! la femme!".

Concluindo, estou cheio de dúvidas. Não sei exatamente por que me decidi a criar coragem e apresentar como se fosse autêntico o manuscrito de Adso de Melk. Digamos: um gesto de apaixonado. Ou, se quisermos, um modo de libertar-me de numerosas e antigas obsessões.

Transcrevo sem preocupação de atualidade. Nos anos em que descobria o texto do abade Vallet, circulava a convicção de que se devia escrever com empenho apenas no presente, e para mudar o mundo. A dez ou mais anos de distância é agora consolo para o homem de letras (restituído a sua altíssima dignidade) que se possa escrever por puro amor à escritura. E assim agora sinto-me livre para contar, por mero gosto fabulatório, a história de Adso de Melk, e provo conforto e consolo ao reencontrá-la tão incomensuravelmente distante no tempo (agora que o despertar da razão afugentou todos os monstros que seu sono tinha engendrado),

tão gloriosamente privada de relações com os nossos tempos, intemporalmente estranha às nossas esperanças e às nossas certezas.

Porque esta é uma história de livro, não de misérias quotidianas, e a sua leitura pode nos inclinar a recitar, com o grande imitador de Kempis: "In omnibus requiem quaesivi, et nusquam inveni nisi in angulo cum libro."

5 de janeiro de 1980

Notas

[1]La Repubblica, 22 de setembro de 1977.

[2]Liber aggregationis seu liber secretorum Alberti Magni, Londinium, juxta pontem qui vulgariter dicitur Flete brigge, MCCCLXXXV.

[3]Les admirables secrets d'Albert le Grand, A Lyon, Chez les Héritiers Beringos, Fratres, à L'Enseigne d'Agrippa, MDCCLXXV; Secrets merveilleux de la Magie Naturelle et Cabalistique du Petit Albert, A Lyon, ibidem, MDCCXXIX.

NOTA

O manuscrito de Adso está dividido em sete dias e cada um dos dias, em períodos correspondentes às horas litúrgicas. Os subtítulos, em terceira pessoa, foram acrescentados provavelmente por Vallet. Porém, uma vez que são úteis para orientar o leitor, nem esse uso destoa do de muita literatura em língua vulgar daquele tempo, não achei oportuno eliminá-los.

Alguma perplexidade me causaram as referências de Adso às horas canônicas, porque não só a individuação delas varia de acordo com as localidades e as estações, mas, com toda a probabilidade, no século XIV não era costume ater-se com absoluta precisão às indicações fixadas por São Bento na regra.

Todavia, para orientação do leitor, deduzindo em parte do texto e em parte confrontando a regra originária com a descrição da vida monástica feita por Edouard Schneider em Les heures bénédictines (Paris, Grasset, 1925), creio ser possível atermo-nos ao seguinte cômputo:

Matina	(que às vezes Adso chama também pela antiga expressão Vigiliae). Entre 2h30min e 3h da madrugada.
Laudes	(que na tradição mais antiga eram chamadas matutinos). terem Entre 5 e 6 horas da manhã, de modo a terminar quando clareia o dia.
Prima	Em torno das 7h30min, pouco antes da aurora.
Terça	Por volta das 9 horas.
Sexta	Meio-dia (num mosteiro onde os monges não trabalhavam nos campos, no inverno, era também a hora da refeição).
Noa	Entre 2 e 3 horas da tarde.
Vésperas	Em torno das 4h30min, ao pôr-do-sol (a regra prescreve que se faça a ceia quando ainda não desceu a escuridão).

Completas	Em torno das 6 horas (até as 7 os monges se recolhem).

O cômputo se baseia no fato de que na Itália setentrional, em fins de novembro, o sol se levanta em torno das 7h30min e se põe em torno das 4h40min da tarde.

PRÓLOGO

No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto a Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto a Deus e dever do monge fiel seria repetir cada dia com salmodiante humildade o único evento imodificável do qual se pode confirmar a incontrovertível verdade. Mas videmus nunc per speculum et in aenigmate e a verdade, em vez de cara a cara, manifesta-se deixando às vezes rastros (ai, quão ilegíveis) no erro do mundo, tanto que precisamos calculá-lo, soletrando os verdadeiros sinais, mesmo lá onde nos parecem obscuros e quase entremeados por uma vontade totalmente voltada para o mal.

Chegando ao fim desta minha vida de pecador, enquanto, encanecido, envelheço como o mundo, à espera de perder-me no abismo sem fundo da divindade silenciosa e deserta, participando da luz inconversível das inteligências angélicas, já entrevado com meu corpo pesado e doente nesta cela do caro mosteiro de Melk, apresto-me a deixar sobre este pergaminho o testemunho dos eventos miríficos e formidáveis a que na juventude me foi dado assistir, repetindo verbatim quanto vi e ouvi, sem me aventurar a tirar disso um desenho, como a deixar aos que virão (se o Anticristo não os preceder) signos de signos, para que sobre eles se exercite a prece da decifração.

Conceda-me o Senhor a graça de ser testemunha transparente dos acontecimentos que tiveram lugar na abadia da qual é bem e piedoso se cale também afinal o nome, ao findar do ano do Senhor de 1327 em que o imperador Ludovico entrou na Itália para reconstituir a dignidade do sagrado império romano, segundo os desígnios do Altíssimo e a confusão do infame usurpador simoníaco e heresiarca que em Avignon lançou vergonha ao santo nome do apóstolo (falo da alma pecadora de Jacques de Cahors, que os ímpios honraram como João XXII).

Quem sabe, para compreender melhor os acontecimentos em que me achei envolvido, é bom que eu recorde o que andava acontecendo naquele pedaço de século, do modo como o compreendi então, vivendo-o, e do modo como o rememoro agora, enriquecido de outras narrativas que ouvi depois — se é que a minha memória estará em condições de reatar os fios de tantos e tão confusos eventos.

Desde os primeiros anos daquele século o papa Clemente V transferira a sede apostólica para Avignon deixando Roma às voltas com as ambições de senhores locais: e gradualmente a cidade santa da cristandade transformara-se num circo, ou num lupanar, dilacerada pelas lutas entre os seus maiores; dizia-se república, e não era, batida por bandos armados, submetida a violências e saques. Eclesiásticos que haviam se subtraído à jurisdição secular comandavam grupos de facínoras e rapinavam de espada em punho, prevaricavam e organizavam torpes tráficos. Como impedir que o Caput Mundi voltasse a ser, e justamente, a meta de quem quisesse vestir a coroa do sagrado império romano e restaurar a dignidade daquele domínio temporal que já fora dos césares?

Eis pois que no ano de 1314 cinco príncipes germânicos elegeram, em Frankfurt, Ludovico da Baviera regente supremo do império. Mas no mesmo dia, na outra margem do Meno, o conde palatino do Reno e o arcebispo de Colônia tinham eleito à mesma dignidade Frederico da Áustria. Dois imperadores para uma única sede e um único papa para duas: situação que se tornou, na verdade, incentivo para grande desordem...

Dois anos depois era eleito em Avignon o novo papa, Jacques de Cahors, velho de setenta e dois anos, justamente com o nome de João XXII, e queira o céu que nunca mais um pontífice assuma um nome assim, já tão malquisto pelos bons. Francês e devotado ao rei de França (os homens dessa terra corrompida estão sempre inclinados a favorecer os interesses dos seus, e são incapazes de olhar para o mundo inteiro como sua pátria espiritual), ele havia sustentado Filipe, o Belo, contra os cavaleiros templários, que o rei acusara (creio que injustamente) de vergonhosos crimes para apoderar-se de seus bens, cúmplice aquele eclesiástico renegado. Nesse ínterim, inserira-se na trama toda Roberto de Nápoles, que para manter o controle da península italiana convencera o papa a não reconhecer nenhum dos dois imperadores germânicos, e assim permanecera capitão-mor do estado da igreja.

Em 1322 Ludovico, o Bávaro, batia seu rival Frederico. Ainda mais temeroso de um único imperador, do que o fora de dois, João excomungou o vencedor, e este, em contrapartida, denunciou o papa como herético. É preciso dizer que, justamente naquele ano, tivera lugar em Perugia o capítulo dos frades franciscanos, e o geral deles, Michele de Cesena, acolhendo as instâncias dos "espirituais" (sobre os quais terei ainda ocasião de falar) proclamara como verdade de fé a pobreza de Cristo, que, se tinha possuído alguma coisa com seus apóstolos, Ele a tivera apenas como usus facti. Digna resolução, que visava salvaguardar a virtude e a pureza da

ordem; mas que desagradou sobremaneira ao papa, por talvez entrever nisso um princípio que teria posto em risco as mesmas pretensões que ele, como chefe da igreja, tinha de contestar ao império o direito de eleger bispos, encampando para o sacro sólio o de investir o imperador. Fossem essas ou outras as razões que o moviam, em 1323 João condenou as proposições dos franciscanos com a decretal Cum inter nonnullos.

Foi nesse ponto, imagino, que Ludovico viu nos franciscanos, já então inimigos do papa, poderosos aliados. Afirmando a pobreza de Cristo eles, de certo modo, revigoravam as idéias dos teólogos imperais, ou seja, de Marsílio de Pádua e João de Jandun. E por fim, não muitos meses antes dos eventos que estou narrando, Ludovico, que havia chegado a um acordo com o vencido Frederico, descia na Itália, era coroado em Milão, entrava em conflito com os Visconti, que todavia o tinham acolhido com favor, sitiava Pisa, nomeava vigário-imperial Castruccio, duque de Lucca e Pistóia (e creio que fizesse mal porque não conheci jamais homem mais cruel, exceto talvez Uguccione de Faggiola), e já se aprestava a entrar em Roma, chamado por Sciarra Colonna, senhor do lugar.

Eis como era a situação quando eu — então noviço beneditino no mosteiro de Melk — fui tirado da tranqüilidade do claustro por meu pai, que se batia no séquito de Ludovico, não o último dentre seus barões, e que achou de bom alvitre levar-me consigo para que conhecesse as maravilhas da Itália e estivesse presente quando o imperador fosse coroado em Roma. Mas o sítio a Pisa absorveu-o nas lides militares. Eu tirei vantagem disso vagando, um pouco por ócio e um pouco por desejo de aprender, pelas cidades da Toscana, mas essa vida livre e sem regra não convinha, pensaram meus genitores, a um adolescente voltado à vida contemplativa. E a conselho de Marsílio, que começara a ter afeição por mim, decidiram pôr-me junto de um sábio franciscano, frei Guilherme de Baskerville, que estava para iniciar uma missão que o levaria a cidades famosas e abadias antiqüíssimas. Tornei-me assim seu escrivão e discípulo ao mesmo tempo, nem tive do que me arrepender, porque fui com ele testemunha de acontecimentos dignos de serem consignados, como estou fazendo agora, para memória daqueles que virão.

Eu não sabia então o que frei Guilherme estava procurando, e para dizer a verdade não o sei ainda hoje, e presumo que nem ele mesmo soubesse, movido que estava

pelo desejo único da verdade, e pela suspeita — que sempre o vi alimentar — de que a verdade não fosse a que lhe aparecia no momento presente. E talvez naqueles anos ele estivesse distraído de seus estudos prediletos por incumbências do século. A missão de que Guilherme estava encarregado continuou desconhecida para mim durante toda a viagem, ou melhor, ele não me falou dela. Foi antes ouvindo trechos de conversas, que ele teve com os abades dos mosteiros em que nos detínhamos cada vez, que formei alguma idéia da natureza de sua tarefa. Mas não a compreendi de todo enquanto não atingimos nossa meta, como contarei mais tarde. Dirigíamo-nos para setentrião, mas nossa viagem não procedeu em linha reta e nos detivemos em várias abadias. Acontece que dobramos para ocidente enquanto nossa meta última ficava a oriente, quase seguindo a linha dos montes que de Pisa leva em direção à estrada de São Tiago, parando numa terra em que os terríveis acontecimentos que lá ocorreram depois me desaconselham a identificar melhor, mas cujos senhores eram fiéis ao império e onde os abades de nossa ordem opunham-se de comum acordo ao papa herege e corrupto. A viagem durou duas semanas, entrecortadas por vários acontecimentos, e nesse tempo tive oportunidade de conhecer (nunca o suficiente, como sempre me convenço) meu novo mestre.

Nas páginas que seguem não vou me deter em descrições de pessoas — a não ser quando a expressão de um rosto, ou um gesto, apareça como sinais de muda mas eloqüente linguagem — porque, como diz Boécio, nada é mais fugaz que a forma exterior, que perde o viço e muda como as flores do campo com o aparecimento do outono, e que sentido teria hoje dizer do abade Abbone que tinha o olhar severo e as faces pálidas, quando agora ele e os que o rodeavam já são pó e do pó seu corpo tem o cinzento da morte (só a alma, queira Deus, resplandecendo de uma luz que não se apagará nunca mais)? Mas de Guilherme queria falar, e de uma vez por todas, porque dele também me tocaram as feições singulares, e é próprio dos jovens ligarem-se a um homem mais velho e mais sábio, não só pelo fascínio da palavra e agudez da mente, mas também pela forma superficial do corpo, que se torna querida, como acontece com a figura de um pai, de quem se estudam os gestos, os arrufos, e se espia o sorriso — sem que sombra alguma de luxúria contamine este modo (talvez o único puríssimo) de amor corporal.

Os homens de outrora eram grandes e belos (agora são crianças e anões), mas esse fato é apenas um dos muitos que testemunham a desventura de um mundo que vai envelhecendo. A juventude não quer aprender mais nada, a ciência está

em decadência, o mundo inteiro caminha de cabeça para baixo, cegos conduzem outros cegos e os fazem precipitar-se nos abismos, os pássaros se lançam antes de alçar vôo, o asno toca lira, os bois dançam. Maria não ama mais a vida contemplativa e Marta não ama mais a vida ativa, Lia é estéril, Raquel tem olhos lúbricos, Catão freqüenta os lupanares, Lucrécio vira mulher. Tudo está desviado do próprio caminho. Sejam dadas graças a Deus por eu naqueles tempos ter adquirido de meu mestre a vontade de aprender e o sentido do caminho reto, que se conserva mesmo quando o atalho é tortuoso.

Era pois a aparência física de frei Guilherme de tal porte que atraía a atenção do observador mais distraído. Sua estatura superava a de um homem normal e era tão magro que parecia mais alto. Tinha olhos agudos e penetrantes; o nariz afilado e um tanto adunco conferia ao rosto a expressão de alguém que vigia, salvo nos momentos de torpor, dos quais falarei. Também o queixo denunciava nele uma vontade firme, mesmo se o rosto alongado e coberto de efélides — como vi freqüentemente nos nascidos entre Hibérnia e Nortúmbria — pudesse às vezes exprimir incerteza e perplexidade. Percebi com o tempo que o que parecia insegurança era ao contrário apenas curiosidade, mas de início eu pouco sabia dessa virtude, que acreditava antes uma paixão da alma concupiscente, achando que a alma racional não devia dela se nutrir, alimentando-se tão-somente da verdade, coisa que (pensava eu) já se sabe desde o início.

Criança que era, o que logo me tocara nele eram certos tufos de pêlos amarelados que lhe escapavam das orelhas, e as sobrancelhas espessas e loiras. Podia ele ter cinqüenta primaveras e já era portanto muito velho, mas movia o corpo incansável com uma agilidade que eu muitas vezes não tinha. Sua energia parecia inexaurível, quando o colhia um excesso de atividade. Mas de vez em quando, como se seu espírito vital participasse da natureza do camarão, recedia a momentos de inércia e o vi permanecer horas sobre o catre em sua cela, pronunciando a custo algum monossílabo, sem contrair um só músculo do rosto. Nessas ocasiões aparecia-lhe nos olhos uma expressão vazia e ausente, e teria suspeitado que estava sob o império de alguma substância vegetal capaz de provocar visões, se a patente temperança que lhe regulava a vida não me tivesse induzido a rejeitar tal pensamento. Não escondo todavia que, no curso da viagem, detivera-se às vezes na beira de um prado, nas bordas de uma floresta, para

apanhar alguma erva (creio que sempre a mesma): e punha-se a mascá-la com rosto absorto. Trazia uma pequena provisão consigo, que comia nos momentos de maior tensão (e quão freqüentes eles foram na abadia!). Uma vez que lhe perguntei de que se tratava, disse sorrindo que um bom cristão pode de vez em quando aprender com os infiéis; e quando lhe pedi para prová-la, respondeu-me que, assim como ocorre com os discursos, também entre humildes existem os paidikoi, ephebikoi e gynaikeioi e assim por diante, de modo que as ervas que são boas para um velho franciscano não são boas para um jovem beneditino.

O tempo em que estivemos juntos não tivemos oportunidade de levar vida muito regular: mesmo na abadia velamos à noite e caímos cansados de dia, nem participamos regularmente dos ofícios sagrados. Contudo, em viagem, raramente ficava acordado após as completas e tinha hábitos parcos. Algumas vezes, como aconteceu na abadia, passava o dia inteiro movendo-se no horto, examinando as plantas como se fossem crisóprasos ou esmeraldas, e o vi andando pela cripta do tesouro admirando um escrínio cravejado de esmeraldas e crisóprasos como se fosse uma touceira de estramônio. Outras vezes permanecia o dia todo na sala grande da biblioteca folheando manuscritos como a procurar neles nada além que o próprio prazer (enquanto ao nosso redor se multiplicavam os cadáveres dos monges horrivelmente assassinados). Um dia encontrei-o passeando no jardim sem objetivo aparente, como se não precisasse prestar contas a Deus de seus atos. Na Ordem haviam-me ensinado um modo bem diverso de dividir o meu tempo, e eu lhe disse isso. E ele respondeu que a beleza do cosmos é dada não só pela unidade na variedade, mas também pela variedade na unidade. Pareceu-me uma resposta ditada por deseducada empiria, mas aprendi em seguida que os homens de sua terra freqüentemente definem as coisas de modo a parecer que a força iluminadora da razão tenha pouquíssima serventia.

Durante o período em que permanecemos na abadia vi-lhe sempre as mãos cobertas pela poeira dos livros, pelo ouro das miniaturas ainda frescas, pelas substâncias amareladas que tocara no hospital de Severino. Dava a impressão de não poder pensar a não ser com as mãos, coisa que então me parecia mais digna de um mecânico (e haviam-me ensinado que o mecânico é moechus, e comete adultério nos confrontos da vida intelectual a quem deveria estar unido em castíssimo esponsal): porém mesmo quando suas mãos tocavam coisas muito frágeis, como certos códices de miniaturas ainda frescas, ou páginas corroídas pelo tempo e friáveis como pão ázimo, ele possuía, parece-me, uma extraordinária delicadeza de tato, a mesma que usava para tocar suas máquinas. Direi, com

efeito, que este homem curioso trazia consigo, em seu saco de viagem, instrumentos que não tinha visto até então, e que ele definia como suas maravilhosas máquinas. As máquinas, afirmava, são efeito da arte, que é macaco da natureza, e dela reproduzem não as formas mas a própria operação. Assim me explicou ele as maravilhas do relógio, do astrolábio e do ímã. Mas no início pensei tratar-se de bruxaria, e fingi dormir algumas noites serenas em que ele se punha (com um estranho triângulo na mão) a observar as estrelas. Os franciscanos que conhecera na Itália e na minha terra eram homens simples, quase sempre iletrados, e me espantei com ele por sua sabedoria. Mas ele me disse sorrindo que os franciscanos de suas ilhas eram de outra cepa: "Roger Bacon, que eu venero como mestre, nos ensinou que o plano divino passará um dia para a ciência das máquinas, que é magia natural e santa. E um dia, por força da natureza, poderão ser feitos instrumentos de navegação graças aos quais as naves irão unico homine regente, e bem mais rápidas que as impelidas a vela ou a remos; e haverá carros 'ut sine animali moveantur cum impetu inaestimabili, et instrumenta volandi et homo sedens in medio instrumenti revolvens aliquod ingenium per quod alae artificialiter compositae aerem verberent, ad modum avis volantis'. E instrumentos minúsculos que erguerão pesos infinitos e veículos que permitirão viajar no fundo do mar."

Quando lhe perguntei onde estavam essas máquinas, disse-me que já tinham sido feitas na Antigüidade, e algumas até em nossos tempos: "Exceto o instrumento para voar, que não vi nem conheci quem o tivesse visto, mas conheço um sábio que o imaginou. E é possível fazer pontes que atravessem os rios sem colunas ou qualquer outro sustentamento e outras máquinas inauditas. Mas não precisas ficar preocupado se não existem ainda, porque não quer dizer que não existirão. E eu te digo que Deus quer que existam, e certamente já estão em sua mente, ainda que meu amigo de Ockham negue que as idéias existam desse modo, e não porque podemos decidir pela natureza divina, mas justamente porque não podemos impor-lhe limite algum." Nem foi esta a única proposição contraditória que o ouvi enunciar: e mesmo agora que sou velho e mais sábio que naquele tempo, não compreendo definitivamente como ele pudesse ter tanta confiança em seu amigo de Ockham e ao mesmo tempo jurar sobre as palavras de Bacon, como costumava fazer. É verdade, no entanto, que aqueles eram tempos obscuros em que um homem sábio precisava pensar coisas contraditórias entre si.

Bem, disse de frei Guilherme coisas insensatas talvez, como a recolher desde o início as impressões desconexas que eu tive então. Quem foi ele, e o que fez, meu

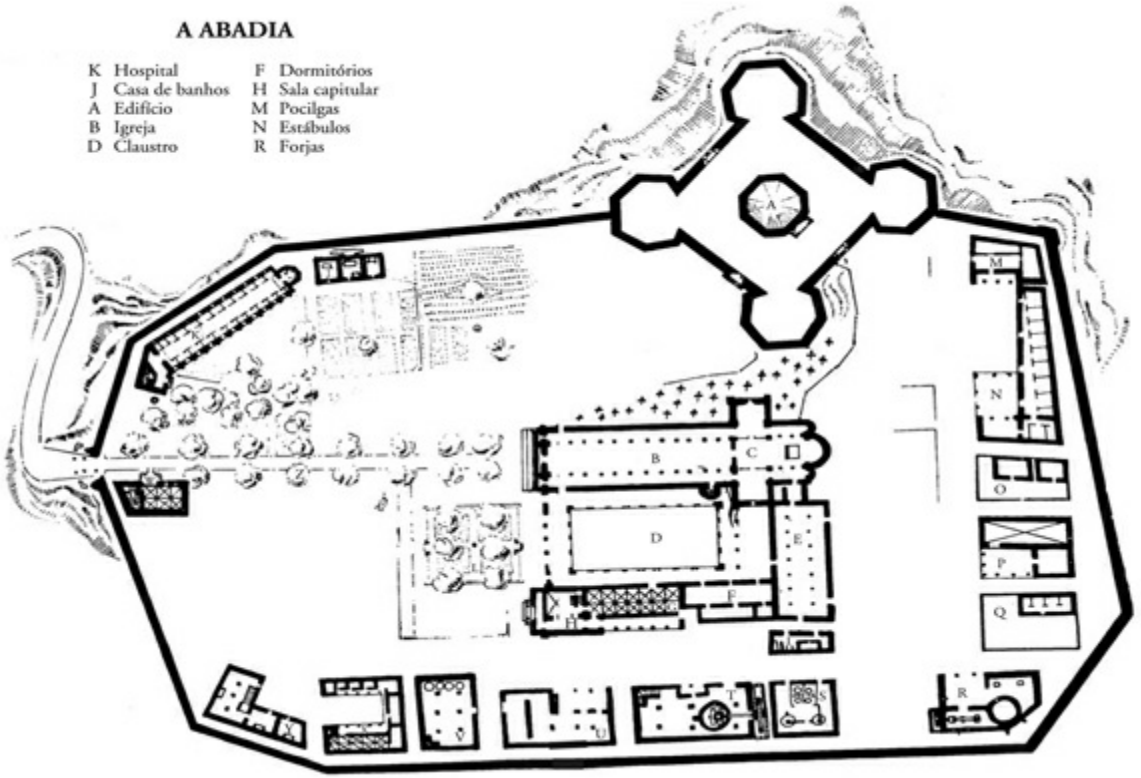
bom leitor, poderás talvez deduzir melhor pelas ações que praticou nos dias que passamos na abadia. Não te prometi um desenho completo, porém um elenco de fatos (estes sim) miríficos e terríveis.

Conhecendo assim dia a dia o meu mestre, passando as longas horas de marcha em longas conversas sobre as quais, conforme o caso, contarei pouco a pouco, atingimos as faldas do monte sobre o qual se erguia a abadia. E é hora que, como fizemos então, dela se aproxime minha narrativa, e possa minha mão não tremer quando começar a contar o que aconteceu em seguida.

PRIMEIRO DIA

A ABADIA

K Hospital
J Casa de banhos
A Edifício
B Igreja
D Claustro
F Dormitórios
H Sala capitular
M Pocilgas
N Estábulos
R Forjas



Primeiro dia

PRIMA

Onde se chega aos pés da abadia e Guilherme dá provas de grande argúcia.

Era uma bela manhã de fins de novembro. À noite nevara um pouco, e o chão estava coberto de um pelame fresco que não tinha mais que três dedos. No escuro, logo depois das laudes, tínhamos assistido à missa num vilarejo do vale. Depois seguimos viagem rumo às montanhas, no despontar do sol.

Tão logo subimos pela trilha íngreme que se desatava ao redor do monte, vi a abadia. Não me espantaram nela as muralhas que a cingiam por todos os lados, iguais a outras que vi em todo o mundo cristão, mas a mole daquele que depois fiquei sabendo ser o Edifício. Era uma construção octogonal que a distância parecia um tetrágono (figura perfeitíssima que exprime a solidez e a intocabilidade da Cidade de Deus), cujos lados meridionais se erguiam sobre o planalto da abadia, enquanto os setentrionais pareciam crescer das próprias faldas do monte, sobre o qual se enervavam a pique. Digo que de certos pontos, de baixo, parecia que a rocha se prolongava até o céu, sem solução de tintas e de matéria, e virava, a uma certa altura, fortaleza e torreão (obra de gigantes que tinham grande familiaridade tanto com a terra como com o céu). Três fileiras de janelas davam o ritmo trinário de sua sobrelevação, de modo que aquilo que era fisicamente quadrado na terra, era espiritualmente triangular no céu. Ao nos aproximarmos mais, via-se que a forma quadrangular gerava, em cada um de seus ângulos, um torreão heptagonal, do qual cinco lados se projetavam para fora — quatro, portanto, dos oito lados do octógono maior, gerando quatro heptágonos menores, que no exterior manifestavam-se como pentágonos. E não há quem não veja a admirável harmonia de tantos números santos, cada um revelador de um sutilíssimo sentido espiritual. Oito, o número da perfeição de todo tetrágono, quatro, o número dos evangelhos, cinco, o número das zonas do mundo, sete, o número dos dons do Espírito Santo.

Pela mole, e pela forma, o Edifício me pareceu como mais tarde veria no sul da península italiana Castel Ursino ou Castel dal Monte, mas pela posição inacessível era mais tremendo que esses, e capaz de gerar temor no viajante que dele se aproximasse devagar. E é sorte que, sendo uma límpida manhã de inverno, a construção não me surgiu como é vista nos dias de tempestade.

Não direi de modo algum que ela sugerisse sentimentos de alegria. Trouxe-me espanto, e uma inquietação sutil. Deus sabe que não eram fantasmas de minh'alma imatura, e que corretamente eu interpretava indubitáveis presságios inscritos na pedra, desde o dia em que os gigantes nela tocaram, e antes que a ilusória vontade dos monges ousasse consagrá-la à custódia da palavra divina.

Enquanto os nossos mulos arrastavam-se pelo último cotovelo da montanha, lá onde o caminho principal se ramificava em trevo, dando origem a dois atalhos laterais, meu mestre deteve-se por algum tempo, olhando para os lados ao redor da estrada, para a estrada, e acima da estrada, onde uma série de pinheiros sempre verdes formava por um breve trecho um teto natural, encanecido de neve.

"Abadia rica", disse. "Ao Abade agrada aparecer bem nas ocasiões públicas."

Habituado que estava a ouvi-lo fazer as mais singulares afirmações, não o interroguei. Mesmo porque, após mais um trecho de estrada, ouvimos rumores, e numa curva apareceu um agitado punhado de monges e de fâmulos. Um deles, como nos visse, veio ao nosso encontro com muita urbanidade: "Bem-vindo, senhor", disse, "e não vos admireis se adivinho quem sois, porque fomos advertidos de vossa visita. Eu sou Remigio de Varagine, o celeireiro do mosteiro. E se vós sois, como creio eu, frei Guilherme de Baskerville, o Abade precisaria ser avisado." "Tu", ordenou voltando-se para alguém do séqüito, "sobe para avisar que nosso visitante está para adentrar os muros!"

"Agradeço-vos, senhor celeireiro", respondeu cordialmente meu mestre, "e tanto mais aprecio a vossa cortesia quanto para saudar-me interrompestes a perseguição. Mas não receeis, o cavalo passou por aqui e dirigiu-se para o atalho da direita. Não poderá ter ido muito longe, porque chegado ao depósito de estrume precisará deter-se. É inteligente demais para lançar-se escarpa abaixo..."

"Quando o vistes?", perguntou o celeireiro.

"Na realidade não o vimos, não é, Adso?", disse Guilherme voltando-se para mim com ar divertido. "Mas se estais à procura de Brunello, o animal não pode

estar senão onde eu disse."

O celeireiro hesitou. Olhou Guilherme, em seguida o atalho, e por fim perguntou: "Brunello? Como sabeis?"

"Vamos", disse Guilherme, "é evidente que andais à procura de Brunello, o cavalo favorito do Abade, o melhor galopador de vossa escuderia, de pêlo preto, cinco pés de altura, de cauda suntuosa, de casco pequeno e redondo mas de galope bastante regular; cabeça diminuta, orelhas finas e olhos grandes. Foi para a direita, estou vos dizendo, e apressai-vos, em todo caso."

O celeireiro teve um momento de hesitação, depois acenou aos seus e tomou o atalho à direita, enquanto nossos mulos recomeçavam a subir. Quando estava para interrogar Guilherme, porque tinha sido mordido pela curiosidade, ele fez-me um sinal para esperar: e de fato alguns instantes depois ouvimos gritos de júbilo, e na curva do caminho reapareceram monges e fâmulos conduzindo o cavalo pelo cabresto. Passaram por nós continuando a nos olhar um tanto aturdidos e nos precederam em direção à abadia. Creio também que Guilherme diminuíra o passo de sua cavalgadura para permitir-lhes contar o que acontecera. Com efeito tivera oportunidade de perceber que meu mestre, em tudo e por tudo homem de altíssima virtude, tolerava o vício da vaidade quando se tratava de dar provas de sua argúcia e, tendo já apreciado seus dotes de sutil diplomata, compreendi que queria chegar à meta precedido de uma sólida fama de homem sábio.

"E agora dizei-me", não pude me controlar por fim, "como conseguistes saber tudo isso?"

"Meu bom Adso", disse meu mestre. "Durante toda a viagem tenho te ensinado a reconhecer os traços com que nos fala o mundo como um grande livro. Alan das Ilhas dizia que

omnis mundi creatura
quasi liber et pictura
nobis est in speculum

e pensava na inexaurível reserva de símbolos com que Deus, através de suas criaturas, nos fala da vida eterna. Mas o universo é ainda mais loquaz do que pensava Alan e não só fala das coisas derradeiras (caso em que o faz sempre obscuramente), mas também daquelas próximas, e nisto é claríssimo. Quase me envergonho de repetir aquilo que devias saber. No trevo, sobre a neve ainda fresca, estavam desenhadas com muita clareza as marcas dos cascos de um

cavalo, que apontavam para o atalho à nossa esquerda. A uma distância perfeita e igual um do outro, os sinais indicavam que o casco era pequeno e redondo, e o galope bastante regular — disso então deduzi a natureza do cavalo, e o fato de que ele não corria desordenadamente como faz um animal desembestado. Lá onde os pinheiros formavam como que um teto natural, alguns ramos tinham sido recém-partidos bem na altura de cinco pés. Uma das touceiras de amoras, onde o animal deve ter virado para tomar o caminho à sua direita, enquanto sacudia altivamente a bela cauda, trazia presas ainda entre os espinhos longas crinas negras... Não vais me dizer afinal que não sabes que aquela senda conduz ao depósito do estrume, porque subindo pela curva inferior vimos a baba dos detritos escorrer pelas escarpas aos pés do torreão meridional, enfeando a neve; e do modo como o trevo estava disposto, o caminho não podia senão levar àquela direção."

"Sim", disse, "mas a cabeça pequena, as orelhas pontudas, os olhos grandes..."

"Não sei se os tem, mas com certeza os monges acreditam piamente nisso. Dizia Isidoro de Sevilha que a beleza de um cavalo exige 'ut sit exiguum caput et siccum prope pelle ossibus adhaerente, aures breves et argutae, oculi magni, nares patulae, erecta cervix, coma densa et cauda, ungularum soliditate fixa rotunditas'. Se o cavalo de quem inferi a passagem não fosse realmente o melhor da escuderia, não se explicaria por que não foram apenas os cavalariços a persegui-lo, mas até o celeireiro deu-se ao incômodo. E um monge que considera um cavalo excelente, além de suas formas naturais, só pode vê-lo assim como as autorictates o descreveram, especialmente se", e aqui endereçou-me um sorriso de malícia, "é um douto beneditino..."

"Está bem", disse, "mas por que Brunello?"

"Que o Espírito Santo te dê mais esperteza que a que tens, meu filho!" exclamou o mestre. "Que outro nome lhe darias se até mesmo o grande Buridan, que está para tornar-se reitor em Paris, precisando falar de um belo cavalo, não encontrou nome mais natural?"

Assim era meu mestre. Sabia ler não apenas no grande livro da natureza, mas também no modo como os monges liam os livros da escritura, e pensavam através deles. Dote que, como veremos, lhe seria bastante útil nos dias que se seguiriam. Sua explicação, além disso, me pareceu àquela altura tão óbvia que a humilhação por não a ter achado sozinho foi superada pelo orgulho de participar dela e quase congratulei a mim mesmo por minha agudeza. Tal é a força do verdadeiro que, como o bem, se difunde por si. E seja louvado o santo nome de nosso senhor Jesus Cristo por essa bela revelação que tive.

Mas retomo os fios, ó minha história, pois este monge senil se demora demais nas marginalia. Diz antes que chegamos ao grande portal da abadia, e na soleira estava o Abade para quem dois noviços sustinham uma baciazinha de ouro cheia de água. Tão logo descemos de nossos cavalos, ele lavou as mãos de Guilherme, depois o abraçou beijando-o na boca e dando-lhe suas santas boas-vindas, enquanto o celeireiro se ocupava de mim.

"Obrigado, Abbone", disse Guilherme, "é para mim uma grande alegria pôr os pés no mosteiro de vossa magnificência, cuja fama atravessou estas montanhas. Venho como peregrino em nome de Nosso Senhor e como tal vós me haveis prestado honras. Mas venho também em nome do nosso senhor aqui na terra, como vos dirá a carta que vos entrego, e também em nome dele agradeço-vos a acolhida."

O Abade pegou a carta com os sinetes imperiais e disse que em todo caso a vinda de Guilherme tinha sido precedida de outras missivas de seus confrades (visto que, eu me disse depois com certo orgulho, é difícil apanhar um abade beneditino de surpresa). Em seguida pediu ao celeireiro que nos conduzisse para nossos alojamentos, enquanto os cavalariços nos tomavam as cavalgaduras. O Abade comprometeu-se a visitar-nos mais tarde quando estivéssemos refocilados, e entramos no grande pátio onde os edifícios da abadia se estendiam por toda a suave elevação que aparava em suave bacia — ou alpe — o pico do monte.

Sobre a disposição da abadia terei ocasião de falar mais vezes e mais minuciosamente. Após o portal (que era a única passagem da muralha) abria-se uma alameda arborizada que conduzia à igreja da abadia. À esquerda da alameda estendia-se uma vasta zona de hortos e, como fiquei sabendo depois, o jardim botânico, ao redor das duas casas de banho e do hospital e herbanário, que costeavam as curvas da muralha. No fundo, à esquerda da igreja, erguia-se o Edifício, separado da igreja por uma esplanada coberta de túmulos. O portal norte da igreja dava para o torreão meridional do Edifício, que oferecia frontalmente aos olhos do visitante o torreão ocidental, em seguida ligava-se, à esquerda, à muralha e aprofundava-se turrígero para o abismo, sobre o qual protendia o torreão setentrional que era visível de soslaio. À direita da igreja estendiam-se algumas

construções que lhe ficavam ao lado e em torno do convento: por certo o dormitório, a casa do Abade e a casa dos peregrinos à qual nos dirigíramos e que atingimos atravessando um belo jardim. Do lado direito, além de uma vasta esplanada, ao longo dos muros meridionais e continuando a oriente atrás da igreja, uma série de alojamentos de colonos, estábulos, moinhos, moendas de oliva, celeiros e adegas, e aquela que me pareceu ser a casa dos noviços. A regularidade do terreno, pouco ondulado, permitira aos antigos construtores daquele lugar sagrado respeitar os ditames da orientação, melhor do que poderiam pretender Honório Augustodunense ou Guilherme Durando. Pela posição do sol àquela hora do dia, percebi que o portal se abria perfeitamente para ocidente, de modo que o coro e o altar estivessem voltados para oriente; e o sol de manhã cedinho podia surgir acordando diretamente os monges no dormitório e os animais nos estábulos. Nunca vi abadia mais bela e admiravelmente orientada, ainda que em seguida tenha conhecido São Galo, e Cluny, e Fontenay, e outras mais, talvez maiores porém menos proporcionadas. Diferentemente das outras, esta se destacava contudo pela mole incomensurável do Edifício. Eu não tinha a experiência de um mestre-pedreiro, mas logo me dei conta de que ele era muito mais antigo que as construções que o rodeavam, nascido talvez para outros fins, e que o conjunto abacial fora se dispondo ao redor dele em tempos posteriores, mas de modo que a orientação da grande construção se adequasse à da igreja, ou esta àquela. Pois a arquitetura é dentre todas as artes a que mais ousadamente busca reproduzir em seu ritmo a ordem do universo, que os antigos chamavam de kosmos, isto é, ornado, enquanto parece um grande animal sobre o qual refulgem a perfeição e a proporção de todos os seus membros. E seja louvado o Nosso Criador que, como diz Agostinho, estabeleceu todas as coisas em número, peso e medida.

Primeiro dia

TERÇA

Onde Guilherme tem uma instrutiva conversa com o Abade.

O celeireiro era um homem pingue e de aspecto vulgar mas jovial, encanecido mas robusto ainda, pequeno mas ágil. Conduziu-nos às nossas celas na casa dos peregrinos. Ou melhor, conduziu-nos à cela reservada ao meu mestre, prometendo-me que no dia seguinte teria uma livre também para mim, pois, ainda que noviço, era hóspede deles, e portanto devia ser tratado com todas as honras. Por aquela noite poderia dormir num grande nicho que se abria na parede da cela, sobre o qual mandara estender a boa palha fresca. Coisa que, acrescentou, se fazia às vezes com os servos de senhor que desejasse ser velado durante seu sono.

Depois os monges nos trouxeram vinho, queijo, azeitonas pão e uva-passa da boa, e deixaram-nos a cear. Comemos e bebemos com muito gosto. Meu mestre não tinha os hábitos austeros dos beneditinos e não gostava de comer em silêncio. Contudo falava sempre de coisas tão boas e sábias que era como se um monge nos estivesse lendo as vidas dos santos.

Aquele dia não deixei de interrogá-lo de novo sobre o fato do cavalo.

"Porém", disse eu, "quando vós lestes as pegadas sobre a neve e nos ramos, ainda não conhecíeis Brunello. De certo modo os rastros nos falavam de todos os cavalos, ou pelo menos de todos os cavalos daquela espécie. Não devemos então dizer que o livro da natureza nos fala só por meio de essências, como ensinam muitos insignes teólogos?"

"Não de todo, caro Adso", respondeu-me o mestre. "Com certeza o tipo de pegadas me exprimia, se assim o queres, o cavalo como verbum mentis, e o teria expresso assim em qualquer lugar que o encontrasse. Mas a pegada naquele lugar e àquela hora do dia dizia-me que pelo menos um dentre todos os cavalos possíveis passara por ali. De modo que eu me encontrava a meio caminho entre a apreensão do conceito de cavalo e o conhecimento de um cavalo individual. Em

todo caso, o que sabia do cavalo universal me era dado pelo rastro, que era singular. Poderia dizer que naquele momento eu estava preso entre a singularidade do rastro e a minha ignorância, que assumia a forma bastante diáfana de uma idéia universal. Se tu vês alguma coisa de longe e não entendes o que seja, contentar-te-ás em defini-la como um corpo extenso. Quando se aproximar de ti, defini-la-ás como um animal, mesmo que não saibas ainda se é um cavalo ou um asno. E por fim, quando estiver mais perto, poderás dizer que é um cavalo, mesmo que não saibas ainda se Brunello ou Favello. E somente quando estiveres a distância apropriada verás que é Brunello (ou esse cavalo e não outro, qualquer que seja o modo como decidas chamá-lo). E esse será o conhecimento pleno, a intuição do singular. De modo que eu, há uma hora, estava pronto a esperar qualquer cavalo, e não pela vastidão do meu intelecto, porém pela exigüidade da minha intuição. E a fome do meu intelecto só foi saciada quando vi o cavalo singular que os monges traziam pelos arreios.

"Só então soube, realmente, que meu raciocínio anterior conduzira-me para perto da verdade. De modo que as idéias, que eu usava antes para figurar-me um cavalo que ainda não vira, eram puros signos, como eram signos da idéia de cavalo as pegadas sobre a neve: e usam-se signos e signos de signos apenas quando nos fazem falta as coisas."

Outras vezes eu o tinha escutado falar com muito ceticismo das idéias universais e com grande respeito das coisas individuais: e depois me pareceu que essa tendência ele a tivesse tanto por ser britânico como por ser franciscano. Mas aquele dia não tinha forças suficientes para enfrentar disputas teológicas: aninhei-me então no espaço que me fora concedido, envolvi-me numa coberta e caí num sono profundo.

Quem tivesse entrado teria podido tomar-me por um embrulho. E assim o fez certamente o Abade quando veio visitar Guilherme na hora terça. Foi assim que eu pude escutar, sem ser observado, seu primeiro colóquio. E sem malícia alguma, pois manifestar-me de repente ao visitante teria sido mais descortês que me esconder como fiz, com humildade.

Chegou pois Abbone. Desculpou-se pela intrusão, renovou os votos de boas-vindas e disse que precisava falar com Guilherme em particular, sobre um assunto bastante grave.

Começou cumprimentando-o pela habilidade com que se conduzira na história do cavalo, e perguntou como afinal ele soubera dar notícias tão seguras sobre uma besta que nunca vira. Guilherme explicou-lhe sucintamente e com ênfase o caminho que havia seguido, e o Abade mostrou-se muito satisfeito com sua argúcia. Disse que não esperaria menos de um homem que fora precedido pela fama de tão grande sagacidade. Disse ainda que recebera uma carta do Abade de Farfa que não só lhe falava da missão confiada a Guilherme pelo imperador (sobre a qual discutiram nos dias seguintes), mas também lhe dizia que na Inglaterra e na Itália meu mestre tinha sido inquisidor de alguns processos, onde se distinguira por sua perspicácia, não separada de grande humanidade.

"Agrada-me muito saber", acrescentou o Abade, "que em vários casos vós decidistes pela inocência do acusado. Acredito, e nunca como nestes dias tristíssimos, na presença constante do maligno nas coisas humanas", e olhou ao redor de si, imperceptivelmente, como se o inimigo vagasse por entre aquelas paredes, "mas acredito que muitas vezes o maligno age com segundas intenções. E sei que pode impelir suas vítimas a fazer o mal de tal modo que a culpa recaia num justo, gozando pelo fato de que um justo venha a ser queimado em lugar de quem lhe é submisso. Freqüentemente os inquisidores, para dar prova de solércia, arrancam a qualquer custo uma confissão do acusado, achando que bom inquisidor é só aquele que conclui um processo encontrando um bode expiatório..."

"Mesmo um inquisidor pode ser impelido pelo diabo", disse Guilherme.

"É possível", admitiu o Abade com muita cautela, "porque os desígnios do Altíssimo são imperscrutáveis, mas não serei eu a lançar a sombra da suspeita sobre homens tão beneméritos. É justamente de vós, como um daqueles, que eu preciso hoje. Aconteceu uma coisa nesta abadia, que pede a atenção e o conselho de um homem prudente e agudo como vós. Agudo para descobrir e prudente (se for o caso) para encobrir. Freqüentemente, de fato, é indispensável provar a culpa de homens que deveriam sobressair por sua santidade, mas de modo a poder eliminar a causa do mal sem que o culpado seja relegado ao desprezo público. Se um pastor falha, deve ser isolado dos outros pastores, mas ai se as ovelhas começam a desconfiar dos pastores."

"Compreendo", disse Guilherme. Eu já tivera meios de notar que, quando se exprimia daquele modo tão solícito e educado, de costume calava, de maneira honesta, o seu dissenso ou sua perplexidade.

"Por isso", continuou o Abade, "acho que todo o caso que diga respeito à falha de um pastor não pode ser confiado senão a homens como vós, que não só sabem

distinguir o bem do mal, mas também o que é oportuno daquilo que não o é. Agrada-me pensar que vós tenhais condenado apenas quando...”

“...os acusados eram culpados de atos criminosos, de venefício, de corrupção de jovens inocentes e de outras coisas nefandas que minha boca não ousa pronunciar...”

“...que tenhais condenado apenas quando”, continuou o Abade sem levar em conta a interrupção, “a presença do demônio era tão evidente aos olhos de todos que não seria possível proceder de modo diferente, sem que a indulgência fosse mais escandalosa do que o próprio crime.”

“Quando reconheci alguém culpado”, precisou Guilherme, “este tinha realmente cometido crime de tal ordem que podia entregá-lo em sã consciência ao braço secular.”

O Abade teve um momento de incerteza: “Por que”, perguntou, “insistis em falar de ações criminosas sem pronunciar-vos sobre sua causa diabólica?”

“Porque raciocinar sobre as causas e os efeitos é coisa bastante difícil, da qual acho que o único juiz possível é Deus. Nós já penamos muito estabelecendo uma relação entre um efeito tão evidente como uma árvore queimada e o raio que a incendiou, que o remontar cadeias por vezes longuíssimas de causas e efeitos me parece tão insensato quanto o querer construir uma torre que chegue até o céu.”

“O doutor de Aquino”, sugeriu o Abade, “não temeu demonstrar, com a força única da razão, a existência do Altíssimo, remontando de causa em causa até a causa primeira não causada.”

“Quem sou eu”, disse Guilherme com humildade, “para opor-me ao doutor de Aquino? Mesmo porque sua prova da existência de Deus é confirmada por muitos outros testemunhos e seus caminhos assim se tornam fortalecidos. Deus nos fala no interior de nossa alma, como já sabia Agostinho, e vós, Abbone, teríeis cantado as laudes do Senhor e a evidência de sua presença mesmo se Tomás não tivesse...” Deteve-se, e acrescentou: “Imagino.”

“Oh, claro”, apressou-se a assegurar o Abade, e meu mestre truncou deste modo belíssimo uma discussão de escola que evidentemente lhe agradava pouco. Depois recomeçou a falar.

“Voltemos aos processos. Reparai, um homem, suponhamos, foi morto por envenenamento. Este é um dado de experiência. É possível que eu imagine, diante de certos sinais irrefutáveis, que o autor do venefício tenha sido um outro homem. Sobre cadeias de causas tão simples minha mente pode interferir com alguma confiança em seu poder. Mas como posso complicar a cadeia imaginando que,

como causa da pérfida ação, haja outra intervenção dessa vez não humana mas diabólica? Não digo que não seja possível, o diabo também denuncia sua passagem através de claros sinais, tal qual o vosso cavalo Brunello. Por que devo porém buscar essas provas? Já não é suficiente eu saber que o culpado é aquele homem e o entregue ao braço secular? Em todo caso sua pena será a morte, que Deus o perdoe."

"Mas estou sabendo que num processo ocorrido em Kilkenny, há três anos, no qual algumas pessoas foram acusadas de terem cometido torpes crimes, vós não negastes a intervenção do diabo, uma vez individuados os culpados."

"Mas também nunca o afirmei abertamente. Nem mesmo o neguei, é verdade. Quem sou eu para emitir juízos sobre as tramas do maligno, especialmente", acrescentou, parecendo querer insistir neste ponto, "em um caso em que os que tinham dado início à inquisição, os bispos, os magistrados civis e todo o povo, talvez até os próprios acusados, desejavam verdadeiramente sentir a presença do demônio? Bem, talvez a única prova verdadeira da presença do diabo seja a intensidade com que todos, naquele momento, desejam sabê-lo em ação..."

"Vós, portanto", disse o Abade em tom preocupado, "estais me dizendo que em muitos processos o diabo não age apenas sobre o culpado, mas talvez e acima de tudo sobre os juízes?"

"Poderia eu acaso fazer tal afirmação?" perguntou Guilherme, e notei que a pergunta era formulada de modo que o Abade não pudesse afirmar que ele podia; assim Guilherme aproveitou-se de seu silêncio para desviar o rumo do diálogo. "Mas no fundo trata-se de coisas distantes. Abandonei aquele nobre ofício e se o fiz, foi porque o Senhor assim o quis..."

"Sem dúvida", admitiu o Abade.

"...e agora", continuou Guilherme, "ocupo-me de outras questões delicadas. E gostaria de ocupar-me com a que vos aflige, se me falásseis dela."

O Abade pareceu-me satisfeito de poder terminar aquela conversa e voltar ao seu problema. Começou então a narrar, com muita prudência na escolha das palavras e longas perífrases, um fato singular que acontecera poucos dias antes e que deixara os monges muito perturbados. E disse que contava tudo a Guilherme porque, sabendo-o grande conhecedor quer da alma humana, quer das tramas do maligno, esperava que pudesse dedicar parte do seu precioso tempo à elucidação de um dolorosíssimo enigma. Aconteceu, pois, que Adelmo de Otranto, um monge ainda jovem e no entanto já famoso como grande mestre miniaturista, e que estava adornando os manuscritos da biblioteca com imagens belíssimas, foi

encontrado uma manhã por um cabreiro no fundo da escarpa, dominada pelo torreão oriental do Edifício. Uma vez que fora visto pelos outros monges no coro durante as completas, mas não voltara a comparecer para as matinas, provavelmente teria caído escarpa abaixo durante as horas mais escuras da noite. Noite de grande tempestade de neve, com flocos cortantes como lâminas, que mais pareciam granizo, impelidos por um austro que soprava impetuoso. Amolecido pela neve que primeiro derretera e depois endurecera em lâminas de gelo, seu corpo fora encontrado aos pés da escarpa, dilacerado pelas rochas de encontro às quais se abatera. Pobre e frágil ente mortal, que Deus dele tivesse misericórdia. Por causa dos muitos ricochetes que o corpo tinha sofrido ao precipitar-se, não era fácil dizer de que ponto exato teria caído: certamente de uma das janelas que se abriam em três séries de andares sobre os quatro lados do torreão, exposto para o abismo.

"Onde sepultastes o pobre corpo?", perguntou Guilherme.

"No cemitério, naturalmente", respondeu o Abade. "Quem sabe o tenhais notado, estende-se entre o lado setentrional da igreja, o Edifício e o horto."

"Estou vendo", disse Guilherme, "e estou vendo que o vosso problema é o seguinte. Se aquele infeliz tivesse, Deus nos livre, se suicidado (já que não se podia pensar que tivesse caído acidentalmente), no dia seguinte teríeis encontrado uma das janelas aberta, enquanto as encontrastes todas fechadas, e sem que aos pés de uma delas aparecessem rastros d'água."

O Abade, como disse, era homem de grande diplomacia e compostura, mas dessa vez teve um movimento de surpresa que lhe tolheu qualquer traço daquele decoro que condiz com a pessoa grave e magnânima, como quer Aristóteles: "Quem vos disse isso?"

"Vós dissestes", respondeu Guilherme. "Se a janela estivesse aberta, teríeis pensado logo que ele se atirara por ela. Pelo que pude ver do exterior, trata-se de grandes janelas de vidraças opacas e janelas desse tipo não costumam abrir-se, em edifícios de tal mole, na altura de um homem. Portanto, se estivesse aberta, sendo impossível que o infeliz tivesse se aproximado dela e perdido o equilíbrio, só restaria pensar em suicídio. Caso esse em que não teríeis permitido que o sepultassem em campo santo. Mas uma vez que lhe destes um sepultamento cristão, as janelas deviam estar fechadas. Porque estando fechadas, não tendo eu nunca encontrado, sequer nos processos por bruxaria, um morto impenitente a quem Deus ou o diabo tivessem concedido voltar do abismo para apagar os rastros de seu malfeito, é evidente que o presumido suicida foi antes empurrado, quer por

mãos humanas, quer por força diabólica. E vós vos perguntais quem pode tê-lo, não digo empurrado para o abismo, mas erguido contra a sua vontade para o parapeito, e estais preocupado porque uma força maléfica, natural ou sobrenatural que seja, vagueia agora pela abadia."

"É isso..." disse o Abade, e não se sabia ao certo se confirmava as palavras de Guilherme ou dava razão a si próprio pelas razões que Guilherme havia tão admiravelmente produzido. "Mas como conseguistes saber que não havia água ao pé de alguma vidraça?"

"Posto que me dissestes que soprava o austro e a água não podia ser impelida contra janelas que se abrem para o oriente."

"Não me haviam contado o bastante sobre vossas virtudes", disse o Abade. "E tendes razão, não havia água, e agora sei por quê. As coisas se passaram como estais dizendo. E agora compreendeis a minha angústia. Seria grave se um dos meus monges se tivesse manchado com o abominável pecado do suicídio. Mas tenho razões para achar que outro deles se tenha maculado com um pecado igualmente terrível. E se fosse só isso..."

"Primeiro, por que um dos monges? Na abadia há várias outras pessoas, cavalariços, cabreiros, serviçais..."

"Certo, é uma abadia pequena mas rica", admitiu com ar de importância o Abade. "Cento e cinqüenta fâmulos para sessenta monges. Porém tudo aconteceu no Edifício. Ali, como talvez já sabeis, mesmo se no primeiro andar estão as cozinhas e o refeitório, nos dois andares superiores ficam o scriptorium e a biblioteca. Após a ceia o Edifício é fechado e há uma regra muito rigorosa que proíbe a qualquer um aproximar-se de lá." Adivinhou a pergunta de Guilherme e acrescentou logo, claramente de má vontade, "inclusive os monges, naturalmente, mas..."

"Mas?"

"Mas excluo absolutamente, absolutamente, compreendeis?, que um fâmulo tenha tido a coragem de lá penetrar à noite." Em seus olhos passou como um sorriso de desafio, mas foi rápido como o raio, ou uma estrela cadente. "Digamos que teriam medo, sabeis... às vezes as ordens dadas aos simples são reforçadas com uma ameaça, como o presságio que a quem desobedecer pode acontecer alguma coisa de terrível, e por força sobrenatural. Um monge, ao contrário..."

"Compreendo."

"Não só, mas um monge poderia ter outras razões para aventurar-se num lugar proibido, quero dizer razões... como dizer?,... razoáveis, ainda que contrárias à

regra.”

Guilherme apercebeu-se do mal-estar do Abade e fez uma pergunta que visava talvez desviar a conversa, mas que produziu um mal-estar ainda maior.

“Falando de um possível homicídio, haveis dito ‘e se fosse só isso’. O que queríeis dizer?”

“Eu disse isso? Bem, não se mata sem razão, ainda que perversa. E tremo ao pensar na perversidade das razões que podem ter impelido um monge a matar um confrade. Vede. É isso.”

“E não há mais nada?”

“Não há mais nada que eu possa vos dizer.”

“Estais querendo dizer que não há mais nada que tendes o poder de dizer?”

“Suplico-vos, frei Guilherme, confrade Guilherme’, e o Abade acentuou tanto frei quanto confrade. Guilherme enrubesceu vivamente e comentou:

“Eris sacerdos in aeternum.”

“Obrigado”, disse o Abade.

Oh, Senhor Deus, em que mistério terrível tocaram naquele momento meus imprudentes superiores, impelidos um pela angústia, outro pela curiosidade. Porque, noviço que se iniciara nos mistérios do santo sacerdócio de Deus, até eu, jovenzinho que era, havia percebido que o Abade sabia alguma coisa, mas aprendera-a sob o sigilo da confissão. Ele devia ter sabido pelos lábios de alguém algum detalhe pecaminoso que podia ter relação com o trágico fim de Adelmo. Talvez por isso pedia a frei Guilherme que descobrisse um segredo do qual ele suspeitava sem podê-lo revelar a ninguém, e esperava que meu mestre elucidasse com as forças do intelecto o que ele precisava envolver em sombra, por força do sublime império da caridade.

“Bem”, disse então Guilherme, “poderei fazer perguntas aos monges?”

“Podereis.”

“Poderei movimentar-me livremente pela abadia?”

“Dou-vos o direito.”

“Estais me investindo desta missão coram monachis?”

“Esta mesma noite.”

“Começarei hoje, todavia, antes que os monges saibam do que me haveis encarregado. E além disso desejava muito, não é a única razão de minha passagem por aqui, visitar a vossa biblioteca, da qual se fala com admiração em todas as abadias da cristandade.”

O Abade levantou-se quase num salto, com o rosto muito tenso. “Podereis

movimentar-vos por toda a abadia, eu disse. Não certamente pelo último andar do Edifício, na biblioteca."

"Por quê?"

"Deveria ter-vos explicado antes, e achava que soubésseis. Sabeis que nossa biblioteca não é como as outras..."

"Sei que tem mais livros que qualquer outra biblioteca cristã. Sei que diante de vossas estantes as de Bobbio ou de Pomposa, de Cluny ou de Fleury parecem o quarto de um menino que mal se inicia no ábaco. Sei que os seis mil códices de que se vangloriava Novalesa há mais de cem anos são poucos diante dos vossos, e talvez muitos deles agora estejam aqui. Sei que a vossa abadia é a única luz que a cristandade pode opor às trinta e seis bibliotecas de Bagdá, aos dez mil códices do vizir Ibn al-Alkami, que o número de vossas bíblias iguala-se aos dois mil e quatrocentos corões de que dispõe o Cairo, e que a realeza de vossas estantes é luminosa evidência contra a soberba lenda dos infiéis que há anos queriam (íntimos que são do príncipe da mentira) a biblioteca de Trípoli rica em seis milhões de volumes e habitada por oitenta mil comentadores e duzentos escribas."

"Assim é, sejam dadas graças ao céu."

"Sei que entre os monges que vivem convosco muitos vêm de outras abadias espalhadas pelo mundo inteiro: uns por pouco tempo, a fim de copiar manuscritos inencontráveis algures e levá-los em seguida à própria sede, não sem ter trazido, em troca, algum outro manuscrito raro que vós copiareis e guardareis em vosso tesouro; e outros por muito tempo para ficar aqui até a morte, porque somente aqui podem encontrar as obras que iluminam sua pesquisa. E portanto tendes dentre vós germânicos, dácios, espanhóis, franceses e gregos. Sei que o imperador Frederico, há muitos e muitos anos, pediu-vos para copiar um livro sobre as profecias de Merlin, e depois traduzi-lo para o árabe, para enviá-lo de presente ao sultão do Egito. Sei por fim que uma abadia gloriosa como Murbach, nos tempos tristes que correm, não tem mais um só escriba, que em São Galo sobraram poucos monges que sabem escrever, que afinal é agora nas cidades que surgem corporações e guildas compostas por seculares que trabalham para as universidades e que somente a vossa abadia renova dia a dia, o que estou dizendo?, eleva ao fausto sempre mais alto as glórias de vossa ordem..."

"Monasterium sine libris", citou absorto o Abade, "est sicut civitas sine opibus, castrum sine numeris, coquina sine suppellectili, mensa sine cibis, hortus sine herbis, pratum sine floribus, arbor sine foliis... E nossa ordem, crescendo em torno ao duplo mandamento do trabalho e da prece, lança luz por todo o mundo

conhecido, reserva do saber, salvação duma doutrina antiga que ameaçava desaparecer em incêndios, saques, terremotos, forja da nova escritura e incremento da antiga... Oh, vós bem o sabeis, vivemos agora em tempos muito obscuros, e coro em dizer-vos que não faz muito tempo o concílio de Viena precisou reafirmar que todo monge tem o dever de tomar as ordens... Quantas abadias nossas, que há duzentos anos eram centro resplendente de grandeza e santidade, são agora refúgio de indolentes! A ordem ainda é poderosa, mas o fedor das cidades paira por perto dos nossos lugares santos, o povo de Deus está voltado agora aos comércios e às guerras de facção, lá embaixo, nos grandes centros habitados, onde o espírito da santidade não pode ter um abrigo, não só estão falando (pois dos leigos não podeis exigir mais), mas até escrevendo em vulgar, e que nunca nenhum desses volumes possa adentrar nossos muros — tão fatalmente se torna incentivo à heresia! Por causa dos pecados dos homens o mundo está suspenso à beira do abismo, penetrado pelo próprio abismo que o abismo invoca. E amanhã, como queria Honório, os corpos humanos serão menores que os nossos, assim como os nossos são menores que os dos antigos. Mundus senescit. Agora, se Deus confiou à nossa ordem uma missão, é justamente aquela de opor-se a essa corrida rumo ao abismo, conservando, repetindo e defendendo o tesouro de sabedoria que nossos pais nos confiaram. A divina providência ordenou que o governo universal, que no início do mundo estava no oriente, pouco a pouco, com o passar do tempo, se deslocasse rumo ao ocidente, para advertir-nos que o fim do mundo está próximo, porque o curso dos acontecimentos já atingiu o limite do universo. E até que não acabe definitivamente o milênio, até que não triunfe, por pouco que seja, a besta imunda que é o Anticristo, cabe a nós defender o tesouro do mundo cristão, e a própria palavra de Deus, tal qual ele a ditou aos profetas e aos apóstolos, tal qual os pais a repetiram sem trocar as letras, tal qual as escolas tentaram glossar, ainda que hoje nas próprias escolas se aninhe a serpente da soberba, da inveja, da insensatez. Neste ocaso ainda nós somos os archotes e a luz alta no horizonte. E enquanto esses muros resistirem, seremos os guardiães da palavra divina."

"E assim seja", disse Guilherme em tom devoto. "Mas o que tem a ver isso com o fato de não se poder visitar a biblioteca?"

"Vede, frei Guilherme", disse o Abade, "para poder realizar a obra imensa e santa que enriquece aqueles muros", e apontou a mole do Edifício, que se entrevia pelas janelas da cela, dominando acima da própria igreja abacial, "homens devotos trabalharam durante séculos, seguindo férreas regras. A biblioteca nasceu segundo

um desenho que permaneceu obscuro a todos durante séculos e que a nenhum dos monges é dado conhecer. Somente o bibliotecário recebeu o segredo do bibliotecário que o precedeu, e o comunica, ainda em vida, ao ajudante-bibliotecário, de modo que a morte não o surpreenda, privando a comunidade desse saber. E os lábios de ambos estão selados pelo segredo. Somente o bibliotecário, além de saber, tem o direito de mover-se no labirinto dos livros, somente ele sabe onde encontrá-los e onde guardá-los, somente ele é responsável pela sua conservação. Os demais monges trabalham no scriptorium e podem conhecer o elenco dos volumes que a biblioteca encerra. E um elenco de títulos sempre diz muito pouco, somente o bibliotecário sabe da colocação do volume, do grau de sua inacessibilidade, que tipo de segredos, de verdades ou de mentiras o volume encerra. Somente ele decide como, e se deve fornecê-lo ao monge que o está requerendo, às vezes após ter-se consultado comigo. Porque nem todas as verdades são para todos os ouvidos, nem todas as mentiras podem ser reconhecidas como tais por uma alma piedosa, e os monges, por fim, estão no scriptorium para levar a cabo uma obra precisa, para a qual devem ler alguns e não outros volumes, e não para seguir qualquer insensata curiosidade que porventura os colha, quer por fraqueza da mente, quer por soberba, quer por sugestão diabólica."

"Há, portanto, na biblioteca mesmo, livros que contêm mentiras..."

"Os monstros existem porque fazem parte do desígnio divino e nas mesmas horríveis feições dos monstros revela-se a potência do Criador. Assim existem por desígnio divino também os livros dos magos, as cabalas dos judeus, as fábulas dos poetas pagãos, as mentiras dos infiéis. Foi firme e santa a convicção daqueles que quiseram e sustiveram esta abadia durante os séculos, de que mesmo nos livros mentirosos pode transparecer aos olhos do leitor sagaz uma pálida luz da sapiência divina. E por isso, também para eles, a biblioteca é escrínio. Mas justamente por isso, compreendeis, ela não pode ser penetrada por qualquer um. E além disso", acrescentou o Abade como a desculpar-se pela pequenez do último argumento, "o livro é criatura frágil, sofre a usura do tempo, teme os roedores, as intempéries, as mãos inábeis. Se por séculos e séculos cada um tivesse podido tocar livremente os nossos códices, a maior parte deles não existiria mais. O bibliotecário portanto defende-os não só dos homens, mas também da natureza, e dedica sua vida a esta guerra contra as forças do olvido, inimigo da verdade."

"Assim ninguém, salvo duas pessoas, entra no último andar do Edifício..."

O Abade sorriu: "Ninguém deve. Ninguém pode. Ninguém, querendo, chegaria

ali. A biblioteca defende-se por si, insondável como a verdade que abriga, enganadora como a mentira que guarda. Labirinto espiritual, é também labirinto terreno. Poderíeis entrar e poderíeis não sair. E dito isto, quisera que vós vos adequásseis às regras da abadia."

"Mas vós não excluístes que Adelmo possa ter sido lançado por uma das janelas da biblioteca. E como posso raciocinar sobre sua morte se não vejo o lugar em que poderia ter tido início a história de sua morte?" "Frei Guilherme", disse o Abade em tom conciliador, "um homem que descreveu meu cavalo Brunello sem vê-lo e a morte de Adelmo sem saber quase nada sobre ela, não terá dificuldade de raciocinar sobre lugares aos quais não tem acesso."

Frei Guilherme inclinou-se: "Sois sábio mesmo quando sois severo. Como quiserdes."

"Se é que sou sábio, é porque sei ser severo", respondeu o Abade.

"Uma última coisa", pediu Guilherme. "Ubertino?"

"Está aqui. Espera-vos. Vós o encontrareis na igreja."

"Quando?"

"Sempre", sorriu o Abade. "Sabeis que, embora muito douto, não é homem de prezar a biblioteca. Acha que é uma vaidade do século... Fica a maior parte do tempo na igreja para meditar, para rezar..."

"Está velho?" perguntou Guilherme hesitando.

"Desde quando não o vedes?"

"Há muitos anos."

"Está cansado. Muito desprendido das coisas deste mundo. Tem sessenta e oito anos. Mas acredito que tenha ainda o ânimo de sua juventude."

"Irei logo procurá-lo, agradeço-vos."

O Abade perguntou-lhe se não queria unir-se à comunidade para o jantar, após a sesta. Guilherme disse que acabara de comer, e muito satisfatoriamente, e que preferiria ver logo Ubertino. O Abade despediu-se.

Estava saindo da cela quando elevou-se do pátio um grito dilacerante, como de pessoa ferida de morte, ao qual se seguiram outros lamentos igualmente atrozes. "O que é?!" perguntou Guilherme, desconcertado. "Nada", respondeu o Abade sorrindo. "Nesta época do ano estão matando os porcos. Um trabalho para os porqueiros. Não é desse sangue que devereis vos ocupar."

Saiu, e desmentiu sua fama de homem perspicaz. Porque na manhã seguinte... Mas freia tua impaciência, língua minha petulante. Pois no dia a que me refiro, e antes da noite, aconteceram ainda muitas coisas que será bom contar.

Primeiro dia

SEXTA

Onde Adso admira o portal da igreja e Guilherme reencontra Ubertino de Casale.

A igreja não era majestosa como outras que vi depois em Estrasburgo, em Chartres, em Bamberg e em Paris. Parecia-se mais com as que já vira na Itália, pouco inclinadas a elevar-se vertiginosamente aos céus e solidamente plantadas no chão, freqüentemente mais largas que altas; mas a um primeiro nível ela era encimada, como uma rocha, por uma série de ameias quadradas, e sobre esse andar se elevava uma segunda construção, mais que uma torre, uma sólida segunda igreja sobranceada por um telhado em ponta e transpassada de severas janelas. Robusta igreja abacial como aquelas que os nossos antigos construíam na Provença e Língua d'Oc, distante dos arrojos e do excesso de ornamentos próprios do estilo moderno, que somente em tempos mais recentes, penso, foi enriquecida, acima do coro, com uma agulha ousadamente apontada para a abóbada celeste.

Duas colunas retas e polidas frenteavam a entrada, que à primeira vista aparecia como um único grande arco: e das colunas bifurcavam-se dois contrafortes que, encimados por outros e múltiplos arcos, conduziam o olhar, como no coração do abismo, para o portal verdadeiro, que se entrevia na sombra, encimado por um imenso tímpano, sustentado nos lados por dois pilares e no centro por uma pilastra esculpida, a qual subdividia a entrada em duas aberturas, protegidas por portas de carvalho reforçadas de metal. Àquela hora do dia o sol pálido batia quase a pino sobre o telhado e a luz caía de soslaio sobre a fachada sem iluminar o tímpano: de modo que, separadas as duas colunas, nos encontramos de repente sob a abóbada quase silvestre das arcadas que partiam da seqüência de colunas menores que, proporcionalmente, reforçavam os contrafortes. Habituados finalmente os olhos à penumbra, de repente o mudo discurso da pedra historiada, acessível como era imediatamente à vista e à fantasia de qualquer um (porque pictura est laicorum

literatura), fulgurou-me o olhar e mergulhou-me numa visão da qual ainda hoje a custo a minha língua consegue dizer.

Vi um trono posto no céu e alguém assentado no trono. O rosto do Assentado era severo e impassível, os olhos escancarados e dardejantes por sobre uma humanidade terrestre chegada ao fim de suas vicissitudes, os cabelos e a barba majestosos que recaíam sobre o rosto e o peito como as águas de um rio, em riachos todos iguais e simetricamente bipartidos. A coroa que trazia sobre a cabeça era rica em esmaltes e gemas, a túnica imperial cor de púrpura dispunha-se em amplas volutas sobre seus joelhos, tecida de recamos e rendilhas de fios de ouro e de prata. A mão esquerda, firme sobre os joelhos, segurava um livro lacrado, a direita estava levantada em atitude não sei se bendizente ou ameaçadora. O rosto era iluminado pela tremenda beleza de um nimbo cruciforme e florido, e vi brilhar em torno do trono e sobre a cabeça do Assentado um arco-íris de esmeralda. Diante do trono, sob os pés do Assentado, escorria um mar de cristal e em torno dele, em torno do trono e em cima do trono, quatro animais terríveis — eu vi— terríveis para mim que os olhava absorto, mas dóceis e doces para o Assentado, de quem cantavam os encômios sem descanso.

Aliás, nem todos podiam se dizer terríveis, porque belo e gentil pareceu-me o homem que à minha esquerda (e à direita do Assentado) estendia um livro. Porém horrenda me apareceu do lado oposto uma águia, o bico dilatado, as penas hirtas dispostas como loriga, as garras possantes, as grandes asas abertas. E aos pés do Assentado, embaixo das duas primeiras figuras, mais duas, um touro e um leão, cada um dos dois monstros apertando entre as garras e os cascos um livro, o corpo virado para fora do trono mas a cabeça para o trono, como torcendo o dorso e o colo num ímpeto feroz, os flancos palpitantes, os membros de besta que agoniza, as fauces escancaradas, as caudas enroladas e retorcidas como serpentes terminando na ponta em línguas de fogo. Ambos alados, ambos coroados por uma aura, malgrado a aparência formidável, não eram criaturas do inferno, mas do céu, e se tremendos pareciam era porque rugiam em adoração a um Vindouro que julgaria os vivos e os mortos.

Em volta do trono, ao lado dos quatro animais e sob os pés do Assentado, como vistos em transparência sob as águas do mar de cristal, quase a preencher todo o espaço da visão, compostos de acordo com a estrutura triangular do tímpano, elevando-se de uma base de sete em sete, depois de três em três e em seguida de dois em dois, ao lado do trono, estavam vinte e quatro anciãos, em vinte e quatro pequenos tronos, revestidos de vestes brancas e coroados de ouro. Um tinha na

mão uma viola, outro uma taça de perfumes, e apenas um tocava, todos os demais arrebatados em êxtase, o rosto voltado para o Assentado de quem cantavam os louvores, os membros também eles contorcidos como os dos animais, de modo a todos poderem ver o Assentado, mas não de modo feroz, antes com movimentos de dança extática — como decerto dançara Davi em volta da arca — de modo que por toda parte eles fossem suas pupilas, contra a lei que governava a estatura dos corpos, e convergissem no mesmo fúlgido ponto. Oh, que consonância de abandonos e arremessos, de posturas afetadas e no entanto graciosas, naquela linguagem mística de membros miraculosamente libertos do peso da matéria corporal, signata quantidade infusa por nova forma substancial, como se a sagrada multidão fosse fustigada por um vento impetuoso, sopro de vida, frenesi de deleite, júbilo de aleluias tornado prodigiosamente, de som que era, imagem.

Corpos e membros habitados pelo Espírito, iluminados pela revelação, transtornados os rostos pelo estupor, exaltados os olhares pelo entusiasmo, inflamadas as faces pelo amor, dilatadas as pupilas pela beatitude, fulgurado um por uma deleitável consternação, traspassado outro por um consternado deleite, um transfigurado pela admiração, outro rejuvenescido pelo gáudio, ei-los todos a cantar com a expressão dos rostos, com o panejamento das túnicas, com o cenho e a tensão dos membros, um cântico novo, os lábios semi-abertos num sorriso de louvação perene. E embaixo dos pés dos anciãos, e arqueados por cima deles e por cima do trono e por cima do grupo tetraforme, dispostos em filas simétricas, distinguíveis a custo um do outro tanto a sabedoria da arte os tornara mutuamente proporcionais, iguais na variedade e variados na unidade, únicos na diversidade e diversos em sua apta coadunação, em admirável congruência de partes com deleitável suavidade de tintas, milagre de consonância e concórdia de vozes dissímeis entre si, conexão disposta igual às cordas da lira, consentânea e conspirante cognação continuada por profunda e interna força apta a operar o unívoco no próprio jogo alternado dos equívocos, ornato e colação de criaturas irredutíveis sucessivamente e sucessivamente reduzidas, obra de amorosa conexão regida por uma regra celestial e mundana ao mesmo tempo (vínculo e estável nexo de paz, amor, virtude, regime, poder, ordem, origem, vida, luz, esplendor, aparência e figura), e qualidade resplendente pelo reluzir da forma sobre as partes harmoniosas da matéria — eis que se entrelaçavam todas as flores e as folhas e as gavinhas e os céspedes e os corimbos de todas as ervas de que são adornados os jardins da terra, e do céu, a violeta, o citiso, o serpilho, o lírio, o ligustro, o narciso, a colocásia, o acanto, o malóbatro, a mirra e as opobalsameiras.

Porém, quando minh'alma, enlevada por aquele concerto de belezas terrenas e de majestosos sinais sobrenaturais, estava prestes a explodir num cântico de alegria, o olho, acompanhando o ritmo harmonioso das rosáceas floridas aos pés dos anciões, caiu sobre as figuras que, entrelaçadas, formavam um todo com a pilastra central que sustinha o tímpano. O que eram e que mensagem simbólica comunicavam os três casais de leões entrelaçados em cruz transversalmente disposta, rompantes como arcos, fincando as patas posteriores no chão e apoiando as anteriores no dorso de seu companheiro, a juba emaranhada em volutas serpentinas, a boca aberta num rugido ameaçador, ligadas ao corpo da própria pilastra por um amálgama, ou um ninho, de gavinhas? Para acalmar o meu espírito, como talvez haviam sido postos para amestrar a natureza diabólica dos leões e transformá-los em simbólica alusão às coisas superiores, nas laterais da pilastra havia duas figuras humanas, inaturalmente longas quanto a mesma coluna e gêmeas de outras duas que simetricamente, de ambos os lados, as fronteavam sobre os pilares historiados nos lados externos, onde cada uma das portas de carvalho tinha os seus umbrais: eram então quatro figuras de anciãos, por cujas parafernálias reconheci Pedro e Paulo, Jeremias e Isaías, retorcidos eles também como num passo de dança, as longas mãos ossudas elevadas em dedos tesos como asas, e como asas as barbas e os cabelos movidos por um vento profético, as dobras das vestes longuíssimas agitadas por longuíssimas pernas, dando vida a ondas e volutas, opostos aos leões mas da mesma matéria que eles. Enquanto retraía o olho fascinado pela enigmática polifania de membros santos e de lagartos infernais, vi ao lado do portal, e sob as arcadas profundas, por vezes historiados nos contrafortes no espaço entre as exíguas colunas que os sustinham e adornavam, e ainda sobre a densa vegetação dos capitéis de cada uma das colunas, e dali ramificando-se para a abóbada silvestre das múltiplas arcadas, outras visões horríveis de se ver, e justificadas naquele lugar apenas por sua força parabólica e alegórica ou pelo ensinamento moral que transmitiam: e vi uma fêmea luxuriosa nua e descarnada, roída por imundos sapos, sugada por serpentes, acasalada a um sátiro de ventre inchado e pernas de grifo cobertas de híspidos pêlos, a goela obscena que urrava a própria danação, e vi um avaro, na rigidez da morte sobre o seu leito suntuosamente colunado, já presa imbele de uma coorte de demônios dos quais um lhe arrancava da boca estertorante a alma em forma de infante (infelizmente nunca mais nascituro para a vida eterna), e vi um orgulhoso nas costas de quem um demônio se instalava, fincando-lhe as garras nos olhos, enquanto outros dois gulosos se dilaceravam num corpo a corpo repugnante, e

mais criaturas ainda, cabeça de bode, pele de leão, fauces de pantera, prisioneiras de uma selva de chamas das quais era possível sentir o hálito ardente. E ao redor deles, entremeados a eles, acima deles e sob seus pés, outros rostos e outros membros, um homem e uma mulher que se aferravam pelos cabelos, duas áspides que sugavam os olhos de um danado, um homem escarnecedor que arreganhava com as mãos aduncas as fauces de uma hidra, e todos os animais do bestiário de Satanás, reunidos em consistório e postos à guarda e coroa do trono que os frenteava, a cantar-lhe a glória com a sua derrota, faunos, seres de duplo sexo, brutos com mãos de seis dedos, sereias, hipocentauros, górgonas, harpias, íncubos, dracontópodes, minotauros, linces, leopardos, quimeras, cenóperos de focinho de cão que lançavam fogo pelas narinas, dentiranos, policaudados, serpentes peludas, salamandras, víboras, quelídeos, colubrinos, bicípites com o dorso armado de dentes, hienas, lontras, gralhas, crocodilos, hidropos com chifres de serra, rãs, grifos, símios, cinocéfalos, leucrotos, manticoras, abutres, tharandas, doninhas, dragões, poupas, corujas, basiliscos, ypnales, présteros, spectafigos, escorpiões, sauros, cetáceos, scitais, anfisbenas, jáculos, dipsades, sardões, pólipos, moréias e tartarugas. A população inteira dos infernos parecia ter combinado encontro para servir de vestíbulo, selva obscura, landa desesperada da exclusão, à aparição do Assentado do tímpano, ao seu rosto promitente e ameaçador, estes, os vencidos do Armagedom, defronte a quem virá separar definitivamente os vivos dos mortos. E desfalecido (quase) ante aquela visão, incerto já agora se me achava num lugar amigo ou no vale do juízo final, pasmei, e a custo contive o pranto, e pareceu-me ouvir (ou ouvi deveras?) a voz e vi aquelas visões que tinham acompanhado a minha meninice de noviço, as minhas primeiras leituras dos livros sagrados e as noites de meditação no coro de Melk, e no delíquio dos meus sensos enfraquecidos e frágeis ouvi uma voz potente como uma trompa que dizia "o que estás vendo escreve-o num livro" (e é o que estou fazendo agora), e vi sete lâmpadas de ouro e no meio das lâmpadas Um semelhante a um filho do homem, cingido ao peito por uma faixa de ouro, cândidos a cabeça e os cabelos qual cândida lã, os olhos como chama de fogo, os pés como bronze ardente na fornalha, a voz como o fragor de muitas águas, e segurava na direita sete estrelas e da boca saía-lhe uma espada de duplo fio. E vi uma porta aberta no Céu e Aquele que estava sentado pareceu-me de jaspe e sardônio e um arco-íris envolvia o trono e do trono saíam relâmpagos e trovões. E o Assentado tomou nas mãos uma foice afiada e gritou: "Vibra tua foice e ceifa, é chegada a hora de ceifar porque está madura a messe da terra", e Aquele que estava sentado vibrou sua foice e a terra foi ceifada.

Foi então que compreendi que de outra coisa não falava a visão, senão do que estava acontecendo na abadia e tínhamos colhido dos lábios reticentes do Abade — e quantas vezes nos dias seguintes eu não tornei a contemplar o portal, certo de estar vivendo o mesmo acontecimento que ele narrava. E compreendi que subíramos ali para ser testemunhas de uma grande e celestial carnificina.

Tremi, como banhado pela chuva gélida do inverno. E ouvi outra vez ainda, que desta vez vinha das minhas costas e era uma voz diferente, porque partia da terra e não do centro fulgurante de minha visão; antes despedaçava a visão porque Guilherme (àquela altura senti novamente a presença dele), até então perdido ele também na contemplação, virava-se como eu.

O ser às nossas costas parecia um monge, mesmo que a túnica suja e rota o fizesse parecer antes um vagabundo, o seu rosto não era diferente daqueles dos monstros que eu acabara de ver nos capitéis. Nunca me aconteceu na vida, como acontece ao contrário a muitos confrades meus, de ser visitado pelo diabo, mas acredito que se ele fosse me aparecer um dia, incapaz por decreto divino de ocultar plenamente sua natureza mesmo querendo fazer-se semelhante ao homem, não teria feições diferentes das que me apresentava naquele instante o nosso interlocutor. A cabeça tosada, mas não por penitência, porém pela ação remota de algum viscoso eczema, a testa curta, pois se tivesse tido cabelos na cabeça eles se confundiriam com as sobrancelhas (que as tinha densas e incultas), os olhos redondos, de pupilas pequenas e mobilíssimas, e o olhar não sei se inocente ou maligno, quiçá entre ambas as coisas, de vez em quando e em momentos diferentes. O nariz não podia dizer-se tal a não ser por causa de um osso que partia da metade dos olhos, mas assim como se destacava do rosto logo nele entrava de novo, transformando-se em nada mais que duas escuras cavernas, narinas muito amplas e densas de pêlos. A boca, unida às narinas por uma cicatriz, era ampla e tosca, mais esticada à direita do que à esquerda, e entre o lábio superior, inexistente, e o inferior, protuberante e carnudo, emergiam em ritmo irregular dentes negros e afiados como os de um cão.

O homem sorriu (ou pelo menos assim pensei) e, levantando o dedo como para advertir, disse:

"Penitenziagite! Vide quando draco venturus est a rodegarla a tua alma! La mortz est super nos! Implora que venha o santo papa para liberar-nos a malo de

todas le peccata! Ah, ah, vos praz ista nicromancia de Domini Nostri Iesu Christi! Et anco jois m'es dols e plazer m'es dolors... Cave el diabolo! Semper m'aguaita num canto qualquer para adentarme os calcanhares. Mas Salvatore não est insipiens! Bonum monasterium, e aqui se manja e se reza dominum nostrum. Et el resto valet um figo seco. Et amém. Não é?"

Deverei, no prosseguimento desta história, falar ainda, e muito, desta criatura e relatar suas conversas. Confesso que me resulta muito difícil fazê-lo porque não saberia dizer agora, como não compreendia então, que espécie de língua ele falava. Não era o latim, em que nos expressávamos entre homens letrados na abadia, não era o vulgar daquelas terras, nem outro vulgar que eu tivesse ouvido. Creio ter dado uma pálida idéia de seu modo de falar relatando pouco acima (tanto quanto me lembro) as primeiras palavras que dele ouvi. Quando mais tarde soube de sua vida aventureira e dos vários lugares em que vivera, sem encontrar raízes em nenhum, percebi que Salvatore falava todas as línguas, e nenhuma. Ou seja, inventara uma língua própria que usava enxertos das línguas com que entrara em contato — e uma vez cheguei a pensar que a sua era, não a língua adâmica que a humanidade feliz falara, todos unidos por um só dizer, das origens do mundo até a torre de Babel, e sequer uma das línguas surgidas após o funesto evento de sua divisão, mas justamente a língua babélica do primeiro dia após o castigo divino, a língua da confusão primeva. Nem por outro lado poderia chamar de língua a fala de Salvatore, porque em todas as línguas humanas há regras e cada termo significa ad placitum uma coisa, segundo uma lei que não muda, porque o homem não pode chamar o cão uma vez de cão e outra de gato, nem pronunciar sons aos quais o consenso das gentes não tenha dado um sentido definido, como aconteceria a quem dissesse a palavra "blitiri". Todavia, bem ou mal, eu entendia o que Salvatore queria dizer, e os outros também. Digo que ele falava não uma, mas todas as línguas, nenhuma de modo correto, tomando suas palavras ora de uma ora de outra. Percebi também em seguida que ele podia nomear uma coisa ora em latim, ora em provençal, e me dei conta de que, mais que inventar as próprias frases, ele usava disiecta membra de outras frases, ouvidas um dia, de acordo com a situação e com as coisas que queria dizer, como se conseguisse falar de uma comida, quero dizer, somente com as palavras das pessoas perto de quem comera a comida, e exprimir sua alegria somente com sentenças que ouvira pessoas alegres dizerem, no dia que provara semelhante alegria. Era como se sua fala fosse igual à sua cara, composta de pedaços de caras de outrem, ou como vi outrora preciosos relicários (se licet magnis componere parva, ou às coisas divinas as

diabólicas) que nasciam dos restos de outros objetos sagrados. Naquele momento em que o encontrei pela primeira vez, Salvatore me pareceu, quer pelo rosto, quer pelo modo de falar, um ser não diferente dos cruzamentos peludos e ungulados que acabara de ver sobre o portal. Mais tarde certifiquei-me de que o homem tinha talvez um bom coração e humor brincalhão. Mais tarde ainda... Mas vamos por ordem. Mesmo porque, mal acabara de falar, meu mestre o interrogou com muita curiosidade.

"Por que disseste penitenziagite?" perguntou.

"Domine frate magnificentisimo", respondeu Salvatore com uma espécie de inclinação, "Jesus venturus est et os homens debent facere penitentia. Não é?"

Guilherme fitou-o fixamente: "Tu vieste para cá de um convento de menoritas?"

"Não entendo."

"Pergunto se tu viveste entre os frades de São Francisco, pergunto se conheceste os assim chamados apóstolos..."

Salvatore empalideceu, seu rosto bronzeado e beluíno tornou-se cinzento. Inclinou-se profundamente, pronunciou entre dentes um "vade retro", persignou-se devotamente e fugiu olhando para trás de vez em quando.

"O que vós lhe perguntastes?" quis saber de Guilherme.

Ele ficou um pouco pensativo. "Não importa, depois te conto. Entremos agora. Quero encontrar Ubertino."

Transcorrera há pouco a sexta hora. O sol, pálido, penetrava do ocidente, e depois pelas poucas e delgadas janelas, no interior da igreja. Uma nesga fina de luz tocava ainda o altar-mor, cujo pálio pareceu-me estar reluzindo de um fulgor áureo. As naves laterais permaneciam imersas na penumbra.

Perto da última capela antes do altar, na nave da esquerda, erguia-se uma fina coluna sobre a qual ficava uma Virgem de pedra, esculpida no estilo dos modernos, de sorriso inefável, o ventre proeminente, o menino nos braços, vestida com um hábito gracioso, com um delicado corpete. Aos pés da Virgem, em prece, quase prostrado, estava um homem, vestido com os hábitos da ordem cluniacense.

Apressamo-nos. O homem, escutando o rumor dos nossos passos, ergueu o rosto. Era um ancião, de rosto glabro, o crânio sem cabelos, os grandes olhos celestes, uma boca fina e vermelha, a pele cândida, a caveira ossuda à qual a pele aderia como se fosse uma múmia conservada no leite. As mãos eram brancas, os dedos longos e finos. Parecia uma menina emurchecida por uma morte precoce. Pousou sobre nós primeiro um olhar perdido, como se o tivéssemos perturbado durante uma visão estática, depois seu rosto se iluminou de alegria.

"Guilherme!" exclamou. "Meu irmão querido!" Levantou-se com esforço e veio ao encontro do meu mestre, abraçando-o e beijando-o na boca. "Guilherme!" repetiu, e os olhos se lhe umedeceram de pranto. "Quanto tempo! Mas eu te reconheço ainda! Quanto tempo, quantas vicissitudes! Quantas provas o Senhor nos tem imposto!" Chorou. Guilherme retribuiu o abraço, evidentemente comovido. Achávamo-nos diante de Ubertino de Casale.

Já ouvira falar dele e muito, mesmo antes de vir à Itália, e ainda mais freqüentando os franciscanos da corte imperial. Alguém até me disse que o maior poeta daqueles tempos, Dante Alighieri de Florença, morto há poucos anos, tinha composto um poema (que eu não pude ler porque estava escrito no vulgar toscano) no qual entremeteram-se o céu e a terra, e do qual muitos versos não passavam de uma paráfrase de trechos escritos por Ubertino em seu Arbor vitae crucifixae. Nem esse era o único título de mérito daquele homem famoso. Mas para permitir ao meu leitor que melhor compreenda a importância daquele encontro, deverei procurar reconstruir os acontecimentos daqueles anos, de modo como os compreendera durante minha breve estada na Itália central, pelas palavras esparsas de meu mestre, e ouvindo os muitos colóquios que Guilherme tivera com abades e monges no curso de nossa viagem.

Procurarei dizer deles o que compreendera, ainda que não esteja certo de fazê-lo bem. Meus mestres de Melk disseram-me freqüentemente que é muito difícil para um nórdico entender claramente os acontecimentos religiosos e políticos da Itália.

A península, na qual o poder do clero era evidentemente maior que em outros países, e na qual mais que em qualquer outro país o clero ostentava poder e riqueza, havia gerado, há pelo menos dois séculos, movimentos de homens voltados a uma vida mais pobre, em polêmica com os padres corruptos, dos quais recusavam até os sacramentos, reunindo-se em comunidades autônomas, ao mesmo tempo malvistas pelos senhores, pelo império e pelas magistraturas citadinas.

Por fim apareceu São Francisco, e difundia um amor à pobreza que não contradizia os preceitos da igreja, e por obra sua a igreja tinha acolhido o apelo à severidade dos costumes dos antigos movimentos, e os tinha purificado dos elementos de desordem que neles se aninhavam. Deveria seguir-se a isso uma época de brandura e santidade, porém, como a ordem franciscana crescia e atraía para si os melhores homens, tornava-se muito poderosa e ligada a negócios terrenos, e muitos franciscanos quiseram reconduzi-la à pureza de outrora. Coisa

bastante difícil para uma ordem que, no tempo em que estava na abadia, já contava com mais de trinta mil membros espalhados em todo o mundo. Mas assim é, e muitos desses frades de São Francisco opunham-se à regra que a ordem se impusera, dizendo que a ordem estava assumindo os modos daquelas instituições eclesiásticas para cuja reforma ele tinha nascido. E que isso já acontecera nos tempos em que Francisco era vivo, e que suas palavras e seus propósitos tinham sido traídos. Muitos desses redescobriram, então, o livro de um monge cisterciense que escrevera em princípios do século XII de nossa era, chamado Joaquim, e a quem era atribuído o dom da profecia... De fato ele previra o advento de uma nova era, na qual o espírito de Cristo, há muito corrompido por obra de seus falsos apóstolos, realizar-se-ia de novo sobre a Terra. E anunciara em termos tais que a todos parecera claro que ele estivesse falando, sem saber, da ordem franciscana. E com isso muitos franciscanos tinham se alegrado bastante, parece que demais, tanto que em meados do século, em Paris, os doutores da Sorbonne condenaram as proposições daquele abade Joaquim, mas parece que o fizeram porque os franciscanos (e os dominicanos) estavam se tornando poderosos demais, e sábios, na universidade de França, e pretendia-se eliminá-los como heréticos. O que depois não se fez e foi um grande bem para a igreja, porque isso permitiu que fossem divulgadas as obras de Tomás de Aquino e de Boaventura de Bagnoregio, que certamente não eram heréticos. Onde se vê que também em Paris as idéias eram confusas, ou alguém queria confundi-las em seu interesse próprio. E este é o mal que a heresia faz ao povo cristão, tornando obscuras as idéias e levando todos a se tornarem inquisidores em benefício próprio. Tudo o que vi na abadia depois (que relatarei mais tarde) me fez pensar que freqüentemente são os inquisidores a criar os hereges. E não apenas no sentido que eles os imaginam quando não existem, mas no sentido que reprimem com tanta veemência a praga herética a ponto de impelir muitos a se tornarem partícipes, por ódio a eles. Na verdade, um círculo imaginado pelo demônio, que Deus nos livre.

Mas falava da heresia (se é que foi isso) joaquimita. E viu-se na Toscana um franciscano, Gerardo de Burgo San Donnino, evocar as predições de Joaquim e impressionar muito o ambiente dos menores.

Surgiu deste modo entre eles uma fileira de sustentadores da regra antiga, contra a reorganização da ordem tentada pelo grande Boaventura, que dela se tornara geral. Nos últimos trinta anos do século passado, quando o concílio de Lyon, salvando a ordem franciscana contra quem a queria abolir, concedeu-lhe a propriedade de todos os bens que tinha em uso, como já era de lei para as ordens

mais antigas, alguns frades na região das Marcas se rebelaram, porque acharam que o espírito da regra tinha sido definitivamente traído, enquanto um franciscano não deve possuir nada, nem como pessoa, nem como convento, nem como ordem. Foram condenados à prisão perpétua. Não me parece que pregassem coisas contrárias ao evangelho, mas quando entra em jogo a posse das coisas terrenas é difícil que os homens raciocinem com justiça. Disseram-me que, anos mais tarde, o novo geral da ordem, Raimondo Ganfredi, ao encontrar os prisioneiros em Ancona, libertando-os, disse: "Quisesse Deus que todos nós e toda a ordem fôssemos maculados por tal culpa." Sinal de que não é verdade o que dizem os hereges e na igreja vivem ainda homens de grande virtude.

Estava, entre os prisioneiros libertados, Angelo Clareno, que se encontrou depois com um frade de Provença, Pietro de Giovanni Olivi, que pregava as profecias de Joaquim e depois com Ubertino de Casale, e daí nasceu o movimento dos espirituais. Subia aquele ano ao sólio pontifício um santo eremita, Pietro de Morrone, que reinou como Celestino V, e que foi acolhido com alívio pelos espirituais: "Aparecerá um santo", tinha sido dito, "e seguirá os ensinamentos de Cristo, levará vida angélica, tremei prelados corruptos." Quem sabe Celestino levasse vida angélica demais, ou os prelados à sua volta fossem por demais corruptos, ou não conseguisse suportar a tensão de uma guerra já demasiado longa com o imperador e com os outros reis da Europa; o fato é que Celestino renunciou à sua dignidade e retirou-se para um eremitério. Mas no breve período de seu reinado, menos de um ano, as esperanças dos espirituais foram todas satisfeitas: eles foram a Celestino que com eles fundou a comunidade dita dos fratres et pauperes heremitae domini Celestini. Por outro lado, enquanto o papa devia servir de mediador entre os mais poderosos cardeais de Roma, houve alguns como Colonna e Orsini, que secretamente sustinham as novas tendências de pobreza: escolha realmente curiosa para homens poderosíssimos que viviam entre comodidades e riquezas desmedidas, e nunca compreendi se simplesmente usavam os espirituais para seus fins de governo ou de algum modo se achavam justificados em sua vida carnal por sustentar as tendências espirituais; e talvez fossem verdade ambas as coisas, pelo pouco que eu compreendo dos assuntos italianos. Mas para dar um exemplo, Ubertino fora acolhido como capelão do cardeal Orsini quando, tendo se tornado o mais ouvido dos espirituais, corria risco de ser acusado de heresia. E o mesmo cardeal servira-lhe de escudo em Avignon.

Como acontece em tais casos, de um lado Angelo e Ubertino pregavam segundo a doutrina, de outro grandes massas simplesmente aceitavam a pregação deles e

se espalhavam pelo país, para além de qualquer controle. Assim a Itália foi invadida por esses fraticelli ou frades de vida pobre que para muitos pareceram perigosos. Nessa altura já era difícil distinguir os mestres espirituais, que mantinham contato com as autoridades eclesiásticas, e seus sequazes mais simples, que agora viviam humildemente fora das ordens, pedindo esmola e vivendo dia a dia do trabalho das próprias mãos, sem deter propriedade alguma. E esses são os que a voz pública chamava fraticelli, pouco diferentes dos beguinos franceses, que se inspiravam em Pietro de Giovanni Olivi.

Celestino V foi substituído por Bonifácio VIII e este papa apressou-se em demonstrar muito pouca indulgência para com os espirituais e fraticelli em geral: justamente nos últimos anos do século que morria assinou uma bula, Firma cautela, em que condenava com um único golpe carolas, esmoleiros e andarilhos no limite extremo da ordem franciscana, e os próprios espirituais, ou seja, os que se subtraíam à vida da ordem para se tornarem eremitas.

Os espirituais tentaram depois obter o consenso de outros pontífices, como Clemente V, para poderem separar-se da ordem de modo não violento. Creio que teriam conseguido, mas o advento de João XXII tirou-lhes qualquer esperança. Sendo eleito em 1316, ele escreveu ao rei da Sicília para que expulsasse esses frades de suas terras, porque muitos tinham se refugiado por lá: e fez conduzir ao cepo Angelo Clareno e os espirituais de Provença.

Não deve ter sido uma empresa fácil e muitos na cúria resistiram a ela. O fato é que Ubertino e Clareno conseguiram a liberdade de abandonar a ordem e foram acolhidos, um pelos beneditinos e outro pelos celestinos. Mas para com os que continuaram levando sua vida em liberdade, João não teve piedade e os fez perseguir pela inquisição e muitos foram queimados.

Ele compreendera todavia que para destruir a erva daninha dos fraticelli, que minavam nas bases a autoridade da igreja, era preciso condenar as proposições sobre as quais eles fundamentavam sua fé. Sustinham que Cristo e os apóstolos não tinham tido qualquer propriedade, nem individual nem em comum, e o papa condenou como herética esta idéia. Fato assombroso, já que não se vê por que, afinal, um papa deva achar perversa a idéia de que Cristo fosse pobre: mas é que justamente um ano antes tivera lugar o capítulo geral dos franciscanos em Perugia, que sustivera essa opinião, e condenando uns o papa condenava também o outro. Como já disse, o capítulo causava grande prejuízo à sua luta contra o imperador, o fato é este. Assim, desde então, muitos fraticelli, que nada sabiam nem do império nem de Perugia, morreram queimados.

Estava pensando tais coisas ao olhar uma personagem lendária como Ubertino. Meu mestre tinha me apresentado e o velho acariciava-me uma das faces, com mão quente, quase ardente. Ao toque daquela mão compreendi muitas das coisas que ouvira sobre aquele santo homem e outras que tinha lido das páginas do Arbor Vitae, entendi o fogo místico que o devorara desde a juventude, quando, apesar de estar estudando em Paris, se retirara das especulações teológicas e imaginara ter se transformado na penitente Madalena; e as relações intensas que tivera com Santa Ângela de Foligno por quem fora iniciado nos tesouros da vida mística e na adoração da cruz; e por que seus superiores um dia, preocupados com o ardor de sua pregação, enviaram-no em retiro para Verna.

Perscrutava aquele rosto, de traços doces como os da santa com que estivera em fraterno comércio de sentidos espirituais. Intuía que devia ter sabido assumir traços bem mais duros, quando, em 1311, o concílio de Viena, com a decretal Exivi de paradiso, eliminara os superiores franciscanos hostis aos espirituais, mas impusera aos últimos viver em paz no seio da ordem, e este campeão da renúncia não aceitara o prudente compromisso e se batera para que fosse constituída uma ordem independente, inspirada no máximo do rigor. Este grande combatente havia perdido então a sua batalha, porque naqueles anos João XXII propugnava uma cruzada contra os sequazes de Pietro de Giovanni Olivi (entre os quais ele próprio estava incluído) e condenava os frades de Narbona e Béziers. Mas Ubertino não hesitava em defender diante do papa a memória do amigo, e o papa, subjugado por sua santidade, não ousara condená-lo (ainda que depois condenasse os demais). Naquela ocasião, aliás, havia lhe oferecido um caminho de salvação, primeiro aconselhando-o e depois ordenando-lhe que entrasse na ordem cluniacense. Ubertino, que devia ser igualmente hábil (ele aparentemente tão desarmado e frágil) no conquistar para si proteções e alianças na corte pontifícia, aceitara, sim, entrar para o Mosteiro de Gemblach em Flandres, mas acredito que nem sequer tivesse ido lá, e permanecera em Avignon, sob as insígnias do cardeal Orsini, defendendo a causa dos franciscanos.

Somente nos últimos tempos (e os murmúrios que eu ouvira eram imprecisos) a sua sorte na corte declinara, precisou afastar-se de Avignon enquanto o papa mandava perseguir este homem indomável como herege que pelo mundum discurrit vagabundus. Dele, dizia-se, não havia mais rastros. À tarde tinha apreendido, pelo diálogo entre Guilherme e o Abade, que ele estava atualmente

escondido nesta abadia. E agora o via diante de mim.

"Guilherme", dizia, "estavam a ponto de me matar, sabe, precisei fugir de noite."

"Quem te queria morto? João?"

"Não. João nunca me amou, mas sempre me respeitou. No fundo foi ele quem me ofereceu um modo de escapar ao processo, há dez anos, impondo-me entrar para os beneditinos, com isso calava os meus inimigos. Murmuraram muito tempo, ironizavam sobre o fato de que um campeão da pobreza entrasse para uma ordem tão rica, e vivesse na corte do cardeal Orsini... Guilherme, tu sabes o quanto me prendo às coisas desta terra! Mas era o modo de ficar em Avignon e defender os meus confrades. O papa tem medo de Orsini, nunca me teria tocado num fio de cabelo. Ainda há três anos me enviou mensageiro do rei de Aragão."

"E então quem te queria mal?"

"Todos. A cúria. Tentaram me assassinar duas vezes. Tentaram me fazer calar. Tu sabes o que aconteceu há cinco anos. Tinham sido condenados dois anos antes os beguinos de Narbona e Berengário Talloni, que era um dos juízes, apelara ao papa. Eram momentos difíceis, João já emitira duas bulas contra os espirituais e o próprio Michele de Cesena acabara cedendo — a propósito, quando chega?"

"Estará aqui em dois dias."

"Michele... Tanto tempo que não o vejo. Agora voltou atrás, entende o que queríamos, o capítulo de Perugia nos deu razão. Mas então, ainda em 1318, cedeu ao papa e entregou-lhe em mãos cinco espirituais de Provença que resistiam à submissão. Queimados, Guilherme... Oh, é horrível!" Escondeu a cabeça entre as mãos.

"Mas o que aconteceu exatamente depois do apelo de Talloni?" perguntou Guilherme.

"João precisava reabrir o debate, entendes? Precisava, porque também na cúria havia homens tomados pela dúvida, inclusive os franciscanos da cúria, fariseus, sepulcros caiados, prontos a se venderem por uma prebenda, mas estavam tomados pela dúvida. Foi então que João me pediu para desenvolver uma memória sobre a pobreza. Ficou uma coisa bonita, Guilherme, Deus me perdoe a soberba..."

"Eu a li, Michele mostrou-ma."

"Havia os que titubeavam, também entre os nossos, o provincial de Aquitania, o cardeal de San Vitale, o bispo de Caffa..."

"Um imbecil", disse Guilherme.

"Que repouse em paz, Deus o chamou há dois anos."

"Deus não foi tão misericordioso. Foi uma notícia falsa chegada de Constantinopla. Ainda está entre nós, dizem que fará parte da legação. Deus nos proteja!"

"Mas é favorável ao capítulo de Perugia", disse Ubertino.

"Exatamente. Pertence à raça de homens que são sempre os melhores campeões de seu adversário."

"Para dizer a verdade", disse Ubertino, "mesmo naquela época, ele não valeu muito para a causa. E depois tudo terminou em nada, de fato, mas ao menos não ficou estabelecido que a idéia era herética, e isso foi importante. Por isso os outros nunca me perdoaram. Procuraram me prejudicar de todos os modos, disseram que estive em Sachsenhausen quando, há três anos, Ludovico proclamou João herético. Entretanto, todos sabiam que em julho estava em Avignon com Orsini... Acharam que partes da declaração do imperador refletiam as minhas idéias, que loucura."

"Nem tanto", disse Guilherme. "Quem lhe deu as idéias fui eu, tirando-as da tua declaração de Avignon, e de algumas páginas do Olivi."

"Tu?" exclamou, entre estupefato e alegre, Ubertino, "mas então me dás razão!..."

Guilherme pareceu embaraçado: "Eram boas idéias para o imperador, naquele momento", disse evasivamente.

Ubertino olhou-o com desconfiança. "Ah, mas tu não acreditas nisso realmente, não é?"

"Conta mais", disse Guilherme, "conta como te salvaste daqueles cães."

"Oh sim, aqueles cães, Guilherme. Cães raivosos. Achei-me combatendo com o próprio Bonagrazia, sabes?"

"Mas Bonagrazia de Bérgamo está conosco!"

"Agora, depois de eu lhe ter falado longamente. Somente àquela altura convenceu-se e protestou contra a Ad conditorem canonum. E o papa manteve-o preso por um ano."

"Ouvi dizer que agora está perto de um amigo meu que é da cúria, Guilherme de Ockham."

"Conheci-o pouco. Não me agrada. Um homem sem fervor, todo cabeça, nada coração."

"Mas é uma boa cabeça."

"Pode ser, mas o levará ao inferno."

"Então eu o encontrarei lá embaixo, e discutiremos lógica."

"Cala-te, Guilherme", disse Ubertino sorrindo com intenso afeto, "tu és melhor

que os teus filósofos. Se apenas tivesses querido...”

“O quê?”

“Quando nos vimos a última vez na Úmbria? Lembras? Mal me recuperava de meus males pela intercessão daquela mulher maravilhosa... Clara de Montefalco...”, murmurou com o rosto radiante, “Clara... Quando a natureza feminina, por sua natureza tão perversa, sublima-se na santidade, então sabe tornar-se o mais alto veículo da graça. Sabes como minha vida foi inspirada pela castidade mais pura, Guilherme” (apertava-lhe um braço, convulsamente), “sabes com que... feroz — sim, é a palavra exata — com que feroz sede de penitência tentei mortificar em mim as palpitações da carne, para tornar-me uma única transparência no amor de Jesus crucificado... entretanto três mulheres na minha vida foram para mim três mensageiras celestes. Ângela de Foligno, Margarida da cidade de Castello (que me antecipou o fim do meu livro quando eu ainda só escrevera dele um terço), e finalmente Clara de Montefalco. Foi um prêmio do céu que eu, justo eu, tivesse que indagar sobre seus milagres e proclamar sua santidade às multidões, antes que a santa madre igreja se movesse. E tu estavas lá, Guilherme, e podias me ajudar naquela santa empresa, e não quiseste...”

“Mas a santa empresa a que me convidavas era a de enviar à fogueira Bentivenga, Jacomo e Giovannuccio”, disse baixo Guilherme.

“Andavam ofuscando a memória dela, com suas perversões. E tu eras inquisidor!”

“E justamente naquela época pedi para ser aliviado daquele encargo. A história não me agradava. Não me agradou, serei franco, também o modo como induziste Bentivenga a confessar seus erros. Fingiste querer entrar para sua seita, se seita era, arrancaste os segredos dele e o fizeste deter.”

“Mas assim se procede contra os inimigos de Cristo! Eram hereges, eram pseudo-apóstolos, fediam ao enxofre de frei Dulcino!”

“Eram os amigos de Clara.”

“Não, Guilherme, não toques sequer com uma sombra na memória de Clara!”

“Mas freqüentavam o seu grupo...”

“Eram menoritas, diziam-se espirituais, e ao contrário eram frades da comunidade! Mas sabes que ficou claro, na investigação, que Bentivenga de Gubbio proclamava-se apóstolo e depois com Giovannuccio de Bevagna seduzia as monjas dizendo-lhes que o inferno não existe, que se pode satisfazer desejos carnais sem ofender a Deus, que se pode receber o corpo de Cristo (Senhor, perdoa-me!) após ter deitado com uma monja, que para o Senhor foi mais aceita Madalena que a

virgem Agnes, que aquilo que o vulgo chama demônio é o próprio Deus, porque o demônio é a sabedoria e Deus nada mais é que sabedoria! E foi a beata Clara, após ter ouvido essas conversas, quem teve aquela visão em que o próprio Deus lhe disse que eles eram sequazes malvados do Spiritus Libertatis!"

"Eram menoritas com a mente iluminada pelas mesmas visões de Clara, e freqüentemente a distância entre visão extática e frenesi de pecado é mínima", disse Guilherme.

Ubertino apertou-lhe as mãos e os olhos se lhe velaram ainda de pranto: "Não digas uma coisa dessas, Guilherme. Como podes confundir o momento do amor extático, que te queima as vísceras com o perfume do incenso, e o desregramento dos sentidos, que sabe a enxofre? Bentivenga instigava a tocar os membros nus de um corpo, afirmava que só assim se obtém a liberação do império dos sentidos, homo nudus cum nuda iacebat..."

"Et non commiscebantur ad invicem..."

"Mentiras! Buscavam o prazer, se o estímulo carnal se fazia sentir, eles não achavam pecado que para aquietá-lo homem e mulher deitassem juntos, e um tocasse e beijasse o outro em todas as partes, e o primeiro conjugasse seu ventre nu com o ventre nu da outra!"

Confesso que o modo com que Ubertino estigmatizava o vício alheio não me induzia a pensamentos virtuosos. Meu mestre percebeu decerto que eu estava perturbado, e interrompeu o santo homem.

"És um espírito ardente, Ubertino, no amor a Deus como no ódio contra o mal. O que eu queria dizer é que há pouca diferença entre o amor dos Serafins e o ardor de Lúcifer, porque sempre nascem de um acender extremo da vontade."

"Oh, a diferença existe, e eu a conheço!", disse Ubertino inspirado. "Tu estás dizendo que entre desejar o bem e desejar o mal não há senão um passo, porque se trata sempre de dirigir a própria vontade. Isto é verdade. Mas a diferença está no objeto, e o objeto é reconhecível claramente. Aqui Deus, lá o diabo."

"Eu receio não saber distinguir mais, Ubertino. Não foi a tua Ângela de Foligno que contou sobre o dia em que, transportada em espírito, esteve no sepulcro de Cristo? Não disse como de início beijou-lhe o peito e o viu jazer com os olhos fechados, depois beijou-lhe a boca e sentiu subir daqueles lábios um indescritível perfume de doçuras, e após uma curta pausa pousou sua face sobre a face de Cristo e o Cristo aproximou sua mão da face dela e a apertou contra si e — ela assim o disse — seu júbilo tornou-se altíssimo?..."

"O que tem a ver isso com o ímpeto dos sentidos?" perguntou Ubertino. "Foi

uma experiência mística, e o corpo era o corpo de Nosso Senhor."

"Talvez me tenha habituado em Oxford", disse Guilherme, "onde mesmo a experiência mística era de outro gênero..."

"Toda na cabeça", sorriu Ubertino.

"Ou nos olhos. Deus sentido como luz, nos raios do sol, nas imagens dos espelhos, na difusão das cores sobre as partes da matéria ordenada, nos reflexos do dia nas folhas molhadas... Não está este amor mais próximo ao de Francisco quando louva a Deus através de suas criaturas, flores, ervas, água, ar? Não acredito que desse tipo de amor possa advir qualquer insídia. Enquanto não me agrada um amor que transfere no colóquio com o Altíssimo os estremecimentos que se experimentam nos contatos da carne..."

"Estás blasfemando, Guilherme! Não é a mesma coisa. Há um salto, imenso, para baixo, entre o êxtase do coração amante de Jesus Crucificado e o êxtase corrupto dos pseudo-apóstolos de Montefalco..."

"Não eram pseudo-apóstolos, eram irmãos do Espírito Livre, tu mesmo o disseste."

"E que diferença faz? Tu não ficaste sabendo de tudo sobre aquele processo, eu mesmo não tive coragem de colocar nas atas certas confissões, para não tocar sequer por um momento com a sombra do demônio a atmosfera de santidade que Clara criara naquele local. Mas fiquei sabendo de cada coisa, cada uma, Guilherme! Reuniam-se à noite numa cantina, pegavam um menino recém-nascido, jogavam-no um para o outro até que morresse, das batidas... ou de outra coisa... E aquele que o recebia vivo pela última vez, e entre suas mãos morria, tornava-se o chefe da seita... E o corpo do menino acabava dilacerado, e misturado à farinha, para fabricar hóstias blasfemas!"

"Ubertino", disse Guilherme com firmeza, "essas coisas foram ditas, há muitos séculos, pelos bispos armênios, da seita dos paulicianos. E dos bogomilos."

"E daí? O demônio é obtuso, segue um ritmo em suas insídias e seduções, repete os próprios ritos com milênios de distância, ele é sempre o mesmo, justamente por isso é reconhecido como inimigo! Juro-te, acendiam as velas, na noite de Páscoa, e traziam jovens à cantina. Depois apagavam as velas, e lançavam-se sobre elas, ainda que lhes fossem ligadas por laços de sangue... E se desse amplexo nascesse uma criança, recomeçava o rito infernal, todos ao redor de um vaso cheio de vinho, que chamavam barrilete, embriagando-se, e cortavam a criança em pedaços, derramavam-lhe o sangue numa taça, e atiravam crianças ainda vivas no fogo, e misturavam as cinzas da criança, seu sangue, e bebiam!"

"Mas isso foi escrito por Michele Psello no livro sobre as práticas do demônio, há trezentos anos! Quem te contou estas coisas?"

"Eles, Bentivenga e os outros, e sob tortura!"

"Se há uma coisa que excita mais os animais que o prazer é a dor. Vives, sob tortura, como sob o poder de ervas que provocam visões. Tudo o que ouviste contar, tudo o que leste, volta-te à cabeça, como se tu fosses transportado, não para o céu, mas para o inferno. Sob tortura dizes não só o que quer o inquisidor, mas também o que imaginas que possa dar-lhe prazer, porque se estabelece uma ligação (esta sim verdadeiramente diabólica) entre ambos... Essas coisas eu conheço, Ubertino, fiz parte eu também desses grupos de homens que acreditam produzir a verdade com o ferro incandescente. Pois bem, sabe-o, a incandescência da verdade é de outra chama. Sob tortura Bentivenga pode ter dito as mentiras mais absurdas, porque não era ele mais quem falava, era sua luxúria, os demônios de sua alma."

"Luxúria?"

"Sim, há uma luxúria da dor, como há uma luxúria da adoração e até uma luxúria da humildade. Se bastou tão pouco aos anjos rebeldes para mudar o seu ardor de adoração e humildade em ardor de soberba e revolta, o que dizer do ser humano? Bem, agora o sabes, foi este pensamento que me colheu no curso de minhas inquisições. E foi por isso que renunciei a essa atividade. Faltou-me coragem de inquirir sobre as fraquezas dos maus, porque descobri que são as mesmas fraquezas dos santos."

Ubertino escutara as últimas palavras de Guilherme como se não compreendesse o que ele estava dizendo. Pela expressão de seu rosto, cada vez mais inspirada por afetuosa comiseração, compreendi que ele achava Guilherme presa de sentimentos assaz culpáveis, que ele perdoava porque muito o amava.

Interrompeu-o, e disse em tom bastante amargo: "Não importa. Se sentias assim, fizeste bem em parar. É preciso combater as tentações. Porém faltou-me o teu apoio, e teríamos podido desbaratar aquela canalha. E ao contrário sabes o que aconteceu, eu mesmo fui acusado de ser fraco demais com eles, e tornei-me suspeito de heresia. Também tu foste fraco demais no combate ao mal. O mal, Guilherme: não findará jamais esta sina, esta sombra, esta lama que nos impede de tocar a origem?" Achegou-se ainda mais a Guilherme, como temeroso de que alguém o escutasse: "Aqui também, mesmo entre estas paredes consagradas à prece, estás sabendo?"

"Estou, o Abade me falou, pediu-me aliás para ajudá-lo a desvendar."

"E então espia, escava, olha com olhos de lince para duas direções, a luxúria e a soberba..."

"A luxúria?"

"Sim, a luxúria. Havia qualquer coisa de... de feminino, e portanto de diabólico naquele jovem que morreu. Tinha olhos de menina à procura de comércio com um íncubo. E também te falei da soberba, a soberba da mente, neste mosteiro consagrado ao orgulho da palavra, à ilusão da sabedoria..."

"Se sabes alguma coisa, ajuda-me."

"Não sei de nada. Não há nada que eu saiba. Porém certas coisas se sentem com o coração. Deixa falar o teu coração, interroga os rostos, não escutes as línguas... Ora, vamos, por que devemos falar dessas tristezas e amedrontar este nosso jovem amigo?" Fitou-me com seus olhos celestes, roçando minha face com seus dedos longos e brancos, e quase me veio o instinto de me retrair; contive-me e fiz bem, porque o teria ofendido, e sua intenção era pura. "Diz-me antes de ti", disse virando-se de novo para Guilherme. "O que andaste fazendo desde então? São passados..."

"Dezoito anos. Voltei à minha terra. Estudei ainda em Oxford. Estudei a natureza."

"A natureza é boa porque é filha de Deus", disse Ubertino.

"E Deus deve ser bom, se gerou a natureza", sorriu Guilherme. "Estudei, encontrei amigos muito sábios. Depois conheci Marsílio, atraíram-me suas idéias sobre o império, sobre o povo, sobre uma nova lei para os reinos da terra, e assim acabei no grupo dos nossos confrades que estão aconselhando o imperador. Mas essas coisas tu já sabes, eu te escrevi. Exultei quando em Bobbio me disseram que estavas aqui. Pensávamos que tu já tivesses desaparecido. Mas agora que estás conosco poderás ser-nos de grande ajuda dentro de alguns dias, quando Michele também chegar. Será um embate difícil."

"Não terei muito a dizer além do que disse há cinco anos em Avignon. Quem virá com Michele?"

"Uns que estiveram no capítulo de Perugia, Arnaldo d'Aquitania, Hugo de Newcastle..."

"Quem?" perguntou Ubertino.

"Hugo de Novocastro, desculpa-me, uso minha língua mesmo quando falo em bom latim. E depois Guilherme Alnwick. E da parte dos franciscanos de Avignon poderemos contar com Girolamo, o bobo de Caffa, e virão talvez Berengário Talloni e Bonagrazia de Bérgamo."

"Esperamos em Deus", disse Ubertino, "esses últimos não vão querer inimizar-se com o papa. E quem estará aqui para sustentar as posições da cúria, digo, entre os duros de coração?"

"Pelas cartas que me chegaram, imagino que estarão aqui Lourenço Decoalcone..."

"Um homem maligno."

"Jean d'Anneaux..."

"Esse é sutil em teologia, cuidado com ele."

"Cuidar-nos-emos. E finalmente Jean de Baune."

"Vai ter de se ver com Berengário Talloni."

"Sim, creio mesmo que nos divertiremos", disse meu mestre com ótimo humor. Ubertino olhou para ele com um sorriso incerto.

"Nunca sei quando vocês ingleses falam sério. Não há nada de divertido numa questão tão grave. Trata-se da sobrevivência da ordem, que é a sua e que no fundo do coração é a minha ainda. Mas eu suplicarei a Michele que não vá a Avignon. João o quer, procura-o, convida-o com demasiada insistência. Desconfiai do velho francês. Oh, Senhor, em que mãos caiu a tua igreja!" Virou a cabeça para o altar. "Transformada em meretriz, amolecida no luxo, envolta na luxúria como uma serpente no cio! Da pureza nua do estábulo de Belém, lenho como lenho foi o lignum vitae da cruz, aos bacanais de ouro e pedra, olha, até aqui, viste o portal, aqui não se escapa ao orgulho das imagens! Estão próximos finalmente os dias do Anticristo e eu tenho medo, Guilherme!" Olhou à sua volta, fixando o olhar estarrecido entre as naves escuras, como se o Anticristo fosse aparecer de um momento para outro, e eu, na verdade, esperava avistá-lo. "Os seus lugares-tenentes já estão aqui, enviados como Cristo enviou os apóstolos pelo mundo! Estão conculcando a cidade de Deus, seduzem com o engodo, a hipocrisia e a violência. Virá o momento em que Deus precisará enviar seus servos, Elias e Enoc, que ele conservou ainda em vida no paraíso terrestre para um dia confundir o Anticristo, e virão profetizar vestidos de saco, e anunciarão a penitência com o exemplo e com a palavra..."

"Já vieram, Ubertino", disse Guilherme, mostrando seu hábito de franciscano.

"Mas não venceram ainda, é o momento em que o Anticristo, cheio de furor, ordenará que se mate Enoc e Elias e seus corpos para que todos possam vê-los e temam querer imitá-los. Assim como queriam matar a mim..."

Naquele instante, aterrorizado, pensava que Ubertino estivesse presa de uma espécie de divina mania, e temi por sua razão. Agora, com a distância do tempo,

sabendo o que eu sei, isto é, que alguns anos mais tarde foi misteriosamente morto numa cidade alemã, e nunca se soube por quem, estou mais assustado ainda, porque evidentemente naquela tarde Ubertino estava profetizando.

"O abade Joaquim dissera a verdade. Chegamos à sexta era da história humana, em que aparecerão dois Anticristos, o Anticristo místico e o próprio Anticristo, isso acontece agora na sexta era, após o aparecimento de Francisco que configura em sua própria carne as cinco chagas de Jesus Crucificado. Bonifácio foi o Anticristo místico, e a abdicação de Celestino não foi válida. Bonifácio foi a besta que veio do mar, cujas sete cabeças representam as ofensas aos pecados capitais e os dez chifres as ofensas aos mandamentos, e os cardeais que o rodeavam eram as locustas, cujo corpo é Appolyon! Mas o número da besta, se se ler o nome em letras gregas, é Benedicti!" Fitou-me para ver se tinha compreendido e levantou-me um dedo advertindo-me. "Bento XI foi o próprio Anticristo, a besta que ascende da terra! Deus permitiu que tal monstro de vício e de iniqüidade governasse sua igreja para que as virtudes de seu sucessor resplandecessem de glória!"

"Mas santo padre", objetei com um fio de voz, tomando coragem, "seu sucessor é João!"

Ubertino pousou uma das mãos na testa como para apagar um sonho importuno. Respirava com esforço, estava cansado. "Pois é. Os cálculos estavam errados, estamos ainda esperando o papa angélico... Mas no entanto apareceram Francisco e Domingos." Elevou os olhos ao céu e disse como que rezando (mas tive certeza de que estava recitando uma página de seu grande livro sobre a árvore da vida): "Quorum primus seraphico calculo purgatus et ardore celico inflammatus totum incendere videbatur. Secundus vero verbo predicationis fecundus super mundi tenebras clarius radiavit... Sim, se foram estas as promessas, o papa angélico virá."

"E assim seja, Ubertino", disse Guilherme. "Entretanto eu estou aqui para impedir que seja expulso o imperador humano. Sobre o teu papa angélico também falava frei Dulcino..."

"Não pronuncies mais o nome dessa víbora!" gritou Ubertino, e pela primeira vez vi-o transformar-se, de amargurado que era em irado. "Ele conspurcou a palavra de Gioacchino da Calábria e fez dela bandeira de morte e imundície! Mensageiro do Anticristo, se alguma vez existiu. Mas tu, Guilherme, falas assim porque na verdade não acreditas na vinda do Anticristo e os teus mestres de Oxford te ensinaram a idolatrar a razão minguando as capacidades proféticas do teu coração!"

"Estás enganado, Ubertino", respondeu Guilherme com muita seriedade. "Tu sabes que venero Roger Bacon mais que qualquer outro dentre meus mestres..."

"Que sonhava com máquinas voadoras", motejou amargamente Ubertino.

"Que falou clara e limpidamente sobre o Anticristo, advertiu-lhe os sinais na corrupção do mundo e no enfraquecimento do saber. Mas ensinou que há um único modo de nos prepararmos para sua vinda: estudar os segredos da natureza, usar do saber para melhorar o gênero humano. Podes preparar-te para combater o Anticristo estudando as virtudes curativas das ervas, a natureza das pedras, e até mesmo projetando as máquinas voadoras das quais zombas."

"O Anticristo do teu Bacon era um pretexto para cultivar o orgulho da razão."

"Santo pretexto."

"Nada que seja pretextuoso é santo. Guilherme, sabes que te quero bem. Sabes que confio muito em ti. Castiga a tua inteligência, aprende a chorar sobre as chagas do Senhor, joga fora os teus livros."

"Guardarei apenas o teu", sorriu Guilherme. Ubertino sorriu também e ameaçou-o com o dedo: "Inglês tonto. E não caçoes muito dos teus semelhantes. Ou melhor, os que não podes amar, teme-os. E cuidado com a abadia. Este lugar não me agrada."

"Quero justamente conhecê-lo melhor", disse Guilherme despedindo-se. "Vamos, Adso."

"Eu estou te dizendo que não é bom, e tu dizes que queres conhecê-lo. Ah!", disse Ubertino sacudindo a cabeça.

"A propósito", disse ainda Guilherme já na metade da nave, "quem é aquele monge que parece um animal e fala a língua de Babel?"

"Salvatore?" voltou-se Ubertino que já se tinha ajoelhado. "Creio que fui eu a doá-lo a esta abadia... Junto com o celeireiro. Quando abandonei o hábito franciscano, retornei por algum tempo ao meu velho convento em Casale, e ali encontrei outros frades em desgraça, porque a comunidade os acusava de serem espirituais da minha seita... assim diziam. Intercedi em favor deles, obtendo que pudessem seguir o meu exemplo. E dois deles, Salvatore e Remigio, encontrei-os aqui mesmo, ao chegar o ano passado. Salvatore... Parece um bicho, realmente. Mas é prestativo."

Guilherme hesitou um instante: "Ouvi-o dizer 'penitenziagite'."

Ubertino calou-se. Moveu a mão como para espantar um pensamento desagradável. "Não, não acredito. Sabes como são esses irmãos leigos. Gente do campo. Que escutaram talvez algum pregador ambulante, e não sabem o que

dizem. Em Salvatore teria outras coisas a reprovar, é uma besta glutona e luxurienta. Mas nada, nada contra a ortodoxia. Não, o mal da abadia é outro, busca-o em quem sabe demais, não em quem não sabe nada. Não construas um castelo de suspeitas sobre uma palavra."

"Nunca o farei", respondeu Guilherme. "Desisti de ser inquisidor para não fazer isso. Porém gosto de ouvir também as palavras, e depois fico pensando nelas."

"Tu pensas demais. Rapaz", disse voltando-se para mim, "não guardes muitos maus exemplos de teu mestre. A única coisa em que se deve pensar, e percebo isso no fim da minha vida, é a morte. Mors est quies viatoris — finis est omnis laboris. Deixem-me rezar."

Primeiro dia

POR VOLTA DA NOA

Onde Guilherme tem um doutíssimo diálogo com Severino herborista.

Percorremos novamente a nave central e saímos pelo portal por onde tínhamos entrado. Conservava ainda as palavras de Ubertino, todas, zumbindo na cabeça.

"É um homem... estranho", ousei dizer a Guilherme.

"É, ou foi, em muitos aspectos, um grande homem. Mas justamente por isso é estranho. Apenas os pequenos homens parecem normais. Ubertino poderia ter se tornado um dos hereges que ele contribuiu para condenar à fogueira, ou um cardeal da santa igreja romana. Esteve pertíssimo de ambas as perversões. Quando falo com Ubertino tenho a impressão de que o inferno seja o paraíso visto de outro lado."

Não entendi o que estava querendo dizer: "De que lado?" perguntei.

"Pois é", admitiu Guilherme, "trata-se de saber se há partes e se há um todo. Mas não me dês ouvidos. E não olhes mais para o portal", disse batendo levemente na minha nuca enquanto eu me virava atraído pelas esculturas que vira na entrada. "Por hoje já te assustaram o suficiente. Todos."

Enquanto me voltava para a saída, vi diante de mim um outro monge. Podia ter a mesma idade de Guilherme. Sorriu-nos e nos cumprimentou urbanamente. Disse que era Severino de Sant'Emmerano, e era o padre herborista, que cuidava dos banhos, do hospital, e dos hortos, e que se punha à nossa disposição se quiséssemos nos orientar melhor no recinto da abadia.

Guilherme agradeceu-lhe e disse que já notara, ao entrar, o belo horto, que lhe parecia conter não apenas ervas comestíveis, mas também plantas medicinais, pelo que se podia ver através da neve.

"No verão ou na primavera, com a variedade de suas ervas, e cada uma adornada de suas flores, este horto canta melhor as glórias do Criador", disse

Severino à guisa de desculpa. "Mas mesmo nesta estação o olho do herborista vê através dos galhos secos as plantas que virão e pode dizer-te que o horto é mais rico de quanto jamais o tenha sido um herbanário, e mais variegado porquanto sejam belas as miniaturas daquele. E depois, mesmo no inverno, crescem as boas ervas, e outras guardo colhidas e prontas nos vasos que tenho no laboratório. Desse modo, com as raízes da azedinha curam-se os catarros, e com uma tisana de raízes de althea são feitas compressas para as doenças da pele, com a lapa cicatrizam-se os eczemas, triturando e moendo o rizoma da bistorta são curadas as diarréias e alguns males das mulheres, a lipia é um bom digestivo, a farfara é boa contra a tosse, e temos a boa genciana para a digestão, e a glycyrrhiza e o zimbro para uma boa infusão, o sabugo, com cuja casca se faz uma tisana para o fígado, a saponária, cujas raízes se maceram em água fria, para o catarro, e a valeriana da qual certamente conheceis as virtudes."

"Tendes ervas diferentes e próprias para climas diferentes. Como é isso?"

"Por um lado devo-o à misericórdia do Senhor, que acavalou nosso planalto a uma cadeia que ao sul dá para o mar, e dele recebe os ventos quentes, e ao norte para a montanha mais alta da qual recebe os bálsamos silvestres. E por outro lado devo-o ao hábito da arte, que indignamente adquiri por vontade de meus mestres. Algumas plantas também crescem em clima adverso quando se cuida do terreno circunstante, da nutrição, do crescimento."

"E tendes também plantas boas só para comer?" perguntei.

"Meu jovem potro esfomeado, não há plantas boas para comida que não o sejam também para a cura, desde que ingeridas na justa medida. Somente o excesso as torna causa de doença. Vê a abóbora. É fria e úmida por natureza e mitiga a sede, mas comê-la passada provoca diarréia e deves restringir as tuas vísceras com um emplastro de salmoura e mostarda. E as cebolas? Quentes e úmidas, poucas dão força ao coito, naturalmente para os que não fizeram os nossos votos, muitas te deixam a cabeça pesada e são combatidas com leite e vinagre. Boa razão", acrescentou com malícia, "para que um jovem monge as coma sempre com parcimônia. Come antes o alho. Quente e seco, é bom contra os venenos. Mas não exageres, faz expelir muitos humores do cérebro. Os feijões ao contrário produzem urina e engordam, duas coisas muito boas. Mas provocam maus sonhos. Muito menos porém do que outras ervas, porque existem também as que provocam más visões."

"Quais?" perguntei.

"Eh, eh, o nosso noviço está querendo saber demais. Isso é coisa que só o

herborista deve saber, se não qualquer desatinado poderia andar por aí a ministrar visões, ou seja, a mentir com as ervas."

"Mas basta um pouco de urtiga", disse Guilherme então, "ou a roybra, ou o olieribus, e se está protegido contra as visões. Espero que vocês tenham essas boas ervas."

Severino olhou o mestre de soslaio: "Tu te interessas por herborização?"

"Um pouquinho", disse modestamente Guilherme, "uma vez tive em mãos o Theatrum Sanitatis de Ububchasym de Baldach..."

"Abul Asan al Muchtar ibn Botlan."

"Ou Ellucasim Elimittar, como queiras. Pergunto-me se será possível encontrar uma cópia aqui."

"E das mais bonitas, com muitas imagens de fina fatura."

"Seja louvado o céu. E o De virtutibus herbarum do Platearius?"

"Esse também, e o De plantis e o De vegetalibus de Aristóteles traduzido por Alfredo de Sareshel."

"Ouvi dizer que na verdade não é de Aristóteles", observou Guilherme, "como não era de Aristóteles, descobriu-se, o De causis."

"Em todo caso é um grande livro", observou Severino, e o meu mestre concordou com muito fervor sem perguntar se o herborista estava falando do De vegetalibus ou do De causis, duas obras que eu não conhecia mas que graças àquela conversa concluí serem ambas de primeira grandeza.

"Ficarei contente", concluiu Severino, "de ter contigo umas conversas honestas sobre as ervas."

"Eu mais que tu", disse Guilherme, "mas não estaremos violando a regra do silêncio, que me parece viger em vossa ordem?"

"A regra", disse Severino, "tem-se adaptado nos séculos às exigências das diferentes comunidades. A regra previa a lectio divina, mas não o estudo: e no entanto sabes o quanto a nossa ordem tem desenvolvido a pesquisa sobre as coisas divinas e sobre as coisas humanas. E mais, a regra prevê o dormitório comum, mas às vezes é justo, como em nosso caso, para que os monges tenham possibilidade de reflexão também durante a noite, e assim cada um deles tem a própria cela. A regra é muito severa com respeito ao silêncio, e mesmo entre nós não só o monge que faz trabalhos manuais, mas também o que escreve ou o que lê, não deve conversar com seus confrades. Mas a abadia é antes de tudo uma comunidade de estudiosos e freqüentemente é útil que os monges troquem entre si os tesouros de doutrina que acumulam. Toda conversa que diga respeito aos

nossos estudos é considerada legítima e proveitosa, desde que não transcorra no refeitório ou durante as horas dos ofícios sagrados."

"Tiveste ocasião de conversar muito com Adelmo de Otranto?" perguntou bruscamente Guilherme.

Severino não pareceu surpreso: "estou vendo que o Abade já te contou", disse. "Não. Não me entretinha com ele freqüentemente. Passava o tempo fazendo miniaturas. Eu o ouvi por vezes discutir com outros monges, Venâncio de Salvemec, ou Jorge de Burgos, sobre a natureza de seu trabalho. E, depois, eu não passo o dia no scriptorium, mas no meu laboratório", e apontou para o edifício do hospital.

"Entendo", disse Guilherme. "Portanto não sabes se Adelmo teve visões."

"Visões?"

"Como as que provocam as tuas ervas, por exemplo."

Severino enrijeceu-se: "Disse que guardo com muito cuidado as ervas perigosas."

"Não estou dizendo isso", apressou-se em explicar Guilherme. "Falava de visões em geral."

"Não estou entendendo", insistiu Severino.

"Pensava que um monge que fica vagando de noite pelo Edifício, onde, conforme admite o Abade, podem acontecer coisas... tremendas a quem ali entre em horas proibidas, bem, estava dizendo, pensava que pudesse ter tido visões diabólicas que o tivessem empurrado para o precipício."

"Eu disse que não freqüento o scriptorium, salvo quando preciso de algum livro, mas sempre tenho os meus herbanários que conservo no hospital. Já te disse, Adelmo era muito achegado a Jorge, a Venâncio e... naturalmente a Berengário."

Percebi eu também uma leve hesitação na voz de Severino. Que não escapou a meu mestre: "Berengário? E por que naturalmente?"

"Berengário de Arundel, o ajudante bibliotecário. Tinham a mesma idade, foram noviços juntos, era normal que tivessem coisas de que falar. Era isso o que eu queria dizer."

"Era isso então o que querias dizer", comentou Guilherme. E me admirei que não insistisse sobre aquele ponto. De fato mudou logo de assunto. "Mas talvez seja hora de entrarmos no Edifício. Serve-nos de guia?"

"Com prazer", disse Severino com um alívio até demasiado evidente. Fez-nos costear o horto e nos conduziu à frente da fachada ocidental do Edifício.

"Do lado do horto fica o portal que dá acesso à cozinha", disse, "mas a cozinha ocupa apenas a metade ocidental do primeiro andar, na outra metade fica o

refeitório. E pela porta meridional, à qual se chega passando atrás do coro da igreja, ficam mais dois portais que conduzem tanto à cozinha quanto ao refeitório. Mas vamos entrar por aqui, porque da cozinha poderemos depois passar lá de dentro para o refeitório."

Quando entrei na cozinha percebi que o Edifício gerava dentro de si, e em toda sua altura, um pátio octogonal; como compreendi depois, tratava-se de uma espécie de grande poço, privado de acessos, sobre o qual se abriam em cada andar amplas janelas, como as que davam para fora. A cozinha era um imenso corredor cheio de fumaça, onde muitos fâmulos já se apressavam em dispor alimentos para a ceia. Em cima de uma grande mesa dois deles preparavam um pastelão de verdura, cevada, aveia e centeio, picando nabos, agrião, rabanetes e cenouras. Ao lado, um dos outros cozinheiros mal acabara de cozinhar alguns peixes numa mistura de água e vinho, já os estava recobrindo com um molho composto de sálvia, salsa, tomilho, alho, sal e pimenta.

Correspondendo ao torreão ocidental abria-se para o pão um enorme forno que já faiscava de chamas avermelhadas. No torreão meridional, uma imensa lareira em que fervilhavam caldeirões e giravam espetos. Pela porta que dava para o terreiro atrás da igreja entravam naquele momento os porqueiros trazendo as carnes dos porcos degolados. Saímos primeiro por aquela porta e nos achamos no terreiro, na extremidade oriental da esplanada, atrás dos muros, onde surgiam muitas construções. Severino explicou-me que a primeira era o conjunto das pocilgas, depois vinham os estábulos dos cavalos, depois os dos bois, e os galinheiros, e o recinto coberto das ovelhas. Diante das pocilgas os porqueiros remexiam dentro de um grande alguidar o sangue dos porcos recém-degolados, para que não se coagulasse. Se fosse bem remexido e depressa, resistiria nos próximos dias, graças ao duro clima, e por fim dele fariam chouriços.

Entramos de novo no Edifício e demos uma rápida olhada no refeitório, que atravessamos para nos dirigirmos ao torreão oriental. Dos dois torreões, em que se alargava o refeitório, o setentrional alojava uma lareira, o outro uma escada em forma de caracol que levava ao scriptorium, isto é, ao segundo andar. Por ali os monges deslocavam-se todos os dias para o trabalho, ou melhor, por duas escadas, menos cômodas mas bem aquecidas, que subiam em espiral por trás do corredor e da lareira da cozinha.

Guilherme perguntou se encontraríamos alguém no scriptorium mesmo sendo domingo. Severino sorriu e disse que o trabalho, para o monge beneditino, é a prece. Domingo os ofícios duravam mais, porém os monges dedicados aos livros

passavam igualmente algumas horas lá em cima, empregadas habitualmente em frutíferas trocas de doutas observações, conselhos, reflexões sobre as sagradas escrituras.

Primeiro dia

APÓS A NOA

Onde se visita o scriptorium e se fica conhecendo muitos estudiosos, copistas e rubricadores além de um velho cego que espera pelo Anticristo.

Enquanto subíamos reparei que meu mestre observava as janelas que iluminavam a escada. Estava provavelmente me tornando hábil como ele, porque percebi logo que a disposição delas dificilmente permitiria a quem quer que seja atingi-las. Do outro lado, tampouco as janelas que se abriam no refeitório (as únicas que do primeiro andar davam para a escarpa) pareciam fáceis de atingir, visto que embaixo delas não havia qualquer móvel.

Chegados ao topo da escada entramos, pelo torreão setentrional, no scriptorium e aqui não pude conter um grito de admiração. O segundo andar não era bipartido como o inferior e se oferecia portanto aos meus olhos em toda sua espaçosa imensidão. As abóbadas, curvas e não muito altas (menos que numa igreja, mais todavia que em qualquer sala capitular que tenha visto), sustidas por robustas pilastras, encerravam um espaço difuso por excelente luz, porque três enormes janelas se abriam em cada um dos lados maiores, enquanto cinco janelas menores entalhavam cada um dos cinco lados externos de cada torreão; oito janelas altas e estreitas, enfim, permitiam que a luz entrasse do poço octogonal interno.

A abundância de janelas fazia com que a grande sala fosse alegrada por uma luz contínua e difusa, embora estivéssemos numa tarde de inverno. As vidraças não eram coloridas como as da igreja, e os encaixes de chumbo prendiam quadrados de vidro incolor, para que a luz entrasse do modo mais puro possível, não modulada por arte nenhuma, e servisse à sua finalidade, que era a de iluminar o trabalho de leitura e de escritura. Vi outras vezes em outros lugares muitos scriptoria, mas nenhum em que tão luminosamente refulgisse, nas coaduras de luz física que

faziam resplender o ambiente, o mesmo princípio espiritual que a luz encarna, a claritas, fonte de toda beleza e sabedoria, atributo inseparável da harmonia que a sala manifestava. Pois três coisas concorrem para criar a beleza: primeiro a integridade ou perfeição, e por isso achamos feias as coisas incompletas; depois a devida proporção ou a consonância; enfim a claridade e a luz, de fato chamamos belas as coisas de cor nítida. E uma vez que a visão do belo comporta a paz, e para o nosso apetite é a mesma coisa acalmar-se na paz, no bem e no belo, senti-me invadido por grande consolo e pensei o quanto devia ser agradável trabalhar naquele lugar.

Tal qual se mostrava aos meus olhos, àquela hora da tarde, ele me pareceu um alegre opifício de sabedoria. Vi mais tarde em São Galo um scriptorium de proporções semelhantes, separado da biblioteca (em outros lugares os monges trabalhavam no local onde estavam guardados os livros), mas não bem disposto como este. Antiquários, livreiros, rubricadores e estudiosos estavam sentados cada um à própria mesa, uma mesa embaixo de cada uma das janelas. E uma vez que eram quarenta as janelas (número deveras perfeito devido a decuplicação do tetrágono, como se os dez mandamentos tivessem sido glorificados pelas quatro virtudes cardinais), quarenta monges poderiam trabalhar em uníssono, embora naquele momento houvesse apenas uns trinta. Severino explicou-nos que os monges que trabalhavam no scriptorium estavam dispensados dos ofícios da terça, da sexta e da noa para não precisar interromper o seu trabalho durante as horas de luz, e terminavam suas atividades somente ao pôr-do-sol, para as vésperas.

Os lugares mais iluminados eram reservados aos antiquários, miniaturistas mais habilidosos, aos rubricadores e aos copistas. Cada mesa tinha todo o necessário para miniaturar e copiar: chifres de tinta, penas finas que alguns monges estavam afinando com uma faca afiada, pedra-pome para deixar liso o pergaminho, réguas para traçar as linhas sobre as quais seria estendida a escritura. Junto a cada escriba, ou no topo do plano inclinado de cada mesa, ficava uma estante, sobre a qual apoiava o códice a ser copiado, a página coberta por moldes que enquadravam a linha que era transcrita no momento. E alguns tinham tintas de ouro e de outras cores. Outros porém estavam apenas lendo livros, e transcreviam apontamentos em seus cadernos particulares ou tabuletas.

Não tive contudo tempo de observar o trabalho deles, porque veio ao nosso encontro o bibliotecário, que já sabíamos ser Malaquias de Hildeshein. Seu rosto procurava manter uma expressão de boas-vindas, mas não pude conter um tremor diante de fisionomia tão singular. Sua figura era alta, se bem que extremamente

magra, seus membros eram grandes e desengonçados. Como andasse a passos largos, envolto nas escuras vestes da ordem, havia qualquer coisa de inquietante em seu aspecto. O capuz, que vindo lá de fora ainda trazia levantado, lançava uma sombra no palor do seu rosto e conferia um não sei quê de doloroso aos grandes olhos melancólicos. Havia em sua fisionomia como que traços de muitas paixões que a vontade disciplinara, mas que pareciam ter fixado as linhas que agora não mais animavam. Melancolia e severidade predominavam nas linhas de seu rosto e os olhos eram tão intensos que num único olhar podiam penetrar o coração de quem lhe falava, e ler-lhe os pensamentos secretos, tanto que dificilmente se podia tolerar sua perquirição e ficava-se tentado a não encontrá-los uma segunda vez.

O bibliotecário nos apresentou a muitos dos monges que estavam trabalhando naquele momento. De cada um Malaquias nos disse também o trabalho que estava realizando e em todos admirei a profunda devoção ao saber e ao estudo da palavra divina. Conheci assim Venâncio de Salvemec, tradutor do grego e do árabe, devoto daquele Aristóteles que sem dúvida foi o mais sábio de todos os homens. Bêncio de Upsala, um jovem monge escandinavo que se ocupava de retórica. Berengário de Arundel, o ajudante bibliotecário. Aymaro de Alexandria, que estava copiando obras que somente por poucos meses estavam emprestadas à biblioteca, e depois um grupo de miniaturistas de vários países, Patrício de Clonmacnois, Rabán de Toledo, Magnus de Iona, Waldo de Hereford.

O elenco poderia continuar decerto e nada existe de mais maravilhoso que o elenco, instrumento de admiráveis hipotiposes. Mas devo chegar ao assunto de nossas discussões, do qual emergiram muitas indicações úteis para compreender a sutil inquietação que pairava entre os monges, e um não sei quê de inexpresso que gravava sobre todas suas conversas.

Meu mestre começou a conversar com Malaquias louvando a beleza e a operosidade do scriptorium e pedindo-lhe notícias sobre o andamento do trabalho que ali se cumpria porque, disse com muita sagacidade, tinha ouvido falar por toda parte daquela biblioteca e gostaria de examinar muitos dos livros. Malaquias explicou-lhe o que lhe dissera o Abade, que o monge pedia ao bibliotecário a obra para a consulta e este iria buscá-la na biblioteca superior, se a requisição fosse justa e pia. Guilherme perguntou como podia conhecer o nome dos livros guardados nas elevadas estantes, e Malaquias mostrou-lhe, preso por uma correntinha de ouro à sua mesa, um volumoso códice repleto de densos elencos.

Guilherme enfiou as mãos no hábito, onde este se abria no peito formando uma espécie de sacola, e de lá tirou um objeto que já vira em suas mãos e no rosto, no

curso da viagem. Era uma forquilha, construída de modo a poder ficar sobre o nariz de um homem (e melhor ainda sobre o dele, tão proeminente e aquilino), como um cavaleiro na garupa de seu cavalo ou como um pássaro num tripé. E dos dois lados da forquilha, de modo a corresponder aos olhos, expandiam-se dois círculos ovais de metal, que encerravam duas amêndoas de vidro grossas como fundo de garrafa. Com aquilo nos olhos, Guilherme lia, de preferência, e dizia que enxergava melhor do que a natureza o havia dotado, ou do que sua idade avançada, especialmente quando declinava a luz do dia, lhe permitia. Nem lhe serviam para ver de longe, que para isso tinha os olhos penetrantes, mas para ver de perto. Com aquilo ele podia ler manuscritos inscritos em letras bem finas, que até eu custava a decifrar. Explicara-me que, passando o homem da metade de sua vida, mesmo que sua vista tivesse sido sempre ótima, o olho se endurecia e relutava em adaptar a pupila, de modo que muitos sábios estavam mortos para a leitura e a escritura depois dos cinqüenta anos. Grave dano para homens que poderiam dar o melhor de sua inteligência por muitos anos ainda. Por isso devia-se dar graças a Deus que alguém tivesse descoberto e fabricado aquele instrumento. E me falava isso para sustentar as idéias de seu Roger Bacon, quando dizia que o objetivo da sabedoria era também prolongar a vida humana.

Os demais monges olharam Guilherme com muita curiosidade, mas não ousaram fazer-lhe perguntas. E eu percebi que, mesmo num lugar tão ciumenta e orgulhosamente dedicado à leitura e à escritura, o admirável instrumento ainda não penetrara. Senti-me orgulhoso de estar em companhia de um homem que tinha algo com que estarrecer outros homens famosos no mundo por sua sabedoria.

Com aqueles objetos nos olhos, Guilherme se inclinou sobre os elencos estilados no códice. Olhei eu também, e descobrimos títulos de livros jamais ouvidos, e outros de celebérrimos, que a biblioteca possuía.

"De pentagono Salomonis, Ars loquendi et intelligendi in lingua hebraica, De rebus metallicis de Roger de Hereford, Algebra de Al Kuwarizmi, traduzida para o latim por Roberto Anglico, as Punicas de Silius Italicus, as Gesta francorum, De laudibus sanctae crucis de Rabán Mauro, e Flavii Claudii Giordani de aetate mundi et hominis reservatis singulis litteris per singulos libros ab A usque ad Z", leu o meu mestre. "Excelentes obras. Mas em que ordem estão registradas?" Citou um texto que eu não conhecia mas que por certo era familiar a Malaquias: 'Habeat Librarius et registrum omnium librorum ordinatum secundum facultates et auctores, reponeatque eos separatim et ordinate cum signaturis per scripturam applicatis.'

Como fazem para conhecer o lugar de cada livro?”

Malaquias mostrou-lhe umas anotações que ladeavam cada título. Li: iii, IV gradus, V in prima graecorum; ii, V gradus, VII in tertia anglorum, e assim por diante. Compreendi que o primeiro número indicava a posição do livro na estante ou gradus, indicado pelo segundo número, o armário sendo indicado pelo terceiro número, e compreendi ainda que as outras expressões designavam uma sala ou corredor da biblioteca e ousei pedir mais informações sobre essas últimas distinctiones. Malaquias fitou-me severamente: “Talvez não saibas ou tenhas esquecido que o acesso à biblioteca é consentido apenas ao bibliotecário. E portanto é justo e suficiente que apenas o bibliotecário saiba decifrar essas coisas.”

“Mas em que ordem são colocados os livros nesse elenco?” perguntou Guilherme. “Não por assunto, me parece.” Não se referiu a uma ordem por autores que seguisse a mesma seqüência das letras do alfabeto, porque é procedimento que vi posto em uso somente nos últimos anos, e outrora era pouco usado.

“A biblioteca mergulha sua origem na profundeza dos tempos”, disse Malaquias, “e os livros são registrados segundo a ordem das aquisições, doações, do ingresso em nossos muros.”

“Difícil de encontrar”, observou Guilherme.

“Basta que o bibliotecário os conheça de memória e saiba de cada livro a época em que chegou. Quanto aos outros monges podem confiar em sua memória”, e parecia falar de outrem que não fosse ele próprio; e entendi que ele falava da função que naquele momento indignamente exercia, e que fora exercida por outros cem, já desaparecidos, que haviam transmitido seu saber um para o outro.

“Entendi”, disse Guilherme. “Se eu então procurasse algo, sem saber o quê, sobre o pentágono de Salomão, vós saberíeis indicar-me que existe o livro do qual acabei de ler o título, e poderíeis individuar sua posição no andar superior.”

“Se vós precisásseis realmente aprender alguma coisa sobre a estrela de Salomão”, disse Malaquias. “Mas este é justamente um livro que antes de dá-lo a vós preferiria pedir o conselho do Abade.”

“Fiquei sabendo que um dos vossos melhores miniaturistas”, disse então Guilherme, “desapareceu recentemente. O Abade falou-me bastante de sua arte. Poderia ver os códices que ele miniaturava?”

“Adelmo de Otranto”, disse Malaquias olhando Guilherme com desconfiança, “trabalhava, por causa de sua tenra idade, somente nas marginalia. Tinha uma imaginação muito vivaz e de coisas conhecidas sabia compor coisas ignotas e surpreendentes, como quem fosse unir um corpo humano à cerviz de uma égua.

Mas lá estão os livros dele. Ninguém tocou ainda em sua mesa."

"Aproximamo-nos daquele que fora o local de trabalho de Adelmo, onde estavam ainda as folhas de um saltério com ricas iluminuras. Eram folia de vellum finíssimo — rei dos pergaminhos — e o último ainda estava preso à mesa. Apenas esfregado com pedra-pome e amaciado com gesso, fora lixado com a plaina e, dos minúsculos furos produzidos nas laterais com um estilete fino, tinham sido traçadas todas as linhas que deviam guiar a mão do artista. A primeira metade já estava coberta pela escritura e o monge tinha começado a esboçar as figuras nas margens. Porém, já estavam prontas outras folhas, e olhando para elas nem eu nem Guilherme conseguimos conter um grito de admiração. Tratava-se de um saltério às margens do qual se delineava um mundo ao avesso em relação àquilo com que se habituaram os nossos sentidos. Como se à margem de um discurso que por definição é o discurso da verdade, se desenvolvesse, profundamente ligado a ele, um discurso mentiroso sobre um universo virado de cabeça para baixo, em que os cães fogem das lebres e os cervos caçam o leão. Pequenas cabeças em forma de pés de pássaro, animais com mãos humanas nas costas, cabeças comadas de que despontavam pés, dragões zebrados, quadrúpedes de pescoço serpentino que se enlaçavam em mil nós inextrincáveis, macacos de chifres cervinos, sereias voadoras com asas membranosas no dorso, homens sem braço com outros corpos humanos a despontar-lhes nas costas à guisa de corcunda, e figuras com a boca dentada no ventre, humanos com cabeça eqüina e eqüinos com pernas humanas, peixes com asas de pássaro e pássaros com rabo de peixe, monstros de um só corpo com cabeça dupla, e ou uma única cabeça com corpo duplo, vacas com rabo de galo e asas de borboleta, mulheres de cabeça escamada como o dorso de um peixe, quimeras bicéfalas entrelaçadas com libélulas de focinho de lagartixa, centauros, dragões, elefantes, manticoras, sciapodes pousados em galhos de árvore, grifos de cuja cauda era gerado um arqueiro em aparato de guerra, criaturas diabólicas de pescoço sem fim, seqüências de animais antropomorfos e de anões zoomorfos se associavam, às vezes, sobre a mesma página, a cenas de vida campestre, onde se via representada, com vivacidade impressionante, tanto que se acreditaria que as figuras estivessem vivas, toda a vida dos campos, aradores, colhedores de frutos, ceifadores, fiandeiras, semeadores, junto a raposas e fuinhas, armados de balestras e que escalavam uma cidade turrígera defendida por macacos. Aqui uma letra inicial se torcia em L e na parte inferior gerava um dragão, lá um grande V que dava início à palavra "verba" produzia, como natural gavinha de seu tronco, uma serpente em mil volutas, por sua vez gerando mais

serpentes qual pâmpanos e corimbos.

Junto do saltério havia, evidentemente terminado há pouco, um estranho livro de horas, de dimensões incrivelmente reduzidas, tanto que caberia na palma da mão. Exígua a escritura, as miniaturas marginais eram visíveis a custo à primeira vista e pediam aos olhos que as examinassem de perto para aparecer em toda sua beleza (e te perguntas com que instrumento sobre-humano e miniaturista as tinha traçado para obter efeitos de tanta vivacidade num espaço tão reduzido). As margens inteiras do livro estavam invadidas por minúsculas figuras que eram geradas, como por expansão natural, pelas volutas finais das letras esplendidamente traçadas: sereias marinhas, cervos em fuga, quimeras, torsos humanos sem braços que se espalhavam como lombrigas pelo próprio corpo dos versículos. Num ponto, como a continuar os três "Sanctus, Sanctus, Sanctus" repetidos em três linhas diferentes, eram visíveis três figuras beluínas de cabeça humana, das quais duas se torciam uma para baixo outra para cima para se unirem num beijo que não hesitarias em definir como impudico se não estivesses convencido de que, ainda que não perspícuo, um profundo significado espiritual devia certamente justificar a representação naquele trecho.

Eu seguia aquelas páginas dividido entre a admiração muda e o riso, porque as figuras conduziam necessariamente à hilaridade, embora comentassem páginas santas. E frei Guilherme as examinava sorrindo, e comentou: "Babewyn, assim são chamados nas minhas ilhas."

"Babouins, como são chamados nas Gálias", disse Malaquias. "E de fato Adelmo aprendeu sua arte no vosso país, embora depois tenha estudado na França. Babuínos, ou macacos da África. Figuras de um mundo revirado, onde as casas surgem na ponta de uma agulha e a terra está sobre o céu."

Eu me lembrei de alguns versos que ouvira no vernáculo de minhas terras e não pude me conter em pronunciá-los:

> Aller Wunder si geswigen
> das herde himel hât überstigen
> daz sult is vür ein Wunder wigen.

E Malaquias continuou, citando do mesmo texto:

> Erd ob un himel unter
> das sult ir hân besunder

"Muito bem, Adso", continuou o bibliotecário, "efetivamente estas imagens nos falam daquela região onde se chega cavalgando um ganso azul, onde se encontram gaviões que pescam peixes num regato, ursos que perseguem falcões no céu, camarões que voam com as pombas e três gigantes presos numa armadilha e bicados por um galo."

E um pálido sorriso iluminou seus lábios. Então os outros monges, que tinham seguido a conversa com certa timidez, puseram-se a rir com vontade, como se tivessem esperado a permissão do bibliotecário. O qual se amuou, enquanto os demais continuavam a rir, louvando a habilidade do pobre Adelmo e apontando um para o outro as figuras mais inverossímeis. E foi enquanto todos ainda riam que ouvimos às nossas costas uma voz, solene e severa.

"Verba vana aut risui apta non loqui."

Viramo-nos. Quem tinha falado era um monge curvado pelo peso dos anos, branco como a neve, não digo só o cabelo, mas também o rosto, as pupilas. Percebi que era cego. A voz ainda era majestosa e os membros poderosos, embora o corpo tivesse encolhido ao peso da idade. Fitava-nos como se nos visse, e sempre, mesmo mais tarde, vi-o mover-se e falar como se possuísse ainda o dom da visão. Mas o tom da voz era ao contrário o de quem possuía o dom da profecia.

"O homem venerando em idade e sabedoria que estais vendo", disse Malaquias a Guilherme apontando-lhe o recém-chegado, "é Jorge de Burgos. Mais velho que qualquer um que viva aqui no mosteiro, salvo Alinardo de Grottaferrata, ele é aquele a quem muitos dentre os monges confiam a carga de seus pecados no segredo da confissão." Depois, voltando-se para o ancião: "Quem está diante de vós é frei Guilherme de Baskerville, nosso hóspede."

"Espero que não vos tenhais irritado com minhas palavras", disse o velho em tom brusco. "Ouvi pessoas que riam de coisas risíveis e lembrei-lhes um dos princípios de nossa regra. E como disse o salmista, se o monge deve abster-se de boas conversas pelo voto de silêncio, por muito maior razão deve subtrair-se às más conversas. E assim como existem más conversas, existem más imagens. E são as que mentem acerca da forma da criação e mostram o mundo ao contrário daquilo que deve ser, sempre foi e sempre será nos séculos dos séculos até a consumpção dos tempos. Mas vós vindes de outra ordem, em que me dizem ser vista com indulgência mesmo a alegria mais inoportuna." Aludia ao quanto entre os beneditinos se diziam bizarrices de São Francisco de Assis e talvez mesmo

bizarrices atribuídas a fraticelli e espirituais de toda espécie, que da ordem franciscana eram os mais recentes e embaraçantes brotos. Mas frei Guilherme deu mostras de não colher a insinuação.

"As imagens marginais induzem freqüentemente ao sorriso, mas para fins de edificação", respondeu. "Como nos sermões para tocar a imaginação das multidões piedosas ocorre inserir-se exempla, não de raro jocosos, assim também o discurso das imagens deve induzir a essas nugae. Para cada virtude e para cada pecado há um exemplo tirado dos bestiários, e os animais tornam-se figuras do mundo humano."

"Oh sim", motejou o velho, mas sem sorrir, "toda imagem é boa para induzir à virtude, para que a obra-prima da criação, posta de cabeça para baixo, se torne matéria de riso. E assim a palavra de Deus se manifesta através do asno que toca a lira, do mocho que ara com o escudo, dos bois que se atracam sozinhos ao arado, dos rios que remontam as correntes, do mar que se incendeia, do lobo que se torna eremita! Caçai a lebre com o boi, aprendei gramática com as corujas, que os cães mordisquem as pulgas, os cegos olhem pelos mudos, os mudos peçam pão, a formiga gere um bezerro, voem frangos assados, os pães cresçam sobre os telhados, os papagaios tomem lições de retórica, as galinhas fecundem os galos, colocai a carroça na frente dos bois, fazei dormir o cão no leito e todos caminhem de cabeça para baixo! O que querem todas essas nugae? Um mundo invertido e oposto ao estabelecido por Deus, sob o pretexto de ensinar os preceitos divinos!"

"Mas o Aeropagita ensina", disse Guilherme humildemente, "que Deus só pode ser nomeado através das coisas mais disformes. E Hugo de São Vitor nos recordava que quanto mais a similitude se faz dissímile, tanto mais a verdade nos é revelada sob o véu de figuras horríveis e indecorosas, tanto menos a imaginação se aplaca no gozo carnal e é obrigada a colher os mistérios que se escondem sob a torpeza das imagens..."

"Conheço o argumento! E admito com vergonha que foi o argumento principal de nossa ordem, quando os abades cluniacences se batiam contras os cistercienses. Mas São Bernardo tinha razão: pouco a pouco o homem que representa monstros e portentos da natureza para revelar as coisas de Deus por speculum et in aenigmate, toma gosto pela própria natureza das monstruosidades que cria e se deleita com elas, e por elas, não enxergando senão através delas. Basta que olheis, vós que tendes ainda visão, para os capitéis do vosso claustro", e apontou com a mão para fora das janelas, em direção à igreja, "aos olhos dos frades dedicados à meditação, o que significam aquelas ridículas monstruosidades,

as formosuras disformes e deformidades formosas? Os sórdidos macacos? Os leões, os centauros, os seres semi-humanos, com a boca na barriga, um pé só, as orelhas de abano? Os tigres manchados, os guerreiros em luta, os caçadores que assopram o corno, e os muitos corpos numa única cabeça e muitas cabeças num único corpo? Quadrúpedes com a cauda de serpente, e peixes com cabeça de quadrúpede, aqui um animal que de frente parece um cavalo e de trás um bode, acolá um eqüino com chifres e assim por diante, afinal é mais agradável para os monges ler os mármores aos manuscritos, e admirar as obras do homem a meditar sobre a lei de Deus. Vergonha, para o desejo de vossos olhos e para os vossos sorrisos!"

O grande velho deteve-se ofegante. E eu admirei a vívida memória com que, talvez cego há muitos anos, ainda relembrava as imagens de cuja torpeza nos falava. Tanto que suspeitei que essas o tivessem seduzido bastante quando as vira, já que as sabia descrever ainda com tanta paixão. Mas me aconteceu freqüentemente achar as representações mais sedutoras do pecado justamente nas páginas daqueles homens de virtude incorruptível, que delas condenam o fascínio e os efeitos. Sinal que esses homens são movidos por tal ardor de testemunho da verdade que não hesitam, por amor a Deus, em conferir ao mal todas as seduções de que está encoberto, para melhor informar os homens instruídos sobre os modos com que o maligno os encanta. E, de fato, as palavras de Jorge estimularam em mim uma grande vontade de ver os tigres e os macacos do claustro, que ainda não admirara. Mas Jorge interrompeu o curso de meus pensamentos pois recomeçou, em tom menos excitado, a falar.

"Nosso senhor não precisou de tantas estultices para nos indicar o caminho certo. Nada em suas parábolas leva ao riso, ou ao temor. Adelmo, contudo, que agora chorais morto, gozava talmente com as monstruosidades que miniaturava, que perdera de vista as coisas últimas de que deviam ser figura material. E percorreu todos, todos digo", e sua voz se tornou solene e ameaçadora, "os atalhos da monstruosidade. Onde Deus sabe punir."

Caiu um pesado silêncio sobre os presentes. Ousou rompê-lo Venâncio de Salvemec.

"Venerável Jorge", disse, "a vossa virtude vos torna injusto. Dois dias antes que Adelmo morresse, vós éreis presente a um douto debate que teve lugar justamente aqui no scriptorium. Adelmo pretendia que sua arte, apesar de deter-se em representações bizarras e fantásticas, fosse todavia dedicada à glória de Deus, instrumento de conhecimento do mundo celeste. Frei Guilherme citava há pouco o Aeropagita, sobre o conhecimento pela deformação. E Adelmo citou aquele dia

outra altíssima autoridade, a do doutor de Aquino, quando disse ser conveniente que as coisas divinas sejam expostas mais na figura de corpos vis que na figura de nobres corpos. Primeiro porque livra mais facilmente a alma humana do erro; é claro de fato que algumas propriedades não podem ser atribuídas às coisas divinas, o que seria dúbio se estas fossem indicadas por figuras de nobres coisas corpóreas. Em segundo lugar, porque esse modo representativo convém melhor ao conhecimento que de Deus temos nesta terra: ele se nos manifesta de fato mais naquilo que não é do que naquilo que é, e por isso as similitudes das coisas que mais se distanciam de Deus nos conduzem a uma opinião mais exata sobre ele, para que saibamos assim que ele está acima daquilo que dizemos e pensamos. E, em terceiro lugar, porque assim permanecem mais bem escondidas as coisas de Deus às pessoas indignas. Em suma, tratava-se aquele dia de entender o modo como se pode descobrir a verdade através de expressões surpreendentes, e argutas, e enigmáticas. E eu recordei-lhe que na obra do grande Aristóteles tinha encontrado palavras bastante claras a esse respeito...”

“Não me lembro”, interrompeu Jorge secamente, “estou muito velho. Não me lembro. Posso ter me excedido em severidade. Agora é tarde, preciso ir...”

“É estranho que não vos lembreis”, insistiu Venâncio, “foi uma douta e belíssima discussão, na qual intervieram também Bêncio e Berengário. Tratava-se de saber de fato se as metáforas, e os jogos de palavras, e os enigmas, que todavia parecem imaginados pelos poetas para puro deleite, não induzem a especular sobre as coisas de modo novo e surpreendente, e eu dizia que também esta é uma virtude que se requer de um sábio... E havia Malaquias também...”

“Se o venerável Jorge não se lembra, tenham respeito por sua idade e pelo cansaço de sua mente... por outro lado sempre viva”, interveio um dos monges que acompanhavam a discussão. A frase fora pronunciada de modo agitado, ao menos de início, porque quem falara, percebendo que, para convidar ao respeito pelo velho, realmente expunha à luz uma fraqueza sua, diminuíra depois o ímpeto da própria intervenção, terminando quase num sussurro de desculpa. Fora Berengário de Arundel a falar, o ajudante bibliotecário. Era um jovem de rosto pálido, e, observando-o, lembrei-me da definição que Ubertino dera de Adelmo: seus olhos pareciam os de uma mulher lasciva. Atemorizado com os olhares que todos pousavam sobre ele, segurava os dedos das mãos entrelaçados como quem quisesse reprimir uma tensão interior.

Foi singular a reação de Venâncio. Fitou Berengário de tal modo que este abaixou os olhos: “Está bem, irmão”, disse, “se a memória é um dom de Deus,

também a capacidade de esquecer pode ser muito boa, e deve ser respeitada. Mas eu a respeito no ancião confrade a quem falava, de ti esperava uma lembrança mais viva em relação às coisas acontecidas quando estávamos aqui, junto com um caríssimo amigo teu...”

Não poderia dizer se Venâncio acentuara o tom na palavra “caríssimo”. Resta, de fato, que percebi uma atmosfera de embaraço entre os presentes. Cada um virava os olhos para um lugar diferente e ninguém os dirigia a Berengário, que corara violentamente. Logo interveio Malaquias, com autoridade: “Vinde, frei Guilherme”, disse, “mostrar-vos-ei outros livros interessantes.”

O grupo se dissolveu. Vi Berengário lançar a Venâncio um olhar carregado de rancor, e Venâncio responder-lhe de igual modo, num mudo desafio. Eu, vendo que o velho Jorge se afastava, movido por um senso de respeitosa reverência, inclinei-me para beijar-lhe a mão. O velho recebeu o beijo, pousou a mão sobre minha cabeça e perguntou quem era. Quando eu lhe disse meu nome seu rosto aclarou-se.

“Tens um nome famoso e muito bonito”, disse. “Sabes quem foi Adso de Montier-en-Der?” perguntou. Eu, confesso, não sabia. Então Jorge acrescentou: “Foi o autor de um livro importante e terrível, o Libellus de Antichristo, em que ele viu coisas que aconteceriam, e não foi ouvido o suficiente.”

“O livro foi escrito antes do milênio”, disse Guilherme, “e as coisas não se verificaram...”

“Para quem não tem olhos para ver”, disse o cego. “Os caminhos do Anticristo são demorados e tortuosos. Ele chega quando não prevemos, e não porque o cálculo sugerido pelo apóstolo estivesse errado, mas porque não lhe aprendemos a arte.” Depois gritou em voz bastante alta, o rosto voltado para a sala, fazendo ribombar as abóbadas do scriptorium: “Ele vem chegando! Não percais os últimos dias rindo sobre mostrengos de pele manchada e de rabo retorcido! Não dissipeis os últimos sete dias!”

Primeiro dia

VÉSPERAS

Onde se visita o resto da abadia, Guilherme tira algumas conclusões sobre a morte de Adelmo, fala-se com o irmão vidreiro sobre vidros para ler e de fantasmas para quem quer ler demais.

Naquele instante tocaram para as vésperas e os monges se preparavam para deixar suas mesas. Malaquias nos fez compreender que nós também precisávamos ir. Ele ficaria com seu ajudante, Berengário, para reordenar as coisas e (assim se expressou) para preparar a biblioteca para a noite. Guilherme perguntou se fecharia as portas depois.

"Não há portas que defendam o acesso ao scriptorium pela cozinha e pelo refeitório, nem à biblioteca pelo scriptorium. Mais forte que qualquer porta deve ser a proibição do Abade. E os monges devem utilizar quer a cozinha quer o refeitório até as completas. Nessa altura, para impedir que estranhos ou animais, para os quais a proibição não vale, possam entrar no Edifício, eu mesmo fecho os portais de baixo, que conduzem quer para a cozinha quer para o refeitório, e a partir dessa hora o Edifício fica isolado."

Descemos. Enquanto os monges se dirigiam ao coro o meu mestre decidiu que o Senhor nos perdoaria se não assistíssemos ao ofício divino (o Senhor teve muito a nos perdoar nos dias seguintes!) e me propôs caminhar um pouco com ele pela esplanada, para que nos familiarizássemos com o lugar.

Saímos pelas cozinhas, atravessamos o cemitério: havia lápides mais recentes, e outras que traziam os sinais dos tempos, recontando vidas de monges vividos nos séculos passados. As tumbas estavam sem os nomes, encimadas por cruzes de pedra.

O tempo estava piorando. Levantara-se um vento frio e o céu se tornara caliginoso. Adivinhava-se um sol que caía atrás dos hortos e já estava escuro a

oriente, para onde nos dirigimos, costeando o coro da igreja e atingindo a parte posterior da esplanada. Lá, quase ao pé da muralha, onde essa soldava-se ao torreão oriental do Edifício, havia as pocilgas e os porqueiros estavam cobrindo o alguidar com o sangue dos porcos. Notamos que atrás da pocilga a muralha era mais baixa, tanto que era possível debruçar-se nela. Além das escarpas dos muros, o terreno que degradava vertiginosamente para baixo estava coberto de um barro que a neve não conseguia esconder de todo. Dei-me conta de que se tratava do depósito de estrume, que era jogado daquele lugar e descia até a curva de onde se ramificava o caminho no qual se aventurara o fujão Brunello. Digo estrume porque se tratava de um grande monte de matéria malcheirosa, cujo odor chegava ao parapeito no qual me debruçara; evidentemente os camponeses vinham retirá-lo por baixo para usá-lo nos campos. Mas aos dejetos dos animais e dos homens, misturavam-se outros refugos sólidos, todo o refluir de matérias mortas que a abadia expelia do próprio corpo, para manter-se límpida e pura em sua relação com o topo do monte e com o céu.

Nos estábulos ao lado os cavalariços estavam reconduzindo os animais ao cocho. Percorremos o caminho ao longo do qual se estendiam, do lado do muro, os vários estábulos, e à esquerda, por trás do coro, o dormitório dos monges, e depois as latrinas. Lá, onde o muro oriental se inclinava para o meridião, no ângulo da muralha, ficava o edifício das forjas. Os últimos ferreiros estavam guardando seus apetrechos e desativando os foles, para dirigirem-se ao ofício divino. Guilherme moveu-se com curiosidade para um dos lados das forjas, quase isolado do resto do laboratório, onde um monge guardava suas coisas. Em cima de sua mesa havia uma excelente coleção de vidros multicoloridos, de pequenas dimensões, porém lâminas mais amplas estavam encostadas à parede. Diante dele estava um relicário ainda não acabado, do qual existia apenas a carcaça de prata, e sobre o qual ele estava evidentemente engastando vidros e outras pedras, que com seus instrumentos reduzira às dimensões de uma gema.

Ficamos conhecendo assim Nicola de Morimondo, mestre vidreiro da abadia. Explicou-nos que na parte posterior da forja soprava-se vidro também, enquanto na anterior, onde ficavam os ferreiros, eram fixados os vidros à solda de chumbo para fazer vidraças. Mas, acrescentou, a grande obra de vidraria, que embelecia a Igreja e o Edifício, já fora cumprida dois séculos atrás. Agora limitava-se a trabalhos menores, ou à reparação dos estragos do tempo.

"E com muito esforço", acrescentou, "porque não se consegue mais encontrar as cores de antigamente, especialmente o azul que podeis ainda admirar no coro, de

tão pura qualidade, que com o sol a pino derrama na nave uma luz de paraíso. Os vitrais do lado esquerdo da nave, refeitos não faz muito tempo, não são da mesma qualidade, e isso se vê nos dias estivais. É inútil", acrescentou, "não temos mais a sabedoria dos antigos, acabou-se a época dos gigantes!"

"Somos anões", admitiu Guilherme, "mas anões que estão nos ombros daqueles gigantes, e em nossa pequenez conseguimos enxergar mais longe que eles no horizonte."

"Dize-me o que fazemos que eles não tenham sabido fazer melhor?" exclamou Nicola. "Se desceres à cripta da igreja onde está guardado o tesouro da abadia, encontrarás relicários de tão refinada fatura que o mostrengozinho que eu estou miseramente construindo agora", e apontou para sua obra em cima da mesa, "irá parecer macaco daqueles!"

"Não está escrito que os mestres vidreiros devem continuar construindo janelas e os ourives, relicários, se os mestres do passado souberam produzi-los tão bem e destinados a durar nos séculos. De outro modo, a terra ficaria cheia de relicários, numa época em que os santos de quem tirar relíquias são tão raros", motejou Guilherme. "Nem se deverá soldar janelas ao infinito. Mas vi, em várias terras novas, obras feitas de vidro que nos fazem pensar num mundo de amanhã em que o vidro esteja não só a serviço dos ofícios divinos, mas também sirva de auxílio à fraqueza do homem. Quero te mostrar uma obra dos nossos dias, da qual me honro possuir um útil exemplar." Enfiou a mão no hábito e tirou suas lentes que deixaram nosso interlocutor estupefato.

Nicola pegou a forquilha que Guilherme lhe estendia com grande interesse: "Oculi de vitro cum capsula!" exclamou. "Tinha ouvido falar disso por um certo frei Giordano que conheci em Pisa! Dizia que não eram passados vinte anos desde que os inventaram. Mas falei com ele há mais de vinte anos."

"Creio que tenham sido inventados muito antes", disse Guilherme, "mas são de difícil fabricação, e demandam mestres vidreiros muito hábeis. Custam tempo e trabalho. Há dez anos um par desses vítreos ab oculis ad legendum foram vendidos em Bolonha por seis soldos. Eu ganhei um par deles de um grande mestre, Salvino dos Armati, há mais de dez anos, e os conservei com zelo por todo esse tempo, como se fossem — e afinal são — parte de meu próprio corpo."

"Espero que me deixes examiná-los um desses dias, não me desagradaria produzir outros iguais", disse Nicola com emoção.

"Claro", consentiu Guilherme, "mas sabe que a espessura do vidro deve mudar de acordo com o olho ao qual deve se adaptar, e é preciso tentar muitas dessas

lentes para experimentá-las no paciente, até que se encontre a espessura adequada."

"Que maravilha!" continuava Nicola. "Entretanto muitos falariam em bruxaria e manipulação diabólica..."

"Podes decerto falar nessas coisas de magia", concordou Guilherme. "Porém existem duas formas de magia. Há uma magia que é obra do diabo e que visa a ruína do homem através de artifícios de que não é lícito falar. Mas há uma magia que é obra divina, lá onde a ciência de Deus se manifesta através da ciência do homem, que serve para transformar a natureza, e um de cujos fins é prolongar a vida humana. E esta é magia santa, a que os sábios deveriam se dedicar sempre, não só para descobrir coisas novas, mas para redescobrir muitos segredos da natureza que a sabedoria divina revelara aos hebreus, aos gregos, a outros povos antigos e hoje até aos infiéis (e nem te conto quantas coisas maravilhosas de ótica e ciência da visão há nos livros dos infiéis!). E de todos esses conhecimentos uma ciência cristã deverá se apossar, e retomá-la aos pagãos e aos infiéis tamquam ab iniustis possessoribus."

"E por que aqueles que possuem tal ciência não a comunicam a todo povo de Deus?"

"Porque nem todo povo de Deus está pronto para aceitar tantos segredos, e muitas vezes aconteceu que os depositários dessa ciência foram tomados por magos ligados por pacto ao demônio, pagando com a própria vida o desejo que tiveram de tornar os outros partícipes da riqueza de seu conhecimento. Eu mesmo, durante processos em que alguém era suspeito de trato com o demônio, tive que me abster em usar essas lentes, recorrendo a solícitos secretários que me liam as escrituras de que precisava, porque de outro modo, num momento em que a presença do diabo era tão invasora, e todos respiravam-lhe, por assim dizer, o cheiro de enxofre, eu mesmo teria sido visto como amigo dos inquiridos. E finalmente, advertia o grande Roger Bacon, nem sempre os segredos da ciência devem andar nas mãos de todos, que alguns poderiam usá-los para maus propósitos. Freqüentemente o sábio deve fazer parecerem mágicos livros que mágicos não são, mas propriamente de boa ciência, para protegê-los dos olhos indiscretos."

"Tu receias portanto que os simples possam fazer mau uso desses segredos?" perguntou Nicola.

"No que respeita aos simples, receio apenas que possam ficar aterrorizados com eles, ao confundi-los com as obras do diabo de que lhes falam muito

freqüentemente os pregadores. Vê, tive oportunidade de conhecer médicos muito hábeis que destilaram medicamentos capazes de curar incontinenti uma doença. Mas esses davam seu ungüento ou infusão aos simples, acompanhando-os com palavras sagradas e salmodiando frases que pareciam rezas. Não porque as rezas tivessem o poder de curar, mas porque, crendo que a cura viesse das rezas, os simples engoliam a infusão ou se untavam com o ungüento, e assim saravam, sem prestar muita atenção em sua força efetiva. E depois também para que o ânimo, bem excitado pela confiança na fórmula devota, se dispusesse melhor à ação corporal do medicamento. Mas quase sempre as riquezas da ciência devem ser defendidas não contra os simples, porém contra outros sábios. Constroem-se hoje máquinas prodigiosas, das quais um dia te falarei, com que realmente se pode dirigir o curso da natureza. Mas ai, se elas caíssem nas mãos de homens que as usassem para estender seu poder terreno e saciar sua ânsia de posse. Contam que em Catai um sábio misturou um pó que pode produzir, em contato com o fogo, um grande estrondo e uma grande chama, destruindo todas as coisas por braças e braças ao redor. Admirável artifício, se fosse usado para desviar o curso dos rios ou espedaçar a rocha lá onde é preciso alqueivar o terreno. E se alguém o usasse para causar dano aos próprios inimigos?"

"Quem sabe seria bom, se fossem inimigos do povo de Deus", disse Nicola com devoção.

"Quem sabe", admitiu Guilherme. "Mas quem é hoje o inimigo do povo de Deus? Ludovico, o imperador, ou João, o papa?"

"Oh, Senhor!" disse Nicola todo assustado, "não gostaria de decidir sozinho uma coisa tão dolorosa!"

"Estás vendo?" disse Guilherme. "Às vezes é bom que certos segredos permaneçam ainda encobertos por discursos ocultos. Os segredos da natureza não circulam em peles de cabra ou de ovelha. Aristóteles diz no livro dos segredos que, ao comunicar muitos arcanos da natureza e da arte, infringe-se um sigilo celeste e que muitos males poderiam seguir-se. O que não significa que os segredos não devam ser revelados, mas que compete aos sábios decidir quando e como."

"Por isso é bom que em lugares como este", disse Nicola, "nem todos os livros estejam ao alcance de todos."

"Isso é uma outra história", disse Guilherme. "Pode-se pecar por excesso de loquacidade e por excesso de reticência. Eu não queria dizer que é necessário esconder as fontes da ciência. Isso me parece antes um grande mal. Queria dizer que, tratando-se de arcanos dos quais pode nascer tanto o bem como o mal, o

sábio tem o direito e o dever de usar uma linguagem obscura, compreensível somente a seus pares. O caminho da ciência é difícil e é difícil distinguir nele o bem do mal. E freqüentemente os sábios dos novos tempos são apenas anões em cima dos ombros de anões."

A amável conversa com meu mestre devia ter posto Nicola em veia de confidências. Por isso piscou para Guilherme (como a dizer, eu e tu nos entendemos porque falamos das mesmas coisas) e aludiu: "Porém lá embaixo", e apontou para o Edifício, "os segredos da ciência estão bem protegidos das obras da magia..."

"Sim?" disse Guilherme ostentando indiferença. "Portas cerradas, proibições severas, ameaças, imagino."

"Oh não, muito mais..."

"O que por exemplo?"

"Bem, eu não sei com certeza, eu me ocupo de vidros e não de livros, mas na abadia circulam histórias... estranhas..."

"De que gênero?"

"Estranhas. Digamos, de um monge que à noite quis se aventurar na biblioteca, para procurar alguma coisa que Malaquias não quisera lhe dar, e viu serpentes, homens sem cabeça, e homens com duas cabeças. Por pouco não saía louco do labirinto..."

"Por que falas de magia e não de aparições diabólicas?"

"Porque ainda que seja um pobre mestre vidreiro não sou tão desprovido assim. O diabo (Deus nos livre!) não tenta um monge com serpentes e homens bicéfalos. Se for com visões lascivas, como com os padres do deserto, ainda vá lá. E depois, se é mal pôr a mão em certos livros, por que o diabo deveria dissuadir um monge de cometer o mal?"

"Parece-me um bom entimema", admitiu o meu mestre.

"E ainda, quando eu estava ajustando as vidraças no hospital, diverti-me folheando alguns livros de Severino. Havia um livro de segredos escrito creio que por Alberto Magno; senti-me atraído por algumas curiosas miniaturas e li páginas sobre o modo em que podes ungir o pavio de uma lâmpada a óleo, e os sufumígios que dela provêm provocam visões. Terás notado, ou melhor, não terás notado porque não passaste ainda uma noite na abadia, que durante as horas escuras o andar superior do Edifício é iluminado. Pelas vidraças, e em alguns pontos, transparece uma luz flébil. Muitos se perguntam o que seja, e falou-se em fogos-fátuos, ou nas almas dos bibliotecários, monges finados que voltam para visitar o

seu reino. Muitos aqui acreditam nisso. Eu acho que são lâmpadas preparadas para as visões. Sabes, pega-se a cera da orelha de um cão e com ela se unge um pavio, quem respira a fumaça dessa lâmpada acreditará ter uma cabeça de cão, e se tiver alguém a seu lado será visto com cabeça de cão. E há um outro ungüento que faz com que os que girem em torno da lâmpada sintam-se grandes como elefantes. E com os olhos de um morcego e de dois peixes dos quais não me recordo o nome, e o fel de um lobo, fazes um pavio que queimando te fará ver os animais de que pegaste a gordura. E com a cauda da lagartixa fazes ver as coisas ao redor como de prata, e com a gordura de uma serpente negra e um pedaço de mortalha, a sala parecerá cheia de serpentes. Eu sei disso. Alguém na biblioteca é muito astuto..."

"E não poderiam ser as almas dos bibliotecários finados que fazem essas magias?"

Nicola deteve-se perplexo e inquieto: "Nisso eu não tinha pensado. Pode ser. Deus nos proteja. É tarde, as vésperas já começaram. Adeus." E dirigiu-se à igreja.

Prosseguimos para o lado sul: à direita o albergue dos peregrinos e a sala capitular com o jardim, à esquerda a moenda de azeitonas, o moinho, os celeiros, as cantinas, a casa dos noviços. E todos que se apressavam em direção à igreja.

"O que estais pensando sobre aquilo que Nicola disse?" perguntei.

"Não sei. Alguma coisa está acontecendo na biblioteca, e não creio que sejam as almas dos finados bibliotecários..."

"Por quê?"

"Porque imagino que tenham sido tão virtuosos que hoje estão lá no reino dos céus a contemplar o rosto da divindade, se esta resposta te satisfaz. Quanto às lâmpadas, se existem nós as veremos. E quanto aos ungüentos de que nos falava o nosso vidreiro, há modos mais fáceis de provocar visões, e Severino os conhece muito bem, já percebeste isso hoje. É certo que na abadia não querem que se penetre na biblioteca à noite e que muitos, porém, tentaram ou tentam fazê-lo."

"E o nosso crime tem a ver com esta história?"

"Crime? Quanto mais penso nisso mais me convenço que Adelmo matou-se."

"E por quê?"

"Estás lembrado quando de manhã descobri o depósito de estrume? Enquanto subíamos a curva dominada pelo torreão oriental percebi naquele ponto os sinais deixados por um desmoronamento: ou seja, um pedaço de terreno, mais ou menos lá onde se amontoa o estrume, desmoronara rolando para baixo do torreão. Eis por que esta tarde, quando olhamos do alto, o estrume nos pareceu pouco coberto de neve, ou seja, apenas coberto pela última de ontem, não por aquela dos dias

passados. Quanto ao cadáver de Adelmo, o Abade nos disse que estava dilacerado pelas rochas, e sob o torreão oriental, mal termina a construção em desaprumo, crescem pinheiros. As rochas ao contrário estão justamente no ponto em que a parede da muralha termina, formando uma espécie de degrau, e depois começa a descida do monte de estrume."

"E daí?"

"E daí pensa se não é mais... como dizer?... menos dispendioso para nossa cabeça achar que Adelmo, por razões a serem apuradas ainda, tenha se jogado voluntariamente do parapeito da muralha, ricocheteado nas rochas e, morto ou ferido que estivesse, tenha despencado no estrume. Depois o desmoronamento, devido ao vendaval daquela noite, fez escorregar quer o estrume e o pedaço de terreno, quer o corpo do coitadinho sob o torreão oriental."

"Por que dizeis que é uma solução menos dispendiosa para nossa cabeça?"

"Caro Adso, não é preciso multiplicar as explicações e as causas sem que se tenha uma estrita necessidade. Se Adelmo caiu do torreão oriental é preciso que tenha penetrado na biblioteca, que alguém o tenha golpeado antes para que não opusesse resistência, que tenha encontrado o modo de subir com um corpo exânime nas costas até a janela, que tenha jogado o desgraçado para baixo. Com minha hipótese porém basta-nos Adelmo, sua vontade, e um desmoronamento. Tudo se explica usando um número menor de causas."

"Mas por que teria se matado?"

"E por que o teriam matado? Em todo caso é preciso encontrar as razões. E que elas existem, não tenho dúvidas. No Edifício respiram-se ares de reticência, todos nos escondem algo. Entretanto já recolhemos algumas insinuações, bastante vagas na verdade, sobre uma estranha relação que ligava Adelmo a Berengário. Quer dizer que ficaremos de olho no ajudante bibliotecário."

Enquanto assim se falava, o ofício das vésperas tinha acabado. Os servos voltavam-se às suas ocupações antes de recolherem-se para a ceia, os monges se dirigiam ao refeitório. O céu escurecera finalmente e estava começando a nevar. Uma neve leve, de pequenos flocos macios, que teria continuado, creio, por grande parte da noite, porque na manhã seguinte toda a esplanada estaria coberta por uma cândida manta, como direi.

Eu estava com fome e recebi com alívio a idéia de ir à mesa.

Primeiro dia

COMPLETAS

Onde Guilherme e Adso gozam da alegre hospitalidade do Abade e da conversa ressentida de Jorge.

O refeitório era iluminado por grandes tochas. Os monges sentavam-se ao longo de uma fila de mesas, dominada pela mesa do Abade, posta perpendicularmente a essas sobre um vasto estrado. Do lado oposto um púlpito, sobre o qual já tomara lugar o monge que faria a leitura durante a ceia. O Abade nos esperava perto de uma bica com um pano branco para enxugar-nos as mãos após o lavabo, conforme os conselhos antiqüíssimos de São Pacômio.

O Abade convidou Guilherme para sua mesa e disse que por aquela noite, dado que era também eu hóspede recente, gozaria do mesmo privilégio, ainda que fosse um noviço beneditino. Os dias seguintes, disse-me paternalmente, poderia sentar-me à mesa com os monges, ou se meu mestre me tivesse confiado algum encargo, passar antes ou depois das refeições na cozinha, onde os cozinheiros cuidariam de mim.

Os monges estavam agora em pé junto às mesas, imóveis com o capuz abaixado sobre o rosto e as mãos sob o escapulário. O Abade aproximou-se de sua mesa e pronunciou o Benedicite. O cantor entoou do púlpito Edent pauperes. O Abade deu sua bênção e todos sentaram-se.

A regra do nosso fundador prevê um pasto bastante parco, mas deixa ao Abade decidir quanta comida necessitam realmente os monges. Por outro lado, porém, em nossas abadias nos detemos mais nos prazeres da mesa. Não estou falando das que, infelizmente, transformaram-se em covis de glutões; mas também das que inspiradas em critérios de penitência e de virtude fornecem aos monges, dedicados quase sempre a pesados trabalhos intelectuais, um nutrimento não delicado mas robusto. Por outro lado a mesa do Abade é sempre privilegiada, mesmo porque não raro nela sentam hóspedes de respeito, e as abadias são orgulhosas dos produtos

de sua terra e de seus estábulos, e da perícia de seus cozinheiros.

A refeição dos monges decorreu em silêncio como de costume, uns comunicando-se com os outros através do nosso alfabeto usual dos dedos. Os noviços e os monges mais jovens eram servidos primeiro, logo depois que os pratos destinados a todos passam pela mesa do Abade.

À mesa do Abade sentavam conosco Malaquias, o celeireiro e dois monges mais velhos, Jorge de Burgos, o ancião cego que já conhecera no scriptorium, e o venerando Alinardo de Grottaferrata: quase centenário, claudicante e de aspecto frágil, e — pareceu-me — ausente de espírito. Contou-nos dele o Abade que, já noviço naquela abadia, sempre vivera ali e dela recordava pelo menos oitenta anos de acontecimentos. O Abade nos disse certas coisas em voz baixa a princípio, porque em seguida nos ativemos ao uso de nossa ordem e acompanhamos em silêncio a leitura. Mas, como disse, à mesa do Abade tomávamos algumas liberdades, e aconteceu-nos louvar os pratos que nos foram oferecidos, enquanto o Abade celebrava as qualidades de seu óleo, ou de seu vinho. Aliás, uma vez, convidando-nos a beber, lembrou-nos os trechos da regra em que o santo fundador observara que certamente o vinho não convém aos monges, mas desde que não se pode persuadir os monges de nossos tempos a não beber, que ao menos não bebam até a saciedade, porque o vinho impele à apostasia mesmo os sábios, como recorda o Eclesiastes. Bento dizia "em nossos tempos" e estava se referindo aos seus, já bem distantes: imaginemos os tempos em que ceávamos na abadia, após tanta decadência de costumes (e não estou falando dos meus tempos, em que agora escrevo, pois aqui em Melk somos mais dados à cerveja!): em suma, bebeu-se sem exagero mas não sem gosto.

Comemos carnes no espeto, os porcos recém-mortos, e percebi que para outras comidas não se usavam gorduras de animais nem óleo de colza, mas o bom azeite de oliva que vinha de terrenos que a abadia possuía aos pés do monte em direção ao mar. O Abade nos fez degustar (reservado à sua mesa) aquele frango que vira preparar na cozinha. Notei que, coisa bastante rara, ele dispunha de uma forquilha de metal, que na forma me lembrava as lentes de meu mestre: homem de extração nobre, o nosso conviva não queria sujar as mãos com a comida, e antes nos ofereceu o seu instrumento para ao menos pegar as carnes da travessa e pô-las em nossas tigelas. Eu recusei, mas vi que Guilherme aceitou de bom grado e serviu-se com desenvoltura daquele apetrecho de nobres, talvez para não mostrar ao Abade que os franciscanos eram pessoas de pouca educação e de extração muito humilde.

Entusiasmado que estava com toda aquela boa comida (depois de alguns dias de viagem em que tínhamos nos alimentado como podíamos), distraíra-me do curso da leitura que no entanto devotamente prosseguia. Fui chamado de volta por um vigoroso grunhido de confirmação de Jorge, e percebi que se estava no ponto em que sempre era lido um capítulo da Regra. Dei-me conta da razão por que Jorge estava tão satisfeito, após tê-lo escutado à tarde. Dizia de fato o leitor: "Imitemos o exemplo do profeta que diz: decidi, vigiarei o meu caminho para não pecar com a minha língua, coloquei uma mordaça na boca, emudeci em humilhação, abstive-me de falar mesmo de coisas honestas. E se nessa passagem o profeta nos ensina que às vezes, por amor ao silêncio, deveríamos nos abster até dos discursos lícitos, tanto mais devemos nos abster dos discursos ilícitos para evitar a pena desse pecado!" E depois prosseguia: "Mas as vulgaridades, asneiras, e as palhaçadas nós as condenamos à reclusão perpétua, em qualquer lugar, e não permitimos que o discípulo abra a boca para fazer discursos de tal feitio."

"E que isso valha para as marginalia de que se falava hoje", não se conteve em comentar Jorge em voz baixa. "João Crisóstomo disse que Cristo nunca riu."

"Nada em sua natureza humana o impedia", observou Guilherme, "porque o riso, como dizem os teólogos, é próprio do homem."

"Forte potuit sed non legitur eo usus fuisse", disse Jorge cortante, citando Pietro Cantore.

"Manduca, jam coctum est", sussurrou Guilherme.

"O quê?", perguntou Jorge, que achava que ele estava aludindo a alguma comida que lhe era oferecida.

"São as palavras que segundo Ambrósio foram pronunciadas por São Lourenço em cima da grelha, quando convidou os carrascos a virá-lo do outro lado, como recorda também Prudêncio no Peristephanon", disse Guilherme com ares de santo. "São Lourenço sabia portanto rir e dizer coisas ridículas, ainda que para humilhar os seus próprios inimigos."

"O que demonstra que o riso é coisa muito próxima da morte e da corrupção do corpo", rebateu Jorge com um rosnado, e devo admitir que se comportou como bom lógico.

Àquela altura o Abade nos convidou afável ao silêncio. A ceia contudo estava terminando. O Abade levantou-se e apresentou Guilherme aos monges. Louvou-lhe a sabedoria, revelou sua fama, e avisou-os de que lhe fora pedido para investigar sobre a morte de Adelmo, convidando os monges a responder às suas perguntas e a advertir os subalternos, por toda a abadia, para fazerem o mesmo. E a facilitar-

lhe as buscas, contanto que, acrescentou, seus pedidos não contrariassem as regras do mosteiro. Caso em que deveriam recorrer à sua autorização.

Terminada a ceia, os monges iam se encaminhando ao coro para o ofício das completas. Desceram novamente o capuz sobre o rosto e se alinharam diante da porta, à espera. Depois moveram-se numa longa fila, atravessando o cemitério e entrando no coro pelo portal norte.

Saímos com o Abade. "É agora que se fecham as portas do Edifício?" perguntou Guilherme.

"Logo que os servos tenham limpado o refeitório e as cozinhas, o próprio bibliotecário fechará todas as portas, trancando-as por dentro."

"Por dentro? E ele por onde sai?"

O Abade fitou Guilherme por um instante, com expressão séria: "Certamente não dorme na cozinha", disse bruscamente. E apressou o passo.

"Bem, bem", Guilherme sussurrou para mim, "portanto existe outra entrada, mas nós não devemos conhecê-la." Eu sorri todo orgulhoso de sua dedução, e ele resmungou: "E não rias. Viste que entre esses muros o riso não goza de boa reputação."

Entramos no coro. Somente uma lâmpada ardia, sob um robusto tripé de bronze, da altura de dois homens. Os monges tomaram assento em silêncio, enquanto o leitor lia uma passagem de uma homília de São Gregório.

Depois o Abade fez um sinal e o cantor entoou Tu autem Domine miserere nobis. O Abade respondeu Adjutorium nostrum in nomine Domini e todos fizeram coro com Qui fecit coelum et terram. Em seguida começou o canto dos salmos: Quando invoco responde-me ó Deus de minha justiça; Agradecer-te-ei, Senhor, de todo coração; Abençoai o Senhor, servos todos do Senhor. Nós não tomáramos assento, e permanecemos retraídos na nave principal. Foi dali que de repente avistamos Malaquias emergindo da escuridão de uma capela lateral.

"Fique de olho naquele ponto", disse-me Guilherme. "Poderia haver ali uma passagem que leva ao Edifício."

"Por baixo do cemitério?"

"E por que não? Aliás, pensando bem, nalgum lugar deverá haver um ossário, é impossível que há séculos sepultem todos os monges naquele pedaço de terra."

"Mas estais querendo realmente entrar de noite na biblioteca?" perguntei assustado.

"Onde há os monges defuntos e as serpentes e as luzes misteriosas, meu bom Adso? Não, rapaz. Pensava nisso hoje, e não por curiosidade, mas porque me

propunha o problema de como morreu Adelmo. Agora, como te disse, estou propenso a uma explicação mais lógica, e no final das contas vou querer respeitar os costumes desse lugar."

"Então por que estais querendo saber?"

"Porque a ciência não consiste só em saber aquilo que se deve ou se pode fazer, mas também em saber aquilo que se poderia fazer e que talvez não se deva fazer. Eis por que hoje eu dizia ao mestre vidreiro que o sábio deve guardar de todos os modos os segredos que descobre, para que outros não façam mau uso deles, mas é preciso descobri-los, e esta biblioteca me parece mais um lugar onde os segredos permanecem encobertos."

Com essas palavras dirigiu-se para fora da igreja, pois o ofício terminara. Estávamos ambos muito cansados e fomos para nossa cela. Eu me aninhei naquilo que Guilherme chamou divertidamente de meu "lóculo" e adormeci logo.

SEGUNDO DIA

Segundo dia

MATINAS

Onde poucas horas de mística felicidade são interrompidas por um evento muito sangrento.

Símbolo às vezes do demônio, às vezes do Cristo ressurgido, nenhum animal é mais infido que o galo. Nossa ordem conheceu alguns preguiçosos, que não cantavam ao nascer do sol. E por outro lado, especialmente nos dias de inverno, o ofício das matinas começa quando ainda está alta a noite e a natureza toda adormecida, porque o monge deve levantar-se na escuridão e na escuridão rezar, esperando o dia e iluminando as trevas com a chama da devoção. Por isso a regra predispôs sabiamente vigilantes que não repousavam com os demais, mas passavam a noite recitando ritmicamente o número exato de salmos que lhes dessem a medida do tempo transcorrido, de modo que, ao término das horas dedicadas ao sono dos outros, aos outros davam o sinal de vigília.

Por isso, aquela noite, fomos despertados por aqueles que percorriam o dormitório e a casa dos peregrinos tocando uma campainha, enquanto um outro ia de cela em cela gritando o Benedicamus Domino a que todos respondiam Deo gratias.

Guilherme e eu nos ativemos ao costume beneditino: em menos de meia hora aprontamo-nos para enfrentar o novo dia, depois descemos ao coro onde os monges esperavam prostrados no chão, recitando os primeiros quinze salmos, até que entrassem os noviços conduzidos pelo seu mestre. Em seguida cada um sentou-se em seu lugar e o coro entoou Domine labia mea aperies et os meum annuntiabit laudem tuam. O grito subiu para as abóbadas da igreja como a súplica de uma criança. Dois monges subiram ao púlpito e iniciaram o salmo noventa e quatro, Venite exultemus, ao qual seguiram os outros prescritos. E eu provei o ardor de uma fé renovada.

Os monges estavam em seus assentos, sessenta figuras tornadas iguais pelo

hábito e pelo capuz, sessenta sombras mal iluminadas pelo fogo do grande tripé, sessenta vozes alçadas para louvar o Altíssimo. E ouvindo o comovente uníssono, vestíbulo das delícias do paraíso, perguntei-me se deveras a abadia era lugar de mistérios ocultos, de ilícitas tentativas de desvelá-los e de tenebrosas ameaças. Porque ela, pelo contrário, agora me parecia um receptáculo de santos, cenáculo de virtude, relicário de sabedoria, arca de prudência, torre de conhecimento, recinto de mansuetude, bastião de fortaleza, turíbulo de santidade.

Depois de seis salmos começou a leitura da sagrada escritura. Alguns monges pendiam de sono e um dos vigilantes da noite passava entre os assentos com uma pequena lamparina para acordar quem estivesse adormecido. Se alguém era surpreendido em estado de sopor, como penitência pegava a lamparina e continuava o giro de controle. Em seguida ecoou o canto de mais seis salmos. Depois o Abade deu sua bênção, o hebdomadário disse as orações, todos se inclinaram em direção do altar, num instante de recolhimento, cuja doçura ninguém, que não tenha vivido essas horas de místico ardor e de intensa paz interior, pode compreender. Finalmente, o capuz de novo no rosto, todos se sentaram e entoaram solenemente o Te Deum. Também eu louvei o Senhor porque me libertara de minhas dúvidas e da sensação de mal-estar que o primeiro dia na abadia me deixara. Somos seres frágeis, disse a mim mesmo, e mesmo entre esses monges instruídos e devotos o maligno faz circular pequenas invejas, sutis inimizades, mas trata-se de fumaça que se dispersa ao vento impetuoso da fé, quando todos se reúnem em nome do Pai e Cristo ainda desce entre eles.

Entre matinas e laudes o monge não volta à cela, ainda que a noite esteja alta. Os noviços seguiram seu mestre na sala capitular para estudar os salmos, alguns dos monges ficaram na igreja a cuidar dos paramentos sagrados, os demais passeavam meditando em silêncio no claustro, e assim fizemos Guilherme e eu. Os servos ainda dormiam e continuavam dormindo quando, o céu ainda escuro, voltamos ao coro para as laudes.

Recomeçou o canto dos salmos, e um em particular, dos previstos para segunda-feira, fez-me recair em meus primitivos temores: "A culpa se apossou do ímpio, no íntimo de seu coração — não há temor a Deus em seus olhos — age enganosamente em sua presença — de modo que sua língua se torna odiosa." Pareceu-me mau presságio que a regra tivesse prescrito justamente para aquele

dia uma admoestação tão terrível. Nem acalmou as minhas palpitações de inquietude, após os salmos de louvação, a habitual leitura do Apocalipse, e me retornaram à cabeça as figuras do portal que tanto me subjugaram o coração e os olhos no primeiro dia. Porém depois do responsório, do hino e do versículo, quando estava começando o cântico do evangelho, percebi atrás das janelas do coro, bem em cima do altar, um clarão pálido que já fazia reluzir as vidraças em suas diversas cores, até então mortificadas pelas trevas. Ainda não era a aurora, que triunfaria durante a prima, justamente quando cantávamos Deus qui est sanctorum splendor mirabilis e Iam lucis orto sidere. Era apenas o primeiro flébil anúncio da aurora invernal, mas foi suficiente, e foi suficiente para libertar meu coração a leve penumbra que na nave substituía agora a escuridão noturna.

Cantávamos as palavras do livro divino e, enquanto testemunhávamos o Verbo vindo para iluminar as gentes, pareceu-me que o astro diurno em todo o seu fulgor estava invadindo o templo. A luz, ainda ausente, pareceu-me reluzir nas palavras do cântico, lírio místico que se abria oloroso entre as cruzes das abóbadas. "Graças, ó Senhor, por este momento de gáudio indescritível", rezei silenciosamente, e disse ao meu coração "e tu, tolo, de que tens medo?"

De repente alguns clamores elevaram-se das bandas do portal setentrional. Perguntei-me como é que os servos, preparando-se para o trabalho, podiam perturbar assim as sagradas funções. Naquele momento entraram três porqueiros, com o terror no rosto, e se aproximaram do Abade sussurrando-lhe algo. O Abade primeiro os acalmou com um gesto, como se não quisesse interromper o ofício: mas outros servos entraram, os gritos tornaram-se mais fortes: "É um homem, um homem morto!" dizia alguém, e outros: "Um monge, não viste o calçado?"

Os orantes calaram-se, o Abade saiu precipitadamente, fazendo sinal ao celeireiro que o acompanhasse. Guilherme foi atrás deles, mas já também os outros monges abandonavam seus assentos e se precipitavam para fora.

O céu agora estava claro, e a neve caída deixava ainda mais luminosa a esplanada. Por trás do coro, diante das pocilgas, onde no dia anterior se destacava um grande recipiente com o sangue dos porcos, um estranho objeto, em forma de cruz, despontava agora da borda da tina, como se fossem dois paus fincados no chão, de se cobrir de trapos para assustar os pássaros.

Eram porém duas pernas humanas, as pernas de um homem fincado de cabeça para baixo na vasilha do sangue.

O Abade ordenou que tirassem do líquido infame o cadáver (pois que infelizmente nenhuma pessoa viva poderia ficar naquela obscena posição). Os porqueiros, hesitantes, se aproximaram da beirada e sujando-se de sangue tiraram dali a pobre coisa sanguinolenta. Como me fora dito, bem remexido logo após ter sido derramado, e deixado ao relento, o sangue não coagulara, mas a crosta que cobria o cadáver tendia agora a solidificar-se, ensopava-lhe as vestes, tornava irreconhecível o seu rosto. Aproximou-se um servo com um balde de água e jogou-a no rosto do mísero despojo. Outro abaixou-se com um pano para limpar-lhe os traços. E surgiu diante de nossos olhos o rosto branco de Venâncio de Salvamec, o conhecedor de coisas gregas com quem tínhamos conversado à tarde junto aos códices de Adelmo.

"Talvez Adelmo tenha se suicidado", disse Guilherme fitando aquele rosto, "mas não certamente este, nem se pode pensar que tenha se erguido por acidente até a beirada da tina e tenha caído por engano."

O Abade aproximou-se dele: "Frei Guilherme, como estais vendo, alguma coisa está acontecendo na abadia, alguma coisa que requer todo vosso conhecimento. Mas peço-vos, agi depressa!"

"Estava presente no coro durante o ofício?" perguntou Guilherme apontando o cadáver.

"Não", disse o Abade. "Reparei que seu assento estava vazio."

"Ninguém mais estava ausente?"

"Não me parece. Não notei nada."

Guilherme hesitou antes de formular a nova pergunta, e a fez num sussurro, cuidando que os outros não ouvissem: "Berengário estava em seu lugar?"

O Abade olhou para ele com inquieta admiração, como se fora tocado ao ver meu mestre nutrir uma suspeita que ele mesmo tinha por um instante nutrido, mas por razões mais compreensíveis. Depois disse rápido: "Estava, na primeira fila, quase à minha direita."

"Naturalmente", disse Guilherme, "tudo isso não significa nada. Não creio que alguém, para entrar no coro, tenha passado para trás da abside, e por isso o cadáver podia já estar aqui há várias horas, pelo menos desde a hora em que todos foram dormir."

"Certo, os primeiros servos levantam-se ao amanhecer e por isso o descobriram só agora."

Guilherme inclinou-se sobre o cadáver, como se estivesse acostumado a lidar com corpos mortos. Embebeu o pano que estava ao lado, na água do balde, e

limpou melhor o rosto de Venâncio. Nesse ínterim os outros monges se amontoavam assustados, formando um círculo gritante ao qual o Abade estava impondo silêncio. Dentre eles abriu caminho Severino, a quem era confiada a cura dos corpos da abadia, e agachou-se perto do meu mestre. Eu, para ouvir sua conversa, e para ajudar Guilherme que precisava de um novo pano limpo molhado na água, uni-me a eles, superando o meu terror e a minha repugnância.

"Já viu um afogado?" perguntou Guilherme.

"Muitas vezes", disse Severino. "E se adivinho o que quereis dizer, não têm esta cara, os traços ficam inchados."

"Então o homem já estava morto quando alguém o jogou na tina."

"Por que teria feito uma coisa dessas?"

"Por que o teria matado? Estamos diante da obra de uma mente distorcida. Mas agora é preciso ver se há feridas ou contusões no corpo. Proponho levá-lo à casa de banhos, despi-lo, lavá-lo e examiná-lo. Logo te alcançarei."

E enquanto Severino, com permissão do Abade, fazia transportar o corpo pelos porqueiros, meu mestre pediu que fizessem os monges retornar ao coro seguindo o caminho pelo qual tinham vindo, e que os servos se retirassem do mesmo modo, de maneira que o espaço permanecesse deserto. O Abade não perguntou o porquê desse desejo e satisfez seu pedido. Permanecemos assim sozinhos, junto à tina da qual o sangue se derramara durante a macabra operação de recuperação, a neve, ao redor, toda vermelha, derretida em muitos pontos pela água que se espalhara, e uma grande mancha escura onde o cadáver ficara estendido.

"Que embrulhada", disse Guilherme apontando o jogo complexo de rastros deixados em torno pelos monges e pelos servos. "A neve, caro Adso, é um admirável pergaminho sobre o qual os corpos dos homens deixam escrituras bastante legíveis. Mas este é um palimpsesto mal raspado e talvez nele não se leia nada de interessante. Da igreja até aqui, houve um grande acorrer de monges, das pocilgas e dos estábulos vieram os servos em tropel. O único espaço intacto é o que leva das pocilgas ao Edifício. Vamos ver se encontramos lá algo de interessante."

"Mas o que quereis encontrar?" perguntei.

"Se não se atirou sozinho no recipiente, alguém o carregou, já morto, imagino. E quem transporta o corpo de outrem deixa marcas profundas na neve. E então, vê se encontras aqui em volta marcas que te pareçam diferentes das deixadas por esses monges vociferadores que estragaram o nosso pergaminho."

Assim fizemos. E digo logo que fui eu, Deus me livre da vaidade, que descobri

algo entre o recipiente e o Edifício. Eram marcas de pés humanos, bastante fundas, numa zona em que ninguém ainda passara e, como notou logo meu mestre, mais leves que as deixadas pelos monges e pelos servos, sinal de que outra neve caíra ali, e portanto tinham sido deixadas um tempo atrás. Mas, o que nos pareceu mais digno de interesse, era que entre as pegadas se misturava uma marca mais contínua, como de algo arrastado por quem deixara as pegadas. Em suma, um sulco que ia da tina à porta do refeitório, no lado do Edifício que ficava entre a torre meridional e a oriental.

"Refeitório, scriptorium, biblioteca", disse Guilherme. "Mais uma vez a biblioteca. Venâncio foi morto no Edifício, e mais provavelmente na biblioteca."

"E por que justamente na biblioteca?"

"Procuro pôr-me no lugar do assassino. Se Venâncio tivesse morrido, tivesse sido morto, no refeitório, na cozinha ou no scriptorium, por que não deixá-lo lá? Porém, se morreu na biblioteca, era preciso levá-lo algures, seja porque na biblioteca nunca teria sido descoberto (e talvez ao assassino interessava justamente que fosse descoberto), seja porque o assassino provavelmente não quer que a atenção se concentre na biblioteca."

"E por que podia interessar ao assassino que fosse descoberto?"

"Não sei, estou levantando hipóteses. Quem te disse que o assassino matou Venâncio porque odiava Venâncio? Poderia tê-lo matado, no lugar de um outro qualquer, para deixar um sinal, para significar outra coisa qualquer."

"Omnis mundi creatura, quasi liber et scriptura..." murmurei. "Mas que sinal seria esse?"

"Isto é o que não sei. Mas não esqueçamos que também há signos que parecem como tais e no entanto são privados de sentido, como blitiri ou bu-ba-baff..."

"Seria atroz", disse, "matar um homem para dizer bu-ba-baff!"

"Seria atroz", comentou Guilherme, "matar um homem mesmo para dizer Credo in unum Deum..."

Naquele momento fomos alcançados por Severino. O cadáver tinha sido lavado e examinado com cuidado. Nenhuma ferida, nenhuma contusão no corpo. Morto como que por encanto.

"Como que por castigo divino?" perguntou Guilherme.

"Talvez", disse Severino.

"Ou por envenenamento?"

Severino hesitou. "Talvez, quem sabe."

"Tens venenos no laboratório?" perguntou Guilherme enquanto nos dirigíamos

ao hospital.

"Também. Mas depende do que entendes por veneno. Há substâncias que, em pequenas doses, são salutares e em doses excessivas causam a morte. Como todo bom herborista eu as tenho, e as uso com discrição. Em minha horta cultivo, por exemplo, a valeriana. Algumas gotas, numa infusão de outras ervas, acalmam o coração que bate desordenadamente. Uma dose exagerada provoca torpor e morte."

"E não notaste no cadáver sinal de algum veneno particular?"

"Nenhum. Mas muitos venenos não deixam traços."

Tínhamos chegado ao hospital. O corpo de Venâncio, lavado na casa de banhos, fora transportado para ali e jazia sobre a grande mesa no laboratório de Severino: alambiques e outros instrumentos de vidro e louça fizeram-me pensar (e sabia disso por vias indiretas) na botica de um alquimista. Em prateleiras, ao longo de parede externa, estendia-se uma série de ampolas, bilhas, vasos, repletos de substâncias de várias cores.

"Uma bela coleção de símplices", disse Guilherme. "Todos produtos do vosso jardim?"

"Não", disse Severino, "muitas substâncias raras e que não crescem nestas regiões foram-me trazidas no decorrer dos anos por monges provenientes de todas as partes do mundo. Tenho também coisas preciosas e inencontráveis, misturadas a substâncias que é fácil obter na vegetação destas paragens. Vê... agáloco amassado, vem de Catai, e o obtive de um sábio árabe. Aloé socoltrino, vem das Índias, ótimo cicatrizante. Prata viva, ressuscita os mortos, ou para melhor dizer, reanima os que perderam os sentidos. Arsenacho: perigosíssimo, veneno mortal para quem o ingere. Bórax, planta boa para os pulmões doentes. Betônica, boa para as fraturas da cabeça. Mástica: refreia os fluxos pulmonares e os catarros molestos. Mirra..."

"A dos magos?" perguntei.

"A dos magos, mas aqui boa para prevenir os abortos, colhida de uma árvore que se chama Balsamodendron myrra. E esta é mumyya, raríssima, produzida pela decomposição dos cadáveres mumificados, serve para preparar muitos medicamentos quase miraculosos. Mandragola officinalis, boa para o sono..."

"E para suscitar o desejo da carne", comentou meu mestre.

"Dizem, mas aqui não é usada em tal sentido, como podeis imaginar", sorriu Severino. "E reparai nesta", disse pegando uma ampola, "tuthia, milagrosa para os olhos."

“E esta o que é?” perguntou Guilherme com vivacidade, tocando uma pedra que estava na prateleira.

“Esta? foi-me dada há tempo. Acho que é lopris amatiti ou lapis ematitis. Parece que tem várias virtudes terapêuticas, mas ainda não descobri quais. Tu a conheces?”

“Sim”, disse Guilherme, “mas não como remédio.” Tirou do hábito uma faquinha, aproximou-a lentamente da pedra. Quando a faquinha, movida por sua mão com extrema delicadeza, chegou a pouca distância da pedra, vi que a lâmina executava um movimento brusco, como se Guilherme tivesse movido o pulso, que ao contrário mantinha bastante firme. E a lâmina aderiu à pedra com um leve rumor de metal.

“Vê”, disse-me Guilherme, “é um magnete.”

“E para que serve?” perguntei.

“Para várias coisas, que depois te direi. Mas por enquanto queria saber, Severino, se aqui não há nada que possa matar um homem.”

Severino refletiu por um instante, demasiado diria, dada a limpidez de sua resposta: “Muitas coisas, já te disse, o limite entre o veneno e o remédio é bastante tênue, os gregos chamavam a ambos de pharmacon.”

“E não há nada aqui que tenha sido tirado recentemente?”

Severino refletiu ainda, depois, como que pesando as palavras: “Nada, recentemente.”

“E no passado?”

“Quem sabe. Não lembro. Estou nesta abadia há trinta anos e estou no hospital há vinte e cinco.”

“Tempo demais para uma memória humana”, admitiu Guilherme. Depois, de repente: “Falávamos ontem de plantas que podem dar visões. Quais são?”

Severino manifestou, através dos atos e da expressão do rosto, o vivo desejo de evitar o assunto: “Precisaria pensar nisso, sabes, tenho tantas substâncias miraculosas aqui. Mas falemos antes de Venâncio. O que dizes tu?”

“Precisaria pensar nisso”, respondeu Guilherme.

Segundo dia

PRIMA

Onde Bêncio de Upsala confia algumas coisas, outras são confiadas por Berengário de Arundel e Adso aprende o que é a verdadeira penitência.

O infeliz incidente tinha convulsionado a vida da comunidade. O alvoroço devido à descoberta do cadáver interrompera o ofício sagrado. O abade mandara logo os monges de volta ao coro, para rezarem pela alma de seu confrade.

As vozes dos monges estavam entrecortadas. Pusemo-nos numa posição adequada para estudar-lhes a fisionomia quando, segundo a liturgia, o capuz não estava baixado. Vimos, de repente, o rosto de Berengário. Pálido, contraído, luzidio de suor. No dia anterior ouvíramos rumores a seu respeito, como de pessoa ligada de algum modo particular a Adelmo; e não era o fato de que os dois, coetâneos, fossem amigos, mas o tom elusivo dos que tinham aludido àquela amizade.

Ao lado dele notamos Malaquias sombrio, carrancudo, impenetrável. Ao lado de Malaquias, igualmente impenetrável, o rosto do cego Jorge. Percebemos porém os movimentos nervosos de Bêncio de Upsala, o estudioso de retórica conhecido no dia anterior no scriptorium, e surpreendemos um rápido olhar que ele estava lançando em direção a Malaquias. "Bêncio está nervoso, Berengário, assustado", observou Guilherme. "Será preciso interrogá-los logo."

"Por quê?" perguntei ingenuamente.

"O nosso é um duro mister", disse Guilherme. "Duro mister o do inquisidor, é preciso bater nos mais fracos e no momento de sua maior fraqueza."

De fato, mal terminado o ofício, alcançamos Bêncio que se dirigia à biblioteca. O jovem pareceu contrariado ao ser chamado por Guilherme, e arranjou um frágil pretexto de trabalho. Parecia ter pressa de ir para o scriptorium. Mas meu mestre lembrou-lhe que estava desenvolvendo uma investigação por ordem do Abade, e conduziu-o ao claustro. Sentamo-nos no parapeito interno, entre duas colunas.

Bêncio esperava que Guilherme falasse, olhando de vez em quando para o Edifício.

"Então", perguntou Guilherme, "o que foi dito naquele dia em que estiveram a discutir as marginalia de Adelmo, tu, Berengário, Venâncio, Malaquias e Jorge?"

"Vós ouvistes ontem. Jorge observava que não é lícito ornar com imagens ridículas os livros que contêm a verdade. E Venâncio retrucou que o próprio Aristóteles tratara das sutilezas e dos jogos de palavras, como instrumentos para descobrir melhor a verdade, e que portanto o riso não devia ser má coisa se podia tornar-se veículo da verdade. Jorge insistiu que, pelo que recordava, Aristóteles tratara dessas coisas no livro da Poética e a propósito das metáforas. Que se tratava já de duas circunstâncias inquietantes, primeiro porque o livro da Poética, que por tanto tempo permanecera desconhecido do mundo cristão e talvez por decreto divino, chegou-nos através dos mouros infiéis..."

"Mas foi traduzido para o latim por um amigo do angélico doutor de Aquino", observou Guilherme.

"Foi o que eu lhe disse", falou Bêncio reanimando-se. "Eu leio mal o grego e pude me aproximar do grande livro justamente através da tradução de Guilherme de Moerbeke. Bem, foi o que eu lhe disse. Mas Jorge acrescentou que o segundo motivo de inquietação é que lá o estagirita fala da poesia, que é ínfima doctrina e que vive de figmenta. E Venâncio disse que também os salmos são obra de poesia e usam metáforas e Jorge zangou-se porque disse que os salmos são obra de inspiração divina e usam metáforas para transmitir a verdade, enquanto as obras dos poetas pagãos usam metáforas para transmitir a mentira e para fins de mero deleite, coisa que muito me ofendeu..."

"Por quê?"

"Porque eu me ocupo de retórica e leio muitos poetas e sei... ou melhor, creio que através da palavra deles são transmitidas também verdades naturaliter cristãs... Em suma, naquele ponto, se bem recordo, Venâncio falou de outros livros e Jorge ficou muito enfurecido."

"Que livros?"

Bêncio hesitou: "Não recordo. O que importa de que livros se tenha falado?"

"Importa bastante, porque aqui estamos procurando compreender o que aconteceu entre homens que vivem entre livros, com os livros, pelos livros, e por isso também as suas palavras sobre os livros são importantes."

"É verdade", disse Bêncio, sorrindo pela primeira vez com o rosto quase se iluminando. "Nós vivemos para os livros. Doce missão neste mundo dominado pela desordem e pela decadência. Talvez então compreendereis o que aconteceu

naquele dia. Venâncio, que sabe... que sabia muito bem o grego, disse que Aristóteles dedicara especialmente ao riso o segundo livro da Poética e que se um filósofo de tal grandeza consagrara um livro inteiro ao riso, o riso devia ser uma coisa importante. Jorge disse que muitos padres tinham dedicado livros inteiros ao pecado, que é importante, mas é uma coisa má, e Venâncio disse que pelo que sabia ele, Aristóteles falara do riso como coisa boa e instrumento de verdade e então Jorge perguntou-lhe com escárnio se por acaso ele tinha lido esse livro de Aristóteles, e Venâncio disse que ninguém podia ainda tê-lo lido, porque nunca mais fora encontrado e talvez tivesse se perdido. E de fato nunca ninguém pôde ler o segundo livro da Poética, Guilherme de Moerbeke nunca o teve em mãos. Então Jorge disse que se não o encontraram era porque nunca fora escrito, porque a providência não queria que fossem glorificadas as coisas fúteis. Eu queria acalmar os ânimos porque Jorge é fácil presa da ira e Venâncio falava de modo a provocá-lo, e eu disse que na parte da Poética que conhecemos, e na Retórica, se encontram muitas observações sábias sobre os enigmas sutis, e Venâncio concordou comigo. Acontece que estava conosco Pacifico de Tivoli, que conhece bastante bem os poetas pagãos, e disse que quanto a enigmas sutis ninguém supera os poetas africanos. Citou aliás o enigma do peixe, o de Sinfósio:

Est domus in terris, clara quae voce resultat.
Ipsa domus resonat, tacitus sed non sonat hospes.
Ambo tamen currunt, hospes simul et domus una.

Naquele ponto, Jorge disse que Jesus recomendara que nosso falar fosse sim ou não e o mais vinha do maligno; e que bastava dizer peixe para nomear o peixe sem ocultar-lhe o conceito debaixo de sons mentirosos. E acrescentou que não lhe parecia sábio tomar por modelo os africanos... E então...”

“Então?”

“Então, aconteceu uma coisa que não entendi. Berengário pôs-se a rir, Jorge o repreendeu e ele disse que ria porque lhe viera à cabeça que, caso se procurasse bem entre os africanos, seriam encontrados muitos outros enigmas, e não fáceis como o do peixe. Malaquias, que estava presente, ficou furibundo, quase agarrou Berengário pelo capuz, mandando-o cuidar de suas obrigações... Berengário, como sabeis, é o ajudante dele...”

“E depois?”

“Depois, Jorge pôs fim à discussão, afastando-se. Todos retomamos nossas

ocupações mas, enquanto trabalhava, vi que primeiro Venâncio e depois Adelmo aproximaram-se de Berengário para perguntar-lhe algo. Vi de longe que se esquivava, mas, esses, durante o dia, voltaram ambos a procurá-lo. E depois, naquela noite, vi Berengário e Adelmo confabularem no claustro, antes de ir ao refeitório. Bem, é tudo que sei."

"Isto é, sabes que duas pessoas recentemente mortas em circunstâncias misteriosas tinham perguntado alguma coisa a Berengário", disse Guilherme.

Bêncio respondeu pouco à vontade: "Não disse isso! Disse o que aconteceu aquele dia e como vós me perguntastes..." Refletiu um pouco, depois acrescentou apressado: "Mas se quiserdes saber a minha opinião, Berengário falou-lhes de algo que está na biblioteca, e é lá que deveríeis procurar."

"Por que pensas na biblioteca? O que queria dizer Berengário com as palavras 'procurar entre os africanos'? Não estaria querendo dizer que era preciso ler melhor os poetas africanos?"

"Talvez, assim parecia, mas então por que Malaquias teria ficado enfurecido? No fundo depende dele decidir se deve permitir a leitura de um livro de poetas africanos, ou não. Mas uma coisa eu sei: quem folhear o catálogo dos livros achará, entre as indicações que somente o bibliotecário conhece, uma que diz freqüentemente 'Africa' e até achei uma que dizia 'finis Africae'. Uma vez pedi um livro que trazia aquele sinal, não recordo qual, o título me deixara curioso; e Malaquias me disse que aqueles livros tinham-se extraviado. É isso o que sei. Por isso vos digo: está certo, deveis controlar Berengário, e controlá-lo quando sobe à biblioteca. Nunca se sabe."

"Nunca se sabe", concluiu Guilherme como despedida. Depois começou a andar comigo no claustro e observou que: primeiro, mais uma vez, Berengário era objeto das murmurações de seus confrades; em segundo lugar Bêncio parecia ansioso para empurrar-nos à biblioteca. Notei que talvez quisesse que descobríssemos lá coisas que também ele queria saber e Guilherme disse que provavelmente assim era, mas podia ser também que, ao empurrar-nos para a biblioteca, estivesse querendo nos afastar de um outro lugar. Qual?, perguntei. E Guilherme disse que não sabia, talvez o scriptorium, talvez a cozinha, ou o coro, ou o dormitório, ou o hospital. Observei que no dia anterior era ele, Guilherme, a se deixar fascinar pela biblioteca e ele respondeu que queria deixar-se fascinar pelas coisas que lhe agradavam e não pelas que os outros lhe aconselhavam. Que, no entanto, não se podia perder de vista a biblioteca e que, àquela altura, não seria nada mau procurar penetrar nela de algum modo. As circunstâncias afinal o autorizavam a ser

curioso, dentro dos limites da cortesia e do respeito pelos usos e leis da abadia.

Estávamos nos afastando do claustro. Servos e noviços estavam saindo da igreja depois da missa. E quando dobrávamos o lado ocidental do templo avistamos Berengário que saía do portal do transepto e atravessava o cemitério, em direção ao Edifício. Guilherme chamou-o, o outro se deteve e o alcançamos. Estava ainda mais agitado que quando o vimos no coro e Guilherme decidiu evidentemente aproveitar-se, como tinha feito com Bêncio, de seu estado de ânimo.

"Então parece que você foi o último a ver Adelmo vivo", disse-lhe.

Berengário vacilou como se estivesse a ponto de desmaiar: "Eu?" perguntou com um fio de voz. Guilherme tinha jogado sua pergunta como por acaso, provavelmente porque Bêncio lhe dissera ter visto os dois confabulando no claustro depois das vésperas. Mas devia ter acertado no alvo e Berengário estava claramente pensando num outro, e esse verdadeiramente último encontro, porque começou a falar com a voz partida.

"Como podeis dizer isso, eu o vi antes de ir deitar, como todos os demais!"

Então Guilherme decidiu que valia a pena não lhe dar descanso: "Não, tu o viste mais tarde também e sabes mais coisas de quanto queres fazer crer. Mas aqui já estão em jogo duas mortes e não podes mais calar. Sabes muito bem que existem muitos modos de fazer uma pessoa falar!"

Guilherme dissera-me muitas vezes que, mesmo como inquisidor, tinha sempre evitado a tortura, mas Berengário o entendeu mal (ou Guilherme queria fazer-se entender mal), em todo caso seu jogo resultou eficaz.

"Sim, sim", disse Berengário rompendo num pranto desenfreado. "Eu vi Adelmo aquela noite, mas o vi já morto!"

"Como?" perguntou Guilherme, "aos pés do precipício?"

"Não, não, eu o vi aqui no cemitério, vagando entre as tumbas, larva dentre as larvas. Encontrei-o e logo percebi que não tinha um ser vivo à minha frente, o seu rosto era o de um cadáver, os seus olhos já enxergavam as penas eternas. Naturalmente só na manhã seguinte, ao saber de sua morte, compreendi que dele tinha encontrado o fantasma, mas já naquele momento tomei consciência de que estava tendo uma visão e que diante de mim havia uma alma penada, um lêmure... Oh, Senhor, com que voz de além-túmulo ele falou comigo!"

"E o que disse?"

"'Estou perdido!' Assim falou ele. 'Tal qual me vês, tens diante de ti alguém que voltou do inferno, e ao inferno é preciso que regresse.' Assim me falou. E eu lhe

gritei: 'Adelmo, vens realmente do inferno? Como são as penas do inferno?' E tremia, porque tinha saído há pouco do ofício das completas onde escutara ler páginas tremendas sobre a ira do Senhor. E ele me disse: 'As penas do inferno são infinitamente maiores de quanto possa a nossa língua dizer. Estás vendo', disse, 'esta capa de sofismas de que tenho me vestido até hoje? Ela me oprime e pesa como se tivesse a maior torre de Paris ou a montanha do mundo em cima dos ombros e nunca mais poderei pô-la abaixo. E esta pena me foi dada pela divina justiça por minha vaidade, por ter acreditado meu corpo pouso de delícias, e por ter suposto saber mais que os outros, e por ter-me deleitado com coisas monstruosas, que, desejadas na minha imaginação, produziram coisas muito mais monstruosas no íntimo de minh'alma — e agora deverei viver eternamente com elas. Estás vendo? O forro desta capa é como se fosse todo brasa e fogo ardente, e é o fogo que queima meu corpo, esta pena me é imposta pelo pecado desonesto da carne, na qual me viciei, e este fogo agora arde e queima-me sem tréguas!' Estende-me a tua mão, meu belo mestre, disse-me ainda, 'para que o meu encontro te seja um ensinamento útil, em troca dos muitos ensinamentos que me deste. Estende-me a tua mão, meu belo mestre!' E sacudiu o dedo de sua mão que ardia, e caiu-me sobre a mão uma pequena gota de seu suor e pareceu que estava me furando a mão, e por muitos dias eu trouxe o sinal dela, só que o escondi de todos. Depois desapareceu entre as tumbas, e na manhã seguinte soube que aquele corpo, que tanto me aterrorizara, já estava morto ao pé do penhasco."

Berengário ofegava e chorava. Guilherme perguntou-lhe: "E por que ele te chamava de meu belo mestre? Éreis da mesma idade. Por acaso tinhas-lhe ensinado algo?"

Berengário escondeu a cabeça puxando o capuz sobre o rosto, e caiu de joelhos abraçando as pernas de Guilherme: "Não sei, não sei por que me chamava assim, eu não lhe ensinei nada!" e desatou em soluços. "Tenho medo, padre, quero confessar-me convosco, misericórdia, um diabo me devora as vísceras!"

Guilherme afastou-o de si e estendeu a mão para levantá-lo. "Não, Berengário", disse-lhe, "não me peças confissão. Não feches meus lábios, abrindo os teus. O que eu quero saber de ti me dirás de outro modo. E se não me disseres, descobrirei por minha conta. Pede-me misericórdia, se queres, não me peças o silêncio. Calam-se demasiado nesta abadia. Dize-me, antes, como viu o seu rosto pálido se a noite era alta, como pôde queimar tua mão se era noite de chuva e de granizo e de nevisco, e o que estavas fazendo no cemitério? Vamos", e o sacudiu com brutalidade pelos ombros, "dize-me ao menos isso!"

Berengário tremia dos pés à cabeça: "Não sei o que estava fazendo no cemitério, não lembro. Não sei por que vi o rosto dele, talvez tivesse uma luz, não... ele tinha uma luz, trazia um lume, talvez tenha visto seu rosto à luz da chama..."

"Como podia trazer uma luz se chovia e nevava?"

"Foi logo depois das completas, logo depois, não nevava ainda, começou depois... Lembro que começavam a cair as primeiras rajadas quando eu fugia para o dormitório. Fugia para o dormitório, em direção oposta à do fantasma... E depois não sei mais de nada, peço-vos, não me interrogueis mais, se não quereis me confessar."

"Está bem", disse Guilherme, "agora vai, vai ao coro, vai falar com o Senhor, visto que não queres falar com os homens, ou vai procurar um monge que queira escutar a tua confissão, porque se é desde então que não confessas os teus pecados, tu recebeste os sacramentos em sacrilégio. Vai. Nos veremos de novo."

Berengário desapareceu correndo. E Guilherme esfregou as mãos, como o vira fazer em muitos casos em que ficara satisfeito com alguma coisa.

"Bem", disse, "agora muitas coisas se tornam claras."

"Claras, mestre?" perguntei-lhe. "Claras, agora que temos também o fantasma de Adelmo?"

"Caro Adso", disse Guilherme, "aquele fantasma parece-me muito pouco fantasma e, em todo caso, ele estava recitando uma página que já vi nalgum livro para uso dos pregadores. Esses monges talvez leiam demais, e quando estão excitados revivem as visões que tiveram nos livros. Não sei se Adelmo disse realmente aquelas coisas, ou se Berengário as ouviu porque precisava ouvi-las. É fato que esta história confirma uma série de suposições minhas. Por exemplo: Adelmo morreu de suicídio, e a história de Berengário nos diz que, antes de morrer, vagava presa de uma grande excitação, e atormentado por algo que cometera. Estava excitado e assustado por seu pecado porque alguém o assustara, e talvez lhe tivesse contado justamente o episódio da aparição infernal que ele recitara a Berengário com tanta e alucinada maestria. E passava pelo cemitério porque vinha do coro, onde se confiara (ou confessara) a um outro que lhe incutira terror e remorso. E do cemitério seguia, como Berengário nos deu a entender, em direção oposta ao dormitório. Em direção ao Edifício, portanto, mas também (é possível) em direção da muralha atrás dos estábulos, de onde deduzi deva ter-se jogado no precipício. E jogou-se antes que sobreviesse a tempestade, morreu aos pés da muralha, e somente depois o desmoronamento levou seu cadáver entre a torre

setentrional e a oriental."

"Mas e a gota de suor ardente?"

"Já fazia parte da história que ele ouviu e repetiu, ou que Berengário imaginou em sua excitação e em seu remorso. Porque existe, em antístrofe ao remorso de Adelmo, um remorso de Berengário, como pudeste ouvir. E se Adelmo vinha do coro talvez trouxesse uma vela, e a gota na mão do amigo era apenas uma gota de cera. Porém, Berengário sentiu queimar muito mais porque Adelmo certamente o chamou de seu mestre. Sinal, portanto, de que Adelmo o reprovava por ter aprendido com ele alguma coisa que agora lhe dava um desespero de morte. E Berengário sabe disso, ele sofre porque sabe ter impelido Adelmo à morte, levando-o a fazer algo que não devia. E não é difícil imaginar o quê, meu pobre Adso, depois daquilo que ouvimos sobre o nosso ajudante-bibliotecário."

"Creio ter entendido o que aconteceu entre os dois", disse envergonhado de minha sagacidade, "mas não cremos todos num Deus de misericórdia? Adelmo, dizeis, provavelmente tinha-se confessado: por que procurou punir seu primeiro pecado com um pecado decerto maior ainda, ou ao menos de gravidade semelhante?"

"Porque alguém lhe disse palavras de desespero. Eu disse que algumas páginas de pregadores de nossos dias devem ter sugerido a alguém as palavras que assustaram Adelmo e com que Adelmo assustou Berengário. Nunca como nesses últimos anos os pregadores têm oferecido ao povo, para estimular nele a piedade e o terror (e o fervor, e o respeito à lei humana e divina), palavras truculentas, perturbadoras e macabras. Nunca como em nossos dias, em meio a procissões de flagelantes, se ouviram louvações sagradas inspiradas nas dores de Cristo e da Virgem, nunca como hoje se insistiu em estimular a fé dos simples através da evocação dos tormentos infernais."

"Talvez seja necessidade de penitência", disse.

"Adso, nunca ouvi tantos apelos à penitência como hoje, num período afinal em que nem pregadores, nem bispos, e nem mesmo os meus confrades espirituais, estão mais aptos a promover uma verdadeira penitência..."

"Mas a terceira idade, o papa angélico, o capítulo de Perugia..." disse confuso.

"Nostalgias. A grande época da penitência acabou-se, e por isso o capítulo geral da ordem também pode falar em penitência. Houve, há cem, duzentos anos, uma grande lufada de renovação. Era quando quem falava nisso acabava queimado, santo ou herege que fosse. Agora todos falam. Num certo sentido até o papa discute o assunto. Não te fies nas renovações do gênero humano quando delas

falam as cúrias e as cortes."

"Mas frei Dulcino", ousei dizer, curioso em saber mais sobre aquele nome que ouvira pronunciar tantas vezes no dia anterior.

"Morreu, tão mal como viveu, porque até mesmo ele chegou muito tarde. E depois o que sabes tu a respeito?"

"Nada, por isso estou perguntando..."

"Preferia nunca falar nisso. Tive a ver com alguns dos assim chamados apóstolos, e os observei de perto. Uma triste história. Tu ficarias chocado. Em todo caso chocou a mim, e ficarias chocado mais ainda com a minha própria incapacidade de julgar. É a história de um homem que fez coisas insensatas porque pusera em prática o que muitos santos lhe tinham pregado. Num certo momento não entendi mais de quem era a culpa, estive como que... obnubilado por um ar de família que emanava nos dois campos adversos, dos santos que predicavam a penitência e dos pecadores que a punham em prática, freqüentemente a expensas dos outros... Mas estava falando de outra coisa. Ou talvez não, falava sempre disso: terminada a época da penitência, para os penitentes a necessidade de penitência tornou-se necessidade de morte. E os que mataram os penitentes enlouquecidos, restituindo morte à morte, para derrotar a verdadeira penitência, que produzia morte, substituíram a penitência da alma por uma penitência da imaginação, um apelo a visões sobrenaturais de sofrimento e de sangue, denominando-as 'espelho' da verdadeira penitência. Um espelho que faz viver em vida, na imaginação dos simples, e às vezes também dos doutos, os tormentos do inferno. A fim de que — como dizem — ninguém peque. Esperando arrancar as almas do pecado por meio do medo, e cuidando de substituir a rebelião pelo medo."

"Mas depois não iriam pecar realmente?" perguntei ansioso.

"Depende do que entendes por pecar, Adso", disse-me o mestre. "Eu não queria ser injusto com a gente deste país onde vivo há alguns anos, mas parece-me ser típico da pouca virtude das populações italianas não pecar por medo de algum ídolo, mesmo que o chamem pelo nome de um santo. Têm mais medo de São Sebastião ou Santo Antonio do que de Cristo. Se alguém quer conservar limpo um lugar, aqui, para que não mijem nele, como fazem os italianos à maneira dos cães, pinta-se ali uma imagem de Santo Antonio com a ponta de um bastão, e esta afastará os que estão para mijar. Assim os italianos, e por obra de seus pregadores, arriscam-se a voltar às antigas superstições e não acreditam mais na ressurreição da carne, têm apenas um grande medo das feridas corporais e das

desgraças, e por isso têm muito mais medo de Santo Antonio do que de Cristo."

"Mas Berengário não é italiano", observei.

"Não importa, estou falando do clima que a igreja e as ordens pregadoras difundiram nesta península, e que daqui se difunde para toda parte. E atinge até uma venerável abadia de monges doutos, como estes."

"Mas se ao menos não pecassem", insisti, porque estava disposto a me satisfazer até mesmo com isso.

"Se esta abadia fosse um speculum mundi, você teria a resposta."

"E não é?" perguntei.

"Para que ela seja espelho do mundo é preciso que o mundo tenha uma forma", concluiu Guilherme, que era demasiado filósofo para minha mente adolescente.

Segundo dia

TERÇA

Onde se assiste a uma rixa entre pessoas vulgares.
Aymaro de Alexandria faz algumas alusões e Adso
medita sobre a santidade e sobre o esterco do demônio.
Depois Guilherme e Adso voltam ao scriptorium.
Guilherme vê algo interessante, tem uma terceira
conversação sobre o caráter lícito do riso,
mas em definitivo não pode olhar onde quer.

Antes de subir ao scriptorium passamos na cozinha para refocilar-nos, porque não tínhamos comido nada desde que levantamos. Recuperei-me logo tomando uma tigela de leite quente. O grande fogão meridional já ardia como uma forja, enquanto no forno estavam preparando o pão do dia. Dois cabreiros estavam depondo os despojos de uma ovelha recém-abatida. Vi Salvatore entre os cozinheiros, que me sorriu com sua boca de lobo. E vi que pegava duma mesa um resto do frango da noite anterior e o passava escondido aos cabreiros, que o escondiam em seus casacos de pele, rindo com satisfação e escárnio. Mas o cozinheiro-chefe percebeu e reprovou Salvatore: "Celeireiro, celeireiro", disse, "tu deves administrar os bens da abadia, não dissipá-los."

"Filii Dei, são", disse Salvatore, "Jesus disse que facite por ele aquilo que facite a um desses pueros!"

"Fradeco de minhas bragas, menorita peidorreiro!" gritou-lhe então o cozinheiro. "Não estás mais entre os teus frades mendigos! É a misericórdia do Abade que pensará em dar aos filhos de Deus!"

Salvatore fechou a cara e voltou-se enraivecido: "Não sou um frade menorita! Sou um monge Sancti Benedicti! Merdre à toy, bogomilo de merda!"

"Bogomila é a rameira que tu enrabas à noite, com a tua vara erética, porco!" gritou o cozinheiro.

Salvatore fez sair depressa os cabreiros e passando por nós fitou-nos com preocupação: "Frade", disse a Guilherme, "defende a tua ordem que não é a minha, diz a ele que os filios Francisci non ereticos esse!" Depois sussurrou-me ao ouvido: "Ille menteur, puah", e cuspiu no chão.

O cozinheiro veio enxotá-lo para fora com maus modos e bateu-lhe a porta às costas. "Frade", disse a Guilherme com respeito "não estava falando mal de vossa ordem e dos santíssimos homens que nela estão. Falava daquele falso menorita e falso beneditino que não é nem carne nem peixe."

"Sei de onde vem", disse Guilherme conciliador. "Mas agora é monge como tu e lhe deves respeito fraterno."

"Mas ele mete o nariz onde não deve só porque é protegido do celeireiro, e se acha o próprio celeireiro. Usa a abadia como coisa sua, de dia e de noite!"

"Por que de noite?" perguntou Guilherme. O cozinheiro fez um gesto como para dizer que não queria falar de coisas pouco virtuosas. Guilherme não lhe perguntou mais nada e terminou de beber o seu leite.

Minha curiosidade se excitava cada vez mais. O encontro com Ubertino, os murmúrios sobre o passado de Salvatore e do celeireiro, as alusões sempre mais freqüentes aos fraticelli e aos menoritas hereges que ouvi fazer naqueles dias, a reticência do mestre ao falar-me de frei Dulcino... Uma série de imagens começava a se recompor em minha cabeça. Por exemplo, quando seguíamos nossa viagem encontráramos duas vezes pelo menos uma procissão de flagelantes. Uma vez a gente do lugar olhava para eles como santos, outra começava a murmurar que eram hereges. Entretanto, tratava-se sempre das mesmas pessoas. Iam em procissão de dois em dois, pelas ruas da cidade, cobertos só nas pudendas, tendo superado todo senso de vergonha. Cada um tinha na mão um flagelo de couro e se golpeavam nas costas, sangrando, derramando lágrimas abundantes, como se estivessem vendo com os próprios olhos a paixão do Salvador, imploravam com um canto lamurioso a misericórdia do Senhor e da Mãe de Deus. Não só de dia, mas à noite também, com as velas acesas, no rigor do inverno, andavam em grande bando rodeando igrejas, prosternavam-se humildemente diante dos altares, precedidos de sacerdotes com círios e vexilos, e não somente homens e mulheres do povo, mas também nobres matronas, e mercadores... E então assistia-se a grandes atos de penitência, os que tinham roubado restituíam o roubo, outros confessavam os seus crimes...

Porém Guilherme olhara para eles com frieza e me dissera que aquela não era a verdadeira penitência. Dissera antes como há pouco, naquela mesma manhã: o

tempo da grande purificação penitencial estava acabado, e esses eram os modos com que os próprios pregadores organizavam a devoção das multidões, justamente para que não se tornassem presa de um outro desejo de penitência que — esse sim — era herético e amedrontava a todos. Mas eu não conseguia perceber a diferença, se é que existia. Parecia-me que a diferença não vinha dos gestos de um e de outro, mas dos olhos com que a igreja julgava um e outro gesto.

Lembrava-me da discussão com Ubertino. Guilherme tinha sido sem dúvida insinuante, tentara dizer-lhe que havia pouca diferença entre a sua fé mística (e ortodoxa) e a fé distorcida dos hereges. Ubertino ficara indignado com isso, como quem vê bem a diferença. A impressão que eu tirava disso é que ele era diferente justamente porque era dos que sabiam ver a diferença. Guilherme subtraíra-se aos deveres da inquisição porque não sabia vê-la, essa diferença. Por isso não conseguia falar-me daquele misterioso frei Dulcino. Mas então, evidentemente (eu me dizia), Guilherme perdeu a assistência do Senhor, que não só ensina a ver a diferença, mas, por assim dizer, investe os seus eleitos desta capacidade de discernimento. Ubertino e Clara de Montefalco (que no entanto estava rodeada de pecadores) tinham-se tornado santos justamente porque sabiam discriminar. Isso e nada mais é a santidade.

E por que Guilherme não sabia discriminar? E no entanto era um homem tão agudo, e no que dizia respeito aos fatos da natureza sabia distinguir a mínima desigualdade e o mínimo parentesco entre as coisas...

Estava mergulhado nesses pensamentos, e Guilherme terminava de beber o seu leite, quando ouvimos nos cumprimentarem. Era Aymaro de Alexandria, que já conhecêramos no scriptorium, e de quem me tocara a expressão do rosto, inspirada por um perpétuo riso de escárnio, como se não conseguisse nunca convencer-se da fatuidade de todos os seres humanos, e todavia não atribuísse grande importância a esta tragédia cósmica. "Então, frei Guilherme, já vos habituastes a esta espelunca de dementes?"

"Parece-me um lugar de homens admiráveis pela santidade e doutrina", disse Guilherme com cautela.

"Era. Quando os abades eram abades e os bibliotecários, bibliotecários. Agora vistes, lá em cima", e apontava para o andar superior, "aquele germânico meio morto com olhos de cego está a escutar devotamente os delírios do espanhol cego com os olhos de morto, parece que o Anticristo deva chegar a cada manhã, raspam os pergaminhos, mas livros novos são poucos os que entram... Nós estamos aqui, e lá embaixo nas cidades estão agindo... Outrora de nossas abadias se governava o

mundo. Hoje estais vendo, o imperador nos usa enviando aqui os seus amigos para encontrar os seus inimigos (sei alguma coisa de vossa missão, os monges falam, não têm outra coisa a fazer), mas quando quer controlar as coisas deste país, ele fica nas cidades. Nós ficamos colhendo trigo e criando galinhas, e lá embaixo trocam braças de seda por peças de linho, e peças de linho por sacos de especiarias, e tudo junto por bom dinheiro. Nós guardamos o nosso tesouro, mas lá embaixo acumulam-se tesouros. E mesmo livros. E mais bonitos que os nossos."

"No mundo acontecem certamente muitas coisas novas. Mas por que pensais que a culpa seja do Abade?"

"Porque pôs a biblioteca em mãos de estrangeiros e conduz a abadia como uma cidadela erigida em defesa da biblioteca. Uma abadia beneditina nesta plaga italiana deveria ser um lugar onde italianos decidem os assuntos italianos. O que estão fazendo os italianos, hoje que não têm mais sequer um papa? Comerciam, e fabricam, e são mais ricos que o rei de França. E então, façamos o mesmo nós, se sabemos fazer belos livros, fabriquemo-los para as universidades, e ocupemo-nos do que acontece embaixo no vale, não digo do imperador, com todo o respeito por vossa missão, frei Guilherme, mas do que estão fazendo os bolonheses ou os florentinos. Poderíamos controlar daqui a passagem dos peregrinos e dos mercadores, que vão da Itália à Provença e vice-versa. Abramos a biblioteca aos textos em vulgar e subirão para cá também os que não escrevem mais em latim. E, em vez disso, somos controlados por um grupo de estrangeiros que continuam a conduzir a biblioteca como se em Cluny fosse ainda abade o bom Odillon…"

"Mas o Abade é italiano", disse Guilherme.

"O Abade aqui pouco conta", disse sempre escarnecendo Aymaro. "No lugar da cabeça tem um armário da biblioteca. Está carunchado. Para fazer despeito ao papa deixa que a abadia seja invadida por fraticelli... estou falando dos hereges, frei, os trânsfugas de vossa santíssima ordem... e para agradar ao imperador chama para cá monges de todos os mosteiros do norte, como se entre nós não tivéssemos bons copistas, e homens que sabem o grego e o árabe, e não existissem em Florença ou em Pisa filhos de mercadores, ricos e generosos, que entrariam de boa vontade na ordem, se a ordem oferecesse a possibilidade de incrementar o poderio e o prestígio do pai. Mas, aqui, a indulgência para com as coisas do século só é reconhecível quando se trata de permitir aos germânicos de... oh, bom Senhor, fulminai a minha língua que acabo dizendo coisas pouco convenientes!"

"Na abadia acontecem coisas pouco convenientes?" perguntou Guilherme

distraidamente, servindo-se de mais um pouco de leite.

"O monge também é um homem", sentenciou Aymaro. Depois acrescentou: "Mas aqui são menos homens que em outros lugares. E o que eu disse, fique claro que não o disse."

"Muito interessante", disse Guilherme. "E essas são opiniões vossas ou de muitos que pensam como vós?"

"De muitos, de muitos. De muitos que agora se compadecem pela desventura do pobre Adelmo, mas se no precipício tivesse caído um certo alguém, que circula pela biblioteca mais do que deveria, não teriam ficado descontentes."

"O que estais pretendendo dizer?"

"Falei demais. Aqui falamos demais, vós já deveis ter percebido. Aqui ninguém respeita mais o silêncio, por um lado. Por outro, respeita-se demais. Aqui, em vez de falar ou de calar, deveriam agir. Nos tempos áureos de nossa ordem, se um abade não tinha têmpera de abade, uma boa taça de vinho envenenado, e estava aberta a sucessão. Disse-vos essas coisas, entenda-se frei Guilherme, não para fazer intriga do Abade e dos outros confrades, Deus me guarde disso, por sorte não tenho o vício feio da intriga. Mas não queria que o Abade vos tivesse pedido para investigar sobre mim ou sobre outro qualquer, seja Pacifico de Tivoli ou Pedro de Sant'Albano. Nós com as histórias da biblioteca não nos metemos. Mas queremos nos meter um pouco mais. E então destapai este ninho de serpentes, vós que queimastes tantos hereges."

"Eu nunca queimei ninguém", respondeu Guilherme secamente.

"Falava só por falar", admitiu Aymaro com um grande sorriso. "Boa caçada, frei Guilherme, mas ficai atento de noite."

"Por que não de dia?"

"Porque de dia aqui se cura o corpo com ervas boas e de noite se adoece a mente com ervas más. Não acrediteis que Adelmo tenha sido empurrado para o abismo pelas mãos de alguém, ou que as mãos de alguém tenham posto Venâncio no sangue. Aqui alguém não deseja que os monges decidam por si aonde ir, o que fazer e o que ler. E usam-se as forças do inferno, ou dos nicromantes amigos do inferno, para confundir a mente dos curiosos."

"Vós estais falando do padre herborista?"

"Severino de Sant'Emmerano é uma ótima pessoa. Naturalmente, germânico ele, germânico Malaquias..." E após ter demonstrado ainda uma vez que não estava disposto a fazer intriga, Aymaro subiu para trabalhar.

"O que será que ele quis nos dizer?" perguntei.

"Tudo e nada. Uma abadia é sempre um lugar onde os monges estão em luta entre si para apoderar-se do governo da comunidade. Até em Melk, talvez como noviço tenhas tido jeito de perceber. Mas no teu país conquistar o governo de uma abadia significa conquistar para si um lugar de onde se trata diretamente com o imperador. Neste país, ao contrário, a situação é diferente, o imperador está distante, mesmo quando desce até Roma. Não há uma corte, sequer a papal, agora. Há as cidades, terás percebido isso."

"Certo, e fiquei impressionado. A cidade na Itália é uma coisa diferente daquela de minha terra... Não é só um lugar para morar: é um lugar para decidir, estão sempre todos na praça, valem mais os magistrados cidadãos que o imperador ou o papa. São... como tantos reinos..."

"E os reis são os mercadores. E a arma deles é o dinheiro. O dinheiro, na Itália, tem uma função diferente daquela do teu país, ou do meu. Por toda parte circula dinheiro, mas boa parte da vida é ainda dominada e regulada pela troca de bens, galinhas ou gavelas de grão, ou um facão, ou uma carroça, e o dinheiro serve para arranjar esses bens. Terás notado que na cidade italiana, ao contrário, os bens servem para arranjar dinheiro. E mesmo os padres, e os bispos, e até as ordens religiosas, precisam lidar com o dinheiro. É por isso, naturalmente, que a rebelião ao poder manifesta-se como apelo à pobreza, e rebelam-se contra o poder os que são excluídos da relação com o dinheiro, e cada apelo à pobreza suscita muita tensão e muitas controvérsias, e a cidade inteira, do bispo ao magistrado, sente como inimigo próprio quem prega demais a pobreza. Os inquisidores sentem cheiro do demônio onde alguém revoltou-se contra o cheiro do esterco do demônio. E daí compreenderás também no que está pensando Aymaro. Uma abadia beneditina, nos tempos áureos da ordem, era o lugar de onde os pastores controlavam o rebanho de fiéis. Aymaro quer que se volte à tradição. Só que a vida do rebanho mudou, e a abadia pode voltar à tradição (a sua glória, a seu poder de antigamente) somente se aceitar o novo costume do rebanho, tornando-se diferente. E uma vez que aqui hoje se domina o rebanho não com armas ou com o esplendor dos ritos, mas com o controle do dinheiro, Aymaro quer que a fábrica inteira da abadia, e a própria biblioteca, se tornem opifício, e fábrica de dinheiro."

"E o que tem a ver isso com os crimes, ou o crime?"

"Ainda não sei. Mas agora queria subir. Vem."

Os monges já estavam trabalhando. No scriptorium reinava o silêncio, mas não era aquele silêncio que segue à paz operosa dos corações. Berengário, que nos precedera há pouco, recebeu-nos embaraçado. Os outros monges ergueram a cabeça de seu trabalho. Sabiam que estávamos ali para descobrir algo acerca de Venâncio, e a própria direção de seus olhares fixou nossa atenção sobre um lugar vazio, embaixo de uma janela que se abria para o interior no octógono central.

Ainda que o dia estivesse muito frio, a temperatura no scriptorium era bastante tolerável. Não fora por acaso que tinha sido disposto em cima das cozinhas de onde vinha muito calor, mesmo porque os canos de fumaça dos dois fornos logo embaixo passavam por dentro das pilastras que sustinham as duas escadas em caracol, postas nos torreões ocidental e meridional. Quanto ao torreão setentrional, do lado oposto à grande sala, não tinha escada, mas uma grande lareira que ardia difundindo um agradável calor. Além disso o pavimento tinha sido recoberto de palha, que tornava os nossos passos silenciosos. Em suma, o canto menos aquecido era o do torreão oriental e de fato reparei que todos tendiam a evitar as mesas colocadas naquela direção, uma vez que permaneciam lugares vazios em relação ao número de monges trabalhando. Quando mais tarde me dei conta de que a escada em caracol do torreão oriental era a única que conduzia tanto para baixo, ao refeitório, como para cima, à biblioteca, perguntei-me se um cálculo inteligente não regularia o aquecimento da sala, de modo que os monges fossem dissuadidos a espiar daquele lado e ficasse mais fácil para o bibliotecário controlar o acesso à biblioteca. Mas talvez minhas suspeitas fossem exageradas, fazendo de mim um pobre macaco de meu mestre, porque logo pensei que esse cálculo não teria dado bom fruto no verão — a menos (eu me disse) que no verão aquele não fosse exatamente o lado mais ensolarado e por isso, ainda uma vez, o mais evitado.

A mesa do pobre Venâncio estava de costas para a grande lareira e era provavelmente uma das mais requisitadas. Eu passara até então uma pequena parte de minha vida num scriptorium, mas em seguida passei uma boa parte e sei quanto sofrimento custa ao escriba, ao rubricador e ao estudioso transcorrer em sua mesa as longas horas do inverno, com os dedos que se contraem sobre o estilo (enquanto que já com uma temperatura normal, após seis horas de escritura, a terrível câimbra apodera-se dos dedos do monge e o polegar dói como se estivesse esmagado). E isso explica por que, freqüentemente, encontramos à margem dos

manuscritos frases deixadas pelo escriba como testemunhos do sofrimento (e de impaciência) tais como "Graças a Deus logo vai ficar escuro", ou "Oh, tivesse eu um bom copo de vinho!", ou ainda "Hoje faz frio, a luz está fraca, este velo é peloso, alguma coisa está errada". Como diz um antigo provérbio, três dedos seguram a pena, mas o corpo inteiro trabalha. E dói.

Mas estava falando da mesa de Venâncio. Era menor que as outras, como de resto as que estavam dispostas em torno do pátio octogonal, destinadas a estudiosos, enquanto as maiores eram aquelas debaixo das janelas das paredes externas, destinadas a miniaturistas e copistas. Contudo Venâncio também trabalhava com uma estante, porque provavelmente andava consultando manuscritos emprestados à abadia, que eram copiados. Embaixo da mesa estava disposta uma estante baixa, onde eram amontoadas folhas não encadernadas, e, uma vez que estavam todas em latim, deduzi que deviam ser suas traduções mais recentes. Estavam escritas de modo apressado, não constituíam páginas de livro e deveriam depois ser confiadas a um copista e a um miniaturista. Por isso eram legíveis com dificuldade. Dentre as folhas, algum livro, em grego. Outro livro grego estava aberto sobre a estante, a obra sobre a qual Venâncio vinha realizando nos últimos dias seu trabalho de tradutor. Eu então não sabia ainda o grego, mas meu mestre disse que era de um certo Luciano e narrava sobre um homem transformado em asno. Recordei então uma fábula análoga de Apuléio, que sempre era severamente desaconselhada aos noviços.

"Por que é que Venâncio fazia esta tradução?" perguntou Guilherme a Berengário, que estava ao nosso lado.

"Foi pedida à abadia pelo senhor de Milão e a abadia terá em troca disso um direito de preferência sobre a produção do vinho de algumas propriedades que ficam a oriente", Berengário apontou longe com a mão. Mas logo acrescentou: "Não é que a abadia se preste a trabalhos venais para os leigos. Mas o comitente se esforçou para que este precioso manuscrito grego nos fosse emprestado pelo doge de Veneza que o obteve do imperador de Bizâncio, e após Venâncio terminar seu trabalho teríamos feito duas cópias, uma para o comitente e uma para nossa biblioteca."

"Que portanto não desdenha acolher também fábulas pagãs", disse Guilherme.

"A biblioteca é testemunho da verdade e do erro", disse então uma voz às nossas costas. Era Jorge. Uma vez mais fiquei assombrado (e deveria ficar muito mais nos dias seguintes) pelo modo inopinado com que o velho aparecia de improviso, como se nós não o víssemos e ele estivesse nos vendo. Perguntei-me

também o que fazia afinal um cego no scriptorium, mas dei-me conta, em seguida, que Jorge estava onipresente em todos os lugares da abadia. E estava freqüentemente no scriptorium, sentado num banco perto da lareira, e parecia seguir tudo o que acontecia na sala. Uma vez eu o ouvi perguntar de seu lugar em voz alta: "Quem está saindo?" virando-se para Malaquias que, com os passos abafados pela palha, se dirigia à biblioteca. Os monges todos o tinham em grande estima e recorriam freqüentemente a ele lendo-lhe trechos de difícil compreensão, consultando-o sobre um escólio ou pedindo-lhe esclarecimentos sobre como representar um animal ou um santo. E ele fitava o vazio com os seus olhos apagados, como se enxergasse páginas que tinha vívidas na memória e respondia que os falsos profetas são ataviados como bispos e rãs saltam-lhes da boca, ou quais eram as pedras que deveriam adornar as muralhas da Jerusalém celeste, ou que os arimaspos devem ser representados nos mapas perto da terra do Preste João — recomendando que não exagerassem em fazê-los sedutores em sua monstruosidade, pois bastava representá-los como emblemas reconhecíveis mas não concupiscíveis, ou repelentes até o riso.

Uma vez o ouvi aconselhando um escoliasta sobre como interpretar a recapitulatio nos textos de Ticônio conforme o pensamento de Santo Agostinho, para que se evitasse a heresia donatista. Outra vez o ouvi dar conselhos sobre como, comentando, distinguir os hereges dos cismáticos. Ou ainda, a um estudioso perplexo, dizer qual livro precisaria procurar no catálogo da biblioteca, e mais ou menos em que folha encontraria menção, assegurando-lhe que o bibliotecário decerto o entregaria, pois se tratava de obra inspirada por Deus. Por fim, uma outra vez, ouvi-o dizer que certo livro não devia ser procurado, porque existia no catálogo, é verdade, mas fora estragado pelos ratos há cinqüenta anos antes, e se pulverizaria sob os dedos de quem o tocasse agora. Ele era, em suma, a própria memória da biblioteca e a alma do scriptorium. Às vezes admoestava os monges que ouvia conversando entre si: "Apressai-vos em deixar testemunho da verdade, pois os tempos estão próximos" e aludia à vinda do Anticristo.

"A biblioteca é testemunha da verdade e do erro", disse Jorge, então.

"Certo, Apuléio e Luciano eram culpados de muitos erros", disse Guilherme. "Mas esta fábula contém, sob o velame dos fingimentos, até uma boa moral, porque ensina o preço dos próprios erros, e além disso acho que a história do homem transformado em asno alude à metamorfose da alma que cai em pecado."

"Pode ser", disse Jorge.

"Porém agora compreendo por que Venâncio, durante aquela conversa de que

me falou ontem, estava tão interessado nos problemas da comédia; de fato também as fábulas desse tipo podem ser assimiladas às comédias dos antigos. Ambas não narram sobre homens que existiram de verdade, como as tragédias, mas, diz Isidoro, são fingimentos: 'fabulae poetae a fando nominaverunt quia non sunt res factae sed tantum loquendo fictae'…"

No começo não entendi por que Guilherme tinha adentrado àquela douta discussão e justo com um homem que parecia não gostar de tais assuntos, mas a resposta de Jorge me disse quanto meu mestre tinha sido sutil.

"Aquele dia não se estava discutindo sobre comédias, mas apenas sobre o caráter lícito do riso", disse Jorge franzindo o cenho. E eu me lembrava muito bem que quando Venâncio se referira àquela discussão, justamente no dia anterior, Jorge tinha afirmado não se lembrar dela.

"Ah", disse Guilherme com indiferença, "achava que falastes das mentiras dos poetas e dos enigmas argutos..."

"Falava-se do riso", disse Jorge secamente. "As comédias eram escritas pelos pagãos para levar os espectadores ao riso, e nisso faziam mal. Jesus Nosso Senhor nunca contou comédias nem fábulas, mas apenas límpidas parábolas que alegoricamente nos instruem sobre como alcançar o paraíso, e assim seja."

"Pergunto-me", disse Guilherme, "por que sois tão contrário em pensar que Jesus jamais tenha rido, pois acho que o riso é bom remédio, como os banhos, para curar os humores e as outras afecções do corpo, em particular a melancolia."

"Os banhos são boa coisa", disse Jorge, "e o próprio Aquinate os aconselha para remover a tristeza, que pode ser má paixão, quando não está voltada para um mal que possa ser removido através da audácia. Os banhos restituem o equilíbrio dos humores. O riso sacode o corpo, deforma as linhas do rosto, torna o homem semelhante ao macaco."

"Os macacos não riem, o riso é próprio do homem, é sinal de sua racionalidade", disse Guilherme.

"Também a palavra é sinal da racionalidade humana e com a palavra se pode ofender a Deus. Nem tudo aquilo que é próprio do homem é necessariamente bom. O riso é sinal de estultice. Quem ri não acredita naquilo de que está rindo, mas tampouco o odeia. E portanto rir do mal significa não estar disposto a combatê-lo e rir do bem significa desconhecer a força com a qual o bem se difunde a si próprio. Por isso a Regra diz: 'decimus humilitatis gradus est si non sit facilis ac promptus in risu, quia scriptum est: stultus in risu exaltat vocem suam'."

"Quintiliano", interrompeu meu mestre, "diz que o riso é para ser reprimido no

panegírico, por dignidade, mas é para ser encorajado em muitos outros casos. Tácito louva a ironia de Calpúrnio Pisão, Plínio, o moço, escreveu: 'aliquando praeterea rideo, jocor, ludo, homo sum'."

"Eram pagãos", replicou Jorge. "A Regra diz: 'scurrilitates vero vel verba otiosa et risum moventia aeterna clausura in omnibus locis damnamus, et ad talia eloquia discipulum aperire os non permittimus'."

"Porém quando o verbo de Cristo já tinha triunfado sobre a terra, Sinésio de Cirene diz que a divindade soube combinar harmoniosamente cômico e trágico, e Élio Espaciano fala do imperador Adriano, homem de elevados princípios e de ânimo naturaliter cristão, que soube mesclar momentos de alegria com momentos de gravidade. E por fim, Ausônio recomenda dosar com moderação o sério e o jocoso."

"Mas Paulino de Nola e Clemente de Alexandria nos puseram em guarda contra essas tolices, e Sulpicio Severo diz que São Martinho nunca foi visto por ninguém nem presa da ira, nem presa da hilaridade."

"Porém lembra do santo algumas respostas espiritualiter salsa", disse Guilherme.

"Eram prontas e sábias, não ridículas. Santo Efrém escreveu uma parênese contra o riso dos monges, e no De habitu et conversatione monachorum recomenda-se evitar obscenidades e gracejos como se fossem de áspides!"

"Mas Hildeberto disse: 'admittenda tibi joca sunt post seria quaedam, sed tamen et dignis ipsa gerenda modis'. E João de Salisbury autorizou uma modesta hilaridade. E finalmente o Eclesiastes, do qual haveis citado a passagem à qual se refere a vossa Regra, onde se diz que o riso é próprio do tolo, admite ao menos um riso silencioso, de ânimo sereno."

"O ânimo é sereno somente quando contempla a verdade e se deleita com o bem realizado, e da verdade e do bem não se ri. Eis por que Cristo não ria. O riso é incentivo à dúvida."

"Mas às vezes é justo duvidar."

"Não vejo razão para isso. Quando se duvida deve-se recorrer a uma autoridade, às palavras de um padre ou de um doutor, e acaba qualquer dúvida. A mim me pareceis embebido de doutrinas discutíveis, como as dos lógicos de Paris. Mas São Bernardo soube bem intervir contra o castrado Abelardo que queria submeter todos os problemas ao crivo frio e sem vida de uma razão não iluminada pelas escrituras, pronunciando o seu é assim e não é assim. Certamente quem aceita essas idéias perigosíssimas pode também apreciar o jogo do insipiente que

ri daquilo de que somente se deve saber a verdade única, que já foi dita de uma vez por todas. Rindo, o insipiente diz implicitamente 'Deus non est'."

"Venerável Jorge, pareceis injusto quando tratais Abelardo por castrado, porque sabeis que incorreu nessa triste condição por nequícia alheia..."

"Por seus pecados. Pela vaidade de sua confiança na razão do homem. Desse modo a fé dos simples acabou menosprezada, os mistérios de Deus foram desentranhados (ou tentaram, tolos os que o tentaram), questões que diziam respeito às coisas altíssimas foram tratadas temerariamente, zombou-se dos padres porque tinham achado que tais questões deviam ser antes postas de lado que elucidadas."

"Não concordo, venerável Jorge. Deus quer de nós que exercitemos a nossa razão em muitas coisas obscuras sobre as quais a escritura nos deixou livres para decidir. E quando alguém vos propõe acreditar numa proposição, vós deveis primeiro examinar se ela é aceitável, porque a nossa razão foi criada por Deus, e aquilo que agrada à nossa razão não pode não agradar à razão divina, sobre a qual sabemos, contudo, somente o que, por analogia e sempre por negação, inferimos dela pelos procedimentos de nossa razão. E então vede que às vezes, para minar a falsa autoridade duma proposição absurda que repugna à razão, também o riso pode ser um instrumento justo. O riso serve amiúde também para confundir os maus e fazer refulgir sua estultice. Conta-se de São Mauro que os pagãos o puseram n'água fervente e ele queixou-se de que o banho estava muito frio; o governador pagão enfiou tolamente a mão n'água para verificar, e se queimou. Bela ação a do santo mártir que ridicularizou os inimigos da fé."

Jorge escarneceu: "Também nos episódios que os pregadores narram se encontram muitas lorotas. Um santo imerso em água fervente sofre por Cristo e contém seus gritos, não fica fazendo brincadeira de criança com os pagãos!"

"Estais vendo?" disse Guilherme, "esta história vos parece repugnar à razão e vós a acusais de ser ridícula! Ainda que tacitamente e controlando os vossos lábios, estais rindo de algo e quereis que também eu não o leve a sério. Rides do riso, mas rides."

Jorge fez um gesto de fastio: "Brincando com o riso me arrastastes a discursos vãos. Mas vós sabeis que Cristo não ria."

"Não estou certo disso. Quando convidava os fariseus a jogarem a primeira pedra, quando perguntava de quem é a efígie na moeda para pagar em tributo, quando brincava com as palavras e dizia 'Tu es petrus', eu creio que ele dizia coisas argutas, para confundir os pecadores, para sustentar o ânimo dos seus. Falava com

argúcia também quando dizia a Caifás: 'Tu o disseste'. E Jerônimo quando comenta Jeremias, onde Deus diz a Jerusalém 'nudavi femora contra faciem tuam', explica: 'sive nudabo et relevabo femora et posteriora tua'. Até Deus, portanto, se exprime por argúcias para confundir os que quer punir. E sabeis muito bem que no momento mais aceso da luta entre cluniacenses e cistercienses os primeiros acusaram os segundos, para torná-los ridículos, de não usarem calças. E no Speculum Stultorum conta-se do asno Brunello que pergunta o que aconteceria se de noite o vento levantasse os cobertores e o monge visse suas pudenda..."

Os monges em redor riram e Jorge enfureceu-se: "Estais me arrastando estes confrades numa festa de loucos. Sei que é costume entre os franciscanos cativar as simpatias do povo com tolices deste gênero, mas sobre esses ludi vos direi o que diz um verso que ouvi de um de vossos pregadores — tum podex carmen extulit horridulum."

A reprimenda era um pouco forte demais, Guilherme fora impertinente, mas agora Jorge o estava acusando de soltar peidos pela boca. Perguntei-me se esta resposta severa não devia significar um convite, da parte do monge ancião, para sair do scriptorium. Mas vi Guilherme, tão combativo um pouco antes, usar agora de grande mansuetude.

"Peço-vos perdão, venerável Jorge", disse. "Minha boca traiu meus pensamentos, não queria faltar-vos com o respeito. Talvez o que dizeis é certo, e eu estava errado."

Jorge, diante deste ato de requintada humildade, emitiu um grunhido que podia exprimir tanto satisfação como perdão, e não pôde fazer outra coisa senão voltar ao seu lugar, enquanto os monges, que durante a discussão tinham-se aproximado aos poucos, refluíam às suas mesas de trabalho. Guilherme ajoelhou-se de novo diante da mesa de Venâncio e voltou a remexer entre os papéis. Com sua resposta humílima Guilherme ganhara alguns segundos de tranqüilidade. E o que viu nesses poucos segundos inspirou suas buscas da noite que viria.

Foram realmente poucos segundos, porém. Bêncio logo se aproximou fingindo ter esquecido seu estilo em cima da mesa quando viera para escutar a conversa com Jorge, e sussurrou a Guilherme que tinha urgência em falar-lhe, marcando encontro atrás da casa de banhos. Disse-lhe que se afastasse primeiro, que ele o alcançaria dentro em breve.

Guilherme hesitou alguns instantes, depois chamou Malaquias, que de sua mesa de bibliotecário, perto do catálogo, seguira tudo o que havia acontecido e pediu-lhe, em virtude do mandato recebido do Abade (e acentuou bastante esse seu

privilégio) para pôr alguém de guarda à mesa de Venâncio, porque considerava útil à sua investigação que ninguém se aproximasse dela durante todo o dia, até que ele tivesse voltado. Falou em voz alta, porque assim empenhava não só Malaquias em vigiar os monges mas os próprios monges em vigiar Malaquias. O bibliotecário não pôde senão consentir e Guilherme afastou-se comigo.

Enquanto atravessávamos o horto e nos dirigíamos à casa dos banhos, que ficava atrás da construção do hospital, Guilherme observou:

"Parece que desagrada a muitos que eu ponha as mãos em alguma coisa que está em cima ou embaixo da mesa de Venâncio."

"E o que será?"

"Tenho a impressão de que não o sabem nem mesmo os a quem isso desagrada."

"Então Bêncio não tem nada a nos dizer e está apenas nos levando para longe do scriptorium?"

"Logo saberemos disso", disse Guilherme. De fato, pouco depois Bêncio nos alcançou.

Segundo dia

SEXTA

Onde Bêncio faz um estranho relato do qual se apreendem coisas pouco edificantes sobre a vida da abadia.

O que Bêncio nos disse foi um tanto confuso. Parecia realmente que ele havia nos levado ali para baixo somente para nos afastar do scriptorium, mas também parecia que, incapaz de inventar um pretexto plausível, ele nos dizia também fragmentos de uma verdade mais ampla que ele conhecia.

Ele nos disse que de manhã fora reticente, mas que agora, depois de madura reflexão, achava que Guilherme devia saber toda a verdade. Durante a famosa conversação sobre o riso, Berengário se referira ao "finis Africae". O que era? A biblioteca estava repleta de segredos, e especialmente de livros que nunca tinham sido dados aos monges como leitura. Bêncio ficara tocado pelas palavras de Guilherme sobre o exame racional das proposições. Ele achava que um monge estudioso tinha o direito de conhecer tudo o que a biblioteca guardava, disse palavras inflamadas contra o concílio de Soissons que condenara Abelardo, e, enquanto falava, nos demos conta de que este monge ainda jovem, que se deleitava com retórica, era agitado por frêmitos de independência e custava a aceitar os vínculos que a disciplina da abadia impunha à curiosidade de seu intelecto. Eu sempre aprendi a desconfiar de tais curiosidades, mas bem sei que a meu mestre esse comportamento não desagradava, e percebi que simpatizava com Bêncio e acreditava no que este dizia. Em breve, Bêncio nos disse não saber sobre que segredos Adelmo, Venâncio e Berengário tivessem conversado, mas que a ele não desagradaria que a partir daquela triste história se fizesse um pouco de luz sobre o modo como a biblioteca era administrada, e que acreditava que meu mestre, uma vez que desenredasse a meada da investigação, tirasse dela elementos para estimular o Abade a abrandar a disciplina intelectual que pesava sobre os monges — vindos de tão longe, como ele, acrescentou, justamente para

nutrir a mente com as maravilhas escondidas no amplo ventre da biblioteca.

Eu creio que Bêncio estava sendo sincero ao esperar da investigação aquilo que dizia. Provavelmente, porém, queria ao mesmo tempo, como Guilherme previra, adiantar-se às buscas na mesa de Venâncio, devorado que estava pela curiosidade, e para manter-nos afastados estava disposto a dar-nos em troca mais informações. Eis quais foram.

Berengário deixava-se consumir, agora muitos dentre os monges o sabiam, por uma insana paixão por Adelmo, a mesma paixão cujos nefastos a cólera divina castigara em Sodoma e Gomorra. Assim se exprimiu Bêncio, talvez em consideração por minha pouca idade. Mas quem passou a adolescência num mosteiro sabe, embora tendo-se conservado casto, que de tais paixões já ouviu falar, e, às vezes, já precisou defender-se das insídias de quem disso era escravo. Jovem monge que era, já não tinha recebido eu mesmo, em Melk, de um velho monge, bilhetes com versos que de costume um leigo dedica a uma mulher? Os votos monacais nos mantêm afastados do foco de vícios que é o corpo da fêmea, mas freqüentemente nos conduzem muito perto de outros erros. Posso enfim esconder de mim mesmo que minha velhice ainda hoje é tentada pelo demônio meridiano, quando me acontece de demorar os olhos, no coro, sobre o rosto imberbe de um noviço, puro e fresco como uma menina?

Digo essas coisas não para colocar em dúvida a escolha que fiz de dedicar-me à vida monástica, mas para justificar o erro de muitos a quem este santo fardo se torna pesado. Talvez para justificar o crime horrível de Berengário. Mas parece, segundo Bêncio, que esse monge cultivava o seu vício de modo ainda mais ignóbil, ou seja, usando as armas da chantagem para obter dos outros o que a virtude e o decoro os teriam desaconselhado a dar.

Portanto, há tempo, os monges ironizavam sobre os olhares ternos que Berengário lançava a Adelmo, que parecia ser de grande beleza. Enquanto Adelmo, totalmente enamorado de seu trabalho, apenas do qual parecia extrair deleite, pouco se apercebia da paixão de Berengário. Mas talvez, quem sabe, ele ignorasse que seu ânimo, no fundo, o inclinava à mesma ignomínia. O fato é que Bêncio disse ter surpreendido um diálogo entre Adelmo e Berengário, no qual Berengário, aludindo a um segredo que Adelmo lhe pedira que desvendasse, propunha-lhe a torpe troca que mesmo o leitor mais inocente pode imaginar. E parece que Bêncio ouviu dos lábios de Adelmo palavras de consentimento, ditas quase com alívio. Como atrevia-se a dizer Bêncio, quem sabe Adelmo, no fundo, não desejasse outra coisa e lhe tivesse bastado encontrar uma razão diferente do desejo carnal para

consentir. Sinal, argumentava Bêncio, de que o segredo de Berengário devia dizer respeito aos arcanos da sapiência, de modo que Adelmo podia nutrir a ilusão de dobrar-se a um pecado da carne para satisfazer a uma vontade do intelecto. E, acrescentou Bêncio com um sorriso, quantas vezes não fora ele próprio agitado por vontades do intelecto tão violentas que para satisfazê-las teria consentido em secundar desejos carnais alheios, mesmo contra seu próprio desejo carnal.

"Não há momentos", perguntou a Guilherme, "em que vós faríeis até coisas reprováveis para ter nas mãos um livro que procurais há anos?"

"O sábio e virtuosíssimo Silvestre II, séculos atrás, deu de presente uma esfera armilar preciosíssima em troca de um manuscrito, acho, de Estácio ou Lucano", disse Guilherme. Depois acrescentou com prudência: "Mas tratava-se de uma esfera armilar, não da própria virtude."

Bêncio admitiu que seu entusiasmo o arrastara longe demais e retomou o relato. Na noite antes que Adelmo morresse, ele seguira os dois, movido pela curiosidade. E os vira, após as completas, dirigirem-se juntos para o dormitório. Esperara bastante mantendo entreaberta a porta de sua cela, não distante da deles, e vira claramente Adelmo deslizar para a cela de Berengário, quando o silêncio tombava sobre o sono dos monges. Velara ainda, sem poder pegar no sono, até que ouvira a porta de Berengário se abrir, e Adelmo fugir quase correndo, com o amigo que tentava detê-lo. Berengário fora ao seu encalço quando Adelmo descia para o andar inferior. Bêncio os seguira cautelosamente e na entrada do corredor de baixo vira que Berengário, trêmulo e quase que esmagado num canto, fitava a porta da cela de Jorge. Bêncio intuíra que Adelmo tinha se lançado aos pés do velho confrade para confessar-lhe seu pecado. E Berengário tremia, sabendo que seu segredo estava sendo revelado, ainda que sob o sigilo do sacramento.

Depois Adelmo saíra, palidíssimo, afastando de si Berengário que tentava falar com ele, e se precipitara para fora do dormitório, contornando a abside da igreja e entrando no coro pelo portal setentrional (que de noite permanece sempre aberto). Provavelmente, para rezar. Berengário o seguira, mas sem entrar na igreja, e vagara entre os túmulos do cemitério torcendo as mãos. Bêncio não sabia o que fazer quando percebeu que uma quarta pessoa se movia nas proximidades. Ela também seguira os dois e certamente não tinha percebido a presença de Bêncio, que se mantinha ereto contra o tronco de um carvalho, plantado nos limites do cemitério. Era Venâncio. À sua vista, Berengário se agachara entre as tumbas e Venâncio, ele também, entrara no coro. Nessa altura, Bêncio, temendo ser descoberto, retornara ao dormitório. Na manhã seguinte o cadáver de Adelmo tinha

sido encontrado aos pés da escarpa. Mais do que isso, Bêncio não sabia.

Aproximava-se já a hora do almoço. Bêncio nos deixou e meu mestre não lhe perguntou mais nada. Nós ficamos um pouco mais atrás da casa de banho, depois passeamos alguns minutos no horto, meditando sobre as singulares revelações.

"Frângula", disse Guilherme de repente abaixando-se para observar uma planta, que naquele dia de inverno reconheceu pelo arbusto. "Boa a infusão da casca para as hemorróidas. E aquilo é arctium lappa, um bom cataplasma de raízes frescas cicatriza os eczemas da pele."

"Sois melhor que Severino", disse-lhe, "mas agora dizei-me o que estais pensando sobre o que acabamos de escutar!"

"Caro Adso, precisas aprender a raciocinar com a tua cabeça. Bêncio nos disse a verdade, provavelmente. Apesar de estar misturado com alucinações, seu relato coincide com o de Berengário, de hoje de manhã. Tenta reconstruir. Berengário e Adelmo juntos fazem uma coisa muito feia, já tínhamos intuído. E Berengário deve ter revelado a Adelmo o segredo que, infelizmente, continua um segredo. Adelmo, após ter cometido seu crime contra a castidade e as regras da natureza, pensa apenas em se confessar com alguém que possa absolvê-lo, e corre até Jorge. Que tem um temperamento muito austero, tivemos provas disso, e certamente assalta Adelmo com angustiantes reprimendas. Talvez não lhe dê absolvição, talvez lhe imponha uma penitência impossível, não sabemos, nem Jorge o dirá jamais. É fato que Adelmo vai correndo à igreja prosternar-se diante do altar, mas não aplaca o seu remorso. Nesse instante Venâncio se aproxima dele. Não sabemos o que dizem. Talvez Adelmo confie a Venâncio o segredo recebido de presente (ou em pagamento) de Berengário, e que agora já não mais lhe importa, pois que ele agora tem um segredo seu bem mais terrível e calcinante. O que acontece a Venâncio? Talvez, presa da mesma curiosidade ardente que movia hoje também o nosso Bêncio, satisfeito com o que soube, deixe Adelmo entregue aos próprios remorsos. Adelmo vê-se abandonado, projeta matar-se, desce desesperado ao cemitério e ali encontra Berengário. Diz-lhe palavras tremendas, exproba-lhe a responsabilidade, chama-o de seu mestre de torpezas. Acho mesmo que o relato de Berengário, livre das alucinações, foi exato. Adelmo repete-lhe as mesmas palavras de desesperança que deve ter ouvido de Jorge. E eis que Berengário se retira perturbado para um lado, e Adelmo vai se matar de outro. Depois vem o resto, do qual quase fomos testemunhas. Todos acreditam que Adelmo tenha sido morto, Venâncio tira disso a impressão de que o segredo da biblioteca era ainda mais importante do que podia acreditar, e continua a busca por conta própria. Até

que alguém o detenha, antes ou depois dele ter descoberto o que queria."

"Quem o mata? Berengário?"

"Pode ser. Ou Malaquias que deve guardar o Edifício. Ou um outro. Berengário é suspeito justamente porque está assustado, e sabe agora que Venâncio possuía o seu segredo. Malaquias é suspeito: custode da integridade da biblioteca, descobre que alguém a violou, e mata. Jorge sabe tudo de todos, guarda o segredo de Adelmo, não quer que eu descubra o que Venâncio poderia ter encontrado... Muitos fatos aconselhariam suspeitar dele. Mas dize-me como um homem cego pode matar um outro na plenitude de suas forças, e como um velho, embora robusto, pode transportar o cadáver até a tina? E enfim, por que o assassino não poderia ser o próprio Bêncio? Poderia ter-nos mentido, movido por fins inconfessáveis. E por que limitar os suspeitos unicamente aos que participaram da conversa sobre o riso? Talvez o crime tenha tido outros moventes, que nada têm a ver com a biblioteca. Em todo caso duas coisas são precisas: saber como se entra na biblioteca de noite, e ter um lume. O lume fica por tua conta. Vai à cozinha na hora do almoço, arranja um..."

"Um furto?"

"Um empréstimo, para maior glória do Senhor."

"Se é assim, contai comigo."

"Muito bem. Quanto a entrar no Edifício, vimos de onde apareceu Malaquias ontem à noite. Hoje farei uma visita à igreja e àquela capela em particular. Dentro de uma hora estaremos à mesa. Depois teremos uma reunião com o Abade. Lá serás admitido, porque pedi para ter um secretário que tome nota do que dissermos."

Segundo Dia

NOA

Onde o Abade se mostra orgulhoso das riquezas
de sua abadia e temeroso dos hereges,
e por fim Adso desconfia ter feito
mal em vagar pelo mundo.

Encontramos o Abade na igreja, diante do altar-mor. Estava acompanhando o trabalho de noviços que tinham tirado de alguns penetrais uma quantidade de vasos sagrados, cálices, patenas, ostensórios, e um crucifixo que eu não vira durante o ofício matinal. Não pude conter uma exclamação de admiração diante da fulgurante beleza daquelas alfaias sagradas. Estávamos em pleno meio-dia e a luz entrava aos borbotões pelas janelas do coro, e mais ainda pelas das fachadas, formando brancas cascatas que como místicas torrentes de substância divina iam cruzar-se em vários pontos da igreja, inundando o próprio altar.

Os vasos, os cálices, tudo revelava sua matéria preciosa: entre o amarelo do ouro, a brancura imaculada dos marfins e a transparência do cristal, vi reluzirem gemas de todas as cores e tamanhos, e reconheci o jacinto, o topázio, o rubi, a safira, a esmeralda, a crisólita, o ônix, o carbúnculo, o diaspório e a ágata. E ao mesmo tempo percebi o que de manhã, primeiro por estar absorto na prece, e depois, perturbado pelo terror, pouco havia notado: o frontal do altar e mais três painéis que o coroavam eram inteiramente de ouro, e finalmente todo o altar parecia de ouro, de qualquer ângulo que se o olhasse.

O Abade sorriu ante minha admiração: "Estas riquezas que estais vendo", disse voltado para mim e para meu mestre, "e outras que ainda vereis, são herança de séculos de piedade e devoção, bem como testemunho do poder e da santidade desta abadia. Príncipes e poderosos da terra, arcebispos e bispos sacrificaram a este altar e aos objetos que lhe são destinados os anéis de suas investiduras, os ouros e as pedras que eram sinal de sua grandeza, e os quiseram aqui refundidos

para maior glória do Senhor e desta sua casa. Embora hoje a abadia esteja funestada por um outro evento lutuoso, não podemos esquecer diante de nossa fragilidade a força e o poder do Altíssimo. Aproximam-se as festividades do Santo Natal, e estamos começando a polir os atavios sagrados, de modo a festejar o nascimento do Salvador com todo fausto e magnificência que deseja e merece. Tudo deverá estar na plenitude de seu resplendor..." acrescentou olhando fixamente para Guilherme, e compreendi depois por que insistia tão orgulhosamente em justificar sua obra, "porque consideramos que é útil e conveniente não esconder, mas ao contrário, proclamar as dádivas divinas."

"Claro", disse Guilherme com cortesia, "se vossa sublimidade acha que o Senhor deva assim ser glorificado, vossa abadia alcançou maior excelência nessa contribuição de louvor."

"E assim é preciso", disse o Abade. "Se ânforas e ampolas de ouro e pequenos pilões áureos era costume servirem, por vontade de Deus ou ordem dos profetas, para recolher o sangue de cabras ou de bezerros ou da novilha no templo de Salomão, tanto mais vasos de ouro e pedras preciosas, e tudo o que tem maior valor dentre as coisas criadas, deve ser usado em contínua reverência e plena devoção para acolher o sangue de Cristo! Se, numa segunda criação, nossa substância viesse a ser a mesma dos querubins e serafins, seria ainda indigno o serviço que ela poderia prestar a uma vítima tão inefável..."

"Assim seja", eu disse.

"Muitos objetam que uma mente santamente inspirada, um coração puro, uma intenção cheia de fé deveriam bastar para esse sacro ofício. Somos os primeiros a afirmar explícita e resolutamente que este é o ponto essencial; mas estamos convencidos de que se deva prestar a homenagem também através do ornamento exterior das alfaias sagradas, porque é sumamente justo e conveniente que sirvamos ao nosso Salvador em todas as coisas, integralmente. Ele que não se recusou em nos prover integralmente de todas as coisas e sem exceções."

"Esta sempre foi a opinião dos grandes de vossa ordem", concordou Guilherme, "e lembro-me de coisas belíssimas escritas sobre os ornamentos das igrejas pelo grande e venerável abade Sugero."

"Assim é", disse o Abade. "Vede este crucifixo. Não está ainda completo..." Tomou-o nas mãos com infinito amor e o examinou com o rosto iluminado de beatitude. "Estão faltando aqui ainda algumas pérolas, e não as encontrei no tamanho exato. Uma vez Santo André referiu-se à cruz do Gólgota dizendo-a adornada pelos membros de Cristo como de pérolas. E de pérolas deve ser

adornado este humilde simulacro daquele grande prodígio. Ainda que eu tenha achado oportuno fazer engastar, bem aqui, sobre a própria cabeça do Salvador, o mais belo diamante que já pudestes ver." Acariciou com as mãos devotas, com seus longos dedos brancos, as partes mais preciosas do lenho sagrado, ou seja, do sagrado marfim, pois desse esplêndido material eram feitos os braços da cruz.

"Quando, ao me deleitar com todas as belezas desta casa de Deus, o encanto das pedras multicores me arrebatou das lides externas, e uma digna meditação me induziu a refletir, transferindo o que é material para o que é imaterial, sobre a diversidade das virtudes sagradas, então parece que me encontro, por assim dizer, numa estranha região do universo que não está mais de todo encerrada no barro da terra, nem livre de todo na pureza do céu. E parece-me que, por graça de Deus, eu possa ser transportado deste mundo inferior ao superior por via anagógica..."

Falava, e tinha virado o rosto para a nave. Uma nesga de luz que penetrava do alto estava, por uma particular benevolência do astro diurno, a iluminar-lhe o rosto e as mãos, que trazia abertas em forma de cruz, arrebatado que estava pelo próprio fervor. "Toda criatura", disse, "seja ela visível ou invisível, é uma luz, dada ao ser pelo pai das luzes. Este marfim, este ônix, e também a pedra que nos circunda, são uma luz, porque eu percebo que são bons e belos, que existem segundo as próprias regras de harmonia, que diferem no gênero e na espécie de todos os outros gêneros e espécies, que são definidos pelo próprio número, que não vêm fora de ordem, que buscam seu lugar específico de acordo com sua gravidade. E tanto mais essas coisas me são reveladas quanto mais a matéria que vejo é por sua natureza preciosa, e tanto melhor se faz à luz do poder criador divino. Enquanto, se devo remontar à sublimidade da causa, inacessível em sua plenitude, a partir da sublimidade do efeito, quanto melhor não me fala da divina causalidade um efeito admirável tal como o ouro ou o diamante, se dela já me conseguem falar até o esterco e o inseto! E, então, quando nestas pedras percebo tais coisas superiores, a alma chora, comovida de alegria, e não por vaidade terrena ou amor às riquezas, mas por amor puríssimo da causa primeira não causada."

"Realmente esta é a mais doce das teologias", disse Guilherme com perfeita humildade, e achei que estivesse usando aquela insidiosa figura de pensamento a que os retóricos chamam de ironia; a qual deve ser usada sempre precedida da pronunciatio, que dela constitui o sinal e a justificação, coisa que Guilherme nunca fazia. Razão pela qual o Abade, mais inclinado ao uso das figuras de discurso, tomou Guilherme ao pé da letra e acrescentou, ainda presa de sua mística

arrebatação: "É a mais imediata das sendas que nos colocam em contato com o Altíssimo, teofania material."

Guilherme pigarreou educadamente: "Eh... oh..." disse. Assim fazia quando queria introduzir um outro assunto. E conseguiu fazê-lo com bons modos porque era seu costume — e acho que seja típico dos homens de sua terra — começar toda intervenção com longos gemidos preliminares, como se aviar a exposição de um pensamento completo lhe custasse um grande esforço mental. No entanto, eu já não tinha mais dúvidas, quanto mais gemidos ele antepunha à sua declaração, tanto mais estava seguro da bondade da proposição que esta exprimia.

"Eh... oh..." disse Guilherme então. "Precisamos falar do encontro e do debate sobre a pobreza..."

"A pobreza..." disse o Abade ainda absorto, como se custasse a descer da bela região do universo para a qual o tinham arrebatado suas belas gemas. "É verdade, o encontro..."

E começaram a discutir profundamente assuntos que em parte já sabia e em parte consegui entender escutando seu colóquio. Tratava-se, como já disse desde o início desta minha fiel crônica, da dupla querela que opunha, de um lado, o imperador ao papa, e de outro, o papa aos franciscanos, que no capítulo de Perugia, ainda que com muitos anos de atraso, tinham feito suas as teses dos espirituais sobre a pobreza de Cristo; e do intrico que se formara unindo os franciscanos ao império, intrico que — de triângulo de oposições e alianças — já se transformara num quadrado pela intervenção, para mim ainda bastante obscura, dos abades da ordem de São Bento.

Eu nunca percebi com clareza a razão pela qual os abades beneditinos tinham dado proteção e refúgio aos franciscanos espirituais, antes mesmo que a própria ordem compartilhasse de algum modo de suas opiniões. Porque se os espirituais pregavam a renúncia a todo bem terreno, os abades de minha ordem, naquele mesmo dia eu tivera a luminosa confirmação disso, seguiam um caminho não menos virtuoso mas todo oposto. Mas creio que os abades achavam que um poder excessivo do papa significava um poder excessivo das cidades, enquanto minha ordem tinha conservado intacto o seu poder durante os séculos, justamente em luta contra o clero secular e os mercadores citadinos, colocando-se como mediadora direta entre o céu e a terra, e conselheira dos soberanos.

Escutara muitas vezes repetir a frase segundo a qual o povo de Deus dividia-se em pastores (ou seja, os clérigos), cães (ou seja, os guerreiros) e ovelhas, o povo. Mas aprendi em seguida que essa frase pode ser dita de vários modos. Os

beneditinos sempre tinham falado não de três ordens, mas de duas grandes divisões, uma que dizia respeito à administração das coisas terrenas e a outra que dizia respeito à administração das coisas celestiais. No que se refere às coisas terrenas valia a divisão entre clero, senhores leigos e povo, mas sobre esta tripartição dominava a presença do ordo monachorum, liame direto entre o povo de Deus e o céu, e os monges não tinham nada a ver com os pastores seculares, que eram os padres e os bispos, ignorantes e corruptos, já agora pronos aos interesses das cidades, onde as ovelhas não eram mais tanto agora os bons e fiéis camponeses, mas sim os mercadores e os artesãos. À ordem beneditina não desagradava que o governo dos simples fosse confiado ao clero secular, contanto que estabelecer a regra definitiva dessa relação competisse aos monges, em contato direto com a fonte de todo poder terrestre, o império, assim como o estavam com a fonte de todo poder celestial. Eis por que, acho, muitos abades beneditinos, para restituir a dignidade ao império contra o governo das cidades (bispos e mercadores unidos), aceitaram também proteger os franciscanos espirituais, dos quais não compartilhavam as idéias, mas cuja presença lhes era oportuna, por oferecer ao império bons silogismos contra o poder excessivo do papa.

Essas eram as razões, deduzi, pelas quais Abbone estava então dispondo-se a colaborar com Guilherme, enviado do imperador, para servir de mediador entre a ordem franciscana e a sede pontifícia. De fato, apesar da violência da disputa que tanto fazia periclitar a unidade da igreja, Michele de Cesena, muitas vezes chamado em Avignon pelo papa João, tinha finalmente se disposto a aceitar o convite, porque não queria que sua ordem se colocasse em choque definitivo com o pontífice. Como geral dos franciscanos queria, a um só tempo, fazer triunfar suas posições e obter o consenso papal, mesmo porque intuía que sem o consenso do papa não poderia permanecer muito tempo à testa da ordem.

Porém muitos fizeram-no observar que o papa o esperaria na França para armar-lhe uma cilada, acusá-lo de heresia e processá-lo. E por isso aconselhavam que a ida de Michele a Avignon fosse precedida por algumas conversações. Marsílio tivera uma idéia melhor: enviar com Michele um legado imperial que apresentasse ao papa o ponto de vista dos partidários do imperador. Não tanto para convencer o velho Cahors, mas para reforçar a posição de Michele que, fazendo parte de uma legação imperial, não teria podido cair presa tão facilmente da vingança pontifícia.

Esta idéia também apresentava todavia numerosos inconvenientes e não era imediatamente realizável. Daí viera a idéia de um encontro preliminar entre os

membros da legação imperial e alguns enviados do papa para avaliar as respectivas posições e redigir os acordos para um encontro em que a segurança dos visitantes italianos fosse garantida. Da organização desse primeiro encontro foi justamente encarregado Guilherme de Baskerville. Que deveria depois representar o ponto de vista dos teólogos imperiais em Avignon, caso tivesse achado que a viagem era possível sem perigo. Difícil empresa porque se supunha que o papa, que queria Michele sozinho para poder reduzi-lo mais facilmente à obediência, teria enviado à Itália uma legação instruída para fazer malograr, dentro do possível, a viagem dos enviados imperiais à sua corte. Guilherme movera-se até então com grande habilidade. Após longas consultas a vários abades beneditinos (eis a razão das muitas etapas de nossa viagem) tinha escolhido a abadia onde estávamos justamente porque se sabia que o Abade era devotadíssimo ao império e todavia, por sua grande habilidade diplomática, não inviso à corte pontifícia. Território neutro a abadia, portanto, onde os dois grupos poderiam se encontrar.

Mas as resistências do pontífice não tinham terminado. Ele sabia que, uma vez em terras da abadia, sua legação estaria sob a jurisdição do Abade: e como dela fariam parte também membros do clero secular, não aceitava essa cláusula, alimentando temores de uma cilada imperial. Impusera por isso a condição de que a incolumidade de seus enviados fosse confiada a uma companhia de arqueiros do rei de França sob as ordens de pessoa de sua confiança. Sobre isso tinha escutado vagamente Guilherme discorrer com um embaixador do papa em Bobbio: tratara-se de definir a fórmula com que fixar os deveres da companhia, ou seja, a que se entendia por salvaguarda da incolumidade dos legados pontifícios. Fora aceita finalmente uma fórmula proposta pelos avignonenses e que parecera razoável: os armados e quem os comandava teriam jurisdição "sobre todos os que de algum modo procurassem atentar contra a vida dos membros da legação pontifícia e influenciar o comportamento e o julgamento com atos violentos". Então o pacto parecera inspirado em meras preocupações formais. Agora, após os fatos recentes ocorridos na abadia, o Abade estava inquieto e manifestou suas dúvidas a Guilherme. Se a delegação chegava à abadia enquanto ainda era ignorado o autor dos dois crimes (no dia seguinte as preocupações do Abade deveriam aumentar, porque os crimes seriam três), seria preciso admitir que estava circulando entre aqueles muros alguém capaz de influenciar, com atos violentos, o julgamento e o comportamento dos legados pontifícios.

De nada valia tentar ocultar os crimes que tinham sido cometidos, porque, se alguma coisa de diferente ainda acontecesse, os legados pontifícios pensariam num

complô contra eles. E, portanto, as soluções eram somente duas. Ou Guilherme descobria o assassino antes da chegada da delegação (e aqui o Abade o fitou como a repreendê-lo tacitamente de não ter ainda elucidado a questão) ou era preciso advertir lealmente o representante do papa sobre o que estava acontecendo e pedir sua colaboração para que a abadia fosse posta sob atenta vigilância durante o curso dos trabalhos. Coisa que desagradava ao Abade, porque significava renunciar a parte de sua soberania e submeter seus próprios monges ao controle dos franceses. Mas não convinha arriscar. Guilherme e o Abade estavam ambos contrariados com o rumo que as coisas tomavam, mas tinham poucas alternativas. Combinaram, portanto, tomar uma decisão definitiva até o dia seguinte. Por enquanto não restava senão confiar na misericórdia divina e na sagacidade de Guilherme.

"Farei o possível, vossa sublimidade", disse Guilherme. "Mas por outro lado não vejo como a coisa possa comprometer o encontro, de verdade. Mesmo um representante papal compreenderá que há diferença entre a obra de um louco, ou de um sanguinário, ou apenas talvez de uma alma desgarrada, e os graves problemas que homens probos virão aqui discutir!"

"Achais?" perguntou o Abade, olhando fixamente Guilherme. "Não esqueçais que os avignonenses sabem que vão encontrar-se com os menoritas, e portanto com pessoas perigosamente próximas aos fraticelli e a outros mais desatinados que os fraticelli, a hereges perigosos que estão carregados de crimes", e aqui o Abade abaixou a voz, "perto dos quais os fatos, horríveis por sinal, que aqui aconteceram, empalidecem como névoa ao sol!"

"Não se trata da mesma coisa!" exclamou Guilherme com vivacidade. "Não podeis colocar no mesmo nível os menoritas do capítulo de Perugia e alguns bandos de hereges que distorcem a mensagem do evangelho, transformando a luta contra as riquezas numa série de vinganças pessoais ou de desvarios sanguinários..."

"Não faz muitos anos que, a poucas milhas daqui, um desses bandos, como vós os chamais, atacou a ferro e fogo as terras do bispo de Vercelli e as montanhas de Novara", disse o Abade secamente.

"Estais vos referindo a frei Dulcino e aos apostólicos..."

"Aos pseudo-apóstolos", corrigiu o Abade. E uma vez mais eu ouvia citar frei Dulcino e os pseudo-apóstolos, e uma vez mais em tom circunspecto, com um matiz de terror.

"Aos pseudo-apóstolos", admitiu Guilherme de boa vontade. "Mas esses não

tinham nada a ver com os menoritas...”

“Os quais professavam a mesma reverência para com Joaquim da Calábria”, insistiu o Abade, “e podeis perguntá-lo ao vosso confrade Ubertino.”

“Faço notar à vossa sublimidade que agora ele é vosso confrade”, disse Guilherme, com um sorriso e com uma espécie de inclinação, como para cumprimentar o Abade pela aquisição que sua ordem fizera, acolhendo um homem de tamanha reputação.

“Eu sei, eu sei”, sorriu o Abade. “E vós sabeis com que fraterna solicitude nossa ordem acolheu os espirituais quando incorreram nas iras do papa. Não estou falando somente de Ubertino, mas também de muitos outros frades mais humildes, dos quais pouco se sabe, e dos quais talvez se deveria saber mais. Porque aconteceu-nos acolher trânsfugas que se apresentaram vestidos com o hábito dos menoritas, e depois perceber que várias circunstâncias da vida deles os haviam levado, por certo tempo, para bastante perto dos dulcinianos...”

“Aqui também?” perguntou Guilherme.

“Aqui também. Estou revelando-vos algo de que, na verdade, sei muito pouco, e, em todo caso, não o suficiente para formular acusações. Mas visto que estais indagando sobre a vida desta abadia é bom que vós também conheçais essas coisas. Vos direi então que suspeito, atentai, suspeito com base naquilo que ouvi ou adivinhei, que existiu um momento muito obscuro na vida de nosso celeireiro, que justamente chegou aqui anos atrás, seguindo o êxodo dos menoritas.”

“O celeireiro? Remigio de Varagine um dulciniano? Parece-me o ser mais manso e, em todo caso, o menos preocupado com a irmã pobreza dos que eu já tenha visto...” disse Guilherme.

“E, de fato, não posso dizer nada contra ele, valho-me de seus bons serviços, os quais são reconhecidos por toda a comunidade. Mas estou dizendo isso para fazer-vos compreender como é fácil encontrar conexões entre um frade e um fraticello.”

“Mais uma vez vossa magnificência está sendo injusta, se assim posso dizer”, interveio Guilherme. “Estávamos falando dos dulcinianos, não dos fraticelli. Dos quais muito se poderá dizer, sem sequer saber de quem se está falando, porque os há de muitas espécies, mas nenhuma que seja sanguinária. Poder-se-á no máximo reprová-los por colocar em prática, sem muito tino, coisas que os espirituais pregaram com maior medida e animados pelo verdadeiro amor divino, e nisso convenho que existem limites bastante frágeis entre uns e outros...”

“Mas os fraticelli são hereges!” interrompeu o Abade secamente. “Não se limitam a sustentar a pobreza de Cristo e dos apóstolos, doutrina que, apesar de

não ser por mim compartilhada, pode ser utilmente oposta à soberba avignonense. Os fraticelli tiram dessa doutrina um silogismo prático, inferem daí um direito à revolta, ao saque, à perversão dos costumes."

"Mas quais fraticelli?"

"Todos, em geral. Sabeis que estão manchados por crimes inomináveis, que não reconhecem o matrimônio, que negam o inferno, que praticam a sodomia, que abraçam a heresia bogomila da ordo Bulgarie e da ordo Drygonthie..."

"Peço-vos", disse Guilherme, "não confundir coisas diferentes! Vós falais como se fraticelli, paterinos, valdenses, cátaros, e mais os bogomilos da Bulgária e hereges de Dragovitsa fossem todos a mesma coisa!"

"E o são", disse o Abade secamente, "porque são hereges e porque põem em risco a ordem do mundo civil, e também a ordem do império que vós pareceis auspiciar. Há mais de cem anos os sequazes de Arnaldo de Brescia incendiaram as casas dos nobres e dos cardeais, e esses foram os frutos da heresia lombarda dos paterinos. Sei de histórias terríveis sobre esses hereges, e as li em Cesário de Eisterbach. Em Verona, o cônego de São Gideão, Everardo, reparou uma vez que quem o hospedava saía todas as noites de casa com a mulher e a filha. Interrogou não sei quem dos três para saber aonde iam e o que faziam. Venha e verá, foi-lhe respondido, e ele os seguiu a uma casa subterrânea, muito ampla, onde estavam reunidas pessoas de ambos os sexos. Um heresiarca, enquanto todos estavam em silêncio, fez um discurso repleto de blasfêmias, com o propósito de corromper suas vidas e seus costumes. Depois, apagada a vela, cada um se lançou sobre sua vizinha, sem fazer diferença entre esposa legítima e donzela, viúva e virgem, patroa e serva, nem (o que era pior, o Senhor me perdoe por estar dizendo essas coisas horríveis) entre filha e irmã. Everardo, vendo tudo isso, de jovem leviano e luxurioso que era, fingindo-se um discípulo, aproximou-se não sei se da filha de seu anfitrião ou de outra donzela, e depois que foi apagada a vela, pecou com ela. Procedeu assim por mais de um ano infelizmente, e por fim o mestre disse-lhe que o jovem freqüentava com tanto proveito os encontros, que logo estaria em grau de instruir os neófitos. Àquela altura Everardo percebeu o abismo em que tinha caído e conseguiu escapar à sedução deles, dizendo que freqüentava a casa não porque fosse atraído pela heresia, mas porque sentia-se atraído pelas donzelas. Estes o expulsaram. E essa, estais vendo, é a lei e a vida dos hereges, paterinos, cátaros, joaquimitas, espirituais de todo feitio. Nem há de que se admirar: não crêem na ressurreição da carne e no inferno como castigo dos maus, e acham que podem fazer qualquer coisa impunemente. Esses, com efeito, dizem-se catharoi, isto é,

puros.”

“Abbone”, disse Guilherme, “vós viveis isolado nesta esplêndida e santa abadia, afastada das maldades do mundo. A vida nas cidades é muito mais complexa do que acreditais e existem gradações, vós o sabeis, também no erro e no mal. Lot foi menos pecador que seus concidadãos que conceberam pensamentos imundos até sobre os anjos enviados por Deus, e a traição de Pedro não foi nada perto da traição de Judas, de fato um foi perdoado e o outro não. Não podeis considerar paterinos e cátaros a mesma coisa. Os paterinos são um movimento de reforma dos costumes dentro das leis da santa madre igreja. Eles quiseram sempre melhorar o modo de vida dos eclesiásticos.”

“Sustentando que os sacramentos não deviam ser ministrados por sacerdotes impuros...”

“E erraram, mas foi seu único erro de doutrina. Nunca propuseram alterar a lei de Deus...”

“Mas a pregação paterina de Arnaldo de Brescia, em Roma, há mais de duzentos anos, impeliu a turba dos rústicos a incendiar as casas dos nobres e dos cardeais.”

“Arnaldo tentou arrastar em seu movimento de reforma os magistrados da cidade. Esses não o seguiram, e encontrou consenso entre as turbas dos pobres e dos deserdados. Não foi responsável pela energia e pela raiva com que eles responderam aos seus apelos para uma cidade menos corrupta.”

“A cidade é sempre corrupta.”

“A cidade é o lugar onde vive hoje o povo de Deus, do qual vós, do qual nós somos os pastores. É o lugar do escândalo em que o prelado rico prega a virtude ao povo pobre e faminto. As desordens dos paterinos nascem dessa situação. São tristes, não incompreensíveis. Os cátaros são outra coisa. É uma heresia oriental fora da doutrina da igreja. Eu não sei se cometem realmente ou cometeram os crimes que lhes são imputados. Sei que recusam o casamento, que negam o inferno. Pergunto-me se muitos dos atos que não cometeram não lhes foram atribuídos apenas em virtude das idéias (nefandas certamente) que sustentaram.”

“E vós estais me dizendo que cátaros não se misturaram aos paterinos, e que ambos não são outra coisa senão duas das faces, inumeráveis, da mesma manifestação demoníaca?”

“Estou dizendo que muitas dessas heresias, independentemente das doutrinas que sustentam, encontram sucesso junto aos simples, porque lhes sugerem a possibilidade de uma vida diferente. Estou dizendo que, com muita freqüência, os

simples não conhecem muito de doutrina. Estou dizendo que freqüentemente aconteceu à turba dos simples confundir a pregação cátara com a dos paterinos, e essa, em geral, com a dos espirituais. A vida dos simples, Abbone, não é iluminada pela sabedoria e pelo senso vigilante das distinções que nos torna sábios. E é obcecada pela doença, pela pobreza, tornada balbuciante pela ignorância. Freqüentemente, para muitos deles, a adesão a um grupo herege é apenas um modo como outro qualquer, de gritar o próprio desespero. Pode-se queimar a casa de um cardeal seja por querer aperfeiçoar a vida do clero, seja porque se acha que o inferno, que ele prega, não existe. Sempre é feito porque existe o inferno terreno, onde vive o rebanho de que somos os pastores. Mas vós sabeis muito bem que, assim como eles não distinguem entre igreja búlgara e sequazes do padre Liprando, muitas vezes também as autoridades imperiais e seus sustentadores não distinguiram entre espirituais e hereges. Não raro grupos guibelinos, para derrotar seu adversário, sustentaram entre o povo tendências cátaras. A meu ver fizeram mal. Mas o que sei agora é que os mesmos grupos, muitas vezes, para desembaraçar-se desses inquietos e perigosos adversários por demais 'simples', atribuíram a uns as heresias de outros, e mandaram todos para a fogueira. Eu vi, juro-vos, Abbone, vi com meus próprios olhos, homens de vida virtuosa, seguidores sinceros da pobreza e da castidade, mas inimigos dos bispos, que os bispos empurraram nas mãos do braço secular, estivessem eles a serviço do império ou das cidades livres, acusando-os de promiscuidade sexual, sodomia, práticas nefandas, das quais talvez outros, mas não eles, eram os culpados. Os simples são carne de matadouro, de se usar para colocar em crise o poder adverso, e para sacrificar quando não prestam mais."

"Quer dizer então", disse o Abade com evidente malícia, "que frei Dulcino e seus desvairados, e Gherardo Segalelli e os torpes assassinos foram cátaros malvados ou fraticelli virtuosos, bogomilos sodomitas ou paterinos reformadores? Quereis me dizer então, Guilherme, vós que dos hereges sabeis tudo, a ponto de parecer um deles, onde está a verdade?"

"Em nenhum lugar, às vezes", disse Guilherme com tristeza.

"Estais vendo que mesmo vós não sabeis distinguir hereges de hereges? Eu, ao menos, tenho uma regra. Sei que hereges são os que põem em risco a ordem com a qual se rege o povo de Deus. E defendo o império porque garante-me esta ordem. Combato o papa por estar entregando o poder espiritual aos bispos das cidades, que se aliam aos mercadores e às corporações, e não saberão manter a ordem. Nós a mantivemos por séculos. E, quanto aos hereges, também tenho uma

regra, e se resume na resposta que deu Arnaldo Amalrico, abade de Citeaux, a quem lhe perguntava o que fazer dos cidadãos de Béziers, cidade suspeita de heresia: matai-os todos, Deus reconhecerá os seus."

Guilherme abaixou os olhos e permaneceu um tempo em silêncio. Depois disse: "A cidade de Béziers foi tomada e os nossos não respeitaram nem a dignidade, nem o sexo, nem a idade e quase vinte mil homens morreram a fio de espada. Feito o massacre, a cidade foi saqueada e queimada."

"Mesmo uma guerra santa é uma guerra."

"Mesmo uma guerra santa é uma guerra. Por isso talvez não devesse haver guerras santas. Mas o que estou dizendo, estou aqui para sustentar os direitos de Ludovico, que no entanto está incendiando a Itália. Eu também encontro-me preso num jogo de estranhas alianças. Estranha aliança a dos espirituais com o império, estranha a do império com Marsílio, que pede a soberania para o povo. E estranha a nossa, de nós dois que somos tão diferentes nos propósitos e na tradição. Mas temos duas tarefas em comum. O sucesso do encontro, e a descoberta de um assassino. Tentemos proceder em paz."

O Abade abriu os braços. "Dai-me o beijo da paz, frei Guilherme. Com um homem do vosso saber poderíamos discutir longamente sobre sutis questões de teologia e de moral. Mas não devemos ceder ao gosto da disputa como fazem os mestres de Paris. É verdade, temos uma tarefa importante que nos aguarda, e devemos proceder de comum acordo. Mas falei sobre essas coisas porque penso que aí há uma relação, entendeis?, uma relação possível, ou seja, que outros podem estabelecer uma relação entre os crimes que aqui ocorreram e as teses de vossos confrades. Por isso vos avisei, por isso devemos prevenir toda suspeita ou insinuação de parte dos avignonenses."

"Não deveria supor que vossa sublimidade sugeriu-me também uma pista para minha investigação? Achais que na origem dos recentes eventos possa haver alguma história obscura que remonta ao passado herético de algum monge?"

O Abade calou-se por alguns instantes, olhando Guilherme sem que nenhuma expressão transparecesse em seu rosto. Depois disse: "Nessa triste vicissitude o inquisidor sois vós. A vós compete suspeitar e até arriscar uma suspeita injusta. Eu aqui sou apenas o pai de todos. E, digo mais, se tivesse sabido que o passado de um dos meus monges presta-se a suspeitas verídicas, já teria arrancado a erva daninha... O que sei, sabeis. O que não sei, é justo que venha à luz graças à vossa sagacidade. Mas em todo caso informai-vos sempre e especialmente comigo." Cumprimentou e saiu da igreja.

“A história está ficando mais complicada, caro Adso”, disse Guilherme com o rosto sombrio. “Corremos atrás de um manuscrito, interessamo-nos pelas diatribes de alguns monges muito curiosos e pelas histórias de outros monges muito luxuriosos, e eis que se perfila sempre mais insistentemente uma outra pista também, bastante diferente. O celeireiro, então... E com o celeireiro chegou aqui aquele estranho animal, o Salvatore... Mas agora precisamos ir repousar, porque combinamos passar a noite acordados.”

“Mas então pretendeis ainda penetrar na biblioteca, à noite? Não abandonastes essa primeira pista?”

“De jeito algum. E depois quem disse que se trata de duas pistas diferentes? E, por fim, a história do celeireiro poderia ser só uma suspeita do Abade.”

Fomos para o albergue dos peregrinos. Deteve-se à soleira e falou como se continuasse a conversa de antes.

“No fundo o Abade pediu-me para indagar sobre a morte de Adelmo, quando pensava que estava acontecendo algo escuso entre seus jovens monges. Mas agora a morte de Venâncio faz brotar outras suspeitas, talvez o Abade tenha intuído que a chave do mistério está na biblioteca, e sobre isso não quer que eu indague. E então me ofereceu a pista do celeireiro para desviar minha atenção do Edifício...”

“Mas por que não iria querer que...”

“Não faças muita pergunta. O Abade disse-me desde o início que na biblioteca não se toca. Terá suas boas razões. Poderia acontecer de ele também estar envolvido em algum fato que não achava pudesse ter relação com a morte de Adelmo, e agora dá-se conta de que o escândalo aumenta e pode também envolvê-lo. E não quer que se descubra a verdade, ou pelo menos não quer que eu a descubra...”

“Mas então vivemos num lugar esquecido por Deus”, disse eu, desanimado.

“E encontraste porventura algum em que Deus ter-se-ia sentido à vontade?” perguntou-me Guilherme, olhando-me do alto de sua estatura.

Depois mandou-me ir descansar. Enquanto me deitava cheguei à conclusão de que meu pai não deveria ter-me mandado pelo mundo, que era mais complicado do que pensava. Estava aprendendo coisas demais.

“Salva me ab ore leonis”, rezei, adormecendo.

Segundo dia

DEPOIS DAS VÉSPERAS

Onde, malgrado a brevidade do capítulo, o ancião Alinardo conta coisas bastante interessantes sobre o labirinto e sobre o modo de nele penetrar.

Acordei quando quase soava a hora da refeição vespertina. Sentia-me entorpecido pelo sono, porque o sono diurno é como o pecado da carne: quanto mais se tem mais se quer, contudo nos deixa infelizes, satisfeitos e insatisfeitos ao mesmo tempo. Guilherme não estava em sua cela, evidentemente levantara-se bem antes. Encontrei-o, após um breve vagar, saindo do Edifício. Disse-me que estivera no scriptorium, folheando o catálogo e observando o trabalho dos monges na tentativa de aproximar-se da mesa de Venâncio para retomar a inspeção. Mas que, por um motivo ou por outro, cada um parecia intencionado a não deixá-lo remexer nos papéis. Primeiro Malaquias se aproximara, para mostrar-lhe algumas miniaturas de valor. Depois Bêncio o mantivera ocupado com pretextos insignificantes. Depois ainda, quando tinha-se abaixado para retomar suas inspeções, Berengário pôs-se a rodeá-lo, oferecendo sua colaboração.

Finalmente Malaquias, vendo que meu mestre parecia seriamente disposto a ocupar-se das coisas de Venâncio, tinha-lhe dito claramente que talvez, antes de remexer entre os papéis do morto, era melhor obter a autorização do Abade; que ele próprio, não obstante fosse o bibliotecário, se abstivera disso, por respeito e disciplina, e que, em todo caso, ninguém se aproximara da mesa, como Guilherme pedira, e ninguém se aproximaria dali até que o Abade interviesse. Guilherme fizera-lhe notar que o Abade tinha-lhe dado licença de indagar por toda a abadia, Malaquias perguntara, não sem malícia, se o Abade tinha também lhe dado licença para mover-se livremente pelo scriptorium ou, Deus não o permitisse, pela biblioteca. Guilherme entendera que não era o caso de empenhar-se numa prova de força com Malaquias, mesmo que toda a movimentação e os temores em torno

dos papéis de Venâncio lhe tivessem naturalmente fortificado o desejo de deles tomar conhecimento. Mas tal era sua determinação em retornar lá à noite, não sabia ainda como, que decidira não criar incidentes. Alimentava porém claros pensamentos de desforra que, se não fossem inspirados, como eram, na sede de verdade, teriam parecido muito obstinados e talvez reprováveis.

Antes de entrar no refeitório, demos ainda um pequeno passeio pelo claustro, para dissolver os fumos do sono ao ar frio da tardinha. Por ali andavam ainda alguns monges em meditação. No jardim diante do claustro surpreendemos o velho Alinardo de Grotaferrata que, já imbecil no corpo, transcorria grande parte do dia entre as plantas, quando não estava rezando na igreja. Parecia não sentir frio, e estava sentado ao longo da parte externa do pórtico.

Guilherme dirigiu-lhe algumas palavras de saudação e o velho pareceu contente que alguém se entretivesse com ele.

"Belo dia", disse Guilherme.

"Graças a Deus", respondeu o velho.

"Belo no céu, mas escuro na terra. O senhor conhecia bem Venâncio?"

"Que Venâncio?" disse o velho. Depois uma luz se acendeu em seus olhos. "Ah, o rapaz morto. A besta está solta na abadia..."

"Que besta?"

"A grande besta que vem do mar... Sete cabeças e dez cornos e sobre os cornos dez diademas e sobre as cabeças três nomes de blasfêmia. A besta que parece um leopardo, com pés semelhantes aos do urso e a boca do leão... Eu a vi."

"Onde a viu? Na biblioteca?"

"Biblioteca? Por quê? Há anos que não vou ao scriptorium e nunca vi a biblioteca. Lá ninguém entra. Eu conheci os que subiam à biblioteca..."

"Quem, Malaquias, Berengário?"

"Oh, não..." O velho riu com voz estrídula. "Antes. O bibliotecário que veio antes de Malaquias, faz muito tempo..."

"Quem era?"

"Não me lembro, morreu, quando Malaquias ainda era jovem. E o que veio antes do mestre de Malaquias e era ajudante bibliotecário jovem quando eu era jovem... Mas na biblioteca eu nunca pus os pés. Labirinto..."

"A biblioteca é um labirinto?"

"Hunc mundum tipice laberinthus denotat ille", recitou absorto o ancião. "Intranti largus, redeunti sed nimis artus. A biblioteca é um grande labirinto, signo do labirinto do mundo. Entras e não sabes se sairás. Não é preciso violar as colunas

de Hércules...”

“Então não sabeis como se entra na biblioteca quando as portas do edifício estão fechadas?”

“Oh, sim”, riu o velho, “muita gente sabe. Vai pelo ossário. Podes passar pelo ossário, mas não queres passar pelo ossário. Os monges mortos velam.”

“São esses os monges mortos que velam, não os que vagam de noite com um lume pela biblioteca?”

“Com um lume?” O velho pareceu estupefato. “Nunca ouvi essa história. Os monges mortos estão no ossário, os ossos descem aos poucos do cemitério e se ajuntam ali para guardar a passagem. Nunca viste o altar da capela que leva ao ossário?”

“É a terceira à esquerda depois do transepto, não é?”

“A terceira? Talvez. É aquela com a pedra do altar esculpida com mil esqueletos. O quarto crânio à direita, aperta nos olhos... E estás no ossário. Mas não se vai lá, eu nunca fui lá. O Abade não quer.”

“E a besta, onde vistes a besta?”

“A besta? Ah, o Anticristo... Ele está para vir, o milênio terminou, esperamo-lo...”

“Mas o milênio terminou há trezentos anos, e então não veio...”

“O Anticristo não vem depois que terminam os mil anos. Terminados os mil anos tem início o reino dos justos, depois vem o Anticristo para confundir os justos, e depois será a batalha final...”

“Mas os justos reinarão por mil anos”, disse Guilherme. “Ou reinaram da morte de Cristo até o fim do primeiro milênio, e daí então é que devia vir o Anticristo, ou não reinaram ainda, e o Anticristo está distante.”

“Não se computa o milênio a partir da morte de Cristo, mas da doação de Constantino. São agora os mil anos...”

“E então acaba o reino dos justos?”

“Não sei, não sei mais... Estou cansado. O cálculo é difícil. Beato de Liébana o fez, pergunta a Jorge, ele é jovem, lembra bem... Mas os tempos estão maduros. Não ouviste as sete trombetas?”

“Por que as sete trombetas?”

“Não escutaste como morreu o outro moço, o miniaturista? O primeiro anjo soprou a primeira trombeta e dela saiu granizo e fogo misturado a sangue. E o segundo anjo soprou a segunda trombeta e a terceira parte do mar virou sangue... Não morreu num mar de sangue o segundo moço? Cuidado com a terceira

trombeta! Morrerá a terceira parte das criaturas viventes no mar. Deus está nos punindo. O mundo inteiro em torno da abadia está infestado pela heresia, contaram-me que no trono de Roma está um papa perverso que usa as hóstias para práticas de nicromancia, e nutre com elas suas moréias... E um de nós violou a proibição, rompeu os selos do labirinto...”

“Quem disse?”

“Eu ouvi, todos sussurram que o pecado entrou na abadia. Tens grãos-de-bico?”

A pergunta, dirigida a mim, deixou-me surpreso. “Não, não tenho grãos-de-bico”, disse confuso.

“Da próxima vez, traze-me grãos-de-bico. Fico com eles na boca, olha a minha pobre boca sem dentes, até que amoleçam todos. Estimulam a saliva, aqua fons vitae. Amanhã me trarás grãos-de-bico?”

“Amanhã vos trarei grãos-de-bico”, disse-lhe. Mas estava cochilando. Nós o deixamos para ir ao refeitório.

“O que achais do que foi dito?” perguntei a meu mestre.

“Ele goza da divina loucura dos centenários. Difícil distinguir o verdadeiro do falso em suas palavras. Mas creio que ele nos disse alguma coisa sobre o modo de entrar no Edifício. Vi a capela de que Malaquias saiu ontem à noite. Ali existe deveras um altar de pedras, e na base estão esculpidos crânios, à noite experimentaremos.”

Segundo dia

COMPLETAS

Onde se entra no Edifício, se descobre um visitante misterioso, se encontra uma mensagem secreta com signos de nicromante, e desaparece, mal encontrado, um livro que será procurado, em seguida, por muitos outros capítulos, nem será a última vicissitude o furto das preciosas lentes de Guilherme.

A ceia foi triste e silenciosa. Eram passadas um pouco mais de doze horas desde quando descobriram o cadáver de Venâncio. Todos olhavam de soslaio seu lugar vazio à mesa. Quando chegou a hora das completas o cortejo que se dirigiu ao coro parecia um desfile fúnebre. Participamos do ofício permanecendo na nave e ficando de olho na terceira capela. A luz era pouca, e quando vimos Malaquias emergir do escuro para alcançar o seu banco não pudemos entender de onde exatamente estava saindo. Assim mesmo, nos metemos na sombra, escondendo-nos na nave lateral, para que ninguém visse que ficávamos ali, terminado o ofício. Eu tinha no escapulário o lume que subtraíra à cozinha durante a ceia. Depois o acenderíamos no trípode de bronze que ficava aceso a noite inteira. Tinha um pavio novo, e muito óleo. Teríamos luz por bastante tempo.

Estava excitado demais com o que pretendíamos fazer para prestar atenção à cerimônia, que terminou sem que eu quase percebesse. Os monges baixaram os capuzes sobre o rosto e saíram em fila para dirigirem-se às suas celas. A igreja ficou deserta, iluminada pelo clarão do trípode.

"Vamos", disse Guilherme. "Ao trabalho."

Dirigimo-nos à terceira capela. A base do altar era realmente semelhante a um ossário, uma série de caveiras de órbitas vazias e profundas incutiam temor em quem as olhasse, pousadas que estavam em relevo admirável sobre um

amontoado de tíbias. Guilherme repetiu em voz baixa as palavras que ouvira de Alinardo (quarta caveira à direita, apertar os olhos). Introduziu os dedos nas órbitas daquele rosto descarnado, e logo ouvimos um rangido rouco. O altar moveu-se girando sobre um perno oculto, deixando entrever uma abertura escura. Ao iluminá-la com a luz que levara, avistamos alguns degraus úmidos. Decidimos descê-los, após ter discutido se devíamos fechar a passagem às nossas costas. Melhor não, disse Guilherme, não sabíamos se poderíamos reabri-la depois. E quanto ao risco de sermos descobertos, se alguém chegava àquela hora para manobrar o mesmo mecanismo, era porque sabia como entrar e não seria detido por uma passagem fechada.

Descemos mais de uma dezena de degraus e penetramos num corredor em cujas laterais se abriam nichos horizontais, como mais tarde me ocorreu ver em muitas catacumbas. Mas era a primeira vez que eu penetrava num ossário, e senti muito medo. Os ossos dos monges tinham sido recolhidos ali durante os séculos, insepultos de terra, e amontoados nos nichos, sem buscar recompor a figura de seus corpos. Alguns nichos, porém, tinham apenas ossos miúdos, outros apenas caveiras, bem dispostas como uma pirâmide, de modo a não cair uma em cima da outra, e era um espetáculo verdadeiramente assustador, especialmente com o jogo de luz e sombra que o lume criava ao longo de nosso caminho. Num nicho vi apenas mãos, tantas mãos, já irremediavelmente entrelaçadas umas às outras, num intrico de dedos mortos. Soltei um grito, naquele lugar de mortos, experimentando por um instante a impressão de que havia algo vivo, um chiado, e um rápido movimento na sombra.

"Ratos", tranqüilizou-me Guilherme.

"O que fazem os ratos aqui?"

"Atravessam, como nós, porque o ossário conduz ao Edifício, e portanto à cozinha. E aos bons livros da biblioteca. E agora entendes por que Malaquias tem o rosto tão austero. Seu ofício o obriga a passar por aqui duas vezes por dia, à tarde e de manhã. Ele sim é que não tem do que rir."

"Mas por que o evangelho nunca diz se Cristo ria?" perguntei, sem uma boa razão. "É realmente como diz Jorge?"

"Legiões têm vivido a se perguntar se Cristo riu ou não. A coisa não me interessa muito. Acho que nunca riu porque, onisciente como devia ser o filho de Deus, sabia o que faríamos nós cristãos. Mas eis que chegamos."

E de fato, graças a Deus, o corredor tinha acabado, começava uma nova série de degraus, percorridos os quais, apenas tivemos que empurrar uma porta de

madeira rija reforçada de ferro, e nos achamos atrás da chaminé da cozinha, bem debaixo da escada em caracol que subia ao scriptorium. Enquanto estávamos subindo pareceu-nos ouvir um ruído lá em cima.

Permanecemos um átimo em silêncio, depois eu disse: "É impossível. Ninguém entrou antes de nós..."

"Admitindo-se que essa seja a única via de acesso ao Edifício. Nos séculos passados isto era uma fortaleza, e deve ter mais passagens secretas do que sabemos. Vamos subir devagar. Mas temos pouca escolha. Se apagamos o lume não vamos saber por onde andamos, se o mantemos aceso chamamos a atenção de quem está em cima. A única esperança se há alguém, é que tenha mais medo do que nós."

Chegamos ao scriptorium, emergindo do torreão meridional. A mesa de Venâncio ficava exatamente do lado oposto. Andando, não iluminávamos mais do que algumas braças de parede em volta, porque a sala era muito ampla. Esperamos que não houvesse ninguém no pátio que pudesse enxergar a luz transparecendo pelas janelas. A mesa parecia em ordem, mas Guilherme se abaixou logo para examinar as folhas na estante inferior e teve uma exclamação de desapontamento.

"Falta alguma coisa?" perguntei.

"Hoje vi aqui dois livros, e um era grego. E é esse último que está faltando. Alguém o tirou, e com muita pressa, porque um pergaminho caiu ao chão."

"Mas se estavam guardando a mesa..."

"Claro. Talvez alguém o tenha surrupiado há pouco. Talvez esteja aqui ainda." Virou para as sombras e sua voz ressoou entre as colunas: "Se há alguém aqui, que se cuide!" Pareceu-me uma boa idéia: como Guilherme já dissera, é sempre melhor que quem nos dá medo tenha mais medo que nós.

Guilherme pousou a folha que encontrara aos pés da mesa e aproximou dela o rosto. Pediu para iluminá-lo. Avizinhei o lume e vi uma página em branco na primeira metade e uma segunda, coberta de caracteres extremamente miúdos, cuja origem reconheci a custo.

"É grego?" perguntei.

"Sim, mas não estou entendendo direito." Tirou do hábito as suas lentes e prendeu-as firmemente no nariz, depois aproximou ainda mais o rosto.

"É grego, escrito muito pequeno, e ainda por cima desordenadamente. Mesmo com as lentes estou lendo mal, precisaria de mais luz. Aproxima-te..."

Tinha pego a folha e a segurava diante do rosto, e eu, estouvado, em vez de

passar às suas costas segurando o lume alto sobre sua cabeça, coloquei-me bem diante dele. Ele pediu-me que ficasse de lado, e ao fazê-lo, rocei com a chama a parte de trás da folha. Guilherme deu-me um empurrão, dizendo se eu queria queimar-lhe o manuscrito, depois emitiu uma exclamação. Vi claramente que sobre a parte superior da página tinham aparecido alguns signos imprecisos de uma cor amarelo-castanho. Guilherme pegou-me o lume e o moveu atrás da folha, mantendo a chama bastante próxima da superfície do pergaminho de modo a aquecê-la sem queimá-la. Lentamente, como se uma mão invisível estivesse traçando "Mane, Tekel, Fares", vi desenharem-se no verso branco da folha, um por um, à medida que Guilherme movia o lume, e enquanto a fumaça que brotava do ápice da chama enegrecia o recto, traços que não pareciam com os de nenhum alfabeto, a não ser com o dos nicromantes.

"Fantástico!" disse Guilherme. "Cada vez mais interessante!" Olhou à sua volta: "Mas será melhor não expor esta descoberta às insídias de nosso hóspede misterioso, se ainda está aqui..." Tirou as lentes e pousou-as na mesa, depois enrolou com cuidado o pergaminho e o escondeu no hábito. Ainda pasmo com aquela seqüência de eventos por assim dizer milagrosos, estava para pedir-lhe mais explicações, quando um rumor repentino e seco nos dissuadiu. Vinha dos pés da escada oriental que conduzia à biblioteca.

"O nosso homem está lá, pega-o!" gritou Guilherme e nos atiramos àquela direção, ele mais rápido, eu mais devagar porque portava o lume. Ouvi um estrondo de pessoa que tropeça e cai, corri, encontrei Guilherme aos pés da escada a observar um pesado volume de capa reforçada por tachas de metal. No mesmo instante ouvimos um outro ruído na direção de onde tínhamos vindo. "Como eu sou idiota!" gritou Guilherme, "rápido, à mesa de Venâncio!"

Entendi, alguém que estava na sombra atrás de nós jogara o volume para atrair-nos para longe.

Ainda uma vez Guilherme foi mais rápido que eu e alcançou a mesa. Ao segui-lo eu vi entre as colunas uma sombra que fugia, pela escada do torreão ocidental.

Tomado de ardor guerreiro, pus o lume na mão de Guilherme e corri às cegas para a escada por onde descera o fugitivo. Naquele momento sentia-me como um soldado de Cristo em luta com todas as legiões infernais, e ardia de desejo de meter as mãos no desconhecido para levá-lo a meu mestre. Quase rolei pelas escadas em caracol abaixo tropeçando nas barras de meu hábito (esse foi o único momento de minha vida, juro, em que lamentei ter entrado numa ordem monástica!), mas naquele mesmo instante, e o pensamento passou como um raio,

consolei-me com a idéia de que o meu adversário também devia estar passando pelo mesmo embaraço. E de mais a mais, se tinha tirado o livro, devia ter as mãos ocupadas. Corri até a cozinha atrás do forno do pão e, à luz da noite estrelada que iluminava palidamente o vasto corredor, vi a sombra que perseguia atravessar a porta do refeitório e batê-la atrás de si. Corri até ela, custei alguns segundos para abri-la, entrei, olhei em volta, e não vi mais ninguém. A porta que dava para fora estava ainda com a tranca. Virei-me. Sombra e silêncio. Percebi um clarão vindo da cozinha e encostei-me na parede. Na soleira de passagem entre os dois ambientes surgiu um vulto iluminado por um lume. Gritei. Era Guilherme.

"Não há mais ninguém? Já previa. Ele não saiu por uma porta. Não se enfiou pela passagem do ossário?"

"Não, saiu por aqui, mas não sei por onde."

"Eu te disse, há outras passagens, e é inútil procurá-las. Talvez o nosso homem esteja reemergindo nalgum lugar distante. E com ele as minhas lentes."

"As vossas lentes?"

"Isso mesmo. O nosso amigo não pôde tirar-me a folha mas, com grande presença de espírito, ao passar, pegou as minhas lentes."

"E por quê?"

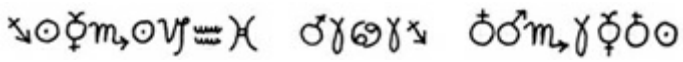
"Porque não é um tolo. Ouviu-me falando desses apontamentos, compreendeu que eram importantes, pensou que sem as lentes não estaria em condições de decifrá-los e sabe, por certo, que não teria a confiança de mostrá-los a ninguém. De fato, agora é como se eu não os tivesse."

"Mas como fez para ficar sabendo das vossas lentes?"

"Ora, à parte o fato de que tenhamos falado delas ontem com o mestre vidreiro, de manhã no scriptorium, coloquei-as para remexer entre os papéis de Venâncio. Portanto há muitas pessoas que poderiam saber o quanto aqueles objetos eram preciosos. E realmente eu poderia até ler um manuscrito normal, mas não este", e começou a desenrolar novamente o misterioso pergaminho, "onde o trecho em grego é muito pequeno, e a parte superior muito incerta..."

Mostrou-me os signos misteriosos que tinham aparecido como por encanto ao calor da chama: "Venâncio queria esconder um segredo importante e usou uma dessas tintas que escrevem sem deixar traço e reaparecem com o calor. Ou então usou suco de limão. Mas já que não sei que substância usou e os signos poderiam desaparecer, depressa, tu que tens a vista boa, copia logo do modo mais fiel que puderes, ou quem sabe um pouco maiores." E assim fiz, sem saber o que estava copiando. Tratava-se de uma série de quatro ou cinco linhas que realmente

pareciam bruxaria, e reporto agora apenas os primeiros signos, para dar ao leitor uma idéia do enigma que tínhamos diante dos olhos:



Quando acabei de copiar, Guilherme olhou, sem as lentes infelizmente, segurando a minha tabuleta a uma boa distância do nariz. "É certamente um alfabeto secreto que será preciso decifrar", disse. "Os signos estão mal traçados, e talvez tu os tenhas copiado pior, mas trata-se certamente de um alfabeto zodiacal. Estás vendo? Na primeira linha temos..." afastou ainda de si a folha, apertou os olhos, com um esforço de concentração: "Sagitário, Sol, Mercúrio, Escorpião..."

"E o que querem dizer?"

"Se Venâncio tivesse sido um ingênuo teria usado o alfabeto zodiacal mais comum: A igual a Sol, B igual a Júpiter... A primeira linha então seria lida transcrevendo; RAIQASVL..." Interrompeu-se. "Não, não quer dizer nada, e Venâncio não era ingênuo. Reformulou o alfabeto de acordo com outra chave. Terei que descobri-la."

"É possível?" perguntei admirado.

"Sim, caso se conheça um pouco da sabedoria dos árabes. Os melhores tratados de criptografia são obra de sábios infiéis, e em Oxford pude fazer com que me lessem alguns deles. Bacon tinha razão em dizer que a conquista do saber passa pelo conhecimento das línguas. Abu Bakr Ahmad ben Ali ben Washiyya an-Nabati escreveu séculos atrás um Livro do frenético desejo do devoto de aprender os enigmas das antigas escrituras e expôs muitas regras para compor e decifrar alfabetos misteriosos, bons para a prática de magia, mas também para a correspondência entre os exércitos, ou entre um rei e seus embaixadores. Vi outros livros árabes que enumeram uma série de artifícios bastante engenhosos. Podes, por exemplo, substituir uma letra por outra, podes escrever uma palavra ao contrário, podes colocar as letras em ordem inversa, mas pegando uma sim e uma não, e depois recomeçando do fim, podes, como neste caso, substituir as letras por signos zodiacais, mas atribuindo às letras ocultas o seu valor numérico e depois, de acordo com outro alfabeto, converter os números em novas letras..."

"E qual desses sistemas terá usado Venâncio?"

"Seria preciso experimentar todos, e outros ainda. Mas a primeira regra para decifrar uma mensagem é adivinhar o que ela quer dizer."

"Mas então não há mais necessidade de decifrá-la!" eu ri.

"Não é nesse sentido. É possível formular hipóteses sobre as que poderiam ser as primeiras palavras da mensagem, e depois ver se a regra que daí se infere vale para todo o resto do escrito. Por exemplo, aqui Venâncio certamente anotou a chave para penetrar no finis Africae. Se eu experimento pensar que a mensagem fala disso, eis que sou iluminado de repente por um ritmo... Experimenta olhar as primeiras três palavras, não consideres as letras, considera apenas o número dos signos... IIIIIIII IIIII IIIIIII... Agora experimenta dividir em sílabas de pelo menos dois signos cada uma, e recita em voz alta: ta-ta-ta, ta-ta, ta-ta-ta... Não te vem nada à cabeça?"

"A mim não."

"A mim sim. Secretum finis Africae... Mas se assim fosse, a última palavra deveria ter a primeira e a sexta letra iguais, e assim é de fato, eis duas vezes o símbolo da Terra. E a primeira letra da primeira palavra, o S, deveria ser igual à última da segunda: e de fato, eis repetido o signo da Virgem. Talvez seja o caminho correto. Porém poderia tratar-se de uma série de coincidências. É preciso encontrar uma regra de correspondência..."

"Encontrá-la onde?"

"Na cabeça. Inventá-la. E depois ver se é verdadeira. Mas entre uma prova e outra, o jogo pode consumir-me um dia inteiro. Não mais que isso, porque — lembra-te — não há escritura secreta que não possa ser decifrada com um pouco de paciência. Mas agora estamos arriscados a nos atrasar e pretendemos visitar a biblioteca. Tanto mais que, sem lentes, não conseguirei nunca ler a segunda parte da mensagem, e tu não podes me ajudar porque esses signos, aos teus olhos..."

"Graecum est, non legitur", completei humilhado.

"Justamente, e vês que Bacon tinha razão. Estuda! Mas não desanimemos. Retomemos o pergaminho e os teus apontamentos, e subamos à biblioteca. Porque esta noite nem mesmo dez legiões infernais conseguirão nos segurar."

Persignei-me. "Mas quem pode ter-nos precedido aqui? Bêncio?"

"Bêncio ardia de vontade de saber o que havia entre os papéis de Venâncio, mas não me parecia no espírito de pregar-nos peças tão maliciosas. No fundo havia-nos proposto uma aliança, e, depois, não me parecia ter a coragem de entrar à noite no Edifício."

"Berengário, então? Ou Malaquias?"

"Berengário parece ter o ânimo para fazer coisas desse gênero. No fundo é co-responsável pela biblioteca, está roído pelo remorso de ter traído algum segredo

dela, achava que Venâncio tinha tirado aquele livro e talvez quisesse repô-lo em seu lugar. Não conseguiu subir, agora está escondendo o volume nalgum lugar e poderemos pegá-lo em flagrante, se Deus nos ajudar, quando tentar devolvê-lo."

"Mas poderia ser Malaquias também, movido pelas mesmas intenções."

"Diria que não. Malaquias teria tido todo o tempo que quisesse para rebuscar a mesa de Venâncio quando ficou sozinho para fechar o Edifício. Eu sabia disso muito bem e não tinha jeito de evitá-lo. Agora sabemos que não o fez. E se bem refleti, não temos motivos para suspeitar que Malaquias soubesse que Venâncio entrara na biblioteca surrupiando algo. Berengário e Bêncio estão sabendo disso e nós também. Após a confissão de Adelmo, Jorge poderia sabê-lo, mas decerto não era ele o homem que se precipitava tão impetuosamente pela escada em caracol..."

"Berengário ou Bêncio então..."

"E por que não Pacifico de Tivoli ou um outro dos monges que vimos hoje aqui? Ou Nicola, o vidreiro, que sabe de meus óculos? Ou aquele bizarro personagem, Salvatore, que nos disseram ficar vagando durante a noite quem sabe para quê? Precisamos ficar atentos para não restringir o campo das suspeitas só porque as revelações de Bêncio nos orientaram numa única direção. Bêncio talvez estivesse querendo nos confundir."

"Mas pareceu-vos sincero."

"Certo. Mas lembra-te que o primeiro dever de um bom inquisidor é o de suspeitar antes dos que te parecem sinceros."

"Duro trabalho o do inquisidor", disse.

"Por isso eu o abandonei. E como estás vendo, cabe-me retomá-lo. Mas vamos à biblioteca."

Segundo dia

NOITE

Onde finalmente se penetra no labirinto, tem-se estranhas visões e, como acontece nos labirintos, fica-se perdido nele.

Subimos de novo ao scriptorium, desta vez pela escada oriental que também dava para o andar proibido, o lume alto diante de nós. Eu pensava nas palavras de Alinardo sobre o labirinto e esperava coisas assustadoras.

Fiquei surpreso, quando saímos no lugar onde não devêramos ter entrado, por encontrar-me numa sala de sete lados, não muito ampla, sem janelas, em que reinava, como de resto no andar inteiro, um forte odor de ranço ou de mofo. Nada de aterrador.

A sala, dizia eu, tinha sete paredes, mas apenas em quatro delas se abria, entre duas colunazinhas encaixadas no muro, uma abertura, uma passagem bastante ampla encimada por um arco em semicírculo. Ao longo das paredes fechadas estavam encostados enormes armários, carregados de livros dispostos com regularidade. Os armários traziam uma etiqueta numerada assim como cada uma de suas estantes; evidentemente, os mesmos números que tínhamos visto no catálogo. No meio da sala uma mesa, ela também repleta de livros. Em cima de todos os volumes um véu bem fino de poeira, sinal de que os livros eram limpos com certa freqüência. E mesmo no chão não havia qualquer sujeira. Sobre o arco de uma das portas um grande cartaz, pintado na parede, que trazia as palavras: Apocalypsis Iesu Christi. Não parecia desbotado, ainda que os caracteres fossem antigos. Percebemos depois, também nas outras salas, que os cartazes eram, na verdade, gravados na pedra, muito profundamente, e depois as cavidades tinham sido preenchidas com tinta, como se faz para afrescar as igrejas.

Atravessamos uma das aberturas. Encontramo-nos numa outra sala, onde se abria uma janela, que no lugar dos vidros trazia lâminas de alabastro, com duas

paredes inteiras, e uma passagem do mesmo tipo daquela que acabáramos de atravessar, que dava para outra sala e que, por sua vez, tinha também duas paredes inteiras, uma delas com janelas, e outra porta que se abria diante de nós. Nas duas salas, dois cartazes semelhantes na forma ao primeiro que tínhamos visto, mas com outras palavras. O cartaz da primeira dizia: Super thronos viginti quatuor, e o da segunda: Nomen illi mors. De resto, ainda que as duas salas fossem menores que aquela por onde tínhamos entrado na biblioteca (de fato ela era heptagonal e as duas eram retangulares), o arranjo era o mesmo: armários com livros e mesa central.

Penetramos na terceira sala. Estava vazia de livros e não tinha cartaz. Embaixo da janela, um altar de pedra. Havia três portas, uma por onde entráramos, outra que dava para a sala heptagonal já visitada, uma terceira que nos fez entrar numa nova sala, não diferente das outras, salvo pelo cartaz que dizia: Obscuratus est sol et aer. Dali se passava a uma sala nova, cujo cartaz dizia Facta est grando et ignis; não havia outras portas, ou seja, chegando-se àquela sala não se podia prosseguir e era preciso voltar atrás.

"Raciocinemos", disse Guilherme. "Cinco salas quadrangulares ou vagamente trapezoidais, com uma janela cada, que contornam uma sala heptagonal sem janelas, aonde vem dar a escada. Parece-me elementar. Estamos no torreão oriental, cada torreão de fora apresenta cinco janelas e cinco lados. A conta dá certo. A sala vazia é justamente a que dá para oriente, na mesma direção do coro da igreja, a luz do sol na aurora ilumina o altar, o que me parece pio e justo. A única idéia astuta parece-me a das lâminas de alabastro. De dia filtram uma boa luz, de noite não deixam transparecer sequer os raios lunares. Não é portanto um grande labirinto. Agora vejamos onde levam as outras duas portas da sala heptagonal. Acho que nos guiaremos com facilidade."

Meu mestre se enganava e os construtores da biblioteca tinham sido mais hábeis do que podíamos acreditar. Não sei bem explicar o que aconteceu, mas, quando abandonamos o torreão, a ordem das salas tornou-se mais confusa. Algumas tinham duas, outras três portas. Todas tinham uma janela, mesmo as que embocávamos partindo de uma sala com janela e pensando ir para o interior do Edifício. Cada uma tinha sempre o mesmo tipo de armários e de mesas, os volumes, amontoados em boa ordem, pareciam todos iguais e não nos ajudavam certamente a reconhecer o lugar numa única olhada. Tentamos nos orientar pelos cartazes. Uma vez atravessáramos uma sala em que estava escrito In diebus illis e depois de umas voltas pareceu-nos ter retornado lá. Mas lembrávamos que a porta

diante da janela dava para uma sala em que estava escrito Primogenitus mortuorum, enquanto agora encontrávamos uma outra que dizia novamente Apocalypsis Iesu Christi, e não era a sala heptagonal de onde partíramos. Este fato convenceu-nos de que, às vezes, os cartazes se repetiam iguais em salas diferentes. Encontramos duas salas com Apocalypsis uma perto da outra, e logo depois uma com Cecidit de coelo stella magna.

De onde viessem as frases dos cartazes era evidente, tratava-se dos versículos do Apocalipse de João, mas não ficava nem um pouco claro por que estavam pintados nas paredes, nem de acordo com que lógica estavam dispostos. Para aumentar nossa confusão, descobrimos que alguns cartazes, não muitos, eram de cor vermelha em vez de preta.

Num certo momento nos reencontramos na sala heptagonal de partida (essa era reconhecível porque lá se abria a embocadura da escada), e recomeçamos a nos mover à nossa direita procurando andar reto, de sala em sala. Passamos por três salas e depois nos achamos diante de uma parede fechada. A única passagem dava numa nova sala que tinha somente uma outra porta, saídos da qual percorremos outras quatro salas e nos encontramos, de novo, diante de uma parede. Voltamos à sala precedente que tinha duas saídas, entramos naquela em que não havíamos tentado ainda, passamos por uma nova sala, e reencontramo-nos na sala heptagonal de partida.

"Como se chamava a última sala de que voltamos?" perguntou Guilherme.

Fiz um esforço de memória: "Equus albus".

"Bem, vamos encontrá-la novamente." E foi fácil. Dali, se não se quisesse voltar sobre os próprios passos, não restava senão passar à sala dita Gratia vobis et pax, e dali para a direita, pareceu-nos encontrar uma nova passagem que não nos faria retroceder. Com efeito, encontramos ainda In diebus illis e Primogenitus mortuorum (eram as mesmas salas de pouco antes?), mas chegamos finalmente a uma sala que não nos parecia ter visitado ainda: Tertia pars terrae combusta est. Mas àquela altura não sabíamos mais onde estávamos em relação ao torreão oriental.

Estendendo o lume adiante avancei nas salas seguintes. Um gigante de proporções ameaçadoras, de corpo ondulado e flutuante como o de um fantasma, veio ao meu encontro.

"Um diabo!" gritei e pouco faltou para que me caísse o lume, enquanto me virava de repente e me refugiava nos braços de Guilherme. Este tirou-me o lume das mãos e, afastando-me, adiantou-se com uma decisão que me pareceu sublime.

Também ele viu algo, porque parou bruscamente. Depois seguiu novamente adiante e levantou a lanterna. Desatou a rir.

"Realmente engenhoso. Um espelho!"

"Um espelho?"

"Sim, meu bravo guerreiro. Há pouco, no scriptorium, te atiraste corajosamente sobre um inimigo verdadeiro, e agora te assustas diante da tua imagem. Um espelho, que devolve a tua imagem aumentada e distorcida."

Tomou-me pela mão e conduziu-me para diante da parede que frenteava a entrada da sala. Numa lâmina de vidro ondulada, agora que o lume a iluminava mais de perto, vi nossas duas imagens, grotescamente deformadas, que mudavam de forma e de tamanho à medida que nos aproximávamos ou nos afastávamos.

"Deves ler algum tratado de óptica", disse Guilherme divertido, "como certamente o leram os fundadores da biblioteca. Os melhores são os dos árabes. Alhazen compôs um tratado De aspectibus em que, com precisas demonstrações geométricas, falou da força dos espelhos. Alguns dos quais, conforme a modulação de sua superfície, podem aumentar as coisas mais minúsculas (e que outra coisa são as minhas lentes?), outros fazem aparecer as imagens reviradas, ou oblíquas, ou mostram dois objetos em lugar de um, e quatro em lugar de dois. Outros ainda, como este, fazem de um anão um gigante ou de um gigante um anão."

"Jesus do céu!" disse. "São essas então as visões que dizem ter tido na biblioteca?"

"Talvez. Uma idéia deveras engenhosa." Leu o cartaz na parede, acima do espelho: Super thronos viginti quatuor. "Já o encontramos, mas era uma sala sem espelho. E esta, entre outras coisas, não tem janelas, e no entanto não é heptagonal. Onde estamos?" olhou à sua volta e aproximou-se de um armário: "Adso, sem aqueles benditos óculos ad legendum não consigo entender o que está escrito nesses livros. Lê para mim algum título."

Peguei um livro ao acaso: "Mestre, não está escrito!"

"Como? Vejo que está escrito, o que lês?"

"Não leio. Não são letras do alfabeto e não é grego, que eu reconheceria. Parecem vermes, cobrinhas, caca de moscas..."

"Ah, é árabe. Há outros assim?"

"Sim, alguns. Mas eis um em latim, graças a Deus. Al... Al Kuwarizmi, Tabulae."

"As tabelas astronômicas de Al Kuwarizmi, traduzidas por Adelardo de Bath! Obra raríssima! Continua."

"Isa ibn Ali, De oculis, Alkindi, De radiis stellatis..."

"Olha agora em cima da mesa."

Abri um grande volume que jazia sobre a mesa, um De bestiis. Abri numa página finamente ilustrada onde estava representado um belíssimo unicórnio.

"Belo trabalho", comentou Guilherme que conseguia ver bem as imagens. "E aquele?"

Li: "Liber monstrorum de diversis generibus. Também com belas imagens, porém me pareceram mais antigas."

Guilherme abaixou o rosto para o texto: "Ilustrado por monges irlandeses, há pelo menos cinco séculos. O livro do unicórnio é, ao contrário, muito mais recente, parece-me feito ao modo dos franceses." Mais uma vez admirei a doutrina de meu mestre. Entramos na outra sala e percorremos as quatro salas seguintes, todas com janelas, e todas repletas de volumes em línguas desconhecidas, mais alguns textos de ciências ocultas, e chegamos a uma parede que nos obrigou a voltar atrás, porque as cinco últimas salas penetravam umas nas outras sem permitir outras saídas.

"Pela inclinação das paredes, devemos estar no pentágono de um outro torreão", disse Guilherme, "mas não há a sala heptagonal central, talvez tenhamos nos enganado."

"E as janelas?" eu disse. "Como pode haver tantas janelas? Impossível que todas as salas dêem para fora."

"Esqueces o poço central, muitas das que vimos são janelas que dão para o octógono do poço. Se fosse de dia, a diferença da luz nos diria quais são as janelas externas e quais as internas, e talvez até nos revelaria a posição da sala em relação ao sol. Mas de noite não se percebe nenhuma diferença. Voltemos."

Retornamos à sala do espelho e seguimos pela terceira porta pela qual nos parecia ainda não ter passado. Vimos diante de nós uma fileira de três ou quatro salas, e na última entrevimos um clarão.

"Tem alguém lá!" exclamei com a voz sufocada.

"Se tiver, já percebeu o nosso lume", disse Guilherme cobrindo todavia a chama com a mão. Detivemo-nos por um minuto ou dois. O clarão continuava a oscilar levemente, mas sem tornar-se mais forte ou mais fraco.

"Talvez seja só uma lâmpada", disse Guilherme, "daquelas postas para convencer os monges de que a biblioteca é habitada pelas almas dos finados. Mas é preciso saber. Tu ficas aqui cobrindo o lume, eu sigo adiante com cautela."

Ainda envergonhado pela má figura que fizera diante do espelho, quis redimir-me aos olhos de Guilherme: "Não, vou eu", disse, "vós ficais aqui. Irei com cuidado,

sou menor e mais ligeiro. Logo que perceba não haver riscos vos chamarei."

E assim fiz. Atravessei três salas caminhando rente às paredes, ligeiro como um gato (ou como um noviço que desce à cozinha para roubar queijo na despensa, empresa na qual era o melhor em Melk). Cheguei à soleira da sala de onde vinha o clarão, bastante fraco, deslizando ao longo da parede traseira da coluna que formava o umbral direito e olhei de soslaio a sala. Não havia ninguém. Uma espécie de lâmpada estava pousada em cima da mesa, acesa, e fumegava a custo. Não era uma lanterna como a nossa, parecia antes um turíbulo descoberto, não flamejava, mas a brasa coberta por uma cinza tênue queimava alguma coisa. Tomei coragem e entrei. Sobre a mesa, ao lado do turíbulo, estava aberto um livro de cores vivazes. Aproximei-me e percebi na página quatro tiras de cores diferentes, amarelo, cinabre, turquesa e terra queimada. Ali campeava uma besta horrível de se ver, um imenso dragão de dez cabeças que, com a cauda, arrastava consigo as estrelas do céu e as fazia cair na terra. De repente vi que o dragão se multiplicava, e as escamas de sua pele se tornavam como uma selva de lâminas rutilantes que se destacaram da folha e vieram girar em volta de minha cabeça. Virei-me para trás e vi o teto da sala que se inclinava e descia em cima de mim, depois ouvi como um silvo de mil serpentes, porém não assustador, quase sedutor, e apareceu uma mulher circunfusa de luz que aproximou seu rosto do meu e senti seu hálito. Afastei-a com as mãos estendidas e pareceu-me que minhas mãos estavam tocando os livros do armário de frente, ou que eles tinham aumentado desmesuradamente. Não me dava mais conta de onde estava, e de onde ficavam a terra e o céu. Vi no centro da sala Berengário que me fitava com um sorriso odioso, gotejante de luxúria. Cobri meu rosto com as mãos e minhas mãos pareceram os membros de um sapo, viscosas e palmadas. Gritei, acho, senti um sabor ácido na boca, depois caí num escuro infinito, que parecia estar se abrindo sempre mais sob meus pés, e não vi mais nada.

Acordei após um período que me pareceu de séculos, sentindo golpes que me latejavam na cabeça. Estava estirado no chão e Guilherme dava-me tapas no rosto. Não estava mais naquela sala e meus olhos percorreram um cartaz que dizia Requiescant a laboribus suis.

"Vamos, vamos, Adso", sussurrava-me Guilherme. "Não foi nada..."

"As coisas..." disse ainda delirando. "Lá, a besta..."

"Besta nenhuma. Encontrei-te delirando aos pés de uma mesa, com um belo apocalipse mozarábico, aberto na página mulier amicta sole que enfrenta o dragão. Mas percebi pelo cheiro que tu havias respirado alguma coisa de ruim e logo te

levei embora. A minha cabeça também está doendo."

"Mas o que foi que eu vi?"

"Não viste nada. É que ardiam substâncias capazes de provocar visões, reconheci o cheiro, é coisa dos árabes, talvez a mesma que o Velho da Montanha dava aos seus assassinos para aspirarem antes de mandá-los às suas empresas. E assim explicamos o mistério das visões. Alguém põe ervas mágicas durante a noite para convencer os visitantes inoportunos de que a biblioteca é defendida por presenças diabólicas. O que sentiste, afinal?"

Confusamente, pelo que recordava, contei-lhe sobre minha visão e Guilherme riu: "Metade era ampliação do que tinhas visto no livro e a outra metade eram os teus desejos e os teus medos que falavam. Esta é a operação que tais ervas ativam. Amanhã será preciso falar com Severino, acho que ele sabe mais disso do que quer fazer-nos acreditar. São ervas, apenas ervas, sem necessidade das preparações nicromânticas das quais nos falava o vidreiro. Ervas, espelhos... Este lugar de sabedoria proibida é protegido por muitos e sapientíssimos achados. A ciência usada para ocultar, em vez de iluminar. Não me agrada. Uma mente perversa preside à santa defesa da biblioteca. Mas foi uma noitada cansativa, será preciso sair, por ora. Tu estás perturbado e precisas de água e de ar fresco. Inútil tentar abrir as janelas, muito altas e talvez fechadas já há decênios. Como podem ter pensado que Adelmo se tenha jogado daqui?"

Sair, disse Guilherme. Como se fosse fácil. Sabíamos que a biblioteca era acessível somente por um torreão, o oriental. Mas onde estávamos naquele momento? Tínhamos perdido completamente a orientação. O fato de estarmos vagando, com medo de nunca mais sair dali, eu sempre vacilante e presa de ânsias de vômito, Guilherme bastante preocupado comigo, e despeitado pela pequenez de sua ciência, nos deu, ou bem deu a ele, uma idéia para o dia seguinte. Deveríamos voltar à biblioteca, desde que saíssemos dela, com um tição de lenha queimado, ou uma outra substância capaz de deixar sinais nas paredes.

"Para encontrar a saída de um labirinto", recitou Guilherme, "não existe senão um meio. Para cada nó novo, ou seja, ainda não visitado, o percurso de chegada será assinalado com três sinais. Se, por causa dos sinais precedentes em qualquer um dos caminhos do nó, se vir que aquele nó já foi visitado, far-se-á um único sinal no percurso de chegada. Se todas as passagens já estiverem assinaladas, então será preciso refazer o caminho, voltando-se atrás. Mas se uma ou duas passagens do nó estiverem ainda sem sinais, escolher-se-á uma qualquer, apondo-se dois sinais. Caminhando por uma passagem que traz só um sinal, apor-lhe-emos mais

dois, de modo que agora a passagem tenha três deles. Todas as partes do labirinto deveriam ser percorridas se, chegando-se a um nó, não se tomar mais a passagem com três sinais, a menos que nenhuma das outras passagens esteja sem os sinais."

"Como vós sabeis? Sois especialista em labirintos?"

"Não, estou recitando um texto antigo que li uma vez."

"E de acordo com essa regra consegue-se sair?"

"Quase nunca, que eu saiba. Mas tentaremos assim mesmo. E depois, nos próximos dias, terei as lentes e terei tempo para deter-me mais nos livros. Pode ser que lá onde o percurso dos cartazes nos confunde, o dos livros nos dê uma regra."

"Vós tereis as lentes? Como conseguireis reencontrá-las?"

"Eu disse que terei lentes. Farei outras. Acho que o vidreiro não espera senão uma oportunidade do gênero para fazer uma nova experiência. Se tiver os instrumentos adequados para moer os cacos. Quanto aos cacos, na oficina há muitos."

Enquanto vagávamos procurando o caminho, de repente, no centro de uma sala, senti uma mão invisível acariciar-me o rosto, enquanto um gemido, que não era humano, e não era animal, ecoava naquele cômodo e no seguinte, como se um espectro vagasse de sala em sala. Deveria já estar preparado para as surpresas da biblioteca, mas ainda uma vez me aterrorizei e dei um pulo para trás. Guilherme também devia ter tido uma experiência semelhante à minha, porque estava tocando a face, mantendo alto o lume e olhando à sua volta.

Ele levantou a mão, em seguida examinou a chama que agora parecia mais viva e então umedeceu um dedo e o manteve erguido diante de si.

"É claro", disse depois, e mostrou-me dois pontos nas duas paredes opostas, na altura de um homem. Abriam-se ali duas fendas estreitas, e ao aproximar-se a mão delas, podia-se sentir o ar frio que vinha do exterior. Aproximando-se depois o ouvido, sentia-se um farfalhar, como se fora estivesse soprando vento.

"A biblioteca devia ter também um sistema de ventilação", disse Guilherme, "de outro modo a atmosfera seria irrespirável, especialmente no verão. Além disso as fendas provêem também uma dose justa de umidade, para que os pergaminhos não ressequem. Mas o engenho dos fundadores não parou por aí. Ao dispor as fendas de acordo com certos ângulos, garantiram que, nas noites de vento, os sopros que penetram pelos meatos se cruzem com outros sopros, e formem um redemoinho na seqüência das salas, produzindo os sons que ouvimos. Os quais, unidos aos espelhos e às ervas, aumentam o medo dos incautos que aqui

penetram, como nós, sem conhecer direito o lugar. E nós mesmos chegamos a pensar por um átimo que fantasmas nos bafejavam o rosto. Percebemos isso só agora, porque só agora começou a ventar. E também este mistério está resolvido, mas, com tudo isso, não sabemos ainda como sair!"

Assim falando, vagamos a esmo, já perdidos, tentando ler os cartazes que pareciam todos iguais. Deparamos com uma nova sala heptagonal, percorremos as salas vizinhas, não encontramos nenhuma saída. Voltamos sobre nossos passos, caminhamos por quase uma hora, desistindo de saber onde estávamos. A uma certa altura Guilherme decidiu que tínhamos sido vencidos, não restava senão dormir numa sala qualquer e esperar que no dia seguinte Malaquias nos achasse. Enquanto nos lamentávamos pelo miserável fim de nossa bela empresa, encontramos inopinadamente a sala de onde partia a escada. Agradecemos com fervor ao céu e descemos com grande alegria.

Uma vez na cozinha, dirigimo-nos para a lareira, entramos no corredor do ossário e juro que o riso mortífero daquelas cabeças nuas pareceu-me o sorriso de pessoas queridas. Entramos novamente na igreja e saímos pelo portal setentrional, sentando-nos finalmente sobre as lápides de pedra dos túmulos. O bom ar da noite pareceu-me um bálsamo divino. As estrelas brilhavam ao nosso redor e as visões da biblioteca pareceram-me bastante distantes.

"Como é belo o mundo e como são horríveis os labirintos!" disse aliviado.

"Como seria belo o mundo se houvesse uma regra para andar nos labirintos", respondeu o meu mestre.

"Que horas serão?" perguntei.

"Perdi a noção do tempo. Mas será bom estarmos em nossas celas antes que soem as matinas."

Costeamos o lado esquerdo da igreja, passamos diante do portal (fui pelo outro lado para não ver os seniores do Apocalipse, super thronos viginti quatuor!) e atravessamos o claustro para atingir o albergue dos peregrinos.

Na soleira da construção estava o Abade, que nos olhou com severidade. "Estive à vossa procura a noite inteira", disse a Guilherme. "Não vos encontrei na cela, não vos encontrei na igreja..."

"Estávamos seguindo uma pista..." disse vagamente Guilherme, com visível embaraço. O Abade fitou-o demoradamente, depois disse com voz lenta e severa: "Procurei-vos logo depois das completas. Berengário não estava no coro."

"O que estais me dizendo!" disse Guilherme com ar hílare. De fato ficava claro agora quem tinha se abrigado no scriptorium.

“Não estava no coro durante as completas”, repetiu o Abade, “e não retornou à sua cela. Estão para soar as matinas, e veremos agora se reaparece. Se não, receio alguma nova desgraça.”

Nas matinas Berengário não apareceu.

TERCEIRO DIA

Terceiro dia

DE LAUDES A PRIMA

Onde se encontra um pano sujo de sangue na cela de Berengário desaparecido, e é tudo.

Enquanto escrevo sinto-me cansado como me sentia aquela noite, ou melhor, aquela manhã. O que dizer? Após o ofício o Abade movimentou a maior parte dos monges, já alarmados, para procurar por todos os lugares, sem resultados.

Pelas laudes, procurando na cela de Berengário, um monge encontrou sob o enxergão um pano branco sujo de sangue. Mostraram-no ao Abade que dali tirou negros auspícios. Estava presente Jorge que, ao ser informado, disse: "Sangue?" como se a coisa lhe parecesse inverossímil. Contaram a Alinardo, que sacudiu a cabeça e disse: "Não, não, na terceira trompa a morte vem por água..."

Guilherme observou o pano e depois disse: "Agora está tudo claro."

"Onde está Berengário então?" perguntaram-lhe.

"Não sei", respondeu. Foi ouvido por Aymaro que elevou os olhos para o céu e sussurrou a Pietro de Sant'Albano: "Os ingleses são todos assim."

Por volta da prima, quando já tinha saído o sol, foram enviados servos para explorar os pés da escarpa, ao redor da muralha. Voltaram à terça, sem ter encontrado nada.

Guilherme disse-me que não teríamos podido fazer melhor. Era preciso aguardar os acontecimentos. E dirigiu-se às forjas, detendo-se com o fito de conversar com Nicola, o mestre vidreiro.

Eu sentei-me na igreja, perto do portal central, enquanto eram celebradas as missas. Assim devotamente adormeci, e por muito tempo, porque parece que nós jovens temos mais necessidade de sono que os velhos, que muito já dormiram e se preparam para dormir durante a eternidade.

Terceiro dia

TERÇA

Onde Adso no scriptorium reflete sobre a história de sua ordem e sobre o destino dos livros.

Saí da igreja menos cansado mas com a mente confusa, porque o corpo não goza de um repouso tranqüilo senão nas horas noturnas. Subi ao scriptorium, pedi licença a Malaquias e comecei a folhear o catálogo. E enquanto lançava olhares distraídos às folhas que me passavam sob os olhos, estava na realidade observando os monges.

Fui tocado pela calma e pela serenidade com que eles se aplicavam ao seu trabalho, como se um seu confrade não estivesse sendo procurado com afã por toda a muralha e outros dois não tivessem já desaparecido em circunstâncias assustadoras. Eis, eu me disse, a grandeza de nossa ordem: durante séculos e séculos homens como esses viram irromper as hordas dos bárbaros, saquear suas abadias, precipitar os reinos em vórtices de fogo, e, no entanto, continuaram a amar os pergaminhos e as tintas e continuaram a ler à flor dos lábios palavras que eram transmitidas há séculos e que eles, por sua vez, transmitiam aos séculos vindouros. Continuaram a ler e a copiar enquanto se aproximava o milênio, por que não deveriam continuar a fazê-lo agora?

No dia anterior Bêncio dissera que estaria disposto a cometer pecado desde que obtivesse um livro raro. Não mentia nem brincava. Um monge deveria amar decerto os seus livros com humildade, querendo o bem deles e não a glória da própria curiosidade: mas o que para os leigos é a tentação do adultério e para os eclesiásticos regulares é a avidez de riquezas, para os monges é a sedução do conhecimento.

Folheei o catálogo e dançou diante de meus olhos uma festa de títulos misteriosos: Quinti Sereni de medicamentis, Phaenomena, Liber Aesopi de natura animalium, Liber Aethici peronymi de cosmographia, Libri tres quos Arculphus

episcopus Adamnano escipiente de locis sanctis ultramarinis designavit conscribendos, Libellus Q. Iulii Hilarionis de origine mundi, Solini Polyshistor de situ orbis terrarum et mirabilibus, Almagesthus... Não me surpreendia que o mistério dos crimes rodasse em torno da biblioteca. Para esses homens devotados à escritura a biblioteca era ao mesmo tempo a Jerusalém celeste e um mundo subterrâneo no limite entre a terra desconhecida e os infernos. Eles eram dominados pela biblioteca, por suas promessas e por suas proibições. Viviam com ela, por ela e talvez contra ela, aguardando culposamente o dia de violar todos os seus segredos. Por que não deveriam arriscar a vida para satisfazer uma curiosidade de sua mente, ou matar para impedir que alguém se apropriasse de um seu bem guardado segredo?

Tentações, claro, vaidade da mente. Bem diferente era o monge escrivão imaginado por nosso santo fundador, capaz de copiar sem entender, deixado à mercê de Deus, escrevente porque orante e orante enquanto escrevente. Por que não era mais assim? Oh, não eram apenas essas, decerto, as degenerações de nossa ordem! Tornara-se muito poderosa, seus abades rivalizavam com os reis, não tinha eu talvez em Abbone o exemplo de um monarca que com jeito de monarca tentava dirimir controvérsias entre monarcas? O mesmo saber que as abadias tinham acumulado era agora usado como mercadoria de troca, razão de soberba, motivo de vanglória e prestígio; assim como os cavaleiros ostentavam armaduras e estandartes, os nossos abades ostentavam códices ilustrados... E tanto mais (loucura!) que agora os nossos mosteiros perderam também o louro da sabedoria: agora as escolas catedrais, as corporações urbanas, as universidades copiavam livros, talvez mais e melhor que nós, e produziam novos — e talvez esta fosse a causa de tantas desventuras.

A abadia em que me achava era talvez a última ainda a ostentar uma excelência na produção e reprodução da sabedoria. Mas talvez justamente por isso seus monges não se satisfaziam mais no santo ofício da cópia, queriam eles também produzir novos complementos da natureza, impelidos pela cupidez de novas coisas. E não se apercebiam, intuí confusamente naquele momento (e sei bem hoje, já encanecido em anos de experiência), que assim procedendo eles promulgaram a ruína de sua excelência. Porque se o novo saber que eles queriam produzir tivesse refluído livremente por aquelas muralhas afora, nada mais distinguiria esse sagrado lugar de uma escola catedral ou de uma universidade citadina. Permanecendo escondido, pelo contrário, ele mantinha intactos seu prestígio e sua força, não era corrompido pela disputa, pela vaidade quodlibetária

que quer sobrepor ao crivo do sic et non todo mistério e toda grandeza. Eis, eu me disse, as razões do silêncio e da escuridão que circundam a biblioteca, ela é reserva de saber, mas pode manter esse saber intacto somente se impedir que chegue a qualquer um, até aos próprios monges. O saber não é como a moeda, que permanece fisicamente íntegra mesmo através das mais infames trocas: ele é antes como um hábito belíssimo, que se consome através do uso e da ostentação. Não é assim de fato o próprio livro, cujas páginas esfarelam-se, as tintas e os ouros se tornam opacos, se muitas mãos o tocam? Bem, estava vendo a pouca distância de mim Pacifico de Tivoli que folheava um volume antigo, cujas folhas estavam como que grudadas umas às outras por causa da umidade. Ele molhava o indicador e o polegar na língua para folhear seu livro, e a cada toque de sua saliva aquelas páginas perdiam em vigor, abri-las queria dizer dobrá-las, oferecê-las à severa ação do ar e da poeira, que teriam roído as sutis veias que no esforço encrespavam o pergaminho, teriam produzido novos mofos lá onde a saliva tinha amolecido e enfraquecido o canto da folha. Como um excesso de doçura torna mole e inábil o guerreiro, este excesso de amor possessivo e curioso predisporia o livro à doença destinada a matá-lo.

O que se deveria fazer? Parar de ler, apenas conservar? Eram fundados os meus temores? O que teria dito meu mestre?

A pouca distância vi um rubricador, Magnus de Iona, que terminara de esfregar seu velo com a pedra-pome e o amolecia com gesso, para depois alisar sua superfície com a plaina. Um outro ao lado dele, Rabán de Toledo, fixara o pergaminho à mesa, assinalando-lhe as margens com pequenos furos laterais de ambos os lados, entre os quais traçava com um estilete metálico linhas horizontais finíssimas. Dentro em pouco as duas folhas estariam repletas de cores e de formas, a página tornar-se-ia como um relicário, fúlgida de gemas encastoadas naquele que depois seria o tecido devoto da escritura. Aqueles dois confrades, eu me disse, estão vivendo suas horas de paraíso na terra. Estavam produzindo novos livros, iguais àqueles que o tempo depois inexoravelmente destruiria... Portanto, a biblioteca não podia ser ameaçada por nenhuma força terrena, pois era uma coisa viva... Mas se era viva, por que não devia abrir-se ao risco do conhecimento? Era isso o que queria Bêncio e que talvez tivesse querido Venâncio?

Senti-me confuso e temeroso de meus pensamentos. Talvez eles não conviessem a um noviço que apenas devia seguir com escrúpulo e humildade a regra, por todos os anos vindouros — o que fiz depois, sem me fazer outras perguntas, enquanto ao meu redor, cada vez mais, o mundo afundava numa

tempestade de sangue e de loucura.

Era a hora do pasto matutino, e fui à cozinha, onde já me tornara amigo dos cozinheiros, e esses deram-me os melhores bocados.

Terceiro dia

SEXTA

Onde Adso ouve as confidências de Salvatore,
que não podem ser resumidas em poucas palavras,
mas que lhe inspiram muitas preocupadas meditações.

Enquanto estava comendo vi num canto Salvatore, evidentemente apaziguado com o cozinheiro, que devorava com alegria uma torta de carne de ovelha. Comia como se nunca tivesse comido em sua vida, não deixando cair sequer uma migalha, e parecia dar graças a Deus por aquele evento extraordinário.

Piscou para mim e me disse, naquela sua linguagem bizarra, que estava comendo por todos os anos em que jejuara. Pus-me a interrogá-lo. Contou-me sobre uma infância dolorosíssima num vilarejo onde o ar era ruim, as chuvas muito freqüentes, e os campos apodreciam enquanto tudo era corrompido por mortíferos miasmas. Houve, conforme entendi, enchentes por estações e estações, que os campos não tinham mais sulcos e com um módio de sementes conseguia-se um sextário, e depois ainda o sextário reduzia-se a nada. Também os senhores tinham rostos brancos como os pobres se bem que, observou Salvatore, os pobres morressem mais que os senhores, talvez (observou com um sorriso) porque eram em maior número... Um sextário custava quinze soldos, um módio sessenta soldos, os pregadores anunciavam o fim dos tempos, mas os genitores e avós de Salvatore lembravam que assim fora também de outras vezes, e que disso tinham tirado a conclusão que os tempos estavam sempre para terminar. E assim quando comeram toda a carniça dos pássaros, e todos os animais imundos que se pode achar, correu a notícia de que alguém no vilarejo começava a desenterrar os mortos. Salvatore explicava com muita bravura, como se fosse um histrião, como costumavam fazer aqueles "homeni malíssimos" que com os dedos escavavam a terra dos cemitérios, no dia seguinte às exéquias de alguém. "Nham!" dizia, e mordia sua torta de ovelha, mas eu via em seu rosto o trejeito do desesperado que comia o cadáver. E

depois, não contentes em escavar terra consagrada, uns piores que os outros, como ladrões de estrada, ficavam de tocaia na floresta e surpreendiam os viajantes. "Zac!" dizia Salvatore, a faca na garganta e "Nham!". E os piores dentre os piores atraíam as crianças, com um ovo ou uma maçã, e acabavam com elas mas, como precisou Salvatore com muita seriedade, cozinhando-as primeiro. Contou sobre um homem que veio ao vilarejo vender carne cozida por poucos soldos e todos nem conseguiam acreditar em tamanha sorte, depois o padre disse que se tratava de carne humana, e o homem foi feito em pedaços pela multidão enfurecida. Mas na mesma noite um sujeito do vilarejo foi escavar a cova do assassinado e comeu as carnes do canibal, de modo que, quando foi descoberto, o vilarejo condenou à morte ele também.

E Salvatore não me contou somente esta história. Com palavras truncadas, empenhando-se em recordar o pouco que sabia de provençal e dos dialetos italianos, contou-me a história de sua fuga do vilarejo natal, e seu perambular pelo mundo. E em sua narrativa reconheci muitos que já conhecera ou encontrara pelo caminho, e muitos outros que vim a conhecer depois e reconheço agora, sendo que não tenho certeza em estar lhes atribuindo, pela distância do tempo, feitos e crimes que foram de outrem, antes deles e depois deles, e que agora na minha mente cansada se nivelam para desenhar uma única imagem, por força justamente da imaginação que, unindo a lembrança do ouro à do monte, sabe compor a idéia de uma montanha de ouro.

Freqüentemente durante a viagem ouvira Guilherme nomear os simples, termo com que alguns de seus confrades designavam não apenas o povo, mas ao mesmo tempo os incultos. Expressão que sempre me pareceu genérica, porque nas cidades italianas tinha encontrado homens de comércio e artesãos que não eram clérigos mas que não eram incultos, ainda que seus conhecimentos se manifestassem pelo uso do vulgar. E, por assim dizer, alguns dos tiranos que naquele tempo governavam a península eram ignorantes da ciência teológica, e médica, e lógica, e de latim, mas não eram certamente nem simples nem desprovidos. Por isso acho que mesmo meu mestre, quando falava dos simples, usava um conceito bastante simples. Mas indubitavelmente Salvatore era um simples, vinha de um campo devastado, durante séculos, pela carestia e pelas prepotências dos senhores feudais. Era um simples, mas não era tolo. Aspirava a um mundo diferente, que, nos tempos em que fugiu da casa dos seus, pelo que me disse, tomava o aspecto do país da Bem-aventurança, onde nas árvores, que exsudam mel, crescem formas de queijo e cheirosos salsichões.

Impulsionado por essa esperança, quase se recusando a reconhecer o mundo como um vale de lágrimas, no qual (como me ensinaram) também a injustiça foi predisposta pela providência para manter o equilíbrio das coisas, cujo desígnio freqüentemente nos escapa, Salvatore viajou por várias terras, desde seu Monferrato natal até a Ligúria, e depois para cima, da Provença até as terras do rei de França.

Salvatore vagou pelo mundo, mendigando, gatunando, fingindo-se doente, pondo-se ao serviço transitório de algum senhor, tomando novamente o caminho da floresta, da estrada principal. Pela narrativa que me fez pude vê-lo associado aos bandos de vagabundos que depois, nos anos que se seguiram, vi cada vez mais circular pela Europa: falsos monges, charlatães, embrulhões, truões esfarrapados e maltrapilhos, leprosos e estropiados, ambulantes, vagabundos, cantadores, clérigos sem pátria, estudantes itinerantes, trapaceiros, malabaristas, mercenários inválidos, judeus errantes, salvos dos infiéis com o espírito destruído, sandeus, fugitivos perseguidos por bandos, malfeitores de orelhas cortadas, sodomitas, e entre eles artesãos ambulantes, tecelões, caldeireiros, cadeireiros, amoladores, empalhadores, pedreiros, e ainda biltres de todo feitio, trapaceiros, birbantes, vigaristas, velhacos, galhofeiros, guiões, alcoviteiros, saltimbancos, andarilhos, esmoleres, e cônegos e padres simoníacos e traficantes, e gente que vivia da credulidade alheia, falsários de bulas e selos papais, vendedores de indulgências, falsos paralíticos que se estendiam às portas das igrejas, trânsfugas dos conventos, vendedores de relíquias, adivinhos e quiromantes, nicromantes, curandeiros, falsos esmoleres, e fornicadores de toda laia, corruptores de monjas e de donzelas com enganos e violências, simuladores de hidropisia, epilepsia, hemorróidas, gota e chagas, e mais loucura melancólica. Havia os que se aplicavam emplastros no corpo para fingir úlceras incuráveis, outros que enchiam a boca de uma substância cor de sangue para simular hemoptises de tuberculose, velhacos que fingiam ser fracos de um dos membros, trazendo bastões sem necessidade e simulando a epilepsia, sarnas, tumores, inchaços, aplicando bendas, tinturas de açafrão, trazendo ferros nas mãos, faixas na cabeça, introduzindo-se fedorentos nas igrejas e deixando-se cair de repente nas praças, babando e arregalando os olhos, lançando sangue pelas narinas, feito de suco de amoras e colorau, para arrancar comida ou dinheiro das gentes tementes que lembravam os convites dos santos padres à esmola: divide com o esfaimado o seu pão, leva para casa quem não tem teto, visitemos Cristo, acolhamos Cristo, vistamos Cristo, porque como a água purga o fogo assim a esmola purga os nossos pecados.

Mesmo depois dos fatos que estou narrando, ao longo do curso do Danúbio, vi muitos e ainda os vejo desses charlatães que tinham seus nomes e suas subdivisões em legiões, como os demônios: capadores, lotores, protomédicos, pauperes verecundi, necrófilos, afrates, atrementes, cruzados, alacerbados, relicários, afarinhados, sedutores, iuccos, coquinos, spectinos, mutuadores e atarantados, acones e admiracti, cagnabaldos, falsobordones, advindos, alacrimantes e afarfantes.

Era como um lodo que escorria pelas veredas do nosso mundo, e entre eles insinuavam-se pregadores em boa fé, hereges em busca de novas presas, provocadores de discórdia. Fora o próprio papa João, sempre temeroso dos movimentos dos simples que pregavam e praticavam a pobreza, a lançar-se contra os pregadores esmoleres que, no seu dizer, atraíam os curiosos hasteando vexilos pintados com figuras, pregavam e extorquiam dinheiro. Estava com a verdade o papa simoníaco e corrupto, equiparando frades esmoleres que pregavam a pobreza a esses bandos de deserdados e de rapinadores? Eu, naqueles dias, após ter viajado um pouco pela península itálica, não tinha mais as idéias claras: escutara frades de Altopascio que, pregando, ameaçavam excomunhões e perjuras por dinheiro, davam a entender que em seu abrigo eram celebradas todos os dias até cem missas, para as quais recolhiam donativos, e que com seus bens sustentavam duzentas donzelas pobres. E ouvira falar de frei Paulo Coxo que, na floresta de Rieti, vivia numa ermida e se vangloriava de ter recebido diretamente do Espírito Santo a revelação de que o ato carnal não era pecado: desse modo seduzia suas vítimas que chamava de irmãs obrigando-as a se entregarem ao açoite na carne nua, fazendo cinco genuflexões no chão em forma de cruz, antes que ele apresentasse suas vítimas a Deus e pretendesse delas o que ele chamava o beijo da paz. Mas era verdade? E o que ligava os eremitas que se diziam iluminados aos frades de vida pobre que percorriam as estradas da península realmente em penitência, invisos ao clero e aos bispos dos quais atacavam os vícios e as rapinas?

Pelo relato de Salvatore, assim como se misturava às coisas que eu já sabia por conta própria, essas distinções não apareciam à luz do dia: tudo parecia a mesma coisa. Às vezes ele me parecia um daqueles aleijados mendicantes de Touraine de que fala a fábula, que ao se aproximarem dos despojos milagrosos de São Martinho fugiram correndo com medo que o santo os curasse secando-lhes, assim, a fonte dos ganhos, e o santo desapiedadamente os agraciou antes que atingissem a fronteira, punindo-os por sua malvadeza com o restituir-lhes o uso dos membros. Às vezes, ao contrário, o rosto ferino do monge era iluminado por uma luz muito

doce quando me contava como, vivendo entre os bandos, escutara a palavra de pregadores franciscanos, párias como ele, e aprendera que a vida pobre e vagabunda que levava não devia ser tomada como uma triste necessidade, mas como um gesto de alegre dedicação, e começara a fazer parte de seitas e grupos penitenciais cujos nomes ele estropiava, definindo também de modo bastante impróprio a doutrina. Deduzi daí que tinha encontrado paterinos e valdenses, e talvez cátaros, arnaldistas e humilhados, e que vagando pelo mundo passara de grupo em grupo, assumindo gradualmente como missão a sua condição de andarilho, e fazendo pelo Senhor o que antes fazia por seu ventre.

Mas como e até quando? Pelo que entendi, uns trinta anos atrás, ele tinha se agregado a um convento de menoritas na Toscana e lá vestira o hábito de São Francisco, sem tomar as ordens. Ali, acho, aprendera o tanto de latim que falava, misturando com os falares de todos os lugares em que, pobre e sem pátria, tinha estado, e de todos os companheiros de vagabundagem, que tinha encontrado, desde os mercenários das minhas terras aos bogomilos dalmácios. Ali levara uma vida de penitência, dizia (penitenziagite, citava-me com olhos inspirados, e novamente ouvi a fórmula que deixara Guilherme curioso), mas, ao que parece, também os menores perto de quem estava tinham idéias confusas porque, com raiva do cônego da igreja vizinha, acusado de rapinas e de outras abominações, invadiram-lhe a casa e o fizeram rolar escadas abaixo, de modo que o pecador morreu, e depois saquearam a igreja. Por isso o bispo enviou armados, os frades se dispersaram e Salvatore vagou longamente pela alta-Itália com um bando de fraticelli, ou bem de menoritas esmoleres sem nenhuma lei nem disciplina.

Dali foi parar na região de Toulouse, onde lhe aconteceu uma estranha história, enquanto se inflamava com a narrativa, que ouvia, das grandes empresas dos cruzados. Uma massa de pastores e de humildes, em grande multidão, reuniu-se um dia para atravessar o mar e combater contra os inimigos da fé. Foram chamados de pastorzinhos. Na verdade eles queriam fugir daquela sua terra maldita. Havia dois chefes, que lhes inspiraram falsas teorias, um sacerdote que fora privado de sua igreja por sua conduta e um monge apóstata da ordem de São Bento. Esses tinham feito aqueles desprovidos perderem a tal ponto o juízo que, correndo em tropel atrás deles, mesmo rapazes de dezesseis anos, contra a vontade dos genitores, levando consigo apenas um bornal e um bastão, sem dinheiro, abandonados os seus campos, seguiam-nos como uma grei e formavam uma grande massa. Já não seguiam mais nem a razão nem a justiça, mas apenas a força e sua vontade. O fato de estarem juntos, livres finalmente e com uma

obscura esperança de terras prometidas, deixou-os como que ébrios. Percorriam os vilarejos e as cidades saqueando tudo, e se um deles fosse detido, os outros assaltavam as prisões e o libertavam. Quando entraram na fortaleza de Paris para soltar alguns companheiros que os senhores tinham mandado prender, uma vez que o preposto de Paris tentava opor resistências, golpearam-no e o jogaram pelos degraus da fortaleza abaixo e arrombaram as portas do cárcere. Depois formaram tropa no prado de Saint Germain. Mas ninguém ousou opor-se contra eles, e saíram de Paris dirigindo-se para a Aquitânia. E matavam todos os judeus que encontravam aqui e ali e os espoliavam de seus bens...

"Por que os judeus?" perguntei a Salvatore. E ele me respondeu: "E por que não?" E me explicou que a vida inteira tinha aprendido com os pregadores que os judeus eram os inimigos da cristandade e acumulavam os bens que a eles eram negados. Perguntei-lhe se não era verdade, porém, que os bens eram acumulados pelos senhores e pelos bispos, através dos dízimos, e que portanto os pastorzinhos não estavam combatendo seus verdadeiros inimigos. Respondeu-me que, quando os inimigos verdadeiros são demasiado fortes, é preciso então escolher inimigos mais fracos. Refleti que por isso os simples são assim chamados. Somente os poderosos sabem sempre com muita clareza quem são seus verdadeiros inimigos. Os senhores não queriam que os pastorzinhos pusessem em risco seus bens e foi uma grande sorte para eles que os chefes dos pastorzinhos insinuassem a idéia de que muitas das riquezas estavam junto aos judeus.

Perguntei quem tinha enfiado na cabeça da multidão que era preciso atacar os judeus. Salvatore não lembrava. Acho que quando se reúne tanta gente seguindo uma promessa e pedindo logo algo, não se sabe nunca quem está falando dentre eles. Pensei que os chefes deles tinham sido educados nos conventos e nas escolas episcopais, e falavam a linguagem dos senhores, ainda que a traduzissem em termos compreensíveis a pastores. E os pastores não sabiam onde estava o papa, mas sabiam onde estavam os judeus. Em suma, tomaram de assalto uma alta e maciça torre do rei de França, onde os judeus assustados tinham acorrido em massa para se refugiarem. E os judeus que saíram para os muros da torre se defendiam corajosa e desapiedadamente, lançando lenha e pedras. Mas os pastorzinhos atearam fogo na porta da torre, atormentando os judeus entrincheirados com a fumaça e com o fogo. E os judeus, impossibilitados de se salvarem, preferindo antes matar-se do que morrer nas mãos dos não circuncidados, pediram a um deles, que parecia o mais corajoso, para matá-los com a espada. Ele concordou, e matou quase quinhentos. Depois saiu da torre com os

filhos dos judeus, e pediu aos pastorzinhos para ser batizado. Mas os pastorzinhos lhe disseram: tu fizeste tamanho morticínio de tua gente e agora pretendes escapar à morte? E fizeram-no em pedaços, poupando as crianças, que mandaram batizar. Depois se dirigiram para Carcassonne, fazendo muitas rapinas sanguinárias durante o caminho. Então o rei de França advertiu que eles tinham saído dos limites e ordenou que se lhes opusesse resistência em todas as cidades por que passavam e que se defendessem os judeus como se fossem homens do rei...

Por que o rei tornou-se tão solícito com os judeus, àquele ponto? Talvez porque tenha desconfiado do que os pastorzinhos teriam podido fazer no reino todo, e o número deles aumentasse muito. Então sentiu ternura também pelos judeus, seja porque os judeus eram úteis ao comércio do reino, seja porque era preciso destruir os pastorzinhos, e era necessário que os bons cristãos todos encontrassem razão de chorar sobre os crimes deles. Mas muitos cristãos não obedeceram ao rei, achando que não era justo defender os judeus, que sempre tinham sido inimigos da fé cristã. E em muitas cidades a gente do povo, que devia pagar usura aos judeus, ficava feliz que os pastorzinhos os punissem por sua riqueza. Então o rei ordenou, sob pena de morte, que não dessem ajuda aos pastorzinhos. Reuniu numeroso exército e os atacou e muitos deles foram mortos, outros escaparam em fuga, e se refugiaram nas florestas onde pereceram por privações. Em breve todos foram aniquilados. E o encarregado do rei os capturou e enforcou aos vinte ou trinta por vez nas árvores mais altas, para que a visão de seus cadáveres servisse de exemplo e ninguém ousasse mais perturbar a paz do reino.

O fato singular é que Salvatore me contou essa história como se se tratasse de uma virtuosíssima empresa. E de fato estava convencido de que a turba dos pastorzinhos pusera-se em movimento para conquistar o sepulcro de Cristo e libertá-lo dos infiéis, e não foi possível fazê-lo acreditar que essa belíssima conquista já tinha sido feita, nos tempos de Pedro, o Eremita, e de São Bernardo, e sob o reinado de Luís, o Santo, de França. Todavia Salvatore não seguiu os infiéis porque precisou afastar-se o mais rápido possível das terras francesas. Atravessou a região de Novara, disse-me, mas sobre o que aconteceu a essa altura foi muito vago. E por fim chegou a Casale, onde se fez acolher no convento dos menoritas (e aí acho que encontrou Remigio), justamente nos tempos em que muitos deles, perseguidos pelo papa, trocavam de hábito e buscavam refúgio junto a mosteiros de outra ordem, para não acabarem queimados. Como efetivamente nos contara Ubertino. Por causa de suas longas experiências em muitos trabalhos manuais (que fizera para fins desonestos quando vagava livre e para santos fins quando vagava

por amor a Cristo), Salvatore foi logo aceito pelo celeireiro como ajudante. E eis por que há muitos anos vivia ali, pouco interessado nos faustos da ordem, muito na administração da cantina e da despensa, livre para comer sem roubar e para louvar o Senhor sem ser queimado.

Esta foi a história que ouvi dele, entre um bocado e outro, e me perguntei o que teria inventado e o que teria calado.

Fitei-o com curiosidade, não pela singularidade de sua experiência, mas antes justamente porque tudo o que lhe acontecera parecia-me epítome esplêndida de muitos eventos e movimentos que tornavam fascinante e incompreensível a Itália daquele tempo.

O que emergira daquelas conversas? A imagem de um homem de vida aventureira, capaz de matar um semelhante sem se dar conta do próprio crime. Mas, embora naquele tempo qualquer ofensa à lei divina me parecesse igual a uma outra qualquer, já estava começando a entender alguns dos fenômenos de que ouvia falar, e compreendia que uma coisa é o massacre que uma multidão, presa de arrebatamento quase extático, e trocando as leis do Senhor pelas do diabo, podia levar a cabo, e outra coisa é o crime individual perpetrado a sangue-frio, no silêncio e na astúcia. E não me parecia que Salvatore pudesse estar maculado de um pecado desse feitio.

Por outro lado eu queria descobrir algo sobre as insinuações feitas pelo Abade, e estava obcecado pela idéia de frei Dulcino, de quem não sabia quase nada. E no entanto seu fantasma parecia esvoaçar em muitas conversas que tinha ouvido naqueles dois dias.

Assim perguntei-lhe à queima-roupa: "Em tuas andanças nunca ficaste conhecendo frei Dulcino?"

A reação de Salvatore foi singular. Arregalou os olhos, como se pudesse arregalá-los ainda mais, persignou-se repetidamente, resmungou algumas frases cortadas, numa linguagem que dessa vez realmente não entendi. Mas me pareceram frases de negação. Naquele instante olhou-me quase com ódio. Depois, com um pretexto, foi-se embora.

Já não conseguia mais resistir. Quem era esse frade que incutia terror em quem ouvisse seu nome? Decidi que não podia continuar mais presa do desejo de saber. Uma idéia me atravessou a mente. Ubertino! Ele mesmo mencionara aquele nome, na primeira tarde que o encontramos, ele conhecia todos os eventos claros e obscuros sobre frades, fraticelli e outras súcias daqueles últimos anos. Onde podia encontrá-lo àquela hora? Certamente na igreja, imerso na prece. E para lá, visto

que gozava de um momento de liberdade, me dirigi.

Não o encontrei, e aliás não o encontrei até de tarde. E assim continuei com a minha curiosidade, enquanto aconteciam os outros fatos que agora devo narrar.

Terceiro dia

NOA

Onde Guilherme fala a Adso da grande corrente heretical,
da função dos simples na igreja, de suas dúvidas
sobre o conhecimento das leis gerais, e quase num parêntese
conta como decifrou os signos nicromânticos
deixados por Venâncio.

Encontrei Guilherme na forja, trabalhando com Nicola, ambos bastante absortos no trabalho. Tinham disposto em cima do banco muitos discos minúsculos de vidro, talvez já prontos para serem inseridos nas junturas de uma vidraça, e alguns tinham sido reduzidos com os instrumentos adequados à espessura desejada. Guilherme experimentava-os colocando-os diante dos olhos. Nicola, por sua vez, estava dando instruções aos ferreiros para que construíssem a forquilha em que os vidros bons deveriam depois ser engastados.

Guilherme resmungava irritado porque até aquela altura a lente que mais o satisfazia era cor de esmeralda e ele, dizia, não queria ver os pergaminhos como se fossem prados. Nicola afastou-se para vigiar os ferreiros. Enquanto lidava com seus disquinhos, contei-lhe sobre meu diálogo com Salvatore.

"O homem passou por várias experiências", disse, "talvez tenha mesmo estado entre os dulcinianos. Esta abadia é de fato um microcosmo, quando tivermos aqui os delegados do papa João e frei Michele estaremos completos."

"Mestre", disse-lhe, "eu não estou entendendo mais nada."

"A propósito de quê, Adso?"

"Primeiro, acerca das diferenças entre grupos heréticos. Mas sobre isso depois lhe perguntarei. Agora estou aflito com o próprio problema da diferença. Tive a impressão de que falando com Ubertino vós tentastes demonstrar-lhe que são todos iguais, santos e hereges. E ao contrário falando com o Abade vós vos esforçáveis para explicar-lhe a diferença entre um herege e outro, e entre herege e

ortodoxo. Isto é, vós reprováveis Ubertino por achar diferentes os que no fundo eram iguais, e o Abade por achar iguais os que no fundo eram diferentes."

Guilherme pousou por um instante as lentes sobre a mesa. "Meu bom Adso", disse, "tentemos colocar as distinções, e distingamos nos termos das escolas de Paris, se quiser. Então, dizem lá em cima, todos os homens têm uma mesma forma substancial, ou me engano?"

"Certo", disse, orgulhoso do meu saber, "são animais, porém racionais, e é próprio deles serem capazes de rir."

"Muito bem. Porém Tomás é diferente de Boaventura, e Tomás é gordo enquanto Boaventura é magro, e até pode acontecer que Uguccione seja ruim enquanto Francesco é bom, e Aldemaro é fleugmático enquanto Agilulfo é bilioso. Ou não é assim?"

"É assim indubitavelmente."

"E então isso significa que há identidade, em homens diferentes, quanto à sua forma substancial e diversidade quanto aos acidentes, ou quanto aos seus acabamentos superficiais."

"É assim mesmo."

"E então quando digo a Ubertino que a própria natureza humana, na complexidade de suas operações, preside quer o amor pelo bem quer o amor pelo mal, procuro convencer Ubertino da identidade da natureza humana. Quando depois digo ao Abade que existe diferença entre um cátaro e um valdense, insisto sobre a variedade de acidentes. E insisto nisso porque acontece de se queimar um valdense atribuindo-lhe o acidental de um cátaro e vice-versa. E quando se queima um homem, queima-se sua substância indivídua, e se reduz a puro nada o que era um ato concreto de existir, por isso mesmo bom, ao menos aos olhos de Deus que o mantinha sendo. Parece-te uma boa razão para insistir sobre as diferenças?"

"Sim, mestre", respondi com entusiasmo. "E agora entendi por que falais desse modo, e aprecio a vossa boa filosofia."

"Não é a minha", disse Guilherme, "e não sei sequer se essa é a boa. Mas o importante é que tu tenhas compreendido. Vamos agora ao teu segundo quesito."

"É que", disse, "acho que não sirvo para nada. Não consigo mais distinguir a diferença acidental entre valdenses, cátaros, pobres de Lyon, humilhados, beguinos, beatos, lombardos, joaquimitas, paterinos, apostólicos, pobres lombardos, arnaldistas, guilhermistas, sequazes do livre espírito e luci-ferinos. Como devo fazer?"

"Ah, pobre Adso", riu Guilherme dando-me um afetuoso tabefe na nuca, "não

estás de todo errado! Vê, é como se nos dois últimos séculos, e ainda antes, esse nosso mundo tivesse sido percorrido por sopros de intolerância, esperança e desespero, todos juntos... Ou melhor, não, não é uma boa analogia. Pensa num rio, denso e majestoso, que corre por milhas e milhas entre robustas barragens, tu sabes onde está o rio, onde a barragem, onde a terra firme. A um certo ponto o rio, por cansaço, porque correu por muito tempo e muito espaço, porque se aproxima o mar, que anula em si todos os rios, não sabe mais o que seja. Torna-se o próprio delta. Permanece talvez um braço maior, mas muitos se espalham em todas as direções, e alguns confluem novamente uns nos outros, e não sabes mais o que é origem de que, e às vezes não sabes o que é rio ainda, e o que já é mar...”

“Se entendo a vossa alegoria, o rio é a cidade de Deus, ou o reino dos justos, que está se aproximando do milênio, e nessa incerteza ele não se detém mais, nascem verdadeiros e falsos profetas e tudo conflui na grande planície onde terá lugar o Armagedom...”

“Não pensava nisso exatamente. Mas também é verdade que entre nós franciscanos está sempre viva a idéia de uma terceira idade e do advento do reino do Espírito Santo. Não, procurava antes fazer-te entender como o corpo da igreja, que foi por séculos o corpo da sociedade inteira, o povo de Deus, tornou-se muito rico, e denso, e arrasta consigo as escórias de todos os países que atravessou, e perdeu a própria pureza. Os braços do delta são, se quiseres, outras tantas tentativas do rio de correr o mais rápido possível para o mar, ou para o momento da purificação. Mas a minha alegoria era imperfeita, servia só para dizer-te como os braços da heresia e dos movimentos de renovação, quando o rio não mais se detém, são muitos, e se confundem. Podes também acrescentar à minha péssima alegoria a imagem de alguém tentando reconstruir a viva força as barragens do rio, mas sem conseguir. E alguns braços do delta são aterrados, outros reconduzidos por canais artificiais ao rio, outros ainda são deixados a correr, porque não se pode conter tudo e é bom que o rio perca parte da própria água se quer manter-se íntegro em seu curso, se quer ter um curso reconhecível.”

“Entendo cada vez menos.”

“Eu também. Não sou bom para falar de modo parabólico. Esquece essa história do rio. Tenta antes entender como muitos dos movimentos que nomeaste nasceram há pelo menos duzentos anos e já estão mortos, e outros são recentes...”

“Mas quando se fala de hereges eles são nomeados todos juntos.”

“É verdade, mas esse é um dos modos em que a heresia se difunde e um dos

modos em que é destruída."

"Não estou entendendo de novo."

"Meu Deus, como é difícil. Bem. Imagina que tu sejas um reformador dos costumes e reúnas alguns companheiros no topo de um monte, para viver na pobreza. E logo depois vês que muitos vêm a ti, mesmo de terras longínquas, e te consideram um profeta, ou um novo apóstolo, e te seguem. Vêm na realidade por ti, ou por aquilo que dizes?"

"Não sei, espero-o. Por que de outro modo?"

"Porque ouviram de seus pais histórias de outros reformadores, e lendas de comunidades mais ou menos perfeitas, e pensam que essa seja aquela e aquela essa."

"Assim todo movimento herda os filhos dos outros."

"Certo, porque para ele acorrem em maior parte os simples, que não têm sutileza doutrinal. Entretanto, os movimentos de reforma dos costumes nascem em lugares e de modos diferentes e com diferentes doutrinas. Confunde-se freqüentemente, por exemplo, os cátaros e os valdenses. Mas existe entre eles uma grande diferença. Os valdenses pregavam uma reforma dos costumes no interior da igreja, os cátaros pregavam uma igreja diferente, uma visão diferente de Deus e da moral. Os cátaros achavam que o mundo estava dividido entre as forças opostas do bem e do mal, e tinham construído uma igreja em que se distinguiam os perfeitos dos simples crentes, e tinham seus sacramentos e seus ritos; tinham constituído uma hierarquia muito rígida, quase tanto quanto a da nossa santa madre igreja e não pensavam absolutamente em destruir qualquer forma de poder. O que te explica por que aderiram aos cátaros até mesmo homens de mando, proprietários, feudatários. Nem pensavam em reformar o mundo, porque a oposição entre bem e mal para eles não poderá nunca ser realizada. Os valdenses, ao contrário (e com eles os arnaldistas ou os pobres lombardos), queriam construir um mundo diferente sobre um ideal de pobreza, por isso acolhiam os deserdados, e viviam em comunidade, do trabalho das próprias mãos. Os cátaros recusavam os sacramentos da igreja, os valdenses não, refutavam somente a confissão auricular."

"Mas por que são confundidos agora e se fala deles como da mesma erva daninha?"

"Eu te disse, o que os faz viver é também o que os faz morrer. Enriquecem-se com os simples que foram estimulados por outros movimentos e que acreditam tratar-se do mesmo movimento de revolta e de esperança; e são destruídos pelos

inquisidores que atribuem a uns os erros dos outros, e se os sectários de um movimento cometeram um crime, esse crime será atribuído a cada sectário de cada movimento. Os inquisidores erraram com razão, porque põem juntas doutrinas contrastantes; têm razão segundo o erro dos outros, porque quando nasce um movimento, verbigratia, de arnaldistas numa cidade, convergem para lá também os que teriam sido ou tinham sido cátaros ou valdenses alhures. Os apóstolos de frei Dulcino pregavam a destruição física dos clérigos e dos senhores, e cometeram muitas violências; os valdenses são contrários à violência, e os fraticelli também. Mas estou certo de que nos tempos de frei Dulcino entraram em seu grupo muitos que já tinham seguido as pregações dos fraticelli ou dos valdenses. Os simples não podem escolher a sua própria heresia, Adso, agarram-se a quem prega na terra deles, a quem passa pelo vilarejo ou pela praça. É com isso que seus inimigos jogam. Apresentar aos olhos do povo uma única heresia, que talvez aconselhe ao mesmo tempo a recusa do prazer sexual e a comunhão dos corpos, é boa arte predicatória: porque mostram os hereges num só intrico de diabólicas contradições que ofendem o senso comum."

"Portanto não há relação entre eles e é por engano do demônio que um simples, que queria ser joaquimita ou espiritual, cai nas mãos dos cátaros ou vice-versa?"

"Ao contrário, não é assim. Tentemos recomeçar do começo, Adso, e asseguro-te que estou tentando explicar-te uma coisa sobre a qual nem mesmo eu acredito possuir a verdade. Penso que o erro está em acreditar que primeiro venha a heresia, depois os simples que a ela se dão (e nela se danam). Na verdade primeiro vem a condição dos simples, depois a heresia."

"E como?"

"Tu tens clara a visão da constituição do povo de Deus. Um grande rebanho, ovelhas boas, e ovelhas más, refreadas por cães mastins, os guerreiros, ou o poder temporal, o imperador e os senhores, sob a direção dos pastores, os clérigos, os intérpretes da palavra divina. A imagem é plana."

"Mas não é verdadeira. Os pastores combatem com os cães porque cada um deles quer os direitos dos outros."

"É verdade, e é justamente isso que torna imprecisa a natureza do rebanho. Perdidos que estão em se estraçalhar mutuamente, cães e pastores não cuidam mais do rebanho. Uma parte dele fica de fora."

"Como de fora?"

"Às margens. Camponeses não são camponeses porque não têm terra ou a que

têm não os nutre. Cidadãos não são cidadãos porque não pertencem a uma arte nem a uma outra corporação, são povo miúdo, presa de qualquer um. Não viste às vezes nos campos grupos de leprosos?"

"Sim, uma vez vi uns cem juntos. Deformados, com a carne se desfazendo e esbranquiçada, de muletas, as pálpebras inchadas, os olhos sanguinolentos, não falavam nem gritavam: guinchavam, como ratos."

"Esses são para o povo cristão os outros, os que estão às margens da grei. A grei os odeia, esses odeiam a grei. Queriam nos ver mortos, todos leprosos como eles."

"Sim, lembro de uma história do rei Tristão que devia condenar a bela Isolda e estava fazendo com que subisse à fogueira, e vieram os leprosos e disseram ao rei que a fogueira era pena leve e que existia uma pior. E gritaram-lhe: dê-nos Isolda, que pertença a todos nós, o mal acende os nossos desejos, entregue-a a nós leprosos, os nossos trapos estão grudados às chagas que gemem, ela que ao seu lado se comprazia nos ricos estofos forrados de marta e de jóias, quando vir a corte dos leprosos, quando precisar entrar em nossos tugúrios e deitar-se conosco, então reconhecerá realmente o seu pecado e chorará por esse belo fogo de espinhos."

"Vejo que por seres um noviço de São Bento tens leituras curiosas", motejou Guilherme, e eu corei, porque sabia que um noviço não deveria ler romances de amor, mas entre nós jovens eles circulavam no mosteiro de Melk e os líamos à luz de vela à noite. "Mas não importa", retomou Guilherme, "compreendeste o que eu queria dizer. Os leprosos excluídos queriam arrastar todos para sua ruína. E se tornarão tão mais feios quanto mais tu os excluíres, e quanto mais tu os representares para ti como uma corte de lêmures que querem a tua ruína, tanto mais eles serão excluídos. São Francisco entendeu isso, e sua primeira escolha foi ir viver com os leprosos. Não se muda o povo de Deus se não se reintegram em seu corpo os marginalizados."

"Mas o senhor estava falando de outros excluídos, não são os leprosos que formam os movimentos heréticos."

"O rebanho é como uma série de círculos concêntricos, desde a mais ampla distância da grei até sua periferia imediata. Os leprosos são signo da exclusão em geral. São Francisco tinha entendido. Não queria apenas ajudar os leprosos, pois sua ação teria sido reduzida a um pobre e impotente ato de caridade. Queria significar outra coisa. Contaram-te sobre a pregação aos pássaros?"

"Oh, sim, eu escutei essa belíssima história e admirei o santo que gozava da companhia daquelas ternas criaturas de Deus", disse com grande fervor.

"Pois bem, contaram-te a história errada, ou a história que a ordem está hoje reconstruindo. Quando Francisco falou ao povo da cidade e a seus magistrados e viu que eles não o entendiam, saiu em direção ao cemitério e pôs-se a pregar para corvos e pegas, gaviões, aves de rapina que se alimentavam dos cadáveres."

"Que coisa horrenda", disse, "então não eram pássaros bons!"

"Eram aves de rapina, pássaros excluídos, como os leprosos. Francisco decerto estava pensando naquele versículo do Apocalipse que diz: vi um anjo, alçado no sol, gritar com voz forte e dizer a todos os pássaros que voam ao sol, vinde e reuni-vos todos para o grande banquete de Deus, comei a carne dos reis, a carne dos tribunos e dos soberbos, a carne dos cavalos e dos cavaleiros, a carne dos libertos e dos escravos, dos pequenos e dos grandes!"

"Então Francisco queria incitar os excluídos à revolta?"

"Não, isso quando muito foram Dulcino e os seus. Francisco queria chamar os excluídos, prestes à revolta, a fazer parte do povo de Deus. Para recompor o rebanho era necessário reencontrar os excluídos. Francisco não conseguiu e eu te digo isso com muita amargura. Para reintegrar os excluídos devia agir dentro da igreja, para agir dentro da igreja devia obter o reconhecimento de sua regra, da qual teria saído uma ordem, e uma ordem, que acabou saindo, teria recomposto a imagem de um círculo, em cujas margens estão os excluídos. E compreende então, agora, por que há os bandos dos fraticelli e dos joaquimitas, que juntam ao seu redor os excluídos, mais uma vez."

"Mas não estávamos falando de Francisco, e sim de como a heresia é produto dos simples e dos excluídos."

"Com efeito. Falávamos dos excluídos do rebanho das ovelhas. Por séculos, enquanto o papa e o imperador se estraçalhavam em suas diatribes de poder, eles continuaram a viver à margem, eles os verdadeiros leprosos, de quem os leprosos são apenas a figura disposta por Deus para que nós compreendêssemos essa admirável parábola, e dizendo 'leprosos' compreendêssemos 'excluídos', pobres, simples, deserdados, erradicados dos campos, humilhados nas cidades. Não compreendemos, e o mistério da lepra ficou a nos obcecar porque não reconhecemos sua natureza de signo. Excluídos que eram do rebanho, todos eles estavam prontos para escutar, ou para produzir, toda pregação que, remetendo-se à palavra de Cristo, efetivamente pusesse sob acusação o comportamento dos cães e dos pastores e prometesse que um dia eles seriam punidos. Isso os poderosos sempre souberam.

A reintegração dos excluídos impunha a redução dos próprios privilégios, por

isso os excluídos que tomavam consciência de sua exclusão deviam ser tachados de hereges, independentemente de sua doutrina. E esses, por sua vez, ofuscados pela própria exclusão, não estavam verdadeiramente interessados em qualquer doutrina. A ilusão da heresia é essa. Cada um é herege, cada um é ortodoxo, não é a fé que um movimento oferece que conta, conta a esperança que propõe. Todas as heresias são bandeira de uma realidade da exclusão. Raspada a heresia, encontrarás o leproso. Toda batalha contra a heresia requer apenas isso: que o leproso continue como tal. Quanto aos leprosos, o que queres exigir deles? Que distingam no dogma trinitário ou na definição da eucaristia o que é certo e o que é errado? Vamos, Adso, esses são jogos para nós, homens de doutrina. Os simples têm outros problemas. E repara, resolvem-nos todos de modo errado. Por isso tornam-se hereges."

"E por que alguns os apóiam?"

"Porque servem ao seu jogo, que raramente diz respeito à fé, e mais freqüentemente à conquista do poder."

"É por isso que a igreja de Roma acusa de heresia todos os seus adversários?"

"É por isso, e é por isso que reconhece como ortodoxia a heresia que pode reconduzir para seu controle, ou que deve aceitar porque se tornou muito forte, e não seria bom tê-la como adversária. Mas não há uma regra precisa, depende dos homens, das circunstâncias. E isso vale também para os senhores leigos. Há cinqüenta anos a comuna de Pádua emitiu uma ordem pela qual quem matava um clérigo era condenado a uma multa de muito dinheiro..."

"Nada!"

"Justamente. Era um modo de encorajar o ódio popular contra os clérigos, a cidade estava em luta com o bispo. Então ficas sabendo por que, há algum tempo, em Cremona os fiéis do império ajudaram os cátaros, não por razões de fé, mas para deixar embaraçada a igreja de Roma. Às vezes as magistraturas citadinas encorajam os hereges para que traduzam em vulgar o evangelho: o vulgar é afinal a língua das cidades, o latim a língua de Roma e dos mosteiros. Ou apóiam os valdenses porque afirmam que todos, homens e mulheres, pequenos e grandes, podem ensinar e pregar e o operário que é discípulo, após dez dias, procura um outro de quem se tornar mestre..."

"E assim eliminam a diferença que torna insubstituíveis os clérigos! Porém, então, por que acontece depois que as mesmas magistraturas da cidade se revoltam contra os hereges e dão mão forte à igreja para que os queimem?"

"Porque percebem que a expansão deles porá em crise também os privilégios

dos leigos que falam em vulgar. No concílio lateranense de 1179 (repara que são histórias que remontam há quase duzentos anos) Walter Map já se punha em guarda contra o que iria acontecer caso se desse crédito aos homens idiotas e iletrados que eram os valdenses. Disse, se bem me lembro, que eles não têm morada fixa, andam com os pés nus sem possuir nada, tendo tudo em comum, seguindo nus o Cristo nu; agora começam desse modo humilde porque são excluídos, mas se se lhes deixa muito espaço todos serão enxotados. Por isso depois as cidades favoreceram as ordens mendicantes e nós franciscanos em particular: porque permitíamos estabelecer uma relação harmônica entre necessidade de penitência e vida citadina, entre a igreja e os burgueses que se interessavam por seus mercados...”

“Atingiu-se, então, a harmonia entre amor a Deus e amor às transações?”

“Não, foram bloqueados os movimentos de renovação espiritual, foram canalizados nos limites de uma ordem reconhecida pelo papa. Mas aquilo que subrepticiamente corria por baixo não foi canalizado. Acabou por um lado nos movimentos dos flagelantes que não fazem mal a ninguém, nos bandos armados como os de frei Dulcino, nos rituais bruxescos como aqueles dos frades de Montefalco de que falava Ubertino...”

“Mas quem tinha razão, quem tem razão, quem errou?” perguntei perdido.

“Todos tinham a sua razão, todos erraram.”

“E o senhor”, gritei num ímpeto de rebelião, “por que não toma posição, por que não me diz onde está a verdade?”

Guilherme permaneceu um tempo em silêncio, levantando em direção à luz a lente na qual estava trabalhando. Depois abaixou-a sobre a mesa e me mostrou, através da lente, um instrumento de trabalho: “Olha”, disse-me, “o que estás vendo?”

“O instrumento, um pouco maior.”

“É isso, o máximo que se pode fazer é olhar melhor.”

“Mas é sempre o mesmo instrumento!”

“Também o manuscrito de Venâncio será sempre o mesmo manuscrito, quando puder lê-lo graças a esta lente. E quiçá quando ler o manuscrito ficarei conhecendo melhor uma parte da verdade. E quem sabe poderemos tornar melhor a vida da abadia.”

“Mas não é o suficiente!”

“Estou dizendo mais do que parece, Adso. Não é a primeira vez que te falo de Roger Bacon. Talvez não tenha sido o homem mais sábio de todos os tempos, mas

eu sempre fui fascinado pela esperança que animava o seu amor pela sabedoria. Bacon acreditava na força, nas necessidades, nas invenções espirituais dos simples. Não teria sido um bom franciscano se não pensasse que os pobres, os deserdados, os idiotas e os iletrados falam freqüentemente com a boca de Nosso Senhor. Se tivesse podido conhecê-los mais de perto, daria mais atenção aos fraticelli que aos provinciais da ordem. Os simples têm uma coisa a mais que os doutores, que freqüentemente se perdem em busca de leis demasiado gerais. Esses têm a intuição do individual. Mas essa intuição, sozinha, não basta. Os simples percebem uma verdade própria, talvez mais verdadeira que aquela dos doutores da igreja, mas depois a consomem em gestos irrefletidos. O que é preciso fazer? Dar a ciência aos simples? Muito fácil, ou muito difícil. E depois qual ciência? Aquela da biblioteca de Abbone? Os mestres franciscanos levantaram o problema. O grande Boaventura dizia que os sábios devem conduzir à clareza conceitual a verdade implícita nos gestos dos simples..."

"Como o capítulo de Perugia e as doutas memórias de Ubertino que transformam em decisões teológicas o apelo dos simples à pobreza", eu disse.

"Sim, mas tens visto, chega tarde e, quando chega, a verdade dos simples já se transformou na verdade dos poderosos, melhor para o imperador Ludovico que para um frade de vida pobre. Como ficar perto da experiência dos simples mantendo, por assim dizer, sua virtude operativa, a capacidade de operar para a transformação e o melhoramento de seu mundo? Este era o problema de Bacon: 'Quod enim laicali ruditate turgescit non habet effectum nisi fortuito', dizia. A experiência dos simples tem êxitos selvagens e incontroláveis. 'Sed opera sapientiae certa lege vallantur et in finem debitum efficaciter diriguntur.' Que é como dizer que na conduta das coisas práticas, sejam elas a mecânica, a agricultura ou o governo de uma cidade, é necessária uma espécie de teologia. Ele achava que a nova ciência da natureza devia ser a nova grande empresa dos doutos para coordenar, através de um conhecimento diverso dos processos naturais, as necessidades elementares que constituíam também o cúmulo desordenado, mas em seu modo verdadeiro e justo, das esperanças dos simples. A nova ciência, a nova magia natural. Apenas que para Bacon essa empresa devia ser dirigida pela igreja e acho que dizia isso porque, em seu tempo, a comunidade dos clérigos se identificava com a comunidade dos sábios. Hoje não é mais assim, surgem sábios fora dos mosteiros, e das catedrais, até das universidades. Repara por exemplo neste país, o maior filósofo de nosso século não foi um monge, mas um boticário. Estou falando daquele florentino cujo poema ouviste nomear, que

nunca li porque não entendo o seu vulgar, e pelo que sei dele me agradaria muito pouco porque devaneia sobre coisas muito distantes de nossa experiência. Mas escreveu, acho, as coisas mais sábias que nos foi dado compreender sobre a natureza dos elementos e do cosmo inteiro, e sobre a condução dos estados. Assim penso que, uma vez que também eu e meus amigos achamos hoje que a conduta das coisas humanas não cabe à igreja, mas à assembléia do povo legislar, do mesmo modo no futuro caberá à comunidade dos doutos propor essa novíssima e humana teologia que é filosofia natural e magia positiva."

"Uma bela empresa", eu disse, "mas é possível?"

"Bacon acreditava nisso."

"E vós?"

"Também eu acreditava. Mas para acreditar nisso será necessário ter a certeza de que os simples têm razão porque possuem a intuição do individual, que é a única boa. Porém, se a intuição do individual é a única boa, como poderá a ciência chegar a recompor as leis universais através das quais, e interpretando as quais, a magia boa torna-se operativa?"

"Pois é", disse, "como poderá?"

"Não sei mais. Tive muitas discussões em Oxford com meu amigo Guilherme de Ockham, que agora está em Avignon. Semeou minha alma de dúvida. Porque se apenas a intuição do individual é justa, o fato que causas do mesmo gênero tenham efeitos do mesmo gênero é proposição difícil de provar. Um mesmo corpo pode ser frio ou quente, doce ou amargo, úmido ou seco, num lugar — e num outro não. Como posso descobrir a ligação universal que torna ordenadas as coisas se não posso mover um dedo sem criar uma infinidade de novos entes, uma vez que com tal movimento mudam todas as relações de posição entre o meu dedo e todos os demais objetos? As relações são os modos pelos quais a minha mente percebe a relação entre entes singulares, mas qual é a garantia de que esse modo seja universal e estável?"

"Mas vós sabeis que a uma certa espessura de um vidro corresponde uma certa potência de visão, e é porque o sabeis que podeis construir agora lentes iguais àquelas que perdestes, de outro modo como poderíeis?"

"Resposta perspicaz, Adso. Com efeito elaborei essa proposição, que à espessura igual deve corresponder igual potência de visão. Pude fazê-la porque outras vezes tive intuições individuais do mesmo tipo. Certamente é sabido por quem experimenta a propriedade curativa das ervas que todos os indivíduos herbáceos da mesma natureza têm no paciente, igualmente disposto, efeitos da

mesma natureza, e por isso o experimentador formula a proposição de que toda erva de tal tipo serve ao febril, ou que toda lente de tal tipo melhora em igual medida a visão do olho. A ciência de que falava Bacon versa indubitavelmente em torno dessas proposições. Repara, estou falando de proposições sobre as coisas, não das coisas. A ciência tem a ver com as proposições e os seus termos, e os termos indicam coisas singulares. Entende, Adso, eu devo acreditar que a minha proposição funcione, porque aprendi com base na experiência, mas para acreditar deveria supor que nela existem leis universais, contudo não posso afirmá-las, porque o próprio conceito de que existam leis universais, e uma ordem dada para coisas, implicaria que Deus fosse prisioneiro delas, enquanto Deus é coisa tão absolutamente livre que, se quisesse, e por um só ato de sua vontade, o mundo seria diferente."

"Então, se estou entendendo direito, vós fazeis, e sabeis por que fazeis, mas não sabeis por que sabeis que sabeis aquilo que fazeis?"

Devo dizer com orgulho que Guilherme me olhou com admiração: "Talvez seja assim. De todo modo isso te diz por que me sinto tão incerto da minha verdade, mesmo se nela acredito."

"Vós sois mais místico que Ubertino!" disse maliciosamente.

"Quem sabe. Mas como podes ver, trabalho sobre as coisas da natureza. E mesmo na investigação que estamos desenvolvendo, não quero saber quem é bom ou quem é mau, mas quem esteve no scriptorium ontem à noite, quem pegou os óculos, quem deixou na neve os vestígios de um corpo que arrasta outro corpo, e onde está Berengário. Esses são fatos, depois experimentarei ligá-los entre si, se possível, porque é difícil dizer que efeito tenha dado tal causa; bastaria a intervenção de um anjo para mudar tudo, por isso não é de se admirar se não se pode demonstrar que uma coisa seja a causa de outra. Ainda que seja preciso sempre tentar, como estou fazendo."

"É uma vida difícil, a vossa", eu disse.

"Mas encontrei Brunello", exclamou Guilherme, aludindo ao cavalo de dois dias antes.

"Então há uma ordem do mundo!" gritei triunfante.

"Então há um pouco de ordem nessa minha pobre cabeça", respondeu Guilherme.

Nesse momento Nicola retornou trazendo uma forquilha quase terminada e mostrando-a triunfalmente.

"E quando esta forquilha estiver em cima do meu pobre nariz", disse Guilherme,

"talvez a minha pobre cabeça estará ainda mais ordenada."

Veio um noviço nos informar que o Abade queria ver Guilherme, e o esperava no jardim. Meu mestre foi obrigado a deixar seus experimentos para mais tarde e nos apressamos para o lugar do encontro. Enquanto para lá nos dirigíamos, Guilherme deu-se um tapa na testa, como se lembrasse somente então de algo que tinha esquecido.

"A propósito", disse, "decifrei os signos cabalísticos de Venâncio."

"Todos? Quando?"

"Quando estavas dormindo. E depende do que entendes por todos. Decifrei os signos que apareceram com a chama, os que tu recopiaste. As anotações em grego devem esperar que eu tenha lentes novas."

"E então? Tratava-se do segredo do finis Africae?"

"Sim, e a chave era bastante fácil. Venâncio dispunha dos doze signos zodiacais e de oito signos para os cinco planetas, os dois iluminares e a Terra. Vinte signos ao todo. O suficiente para associar-lhes as letras do alfabeto latino, dado que podes usar a mesma letra para exprimir o som das duas iniciais de unum e de velut. A ordem das letras, conhecemo-la. Qual podia ser a ordem dos signos? Pensei na ordem dos céus, pondo o quadrante zodiacal na extrema periferia. Daí, Terra, Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, etcétera, e depois, em seguida, os signos zodiacais em sua seqüência tradicional, assim como os classifica também Isidoro de Sevilha, a começar do Áries e do solstício da primavera, terminando em Peixes. Ora, se experimentas aplicar esta chave, eis que a mensagem de Venâncio adquire um sentido."

Mostrou-me o pergaminho, sobre o qual tinha transcrito a mensagem em grandes letras latinas: Secretum finis Africae manus supra idolum age primum et septimum de quatuor.

"Está claro?" perguntou.

"A mão sobre o ídolo opera sobre o primeiro e sobre o sétimo dos quatro..." repeti sacudindo a cabeça. "Não está claro nem um pouco!"

"Eu sei. Seria preciso saber antes o que Venâncio entendia por idolum. Uma imagem, um fantasma, uma figura? E depois, o que serão esses quatro que têm um primeiro e um sétimo? E o que se deve fazer com eles? Movê-los, apertá-los, puxá-los?"

"Então não sabemos nada e estamos no mesmo ponto", disse com grande desapontamento. Guilherme deteve-se e me olhou com um ar não de todo benévolo. "Meu rapaz", disse, "tens à tua frente um pobre franciscano que com

seus modestos conhecimentos e aquele pouco de habilidade que deve ao infinito poder do Senhor conseguiu, em poucas horas, decifrar uma escritura secreta que seu autor estava seguro que permanecesse hermética para todos exceto para ele... e tu, miserável biltre iletrado, te permites dizer que estamos no mesmo ponto?”

Desculpei-me muito sem jeito. Tinha ferido a vaidade de meu mestre, embora soubesse o quanto ele andava orgulhoso da rapidez e segurança de suas deduções. Guilherme realizara realmente uma obra digna de admiração e não era culpa sua se o astutíssimo Venâncio não apenas escondera o que tinha descoberto sob as vestes de um obscuro alfabeto zodiacal, mas também elaborara um enigma indecifrável.

“Não importa, não importa, não te desculpes”, interrompeu-me Guilherme. “No fundo tens razão, sabemos ainda muito pouco. Vamos.”

Terceiro dia

VÉSPERAS

Onde ainda se fala com o Abade, Guilherme tem algumas idéias mirabolantes para decifrar o enigma do labirinto, e consegue isso do modo mais sensacional. Depois se come pastelão de queijo.

O Abade nos esperava com ar sombrio e preocupado. Tinha uma carta em mãos.

"Recebi agora uma carta do abade de Conques", disse. "Ele me comunica o nome daquele a quem João confiou o comando dos soldados franceses, e a guarda da incolumidade da legação. Não é um homem de armas, não é um homem da corte, e será ao mesmo tempo um membro da legação."

"Raro conúbio de variadas virtudes", disse Guilherme inquieto. "Quem será?"

"Bernardo Gui, ou Bernardo Guidoni, como quiserdes chamá-lo."

Guilherme explodiu numa exclamação em sua língua, que não entendi, nem a entendeu o Abade, e talvez tenha sido melhor para todos, porque a palavra que Guilherme disse sibilava de modo obsceno.

"O negócio não me agrada", acrescentou logo. "Bernardo foi durante anos martelo dos hereges em Toulouse e escreveu uma Practica officii inquisitionis heretice pravitatis para uso de todos os que deverão perseguir e destruir valdenses, beguinos, beatos, fraticelli e dulcinianos."

"Eu sei. Conheço o livro, admirável pela doutrina."

"Admirável pela doutrina", admitiu Guilherme. "É devotado a João que nos anos passados confiou-lhe muitas missões em Flandres e aqui na alta Itália. E mesmo quando foi nomeado bispo na Galícia, nunca se deixou ver em sua diocese e continuou com a atividade inquisitorial. Agora achava que tinha se retirado no bispado de Lodève, mas ao que parece João o põe de novo em ação e justamente aqui na Itália setentrional. Por que Bernardo e por que com responsabilidade sobre os armados...?"

“Há resposta para isso”, disse o Abade, “e confirma todos os receios que vos expressava ontem. Bem o sabeis — mesmo que não queirais admitir comigo — que as posições sobre a pobreza de Cristo e da igreja sustentadas pelo capítulo de Perugia, embora com abundância de argumentos teológicos, são as mesmas sustentadas de modo muito menos prudente e com um comportamento menos ortodoxo por muitos movimentos heréticos. Requer-se pouco para demonstrar que as posições de Michele de Cesena, feitas suas pelo imperador, são as mesmas de Ubertino e de Angelo Clareno. E até aqui as duas legações estarão de acordo. Mas Gui poderia fazer mais, e tem habilidade para isso: tentará sustentar que as teses de Perugia são as mesmas dos fraticelli, ou dos pseudo-apóstolos. Estais de acordo?”

“Estais dizendo que as coisas estão assim ou que Bernardo Gui dirá que estão assim?”

“Digamos que digo que ele o dirá”, concedeu prudentemente o Abade.

“Também concordo com isso. Mas estava previsto. Quero dizer, sabia-se que se chegaria a isso, mesmo sem a presença de Bernardo. No máximo Bernardo o fará com mais eficiência que muitos dos curiais de pouca monta, e se tratará de discutir contra ele com maior sutileza.”

“Sim”, disse o Abade, “mas a esta altura estamos diante da questão suscitada ontem. Se não encontrarmos até amanhã o culpado de dois ou talvez três crimes, deverei conceder a Bernardo o exercício de uma vigilância sobre os negócios da abadia. Não posso esconder a um homem investido do poder de Bernardo (e por mútuo acordo nosso, lembremo-nos disso) que aqui na abadia ocorreram, estão ocorrendo ainda, fatos inexplicáveis. De outro modo, no momento em que ele descobrisse, no momento em que (Deus não queira) acontecesse um novo fato misterioso, ele teria todo o direito de clamar por traição...”

“É verdade”, murmurou Guilherme preocupado. “Não há nada a fazer. Será preciso estar atento, e vigiar Bernardo que vigiará o misterioso assassino. Talvez seja bom, Bernardo ocupado em cuidar do assassino estará menos disponível para intervir na discussão.”

“Bernardo ocupado em descobrir o assassino será uma espinha no flanco de minha autoridade, lembrai-vos disso. Esse acontecimento escuso me impõe pela primeira vez a cessão de parte do meu poder dentro destes muros, e é um fato novo não apenas na história da abadia, mas da própria ordem cluniacense. Farei qualquer coisa para evitá-lo. E a primeira coisa a fazer seria negar hospitalidade às legações.”

"Peço ardentemente a vossa excelência para refletir sobre esta grave decisão", disse Guilherme. "Vós tendes em mãos uma carta do imperador que vos convida calorosamente a... "

"Sei o que me liga ao imperador", disse bruscamente o Abade, "e vós também o sabeis. E portanto sabeis que infelizmente não posso voltar atrás. Mas tudo isso é muito ruim. Onde está Berengário, o que lhe aconteceu, o que estais fazendo?"

"Sou apenas um frade que há muito tempo conduziu eficazes investigações inquisitoriais. Vós sabeis que não se encontra a verdade em dois dias. E depois que poder me concedestes? Posso entrar na biblioteca? Posso fazer todas as perguntas que quero, respaldado sempre em vossa autoridade?"

"Não vejo relação entre os crimes e a biblioteca", disse irritado o Abade.

"Adelmo era miniaturista, Venancio tradutor, Berengário ajudante-bibliotecário..." explicou Guilherme pacientemente.

"Nesse sentido todos os sessenta monges têm a ver com a biblioteca, assim como têm a ver com a igreja. Por que então não procurais na igreja? Frei Guilherme, vós estais conduzindo uma investigação por ordem minha e nos limites em que vos pedi para conduzi-la. De resto, dentro destas muralhas, sou eu o único patrão depois de Deus, e por sua graça. E isso valerá também para Bernardo. Por outro lado", acrescentou em tom mais manso, "sequer foi dito que Bernardo estará aqui para o encontro. O abade de Conques me escreve que ele vai descer à Itália para seguir para o sul. Diz-me também que o papa pediu ao cardeal Bertrando de Poggetto para subir de Bolonha e vir para cá para tomar o comando da legação pontifícia. Talvez Bernardo venha aqui para se encontrar com o cardeal."

"O que, numa perspectiva mais ampla, seria pior. Bertrando é o martelo dos hereges na Itália central. O encontro entre dois campeões da luta anti-heretical pode anunciar uma ofensiva mais vasta no país, para envolver, no fim, todo o movimento franciscano..."

"Sobre isso informaremos logo o imperador", disse o Abade, "e neste caso o perigo não seria imediato. Estaremos alerta. Adeus."

Guilherme permaneceu um pouco em silêncio enquanto o Abade se afastava. Depois me disse: "Sobretudo, Adso, tentemos não nos deixar tomar pela pressa. As coisas não se resolvem rapidamente quando é preciso acumular tantas experiências individuais minuciosas. Eu volto ao laboratório, porque sem as lentes não só não poderei ler o manuscrito, mas não será conveniente que se retorne esta noite à biblioteca. Tu vais te informar se sabem alguma coisa de Berengário."

Naquele momento veio correndo ao nosso encontro Nicola de Morimondo,

portador de péssimas notícias. Enquanto tentava polir mais e melhor a lente, aquela sobre a qual Guilherme depositava tantas esperanças, ela se quebrara. E uma outra, que talvez pudesse substituí-la, trincara enquanto tentava inseri-la na forquilha. Nicola apontou-nos desconsolado o céu. Era hora das vésperas já e a escuridão estava descendo. Por aquele dia não se poderia mais trabalhar. Outro dia perdido, conveio amargamente Guilherme, reprimindo (como depois me confessou) a tentação de esganar o vidreiro desajeitado, que por sua vez sentia-se bastante humilhado.

Deixamo-lo entregue à sua humilhação e fomos nos informar sobre Berengário. Naturalmente ninguém o encontrara.

Sentíamo-nos num beco sem saída. Passeamos um pouco no claustro, incertos sobre o que fazer. Mas logo depois vi que Guilherme estava absorto com o olhar perdido no ar, como se não estivesse vendo nada. Há pouco tirara do hábito um raminho daquelas ervas que o vira recolher semanas antes, e pusera-se a mastigá-lo como se dali tirasse uma espécie de calma excitação. De fato parecia ausente, mas de vez em quando seus olhos se iluminavam, como se no vazio de sua mente tivesse se acendido uma idéia nova; depois recaía naquela sua singular e ativa hebetude. De repente disse: "Claro, poder-se-ia..."

"O quê?" perguntei.

"Pensava num modo de nos orientarmos no labirinto. Não é fácil de realizar, mas seria eficaz... No fundo, a saída é no torreão oriental, e isso nós sabemos. Agora supõe que nós tenhamos uma máquina que nos diz de que lado fica o setentrião. O que aconteceria?"

"Que naturalmente bastaria virar à nossa direita e estaríamos voltados para o oriente. Ou então bastaria andar em sentido contrário, e saberíamos estar indo para o torreão meridional. Mas mesmo admitindo que existisse uma tal magia, o labirinto é justamente um labirinto, e mal nos dirigíssemos para o oriente encontraríamos uma parede que nos impediria de seguir adiante, e perderíamos novamente o caminho..." observei.

"Sim, mas a máquina de que estou falando apontaria sempre a direção de setentrião, ainda que tivéssemos mudado o rumo, e em todo lugar nos diria para que lado seguir."

"Seria maravilhoso. Mas seria preciso ter essa máquina, e ela deveria ser capaz

de reconhecer o setentrião de noite e em lugar fechado, sem poder enxergar nem o sol, nem as estrelas... E acho que nem mesmo o seu Bacon possuía uma máquina igual!" ri eu.

"No entanto estás enganado", disse Guilherme, "porque uma máquina do gênero foi construída e alguns navegadores a usaram. Ela não precisa de sol ou de estrelas, porque desfruta da força de uma pedra maravilhosa, igual àquela que vimos no hospital de Severino, a que atrai o ferro. E foi estudada por Bacon e por um mago da Picardia, Pedro de Maricourt, que descreveu seus múltiplos usos."

"E vós sabeis construí-la?"

"De per si não seria difícil. A pedra pode ser usada para produzir muitas maravilhas, entre as quais uma máquina que se move perpetuamente sem qualquer força externa, mas o achado mais simples foi também descrito por um árabe, Baylek al Qabayaki. Pegas um vaso cheio d'água e pões nele para flutuar uma rolha em que enfiaste uma agulha de ferro. Depois passas a pedra magnética sobre a superfície da água, com um movimento circular, até que a agulha adquira as mesmas propriedades da pedra. E nessa altura a agulha, e o teria feito também a pedra se tivesse possibilidade de mover-se em torno de um perno, dispõe-se com a ponta em direção a setentrião, e se tu moves o vaso, ela sempre se volta para o lado norte. É inútil que eu diga que se tiveres assinalado na borda do vaso, em relação ao norte, também as posições de austro, aquilão e assim por diante, tu saberás sempre para que lado te moveres na biblioteca para atingir o torreão ocidental."

"Que coisa maravilhosa!" exclamei. "Mas por que a agulha aponta sempre para setentrião? A pedra atrai o ferro, eu vi, e imagino que uma imensa quantidade de ferro atraia a pedra. Mas então... então em direção da estrela polar, nos limites extremos do globo, existem grandes jazidas de ferro!"

"Alguém sugeriu de fato que é assim. Salvo que a agulha não aponta exatamente na direção da estrela náutica, mas para o ponto de encontro dos meridianos celestes. Sinal que, como foi dito, 'hic lapis gerit in se similitudinem coeli', e os pólos do magnete recebem sua inclinação dos pólos do céu e não dos da terra. O que é um belo exemplo de movimento impresso a distância e não por causalidade direta material: um problema com o qual está se ocupando o meu amigo João de Jandun, enquanto o imperador não lhe pede para fazer afundar Avignon nas vísceras da terra... "

"Então vamos pegar a pedra de Severino, e um vaso, água, e uma rolha..." disse excitado.

"Devagar, devagar", disse Guilherme. "Não sei por que, mas nunca vi uma máquina que, perfeita na descrição dos filósofos, seja depois perfeita em seu funcionamento mecânico. Enquanto que a foice de um camponês, que nenhum filósofo jamais descreveu, funciona como se deve... Tenho medo que girando pelo labirinto com um lume numa das mãos e um vaso cheio d'água na outra... Espera, tive outra idéia. A máquina marcaria setentrião mesmo se estivéssemos fora do labirinto, não é verdade?

"Sim, mas aí não nos serviria porque teríamos o sol e as estrelas..." disse eu.

"Eu sei, eu sei. Mas se a máquina funciona seja dentro seja fora, por que não deveria ser assim também com a nossa cabeça?"

"A nossa cabeça? Claro que ela funciona fora também, e de fato de fora sabemos muito bem qual é a orientação do Edifício! Mas é quando estamos dentro que não compreendemos mais nada!"

"Justamente. Mas esquece a máquina agora. Pensar na máquina induziu-me a pensar nas leis naturais e nas leis do nosso pensamento. Eis o ponto: precisamos encontrar por fora um modo de descrever o Edifício como ele é por dentro..."

"E como?"

"Deixa-me pensar, não deve ser tão difícil assim..."

"E o método de que faláveis ontem? Não queríeis percorrer o labirinto fazendo sinais com carvão?"

"Não", disse, "quanto mais penso nisso, menos me convenço. Talvez não consiga lembrar direito a regra, ou talvez para andar por um labirinto seja necessário ter uma boa Ariadne que te espera à porta segurando a ponta de um fio. Mas não existem fios tão longos. E mesmo que existissem, isso significaria (freqüentemente as fábulas dizem a verdade) que se sai de um labirinto só com ajuda externa. Onde as leis do externo sejam iguais às leis do interno. É isso, Adso, usaremos as ciências matemáticas. Apenas nas ciências matemáticas, como diz Averroes, são identificadas as coisas por nós conhecidas e as conhecidas de modo absoluto."

"Então estais vendo que admitis os conhecimentos universais."

"Os conhecimentos matemáticos são proposições construídas pelo nosso intelecto de modo a funcionar sempre como verdadeiras, ou porque são inatas ou porque a matemática foi inventada antes das outras ciências. E a biblioteca foi construída por uma mente humana que pensava de modo matemático, porque sem a matemática não constróis labirintos. E portanto trata-se de confrontar as nossas proposições matemáticas com as proposições do construtor, e desse confronto

pode-se tomar ciência, porque é a ciência de termos sobre termos. Em todo caso chega de me arrastar para discussões metafísicas. Que diabo te mordeu hoje? Em vez disso, tu que tens a vista boa, pega um pergaminho, uma tabuleta, algo sobre o que fazer signos, e um estilo... bem, estão aí, tu os tens, bravo Adso. Vamos dar uma volta pelo Edifício, enquanto temos um pouco de luz."

Contornamos então todo o Edifício. Isto é, examinamos de longe os torreões oriental, meridional e ocidental com as paredes que os ligavam. Porque, quanto ao resto, dava para o precipício, mas por razões de simetria não devia ser diferente do que estávamos vendo.

E o que estávamos vendo, observou Guilherme enquanto me fazia tomar apontamentos precisos em minha tabuleta, era que cada muro tinha duas janelas, e cada torreão cinco.

"Agora raciocina", disse-me o mestre. "Cada sala que vimos tinha uma janela..."

"Menos aquela de sete lados", eu disse.

"E é natural, são as do centro de cada torreão."

"E fora algumas que achamos sem janelas e não eram heptagonais."

"Esquece-as. Primeiro encontremos a regra, depois tentaremos justificar as exceções. Então teremos no exterior cinco salas para cada torre e duas salas para cada parede, cada uma com uma janela. Mas se de uma sala com janela se procede para o interior do Edifício, encontra-se uma outra sala com janela. Sinal de que se trata de janelas internas. Agora, que forma tem o poço interno, quando visto da cozinha e do scriptorium?"

"Octogonal", respondi.

"Ótimo. E em cada lado do octógono, no scriptorium, se abrem duas janelas. Isso quer dizer que para cada lado do octógono, há duas salas internas? Certo?"

"Sim, e as salas sem janelas?"

"São oito ao todo. De fato a sala interna de cada torreão, de sete lados, tem cinco paredes que dão para cada uma das cinco salas de cada um dos torreões. Com que se limitam as outras duas paredes? Não com uma sala colocada ao longe dos muros externos, pois aí haveria janelas, nem com uma disposta ao longo do octógono, pelas mesmas razões, e porque seriam então salas exageradamente compridas. Experimenta traçar um desenho de como possa parecer a biblioteca vista do alto. Vê que em correspondência a cada torre deve haver duas salas que limitam com a sala heptagonal e dão para duas salas que limitam com o poço octogonal interno."

Experimentei traçar o desenho que meu mestre sugeria e dei um grito de

triunfo. “Mas então estamos sabendo tudo! Deixe-me contar... A biblioteca tem cinqüenta e seis salas, das quais quatro heptagonais e cinqüenta e duas mais ou menos quadradas, e, dessas, quatro são sem janelas, enquanto vinte e oito dão para fora e dezesseis para dentro!”

“E os quatro torreões têm cada um cinco salas de quatro lados e uma de sete... A biblioteca está construída segundo uma harmonia celeste à qual podem ser atribuídos vários e miríficos significados...”

“Esplêndida descoberta”, disse, “mas então por que é tão difícil de se orientar nela?”

“Porque o que não obedece a nenhuma lei matemática é a disposição das passagens. Algumas salas dão passagem a muitas outras, algumas a uma só, e há que perguntar-se se lá não existem salas que não dêem passagem para nenhuma. Se consideras este elemento, mais a falta de luz e o nenhum indício dado pela posição do sol (e acrescenta aí as visões e os espelhos), entendes como o labirinto é capaz de confundir quem quer que o percorra, já agitado por um senso de culpa. Por outro lado pensa em como estávamos desesperados ontem à noite quando não conseguíamos mais encontrar o caminho. O máximo de confusão somado ao máximo de ordem: parece-me um cálculo sublime. Os construtores da biblioteca eram grandes mestres.”

“Como faremos então para nos orientar?”

“Agora não é difícil. Com o mapa que traçaste, e que bem ou mal deve corresponder ao traçado da biblioteca, logo que estivermos na primeira sala heptagonal, nos moveremos de modo a encontrar logo uma das salas cegas. Depois, virando sempre à direita, após três ou quatro salas, deveremos estar de novo num torreão, que não poderá ser senão o torreão setentrional, até voltar a uma outra sala cega, que à esquerda será limitada com a sala heptagonal, e à direita deverá nos permitir encontrar um trajeto análogo àquele que te disse ainda agorinha, até chegar ao torreão ocidental.”

“Sim, se todas as salas dessem em todas as salas...”

“De fato. E por isso precisaremos do teu mapa, para assinalar as paredes cheias, de modo a saber quais desvios estamos fazendo. Mas não será difícil.”

“Mas estamos seguros de que funcionará?” perguntei perplexo, porque me parecia tudo simples demais.

“Funcionará”, respondeu Guilherme. “Omnes enim causae effectuum naturalium dantur per lineas, angulos et figuras. Aliter enim impossibile est scire propter quid in illis”, citou.

"São palavras de um dos grandes mestres de Oxford. Mas infelizmente ainda não sabemos de tudo. Aprendemos como não nos perdermos. Agora é preciso saber se há uma regra que governa a distribuição dos livros nas salas. E os versículos do Apocalipse nos dizem muito pouco, mesmo porque muitos se repetem iguais em salas diferentes..."

"Contudo o livro do apóstolo teria permitido encontrar bem mais que cinqüenta e seis versículos!"

"Sem dúvida. Portanto somente alguns versículos são válidos. Estranho. Como se tivessem menos de cinqüenta, trinta, vinte... Oh, pelas barbas de Merlin!"

"De quem?"

"Não é nada, um mago da minha terra... Usaram tantos versículos quantas são as letras do alfabeto! Lógico que é assim! O texto dos versículos não importa, importam as letras iniciais. Cada sala é marcada por uma letra do alfabeto, e todas juntas compõem um texto que precisamos descobrir!"

"Como uma poesia figurada, em forma de cruz ou peixe!"

"Mais ou menos, e provavelmente nos tempos em que a biblioteca foi constituída esse tipo de poesia andava muito em voga."

"E por onde começa o texto?"

"Por um cartaz maior que os outros, pela sala heptagonal do torreão de entrada... ou... Mas claro, pelas frases em vermelho!"

"Mas são tantas!"

"E por isso haverá muitos textos, ou muitas palavras. Agora tu recopias melhor e maior o teu mapa, depois, visitando a biblioteca não só marcarás com teu estilo, de leve, as salas por que passaremos e a posição das portas e das paredes (sem esquecer das janelas) mas também a letra inicial do versículo que ali aparece, e de algum modo, como um bom miniaturista, farás maiores as letras em vermelho."

"Mas como foi", disse admirado, "que vós conseguistes resolver o mistério da biblioteca olhando-a de fora e não o resolvestes quando estáveis lá dentro?"

"Assim Deus conhece o mundo, porque o concebeu em sua mente, como se estivesse de fora, antes que fosse criado, enquanto nós não conhecemos a regra, porque vivemos dentro dele encontrando-o já pronto."

"Assim é possível conhecer as coisas olhando-as de fora!"

"As coisas da arte, porque tornamos a percorrer em nossa mente as operações do artífice. Não as coisas da natureza, porque não são obra de nossa mente."

"Mas para a biblioteca é o suficiente, não é?"

"Sim", disse Guilherme, "mas só para a biblioteca. Agora vamos descansar. Eu

não posso fazer nada até amanhã de manhã quando terei — espero — as minhas lentes. Mais vale dormir e levantar-se a tempo. Procurarei refletir."

"E a ceia?"

"Ah, pois é, a ceia. Já passou da hora. Os monges já estão nas completas. Mas talvez a cozinha ainda esteja aberta. Vai buscar alguma coisa."

"Roubar?"

"Pedir. A Salvatore, que agora já é teu amigo."

"Mas será ele a roubar!"

"És por acaso guardião de teu irmão?" perguntou Guilherme com as palavras de Caim. Mas percebi que estava brincando e queria dizer que Deus é grande e misericordioso. Por isso pus-me à procura de Salvatore e o encontrei perto dos estábulos dos cavalos.

"Bonito", eu disse apontando para Brunello, e isso para puxar conversa. "Gostaria de cavalgá-lo."

"Não se puede. Abbonis est. Mas não precisa de um bom cavalo para correr forte..." Indicou-me um cavalo robusto e desajeitado: "Também aquele sufficit... Vide illuc, tertius equi..."

Queria me indicar o terceiro cavalo. Ri de seu latim engraçadíssimo. "E o que farás com aquele?" perguntei-lhe.

E me contou uma estranha história. Disse que se podia tornar qualquer cavalo, mesmo a besta mais velha e fraca, tão veloz quanto Brunello. Seria preciso misturar à sua aveia uma erva que se chama satirion, bem triturada, e depois ungir as coxas com gordura de cervo. Em seguida montar-se no cavalo e antes de esporeá-lo virar-se o focinho dele para o levante e pronunciar-se em suas orelhas, três vezes em voz baixa, as palavras "Gaspar, Melchior, Merquisard". O cavalo partirá em desabalada carreira e fará numa hora o caminho que Brunello faria em oito. E se lhe dependurassem no pescoço os dentes de um lobo que o próprio cavalo, correndo, tivesse matado, a besta não sentiria sequer o cansaço.

Perguntei-lhe se já tinha experimentado. Disse-me, aproximando-se circunspecto e a me sussurrar no ouvido, com seu hálito incrivelmente desagradável, que era muito difícil, porque o satirion é cultivado agora somente pelos bispos e pelos cavaleiros amigos deles, que dele se servem para aumentar o seu poder. Pus fim à conversa e disse-lhe que aquela noite meu mestre queria ler

certos livros na cela e desejava comer lá em cima.

"Me faço", disse, "faço el pastelão de queso."

"Como é?"

"Facilis. Pegas el queso que não seja mui velho, nem mui salgado e cortado em fatiazinhas em quadri pedaços ou sicut te agrada. Et postea colocarás um pouco de manteiga ou na verdade de banha fresca à rechauffer sobre la brasia. E dentro vamos a poner duas fatias de queso, e quando te parece tenro, zucharum et canella supra positurum du bis. E leva-o depressa à tabula, que se deve comê-lo quente quente."

"Ao pastelão de queso", disse-lhe. E ele desapareceu em direção às cozinhas, dizendo-me para esperá-lo. Voltou meia hora depois com um prato coberto com um pano. O cheiro era bom.

"Segura", me disse, e me estendeu também uma lamparina grande e cheia de óleo.

"Para fazer o quê?" perguntei.

"Sais pas, moi", disse com ar sabido. "Fileisch teu magister queira ire in loco escuro esta noche."

Salvatore sabia evidentemente mais coisas do que eu suspeitava. Não investiguei mais, levei a comida a Guilherme e retirei-me para minha cela. Ou pelo menos, fingi. Queria encontrar ainda Ubertino e entrei sorrateiro na igreja.

Terceiro dia

DEPOIS DAS COMPLETAS

Onde Ubertino conta a Adso a história de frei Dulcino,
outras histórias Adso relembra ou lê na biblioteca
por sua conta, e depois acontece-lhe ter um encontro
com uma moça bela e terrível como um exército
a postos para a batalha.

Encontrei de fato Ubertino junto à estátua da Virgem. Uni-me silenciosamente a ele e por algum tempo fingi (confesso-o) rezar. Depois ousei falar-lhe.

"Padre santo", disse-lhe, "posso pedir-vos luz e conselho?"

Ubertino olhou para mim, segurou em minha mão e levantou-se, levando-me a sentar com ele num banco. Abraçou-me apertado, e pude sentir o seu hálito em meu rosto.

"Filho caríssimo", disse, "tudo o que este pobre velho pecador pode fazer por tua alma, será feito com alegria. O que está te preocupando? As ânsias, não é verdade?" perguntou quase com ânsia ele também, "os desejos da carne?"

"Não", respondi enrubescendo, "quem sabe as ânsias da mente, que quer conhecer muitas coisas..."

"E isso é mau. O Senhor é que conhece as coisas, a nós cabe somente adorar a Sua sabedoria."

"Mas a nós cabe também distinguir o bem do mal e compreender as paixões humanas. Sou noviço, mas serei monge e sacerdote, e preciso aprender onde está o mal, e que aspecto tem para reconhecê-lo um dia e para ensinar aos outros a reconhecê-lo."

"Isso é justo, rapaz. E então o que queres conhecer?"

"A erva daninha da heresia, padre", disse com convicção. E depois, de um só fôlego: "Ouvi falar de um homem ruim que seduziu outros, frei Dulcino." Ubertino ficou em silêncio. Depois me disse: "É justo, tu nos ouviste mencioná-lo com frei

Guilherme. Mas é uma história muito feia, da qual me dói falar, porque ensina (sim, e nesse sentido é bom que a saibas, para tirar dela um ensinamento útil), porque ensina, eu dizia, como do amor pela penitência e do desejo de purificar o mundo pode nascer sangue e extermínio." Acomodou-se melhor, relaxando o aperto em torno de minhas costas, mas tendo sempre a mão no meu pescoço, como para me comunicar não sei se sua sabedoria ou seu ardor.

"A história começa antes de frei Dulcino", disse, "há mais de sessenta anos, e eu era um menino. Foi em Parma. Ali começou a pregar um certo Gherardo Segalelli, que convidava a todos para uma vida de penitência, e percorria as estradas gritando 'penitenziagite!' que era o seu modo de homem ignorante de dizer: 'Penitentiam agite, appropinquabit enin regnum coelorum.' Convidava seus discípulos a se tornarem iguais aos apóstolos, e quis que sua seita fosse intitulada a ordem dos apóstolos, e que os seus percorressem o mundo como pobres mendicantes vivendo apenas de esmola..."

"Como os fraticelli", disse eu. "Não era essa a ordem de Nosso Senhor e do vosso Francisco?"

"Sim", admitiu Ubertino com uma leve hesitação na voz e com um suspiro. "Mas talvez Gherardo tenha exagerado. Ele e os seus foram acusados de não reconhecerem mais a autoridade dos sacerdotes, a celebração da missa, a confissão, e de vagabundar no ócio."

"Mas disso foram acusados também os franciscanos espirituais. E não dizem hoje os menoritas que não se deve reconhecer a autoridade do papa?"

"Sim, mas não a dos sacerdotes. Nós mesmos somos sacerdotes. Rapaz, é difícil distinguir essas coisas. A linha que divide o bem do mal é tão sutil... De qualquer modo Gherardo errou e manchou-se de heresia... Pediu para ser admitido na ordem dos menores, mas nossos confrades não o aceitaram. Passava os dias na igreja de nossos frades e viu ali pintados os apóstolos de sandálias nos pés e mantos envoltos nas costas, e assim deixou crescer os cabelos e a barba, calçou sandálias nos pés e o cordão dos frades menores, porque quem quer fundar uma nova congregação sempre toma algo da ordem do beato Francisco."

"Mas então estava certo..."

"Mas errou nalguma coisa... Vestido com um manto branco sobre uma túnica branca e com os cabelos compridos, adquiriu junto aos simples fama de santidade. Vendeu uma sua casinha e, obtido o preço, subiu numa pedra na qual em tempos antigos os podestades estavam acostumados a concionar, segurando na mão o saquinho de dinheiro, e não o gastou, nem o deu aos pobres, mas chamou uns

ribaldos que jogavam ali perto e espalhou-o no meio deles dizendo: 'Pegue quem quiser', e os ribaldos pegaram o dinheiro e foram jogá-lo nos dados e blasfemavam o Deus vivente, e ele que dera, ouvia e não ficava corado."

"Mas mesmo Francisco despojou-se de tudo e ouvi hoje de Guilherme que andou pregando às gralhas e aos gaviões, ainda mais aos leprosos, e isto é, à escória que o povo daqueles que se diziam virtuosos mantinha à margem..."

"Sim, mas Gherardo errou em alguma coisa, Francisco nunca se pôs em conflito com a santa igreja, e o evangelho diz para dar aos pobres, não aos ribaldos. Gherardo deu e não recebeu nada em troca porque dera à má gente, e teve um mau início, má seqüência e mau fim porque seu grupo foi desaprovado pelo papa Gregório X."

"Talvez", eu disse, "fosse um papa menos clarividente que aquele que aprovou a regra de Francisco..."

"Sim, mas nalguma coisa Gherardo errou, e ao contrário, Francisco sabia bem o que estava fazendo. E por fim, rapaz, esses guardadores de porcos e de vacas que de improviso se tornam pseudo-apóstolos queriam folgadamente e sem suor viver das esmolas daqueles que os frades menores tinham educado a muito custo e com tanto heróico exemplo de pobreza! Mas não se trata disso", acrescentou de repente, "é que para assemelhar-se aos apóstolos, que ainda eram judeus, Gherardo Segalelli fez-se circuncidar, o que vai contra as palavras de Paulo aos Gálatas — e tu sabes que muitas santas pessoas anunciam que o Anticristo vindouro virá do povo dos circuncisos... Mas Gherardo fez pior, andava reunindo os simples e dizia: 'Venham comigo à vinha' e aqueles que não o conheciam entravam na vinha alheia, acreditando que era dele, e comiam as uvas dos outros..."

"Não seriam os menores que iriam defender a propriedade alheia", eu disse impudentemente.

Ubertino fitou-me com o olhar severo: "Os menores pretendem ser pobres, mas nunca pediram aos outros que o fossem. Não podes impunemente atentar contra a propriedade dos bons cristãos, os bons cristãos te apontarão como bandido. E assim aconteceu a Gherardo. De quem disseram finalmente (repara, eu não sei se é verdade, e estou me fiando nas palavras de frei Salimbene, que conhece aquela gente) que, para pôr à prova a sua força de vontade e seu controle, dormiu com algumas mulheres sem manter relações sexuais; mas quando seus discípulos tentaram imitá-lo, os resultados foram bem diferentes... Oh, não são coisas que um rapaz deva saber, a fêmea é a embarcação do demônio... Gherardo continuava a gritar 'penitenziagite' mas um seu discípulo, um certo Guido Putagio, tentou tomar

a direção do grupo, e andava em grande pompa com muitas cavalgaduras e fazia enormes despesas e banquetes como os cardeais da igreja de Roma. E depois entraram em rixa entre si, pelo comando da seita, e ocorreram coisas muito torpes. Todavia muitos vieram a Gherardo, não só camponeses, mas também gente da cidade, associados no ócio, e Gherardo fazia com que se desnudassem para que nus seguissem Cristo nu, e os mandava pelo mundo em pregação, mas ele mandou fazer uma veste sem mangas, branca, de fio forte, e assim vestido parecia mais um bufão que um religioso! Viviam às claras, mas às vezes subiam aos púlpitos das igrejas interrompendo a assembléia do povo devoto e enxotando dali os pregadores, e certa vez puseram uma criança no trono episcopal da igreja de Sant'Orso em Ravenna. E se diziam herdeiros da doutrina de Gioacchino de Fiore..."

"Mas os franciscanos também", eu disse, "também Gherardo de Burgo San Donnino, até vós!" exclamei.

"Acalma-te, rapaz. Gioacchino de Fiore foi um grande profeta e foi o primeiro a compreender que Francisco teria marcado a renovação da igreja. Mas os pseudo-apóstolos usaram sua doutrina para justificar as próprias loucuras, o Segalelli trazia consigo uma apóstola, uma certa Tripia ou Pripia, que pretendia ter o dom da profecia. Uma mulher, entendes?"

"Mas padre", tentei objetar, "vós mesmo faláveis a tarde anterior da santidade de Clara de Montefalco e de Ângela de Foligno..."

"Elas eram santas! Viviam na humildade, reconhecendo o poder da igreja, nunca arrogaram a si o dom da profecia! E ao contrário os pseudo-apóstolos afirmavam que também as mulheres podiam andar de cidade em cidade a pregar, como fizeram muitos outros hereges. E não reconheciam mais qualquer diferença entre solteiros e casados, nem qualquer voto foi considerado mais perpétuo. Em resumo, para não ficares entediado demais com histórias tristíssimas das quais não podes compreender bem as nuanças, o bispo Obizzo de Parma decidiu finalmente levar Gherardo aos cepos. Mas então aconteceu uma coisa estranha, que te revela quanto é débil a natureza humana, e quão insidiosa a planta da heresia. Porque finalmente o bispo liberou Gherardo e o acolheu junto de si à mesa, e ria de seus chistes, e o mantinha como seu bufão."

"Mas por quê?"

"Não sei, eu tenho medo de saber. O bispo era nobre e não lhe agradavam os mercadores e os artesãos da cidade. Talvez não lhe fosse molesto que Gherardo, com suas pregações de pobreza, falasse contra eles, e passasse da petição de esmola à rapina. Mas por fim interveio o papa, e o bispo voltou à sua justa

severidade, e Gherardo terminou na fogueira como herege impenitente. Era o início deste século."

"E o que tem a ver com isso frei Dulcino?"

"Tem, e isso te diz como a heresia sobrevive à própria destruição dos hereges. Esse Dulcino era o bastardo de um sacerdote, que vivia na diocese de Novara, nessa região da Itália, um pouco mais a setentrião. Alguns disseram que nasceu alhures, no vale de Ossola, ou em Romagnano. Mas pouco importa. Era um jovem de agudo engenho e foi educado nas letras, mas roubou o sacerdote que dele se ocupava e fugiu para o oriente, na cidade de Trento. E ali retomou as pregações de Gherardo, de modo ainda mais herético, afirmando ser o único verdadeiro apóstolo de Deus, e que todas as coisas deviam ser comuns no amor, e que era lícito andar indiferentemente com todas as mulheres, pelo que ninguém podia ser acusado de concubinato, ainda que andasse com a própria mulher e com a filha..."

"Pregava realmente essas coisas ou foi acusado disso? Porque ouvi que também os espirituais foram acusados de crimes como aqueles frades de Montefalco..."

"De hoc satis", interrompeu bruscamente Ubertino. "Aqueles não eram mais frades. Eram hereges. E justamente conspurcados por Dulcino. E por outro lado, escuta, basta saber o que fez Dulcino depois, para defini-lo como malvado. Como tenha tomado conhecimento das doutrinas dos pseudo-apóstolos, não o sei. Quem sabe tenha passado por Parma quando jovem, e ouvido Gherardo. Sabe-se que manteve em Bolonha contato com aqueles hereges após a morte de Segalelli. Mas sabe-se com certeza que iniciou sua pregação em Trento. Ali seduziu uma belíssima donzela de nobre família, Margherita, ou ela o seduziu, como Heloísa seduziu Abelardo, porque recorda, é através da mulher que o diabo penetra no coração dos homens! Àquela altura, o bispo de Trento expulsou-o de sua diocese, mas então Dulcino já reunira mais de mil sequazes, e começou uma longa marcha que o reconduziu às regiões onde nascera. E ao longo do caminho uniram-se a ele outros iludidos, seduzidos por suas palavras, e talvez tenham se unido a ele muitos hereges valdenses que habitavam as montanhas por onde passava, ou ele tenha querido reunir-se aos valdenses dessas terras do setentrião. Chegando a Novara, Dulcino encontrou um ambiente favorável à sua revolta, porque os vassalos que governavam a região de Gattinara em nome do bispo de Vercelli também tinham sido expulsos pela população, que acolheu por isso os bandidos de Dulcino como bons aliados."

"O que tinham feito os vassalos do bispo?"

"Não sei, e não cabe a mim julgá-lo. Mas como vês, a heresia casa-se com a

revolta contra os senhores, em muitos casos, e por isso o herege começa a pregar a mãe pobreza e depois cai presa de todas as tentações do poder, da guerra, da violência. Havia uma luta entre famílias na cidade de Vercelli, e os pseudo-apóstolos se aproveitaram disso, e as famílias se valeram da desordem trazida pelos pseudo-apóstolos. Os senhores feudais arrolavam aventureiros por rapinadores e cidadãos, e os cidadãos pediam a proteção do bispo de Novara."

"Que história complicada. Mas Dulcino estava com quem?"

"Não sei, agia por conta própria, inserira-se em todas essas disputas e daí tirava partido para pregar a luta contra a propriedade alheia, em nome da pobreza. Dulcino acampou com os seus, que agora já eram três mil, no topo de um monte perto de Novara, dito Parede Calva, e ali construíram castelinhos e casebres, e Dulcino dominava sobre toda a multidão de homens e mulheres que viviam na promiscuidade mais vergonhosa. Dali enviava cartas a seus fiéis, em que expunha sua doutrina herética. Dizia e escrevia que o ideal deles era a pobreza e que não estavam ligados por qualquer vínculo de obediência exterior, e que ele Dulcino fora mandado por Deus para desvendar as profecias e entender as escrituras do velho e do novo testamento. E chamava clérigos seculares, pregadores e menores, de ministros do diabo, e dispensava todos do dever de obedecê-los. E distinguia quatro idades da vida do povo de Deus, a primeira do Antigo testamento, dos patriarcas e dos profetas, antes da vinda de Cristo, em que o matrimônio era bom porque as gentes deviam se multiplicar; a segunda, a idade de Cristo e dos apóstolos, e foi a época da santidade e da castidade. Depois veio a terceira, na qual os pontífices precisavam, de início, aceitar as riquezas terrenas para poder governar o povo, mas, quando os homens começaram a se afastar do amor a Deus, veio Bento, que falou contra toda posse temporal. Quando depois também os monges de Bento voltaram a acumular riquezas, vieram os frades de São Francisco e de São Domingos, ainda mais severos que Bento no pregar contra o domínio e a riqueza terrena. Mas finalmente, então, quando a vida de muitos prelados contradizia de novo todos aqueles preceitos, havia-se chegado ao fim da terceira idade, era necessário converter-se aos ensinamentos dos apóstolos."

"Mas então frei Dulcino pregava aquelas coisas que tinham pregado os franciscanos, e dentre os franciscanos os espirituais, e mesmo vós, padre!"

"Oh, sim, mas tirava delas um pérfido silogismo! Dizia que para pôr fim à terceira idade era preciso que todos os clérigos, os monges e os frades morressem de morte crudelíssima, dizia que todos os prelados da igreja, os clérigos, as monjas, os religiosos e as religiosas e todos aqueles que fazem parte das ordens

dos pregadores e dos menores, dos eremitas, e o próprio papa Bonifácio, deveriam ser exterminados pelo imperador pré-escolhido por ele, Dulcino, e este teria sido Frederico da Sicília."

"Mas não foi justamente Frederico que acolheu na Sicília com favor os espirituais expulsos da Úmbria, e não são os menoritas justamente a pedir que o imperador, ainda que agora seja Ludovico, destrua o poder temporal do papa e dos cardeais?"

"É próprio da heresia, ou da loucura, transformar os pensamentos mais justos e voltá-los para conseqüências contrárias à lei de Deus e dos homens. Os menoritas nunca pediram ao imperador para matar os outros sacerdotes."

Enganava-se, agora eu sei. Porque quando alguns meses depois o Bávaro instaurou a própria ordem em Roma, Marsílio e outros menoritas fizeram com os religiosos fiéis ao papa justamente o que Dulcino pedia que se fizesse. Com isso não estou querendo dizer que Dulcino estivesse correto, ou que Marsílio estivesse errado ele também. Mas eu começava a me perguntar, especialmente após a conversa da tarde com Guilherme, como teria sido possível aos humildes que seguiam Dulcino distinguir entre as promessas dos espirituais e a atuação que delas fazia Dulcino. Não era ele, quem sabe, culpado de pôr em prática o que homens reputados ortodoxos tinham pregado por via puramente mística? Ou quem sabe ali estivesse a diferença, a santidade consistia em esperar que Deus nos desse o que seus santos tinham prometido, sem tentar obtê-la por meios terrenos? Agora sei que é assim e sei por que Dulcino estava errado: não se deve transformar a ordem das coisas ainda que se deva confiar fervorosamente em sua transformação. Mas aquela noite estava presa de pensamentos contraditórios.

"Enfim", estava me dizendo Ubertino, "a marca da heresia tu a encontras sempre na soberba. Numa segunda carta, Dulcino, no ano de 1303, nomeava-se chefe supremo da congregação apostólica, nomeava como seus lugares-tenentes a pérfida Margherita (uma mulher) e Longino de Bérgamo, Frederico de Novara, Alberto Carentino e Valderico de Brescia. E punha-se a delirar sobre uma seqüência de papas vindouros, dois bons, o primeiro e o último, dois maus, o segundo e o terceiro. O primeiro é Celestino, o segundo é Bonifácio VIII, de quem os profetas dizem 'a soberba de teu coração te informou, ó tu que habitas nas fendas das rochas'. O terceiro papa não é nomeado, mas dele Jeremias teria dito 'és como o leão'. E, infâmia, Dulcino reconhecia o leão em Frederico da Sicília. O quarto papa para Dulcino era ainda desconhecido, e deveria ser o papa santo, o papa angélico de que falava o abade Joaquim. Deveria ser eleito por Deus e então Dulcino e

todos os seus (que àquela altura já eram quatro mil) teriam recebido juntos a graça do Espírito Santo e a igreja, a partir desse momento, teria sido renovada até o fim do mundo. Mas nos três anos que precediam a sua vinda deveria ser consumado todo o mal. E isso Dulcino tentou fazer, levando a guerra a toda parte. E o quarto papa, e aqui se vê como o demônio se serve de seus súcubos, foi justamente Clemente V que apregoou a cruzada contra Dulcino. E foi justo, porque nas cartas Dulcino já sustinha teorias inconciliáveis com a ortodoxia. Ele afirmava que a igreja romana era uma meretriz, que não é devida a obediência aos sacerdotes, que todo poder espiritual passara agora para a seita dos apóstolos, que somente os apóstolos compõem a nova igreja, que os apóstolos podem anular o matrimônio, que ninguém poderá ser salvo se não fizer parte da seita, que nenhum papa pode absolver do pecado, que não se deve pagar os dízimos, que é vida mais perfeita viver sem voto que com o voto, que uma igreja consagrada não vale nada para a prece, não mais que um estábulo, e que se pode adorar Cristo nos bosques e nas igrejas."

"Disse realmente essas coisas?"

"Claro, isso é certo, escreveu-as. Mas infelizmente fez pior. Quando se estabeleceu na Parede Calva, começou a saquear os vilarejos do vale, a cometer invasões, para procurar provisões, conduzindo em suma uma verdadeira guerra particular contra as aldeias vizinhas."

"Todos contra ele?"

"Não se sabe. Talvez tenha recebido apoio de alguns, eu te disse que se inseria num nó inextricável de discórdias do lugar. Caíra entretanto o inverno do ano de 1305, um dos mais rigorosos dos últimos decênios, e havia nos arredores uma grande carestia. Dulcino enviava uma terceira carta a seus sequazes e muitos ainda se juntavam a ele, mas a vida lá em cima se tornara impossível e chegaram a tamanha fome que comiam as carnes dos cavalos e de outras bestas e o feno cozido. E muitos morreram."

"Mas contra quem se batiam, agora?"

"O bispo de Vercelli apelara a Clemente V e fora ordenada uma cruzada contra os hereges. Foi promulgada uma indulgência plenária a quem dela tivesse participado, foram solicitados Ludovico de Sabóia, os inquisidores da Lombardia, o arcebispo de Milão. Muitos vestiram a cruz em auxílio dos vercelenses, dos novareses, também da Sabóia, da Provença, da França, e o bispo de Vercelli recebeu o comando supremo. Eram contínuos os embates entre as vanguardas dos dois exércitos, mas as fortificações de Dulcino eram intomáveis, e de algum modo

os ímpios recebiam socorros."

"De quem?"

"De outros ímpios, creio, que tiravam proveito daquele incentivo à desordem. Em fins do ano de 1305, o heresiarca foi obrigado porém a abandonar a Parede Calva, deixando os feridos e os doentes, e aportou no território de Triviero, onde se encarapichou no topo de um monte, que então era chamado Zubello e que daí por diante foi chamado Rubello ou Rebello, porque se tornara a rocha dos rebeldes à igreja. Em suma, não dá para te contar tudo o que aconteceu, e foram carnificinas terríveis. Mas no fim os rebeldes foram capturados e terminaram, como era justo, na fogueira.

"Até a bela Margherita?"

Ubertino fitou-me: "Lembraste que era bela, não é? Era bela, dizem, e muitos senhores do lugar tentaram desposá-la para salvá-la da fogueira. Mas ela não quis, morreu impenitente com o impenitente do seu amante. E que isso te sirva de lição, guarda-te das meretrizes da Babilônia, mesmo quando assumem a forma da criatura mais estupenda."

"E agora dizei-me, padre. Fiquei sabendo que o celeireiro do convento, e talvez Salvatore também, encontraram Dulcino, e o seguiram de algum modo..."

"Cala-te, e não faças juízos temerários. Conheci o celeireiro num convento de menoritas. Após os fatos que dizem respeito à história de Dulcino, é verdade. Muitos espirituais naqueles anos, antes de decidirem encontrar refúgio na ordem de São Bento, levaram vida agitada, e precisaram abandonar seus conventos. Não sei por onde Remigio andou antes que eu o encontrasse. Sei que foi sempre um bom frade, pelo menos do ponto de vista da ortodoxia. Quanto ao resto, infelizmente, a carne é fraca..."

"O que pretendeis dizer?"

"Não são coisas que devas saber. Pois bem, em suma, já que falamos nisso, e deves poder distinguir o bem do mal..." hesitou ainda, "direi a ti o que ouvi sussurrar aqui, na abadia, que o celeireiro não sabe resistir a certas tentações... Mas são murmúrios. Tu deves aprender a não pensar sequer nessas coisas." Puxou-me novamente a si abraçando-me apertado e me apontou a estátua da Virgem: "Tu deves te iniciar no amor sem mácula. Eis alguém cuja feminilidade foi sublimada. Por isso dela podes dizer que é bela, como a amada do Cântico dos Cânticos. Nela", disse com o rosto arrebatado por um gáudio interior, justamente como o Abade no dia anterior, quando falava das gemas e do ouro de seus recipientes, "nela até a graça do corpo torna-se signo das belezas celestiais, e por

isso o escultor representou-a com todas as graças de que a mulher deve ser adornada." Apontou-me o busto delgado da Virgem, sustido no alto e apertado por um corpete preso no meio com laçarotes, com os quais brincavam as pequenas mãos do Menino. "Estás vendo? Pulchra enim sunt ubera quae paululum supereminent et tument modice, nec fluitantia licenter, sed leniter restricta, repressa sed non depressa... O que experimentas diante desta dulcíssima visão?"

Eu corei violentamente sentido-me agitado como que por um fogo interior. Ubertino deve tê-lo percebido, ou talvez tenha percebido o ardor das minhas faces, porque logo acrescentou: "Mas deves aprender a distinguir o fogo do amor sobrenatural do delíquio dos sentidos. É difícil mesmo para os santos."

"Mas como se reconhece o bom amor?" perguntei tremendo.

"O que é o amor? Não existe nada no mundo, nem homem, nem diabo, nem qualquer coisa, que eu considere tão suspeito como o amor, pois este penetra mais a alma que outra coisa qualquer. Não há nada que ocupe tanto e amarre o coração como o amor. Por isso, a menos que não tenha as almas que a governam, a alma cai, pelo amor, numa imensa ruína. E eu acredito que sem as seduções de Margherita, Dulcino não teria se danado, e sem a vida insolente e promíscua da Parede Calva, muitos não teriam sentido o fascínio por sua rebelião. Repara, eu não te digo essas coisas somente sobre o mau amor, de que naturalmente todos devem fugir como de algo diabólico, eu digo isso com grande medo também do bom amor que corre entre Deus e o homem, entre o próximo e o próximo. Acontece freqüentemente que dois ou três, homens ou mulheres, se amem demasiado cordialmente e nutram mutuamente singular afeição, e desejem viver sempre próximos, e quando uma parte deseja, a outra quer. E confesso-te que um sentimento do gênero eu provei por mulheres virtuosas como Ângela e Clara. Pois bem, mesmo isso é bastante reprovável, ainda que feito espiritualmente e por Deus... Porque também o amor sentido pela alma, se não é amado mas é tomado em todo seu calor, acaba caindo depois, ou seja, opera desordenadamente. Oh, o amor possui diversas propriedades, de início a alma se enternece por ele, depois cai enferma... Mas em seguida percebe o calor verdadeiro do amor divino e grita, e se lamenta, e faz-se pedra posta na fogueira para desfazer-se em cal, e crepita, lambida pela chama..."

"E esse amor é bom?"

Ubertino acariciou minha cabeça, e como eu o fitasse vi que tinha os olhos enternecidos de lágrimas: "Sim, esse enfim é bom amor." Tirou a mão de meus ombros. "Mas como é difícil", acrescentou, "como é difícil distingui-lo do outro. E, às

vezes, quando a tua alma é tentada pelos demônios, te sentes como o homem preso pela garganta que, atadas as mãos às costas e vendados os olhos, permanece pendurado à forca e vive, no entanto, sem nenhum auxílio, sem nenhum sustento, sem nenhum remédio, a girar no vazio...”

Seu rosto não estava mais apenas banhado de pranto, mas de um véu de suor. “Vai embora agora”, disse-me apressado, “já te disse aquilo que querias saber. Aqui o coro dos anjos, ali a garganta do inferno. Vai, e seja louvado o Senhor.” Prosternou-se novamente diante da Virgem e ouvi-o soluçar baixinho. Estava rezando.

Não saí da igreja. O colóquio com Ubertino induzira-me no ânimo e nas vísceras um estranho fogo e uma indizível inquietação. Talvez por isso me tenha inclinado à desobediência e decidido a voltar sozinho à biblioteca. Nem eu mesmo sabia o que procurar. Queria explorar sozinho um lugar ignoto, estava fascinado pela idéia de poder orientar-me sem a ajuda de meu mestre. Lá subi como Dulcino subira para o monte Rubello.

Tinha comigo o lume (por que eu o trouxera? talvez já nutrisse esse plano secreto?) e penetrei no ossário quase de olhos fechados. Em breve estava no scriptorium.

Era uma noite fatal, creio, porque enquanto vasculhava por entre as mesas, descobri uma obra sobre a qual estava aberto um manuscrito que um monge copiava naqueles dias. O título logo me atraiu: Historia fratris Dulcini Heresiarche. Acho que era a mesa de Pietro de Sant’Albano, de quem tinham-me dito estar escrevendo uma monumental história da heresia (depois do que sucedeu na abadia naturalmente não a escreveu mais — mas não antecipemos os eventos). Não era portanto anormal que ali estivesse aquele texto, e havia outros de argumentos afins, sobre paterinos e sobre flagelantes. Mas recebi como um sinal sobrenatural, não sei ainda se celeste ou diabólico, a circunstância, e pus-me a ler avidamente o escrito. Não era muito longo, e na primeira parte dizia, com muitos detalhes que esqueci, o que me dissera Ubertino. Nele se falava também dos muitos delitos cometidos pelos dulcinianos durante a guerra e o assédio. E da batalha final que foi muito cruenta. Mas ali encontrei também o que Ubertino não me contara, e dito por quem evidentemente tudo vira e tinha ainda acesa a imaginação.

Aprendi então como em março de 1307, no sábado de aleluia, Dulcino,

Margherita e Longino, presos finalmente, foram conduzidos à cidade de Biella e consignados ao bispo, que esperava a decisão do papa. O papa, quando soube da notícia, transmitiu-a ao rei de França, Felipe, escrevendo: "Chegaram gratas notícias, fecundas de alegria e exultamento, porque aquele demônio pestífero, filho de Belial e horrendo heresiarca Dulcino, após longos perigos, fadigas, carnificinas e freqüentes intervenções, finalmente com seus sequazes encontra-se prisioneiro de nossos cárceres, por obra do vosso venerável irmão Raniero, bispo de Vercelli, capturado no dia da santa ceia do Senhor, e a numerosa gente que estava com ele, infectada pelo contágio, foi morta naquele mesmo dia." O papa foi desapiedado para com os prisioneiros e ordenou ao bispo enviá-los à morte. Então, em julho do mesmo ano, no primeiro dia do mês, os hereges foram consignados ao braço secular. Enquanto os sinos da cidade batiam a rebate, foram enfiados numa carroça, circundados pelos carnífices, seguidos pela milícia, que percorreu toda a cidade, enquanto, em cada esquina, tenazes em brasa laceravam as carnes dos réus. Margherita foi a primeira a ser queimada, diante de Dulcino, que não moveu um músculo do rosto, assim como não emitira um lamento quando as tenazes lhe mordiam os membros. Depois a carroça continuou seu caminho, enquanto os carnífices enfiavam seus ferros em vasos cheios de brasas ardentes. Dulcino sofreu outros tormentos, e permaneceu sempre mudo, salvo quando lhe amputaram o nariz, porque se apertou um pouco nos ombros, e quando lhe amputaram o membro viril, pois àquela altura ele lançou um longo suspiro, como um gemido. As últimas coisas que disse soaram como impenitência, e avisou que teria ressuscitado no terceiro dia. Depois foi queimado e suas cinzas foram dispersas ao vento.

Fechei o manuscrito com as mãos que tremiam. Dulcino cometera muitos crimes, como me fora dito, mas tinha sido horrivelmente queimado. E se comportara na fogueira... como? com a firmeza dos mártires ou com a soberba dos danados? Enquanto subia vacilante as escadas que conduziam à biblioteca, entendi por que estava tão preocupado. Sobreveio-me de repente uma cena que vira não muitos meses antes, pouco depois da minha chegada à Toscana. Perguntava-me antes como é que, afinal, quase a esquecera até então, como se minha alma doente tivesse querido apagar uma recordação que lhe pesava em cima como um pesadelo. Quer dizer, não tinha me esquecido, porque toda vez que ouvia falar nos fraticelli revia as imagens daquele acontecimento, mas logo as rechaçava nas profundezas de meu espírito, como se fora um pecado ter sido testemunha daquele horror.

Ouvira falar nos fraticelli, pela primeira vez, no dia em que vira um sendo

queimado na fogueira, fora pouco antes que encontrasse frei Guilherme, em Pisa. Ele havia adiantado sua chegada e meu pai dera-me a permissão para visitar Florença, da qual nos haviam louvado as belíssimas igrejas. Havia vagado um pouco pela Toscana, a fim de aprender melhor o vulgar italiano, e acabara por passar uma semana em Florença, porque muito ouvira falar nessa cidade e desejava conhecê-la.

Foi assim que, mal cheguei lá, ouvi falar de um grande caso que estava agitando toda a cidade. Um fraticello herege, acusado de crimes contra a religião e trazido diante do bispo e de outros eclesiásticos, estava sendo submetido naqueles dias a uma severa inquisição. E seguindo os que dele me falaram, fui dar no lugar onde sucedia o evento, enquanto ouvia as pessoas dizerem que esse fraticello, por nome Michele, era na verdade homem muito pio, que pregava penitência e pobreza, repetindo as palavras de São Francisco, e tinha sido arrastado perante os juízes pela malícia de certas mulheres que, fingindo confessar-se com ele, atribuíram-lhe depois proposições heréticas; e aliás fora preso pelos homens do bispo justamente na casa daquelas mulheres, fato este que me pasmava, porque um homem da igreja não deveria ir administrar os sacramentos em lugares tão pouco próprios, mas essa parecia ser a fraqueza dos fraticelli, o não ter na devida consideração as conveniências, e quem sabe havia algo de verdadeiro na voz pública que os queria, além de hereges, de costumes duvidosos (assim como sempre se dizia dos cátaros que eram búlgaros e sodomitas).

Cheguei à igreja de São Salvador onde se realizava o processo, mas não pude entrar, por causa da imensa multidão que estava à sua frente. Porém alguns estavam suspensos e grudados nas grades das janelas e viam e ouviam o que lá acontecia, e contavam aos de baixo. Estavam então relendo a frei Michele a confissão que fizera no dia anterior, em que dizia que Cristo e seus apóstolos "não tinham tido coisa alguma nem em particular nem em comum por razões de propriedade", mas Michele protestava que o notário acrescentara ali, naquela hora, "muitas falsas conseqüências" e gritara (e isso eu ouvi de fora): "haveis de prestar contas disso no dia do juízo!" Mas os inquisidores leram a confissão tal como a haviam redigido e no final perguntaram-lhe se queria humildemente ater-se às opiniões da igreja e de todo o povo da cidade. E ouvi Michele que gritava em voz alta que queria ater-se àquela em que acreditava, isto é, que "queria Cristo pobre crucificado e o papa João XXII herético, já que dizia o contrário". Seguiu-se uma grande discussão, em que os inquisidores, entre os quais muitos franciscanos, queriam fazê-lo entender que a escritura não tinha dito o que dizia ele, e ele os

acusava de negar a sua própria regra da ordem, e esses caíam-lhe em cima perguntando se ele acreditava mesmo entender as escrituras melhor do que eles, que eram mestres nelas. E frei Michele, muito pertinaz deveras, contestava-os, até que esses começaram a assaltá-lo com provocações como: "e então queremos que tu sustentes Cristo como proprietário e papa João como católico e santo." E Michele, sem ceder: "Não, isso é herético." E esses diziam que nunca tinham visto alguém tão duro na própria maldade. Mas no meio da multidão, fora do palácio, escutei muitos que diziam que ele era como Cristo entre os fariseus, e percebi que entre o povo muitos acreditavam na santidade de frei Michele.

Por fim os homens do bispo reconduziram-no à prisão, agrilhoado. E à noite disseram-me que muitos dos frades amigos do bispo tinham ido insultá-lo e pedir-lhe que se retratasse, mas ele respondia sempre como alguém que estivesse seguro da própria verdade. E repetia a cada um que Cristo era pobre e que assim disseram também São Francisco e São Domingos, e que se para confessar essa justa opinião deveria ser condenado ao suplício, tanto melhor, porque em breve tempo teria podido ver o que dizem as escrituras e os vinte e quatro anciãos do Apocalipse, e Jesus Cristo, e São Francisco, e os gloriosos mártires. E contaram-me ter ele dito: "Se lemos com tanto fervor a doutrina de certos santos abades, com muito maior fervor e alegria devemos desejar estar em meio a eles." E ante palavras do gênero os inquisidores saíam do cárcere com o rosto carregado gritando despeitados (e eu os ouvi): "Tem o diabo no corpo!"

No dia seguinte soubemos que a condenação fora pronunciada, e andando pelo bispado pude ver o pergaminho, e copiei parte dele na minha tabuleta.

Começava "In nomine Domini amen. Hec est quedam condemnatio corporalis et sententia condemnationis corporalis lata, data et in hiis scriptis sententialiter pronumptiata et promulgata..." etc., e prosseguia com uma severa descrição dos pecados e das culpas do dito Michele, que reporto aqui em parte para que o leitor julgue com prudência:

> Johannem vocatum fratrem Micchaelem Iacobi, de comitatu Sancti Frediani, hominem male condictionis, et pessime conversationis, vite et fame, hereticum et heretica labe pollutum et contra fidem cactolicam credentem et affirmantem... Deum pre oculis non habendo sed potius humani generis inimicum, scienter, studiose, appensate, nequiter et animo et intentione exercendi hereticam pravitatem stetit et conversatus fuit cum Fraticellis, vocatis Fraticellis della povera vita hereticis et scismaticis et eorum pravam sectam et heresim secutus fuit et sequitur contra fidem cactolicam... et accessit ad dictam civitatem Florentie et in locis publicis dicte civitatis in dicta inquisitione contentis, credidit, tenuit et pertinaciter affirmavit ore et corde... quod Christus redentor noster non habuit rem aliquam in proprio vel comuni sed habuit a quibuscumque rebus quas sacra scriptura eum habuisse testatur, tantum simplicem facti usum.

Mas não eram somente esses os crimes de que era acusado, e dentre os outros um me pareceu muito torpe, ainda que não saiba (do modo como andou o processo) se ele deveras afirmara tanto, mas dizia-se, em suma, que o dito menorita sustentava que São Tomás de Aquino não era nem santo nem gozava da salvação eterna, mas estava danado e em estado de perdição! E a sentença terminava cominando a pena, já que o acusado não quisera se emendar:

> Costat nobis etiam ex predictis et ex dicta sententia lata per dictum dominum episcopum florentinum, dictum Johannem fore hereticum, nolle se tantis herroribus et heresi corrigere et emendare, et se ad rectam viam fidei dirigere, habentes dictum Johannem pro irreducibili, pertinace et hostinato in dictis suis perversis herroribus, ne ipse Johannes de dictis suis sceleribus et herroribus perversis valeat gloriari, et ut eius pena aliis transeat in exemplum; idcirco, dictum Johannem vocatum fratrem Micchaelem hereticum et scismaticum quod ducatur ad locum iustitie consuetum, et ibidem igne et flammis igneis accensis concremetur et comburatur, ita quod penitus moriatur et anima a corpore separetur.

E depois que a sentença foi tornada pública, vieram ainda os homens da igreja à prisão e advertiram Michele sobre o que aconteceria, e ouvi-os inclusive dizer: "Frei Michele, já foram feitas as mitras com as capas, e pintados nelas fraticelli acompanhados de diabos." Para assustá-lo e obrigá-lo enfim a se retratar. Mas frei Michele pôs-se de joelhos e disse: "Eu acho que ao redor da fogueira estará o nosso pai Francisco e digo mais, acho que lá estarão Jesus e os apóstolos, e os gloriosos mártires Bartolomeu e Antonio." Que era um modo de refutar pela última vez as ofertas dos inquisidores.

Na manhã seguinte fui eu também para a ponte do bispado onde haviam-se reunido os inquisidores, diante dos quais foi arrastado, sempre agrilhoado, frei Michele. Um dos fiéis ajoelhou-se diante dele para receber a bênção, e foi preso pelos soldados e logo conduzido à prisão. Depois, os inquisidores releram a sentença ao condenado e ainda perguntaram se queria arrepender-se. A cada trecho em que a sentença dizia que ele era um herege, Michele respondia "herege não sou, pecador, sim, mas católico", e quando o texto nomeava "o venerabilíssimo e santíssimo papa João XXII" Michele respondia "não, mas herege". Daí o bispo ordenou que Michele viesse se ajoelhar diante dele, e Michele disse que não se ajoelhava diante de hereges. Fizeram-no ajoelhar-se à força e ele murmurou: "estou desculpado perante Deus". E uma vez que fora trazido ali à frente com todos os seus paramentos sacerdotais, começou um ritual em que, peça por peça, os

paramentos lhe eram retirados até que ficou com aquela roupinha que em Florença chamam de cioppa. E como requer o uso para o padre que é desconsagrado, com um ferro cortante cortaram-lhe as pontas dos dedos e rasparam-lhe os cabelos. Depois foi confiado ao capitão e a seus homens, que o trataram muito duramente e o meteram a ferros reconduzindo-o ao cárcere, enquanto ele dizia à multidão: "per Dominum moriemur." Devia ser queimado, como soube, somente no dia seguinte. E naquele dia foram até perguntar-lhe se queria confessar-se e comungar. E recusou cometer pecado aceitando os sacramentos de quem estava em pecado. E nisso, creio, fez mal, e demonstrou-se corrompido pela heresia dos paterinos.

Finalmente chegou a manhã do suplício, e veio buscá-lo um gonfaloneiro que me pareceu pessoa amiga, porque lhe perguntou que raça de homem era, e por que se obstinava, quando bastava afirmar aquilo que todo o povo afirmava e aceitar a opinião da santa madre igreja. Mas Michele, duríssimo: "Eu acredito em Cristo pobre crucificado." E o gonfaloneiro foi-se, abrindo os braços. Chegaram então o capitão e seus homens e conduziram Michele ao pátio onde estava o vicário do bispo que lhe releu a confissão e a condenação. Michele interveio ainda para contestar falsas opiniões que lhe eram atribuídas: e eram realmente coisas de muita sutileza que eu não recordo e não compreendi bem então. Mas nelas se decidia pela morte de Michele, claro, e pela perseguição aos fraticelli. Tanto que eu não entendia por que os homens da igreja e do braço secular se encarniçavam desse modo contra pessoas que queriam viver em pobreza e achavam que Cristo não tivera bens terrenos. Porque eu me dizia, vá lá que temessem homens que querem viver na riqueza e tirar dinheiro dos outros, e levar a igreja ao pecado e introduzir nela práticas de simonia. E falei disso a alguém que estava perto de mim, porque não conseguia ficar calado. E ele sorriu zombeteiro e disse-me que um frade que pratica a pobreza dá mau exemplo ao povo, que depois não se acostuma mais aos frades que não a praticam. E que, acrescentou, aquela pregação da pobreza punha más idéias na cabeça do povo, que da própria pobreza teria motivos de orgulho, e o orgulho pode levar a muitos atos orgulhosos. E finalmente que eu deveria saber que não estava claro nem mesmo para ele por qual silogismo, pregando a pobreza para os frades, ficava-se do lado do imperador e isso ao papa não agradava. Todas ótimas razões, ainda que ditas por um homem de pouca doutrina. Salvo que, àquela altura, eu não compreendia por que frei Michele quisesse morrer tão horrendamente para comprazer o imperador, ou dirimir uma questão entre ordens religiosas. E, de fato, alguém dentre os presentes dizia: "Não é um santo, foi enviado por Ludovico para semear discórdia entre os cidadãos, e os

fraticelli são toscanos, mas por trás deles estão os enviados do império." E outros: "Mas é um louco, está tomado pelo demônio, inchado de orgulho e goza com o martírio por danada soberba, ah, esses frades fazem-nos ler muitas vidas dos santos, melhor seria que tomassem uma mulher!" E outros ainda: "Não, precisaríamos que todos os cristãos fossem assim, prontos a testemunhar a sua fé como no tempo dos pagãos." E ao escutar aquelas vozes, enquanto não sabia mais o que pensar, aconteceu-me poder rever o rosto do condenado, que de vez em quando a multidão na frente me ocultava. E vi o rosto de alguém que enxerga algo que não é deste mundo, como por vezes o vi nas estátuas dos santos arrebatados por alguma visão. E compreendi que, louco ou vidente que fosse, ele queria lucidamente morrer porque acreditava que morrendo derrotaria seu inimigo, quem quer que fosse ele. E compreendi que seu exemplo teria levado outros à morte. E só fiquei admirado de tanta firmeza porque ainda hoje não sei se neles prevalece um amor orgulhoso pela verdade em que acreditam, que os leva à morte, ou um orgulhoso desejo de morte, que os leva a testemunhar a própria verdade, qualquer que seja ela. E fico transtornado de admiração e de temor com isso.

Mas voltemos ao suplício, pois que agora estavam todos se dirigindo ao local onde ia ser preparada a morte.

O capitão e os seus arrastaram-no porta afora, vestido com sua pequena túnica, e parte dos botões desatados, e andava a passos largos e de cabeça baixa, recitando o seu ofício, como um dos mártires. E havia tanta gente, de não se acreditar, e muitos gritavam: "Não morras!" e ele respondia: "Quero morrer por Cristo", "Mas tu não estás morrendo por Cristo", diziam-lhe, e ele: "Mas pela verdade." Chegados a um lugar dito o canto do Proconsolo alguém lhe pediu para interceder com Deus por todos eles, e ele abençoou a multidão. E nos Fondamenti de Santa Liberata alguém lhe disse: "Tolo que és, crê no papa!" e ele respondeu: "Vocês fizeram desse vosso papa um deus" e acrescentou: "Esses vossos papalvos vos trazem bem curtidos" (que era um jogo de palavras, ou argúcia, que fazia dos papas animais, no dialeto toscano, conforme me explicaram): e todos se admiraram que caminhasse para a morte fazendo brincadeiras.

Em San Giovanni gritaram-lhe: "Salva a vida!" e ele respondeu: "Salvai-vos dos pecados!"; no Mercato Vecchio gritaram-lhe: "Salva, salva!" e ele respondeu: "Salvai-vos do inferno"; no Mercato Nuovo berraram-lhe: "Arrepende-te, arrepende-te", e ele respondeu: "Arrependei-vos das usuras." E chegado à Santa Croce viu os frades de sua ordem que estavam na escadaria e reprovou-os porque não seguiam a regra de São Francisco. E dentre eles, alguns davam de ombros, mas outros

cobriam de vergonha o rosto com o capuz.

E caminhando para a porta da Giustizia muitos lhe diziam: "Nega, nega, não queiras morrer"; e ele: "Cristo morreu por nós." E eles: "Mas tu não és Cristo, não deves morrer por nós!" e ele: "Mas eu quero morrer por ele." No jardim da Giustizia alguém lhe disse se não podia fazer como um certo frade seu superior que tinha negado, mas Michele respondeu que não negara, e vi muitos concordarem dentre a multidão e incitar Michele a ser forte, desse modo eu e muitos outros compreendemos que aqueles eram a sua gente, e nos afastamos.

Chegou-se, por fim, fora da porta e à nossa frente apareceu a pira, ou capannuccio como lá a chamavam, porque a lenha vinha disposta em forma de cabana, e ali se fez um círculo de cavaleiros armados para que as pessoas não se aproximassem demais. E naquele lugar ataram frei Michele à coluna. E ouvi ainda alguém gritar-lhe: "Mas o que é isso, por que queres morrer?" e ele respondeu: "Esta é uma verdade que habita dentro de mim, da qual não se pode dar testemunho a não ser morrendo." Atearam fogo. E frei Michele, que já tinha entoado o Credo, entoou depois o Te Deum. Cantou talvez uns oito versos, depois dobrou-se como se precisasse espirrar, e caiu por terra, porque tinham sido queimadas as amarras. E já estava morto, porque antes que o corpo se queime todo já se morre devido ao grande calor que faz estourar o coração e à fumaça que invade o peito.

Depois a cabana queimou completamente como uma tocha e houve um grande clarão, e não fosse pelo pobre corpo carbonizado de Michele, diria estar diante da sarça ardente. E estive tão perto de ter uma visão que (lembrei disso enquanto subia as escadas da biblioteca) vieram-me espontâneas aos lábios algumas palavras sobre o arrebatamento extático que lera nos livros de Santa Hildegarda: "A chama consiste numa esplêndida clareza, num ínsito vigor e num ígneo ardor, mas possui a esplêndida clareza para reluzir e o ígneo ardor para queimar."

Lembrei-me de algumas frases de Ubertino sobre o amor. A imagem de Michele na fogueira confundia-se com a de Dulcino, e a de Dulcino com a de Margherita, a bela. Senti de novo aquela inquietação que me tinha tomado na igreja.

Tentei não pensar nisso e prossegui decididamente em direção ao labirinto.

Estava penetrando ali sozinho pela primeira vez, as longas sombras projetadas pela lanterna sobre o pavimento me aterrorizaram tanto quanto as visões das

noites precedentes. Temia a cada instante defrontar-me com outro espelho, porque tamanha é a magia dos espelhos, que mesmo que saibas que são espelhos eles não param de inquietar-te.

Não tentava por outro lado orientar-me, nem evitar a sala dos perfumes que provocam as visões. Procedia como presa de febre, nem estava sabendo aonde queria ir. De fato, não me movi muito do ponto de partida, porque, logo depois, me encontrei na sala heptagonal pela qual tinha entrado. Ali, em cima de uma mesa, estavam dispostos alguns livros que não me parecia ter visto na noite anterior. Adivinhei serem obras que Malaquias retirara do scriptorium e não recolocara no lugar a elas destinado. Não sabia se estava muito distante da sala dos perfumes, porque sentia-me como que aturdido, talvez por algum eflúvio que chegasse até aquele ponto, ou então pelas coisas sobre as quais lucubrara até aquele instante. Abri um volume ricamente ilustrado que, pelo estilo, me parecia proveniente dos mosteiros da última Thule.

Fui atingido, numa página em que começava o santo evangelho do apóstolo Marcos, pela imagem de um leão. Era certamente um leão, ainda que nunca os tivesse visto em carne e osso, e o miniaturista reproduzira com fidelidade as feições, talvez inspirando-se na imagem dos leões de Hibernia, terra de criaturas monstruosas, e convenci-me de que esse animal, como por outro lado diz o Fisiólogo, concentra em si a um só tempo todos os caracteres das coisas mais horrendas e majestosas. De tal modo a imagem me evocava ao mesmo tempo a imagem do inimigo e a de Cristo Nosso Senhor, que nem sabia em que chave simbólica devia lê-la, e tremia inteiro, quer pelo medo, quer pelo vento que penetrava pelas fendas das paredes.

O leão que vi tinha uma boca hirta de dentes, e uma cabeça finamente lorigada como a das serpentes, o corpo imane que se mantinha sobre quatro patas de unhas pontudas e ferozes assemelhando-se, no velo, a um daqueles tapetes que mais tarde vi trazerem do oriente, em escamas vermelhas e cor de esmeralda, sobre as quais se desenhavam, amarelas como a peste, horríveis e robustos travamentos de ossos. Amarela também era a cauda, que se retorcia subindo das costas à cabeça, terminando numa última voluta de tufos brancos e pretos.

Já estava muito impressionado com o leão (e mais de uma vez me voltara para trás como se me fosse dado ver aparecer de repente um animal de tais feições), quando decidi examinar outras folhas e o olho caiu, no início do evangelho de Mateus, na imagem de um homem. Não sei por que esse me assustou mais ainda que o leão: o rosto era de homem, mas esse homem estava encouraçado numa

espécie de casula rígida que o cobria até os pés, e a casula ou couraça era incrustada de pedras duras vermelhas e amarelas. A cabeça, que emergia enigmática de um castelo de rubis e de topázios, apareceu-me (quanto o terror me tornou blasfemo!) como o assassino misterioso de quem perseguíamos os impalpáveis rastros. E depois compreendi por que estava ligando tão estreitamente a fera e o encouraçado ao labirinto: porque ambos, como todas as figuras daquele livro, emergiam de um tecido estampado de labirintos entrelaçados, onde linhas de ônix e esmeralda, fios de crisóprasos, fitas de berilo, pareciam todos aludir ao novelo de salas e corredores em que me achava. O meu olho perdia-se, na página, por atalhos resplendentes, como os meus pés estavam se perdendo na teoria inquietante das salas da biblioteca, e ver representado naqueles pergaminhos o meu vagar me encheu de inquietação e me convenceu de que cada um daqueles livros narrava, por misteriosas zombarias, a minha história daquele momento. "De te fabula narratur", disse a mim mesmo, e perguntei-me se aquelas páginas não conteriam já a história dos instantes futuros que me aguardavam.

Abri outro livro, e esse me pareceu da escola hispânica. As cores eram violentas, os vermelhos pareciam sangue ou fogo. Era o livro da revelação do apóstolo, e caí mais uma vez, como a noite anterior, na página da mulier amicta sole. Mas não era o mesmo livro, a miniatura era diferente, aqui o artista havia insistido mais demoradamente nas feições da mulher. Comparei-lhe o rosto, o seio, os flancos sinuosos, à estátua da Virgem que vira com Ubertino. O signo era diferente, mas também esta mulier pareceu-me belíssima. Pensei que não devia insistir nesses pensamentos, e virei algumas páginas. Encontrei outra mulher, mas dessa vez tratava-se da meretriz da Babilônia. Não me tocaram muito as feições, mas o pensamento de que ela era uma mulher como a outra, e no entanto esta era repositório de todo vício, e a outra receptáculo de toda virtude. Mas as feições eram mulíebres em ambos os casos, e a uma certa altura não fui mais capaz de compreender o que as distinguia. De novo experimentei uma agitação interior, a imagem da Virgem da igreja se sobrepôs àquela da bela Margherita. "Estou perdido!" disse a mim mesmo. Ou: "Estou louco." E decidi que não podia mais ficar na biblioteca.

Por sorte estava perto da escada. Precipitei-me para baixo arriscando-me a tropeçar e apagar o lume. Encontrei-me sob as amplas abóbadas do scriptorium, mas nem mesmo naquele ponto me contive e lancei-me abaixo pela escada que levava ao refeitório.

Ali fiquei, ofegante. Pelas vidraças penetrava a luz da lua, naquela noite luminosíssima, e quase não precisava mais do lume, indispensável, ao contrário, para as celas e cunículos da biblioteca. Contudo mantive-o aceso, como a procurar conforto. Mas ainda ofegava, e pensei que deveria beber água, para acalmar a tensão. Uma vez que a cozinha estava próxima, atravessei o refeitório e abri lentamente uma das portas que dava na segunda metade do andar térreo do Edifício.

E nesse momento o meu terror, em vez de diminuir, aumentou. Porque percebi de repente que alguém estava na cozinha, junto ao forno do pão: ou pelo menos percebi que naquele ângulo brilhava um lume, e cheio de medo apaguei o meu. Assustado como estava, incuti susto, e de fato o outro (ou os outros) apagou rapidamente o seu. Mas em vão, porque a luz da noite iluminava suficientemente a cozinha para esboçar à minha frente, no pavimento, uma ou mais sombras confusas.

Eu, enregelado, não ousava mais retroceder, nem avançar. Ouvi um balbuciar e pareceu-me ouvir, submissa, uma voz de mulher. Depois do grupo informe que se esboçava obscuramente junto ao forno, uma sombra escura e encorpada se destacou, e desapareceu pela porta de fora, que evidentemente estava entreaberta, fechando-a atrás de si.

Permaneci eu, no limite entre o refeitório e a cozinha, e algo de impreciso junto ao forno. Algo de impreciso e — como dizer? — gemente. Provinha de fato da sombra um gemido, quase um choro submisso, um soluçar rítmico, de medo.

Nada infunde mais coragem ao medroso que o medo alheio: mas não me movi em direção à sombra impelido por coragem. Diria antes, impelido por uma embriaguez não diferente daquela coisa parecida aos sufumígios que me surpreenderam na biblioteca, o dia anterior. Ou quem sabe não se tratasse das mesmas substâncias, mas sobre meus sentidos superexcitados elas tiveram o mesmo efeito. Sentia um azedume de traganta, alúmen e tártaro, que os cozinheiros usavam para aromatizar o vinho. Ou quem sabe, como soube depois, preparava-se naqueles dias a cerveja (que naquelas plagas, ao norte da península, gozava de certo prestígio) e produziam-na segundo a moda da minha terra, com érica, mirta de paul e alecrim de pântano selvático. Aromas esses que, mais do que as minhas narinas, inebriaram a minha mente.

Enquanto o meu instinto racional era o de gritar "vade retro!" e afastar-me da coisa gemente que certamente era um súcubo evocado pelo maligno, algo em

minha vis apetitiva impeliu-me para diante, como se quisesse ser partícipe de um portento.

Assim aproximei-me da sombra, até que, à luz da noite, que caía pelos janelões, percebi que era uma mulher, trêmula, que apertava ao peito com a mão um embrulho, e que se retraía, chorando, para a boca do forno.

Deus, a Virgem Bem-Aventurada e todos os santos do Paraíso assistam-me agora no contar o que me aconteceu. O pudor, a dignidade do meu estado (agora velho monge neste belo mosteiro de Melk, lugar de paz e serena meditação) me aconselhariam piedosíssimos cuidados. Deveria dizer simplesmente que algo de mau aconteceu, mas que não é honesto repetir o que foi, e não turvaria nem a mim nem ao meu leitor.

Mas prometi a mim mesmo contar, sobre aqueles fatos distantes, toda a verdade, e a verdade é indivisa, brilha por sua própria perspicuidade, e não consente ser reduzida à metade por nossos interesses e por nossa vergonha. O problema, aliás, é dizer o que aconteceu não como o vejo e o recordo agora (mesmo se ainda recordo tudo com impiedosa vivacidade, nem sei se é o arrependimento que se seguiu que fixou de modo tão vívido casos e pensamentos na minha memória, ou a falta daquele mesmo arrependimento que ainda me atormenta dando vida, na minha mente entristecida, a cada mínimo matiz da minha vergonha), mas tal como o vi e senti outrora. E posso fazê-lo com fidelidade de cronista, porque se fecho os olhos consigo repetir tudo quanto não só fiz, mas também pensei naqueles instantes, como se copiasse um pergaminho então escrito. Devo, por isso, proceder desse modo, e São Miguel Arcanjo me proteja: porque para a edificação dos leitores vindouros e a expiação da minha culpa, quero agora contar como um jovem pode se embaraçar nas tramas do demônio, para que elas venham a ser conhecidas e evidentes, e para que, quem ainda nelas se embarace, possa derrotá-las. Tratava-se, então, de uma mulher. O que estou dizendo, de uma menina. Tendo tido até aquele momento (e daí em diante, sejam dadas graças a Deus) pouca familiaridade com os seres daquele sexo, não sei dizer que idade pudesse ter. Sei que era jovem, quase adolescente, talvez tivesse dezesseis, ou dezoito primaveras, ou vinte talvez, e fui atingido pela impressão da humana realidade que emanava daquela figura. Não era uma visão, e me pareceu em todo caso valde bona. Talvez porque tremia como um passarinho no inverno, e chorava, e tinha medo de mim.

Assim, pensando que o dever de todo bom cristão é o de socorrer o seu próximo, dirigi-me a ela com muita doçura e em bom latim disse-lhe que não devia

ter medo porque eu era um amigo, e em todo caso não um inimigo, certamente não o inimigo como ela talvez imaginava.

Quem sabe pela mansuetude que se podia ler em meu olhar, a criatura se acalmou e se aproximou de mim. Vi que não compreendia o meu latim e por instinto dirigi-me a ela no meu vulgar alemão, e isso a deixou muito assustada, não sei se por causa dos sons ásperos, inusitados para as gentes daquelas plagas, ou porque os sons lhe recordavam alguma outra experiência com soldados da minha terra. Então sorri, achando que a linguagem dos gestos e do rosto era mais universal que a das palavras, e ela se aquietou. Sorriu para mim também e disse-me algumas palavras.

Eu conhecia pouquíssimo o seu vulgar, e de todo modo era diferente daquele que aprendera um pouco em Pisa, contudo percebi, pelo tom, que ela me dizia palavras ternas, e pareceu-me dizer qualquer coisa como: "Tu és jovem, tu és belo..." Acontece raramente a um noviço, que tenha passado toda sua infância num mosteiro, ouvir informações acerca da própria beleza, e, antes, é-se habitualmente advertido que a beleza corporal é fugaz e para se ter em pouca conta: mas as tramas do inimigo são infinitas e confesso que o aceno à minha venustidade, porquanto mendaz, penetrou docemente em meus ouvidos e provocou-me uma incontível emoção. Tanto mais que a menina, ao dizer aquilo, estendera a mão e com a ponta dos dedos roçara minha face, então totalmente imberbe. Experimentei como uma impressão de delíquio, mas naquele momento não consegui perceber sombra de pecado no meu coração. Tanto pode o demônio quando quer nos pôr à prova e apagar de nosso ânimo os rastros da graça.

O que experimentei? O que vi? Eu só lembro que as emoções do primeiro instante foram privadas de qualquer expressão, porque a minha língua e a minha mente não tinham sido educadas para nomear sensações daquele feitio. Até que não sobrevieram outras palavras interiores, ouvidas outrora e algures, certamente faladas para outros fins, mas que pareceram harmonizar admiravelmente com meu gáudio daquele momento, como se tivessem nascido consubstancialmente para exprimi-lo. Palavras que se tinham apinhado nas cavernas da minha memória subiram à superfície (muda) de meus lábios, e esqueci que elas haviam servido nas escrituras ou nas páginas dos santos para exprimir uma realidade bem mais fúlgida. Mas existia realmente diferença entre as delícias de que falaram os santos e aquelas que meu ânimo exagitado provara naquele instante? Naquele instante anulou-se em mim o senso vígil da diferença. Que é justamente, me parece, o signo do arrebatamento nos abismos da identidade.

De repente, a menina apareceu-me como a virgem negra mas bela de que fala o Cântico. Ela vestia uma roupinha lisa de tecido cru que se abria de modo bastante impudente no peito, e tinha no pescoço um colar feito de pedrinhas coloridas e, acho, vulgaríssimas. Mas a cabeça se erguia soberba sobre um colo branco como torre de marfim, seus olhos eram claros como as piscinas de Hesebon, seu nariz era uma torre do Líbano, as comas de sua cabeça como púrpura. Sim, sua cabeleira pareceu-me como um rebanho de cabras, seus dentes como rebanhos de ovelhas saindo do banho, todas emparelhadas, tanto que nenhuma delas estava à frente da companheira. E: "Como és bela, amada minha, como és bela", murmurei, "a tua cabeleira é como um rebanho de cabras que desce das montanhas de Galaad, como nastro de púrpura são os teus lábios, gomo de romã é a tua face, o teu pescoço é como a torre de David em que estão pensos mil escudos." E perguntava-me espantado e arrebatado quem era esta que se erguia diante de mim como a aurora, bela como a lua, fúlgida como o sol, terribilis ut castrorum acies ordinata.

Então, a criatura achegou-se a mim ainda mais, jogando a um canto o embrulho escuro que até então segurara apertado contra o peito, e ergueu ainda a mão para acariciar meu rosto, e repetiu mais uma vez as palavras que eu já tinha ouvido. E enquanto não sabia se me afastava ou me encostava ainda mais a ela, enquanto minha cabeça pulsava como se as trombetas de Josué estivessem para fazer desabar as muralhas de Jericó, e ao mesmo tempo eu ansiava e temia tocá-la, ela deu um sorriso de grande alegria, emitiu um gemido submisso de cabra enternecida, e desatou os laços que fechavam seu vestido no peito, e tirou o vestido do corpo como uma túnica, e ficou diante de mim como Eva devia ter aparecido a Adão no jardim do Éden. "Pulchra sunt ubera quae paululum supereminent et tument modice", murmurei repetindo a frase que ouvira de Ubertino, porque seus seios surgiram como dois veadinhos novos, duas gazelas gêmeas que pastavam entre os lírios, seu umbigo era uma taça redonda a que nunca falta o vinho temperado, seu ventre um punhado de grãos contornado de flores dos vales.

"O sidus clarum puellarum", gritei-lhe, "o porta clausa, fons hortorum, cella custos unguentorum, cella pigmentaria!" e me encontrei sem querer por cima de seu corpo sentindo-lhe o calor e o perfume acre de ungüentos jamais conhecidos. Lembrei-me: "Filhos, quando chega o louco amor, nada pode o homem!" e compreendi que, fosse o que eu provara trama do inimigo ou dom celeste, já não podia fazer nada para resistir ao impulso que me movia e: "Oh, langueo", gritei, e:

"Causam languoris video nec caveo!" mesmo porque um odor róseo expirava de seus lábios e eram belos os seus pés nas sandálias, e as pernas eram como colunas e como colunas eram as sinuosidades dos seus flancos, obra de mão do artista. Oh, amor, filha de delícias, um rei ficou preso em tuas tranças, murmurava para mim mesmo, e estive entre seus braços, e caímos juntos sobre o pavimento nu da cozinha e, não sei se por iniciativa minha ou por artes dela, me achei livre do meu hábito de noviço e não sentimos vergonha de nossos corpos et cuncta erant bona.

E ela me beijou com os beijos de sua boca, e os seus amores foram mais deliciosos do que o vinho e ao olfato eram deliciosos os seus perfumes, e era belo o seu pescoço entre as pérolas e suas faces entre os pingentes, como és bela amada minha, como és bela, os teus olhos são pombas (eu dizia), e deixa-me ver a tua face, deixa-me ouvir a tua voz, pois a tua voz é harmoniosa e a tua face encantadora, deixaste-me louco de amor, minha irmã, deixaste-me louco com um olhar teu, com um único adereço de teu pescoço, favo gotejante são os teus lábios, leite e mel são a tua língua, o perfume do teu hálito é como o dos pomos, os teus seios em cachos, os teus seios como cachos de uva, o teu palato um vinho precioso que atinge diretamente o meu amor e flui nos lábios e nos dentes... Fonte do jardim, nardo e açafrão, canela e cinamomo, mirra e aloé, eu comia o meu favo e o meu mel, bebia o meu vinho e o meu leite, quem era ela que se erguia como a aurora, bela como a lua, fúlgida como o sol, terrível como colunas vexilárias?

Oh, Senhor, quando a alma é arrebatada, a única virtude está no amar o que se vê (não é verdade?), a suma felicidade no ter o que se tem, a vida bem-aventurada bebe de sua própria fonte (não foi dito?), degusta-se a verdadeira vida que depois desta mortal nos caberá viver ao lado dos anjos na eternidade... Assim pensava ou me parecia que as profecias se realizavam, enfim, enquanto a menina me cumulava de doçuras indescritíveis e era como se o meu corpo todo fosse um olho na frente e atrás e visse as coisas circunstantes de repente. E compreendia que disso, que é o amor, se produzem a um tempo a unidade e a suavidade e o bem e o beijo e o abraço, como já tinha ouvido dizer, acreditando que me falavam de outra coisa. E somente por um instante, enquanto minha alegria estava prestes a atingir o zênite, me veio a idéia que talvez estivesse experimentando, e à noite, a possessão do demônio meridiano, condenado enfim a se mostrar em sua própria natureza de demônio à alma, que em êxtase pergunta "quem és?", ele que sabe arrebatar a alma e iludir o corpo. Mas logo me convenci que diabólicas eram certamente as minhas hesitações, porque nada podia ser mais justo, melhor, mais santo do que aquilo que estava provando e cuja doçura crescia de momento a

momento. Como uma pequena gota d'água infusa numa quantidade de vinho se perde inteira para tomar cor e sabor de vinho, como o ferro incandescente e afogueado se torna semelhante ao fogo perdendo sua forma primitiva, como o ar quando inundado pela luz do sol é transformado em máximo esplendor e em igual clareza, a ponto de não parecer mais iluminado porém ser a própria luz, assim eu me sentia morrer de terna liquefação, tanto que me restou apenas a força para murmurar as palavras do salmo: "Eis, o meu peito é como vinho novo, sem frincha de luz, que rompe odres novos", e de repente vi uma luz resplandecente e nela uma forma cor de safira que se inflamava toda de um fogo rutilante e suavíssimo, e aquela luz esplêndida se difundia por todo o fogo rutilante, e o fogo rutilante pela forma resplendente, e a luz fulgidíssima e o fogo rutilante pela forma inteira.

Enquanto, quase desvanecido, caía sobre o corpo ao qual me unira, compreendi num último sopro de vitalidade que a chama consiste em uma esplêndida claridade, de um ínsito vigor e de um ígneo ardor, mas possui a esplêndida claridade para reluzir e o ígneo ardor para queimar. Depois compreendi o abismo, e os abismos ulteriores que ele invocava.

Agora que, com a mão que treme (e não sei se pelo horror do pecado de que falo ou pela culpada nostalgia do fato que rememoro), escrevo estas linhas, percebo ter usado as mesmas palavras para descrever o meu torpe êxtase daquele instante, que usei, não muitas páginas atrás, para descrever o fogo que queimava o corpo mártir do fraticello Michele. Nem é por acaso que minha mão, dócil executora da alma, tenha estilado as mesmas expressões para duas experiências tão disformes, porque provavelmente do mesmo modo as vivi então, quando as percebi, e há pouco, quando tentava fazê-las reviver ambas no pergaminho.

Há uma misteriosa sabedoria pela qual fenômenos díspares entre si podem ser nomeados com palavras análogas, a mesma pela qual as coisas divinas podem ser designadas com nomes terrenos, e por símbolos equívocos Deus pode ser dito leão ou leopardo, e a morte ferida, e a alegria chama, e a chama morte, e a morte abismo, e o abismo perdição e a perdição delíquio e o delíquio paixão.

Por que eu, rapaz, nomeava o êxtase de morte que me atingira no mártir Michele com as palavras com que a santa nomeara o êxtase de vida (divina), mas com as mesmas palavras não podia deixar de nomear o êxtase (culpado e passageiro) do gozo terreno, que por sua vez logo depois me parecera sensação de morte e anulação? Eu tento agora raciocinar sobre o modo como percebi, a poucos meses de distância, duas experiências, ambas exaltantes e dolorosas, e sobre o modo como naquela noite, na abadia, rememorei uma e percebi sensivelmente a

outra, a poucas horas de distância, e ainda o modo pelo qual, ao mesmo tempo, as revivi agora, estilando estas linhas, e como nos três casos as tenha recitado a mim mesmo com as palavras da experiência diferente de uma alma santa que se anulava na visão da divindade. Talvez tenha blasfemado (outrora, agora)? O que existia de semelhante no desejo de morte de Michele, no arrebatamento que provei à vista da chama que o consumia, no desejo de conjunção carnal que experimentei com a menina, no místico pudor com que o traduzia alegoricamente, e no mesmo desejo de anulação jubilosa que levava a santa a morrer do próprio amor para viver mais demorada e eternamente? É possível que coisas tão equívocas possam ser ditas de modo tão unívoco? E no entanto é isso, parece, o ensinamento que nos deixaram os maiores dentre os doutores: omnis ergo figura tanto evidentius veritatem demonstrat quanto apertius per dissimilem similitudinem figuram se esse et non veritatem probat. Mas se o amor da chama e do abismo são figura do amor de Deus, podem ser figura do amor da morte e do amor do pecado? Sim, assim como o leão e a serpente são a um mesmo tempo figura quer de Cristo, quer do demônio. É que a correção da interpretação não pode ser fixada a não ser pela autoridade dos pais, e no caso em que me torturo não tenho auctoritas à qual a minha mente obediente possa refazer-se, e ardo na dúvida (e ainda a figura do fogo intervém para definir o vazio de verdade e a plenitude de erro que me anulam!). O que aconteceu, ó senhor, no meu ânimo, agora que me deixo tomar pelo vórtice das recordações e junto conflagro tempos diferentes, como se estivesse a alterar a ordem dos astros e a seqüência de seus movimentos celestes? Certamente, supero os limites de minha inteligência pecadora e doente. Ora, voltemos à tarefa que humildemente me propusera. Estava contando daquele dia e da total confusão dos sentidos em que abismei. Bem, falei do que me lembrei naquela ocasião, e a isso se limita a minha débil pena de fiel e veraz cronista.

Jazi, não sei por quanto tempo, a menina ao meu lado. Com um movimento leve sua mão continuava a tocar o meu corpo, agora molhado de suor. Experimentava uma exultância interior, que não era paz, mas como o último arder submisso de um fogo que tardasse a se extinguir por sob as cinzas, quando a chama já está morta. Não hesitaria em chamar de bem-aventurado àquele a quem fosse concedido experimentar algo de semelhante (murmurava como no sono), mesmo raramente, nesta vida (e de fato provei-o somente aquela vez), e apenas muito rapidamente, e pelo espaço de um único instante. Quase não existindo, não sentindo a si mesmo em nada, rebaixar-se, quase anular-se, e se algum dos

mortais (eu me dizia) pudesse por um único instante e muito rapidamente degustar o que eu degustei, logo olharia com maus olhos este mundo perverso, seria perturbado pela malícia do viver quotidiano, sentiria o peso do corpo de morte... Não era assim que me fora ensinado? Aquele convite de todo meu espírito para perder-se na beatitude era decerto (agora o sei) a irradiação do sol eterno, e a alegria que ele produz, abre, distende, engrandece o homem, e a garganta escancarada que o homem traz em si próprio não se fecha mais com tanta felicidade, é a ferida aberta pelo golpe de espada do amor, nem existe aqui embaixo outra coisa que seja mais doce e terrível. Mas tal é o direito do sol, ele dardeja o ferido com seus raios e todas as dobras de sua pele se alargam, o homem se abre e se dilata, suas próprias veias são escancaradas, suas forças não estão mais em condição de executar as ordens que recebem, mas são movidas unicamente pelo desejo, o espírito arde abismado no abismo do que agora toca, vendo o próprio desejo e a própria verdade superados pela realidade que viveu e que vive. E se assiste estupefato ao próprio delíquio.

Foi imerso em tais sensações de indescritível gáudio interior que adormeci.

Reabri os olhos um pouco depois e a luz da noite, quiçá por causa de uma nuvem, estava muito fraca. Estendi a mão ao meu lado e não senti mais o corpo da mocinha. Virei a cabeça: não estava mais ali.

A ausência do objeto que tinha desencadeado o meu desejo e saciado a minha sede fez-me perceber de repente seja a vanidade daquele desejo, seja a perversidade daquela sede. Omne animal triste post coitum. Tomei consciência do fato de que havia pecado. Agora, após anos e anos de distância, enquanto ainda choro amargamente a minha falta, não posso esquecer aquela noite em que provei um imenso júbilo e estaria ofendendo o Altíssimo, que criou todas as coisas em bondade e beleza, se não admitisse que, mesmo naquela vicissitude de dois pecadores, aconteceu algo que em si, naturaliter, era bom e belo. Mas talvez seja a minha velhice atual que me faz sentir culposamente como belo e bom tudo aquilo que foi de minha juventude. Enquanto deveria volver o meu pensamento para a morte, que se aproxima. Então, jovem, não pensei na morte, mas vivaz e sinceramente, chorei pelo meu pecado.

Levantei-me tremendo, também porque estivera um tempo demorado sobre as pedras gélidas da cozinha e o corpo se me enregelara. Tornei a vestir-me, quase

febricitante. Descobri então, num canto, o embrulho que a moça tinha abandonado ao fugir. Abaixei-me para examinar o objeto: era uma espécie de pacote feito de tela enrolada, que parecia vir das cozinhas. Desembrulhei-o, e no ato não compreendi o que estava lá dentro, seja por causa da pouca luz, seja pela forma informe de seu conteúdo. Depois compreendi: entre grumos de sangue e nesgas de carne mais flácida e esbranquiçada, estava diante dos meus olhos, morto, mas ainda palpitante da vida gelatinosa das vísceras mortas, sulcado de nervuras lívidas, um coração, de grandes dimensões.

Um véu escuro desceu-me sobre os olhos, uma saliva ácida me subiu à boca. Dei um grito e caí como cai um corpo morto.

Terceiro dia

NOITE

Onde Adso, transtornado, se confessa com Guilherme
e medita sobre a função da mulher no plano da criação,
depois porém descobre o cadáver de um homem.

Recobrei-me com alguém que me banhava o rosto. Era frei Guilherme, que trazia um lume, e me colocara algo sob a cabeça.

"O que aconteceu, Adso", perguntou-me, "que andas de noite a roubar miúdos na cozinha?"

Resumindo, Guilherme acordara, procurara-me não sei mais por que razão e, não me encontrando, suspeitou que eu tivesse ido fazer alguma bravata na biblioteca. Aproximando-se do Edifício, pelo lado da cozinha, tinha visto uma sombra que saía da porta em direção ao horto (era a moça que estava se afastando, talvez porque tinha ouvido alguém se aproximar). Tentara saber quem era, e segui-la, mas ela (ou seja, aquela que para ele era uma sombra) se afastara para as muralhas e desaparecera.

Então Guilherme — após uma exploração nos arredores — entrara na cozinha e lá me encontrara desfalecido.

Quando lhe mostrei, ainda aterrorizado, o embrulho com o coração, balbuciando sobre um novo crime, pôs-se a rir: "Adso, mas que homem teria um coração tão grande? É um coração de vaca, ou de boi, mataram um animal justamente hoje! Aliás, o que está ele fazendo na tua mão?"

Naquele momento, oprimido pelos remorsos, além de aturdido pelo grande medo, desatei num choro incontido e pedi que me administrasse o sacramento da confissão. O que foi feito, e eu lhe contei tudo sem ocultar-lhe nada.

Frei Guilherme escutou-me com grande seriedade, mas com uma sombra de indulgência. Quando terminei, fez o rosto sério e disse-me: "Adso, tu pecaste, é claro, quer contra o mandamento que te impõe não fornicar, quer contra os teus

deveres de noviço. Para tua desculpa, há o fato de que te achaste numa daquelas situações em que teria se perdido mesmo um padre no deserto. E sobre a mulher como estímulo de tentações, já falaram o suficiente as escrituras. Da mulher diz o Eclesiastes que sua conversa é como fogo ardente, e os Provérbios dizem que ela se apodera da alma preciosa do homem e que os mais fortes foram arruinados por ela. E disse mais o Eclesiastes: descobre que mais amarga que a morte é a mulher, e que é como um laço dos caçadores, o seu coração é como uma rede, as suas mãos são cordas. E outros disseram que ela é barca do demônio. Visto isso, caro Adso, eu não consigo convencer-me de que Deus tenha querido introduzir na criação um ser tão imundo sem dotá-lo de alguma virtude. E não posso deixar de refletir sobre o fato de que Ele concedeu-lhe muitos privilégios e motivos de apreço, dos quais três pelo menos grandíssimos. De fato criou o homem neste mundo vil, do barro, e a mulher num segundo tempo, no paraíso e de nobre matéria humana. E não a formou dos pés ou dos interiores do corpo de Adão, mas da costela. Em segundo lugar, o Senhor, que tudo pode, teria podido encarnar-se diretamente num homem de modo miraculoso, e escolheu ao contrário habitar o ventre de uma mulher, sinal de que não era tão imunda assim. E quando apareceu após a ressurreição, apareceu a uma mulher. E por fim, na glória celeste, nenhum homem será rei naquela pátria, e será rainha ao contrário uma mulher que nunca pecou. Se portanto o Senhor teve tantas atenções para com a própria Eva e para com suas filhas, é tão anormal que nós também nos sintamos atraídos pelas graças e pela nobreza desse sexo? O que quero te dizer, Adso, é que certamente não deves mais fazê-lo, mas que não é tão monstruoso que tu tenhas sido tentado a fazê-lo. E por outro lado que um monge, pelo menos uma vez em sua vida, tenha tido experiência da paixão carnal, de modo a poder ser um dia indulgente e compreensivo com os pecadores a quem dará conselho e conforto... pois bem, caro Adso, é coisa de não auspiciar antes que advenha, mas tampouco de vituperar demasiado depois que tenha advindo. E por isso vai com Deus e não falemos mais no assunto. Mas antes, para não ficar meditando demasiado sobre algo que será melhor esquecer, se o conseguires", e pareceu-me que nesse momento sua voz se enfraquecia como por alguma comoção interna, "perguntemo-nos antes o sentido do que aconteceu esta noite. Quem era aquela moça e com quem tinha encontro?"

"Isso eu não sei, e não vi o homem que estava com ela", disse.

"Bem, mas podemos deduzir quem era por muitos indícios claríssimos. Antes de tudo era um homem feio e velho, com quem uma mocinha não vai de boa vontade, especialmente se é bela como tu o dizes, ainda que pareça, meu caro lobinho, que

tu estavas propenso a achar requintada qualquer comida."

"Por que feio e velho?"

"Porque a moça não ia com ele por amor, mas por um pacote de rins. Certamente era uma moça do vilarejo que, talvez pela primeira vez, se concedesse a um monge luxurioso por fome, e recebesse como recompensa disso algo para pôr na boca, ela e sua família."

"Uma meretriz!" disse horrorizado.

"Uma camponesa pobre, Adso. Quem sabe com irmãozinhos para alimentar. E que, podendo, se daria por amor e não por lucro. Como fez esta noite. De fato me dizes que te achou jovem e belo, e te deu grátis e por amor a ti o que para os outros teria ao contrário dado por um coração de boi e um pedaço de bofe. E sentiu-se tão virtuosa pelo dom gratuito que fez de si, e aliviada, que fugiu sem levar nada em troca. Eis por que penso que o outro, ao qual te comparou, não fosse nem jovem nem belo."

Confesso que, embora meu arrependimento fosse vivíssimo, aquela explicação encheu-me de dulcíssimo orgulho, mas calei e deixei meu mestre continuar.

"Esse velhusco feio devia ter a possibilidade de descer ao vilarejo e ter contatos com os camponeses, por algum motivo conexo ao seu ofício. Devia conhecer o modo de fazer entrar e sair gente pela muralha, e saber que na cozinha haveria miúdos (e talvez amanhã seria dito que, a porta permanecendo aberta, um cão tinha entrado e os comera). E por fim devia ter um certo senso de economia, e um certo interesse em que a cozinha não fosse privada de víveres mais preciosos, de outro modo lhe teria dado uma bisteca ou uma outra parte mais saborosa. E então vês que a imagem de nosso desconhecido se esboça com muita clareza e que todas essas propriedades, ou acidentes, convêm bastante a uma substância que não teria medo em definir como o nosso celeireiro, Remigio de Varagine. Ou, caso esteja errado, como o nosso misterioso Salvatore. O qual dentre outras coisas, sendo dessas bandas, sabe falar bastante bem com as gentes do lugar e sabe convencer uma mocinha a fazer o que pretendia que ela fizesse, caso tu não tivesses chegado."

"É isso mesmo", disse eu convencido, "mas de que nos serve sabê-lo agora?"

"De nada. E de tudo", disse Guilherme. "A história pode ter ou não ter a ver com os crimes de que nos ocupamos. Por outro lado, se o celeireiro foi dulciniano, isso explica aquilo e vice-versa. E sabemos agora, por fim, que a abadia, de noite, é lugar de muitas e errabundas vicissitudes. E quem sabe se o nosso celeireiro, ou Salvatore, que a percorrem no escuro com tanta desenvoltura, não conhecem, em

todo caso, mais coisas do que dizem."

"Mas dirão a nós?"

"Não, se nos comportarmos de modo compassivo, ignorando o pecado deles. Mas se precisamos saber alguma coisa, temos nas mãos um modo de persuadi-los a falar. Em outras palavras, se houver necessidade, o celeireiro ou Salvatore são nossos, e Deus nos perdoará essa prevaricação, visto que perdoa muitas outras coisas", disse, e me fitou com malícia, nem eu tive ânimo de fazer observações sobre a conveniência daqueles seus propósitos.

"E agora precisaríamos ir para a cama, porque dentro de uma hora são as matinas. Mas vejo-te ainda agitado, meu pobre Adso, ainda temeroso do teu pecado... Não há nada como uma boa pausa na igreja para distender o teu ânimo. Eu te absolvi, mas nunca se sabe. Vai pedir confirmação ao Senhor." E deu-me um tapa até certo ponto enérgico na cabeça, quem sabe como prova de paterno e viril afeto, quem sabe como indulgente penitência. Ou quem sabe (como culpadamente pensei naquele momento) por uma espécie de inveja benigna, de homem sedento por experiências novas e vivazes que era.

Dirigimo-nos à igreja, saindo pelo nosso caminho habitual, que percorri depressa fechando os olhos, porque todos aqueles ossos me lembravam com demasiada evidência, naquela noite, como também eu fosse pó e quão desvairado tinha sido o orgulho da minha carne.

Chegados à nave, enxergamos uma sombra diante do altar-mor. Pensei que fosse ainda Ubertino. Ao contrário era Alinardo, que de início não nos reconheceu. Disse que agora era incapaz de dormir, e tinha decidido passar a noite rezando pelo jovem monge desaparecido (não se lembrava sequer seu nome). Rezava por sua alma, se estivesse morto, pelo seu corpo, se estivesse enfermo e sozinho, nalgum canto.

"Muitos mortos", disse, "mortos demais... Mas estava escrito no livro do apóstolo. Com a primeira trombeta veio o granizo, com a segunda, a terceira parte do mar virou sangue, e um foi encontrado no granizo, o outro no sangue... A terceira trombeta adverte que uma estrela ardente cairá na terceira parte dos rios e das fontes. Assim vos digo, desapareceu o nosso terceiro irmão. E temei pelo quarto, porque será atingida a terceira parte do sol, e da lua e das estrelas, de modo que ficará escuro quase completo..."

Enquanto saíamos pelo transepto, Guilherme perguntou-se se nas palavras do ancião não haveria algo de verdadeiro.

"Mas", fi-lo notar, "isso pressuporia que uma única mente diabólica, usando o

Apocalipse como guia, tivesse predisposto os três desaparecimentos, admitindo que Berengário também esteja morto. Ao contrário, sabemos que o de Adelmo deveu-se à sua própria vontade...”

“É verdade”, disse Guilherme, “mas a mesma mente diabólica, ou doente, poderia ter-se inspirado na morte de Adelmo para organizar de modo simbólico as outras duas. E se assim fosse, Berengário deveria se encontrar num rio ou numa fonte. E não há rios e fontes na abadia, pelo menos não tais que alguém possa se afogar ou ser afogado...”

“Há somente a casa de banhos”, observei como por acaso.

“Adso!” disse Guilherme, “sabes que esta pode ser uma idéia? A casa de banhos!”

“Mas já examinaram lá...”

“Vi os servos de manhã quando faziam suas buscas, abriram a porta da casa de banhos e deram uma olhada em torno, sem esquadrinhar, não esperavam precisar procurar algo bem escondido, esperavam um cadáver que jazesse teatralmente nalgum lugar, como o cadáver de Venâncio na tina... Vamos dar uma olhada, ainda está escuro e me parece que a nossa lanterna está ardendo com força.”

Assim fizemos, e abrimos sem dificuldade a porta da casa de banhos, atrás do hospital.

Abrigadas umas das outras mediante amplas cortinas, ficavam as banheiras, não lembro quantas. Os monges as usavam para sua higiene, quando a regra fixava-lhes o dia, e Severino as usava por razões terapêuticas, porque nada como um banho para acalmar o corpo e a mente. Um fogão num canto permitia facilmente escaldar a água. Encontramo-lo sujo de cinza fresca, e diante dele jazia um grande caldeirão revirado. A água era atingível por uma fonte, num canto.

Olhamos nas primeiras banheiras, que estavam vazias. Somente a última, escondida pela cortina puxada, estava cheia e ao lado jazia, amontoada, uma veste. À primeira vista, à luz de nossa lâmpada, a superfície do líquido nos pareceu calma: mas quando o lume se abateu sobre ela entrevimos no fundo, exânime, um corpo humano, nu. Puxamo-lo lentamente para fora; era Berengário. E esse, disse Guilherme, tinha realmente a cara de um afogado. As feições do rosto estavam inchadas. O corpo, branco e mole, sem pêlos, parecia o de uma mulher, exceto o espetáculo obsceno das flácidas pudendas. Corei, depois tive um arrepio. Persignei-me, enquanto Guilherme abençoava o cadáver.

QUARTO DIA

Quarto dia

LAUDES

Onde Guilherme e Severino examinam o cadáver
de Berengário, descobrem que está com a língua preta,
coisa singular para um afogado. Depois discutem
sobre venenos dolorosíssimos e sobre um remoto furto.

Não me demorarei em dizer como informamos o Abade, como a abadia inteira acordou antes da hora canônica, dos gritos de horror, do susto e da dor que se viam no rosto de cada um, como a notícia se propagou para todo o povo da esplanada, com servos que se persignavam e pronunciavam esconjuros. Não sei se àquela manhã desenvolveu-se o primeiro ofício de acordo com as regras, e quem tomou parte dele. Eu acompanhei Guilherme e Severino que mandaram envolver o corpo de Berengário e ordenaram que o estendessem sobre uma mesa do hospital.

Tendo se afastado o Abade e os outros monges, o herborista e meu mestre examinaram demoradamente o cadáver, com a frieza dos homens da medicina.

"Morreu afogado", disse Severino, "não há dúvidas. O rosto está inchado, o ventre está teso..."

"Mas não foi afogado por outros", observou Guilherme, "de outro modo teria se rebelado contra a violência do homicida, e teríamos encontrado marcas d'água espalhadas ao redor da banheira. E ao contrário tudo estava arrumado e limpo, como se Berengário tivesse esquentado a água, preparado o banho e se acomodado por sua própria vontade."

"Isso não me admira", disse Severino. "Berengário sofria de convulsões, e eu próprio tinha-lhe dito várias vezes que os banhos tépidos servem para acalmar a excitação do corpo e do espírito. Diversas vezes pedira-me licença para ir à casa de banhos. Assim poderia ter feito essa noite..."

"A noite passada", observou Guilherme, "porque este corpo — estás vendo — ficou n'água pelo menos um dia..."

"É possível que tenha sido a noite passada", conveio Severino. Guilherme colocou-o parcialmente a par dos acontecimentos da noite anterior. Não lhe disse que estivéramos furtivamente no scriptorium mas, ocultando-lhe algumas circunstâncias, disse-lhe que tínhamos perseguido uma figura misteriosa que nos roubara um livro. Severino entendeu que Guilherme estava lhe dizendo apenas uma parte da verdade, mas não fez outras perguntas. Observou que a agitação de Berengário, se era ele o ladrão misterioso, podia tê-lo induzido a buscar a tranqüilidade de um banho restaurador. Berengário, observou, era de natureza muito sensível, às vezes uma contrariedade ou uma emoção provocava-lhe tremores, suores frios, virava os olhos e caía por terra cuspindo uma baba esbranquiçada.

"Em todo caso", disse Guilherme, "antes de vir aqui esteve nalgum outro lugar, porque não vi na casa de banhos o livro que roubou."

"Sim", confirmei com um certo orgulho, "ergui sua veste que estava ao lado da banheira, e não encontrei traços de qualquer objeto volumoso."

"Muito bem", sorriu-me Guilherme. "Portanto esteve nalgum outro lugar. Depois, admitamos que para acalmar a própria agitação, e quem sabe para escapar às nossas buscas, tenha se enfiado na casa de banhos e imergido na água. Severino, achas que o mal de que sofria era suficiente para fazê-lo perder os sentidos e afogar-se?"

"Poderia ser", observou Severino com certa dúvida. "Por outro lado, se tudo aconteceu há duas noites, poderia ter havido água ao redor da banheira, que depois secou. Desse modo não podemos excluir que tenha sido afogado a viva força."

"Não", disse Guilherme. "Já viste um assassinado que, antes de se deixar afogar, tire as próprias roupas?" Severino balançou a cabeça, como se aquele argumento não tivesse lá muito valor. Há alguns instantes estava examinando as mãos do cadáver: "Eis uma coisa curiosa..." disse.

"Qual?"

"Outro dia examinei as mãos de Venâncio, quando o corpo tinha sido limpo do sangue, e notei um particular a que não dei muita importância. As pontas de dois dedos da mão direita de Venâncio estavam escuras, como enegrecidas por uma substância parda. Exatamente, vês?, como agora as pontas de dois dedos de Berengário. Aliás, aqui temos também algumas marcas no terceiro dedo. Então pensei que Venâncio tivesse tocado em tintas no scriptorium..."

"Muito interessante", observou Guilherme pensativo, aproximando os olhos dos

dedos de Berengário. A aurora estava surgindo, a luz de dentro estava fraca ainda, meu mestre sofria evidentemente com a falta de suas lentes. "Muito interessante", repetiu. "O indicador e o polegar estão escuros nas pontas, o médio apenas na parte interna, e levemente. Mas há traços mais fracos também na mão esquerda, pelo menos no indicador e no polegar."

"Se fosse somente a mão direita, seriam os dedos de quem segura algo pequeno, ou fino e comprido..."

"Como um estilo. Ou uma comida. Ou um inseto. Ou uma cobra. Ou um ostensório. Ou um bastão. Muitas coisas. Mas se há sinais também na outra mão poderia ser também uma taça, a direita a segura firme e a esquerda colabora com menor força..."

Severino agora esfregava levemente os dedos do morto, mas a cor escura não desaparecia. Notei que calçara um par de luvas, que provavelmente usava quando manuseava substâncias venenosas. Cheirava, mas sem tirar daí qualquer sensação. "Poderia te citar muitas substâncias vegetais (e também minerais) que deixam marcas desse tipo. Algumas letais, outras não. Os miniaturistas têm às vezes os dedos sujos de pó de ouro..."

"Adelmo era miniaturista", disse Guilherme. "Imagino que diante de seu corpo esfacelado tu não tenhas pensado em examinar-lhe os dedos. Mas os outros poderiam ter tocado em alguma coisa que pertencera a Adelmo."

"Realmente não sei", disse Severino. "Dois mortos, ambos com os dedos pretos. O que deduzes daí?"

"Não deduzo nada: nihil sequitur geminis ex particularibus unquam. Seria preciso fazer remontar ambos os casos a uma regra. Por exemplo: existe uma substância que preteja os dedos de quem a toca..."

Terminei triunfante o silogismo: "...Venâncio e Berengário têm os dedos enegrecidos, ergo tocaram nessa substância!"

"Muito bem, Adso", disse Guilherme, "pena que o teu silogismo não seja válido, porque aut semel aut iterum medium generaliter esto, e nesse silogismo o termo médio nunca aparece como geral. Sinal que escolhemos mal a premissa maior. Não devia dizer: todos os que tocam uma certa substância têm os dedos pretos, porque poderia haver pessoas com os dedos pretos e que não tocaram a substância. Devia dizer: todos os que e somente todos os que têm os dedos pretos tocaram certamente uma dada substância. Venâncio e Berengário etc. Com o que teríamos um Darii, um excelente terceiro silogismo de primeira figura."

"Então temos a resposta!" disse eu todo contente.

"Arre, Adso, como te fias nos silogismos! Temos só e novamente a questão. Isto é, levantamos a hipótese de que Venâncio e Berengário tenham tocado na mesma coisa, hipótese bastante razoável. Mas uma vez que tenhamos imaginado uma substância que, única entre todas, provoca esse resultado (o que ainda está para ser apurado) não sabemos qual é e onde eles a encontraram, e por que a tocaram. E repara bem, não sabemos sequer se depois é a substância que tocaram aquela que os levou à morte. Imagina que um louco quisesse matar todos os que tocam em ouro em pó. Diríamos que é o ouro em pó que mata?"

Fiquei confuso. Sempre acreditara que a lógica fosse uma arma universal, e percebia agora como sua validade dependia do modo como era usada. Por outro lado, freqüentando meu mestre, dera-me conta, e cada vez mais me dei conta nos dias que seguiram, que a lógica podia ser muito útil conquanto fosse possível entrar dentro dela e depois dela sair.

Severino, que certamente não era um bom lógico, enquanto isso refletia de acordo com sua própria experiência: "O universo dos venenos é variado como variados são os mistérios da natureza", disse. Apontou para uma série de vasos e ampolas que já admiráramos uma vez, dispostos em boa ordem nas estantes ao longo das paredes, junto de muitos volumes. "Como já te disse, muitas dessas ervas, devidamente compostas e dosadas, poderiam resultar beberagens e ungüentos mortais. Eis lá embaixo, datura stramo-nium, beladona, cicuta: podem causar sonolência, excitação, ou ambas; administradas com cuidado são ótimos medicamentos, em doses excessivas levam à morte. Ali há a fava-de-santo-inácio, a angustura pseudoferrugínea, a nux vomica, que poderiam cortar a respiração..."

"Mas nenhuma dessas substâncias deixaria sinais nos dedos?"

"Nenhuma, creio. Depois há substâncias que se tornam perigosas apenas se ingeridas e outras que, ao contrário, agem sobre a pele. O heléboro branco pode provocar vômitos em quem o pega para arrancá-lo da terra. Há as begônias que quando estão em flor provocam embriaguez nos jardineiros que as tocam, como se tivessem bebido vinho. O heléboro negro, só de tocá-lo, provoca a diarréia. Outras plantas causam palpitações do coração, outras da cabeça, outras ainda tolhem a voz. Ao contrário, o veneno da víbora, aplicado na pele sem penetrar no sangue, produz apenas uma ligeira irritação... Mas uma vez me mostraram um composto que, aplicado na parte interior das coxas de um cão, próximo dos genitais, leva o animal à morte em pouco tempo em meio a convulsões atrozes, com os membros que se enrijecem devagarinho..."

"Sabes muitas coisas sobre venenos", observou Guilherme com um tom de voz

que parecia admirado. Severino fitou-o e sustentou seu olhar por alguns instantes: "Sei aquilo que um médico, um herborista, um cultor de ciências da saúde humana deve saber."

Guilherme permaneceu pensativo um tempo. Depois pediu a Severino para abrir a boca do cadáver, e para examinar-lhe a língua. Severino, curioso, usou uma espátula fina, um dos instrumentos de sua arte médica, e executou. Deu um grito de estupor: "A língua está preta!"

"Então é assim", murmurou Guilherme. "Pegou algo com os dedos e o ingeriu... Isso elimina os venenos que citaste antes, os que matam penetrando através da pele. Mas não torna mais fáceis as nossas induções. Porque agora devemos pensar, para ele e para Venâncio, num gesto voluntário, não casual, não devido à distração ou à imprudência, nem induzido pela violência. Pegaram alguma coisa e a introduziram na boca, sabendo o que faziam..." "Uma comida? Uma bebida?"

"Talvez. Ou talvez... que sei eu? um instrumento musical como uma flauta..."

"Absurdo", disse Severino.

"Claro que é absurdo. Mas não devemos descuidar de nenhuma hipótese, por extraordinária que seja. Agora, porém, tentemos remontar à matéria venéfica. Se alguém que conheça os venenos como tu tivesse se introduzido aqui e tivesse usado algumas dessas tuas ervas, teria podido compor um ungüento mortal capaz de produzir aqueles sinais nos dedos e na língua? Capaz de ser posto numa comida, numa bebida, numa colher, nalguma coisa que se leva à boca?"

"Sim", acedeu Severino, "mas quem? E depois, ainda que admitida essa hipótese, como teria sido ministrado o veneno aos nossos dois pobres confrades?"

Francamente eu também não conseguia imaginar Venâncio ou Berengário deixando-se abordar por alguém que lhes estendia uma substância misteriosa convencendo-os a comê-la ou a bebê-la. Mas Guilherme não pareceu perturbado por essa estranheza. "Nisso pensaremos depois", disse, "porque agora queria que tentasses lembrar de algum fato que talvez não tenha retornado ainda à tua mente, não sei, alguém que tenha feito perguntas sobre as tuas ervas, alguém que entra com facilidade no hospital..."

"Um momento", disse Severino, "há muito tempo, falo de anos, guardava numa daquelas estantes uma substância muito poderosa, que me fora dada por um confrade que viajara por países distantes. Não sabia me dizer do que era feita, decerto de ervas, e não todas conhecidas. Era, na aparência, viscosa e amarelada, mas me aconselharam a não tocá-la, pois se entrasse apenas em contato com meus lábios teria me matado em pouco tempo. O confrade disse-me que, ingerida

também em doses mínimas, causava no desenrolar de meia hora uma sensação de esgotamento, depois uma lenta paralisia de todos os membros, e por fim a morte. Não queria levá-la consigo e fez-me presente dela. Guardei-a por algum tempo porque me propunha examiná-la de algum modo. Depois, um dia, sobreveio na esplanada uma grande tormenta. Um de meus ajudantes, um noviço, deixara aberta a porta do hospital, e a ventania revirara toda a sala em que estamos agora. Ampolas quebradas, líquidos espalhados pelo chão, ervas e pós dispersados. Trabalhei um dia para repor em ordem as minhas coisas, e fiz-me ajudar apenas para jogar fora os cacos e as ervas já então irrecuperáveis. No fim percebi que estava faltando justamente a ampola de que te falava. De início fiquei preocupado, depois convenci-me que se quebrara e confundira-se com outros detritos. Mandei lavar bem o pavimento do hospital, e as estantes...”

“E tinhas visto a ampola poucas horas antes da ventania?”

“Sim... Ou melhor, não, agora que estou pensando nisso. Estava atrás de uma fileira de vasos, bem escondida, e não a controlava todos os dias...”

“Portanto, pelo que sabes, poderia ter sido roubada também muito tempo antes da ventania, sem que tu soubesses?”

“Agora que me levas a pensar nisso, indubitavelmente, sim.”

“E aquele teu noviço poderia tê-la roubado e depois ter aproveitado o ensejo da ventania para deixar de propósito a porta aberta e fazer confusão com as tuas coisas.”

Severino pareceu muito excitado: “Claro, sim. Não só, mas recordando o que aconteceu, me admirei muito de que a ventania, ainda que violenta, tivesse revirado tantas coisas. Poderia muito bem dizer que alguém se aproveitou da ventania para revirar a sala e produzir mais danos do que o vento pudesse ter feito!”

“Quem era o noviço?”

“Chamava-se Agostino. Mas morreu o ano passado, caindo de um andaime quando, com outros monges e fâmulos, limpava as esculturas da fachada da igreja. E depois, pensando bem, ele tinha jurado e rejurado não ter deixado aberta a porta, antes da ventania. Fui eu, enfurecido, que o considerei responsável pelo acidente. Quem sabe ele estava realmente inocente.”

“E assim temos uma terceira pessoa, talvez, bem mais esperta que um noviço, que tinha conhecimento do teu veneno. A quem falaste sobre ele?”

“Disso eu não me lembro. Ao Abade, certamente, pedindo-lhe permissão para reter uma substância tão perigosa. E a alguém mais, quem sabe na biblioteca,

porque estava à procura de herbários que me pudessem revelar alguma coisa."

"Mas não me disseste que guardas contigo os livros mais úteis à tua arte?"

"Sim e muitos", disse apontando num canto da sala algumas estantes carregadas de dezenas de livros. "Mas então estava procurando certos livros que não poderia ter comigo e que aliás Malaquias relutava em deixar-me ver, tanto que precisei pedir autorização ao Abade." Sua voz se abaixou e me foi quase impossível ouvi-la, como se tivesse receio de mim. "Sabes, num lugar ignoto da biblioteca são conservadas também obras de nicromancia, de magia negra, receitas de filtros diabólicos. Pude consultar algumas dessas obras, por dever de conhecimento, e esperava encontrar uma descrição daquele veneno e de suas funções. Em vão."

"Por isso falaste com Malaquias."

"Claro, com ele sem dúvida, e quem sabe também com o próprio Berengário que o assistia. Mas não tires conclusões apressadas: não estou lembrado, mas enquanto falava quem sabe estivessem presentes outros monges, sabes, às vezes o scriptorium fica bastante apinhado..."

"Não estou suspeitando de ninguém. Tento apenas compreender o que pode ter acontecido. Em todo caso, me dizes que o fato aconteceu há alguns anos, e é curioso que alguém tenha roubado com tanta antecipação um veneno que teria usado tanto tempo depois. Seria indício de uma vontade maligna que ficou incubando demoradamente na sombra um propósito homicida."

Severino persignou-se com uma expressão de horror no rosto. "Deus nos perdoe a todos!" disse.

Não havia mais comentários a fazer. Tornamos a cobrir o corpo de Berengário, que deveria ser preparado para as exéquias.

Quarto dia

PRIMA

Onde Guilherme induz primeiro Salvatore e depois
o celeireiro a confessarem o seu passado, Severino reencontra
as lentes roubadas, Nicola aparece com as lentes novas e
Guilherme, com seis olhos, vai decifrar
o manuscrito de Venâncio.

Estávamos saindo quando entrou Malaquias. Pareceu contrariado com a nossa presença, e ameaçou retirar-se. De dentro Severino o viu e disse: "Procuravas por mim? É para..." interrompeu-se, olhando para nós. Malaquias fez-lhe um sinal, imperceptível, como para dizer: "Falamos nisso depois..." Nós estávamos saindo, ele estava entrando, encontramo-nos os três no vão da porta. Malaquias disse, de certa forma redundante:

"Estava procurando o confrade herborista... Estou... estou com dor de cabeça."

"Deve ser o ar abafado da biblioteca", disse-lhe Guilherme em tom de pressurosa compreensão. "Deverias fazer inalações."

Malaquias moveu os lábios como se ainda quisesse falar, depois renunciou, abaixou a cabeça e entrou, enquanto nós nos afastávamos.

"O que quer de Severino?" perguntei.

"Adso", disse-me com impaciência o mestre, "aprende a raciocinar com a tua cabeça." Depois mudou de assunto: "Precisamos interrogar algumas pessoas, agora. Pelo menos", acrescentou, enquanto explorava a esplanada com o olhar, "enquanto estão ainda vivas. A propósito: de agora em diante prestemos atenção ao que comemos e bebemos. Pega sempre a tua comida do prato comum, e as tuas bebidas da bilha da qual já tenham se servido outros. Depois de Berengário somos os que sabem mais coisas. Além, naturalmente, do assassino."

"Mas quem estais querendo interrogar agora?"

"Adso", disse Guilherme, "terás observado que aqui as coisas mais interessantes

acontecem à noite. À noite se morre, à noite se vaga pelo scriptorium, à noite se introduzem mulheres pela muralha... Temos uma abadia diurna e uma abadia noturna, e a noturna parece desgraçadamente mais interessante que a diurna. Portanto, toda pessoa que fique vagueando de noite nos interessa, inclusive, por exemplo, o homem que viste ontem à noite com a moça. Talvez a história da moça não tenha nada a ver com a dos venenos, talvez sim. Em todo caso, tenho umas idéias sobre o homem de ontem à noite, que deve ser pessoa que sabe outras coisas também sobre a vida noturna deste santo lugar. E, lobo na fábula, ei-lo justamente que está passando lá embaixo."

Apontou-me Salvatore, o qual nos vira por sua vez. Notei uma leve hesitação em seu passo como se, desejando evitar-nos, tivesse parado para inverter o caminho. Foi um átimo. Evidentemente dera-se conta de que não podia subtrair-se ao encontro, e retomou sua marcha. Voltou-se para nós com um amplo sorriso e um "benedicite" um tanto untuoso. Meu mestre quase não o deixou terminar e falou-lhe em tom brusco.

"Sabes que amanhã chega aqui a inquisição?" perguntou-lhe. Salvatore não pareceu satisfeito. Com um fio de voz perguntou: "E mi?"

"E tu farias bem em dizer a verdade a mim, que sou teu amigo, e sou frade menor como tu foste, antes de dizê-la amanhã àqueles, que conheces muito bem."

Assaltado assim bruscamente, Salvatore pareceu abandonar qualquer resistência. Fitou Guilherme com ar submisso como para fazê-lo entender que estava pronto a dizer-lhe o que fosse pedido.

"Esta noite havia uma mulher na cozinha. Quem estava com ela?"

"Oh, femena que vendese como mercandia, não pode unca bon ser, nì haver cortesia", recitou Salvatore.

"Não quero saber se era uma boa moça. Quero saber quem estava com ela!"

"Deu, quanto são as femene de malveci scaltride! Pensam dia e noite como o omo escarnece..."

Guilherme agarrou-o bruscamente pelo peito: "Quem estava com ela, tu ou o celeireiro?"

Salvatore compreendeu que não podia continuar mentindo mais. Começou a contar uma estranha estória, pela qual, com muito custo, ficamos sabendo que ele, para agradar ao celeireiro, providenciava-lhe moças no vilarejo, fazendo-as adentrar à noite na muralha por caminhos que não nos quis revelar. Mas jurou que agia de bom coração, deixando transparecer um cômico queixume pelo fato que não encontraria jeito de extrair daí também o seu prazer, de modo que a moça,

após ter satisfeito o celeireiro, desse algo também a ele. Disse tudo isso com viscosos e lúbricos sorrisos, e piscadelas, como deixando entender que falava a homens feitos de carne, habituados às mesmas práticas. E olhava-me de soslaio, eu nem pude retrucar como teria querido, porque me sentia ligado a ele por um segredo comum, seu cúmplice e companheiro de pecado.

Guilherme decidiu àquela altura tentar o tudo ou nada. Perguntou-lhe de repente: "Conheceste Remigio antes ou depois de ter estado com Dulcino?" Salvatore ajoelhou-se a seus pés, suplicando-lhe entre lágrimas que não o deixasse perder-se e para salvá-lo da inquisição. Guilherme jurou-lhe solenemente não dizer a ninguém o que ficasse sabendo, e Salvatore não hesitou em entregar o celeireiro à nossa mercê. Tinham se conhecido na Parede Calva, ambos do bando de Dulcino, com o celeireiro tinha fugido e entrado no convento de Casale, com ele transferira-se para os cluniacenses. Balbuciava pedidos de perdão, e estava claro que dele não se poderia saber mais nada. Guilherme decidiu que valia a pena pegar Remigio de surpresa, e deixou Salvatore, que correu a refugiar-se na igreja.

O celeireiro estava do lado oposto da abadia, diante dos celeiros, e estava contratando com alguns aldeões do vale. Fitou-nos apreensivo, e procurou mostrar-se muito atarefado, mas Guilherme insistiu em falar com ele. Até então tivéramos com aquele homem poucos contatos; ele tinha sido cortês conosco, nós com ele. Aquela manhã Guilherme dirigiu-se a ele como teria feito com um confrade de sua ordem. O celeireiro pareceu embaraçado com aquela confiança e a princípio respondeu com muita prudência.

"Por razões de ofício tu és evidentemente obrigado a andar pela abadia mesmo quando os outros estão dormindo, imagino", disse Guilherme.

"Depende", respondeu Remigio, "às vezes há pequenas coisas a resolver e devo dedicar-lhes algumas horas do sono."

"Não te aconteceu nada, nessas ocasiões, que possa nos indicar quem estava andando, sem justificações, entre a cozinha e a biblioteca?"

"Se tivesse visto alguma coisa, teria dito ao Abade."

"Justo", conveio Guilherme, e mudou bruscamente de assunto: "O vilarejo do vale não é muito rico, não é?"

"Sim e não", respondeu Remigio, "nele habitam prebendeiros que dependem da abadia e os que compartilham de nossa riqueza, nos anos bons. No dia de São João, por exemplo, receberam doze modios de malte, um cavalo, sete bois, um touro, quatro novilhas, cinco bezerros, vinte carneiros, quinze porcos, cinqüenta frangos e dezessete colmeias. E mais vinte porcos defumados, vinte e sete formas

de banha, meia medida de mel, três medidas de sabão, uma rede de pesca...”

“Entendi, entendi”, interrompeu Guilherme, “mas vais admitir que isso ainda não me diz qual é a situação do vilarejo, quais dentre os habitantes são prebendeiros da abadia, e quanta terra tem para cultivar para si quem não é prebendeiro…”

“Oh, se é por isso”, disse Remigio, “uma família normal possui lá embaixo até cinqüenta távolas de terreno.”

“Quanto é uma távola?”

“Quatro trabucos quadrados, naturalmente.”

“Trabucos quadrados? Quanto dá isso?”

“Trinta e seis pés quadrados por trabuco. Ou, se quiseres, oitocentos trabucos lineares formam uma milha piemontesa. E calcula que uma família — nas terras mais ao sul — pode cultivar oliveiras para, pelo menos, meio saco de óleo.”

“Meio saco?”

“Sim, um saco perfaz cinco eminas, e uma emina perfaz oito copas.”

“Entendi”, disse meu mestre desanimado. “Cada país tem a sua medida. Vocês por exemplo medem o vinho em bocais?”

“Ou em arrobas. Seis arrobas, uma brenta e oito brentas, um bocal. Se quiseres, uma arroba é de seis pintas de dois bocais.”

“Acho que ficou esclarecido”, disse Guilherme, resignado.

“Desejas saber mais alguma coisa?” perguntou Remigio, com um tom que me pareceu de desafio.

“Sim! Perguntava-te sobre como vivem no vale, porque estava meditando hoje na biblioteca sobre os sermões às mulheres de Humberto de Romans, e em particular sobre aquele capítulo Ad mulieres pauperes in villulis. Onde afirma que elas, mais que as outras, são tentadas aos pecados da carne, por causa de sua miséria, e sabiamente diz que elas peccant enim mortaliter, cum peccant cum quocumque laico, mortalius vero quando cum Clerigo in sacris ordinibus constituto, maxime vero quando cum Religioso mundo mortuo. Tu sabes, melhor do que eu, que mesmo nos lugares sagrados, como as abadias, as tentações do demônio meridiano nunca faltam. Perguntava-me se nos teus contatos com a gente do vilarejo tinhas ficado sabendo se alguns monges, Deus não permita, tinham induzido algumas moças à fornicação.”

Ainda que o meu mestre dissesse estas coisas em tom quase distraído, o meu leitor terá compreendido como aquelas palavras perturbaram o pobre celeireiro. Não sei dizer se empalideceu, mas direi que esperava tanto que empalidecesse que

o vi empalidecer.

"Me perguntas coisas que, se as soubesse, já teria dito ao Abade", respondeu com humildade. "Em todo caso se, como imagino, essas notícias servem para tua investigação, não te esconderei nada do que ficar sabendo. Aliás, agora que me fazes pensar, a propósito da tua primeira pergunta... A noite em que morreu o pobre Adelmo, eu circulava pelo pátio... sabes, uma história de galinhas... murmúrios que recolhi aqui e ali sobre um ferrador qualquer que à noite andava roubando no galinheiro... Bem, aquela noite ocorreu-me ver — de longe, não poderia jurar — Berengário que voltava ao dormitório costeando o coro, como se viesse do Edifício... Não me admirei, porque entre os monges, há tempo, murmurava-se sobre Berengário, talvez tenhas sabido..."

"Não, dize-me."

"Bem, como dizer? Berengário era suspeito de nutrir paixões que... não são convenientes para um monge..."

"Estás querendo talvez me sugerir que ele tinha relações com moças do vilarejo, como te perguntava?"

O celeireiro tossiu embaraçado, e deu um sorriso como que repugnante: "Oh, não... paixões mais inconvenientes..."

"Por que, um monge que se deleite carnalmente com moças do vilarejo pratica, ao contrário, paixões de algum modo convenientes?"

"Eu não disse isso, mas tu me ensinas que há uma hierarquia na depravação como há na virtude. A carne pode ser tentada de acordo com a natureza e... contra a natureza."

"Tu estás me dizendo que Berengário era movido por desejos carnais por pessoas do seu sexo?"

"Estou dizendo que é o que murmuravam sobre ele... Comunico-te essas coisas como prova da minha sinceridade e da minha boa vontade..."

"E eu te agradeço. E concordo contigo que o pecado de sodomia é bem pior que outras formas de luxúria, sobre as quais francamente não sou levado a investigar..."

"Ninharias, ninharias, mesmo se ocorressem", disse com filosofia o celeireiro.

"Ninharias, Remigio. Somos todos pecadores. Não procuraria nunca o cisco no olho do confrade, tanto receio ter uma grande trave no meu. Mas ficarei agradecido por todas as traves de que quiseres me falar no futuro. Desse modo nos entreteremos com troncos grandes e robustos de madeira e deixaremos que os ciscos volteiem no ar. Quanto disseste que é um trabuco?"

"Trinta e seis pés quadrados. Mas não te preocupes. Quando quiseres saber algo de preciso, vem procurar-me. Acredita ter em mim um amigo fiel."

"Assim te considero", disse Guilherme calorosamente. "Ubertino me disse que pertenceras um tempo à minha própria ordem. Não trairei jamais um antigo confrade, especialmente nestes dias em que se está aguardando a chegada de uma legação pontifícia chefiada por um grande inquisidor, famoso por ter queimado muitos dulcinianos. Dizias que um trabuco perfaz trinta e seis pés quadrados?"

O celeireiro não era tolo. Decidiu que não valia mais a pena brincar de gato e rato, tanto mais que percebia ser ele o rato.

"Frei Guilherme", disse, "vejo que tu sabes muito mais coisas do que eu podia imaginar. Não me traias, e eu não te trairei. É verdade, sou um pobre homem carnal, e cedo às lisonjas da carne. Salvatore disse-me que tu ou o teu noviço ontem à noite o surpreendestes na cozinha. Tu viajaste bastante, Guilherme, sabes que nem mesmo os cardeais de Avignon são modelos de virtude. Sei que não é por esses pequenos e miseráveis pecados que estás me interrogando. Mas entendo que ficaste sabendo algo sobre minha história de um tempo. Tive uma vida bizarra, como aconteceu a muitos de nós menoritas. Há anos acreditei no ideal da pobreza, abandonei a comunidade para dedicar-me à vida errante. Acreditei nas pregações de Dulcino, como muitos outros iguais a mim. Não sou um homem culto, recebi as ordens mas somente sei dizer a missa. Conheço pouco de teologia. E talvez não consiga sequer afeiçoar-me às idéias. Vê, antigamente tentei rebelar-me contra os senhores, agora os sirvo e para o senhor destas terras comando os meus iguais. Rebelar-se ou trair, pouca escolha é dada a nós, os simples."

"Às vezes os simples entendem melhor as coisas do que os doutos", disse Guilherme.

"Talvez", respondeu o celeireiro com um levantar de ombros. "Mas não sei nem mesmo por que fiz o que fiz, então. Vê, para Salvatore era compreensível, vinha dos servos da gleba, de uma infância de carestia e de doenças... Dulcino representava a rebelião, e a destruição dos senhores. Para mim foi diferente, era de família citadina, não estava fugindo da fome. Foi... não sei como dizer, uma festa dos loucos, um grande carnaval... Nos montes com Dulcino, antes que ficássemos reduzidos a comer a carne de nossos companheiros mortos em batalha, antes que ali morressem tantos de doença, que não era possível comê-los todos, e eram jogados no pasto aos pássaros e às feras nas encostas do Rebello... ou quem sabe nesses momentos também... respirávamos um ar... posso dizer de liberdade? Não sabia antes o que era a liberdade, os pregadores nos diziam: 'A verdade vos

tornará livres.' Sentíamo-nos livres, pensávamos que era a verdade. Pensávamos que tudo aquilo que fazíamos era justo..."

"E lá aprendestes... a vos unir livremente a uma mulher?" perguntei, nem sei eu mesmo por que, mas me obcecavam as palavras de Ubertino da noite anterior, e o que lera no scriptorium, e os casos que me aconteceram. Guilherme olhou-me com curiosidade, provavelmente não esperava que eu fosse tão ousado, e impudente. O celeireiro fitou-me como se eu fosse um animal estranho.

"No Rebello", disse, "havia gente que durante toda a infância tinha dormido, em dez ou mais, em poucos côvados de quarto, irmãos e irmãs, pais e filhas. O que queres que fosse para eles aceitar essa nova situação? Faziam por opção o que antes tinham feito por necessidade. E depois à noite, quando temes a chegada das esquadras inimigas e te apertas junto de teu companheiro, no chão, para não sentir frio... Os hereges: vós monges que vindes de um castelo e terminais numa abadia, achais que é um modo de pensar, inspirado pelo demônio... Ao contrário, é um modo de viver, e é... e foi... uma experiência nova... Não havia mais patrões e Deus, diziam-nos, estava conosco. Não digo que tivéssemos razão, Guilherme, e de fato me vês aqui, porque os abandonei bem depressa. Mas é que nunca compreendi as vossas doutas disputas sobre a pobreza de Cristo e o uso e o fato e o direito... Eu te disse, foi um grande carnaval, e no carnaval são feitas coisas ao avesso. Depois ficas velho, não te tornas sábio, mas glutão. E aqui faço o glutão... Podes condenar um herege, mas queres condenar um glutão?"

"Já chega, Remigio", disse Guilherme. "Não estou te interrogando por aquilo que aconteceu outrora, mas por aquilo que sucedeu recentemente. Ajuda-me, e eu não procurarei certamente a tua ruína. Não posso e não quero julgar-te. Porém deves me dizer o que sabes sobre os fatos da abadia. Andas demasiado, de noite e de dia, para não saberes alguma coisa. Quem matou Venâncio?"

"Não sei, te juro. Sei quando morreu, e onde."

"Quando? Onde?"

"Deixe-me contar. Aquela noite, uma hora após as completas, entrei na cozinha..."

"Por onde, e por que motivos?"

"Pela porta do horto. Tenho uma chave que há tempos mandei fazer pelos ferreiros. A porta da cozinha é a única que não é trancada por dentro. E os motivos... não contam, tu mesmo disseste que não queres acusar-me pelas fraquezas da minha carne..." Sorriu embaraçado. "Mas não queria tampouco que acreditasses que eu passe os meus dias fornicando... Aquela noite estava

procurando comida para presentear à moça que Salvatore devia fazer entrar pela muralha...”

“Por onde?”

“Oh, a muralha tem outras entradas, além do portal. O Abade as conhece, eu as conheço... Mas aquela noite a moça não ficou, mandei-a de volta justamente por causa do que descobri, e que estou para te contar. Eis por que tentei fazê-la voltar ontem à noite. Se vós tivésseis chegado um pouco depois teríeis encontrado a mim em vez de Salvatore, foi ele quem me avisou que havia gente no Edifício, e eu voltei à minha cela...”

“Voltemos à noite entre domingo e segunda-feira.”

“Bem, eu entrei na cozinha e vi Venâncio por terra, morto.”

“Na cozinha?”

“Sim, perto da pia. Quem sabe acabara de descer do scriptorium.”

“Nenhum sinal de luta?”

“Nenhum. Ou melhor, perto do corpo havia uma taça partida, e sinais de água pelo chão.”

“Como sabes que era água?”

“Não sei. Pensei que fosse água. O que podia ser?”

Como Guilherme fez-me observar depois, aquela taça podia significar duas coisas diferentes. Ou ali mesmo na cozinha alguém dera de beber a Venâncio uma poção venenosa, ou o pobrezinho já ingerira o veneno (mas onde? e quando?) e tinha vindo beber para acalmar uma repentina secura, um espasmo, uma dor que lhe queimava as vísceras, ou a língua (pois certamente a sua devia estar preta como a de Berengário).

Em todo caso, para o momento, não se podia saber mais. Descoberto o cadáver, e aterrorizado, Remigio perguntara-se o que fazer, e resolvera não fazer nada. Pedindo socorro, precisaria admitir ter vagado durante a noite pelo Edifício, e isso não teria ajudado ao confrade, agora já perdido. Por isso resolvera deixar as coisas assim como estavam, esperando que alguém descobrisse o corpo na manhã seguinte, na abertura das portas. Tinha corrido para deter Salvatore, que já estava fazendo a moça entrar na abadia, depois — ele e seu cúmplice — haviam voltado para dormir, se é que sono se podia chamar a vigília agitada que tiveram até as matinas. E nas matinas, quando os porqueiros vieram avisar o Abade, Remigio acreditava que o cadáver fora descoberto onde ele o deixara, e ficara estupefato vendo-o no alguidar. Quem fizera o cadáver desaparecer da cozinha? Sobre isso Remigio não tinha a mínima idéia.

"O único que pode mover-se livremente pelo Edifício é Malaquias", disse Guilherme.

O celeireiro reagiu com energia: "Não, Malaquias não. Isto é, não creio... Em todo caso, não fui eu quem te disse alguma coisa contra Malaquias..."

"Fica tranqüilo, qualquer que seja o débito que te liga a Malaquias. Sabe algo de ti?"

"Sim", corou o celeireiro, "e comportou-se como homem discreto. No teu lugar eu vigiaria Bêncio. Tinha estranhas ligações com Berengário e Venâncio... Mas te juro, não vi mais nada. Se souber de algo te direi."

"Por agora pode ser suficiente. Voltarei a ti se tiver necessidade." O celeireiro, evidentemente aliviado, voltou aos seus afazeres, redarguindo asperamente aos aldeões que entrementes haviam deslocado não sei que sacos de sementes.

Naquele ínterim Severino veio ao nosso encontro. Trazia nas mãos as lentes de Guilherme, as que tinham sido roubadas duas noites antes. "Encontrei-as no hábito de Berengário", disse. "Vi-as no teu nariz, outro dia na biblioteca. São tuas, não?"

"Deus seja louvado", exclamou alegremente Guilherme. "Resolvemos dois problemas! Tenho as minhas lentes e sei finalmente com certeza que era Berengário o homem que nos roubou a noite passada no scriptorium!"

Mal terminámos de falar chegou correndo Nicola de Morimondo, mais triunfante ainda que Guilherme. Tinha nas mãos um par de lentes acabadas, montadas em sua forquilha: "Guilherme", gritava, "eu as fiz sozinho, terminei-as, acho que funcionam!" Depois viu que Guilherme tinha outras lentes no rosto e ficou pasmo. Guilherme não quis humilhá-lo, tirou as suas velhas lentes e experimentou as novas: "São melhores que as outras", disse. "Quer dizer que guardarei as velhas de reserva e usarei sempre as tuas." Depois virou-se para mim: "Adso, agora vou me retirar para minha cela para ler aqueles papéis que tu sabes. Finalmente! Espera-me em algum lugar. E obrigado, obrigado a vós todos, irmãos caríssimos."

Soava a hora terça e dirigi-me ao coro, para recitar com os outros o hino, os salmos, os versículos e o Kyrie. Os outros rezavam pela alma do finado Berengário. Eu agradecia a Deus por nos ter feito reencontrar não um mas dois pares de lentes.

Na grande serenidade que reinava, esquecidos todos os horrores que tinha visto e ouvido, adormeci, acordando quando o ofício já tinha terminado. Dei-me conta de que não dormira aquela noite e perturbei-me pensando que também usara muito de minhas forças. E naquele momento, saindo ao ar livre, o meu pensamento começou a ser obcecado pela lembrança da moça.

Tentei distrair-me, e pus-me a percorrer depressa a esplanada. Experimentava

uma sensação de leve vertigem. Batia as mãos endurecidas uma contra a outra. Colocava com força os pés no chão. Tinha sono ainda, porém sentia-me desperto e cheio de vida. Não entendia o que estava me acontecendo.

Quarto dia

TERÇA

Onde Adso se debate nos padecimentos de amor, depois chega Guilherme com o texto de Venâncio, que continua sendo indecifrável mesmo depois de ter sido decifrado.

Na verdade, após o meu encontro pecaminoso com a moça, os outros terríveis acontecimentos tinham-me quase feito esquecer aquele fato, e por outro lado, logo depois de ter-me confessado com frei Guilherme, o meu ânimo ficou desagravado do remorso que sentira ao despertar, após minha culposa fraqueza, tanto que me parecera ter confiado ao frade, com as palavras, o próprio fardo de que elas eram a voz significativa. Para qual outra coisa serve com efeito o benéfico banho da confissão, senão para descarregar o peso do pecado, e do remorso que comporta, no próprio seio de Nosso Senhor, obtendo com o perdão uma nova leveza aérea da alma, de modo a esquecer o corpo torturado pela maldade? Mas não me libertara completamente. Agora que passeava ao sol pálido e frio daquela manhã invernal, circundado pelo fervor dos homens e dos animais, começava a recordar os acontecimentos passados de modo diferente. Como se de tudo o que acontecera não sobrassem mais o arrependimento e as palavras consoladoras do banho penitencial, mas apenas imagens de corpos e membros humanos. Vinha-me à cabeça superexcitada o fantasma de Berengário inchado de água, e ficava arrepiado de repugnância e de piedade. Depois, como para afastar aquele lêmure, a minha mente se revolvia a outras imagens de que a memória era recente receptáculo, e não podia evitar de ser, evidente aos meus olhos (aos olhos da alma, mas quase como se aparecesse antes aos olhos carnais), a imagem da moça, bela e terrível como exército disposto para batalha.

Prometi a mim mesmo (velho amanuense de um texto nunca escrito antes de agora, mas que durante longos decênios falou em minha mente) ser cronista fiel, e não só por amor à verdade, nem pelo desejo aliás digníssimo de amestrar os meus

leitores futuros; mas também para libertar a minha memória sem viço e cansada de visões que a inquietaram durante a vida inteira. E assim mesmo devo dizer tudo, com decência mas sem vergonha. E devo dizer, agora, em letras redondas, o que pensei então e quase tentei esconder de mim mesmo, passeando pela esplanada, pondo-me às vezes a correr para poder atribuir ao movimento do corpo as batidas repentinas do meu coração, detendo-me para admirar o trabalho dos aldeões e iludindo-me que me distraía na sua contemplação, aspirando o ar frio a plenos pulmões, como faz quem bebe vinho para esquecer o temor ou a dor.

Em vão. Eu pensava na moça. A minha carne esquecera o prazer, intenso, pecaminoso e passageiro (coisa vil) que me tinha dado o conjugar-me com ela; mas minha alma não esquecera o seu rosto, e não conseguia ver perversidade nessa recordação, antes palpitava como se naquele rosto resplandecessem todas as doçuras da criação.

Percebia, de modo confuso e quase negando a mim mesmo a verdade do que sentia, que a pobre, conspurcada, impudente criatura que se vendia (quiçá com que insolente constância) a outros pecadores, aquela filha de Eva que, demasiado fraca como todas suas irmãs, fizera tantas vezes comércio da própria carne, era todavia algo de esplêndido e mirífico. O meu intelecto a sabia fonte de pecado, o meu apetite sensitivo a percebia como receptáculo de todas as graças. É difícil dizer o que eu estava experimentando. Poderia tentar escrever que, ainda preso nas tramas do pecado, desejava, culpadamente, vê-la aparecer a todo instante, e quase espiava o trabalho dos operários para observar se, do canto de uma cabana, do escuro de um curral, não apareceria aquela figura que me seduzira. Mas não estaria escrevendo a verdade, ou seja, estaria tentando pôr um véu na verdade para atenuar-lhe a força e a evidência. Porque a verdade é que eu "via" a moça, eu a via nos ramos da árvore desfolhada que palpitavam ligeiramente quando um pássaro enrijecido voava à procura de abrigo; eu a via nos olhos das novilhas que saíam do curral, e a ouvia nos balidos dos cordeiros que cruzavam o meu passeio. Era como se toda a criação me falasse dela, e desejava, sim, muito, revê-la, mas estava pronto no entanto a aceitar a idéia de não revê-la nunca mais, e de não me conjugar nunca mais a ela, contanto que pudesse gozar o gáudio que me percorria aquela manhã, e tê-la sempre perto, mesmo se estivesse, e para a eternidade, distante. Era, tento agora entender, como se todo o universo mundo, que claramente é como que um livro escrito pelo dedo de Deus, em que cada coisa nos fala da imensa bondade do seu criador, em que cada criatura é como escritura e espelho da vida e da morte, em que a mais humilde rosa se faz glosa de nosso

caminho terreno, tudo em suma, de outra coisa não falava a não ser do rosto que a custo entrevira nas sombras odorosas da cozinha. Tendia a essas fantasias porque me dizia a mim mesmo (ou melhor, não dizia, porque naquele momento não formulava pensamentos em palavras) que se o mundo inteiro é destinado a falar-me da potência, bondade, e sabedoria do criador, se aquela manhã o mundo inteiro me falava da moça que (pecadora que fosse) era porém sempre um capítulo do grande livro da criação, um versículo do grande salmo cantado pelo cosmo — dizia-me (agora digo), que se isso acontecia não podia não fazer parte do grande desígnio teofânico que rege o universo, disposto em modo de cítara, milagre de consonância e de harmonia. Quase inebriado, gozava então da sua presença nas coisas que via, e através delas desejava-a, satisfazendo-me à vista delas. E, no entanto, sentia uma dor, porque ao mesmo tempo sofria por uma ausência, mesmo sendo feliz com tantos fantasmas de uma presença. É difícil para mim explicar esse mistério de contradição, sinal que o ânimo humano é demasiado frágil e nunca segue diretamente pelas veredas da razão divina, que construiu o mundo como um perfeito silogismo, porém desse silogismo colhe apenas proposições isoladas e freqüentemente desconexas, de onde a nossa facilidade em cair vítima das ilusões do maligno. Era ilusão do maligno o que naquela manhã me deixava assim comovido? Penso hoje que sim, porque era noviço, mas penso que o sentimento humano que me agitava não era mau em si, mas apenas em relação ao meu estado. Porque de per si era o sentimento que move o homem em direção à mulher para que um se conjugue com a outra, como quer o apóstolo das gentes, e ambos sejam carne de uma só carne, e juntos procriem novos seres humanos e se assistam mutuamente da juventude à velhice. Só que o apóstolo assim falou aos que buscam o remédio para a concupiscência e a quem não queira queimar, lembrando porém que bem mais preferível é o estado de castidade, ao qual eu, monge, me consagrara. E por isso eu padecia naquela manhã do que para mim era mal, mas que para outros talvez fosse bem, e bem dulcíssimo, pelo que compreendo agora que a minha perturbação não era devida à maldade de meus pensamentos, dignos e suaves em si, mas à gravidade da relação entre meus pensamentos e os votos que pronunciara. E portanto fazia mal em gozar de uma coisa boa sob uma certa razão, má sob outra, e o meu defeito estava em tentar conciliar com o apetite natural os ditames da alma racional. Agora sei que estava sofrendo do contraste entre o apetite ilícito intelectivo, onde deveria se manifestar o império da vontade, e o apetite elícito sensitivo, sujeito das paixões humanas. De fato actus appetitus sensitivi in quantum habent transmutationem corporalem

annexam, passiones dicuntur, non autem actus voluntatis. E o meu ato apetitivo era justamente acompanhado de um tremor do corpo inteiro, de um impulso físico para gritar e para me agitar. O angélico doutor diz que as paixões em si não são más, mas que devem ser moderadas pela vontade guiada pela alma racional. Mas a minha alma racional estava naquela manhã adormecida pelo cansaço, o qual punha freio no apetite irascível, que se volta para o bem e para o mal enquanto termos de conquista, mas não no apetite concupiscível, que se volta para o bem e para o mal enquanto conhecidos. Para justificar a minha irresponsável leviandade de então direi, hoje, e com palavras do doutor angélico, que estava indubitavelmente tomado de amor, que é paixão e lei cósmica, porque mesmo a gravidade dos corpos é amor natural. E por essa paixão fora naturalmente seduzido, porque nessa paixão appetitus tendit in appetibile realiter consequendum ut sit ibi finis motus. Pelo que naturalmente amor facit quod ipsae res quae amantur, amanti aliquo modo uniantur et amor est magis cognitivus quam cognitio. De fato, agora eu via melhor a moça do que a tinha visto na noite anterior, e a entendia intus et in cute, porque nela entendia a mim e em mim ela própria. Pergunto-me agora se aquilo que estava provando era o amor de amizade, em que o semelhante ama o semelhante e quer apenas o bem do outro, ou amor de concupiscência, em que se quer o próprio bem e o carente quer apenas aquilo que o completa. E creio que o amor de concupiscência tinha sido o da noite, no qual queria da moça algo que nunca tivera, enquanto naquela manhã da moça eu não queria nada, e queria apenas o seu bem, e desejava que ela fosse retirada da cruel necessidade que a obrigava a se dar por um bocado de comida, e fosse feliz, nem queria eu pedir-lhe mais nada, mas apenas continuar a pensá-la e a vê-la nas ovelhas, nos bois, nas árvores, na luz serena que envolvia de gáudio a muralha da abadia.

Agora sei que a causa do amor é o bem e aquilo que é bem se define por conhecimento, e não se pode amar a não ser aquilo que se aprendeu como bem, enquanto a moça eu a aprendera, sim, como bem do apetite irascível, mas como mal da vontade. Mas então estava presa de muitos e muitos contrastantes impulsos da alma porque o que eu provava era semelhante ao amor mais santo, justamente como o descrevem os doutores: ele provocava-me o êxtase, em que amante e amado querem a mesma coisa (e por misteriosa iluminação eu naquele momento sabia que a moça, em qualquer lugar que estivesse, queria as mesmas coisas que eu próprio queria), e por ela eu tinha ciúme, mas não aquele mal, condenado por Paulo na primeira aos coríntios, que é principium contentionis, e não

admite consortium in amato, mas aquele de que fala Dionísio nos Nomes Divinos, em que mesmo Deus é dito ciumento propter multum amorem quem habet ad existentia (e eu amava a moça justamente porque ela existia, e estava contente, não invejoso, que ela existisse). Era ciumento no modo em que para o angélico doutor o ciúme é motus in amatum, ciúme de amizade que induz a mover-se contra tudo aquilo que prejudica o amado (e eu outra coisa não fantasiava naquele instante, senão libertar a moça do poder de quem lhe estava comprando as carnes, conspurcando-a com as suas paixões nefastas).

Agora sei, como diz o doutor, que amor pode prejudicar o amante quando é excessivo. O meu era excessivo. Tentei explicar o que experimentava então, não tento por nada justificar o que experimentava. Falo dos que foram os meus culpáveis ardores da juventude. Eram maus, mas a verdade me obriga a dizer que então os percebi como extremamente bons. E isto sirva para instruir quem, como eu, cair nas malhas da tentação. Hoje, ancião, saberia mil modos de escapar a tais seduções (e me pergunto se deva sentir-me orgulhoso disso, uma vez que estou livre das tentações do demônio meridiano; mas não livre de outras, tanto que me pergunto se o que estou fazendo agora não é culpável aquiescência à paixão terrestre da rememoração, tola tentativa de escapar ao fluxo do tempo e à morte).

Então, salvei-me como por instinto milagroso. A moça me aparecia na natureza e nas obras humanas que me circundavam. Procurei por isso, por um feliz intuito da alma, mergulhar na livre contemplação dessas obras. Observei o trabalho dos vaqueiros que estavam conduzindo os bois para fora do estábulo, dos porqueiros que levavam comida aos porcos, dos pastores que instigavam os cães a reunirem as ovelhas, dos camponeses que traziam farro e milho miúdo aos moinhos e dali saíam com sacos de boa comida. Mergulhei na contemplação da natureza, procurando esquecer os meus pensamentos e procurando apenas enxergar os seres como eles nos aparecem, e esquecer-me da visão deles, alacremente.

Como era belo o espetáculo da natureza não tocada ainda pela sabedoria, freqüentemente perversa, do homem!

Vi o cordeiro, a quem foi dado esse nome como em reconhecimento de sua pureza e bondade. Na verdade o nome agnus deriva do fato de que esse animal agnoscit, reconhece a própria mãe e reconhece a sua voz em meio ao rebanho enquanto a mãe, no meio de muitos cordeiros de forma idêntica e de idêntico balido, reconhece sempre e somente o seu filho, e o alimenta. Vi a ovelha, que ovis é dita ab oblatione, porque servia desde os primeiros tempos aos rituais de sacrifício; a ovelha que, como é seu costume, no decorrer do inverno, procura a

erva com avidez e se enche de forragem antes que os pastos sejam queimados pelo gelo. E os rebanhos eram vigiados pelos cães, assim chamados de canor por causa do seu latido. Animal perfeito entre os demais, com superiores dotes de argúcia, o cão reconhece o próprio dono, e é adestrado para a caça às feras no bosque, para a guarda dos rebanhos contra os lobos, protege a casa e os pequenos do seu patrão, e às vezes, em tal função de defesa, é morto. O rei Garamante, que fora capturado por seus inimigos, fora reconduzido à pátria por uma matilha de duzentos cães que atravessaram as fileiras adversárias; o cão de Jasão Lício, após a morte do dono, continua a recusar comida até morrer de inanição; o do rei Lisímaco jogou-se na fogueira do próprio patrão para morrer com ele. O cão tem o poder de curar as feridas lambendo-as com a língua e a língua de seus filhotes pode curar as lesões intestinais. Por natureza costuma utilizar a mesma comida duas vezes, após tê-la vomitado. Sobriedade, que é símbolo de perfeição de espírito, assim como o poder taumatúrgico de sua língua é símbolo da purificação dos pecados, obtida através da confissão e da penitência. Mas que o cão volte ao que vomitou é também sinal de que, após a confissão, retorna-se aos mesmos pecados de antes, e essa moralidade foi-me bastante útil naquela manhã para admoestar o meu coração, enquanto eu admirava as maravilhas da natureza.

Entretanto os meus passos levaram-me aos estábulos dos bois, que estavam saindo em quantidade, guiados por seus vaqueiros. Pareceram-me logo tal qual eram e são, símbolos de amizade e bondade, porque todo boi no trabalho vira-se para procurar seu companheiro de arado, se por acaso ele nesse momento está ausente, e para ele se dirige com afetuosos mugidos. Os bois aprendem obedientes a retornar sozinhos ao estábulo quando chove, e enquanto se abrigam na manjedoura esticam continuamente a cabeça para olhar se lá fora o mau tempo passou, porque ambicionam voltar ao trabalho. E com os bois estavam saindo naquele momento os vitelos que, machos e fêmeas, trazem o seu nome da palavra viriditas ou mesmo de virgo, porque nessa idade eles estão ainda frescos, jovens e castos, e fiz mal e fazia, eu me disse, em ver em seus movimentos graciosos uma imagem da moça não casta. Pensei nestas coisas, em paz novamente comigo e com o mundo, observando o alegre trabalho da hora matutina. E não pensei mais na moça, ou seja, esforcei-me por transformar o ardor que experimentava por ela numa sensação de alegria interior e de paz devota.

Disse a mim mesmo que o mundo era bom, e admirável. Que a bondade de Deus é manifestada também pelas bestas mais horrendas, como explica Honório Augustodunense. É verdade, há serpentes tão grandes que devoram os cervos e

nadam pelo oceano, existe a besta cenocroca de corpo de asno, chifres de cabrito montês, peito e fauces de leão, pé de cavalo, mas bipartido como o de boi, um talho da boca que chega até às orelhas, a voz quase humana e, no lugar dos dentes, um único osso sólido. E existe a besta mantícora, de cara de gente, uma tripla fileira de dentes, o corpo de leão, a cauda de escorpião, os olhos glaucos, a cor de sangue e a voz semelhante ao sibilo da serpente, ávida de carne humana. E existem monstros com oito dedos em cada pé, e focinhos de lobo, unhas aduncas, pele de cordeiro e latido de cão, que, em vez de brancos, tornam-se pretos com a velhice, e excedem em muito a nossa idade. E existem criaturas com olhos nos ombros e dois furos no peito em lugar das narinas, porque falta-lhes a cabeça, e outras mais, que moram no rio Ganges, que vivem somente do cheiro de um certo pomo, e quando dele se afastam, morrem. Porém mesmo essas bestas imundas cantam em sua variedade os louvores do criador e a sua sabedoria, como o cão, o boi, a ovelha, o cordeiro e o lince. Como é grande, disse-me então, repetindo as palavras de Vicente de Beauvais, a mais humilde beleza deste mundo, e quão agradável é para o olho da razão o considerar atentamente não só os modos e os números e as ordens das coisas, tão decorosamente estabelecidas por todo o universo, mas também o desenrolar dos tempos que incessantemente se deslindam através de sucessões e quedas, marcados pela morte daquilo que nasceu. Confesso, pecador que sou, com a alma há pouco ainda prisioneira da carne, que fui movido então por uma doçura espiritual para com o criador e a regra do mundo, e admirei com alegre veneração a grandeza e a estabilidade da criação.

Nessa boa disposição de espírito encontrou-me meu mestre quando, arrastado por meus pés e sem me dar conta, completando quase o périplo da abadia, achei-me de novo onde nos havíamos deixado duas horas antes. Ali estava Guilherme e o que me disse distraiu-me de meus pensamentos e fez voltar de novo minha mente aos tenebrosos mistérios da abadia.

Guilherme parecia muito contente. Trazia na mão o fólio de Venâncio, que tinha decifrado finalmente. Fomos à sua cela, longe de ouvidos indiscretos, e ele traduziu-me o que lera. Depois da frase em alfabeto zodiacal (secretum finis Africae manus supra idolum age primum et septimum de quatuor), eis o que dizia o texto grego:

O veneno tremendo que dá a purificação...
A melhor arma para destruir o inimigo...
Usa as pessoas humildes, vis e feias, tira prazer do defeito delas...
Não devem morrer... Não nas casas dos nobres e dos poderosos, mas
nos vilarejos dos camponeses, após abundante pasto e libações...
Corpos atarracados, rostos disformes.
Estupram virgens, e deitam-se com meretrizes, não malvados, sem temor.
Uma verdade diferente, uma diferente imagem da verdade...
Os venerandos figos.
A pedra desavergonhada rola pela planície... Debaixo dos olhos.
É preciso enganar e surpreender enganando, dizer as coisas ao contrário
do que se acreditava, dizer uma coisa e entender outra.
Para eles as cigarras cantarão da terra.

Mais nada, a meu ver, muito pouco, quase nada. Pareciam os delírios de um demente, e disse-o a Guilherme.

"Pode ser. E parece sem dúvida mais demente do que é por causa da minha tradução. Conheço o grego demasiado aproximadamente. E mesmo assim, posto que Venâncio fosse louco, ou fosse louco o autor do livro, isso não nos diria por que tantas pessoas, e nem todas loucas, se deram ao trabalho, primeiro de esconder o livro e depois de recuperá-lo..."

"Mas o que está escrito aqui vem do livro misterioso?"

"Trata-se sem dúvida de coisas escritas por Venâncio. Podes vê-lo também tu, não se trata de um pergaminho antigo. E devem ser apontamentos tomados na leitura do livro, de outro modo Venâncio não teria escrito em grego. Ele certamente recopiou, abreviando, as frases que encontrou no volume roubado do finis Africae. Trouxe-o para o scriptorium e pôs-se a lê-lo, anotando o que lhe parecia digno de nota. Depois alguma coisa aconteceu. Ou sentiu-se mal, ou ouviu alguém subindo. Então recolocou o livro, com os apontamentos, embaixo de sua mesa, provavelmente pensando em retomá-lo na noite seguinte. Em todo caso, só partindo deste fólio é que podemos reconstruir a natureza do livro misterioso, é somente da natureza daquele livro que será possível inferir a natureza do homicida. Porque em todo crime cometido para possuir um objeto, a natureza do objeto deveria nos fornecer uma idéia, ainda que pálida, da natureza do assassino. Caso mate por um punhado de ouro, o assassino será pessoa ávida, se, por um livro, estará ansioso por guardar para si os segredos daquele livro. É preciso portanto saber o que diz o livro que nós não temos."

"E tereis condições, com essas poucas linhas, de saber de que livro se trata?"

"Caro Adso, essas parecem palavras de um texto sagrado, cujo significado vai além da letra. Lendo-o de manhã, após termos falado com o celeireiro, tocou-me o fato de que também aqui se faz menção aos simples e aos camponeses, como portadores de uma verdade diferente daquela dos sábios. O celeireiro deu a entender que alguma estranha cumplicidade o ligava a Malaquias. Que Malaquias tivesse escondido algum perigoso texto heretical que Remigio lhe entregara? Então Venâncio teria lido e anotado alguma instrução misteriosa concernente a uma comunidade de homens grosseiros e vis em revolta contra tudo e contra todos. Mas..."

"Mas?"

"Mas dois fatos estão contra essa minha hipótese. O primeiro é que Venâncio não parecia interessado em tais questões: era um tradutor de textos gregos, não um pregador de heresias... O outro é que frases como aquela dos figos, da pedra ou das cigarras não seriam explicadas por essa primeira hipótese..."

"Quem sabe sejam enigmas com um outro significado", sugeri. "Ou tendes outra hipótese?"

"Tenho, mas está confusa, ainda. Parece-me, lendo esta página, já ter lido algumas dessas palavras, e vêm-me à mente frases quase iguais que vi algures. Parece-me, antes, que este fólio fala de alguma coisa da qual já se falou nos dias passados... Mas não lembro o quê. Preciso pensar sobre isso. Quem sabe tenha que ler outros livros."

"Como assim? Para saber o que diz um livro deveis ler outros?"

"Às vezes pode-se proceder assim. Freqüentemente os livros falam de outros livros. Freqüentemente um livro inócuo é como uma semente, que florescerá num livro perigoso, ou, ao contrário, é o fruto doce de uma raiz amarga. Não poderia, lendo Alberto, saber o que poderia ter dito Tomás? Ou lendo Tomás saber o que tinha dito Averroes?"

"É verdade", disse admirado. Até então pensara que todo livro falasse das coisas, humanas ou divinas, que estão fora dos livros. Percebia agora que não raro os livros falam de livros, ou seja, é como se falassem entre si. À luz dessa reflexão, a biblioteca pareceu-me ainda mais inquietante. Era então o lugar de um longo e secular sussurro, de um diálogo imperceptível entre pergaminho e pergaminho, uma coisa viva, um receptáculo de forças não domáveis por uma mente humana, tesouro de segredos emanados de muitas mentes, e sobrevividos à morte daqueles que os produziram, ou os tinham utilizado.

"Mas então", eu disse, "de que serve esconder os livros, se pelos livros

acessíveis se pode chegar aos ocultos?”

“No decorrer dos séculos não serve para nada. No arco dos anos e dos dias serve para alguma coisa. Vê como nos encontramos de fato perdidos.”

“E então uma biblioteca não é um instrumento para divulgar a verdade, mas para retardar sua aparição?” perguntei estupefato.

“Não sempre e não necessariamente. Neste caso é.”

Quarto dia

SEXTA

Onde Adso vai procurar trufas e encontra os menoritas chegando, estes conversam demoradamente com Guilherme e Ubertino e fica-se sabendo de coisas muito tristes sobre João XXII.

Após essas considerações meu mestre decidiu não fazer mais nada. Já disse que tinha às vezes momentos de total falta de atividade, como se o ciclo incessante dos astros tivesse parado, e ele também com eles. Assim fez aquela manhã. Estendeu-se sobre o enxergão com os olhos abertos no vazio e as mãos cruzadas no peito, movendo apenas os lábios como se recitasse uma prece, mas de modo irregular e sem devoção.

Achei que estivesse pensando, e resolvi respeitar a sua meditação. Voltei ao pátio e vi que o sol se enfraquecia. De bela e límpida que era, a manhã (enquanto o dia se preparava para consumar sua primeira metade) estava ficando úmida e brumosa. Grossas nuvens moviam-se do norte e estavam invadindo o topo da esplanada cobrindo-a de uma leve caligem. Parecia névoa, e quiçá estivesse subindo névoa também da terra, mas naquela altitude era difícil distinguir as brumas que vinham de baixo daquelas que desciam do alto. Começava-se a distinguir a custo a mole dos edifícios mais distantes.

Vi Severino que reunia os porqueiros e alguns de seus animais, com alegria. Disse-me que iam pelas faldas do monte, e no vale, procurar trufas. Eu ainda não conhecia aquele fruto prelibado da mata que crescia naquela península, e parecia típico das terras beneditinas, quer em Norcia — preto — quer naquelas terras — mais claro e perfumado. Severino explicou-me o que era, e o quanto a trufa era gostosa, preparada nos modos mais variados. E disse-me que era dificílima de achar, porque se escondia debaixo da terra, mais escondida que um fungo, e os únicos mais capazes de escavá-lo seguindo o olfato eram os porcos. Exceto que,

quando achavam, queriam devorá-la, e era preciso afastá-los e intervir para desenterrá-la. Soube mais adiante que muitos cavalheiros não desdenhavam dedicar-se àquela caça, seguindo os porcos como se fossem sabujos nobilíssimos, e seguidos por sua vez pelos servos com as enxadas. Recordo aliás que anos mais tarde um senhor da minha terra, sabendo que eu conhecia a Itália, me perguntou se nunca tinha visto lá embaixo os senhores irem pastorear os porcos, e eu ri compreendendo que, ao contrário, estavam procurando trufas. Mas quando eu lhe disse que eles queriam encontrar a "trufa" embaixo da terra para depois comê-la, ele entendeu que eu estava dizendo que procuravam "der Teufel", ou seja, o diabo, e persignou-se devotamente fitando-me assustado. Depois o equívoco se desfez e ambos rimos. Tal é a magia dos falares humanos, que por humano acordo significam freqüentemente, com sons iguais, coisas diferentes.

Curioso com os preparativos de Severino resolvi segui-lo, mesmo porque entendi que ele se prestava àquela busca para esquecer as tristes vicissitudes que oprimiam a todos; e eu pensei que o ajudando a esquecer os seus pensamentos teria quem sabe, se não esquecido, pelo menos freado os meus. Nem escondo, já que decidi escrever sempre e somente a verdade, que secretamente me seduzia a idéia de que, descendo ao vale, teria quem sabe podido entrever alguém de quem não falo. Mas a mim mesmo e quase em voz alta afirmei ao invés que, uma vez que para aquele dia era esperada a chegada das duas legações, teria quem sabe podido avistar uma delas.

Pouco a pouco, à medida que se desciam as curvas do monte, o ar clareava; não que voltasse o sol, pois a parte superior do céu estava pesada de nuvens, mas as coisas distinguiam-se nitidamente, porque a névoa permanecia por cima de nossas cabeças. Aliás, ao descermos mais, voltei-me para olhar o topo do monte, e não vi mais nada: da metade da subida em diante, o cume da colina, a esplanada, o Edifício, tudo, desaparecia entre as nuvens.

A manhã de nossa chegada, quando já estávamos entre os montes, em certas curvas, era possível enxergar a não mais de dez milhas, ou talvez menos, o mar. A nossa viagem fora rica em surpresas, porque de repente nos encontrávamos como que numa terraça da montanha que dava a pique sobre golfos belíssimos, e depois logo adiante penetrávamos em gargantas profundas, onde montanhas se elevavam entre montanhas, e uma obtundia à outra a vista da costa longínqua, enquanto o sol penetrava a custo no fundo dos vales. Nunca como naquele lugar da Itália tinha visto uma tão estreita e repentina interpenetração de mares e montes, de litorais e paisagens alpinas, e no vento que sibilava entre as gargantas podia-se sentir a luta

alternada dos bálsamos marinhos e dos gélidos sopros rupestres.

Naquela manhã, ao contrário, estava tudo cinzento, e quase branco-leite, e não havia horizontes, mesmo quando as gargantas se abriam em direção às costas longínquas. Mas me demoro em lembranças de pouca importância em relação ao evento que nos inquieta, meu paciente leitor. Assim não falarei sobre os diversos acontecimentos de nossa busca dos "der Teufel". E falarei antes da legação dos frades menores, que avistei primeiro, correndo logo em direção ao mosteiro para avisar Guilherme.

O meu mestre deixou que os recém-chegados entrassem e fossem saudados pelo Abade segundo o ritual. Depois foi em direção ao grupo e seguiu-se uma seqüência de abraços e fraternas saudações.

Já passara da hora da refeição, mas uma mesa tinha sido preparada para os hóspedes e o Abade teve a fineza de deixá-los sozinhos, e a sós com Guilherme, subtraídos aos deveres da regra, livres para se alimentarem e para trocarem ao mesmo tempo suas impressões: dado que enfim se tratava, Deus me perdoe a desagradável similitude, como que de um conselho de guerra, a ser realizado o mais depressa possível, antes que chegasse a hoste inimiga, ou seja, a legação avignonense.

Inútil dizer que os recém-chegados logo se encontraram também com Ubertino, que todos saudaram com a surpresa, a alegria e a veneração que eram devidas quer à sua longa ausência, e aos temores que tinham envolvido seu desaparecimento, quer à qualidade daquele corajoso guerreiro, que há decênios já combatera a mesma batalha que eles.

Dos frades que compunham o grupo direi depois, falando da reunião do dia seguinte. Mesmo porque eu falei pouquíssimo com eles, preso que estava pelo conselho a três que se estabeleceu imediatamente entre Guilherme, Ubertino e Michele de Cesena.

Michele devia ser um homem bastante estranho: ardentíssimo em sua paixão franciscana (tinha por vezes os gestos, os acentos de Ubertino em seus momentos de transporte místico); muito humano e jovial em sua natureza terrestre de homem das Romagne, capaz de apreciar a boa mesa e feliz por se reencontrar com os amigos; sutil e evasivo, tornava-se de repente perspicaz e hábil como uma raposa, matreiro como uma toupeira, quando tocavam problemas das relações entre os poderosos, capaz de grandes risadas, de férvidas tensões, de eloqüentes silêncios, hábil em desviar o olhar do interlocutor quando a pergunta deste exigia mascarar, com a distração, a recusa da resposta.

Dele já disse alguma coisa nas páginas precedentes, e eram coisas de que tinha ouvido falar, talvez de pessoas a quem tinham sido ditas. Agora, ao contrário, entendia melhor muitos de seus comportamentos contraditórios e das repentinas mudanças de desígnios políticos com que nos últimos anos deixara admirados seus próprios amigos e sequazes. Ministro geral da ordem dos frades menores era, por princípio, o herdeiro de São Francisco, de fato herdeiro de seus intérpretes: devia competir com a santidade e a sabedoria de um predecessor como Boaventura de Bagnoregio, devia garantir o respeito pela regra mas, ao mesmo tempo, as fortunas da ordem, tão vasta e poderosa; devia dar ouvidos às cortes e às magistraturas citadinas das quais a ordem obtinha, ainda que sob a forma de esmolas, doações e heranças, motivo de prosperidade e riqueza; e devia, ao mesmo tempo, cuidar que a necessidade de penitência não arrastasse para fora da ordem os espirituais mais acesos, dissolvendo aquela esplêndida comunidade, de que era chefe, numa constelação de bandos de hereges. Devia agradar ao papa, ao império, aos frades de vida pobre, a São Francisco, que decerto o vigiava do céu, ao povo cristão que o vigiava da terra. Quando João condenara todos os espirituais como hereges, Michele não hesitara em entregar-lhe cinco dentre os frades mais briguentos de Provença, deixando que o pontífice os mandasse à fogueira. Mas percebendo (e não devia ter parecido estranha a ação de Ubertino) que muitos na ordem simpatizavam com os sequazes da simplicidade evangélica, tinha justamente agido de modo que o capítulo de Perugia, quatro anos mais tarde, tornasse suas as instâncias dos queimados. Naturalmente, procurando reabsorver uma necessidade, que podia ser herética, nos moldes e nas instituições da ordem, e querendo que aquilo que a ordem queria no momento fosse querido também pelo papa. Mas, enquanto esperava convencer o papa, sem cujo consenso não teria desejado proceder, não desdenhara aceitar os favores do imperador e dos teólogos imperiais. Ainda dois anos antes do dia em que o vi ordenara a seus frades, no capítulo geral de Lyon, que falassem da pessoa do papa com moderação e respeito (e isso poucos meses depois que o papa falava dos menoritas protestando contra "os seus latidos, os seus erros e suas insânias"). Mas agora estava à mesa, amicíssimo, com pessoas que do papa falavam com respeito menor que nenhum.

O resto já disse. João o queria em Avignon, ele queria e não queria ir, e o encontro do dia seguinte deveria decidir sobre os modos e sobre as garantias de uma viagem que não deveria aparecer como um ato de submissão, mas nem como um ato de desafio. Não creio que Michele já tivesse encontrado João pessoalmente, pelo menos desde que era papa. Em todo caso não o via desde muito, e seus

amigos se aprestavam em pintar-lhe com tintas muito escuras a figura daquele simoníaco.

"Uma coisa terás que aprender", dizia-lhe Guilherme, "em não confiar em seus juramentos, que ele mantém sempre na letra, mas viola na substância."

"Todos sabem", dizia Ubertino, "o que aconteceu nos tempos de sua eleição..."

"Não a chamaria eleição, e sim imposição!" interveio um comensal, que escutei depois chamarem Hugo de Newcastle, de sotaque semelhante ao de meu mestre. "Entretanto já a morte de Clemente V nunca ficou muito clara. O rei não mais lhe perdoara por ter prometido processar a memória de Bonifácio VIII, e depois por ter feito de tudo para não condenar o seu predecessor. Como foi morto em Carpentras, ninguém sabe direito. O fato é que quando os cardeais se reuniram em Carpentras para o conclave, o novo papa não foi escolhido, porque (e com toda justiça) a disputa se deslocou para a escolha entre Avignon e Roma. Não sei bem o que aconteceu naqueles dias, um massacre me dizem, com os cardeais ameaçados pelo sobrinho do papa morto, seus servos trucidados, o palácio entregue às chamas, os cardeais que apelam ao rei, este que diz nunca ter querido que o papa desertasse de Roma, que se acalmassem, que fizessem sua escolha... Depois Filipe, o Belo, morre, e ele também sabe Deus como..."

"Ou o diabo é quem sabe", disse persignando-se, imitado por todos, Ubertino.

"Ou o diabo é quem sabe", concordou Hugo com um riso de mofa. "Em suma, sucede um outro rei, sobrevive dezoito meses, morre, morre em poucos dias também o seu herdeiro recém-nascido, seu irmão, o regente, toma o trono..."

"E é justamente este Filipe V que, quando ainda conde de Poitiers, havia tornado a juntar os cardeais que fugiam de Carpentras", disse Michele.

"De fato", continuou Hugo, "os torna a pôr em conclave em Lyon, no convento dos dominicanos, jurando defender sua incolumidade e não mantê-los prisioneiros. Porém, mal eles se põem à sua mercê, não só os manda trancar à chave (que seria depois o justo costume) mas vai diminuindo os alimentos dia a dia, até que tenham tomado uma decisão. E a cada um promete apoiá-lo em sua pretensão ao sólio. Quando, depois, toma o trono, os cardeais, cansados de serem prisioneiros há dois anos, com medo de permanecer ali a vida inteira, comendo muito mal, aceitam tudo, os glutões, colocando na cátedra de Pedro aquele gnomo ultra-septuagenário..."

"Gnomo certamente sim", riu Ubertino, "e de aspecto um tanto tísico, porém mais robusto e mais astuto do que se pode acreditar!"

"Filho de sapateiro", resmungou um dos legados.

"Cristo era filho de carpinteiro!" repreendeu-o Ubertino. "Não é este o fato. É um homem culto, estudou leis em Montpellier e medicina em Paris, soube cultivar as suas amizades nos modos mais convenientes para ter, quer os tronos episcopais, quer o chapéu cardinalício, quando lhe parecia oportuno, e quando foi conselheiro de Roberto, o Sábio, em Nápoles, deixou muitos admirados com seu acume. E como bispo de Avignon deu todos os conselhos justos (justos, digo, para os fins daquela esquálida empresa) a Filipe, o Belo, para arruinar os Templários. E após a eleição conseguiu escapar a um complô de cardeais que queriam matá-lo... Mas não é disso que queria dizer, falava de sua habilidade em trair os juramentos, sem poder ser acusado de perjuro. Quando foi eleito, e para ser eleito, prometeu ao cardeal Orsini que reconduziria o trono pontifício a Roma, e jurou sobre a hóstia sagrada que se não mantivesse a sua promessa nunca mais montaria num cavalo ou num mulo. Pois sabeis o que fez aquela raposa? Quando se fez coroar em Lyon (contra a vontade do rei, que queria que a cerimônia acontecesse em Avignon) viajou depois de Lyon a Avignon de barco!"

Os frades todos riram. O papa era um perjuro, mas não se lhe podia negar um certo engenho.

"É um despudorado", comentou Guilherme. "Hugo, por acaso, não disse que nem sequer tentou esconder a sua má-fé? Não me contaste tu, Ubertino, sobre o que disse ao Orsini no dia de sua chegada a Avignon?"

"Claro", disse Ubertino, "disse-lhe que o céu de França era tão bonito que não via por que devesse fincar pé numa cidade cheia de ruínas como Roma. E que uma vez que o papa, como Pedro, tinha o poder de atar e desatar, ele agora estava exercendo esse poder, e decidia ficar ali onde estava e onde se sentia tão bem. E quando Orsini tentou lembrar-lhe que seu dever era viver nas colinas vaticanas, chamou-o secamente à obediência, e truncou a discussão. Mas não acabou aí a história do juramento. Quando desceu do barco deveria montar uma égua branca, seguido dos cardeais em cavalos negros, como quer a tradição. Mas em vez disso foi a pé para o palácio episcopal. Não fiquei sabendo se nunca mais montou um cavalo. E de um homem desses, Michele, tu esperas que se mantenha fiel às garantias que te dará?"

Michele ficou em silêncio um tempo. Depois disse: "Posso entender o desejo do papa de permanecer em Avignon, e não o discuto. Mas ele não poderá discutir o nosso desejo de pobreza e a nossa interpretação do exemplo de Cristo."

"Não sejas ingênuo, Michele", interveio Guilherme, "o vosso, o nosso desejo, faz aparecer numa luz sinistra o dele. Deves ter em conta que há séculos não subia ao

trono pontifício um homem assim tão ávido. As meretrizes da Babilônia, contra quem trovejava antigamente o nosso Ubertino, os papas corruptos de que falavam os poetas da tua terra, como aquele Alighieri, eram cordeiros mansos e sóbrios comparados a João. É um corvo ladrão, um usurário hebreu, em Avignon fazem-se mais transações que em Florença! Fiquei sabendo da ignóbil transação com o sobrinho de Clemente, Bertrand de Goth, aquele do massacre de Carpentras (em que, dentre outras coisas, os cardeais foram aliviados de todas as suas jóias): esse tinha posto as mãos no tesouro do tio, que não era pequeno, e a João nada escapara do que tinha roubado (na Cum venerabiles enumera com precisão as moedas, os vasos de ouro e prata, os livros, os tapetes, as pedras preciosas, os enfeites...). João porém fingiu ignorar que Bertrand tinha posto a mão em mais de um milhão e meio de florins de ouro durante o saque de Carpentras, e discutiu sobre outros trinta mil florins, que Bertrand confessara ter recebido do tio para "um propósito pio", isto é, para uma cruzada. Ficou estabelecido que Bertrand reteria metade da soma para a cruzada e a outra metade iria para o sólio pontifício. Depois Bertrand não fez a cruzada, ou pelo menos não a fez ainda, e o papa não viu um florim..."

"Não é tão hábil, então", observou Michele.

"É a única vez que se deixou enganar em matéria de dinheiro", disse Ubertino. "Precisas saber bem com que raça de mercador vais te meter. Em todos os outros casos demonstrou uma habilidade diabólica em juntar dinheiro. É um rei Midas, o que toca vira ouro que aflui às caixas de Avignon. Toda vez que entrei em seus apartamentos encontrei banqueiros, cambistas de moeda, e mesas carregadas de ouro, e clérigos que contavam e empilhavam florins uns sobre os outros... E verás que palácio mandou construir para si, com riquezas que antigamente eram atribuídas somente ao imperador de Bizâncio ou ao Grande Khan dos tártaros. E entendes agora por que lançou todas aquelas bulas contra a idéia da pobreza. Mas tu sabes que levou os dominicanos, por ódio à nossa ordem, a esculpir estátuas de Cristo com a coroa real, a túnica de púrpura e de ouro e calçados suntuosos? Em Avignon foram expostos crucifixos com Jesus pregado por uma só mão, enquanto a outra toca uma bolsa pendurada à sua cintura, para indicar que Ele autoriza o uso do dinheiro para fins religiosos..."

"Oh, o despudorado!" exclamou Michele. "Mas isso é pura blasfêmia!"

"Acrescentou", continuou Guilherme, "uma terceira coroa à tiara papal, não é verdade, Ubertino?"

"Certo. No início do milênio o papa Hildebrando assumira uma, com a inscrição

Corona regni de manu Dei, o infame Bonifácio acrescentara-lhe logo depois uma segunda, inscrevendo nela Diadema imperii de manu Petri e João não fez senão aperfeiçoar o símbolo: três coroas, o poder espiritual, o temporal e o eclesiástico. Um símbolo dos reis persas, um símbolo pagão...”

Havia um frade que até então ficara em silêncio, ocupado com muita devoção em devorar os bons acepipes que o Abade mandara trazer à mesa. Prestava seu ouvido distraído às várias conversas, emitindo de vez em quando um riso sarcástico endereçado ao pontífice, ou um grunhido de aprovação às interjeições de desdém dos comensais. Mas de resto cuidava de limpar o queixo dos molhos e dos pedaços de carne que deixava cair da boca desdentada e voraz, e as únicas vezes em que dirigira a palavra a um de seus vizinhos tinha sido para louvar o sabor de uma guloseima qualquer. Soube depois que era misser Girolamo, aquele bispo de Caffa que Ubertino dias antes acreditara já defunto (e devo dizer que a idéia de que estivesse morto há dois anos circulou como notícia verdadeira por toda a cristandade durante muito tempo, porque ouvi isso mesmo depois; e com efeito morreu poucos meses após aquele nosso encontro, e continuo pensando que tenha falecido devido à grande raiva que a reunião do dia seguinte lhe teria causado, que quase parecia desabar de repente e imediatamente, tão frágil de corpo e bilioso de humor ele era).

Intrometeu-se àquela altura na conversa, falando com a boca cheia: “E depois sabeis que o infame elaborou uma constituição sobre as taxae sacrae poenitentiariae, onde especula sobre os pecados dos religiosos para tirar disso mais dinheiro. Se um eclesiástico cometer pecado carnal com uma freira, com uma parente, ou mesmo com uma mulher qualquer (porque isso também acontece!) poderá ser absolvido apenas pagando setenta e sete liras de ouro e doze soldos. E se cometeu bestialidade, serão mais de duzentas liras, mas se a cometer somente com mocinhas ou animais, e não com mulheres, a multa será reduzida em cem liras. E uma monja que tenha se dado a muitos homens, seja ao mesmo tempo ou em momentos diferentes, fora ou dentro do convento, e depois tenha querido se tornar abadessa, deverá pagar cento e trinta e uma liras de ouro e quinze soldos...”

“Vamos, misser Girolamo”, protestou Ubertino, “sabeis quão pouco amo o papa, mas quanto a isso devo defendê-lo! É uma calúnia posta em circulação em Avignon, nunca vi essa constituição!”

“Ela existe”, afirmou Girolamo vigorosamente. “Nem eu a vi, mas existe.”

Ubertino sacudiu a cabeça e os demais se calaram. Percebi que estavam habituados a não levar muito a sério misser Girolamo, que no outro dia Guilherme

definira como tolo. Guilherme, em todo caso, tentou reatar a conversação: "Em todo caso, verdadeiro ou falso que seja, esse murmúrio nos diz qual é o clima moral de Avignon, onde cada um, desfrutado ou desfrutador, sabe que está vivendo mais num mercado do que na corte de um representante de Cristo. Quando João subiu ao trono falava-se de um tesouro de setenta mil florins de ouro, e agora há quem diga que tenha ajuntado mais de dez milhões."

"É verdade", disse Ubertino. "Michele, Michele, não sabes que vergonhas tive de ver em Avignon!"

"Procuremos ser honestos", disse Michele. "Sabemos que também os nossos cometeram excessos. Recebi notícias de franciscanos que atacavam armados os conventos dominicanos e desnudavam os frades inimigos para impor-lhes a pobreza... É por isso que não ousei opor-me a João quando dos casos de Provença... Quero chegar a um acordo com ele, não humilharei o seu orgulho, só lhe pedirei que não humilhe a nossa humildade. Não lhe falarei de dinheiro, só lhe pedirei para consentir numa sã interpretação das escrituras. E isso deveremos fazer amanhã, com seus legados. No fim somos homens de teologia, e nem todos serão vorazes como João. Quando homens sábios tiverem deliberado sobre uma interpretação das escrituras, ele não poderá..."

"Ele?" interrompeu Ubertino. "Mas tu não conheces ainda suas loucuras no campo teológico. Ele quer deveras fazer tudo sozinho, no céu e na terra. Na terra vimos o que faz. Quanto ao céu... Pois bem, ele ainda não expressou as idéias de que te falo, não publicamente pelo menos, mas eu sei, com certeza, que murmurou sobre elas com seus fiéis. Ele está elaborando algumas proposições loucas, se não perversas, que mudariam a própria substância da doutrina, e tolheriam toda força de nossa pregação!"

"Quais?" muitos perguntaram.

"Perguntem a Berengário, ele sabe, foi ele quem me disse." Ubertino tinha-se virado para Berengário Talloni, que fora nos anos passados um dos mais decididos adversários do pontífice em sua própria corte. Vindo de Avignon, há dois dias se reunira ao grupo dos demais franciscanos e com eles chegara à abadia.

"É uma história obscura e quase inacreditável", disse Berengário. "Parece que João tem em mente sustentar que os justos não gozarão da visão beatífica até depois do Juízo. Faz tempo que está refletindo sobre o versículo nove do capítulo sexto do Apocalipse, lá onde se fala da abertura do quinto selo: onde aparecem sob o altar os que foram mortos por testemunhar a palavra de Deus e pedem justiça. A cada um é dada uma veste branca e lhes é dito que tenham mais um

pouco de paciência... Sinal, argumenta João, de que eles não poderão ver Deus em sua essência, senão após o advento do juízo final."

"Mas a quem disse essas coisas?" perguntou Michele estarrecido.

"Até agora a uns poucos íntimos, mas o boato se espalhou, dizem que está preparando uma intervenção aberta, não logo, quem sabe dentro de alguns anos, está se consultando com seus teólogos..."

"Ah, aha!" riu Girolamo mastigando.

"Não só, parece querer ir além e sustentar que nem mesmo o inferno será aberto antes daquele dia... Sequer para os demônios."

"Jesus do céu, ajude-nos!" exclamou Girolamo. "E o que contaremos então aos pecadores se não podemos ameaçá-los com um inferno imediato, logo depois da morte!?"

"Estamos nas mãos de um louco", disse Ubertino. "Mas não entendo por que quer sustentar essas coisas..."

"Vai por terra toda a doutrina das indulgências", lamentou Girolamo, "e nem mesmo ele poderá vendê-las. Por que um padre que pecou por bestialidade deve pagar tantas liras de ouro para evitar um castigo tão remoto?"

"Não tão remoto", disse Ubertino com força, "os tempos estão próximos!"

"Tu sabes disso, caro irmão, mas os simples não sabem. Eis como estão as coisas!" gritou Girolamo que não tinha mais ares de saborear a própria comida. "Que idéia nefasta, deve ter sido posta na cabeça dele por esses frades pregadores... Ah!" e sacudiu a cabeça.

"Mas por quê?" repetiu Michele de Cesena.

"Não creio que haja uma explicação", disse Guilherme. "É uma prova que ele se concede, um ato de orgulho. Quer ser verdadeiramente aquele que decide pelo céu e pela terra. Sabia desses boatos, Guilherme de Ockham me escreveu. Veremos por fim se o papa ganhará a parada ou a ganharão os teólogos, a voz toda da igreja, os próprios desejos do povo de Deus, os bispos..."

"Oh, sobre assuntos doutrinários ele poderá dobrar também os teólogos", disse triste Michele.

"Não está dito", respondeu Guilherme. "Vivemos em tempos em que os conhecedores de assuntos divinos não têm medo de proclamar que o papa é um herege. Os conhecedores de assuntos divinos são, a seu modo, a voz do povo cristão. Contra quem nem sequer o papa poderá ir."

"Pior, pior ainda", murmurou Michele assustado. "De um lado um papa louco, de outro o povo de Deus que, mesmo que seja pela boca de seus teólogos, pretenderá

dentro em pouco interpretar livremente as escrituras...”

“Por que, o que fizestes vós de diferente em Perugia?” perguntou Guilherme.

Michele sacudiu-se, como que picado num ponto sensível: “Por isso quero encontrar o papa. Nós não podemos nada sobre aquilo com que também ele não concorde.”

“Veremos, veremos”, disse Guilherme de modo enigmático.

O meu mestre era realmente muito agudo. Como fazia para prever que o próprio Michele decidiria depois apoiar-se nos teólogos do império e no povo para condenar o papa? Como fazia para prever que, quando quatro anos depois, tendo João enunciado pela primeira vez a sua incrível doutrina, haveria uma sublevação por parte de toda a cristandade? Se a visão beatífica tinha sido tão retardada, como poderiam os mortos interceder pelos vivos? E onde iria parar o culto dos santos? Justamente os menoritas teriam iniciado as hostilidades, condenando o papa, e Guilherme de Ockham estaria na primeira fila, severo e implacável em suas argumentações. A luta duraria três anos, até que João, próximo da morte, faria acordos parciais. Ouvi descreverem-no, anos mais tarde, quando apareceu no consistório de dezembro de 1334, bem menor do que aparecera até então, ressecado pela idade, nonagenário e moribundo, pálido de rosto, dizendo (a raposa, tão hábil em jogar com as palavras não só para violar os próprios juramentos mas também para renegar as próprias obstinações): “Nós confessamos e acreditamos que as almas separadas do corpo e completamente purificadas estejam no céu, no paraíso com os anjos, e com Jesus Cristo, e que elas vejam Deus em sua divina essência, claramente e frente a frente...” e depois com uma pausa, nunca ninguém soube se devida à dificuldade da respiração ou à vontade perversa de sublinhar a última cláusula como adversativa, “na medida em que o estado e a condição da alma separada o permitam.” Na manhã seguinte, era domingo, fez-se reclinar numa cadeira alongada e de encosto inclinado, recebeu o beija-mão de seus cardeais, e morreu.

Mas estou divagando novamente, e contando mais coisas do que as que deveria contar. Também porque, no fundo, o resto daquela conversação à mesa não acrescenta muito para a compreensão dos eventos que estou narrando. Os menoritas combinaram sobre a conduta a ser mantida no dia seguinte. Pesaram um por um os adversários. Comentaram com preocupação a notícia, dada por Guilherme, da chegada de Bernardo Gui. E mais ainda o fato de que seria o cardeal Bertrando do Poggetto a presidir a legação avignonense. Dois inquisidores eram demais: sinal de que se queria usar contra os menoritas o argumento da heresia.

“Tanto pior”, disse Guilherme, “nós trataremos a eles de hereges.”

“Não, não”, disse Michele, “procedamos com cautela, não devemos comprometer um possível acordo.”

“Pelo que consigo pensar”, disse Guilherme, “mesmo tendo também trabalhado para a realização desse encontro, e tu o sabes, Michele, não creio que os avignonenses venham aqui atrás de algum resultado positivo. João quer-te em Avignon sozinho e sem garantias. Mas o encontro terá ao menos uma função, a de fazer com que entendas isso. Seria pior se tu fosses antes de ter essa experiência.”

“Desse modo tu tiveste tanto trabalho, e por muitos meses, para realizar uma coisa que acreditas inútil”, disse Michele amargamente.

“Fora-me pedido, por ti e pelo imperador”, disse Guilherme. “E, por fim, nunca é inútil conhecer melhor os próprios inimigos.”

Naquele momento vieram nos avisar que estava adentrando as muralhas a segunda legação. Os menoritas se levantaram e foram ao encontro dos homens do papa.

Quarto dia

NOA

Onde chegam o cardeal do Poggetto,
Bernardo Gui e os demais homens de Avignon,
e depois cada um faz coisas diferentes.

Homens que já se conheciam há tempo, homens que sem se conhecerem tinham ouvido falar um do outro, saudavam-se no pátio com aparente cordura. Ao lado do Abade o cardeal Bertrando do Poggetto movia-se como quem tem familiaridade com o poder, como se fosse ele próprio um segundo pontífice, e distribuía a todos, especialmente aos menoritas, cordiais sorrisos, augurando miríficos entendimentos pelo encontro do dia seguinte, e trazendo explicitamente os votos de paz e bem (usou intencionalmente essa expressão cara aos franciscanos) da parte de João XXII.

"Bravo, bravo", disse-me, quando Guilherme teve a bondade de me apresentar como seu escrivão e discípulo. Depois perguntou-me se conhecia Bolonha e louvou-me a beleza de lá, a boa comida e a esplêndida universidade, convidando-me a visitá-la, em vez de retornar um dia, me disse, para o meio daquelas minhas gentes alemãs que estavam fazendo sofrer tanto o nosso senhor papa. Depois estendeu-me o anel para beijar enquanto já volvia o seu sorriso para um outro.

Por outro lado a minha atenção voltou-se logo para a personagem de que mais tinha ouvido falar naqueles dias: Bernardo Gui, como o chamavam os franceses, ou Bernardo Guidoni ou Bernardo Guido, como o chamavam alhures.

Era um dominicano de cerca de setenta anos, magro mas de boa figura. Chamaram-me a atenção os seus olhos cinzentos, frios, capazes de fitar sem expressão, e que muitas vezes veria, ao contrário, brilhar de lampejos equívocos, tão hábil era em ocultar pensamentos e paixões como em exprimi-los na ocasião propícia.

Na troca geral de cumprimentos, não foi como os outros afetuoso ou cordial,

mas sempre e tão-somente cortês. Quando viu Ubertino, que já conhecia, foi muito deferente para com ele, mas o fitou de um modo tal a induzir em mim um arrepio de inquietação. Quando cumprimentou Michele de Cesena deu um sorriso difícil de decifrar, e murmurou sem calor: "Lá em cima vos esperam há muito tempo", frase em que não consegui colher nem um sinal de ansiedade, nem uma sombra de ironia, nem uma injunção, nem sequer um matiz de interesse. Encontrou-se com Guilherme, e quando soube quem era fitou-o com educada hostilidade: não porque o rosto traísse os seus sentimentos secretos, eu estava certo disso (mesmo estando incerto quanto ao fato de que ele nutrisse algum sentimento) mas porque certamente queria que Guilherme o sentisse hostil. Guilherme devolveu-lhe a hostilidade sorrindo-lhe de modo exageradamente cordial e dizendo-lhe: "Há tempo desejava conhecer um homem cuja fama me serviu de lição e de advertência para muitas decisões importantes que inspiraram a minha vida." Sentença sem dúvida elogiosa e quase aduladora para quem não soubesse, como ao contrário sabia bem Bernardo, que uma das decisões mais importantes da vida de Guilherme fora a de abandonar o mister de inquisidor. Isso deu-me a impressão de que, se Guilherme teria visto de bom grado Bernardo nalguma masmorra imperial, Bernardo certamente teria visto com prazer Guilherme colhido por morte acidental e súbita; e uma vez que Bernardo tinha a seu comando naqueles dias homens de armas, temi pela vida de meu bom mestre.

Bernardo já devia ter sido informado pelo Abade acerca dos crimes cometidos na abadia. De fato, fingindo não perceber o veneno contido na frase de Guilherme, disse-lhe: "Parece que nestes dias, a pedido do Abade, e para cumprir a tarefa a mim confiada no termo do acordo que nos vê aqui reunidos, deverei ocupar-me de eventos tristíssimos em que se sente o pestífero cheiro do demônio. Falo-vos disso porque sei que em tempos longínquos, em que teríeis estado mais perto de mim, vós também do meu lado — e daqueles como eu — vós batestes no campo que via confrontarem-se em batalha as fileiras do bem contra as fileiras do mal."

"De fato", disse Guilherme tranqüilamente, "mas depois eu passei para o outro lado."

Bernardo aparou bravamente o golpe: "Podeis me dizer algo de útil sobre esses fatos criminosos?"

"Infelizmente não", respondeu civilizadamente Guilherme. "Não tenho a vossa experiência em fatos criminosos."

Daquele momento em diante perdi os rastros de ambos. Guilherme, após uma outra conversa com Michele e Ubertino, retirou-se para o scriptorium. Pediu a

Malaquias licença para examinar certos livros e não cheguei a ouvir os títulos deles. Malaquias fitou-o de modo estranho, mas não os pôde negar. Caso curioso, não precisou ir buscá-los na biblioteca. Já estavam todos em cima da mesa de Venâncio. O meu mestre mergulhou na leitura e decidi não perturbá-lo.

Desci à cozinha. Lá vi Bernardo Gui. Quem sabe queria tomar conhecimento da disposição da abadia e andava por toda parte. Ouvi que interrogava os cozinheiros e outros servos, falando bem ou mal o vulgar da terra (lembrei-me de que fora inquisidor na Itália setentrional). Pareceu-me que estivesse pedindo informações sobre as colheitas, sobre a organização do trabalho no mosteiro. Porém, mesmo fazendo as perguntas mais inocentes, fitava seu interlocutor com olhos penetrantes, depois fazia de repente uma nova pergunta, e a essa altura sua vítima empalidecia e balbuciava. Concluí daí qual, de algum modo singular, ele estava inquirindo, e se valia de uma arma formidável que todo inquisidor no exercício de sua função possui e manobra: o medo do outro. Porque todo inquirido habitualmente diz ao inquisidor, por medo de ser suspeito de algo, aquilo que pode servir para tornar suspeito um outro.

Durante todo o resto da tarde, à medida que eu me movia, vi Bernardo Gui proceder assim, quer junto aos moinhos, quer no claustro. Mas quase nunca abordou monges, sempre irmãos leigos ou camponeses. O contrário de tudo o que fizera Guilherme até então.

Quarto dia

VÉSPERAS

Onde Alinardo parece fornecer preciosas informações e Guilherme revela seu método para chegar a uma verdade provável por meio de uma série de erros seguros.

Mais tarde Guilherme desceu do scriptorium de bom humor. Enquanto aguardávamos pela hora da ceia encontramos Alinardo no claustro. Recordando o seu pedido, desde o dia anterior tinha procurado grãos-de-bico na cozinha, e lhos ofereci. Agradeceu-me enfiando-os na boca desdentada e cheia de baba. "Tu viste, rapaz", disse-me, "também o outro cadáver jazia lá onde o livro anunciava... Espera agora a quarta trombeta!"

Perguntei-lhe por que pensava que a chave para a seqüência dos crimes estaria no livro da revelação. Fitou-me admirado: "O livro de João oferece a chave de tudo!" E acrescentou, com um esgar de rancor: "Eu sabia, eu dizia há muito tempo... Fui eu, quem propôs ao Abade... àquele de então, para recolher o máximo de comentários ao Apocalipse que fosse possível... Eu devia tornar-me bibliotecário... Mas depois o outro conseguiu que o mandassem a Silos, onde encontrou os manuscritos mais belos, e voltou com um saque esplêndido. Oh, ele sabia onde procurar, falava também a língua dos infiéis... E assim ele recebeu a custódia da biblioteca, e não eu. Mas Deus o puniu e o fez entrar antes do tempo no reino das trevas. Ah, ah..." riu com maldade, o velho que até então me parecera, imerso na serenidade de suas cãs, semelhante a um menino inocente.

"Quem era aquele de quem falais?" perguntou Guilherme.

Fitou-nos atônito. "De quem falava? Não lembro... faz tanto tempo. Mas Deus castiga, Deus apaga, Deus obscurece também as lembranças. Muitos atos de soberba foram cometidos na biblioteca. Especialmente desde que caiu em mãos dos estrangeiros. Deus ainda está castigando..."

Não conseguimos arrancar-lhe outras palavras e o deixamos entregue ao seu

pacífico e rancoroso delírio. Guilherme declarou-se muito interessado por aquela conversa: "Alinardo é um homem para se escutar, toda vez que fala, diz coisas interessantes."

"O que disse desta vez?"

"Adso", disse Guilherme, "resolver um mistério não é a mesma coisa que deduzir a partir de princípios primeiros. E não equivale sequer a recolher muitos dados particulares para depois deles inferir uma lei geral. Significa antes achar-se diante de um, dois ou três dados particulares que aparentemente não têm nada em comum, e tentar imaginar se podem ser muitos os casos de uma lei geral que não conheces ainda, e talvez nunca tenha sido enunciada. Claro, se sabes, como diz o filósofo, que o homem, o cavalo e o mulo são todos sem fel e todos vivem bastante, podes enunciar o princípio pelo qual os animais sem fel vivem bastante, mas imagina o caso dos animais de chifres. Por que têm chifres? De repente, percebes que todos os animais de chifres não têm dentes na mandíbula superior. Seria uma bela descoberta, se não tivesses conhecimento de que, infelizmente, há animais sem dentes na mandíbula superior e que todavia não têm os chifres, como o camelo. Finalmente percebes que todos os animais sem dentes na mandíbula superior têm dois estômagos. Bem, podes imaginar que quem não tem dentes suficientes mastiga mal, e, portanto, necessita de dois estômagos para poder digerir melhor a comida. Mas e os chifres? Então tentas imaginar uma causa material dos chifres, pela qual a falta de dentes provê o animal com uma excedência de matéria óssea que deve despontar em algum lugar. Mas é uma explicação suficiente? Não, porque o camelo não tem dentes superiores, tem dois estômagos, mas não os chifres. E então precisas imaginar também uma causa final. A matéria óssea desponta em chifres somente nos animais que não têm outros meios de defesa. Ao contrário o camelo tem uma pele duríssima e não precisa de chifres. Então a lei poderia ser..."

"Mas o que têm a ver os chifres com isso?" perguntei com impaciência, "e por que estais vos ocupando de animais com chifres?"

"Eu nunca me ocupei deles, mas o bispo de Lincoln se ocupou muito, seguindo uma idéia de Aristóteles. Honestamente, eu não sei se as razões que encontrou são as apropriadas, nem nunca verifiquei onde o camelo tem os dentes e quantos estômagos tem: mas era para te dizer que a busca das leis explicativas, nos fatos naturais, procede de modo tortuoso. Diante de alguns fatos inexplicáveis deves tentar imaginar muitas leis gerais, em que não vês ainda a conexão com os fatos de que estás te ocupando: e de repente, na conexão imprevista de um resultado,

um caso e uma lei, esboça-se um raciocínio que te parece mais convincente do que os outros. Experimentas aplicá-lo em todos os casos similares, usá-lo para daí obter previsões, e descobres que adivinhaste. Mas até o fim não ficarás nunca sabendo quais predicados introduzir no teu raciocínio e quais deixar de fora. E assim faço eu agora. Alinho muitos elementos desconexos e imagino as hipóteses. Mas preciso imaginar muitas delas, e numerosas delas são tão absurdas que me envergonharia de contá-las. Vê, no caso do cavalo Brunello, quando vi as pegadas, eu imaginei muitas hipóteses complementares e contraditórias: podia ser um cavalo em fuga, podia ser que montado naquele belo cavalo o Abade tivesse descido pelo declive, podia ser que um cavalo Brunello tivesse deixado os sinais sobre a neve e um outro cavalo Favello, no dia anterior, as crinas na moita, e que os ramos tivessem sido partidos por homens. Eu não sabia qual era a hipótese correta até que vi o celeireiro e os servos que procuravam ansiosamente. Então compreendi que a hipótese de Brunello era a única boa, e tentei provar se era verdadeira, apostrofando os monges como fiz. Venci, mas também poderia ter perdido. Os outros consideraram-me sábio porque venci, mas não conheciam os muitos casos em que fui tolo porque perdi, e não sabiam que poucos segundos antes de vencer, eu não estava certo de não ter perdido. Agora, nos casos da abadia, tenho muitas belas hipóteses, mas não há nenhum fato evidente que me permita dizer qual seja a melhor. E então, para não parecer tolo mais tarde, renuncio a ser astuto agora. Deixa-me pensar mais, até amanhã, pelo menos."

Entendi naquele momento qual era o modo de raciocinar do meu mestre, e pareceu-me demasiado diferente daquele do filósofo que raciocina sobre os princípios primeiros, tanto que o seu intelecto assume quase os modos do intelecto divino. Compreendi que, quando não tinha uma resposta, Guilherme se propunha muitas delas e muito diferentes entre si. Fiquei perplexo.

"Mas então", ousei comentar, "estais ainda longe da solução..."

"Estou pertíssimo", disse Guilherme, "mas não sei de qual."

"Então não tendes uma única resposta para vossas perguntas?"

"Adso, se a tivesse ensinaria teologia em Paris."

"Em Paris eles têm sempre a resposta verdadeira?"

"Nunca", disse Guilherme, "mas são muito seguros de seus erros."

"E vós", disse eu com impertinência infantil, "nunca cometeis erros?"

"Freqüentemente", respondeu. "Mas em vez de conceber um único erro imagino muitos, assim não me torno escravo de nenhum."

Tive a impressão de que Guilherme não estava realmente interessado na

verdade, que outra coisa não é senão a adequação entre a coisa e o intelecto. Ele ao contrário divertia-se imaginando a maior quantidade possível de possíveis.

Naquele momento, confesso, duvidei de meu mestre e surpreendi-me pensando: "Ainda bem que chegou a inquisição." Partilhei da sede de verdade que animava Bernardo Gui.

E com essas culpáveis disposições de espírito, mais perturbado que Judas na noite da quinta-feira santa, entrei com Guilherme no refeitório para cear.

Quarto dia

COMPLETAS

Onde Salvatore fala de uma magia portentosa.

A ceia para a legação foi soberba. O Abade devia conhecer muito bem quer as fraquezas dos homens quer os usos da corte papal (que não desagradaram, devo dizê-lo, nem mesmo aos menoritas de frei Michele). Os porcos mortos há pouco deviam nos dar chouriços à moda de Monte Cassino, disse-nos o cozinheiro. Mas o triste fim de Venâncio obrigara a jogar fora todo o sangue dos porcos, até que se procedesse à matança de outros. Além disso creio que naqueles dias repugnava a todos matar criaturas do Senhor. Mas tivemos guisado de pombos, macerado no vinho daquelas terras, e coelho assado, pasteizinhos de Santa Clara, arroz com as amêndoas daqueles montes, ou seja, o manjar branco das vigílias, torradas de borragem, azeitonas recheadas, queijo frito, carne de ovelha com molho cru de pimentão, favas brancas, e doces apetitosos, bolo de São Bernardo, doces de São Nicolau, olhinhos de Santa Luzia, e vinhos, e licores de ervas que deixaram de bom humor até Bernardo Gui, de costume tão austero: licor de citronela, de nozes, vinho contra a gota e vinho de genciana. Pareceria uma reunião de glutões, se cada gole ou cada bocado não tivesse sido acompanhado de leituras devotas.

No fim todos se levantaram muito contentes, alguns aduzindo vago mal-estar para não descer para as completas. Mas o Abade não se ofendeu com isso. Nem todos têm o privilégio e os deveres que decorrem de ter-se consagrado à nossa ordem.

Enquanto os monges se retiravam demorei-me curioso na cozinha, onde estavam preparando para o fechamento de todas as noites. Vi Salvatore que se esgueirava para o horto com um embrulho embaixo do braço. Intrigado fui atrás dele e o chamei. Ele tentou eximir-se, depois às minhas perguntas respondeu que trazia no embrulho (que se mexia como habitado por coisa viva) um basilisco.

"Cave basilischium! Est lo reys das serpentes, tant cheio de veneno que reluz

todo por fora! Que dicam, o veneno, o fedor sai que é de matar! Intoxica... Et tem maculas brancas nas costa, et caput como galo, et metade anda direita sobre a terra et metade anda na terra como as outras serpentes. E o mata a bélula...”

“A bélula?”

“Oc! Bestiola parvissima est, um pouco mais comprida que el rato, et é odiada mucho por el rato. E assi é a serpe e o sapo. Et quando eles a mordem, a bélula corre à fenicula ou a circebita et finca los dentes nela, et redet ad bellum. Et dicunt que gera pelos oculi, mas os que mais dizem eles, dizem falso.”

Perguntei-lhe o que estava fazendo com um basilisco e ele disse que eram assuntos dele. Eu lhe disse, já agora mordido pela curiosidade, que naqueles dias, com todos aqueles mortos, não havia mais assuntos secretos, e que iria contar o fato a Guilherme. E então Salvatore suplicou-me ardentemente que me calasse, abriu o pacote e mostrou-me um gato preto. Puxou-me para perto de si e disse-me com um sorriso obsceno que não queria mais que o celeireiro ou eu, porque éramos um potente e o outro jovem e belo, pudéssemos ter o amor das moças do vilarejo, e ele não porque era feio e pobre. Que conhecia uma magia portentosa para fazer cair de amores uma mulher. Era preciso matar um gato preto e arrancar-lhe os olhos, depois colocá-los dentro de dois ovos de galinha preta, um olho num ovo, um olho no outro (e mostrou-me dois ovos que assegurou ter obtido das galinhas apropriadas). Depois era preciso pôr os ovos para apodrecer dentro de um monte de esterco de cavalo (e tinha preparado um justamente num cantinho do horto onde nunca passava ninguém), e dali nasceria, de cada um dos ovos, um diabinho, que depois ficaria a seu serviço, propiciando-lhe todas as delícias deste mundo. Mas, infelizmente, me disse, para que a magia desse certo era necessário que a mulher, de quem pretendia o amor, cuspisse nos ovos antes que fossem enterrados no esterco, e aquele problema o angustiava, porque precisava ter a seu lado, aquela noite, a mulher em questão, e levá-la a fazer o ofício sem que ela soubesse para que servia.

Fui tomado por um repentino ardor no rosto, ou nas vísceras, ou no corpo inteiro, e perguntei com um fio de voz se aquela noite traria na muralha a moça da noite anterior. Ele riu, escarnecendo de mim, e disse que eu estava sem dúvida tomado de uma grande lascívia (eu disse que não, que perguntava por mera curiosidade), e depois me disse que no vilarejo mulheres havia muitas, e que traria para cima uma outra, mais bonita ainda que aquela que me agradava. Eu imaginei que estaria mentindo para me afastar dele. E por outro lado o que poderia eu fazer? Segui-lo durante toda a noite, quando Guilherme estava me esperando para

empresas bem outras? E voltar a ver aquela (se é que se tratava dela) para quem meus apetites me impeliam enquanto a minha razão dela me separava — e que não deveria ver nunca mais mesmo se desejava vê-la sempre? Claro que não. E por isso convenci a mim mesmo que Salvatore dizia a verdade, no que se referia à mulher. Ou que talvez mentia sobre tudo, que a magia de que falava era uma fantasia de sua mente ingênua e supersticiosa, e que tudo isso não daria em nada.

Fiquei irritado com ele, tratei-o rudemente, disse-lhe que naquela noite seria melhor ele ir dormir, porque os arqueiros circulavam na muralha. Ele respondeu que conhecia a abadia melhor do que os arqueiros, e que com aquela névoa ninguém veria ninguém. Por sinal, me disse, agora eu vou m'embora, e nem mesmo tu me verás mais, mesmo que esteja ali a dois passos divertindo-me com a moça que desejas. Ele se exprimiu com outras palavras, bastante mais ignóbeis, mas este era o sentido do que dizia. Afastei-me com desdém, porque não era próprio de mim, nobre e noviço, entrar em competição com aquele canalha.

Alcancei Guilherme e fizemos o que era devido. Isto é, dispusemo-nos a seguir as completas, atrás da nave, de modo que quando o ofício acabou estávamos prontos para empreender a nossa segunda viagem (terceira para mim) nas vísceras do labirinto.

Quarto dia

DEPOIS DAS COMPLETAS

Onde se visita de novo o labirinto, chega-se ao umbral
do finis Africae, mas não se pode entrar porque não se sabe
o que são o primeiro e o sétimo dos quatro, e por fim
Adso tem uma recaída, de resto bastante douta,
em seu mal de amor.

A visita à biblioteca consumiu-nos longas horas de trabalho. Em palavras a verificação que devíamos fazer era fácil, mas agir à luz de uma candeia, ler os escritos, marcar no mapa as passagens e as paredes repletas, registrar as iniciais, percorrer os vários percursos que o jogo das aberturas e das barreiras nos permitia, foi coisa demasiado longa. E enfadonha.

Fazia muito frio. À noite não estava ventando e não se ouviam os sibilos agudos que nos tinham impressionado da primeira vez, mas pelas frestas penetrava um ar úmido e gélido. Tínhamos calçado luvas de lã para poder tocar os volumes sem que as mãos endurecessem. Mas eram justamente daquelas que se usam para escrever no inverno, com a ponta dos dedos descobertos e às vezes precisávamos aproximar as mãos da chama, ou enfiá-las no peito, ou batê-las uma contra a outra, saltitando enrijecidos.

Por isso não completamos a obra sem interrupção. Detínhamo-nos curiosos diante dos armários, e agora que Guilherme — com seus novos vidros em cima do nariz — podia demorar-se lendo os livros, a cada título que descobria prorrompia em exclamações de alegria, ou porque conhecia a obra, ou porque há tempo a procurava ou, finalmente, porque nunca ouvira mencioná-la e ficava sobremaneira excitado e curioso. Em suma, cada livro para ele era como que um animal fabuloso que encontrasse numa terra estranha. E enquanto ele folheava um manuscrito, incumbia-me de procurar outros.

"Olha o que há naquele armário!"

E eu, soletrando e deslocando volumes: "Historia anglorum de Beda... E ainda de Beda De aedificatione templi, De tabernaculo, De temporibus et computo et chronica et circuli Dionysi, Ortographia, De ratione metrorum, Vita Sancti Cuthberti, Ars metrica..."

"É natural, todas as obras do venerável... E olha estes! De rhetorica cognatione, Locorum rhetoricum distinctio, e aqui muitos gramáticos, Prisciano, Honorato, Donato, Maxímio, Victorino, Metrório, Eutiques, Sérvio, Foca, Asperus... Estranho, pensava, de início, que aqui houvesse autores da Ânglia... Olhemos mais embaixo..."

"Hisperica... famina. O que é?"

"Um poema hibérnico. Escuta:

> Hoc spumans mundanas obvallat Pelagus oras
> terrestres amniosis fluctibus cudit margines.
> Saxeas undosis molibus irruit avionias.
> Infima bomboso vertice miscet glareas
> asprifero spergit spumas sulco,
> sonoreis frequenter quatitur flabris...

Eu não compreendia o sentido, mas Guilherme lia fazendo rolar as palavras na boca de tal modo que parecia ouvir o som das ondas e da espuma marinha.

"E este? É Adhelm de Malmesbury, ouvi este trecho! Primitus pantorum procerum poematorum pio potissimum paternoque presertim privilegio panegiricum poemataque passim prosatori sub polo promulgatas... Todas as palavras começam com a mesma letra!"

"Os homens das minhas ilhas são todos um pouco loucos", dizia Guilherme com orgulho. "Olhemos no outro armário."

"Virgílio."

"Por que aqui? O que de Virgílio? As Geórgicas?

"Não. Epítomes. Nunca tinha ouvido falar."

"Mas não é o Marão! É Virgílio de Toulouse, o retórico, seis séculos após o nascimento de Nosso Senhor. Tinha reputação de grande sábio..."

"Aqui diz que as artes são poema, rethoria, grama, leporia, dialecta, geometria... Mas que língua fala?"

"Latim, mas um latim de sua invenção, que ele considerava muito mais bonito. Lê aqui: diz que a astronomia estuda os signos do zodíaco que são mon, man, tonte, piron, dameth, perfellea, belgalic, margaleth, lutamiron, taminon e

raphalut.”

“Era louco?”

“Não sei, não era das minhas ilhas. Escuta mais, diz que há doze modos de designar o fogo, ignis, coquihabin (quia incocta coquendi habet dictionem), ardo, calax ex calore, fragon ex fragore flammae, rusin de rubore, fumaton, ustrax de urendo, vitius quia pene mortua membra suo vivificat, siluleus, quod de silice siliat, unde et silex non recte dicitur, nisi ex qua scintilla silit. E aeneon, de Aenea deo, qui in eo habitat, sive a quo elementis flatus fertur.”

“Mas não existe ninguém que fale assim!”

“Ainda bem. Mas eram tempos em que, para esquecer um mundo ruim, os gramáticos se deleitavam com abstrusas questões. Disseram-me que naquela época durante quinze dias e quinze noites os retores Gabundus e Terentius discutiram sobre o vocativo de ego, e finalmente chegaram às vias de fato.”

“Mas este também, ouvi...” Tinha pego um livro admiravelmente ilustrado com labirintos vegetais de cujas gavinhas assomavam macacos e serpentes. “Ouvi que palavras: cantamen, collamen, gongelamen, stemiamen, plasmamen, sonerus, alboreus, gaudifluus, glaucicomus...”

“As minhas ilhas”, disse de novo Guilherme com ternura. “Não sejas severo com aqueles monges da longínqua Hibernia, quem sabe, se existe, esta abadia, e se ainda falamos do sacro império romano, o devemos a eles. Naquele tempo o resto da Europa estava reduzido a um amontoado de ruínas, um dia declararam inválidos os batismos ministrados por alguns padres na Gália porque lá se batizava in nomine patris et filiae, e não porque praticassem uma nova heresia e considerassem Jesus uma mulher, mas porque não sabiam mais o latim.”

“Como Salvatore?”

“Mais ou menos. Os piratas do extremo norte chegavam através dos rios para saquear Roma. Os templos pagãos caíam em ruínas e os cristãos não existiam ainda. E foram somente os monges da Hibernia que em seus mosteiros escreveram e leram, leram e escreveram, e ilustraram, e depois meteram-se em barquinhos feitos de pele de animal e navegaram para estas terras e as evangelizaram como se fossem infiéis, compreendes? Estiveste em Bobbio, foi fundado por São Columbano, um deles. E por isso deixa estar se inventavam um latim novo, visto que na Europa não se sabia mais o velho. Foram grandes homens. São Brandano chegou até as ilhas Fortunatas, e costeou as costas do inferno onde viu Judas acorrentado num penhasco, e um dia atracou numa ilha e ali desceu, e era um monstro marinho. Naturalmente, eram loucos”, repetiu com satisfação.

"Suas imagens são... de não se acreditar no que meus olhos vêem! E quantas cores!" disse, deleitando-me.

"Numa terra de tão poucas cores, um pouco de azul e tanto verde. Mas não fiquemos discutindo sobre monges hibérnicos. O que quero saber é por que estão aqui com os anglos e com gramáticos de outros países. Olha no teu mapa, onde deveríamos estar?"

"Nas salas do torreão ocidental. Transcrevi os cartazes também. Portanto, saindo da sala cega, entra-se na sala heptagonal e há uma única passagem para uma única sala do torreão, a letra em vermelho é H. Depois passa-se de sala em sala fazendo a volta do torreão e se retorna à sala cega. A seqüência das letras dá... tendes razão! HIBERNI!"

"HIBERNIA, se da sala cega voltas à heptagonal, que tem como todas as outras três o A de Apocalypsis. Por isso ali estão as obras dos autores da última Thule, e também os gramáticos e os retores, porque os arranjadores da biblioteca pensaram que um gramático deve estar com os gramáticos hibérnicos, mesmo se é de Toulouse. É um critério. Estás vendo que começamos a entender alguma coisa?"

"Mas nas salas do torreão oriental por onde entramos lemos FONS... O que significa?"

"Lê direito o teu mapa, continua lendo as letras das salas que seguem por ordem de acesso."

"FONS ADAEU..."

"Não, Fons Adae, o U é a segunda sala cega oriental, lembro dela, talvez se insira numa outra seqüência. E o que encontramos no Fons Adae, ou seja, no paraíso terrestre (lembra-te que lá está a sala com o altar que dá para o sol levante)?"

"Havia muitas bíblias, e comentos à bíblia, são livros de escrituras sagradas."

"E por isso estás vendo, a palavra de Deus em correspondência com o paraíso terrestre, que como todos dizem é distante em direção ao oriente. E aqui a ocidente, a Hibernia."

"Quer dizer que o traçado da biblioteca reproduz o mapa do mundo?"

"É provável. E os livros aí são dispostos segundo os países de proveniência, ou o lugar onde nasceram seus autores, ou, como neste caso, o lugar onde deveriam ter nascido. Os bibliotecários acharam que Virgílio o gramático nasceu por engano em Toulouse e deveria ter nascido nas ilhas ocidentais. Eles repararam os erros da natureza."

Prosseguimos o nosso caminho. Passamos por uma seqüência de salas ricas em

esplêndidos Apocalipses, e uma dessas era a sala onde eu tivera as visões. Aliás, de longe avistamos de novo o lume, Guilherme apertou o nariz e correu a apagá-lo, cuspindo sobre as cinzas. E de qualquer maneira atravessamos depressa a sala, mas lembrava que ali tinha visto o belíssimo Apocalipse multicolorido com a mulier amicta sole e o dragão. Refizemos a seqüência dessas salas a partir da última a que chegamos e que tinha como inicial em vermelho um Y. A leitura ao contrário deu a palavra YSPANIA, mas o último A era o mesmo em que terminava HIBERNIA. Sinal, disse Guilherme, de que restavam salas em que se guardavam obras de caráter misto.

Em todo caso a zona denominada YSPANIA pareceu-nos povoada de muitos códices do Apocalipse, todos de belíssima fatura, que Guilherme reconheceu como arte hispânica. Notamos que a biblioteca tinha talvez a mais ampla coleção de cópias do livro do apóstolo que existia na cristandade, e uma quantidade imensa de comentos sobre o texto. Volumes enormes eram dedicados ao comentário do Apocalipse do Beato de Liébana, e o texto era mais ou menos sempre o mesmo, mas encontramos uma fantástica diversidade de variações nas imagens e Guilherme reconheceu a menção de alguns entre os que ele considerava os melhores miniaturistas do reino, das Astúrias, Magius, Facundus e outros.

Fazendo essas e outras observações chegamos ao torreão meridional, em cujos arredores já tínhamos passado a noite precedente. A sala 5 de YSPANIA — sem janelas — dava para uma sala E, e assim por diante, percorrendo as cinco salas do torreão chegamos à última, sem outras aberturas, que trazia um L em vermelho. Relemos ao contrário e encontramos LEONES.

"Leones, meridião, em nosso mapa estamos na África, hic sunt leones. E isso explica por que aí encontramos tantos textos de autores infiéis."

"E há outros ainda", disse rebuscando nos armários. "Canon de Avicena, e este belíssimo códice em caligrafia que não conheço..."

"A julgar pelas decorações deveria ser um corão, mas infelizmente não conheço o árabe."

"O corão, a bíblia dos infiéis, um livro perverso..."

"Um livro que contém uma sabedoria diferente da nossa. Mas entendes por que o puseram aqui, onde estão os leões, os monstros. Eis por que ali vimos aquele livro sobre as bestas monstruosas onde encontraste também o unicórnio. Esta zona dita LEONES contém aqueles que para os construtores da biblioteca eram os livros da mentira. O que há lá embaixo?"

"Estão em latim, mas a partir do árabe. Ayyub al Ruhawi, um tratado sobre a

hidrofobia canina. E este é um livro de tesouros. E este o De aspectibus de Alhazen...”

“Vê, puseram entre os monstros e as mentiras também obras de ciência de que os cristãos têm muito a aprender. Assim se pensava nos tempos em que a biblioteca foi construída...”

“Mas por que puseram entre as falsidades também um livro com o unicórnio?” perguntei.

“Evidentemente os fundadores da biblioteca tinham estranhas idéias. Terão achado que este livro que fala de bestas fantásticas que vivem em países distantes fizesse parte do repertório de mentiras difundido pelos infiéis...”

“Mas o unicórnio é uma mentira? É um animal dulcíssimo e altamente simbólico. Imagem de Cristo e da castidade, ele só pode ser capturado pondo uma virgem no bosque, de modo que o animal ao sentir seu cheiro castíssimo vá pousar a cabeça em seu regaço, tornando-se presa dos laços dos caçadores.”

“Assim é dito, Adso. Mas muitas se inclinam a achar que seja uma invenção fabulística dos pagãos.”

“Que decepção”, eu disse. “Gostaria de encontrar um deles atravessando um bosque. De outro modo, que graça tem atravessar um bosque?”

“Não é dito que não existe. Talvez seja diferente de como o representam esses livros. Um viajante veneziano andou por terras muito distantes, bastante próximas do fons paradisi de que falam os mapas, e viu unicórnios. Mas achou-os grosseiros e desengonçados e feíssimos e negros. Creio que viu bestas verdadeiras com um chifre na fronte. Foram provavelmente as mesmas que os mestres da antiga sabedoria, nunca de todo errada, que receberam de Deus a oportunidade de ver coisas que nós não vemos, nos transmitiram com uma primeira descrição fiel. Depois essa descrição, viajando de auctoritas a auctoritas, transformou-se por sucessivas composições da fantasia, e os unicórnios tornaram-se animais graciosos e brancos e mansos. Por isso, se souberes que num bosque vive um unicórnio, não andes por lá com uma virgem, porque o animal poderia ser mais semelhante àquele do testemunho veneziano do que ao desse livro.”

“Mas como foi que os mestres da antiga sabedoria receberam de Deus a revelação sobre a natureza verdadeira do unicórnio?”

“Não a revelação, mas a experiência. Tiveram a sorte de nascer em terras em que viviam unicórnios ou em tempos em que os unicórnios viviam nessas mesmas terras.”

“Mas como podemos confiar na antiga sabedoria, de que vós sempre buscais as

pegadas, se ela é transmitida por livros mendazes que a interpretaram com tanta liberdade?"

"Os livros não são feitos para acreditarmos neles, mas para serem submetidos a investigações. Diante de um livro não devemos nos perguntar o que diz mas o que quer dizer, idéia que os velhos comentadores dos livros sagrados tiveram claríssima. O unicórnio, do modo como dele falam esses livros, encerra uma verdade moral, ou alegórica, ou anagógica, que permanece verdadeira, como verdadeira permanece a idéia de que a castidade é uma nobre virtude. Mas, quanto à verdade literal que sustenta as outras três, resta saber de que dado de experiência originária nasceu a letra. A letra deve ser discutida, mesmo se o supra-sentido permanece bom. Num livro está escrito que o diamante é cortado apenas com sangue de bode. O meu grande mestre Roger Bacon disse que não era verdade, simplesmente porque ele havia experimentado, e não conseguira. Mas se o nexo entre diamante e sangue caprino tivesse um sentido superior, este permaneceria intacto."

"Então é possível dizer verdades superiores mentindo quanto à letra", eu disse. "E no entanto sinto ainda que o unicórnio, assim como é, não exista, ou não tenha existido, ou não possa existir um dia."

"Não nos é lícito pôr limites à onipotência divina, e se Deus quisesse poderiam existir também os unicórnios. Mas consola-te, eles existem nesses livros, os quais se não falam do ser real falam do ser possível."

"Mas então é necessário ler os livros sem recorrer à fé, que é virtude teologal?"

"Sobram mais duas virtudes teologais. A esperança de que o possível exista. E a caridade, para com quem acreditou de boa fé que o possível existisse."

"Mas para que vos serve o unicórnio se o vosso intelecto não acredita nele?"

"Serve como me serviu a pegada dos pés de Venâncio na neve, arrastado à tina dos porcos. O unicórnio dos livros é como uma marca. Se há a marca deve ter havido algo de que é a marca."

"Mas diferente dela, estais me dizendo."

"Claro. Nem sempre uma marca tem a mesma forma do corpo que a imprimiu e nem sempre nasce da pressão de um corpo. Às vezes reproduz a impressão que um corpo deixou em nossa mente, é sinal de uma idéia. A idéia é signo das coisas, e a imagem é signo de uma idéia, signo de um signo. Mas da imagem reconstruo, se não o corpo, a idéia que dela tinha outrem."

"E isso vos basta?"

"Não, porque a verdadeira ciência não deve contentar-se com idéias, que são

justamente signos, mas deve buscar as coisas em sua verdade singular. E portanto me agradaria remontar dessa marca de uma marca ao unicórnio individual que está no início da cadeia. Assim como me agradaria remontar dos signos vagos deixados pelo assassino de Venâncio (signos que poderiam levar a muitos outros) a um indivíduo único, o próprio assassino. Mas nem sempre é possível em pouco tempo, e sem a mediação de outros signos."

"Mas então posso sempre e somente falar de algo que me fala de algo diferente, e assim por diante, mas o algo final, o verdadeiro, nunca existe?"

"Talvez exista, é o unicórnio indivíduo. E não fiques preocupado, um dia ou outro qualquer o encontrarás, por preto e feio que seja."

"Unicórnios, leões, autores árabes e mouros em geral", disse eu, àquela altura, "sem dúvida esta é a África de que falavam os monges."

"Sem dúvida é esta. E se é esta precisamos encontrar os poetas africanos a que se referia Pacifico de Tivoli."

E de fato, refazendo o caminho ao contrário e voltando à sala L, encontrei num armário uma coletânea de livros de Floro, Frontão, Apuléio, Marciano Capella e Fulgêncio.

"Então é aqui que Berengário dizia que deveria haver a explicação para um certo segredo", disse eu.

"Quase aqui. Ele usou a expressão 'finis Africae', e é com essa expressão que Malaquias se zangou tanto. O finis poderia ser esta última sala, ou então..." fez uma exclamação: "Pelas sete igrejas de Clonmacnois! Não notaste nada?"

"O quê?"

"Voltemos atrás, à sala S da qual partimos!"

Voltamos à primeira sala cega onde o versículo dizia: Super thronos viginti quatuor. Ela tinha quatro aberturas. Uma dava para a sala Y, com janela para o octógono. A outra dava para a sala P que continuava, ao longo da fachada externa, a seqüência YSPANIA. Aquela junto ao torreão dava na sala E, que acabávamos de percorrer. Depois havia uma parede cheia e finalmente uma abertura que dava numa segunda sala cega com a inicial U. A sala S era a do espelho, e sorte que ele se achava na parede imediatamente à minha direita, de outro modo novamente teria sido tomado pelo medo.

Olhando bem o mapa, dei-me conta da singularidade daquela sala. Como todas as outras salas cegas dos outros três torreões, deveria dar na sala heptagonal central. Se não o fazia, o ingresso ao heptágono deveria abrir-se na sala cega adjacente, a U. Ao contrário, ela, que por uma abertura dava para a sala T com a

janela para o octógono interno, e pela outra ligava-se à sala S, tinha as outras três paredes cheias e ocupadas por armários. Olhando ao nosso redor percebemos o que já era evidente também pelo mapa: por razões de lógica, além das de rigorosa simetria, aquele torreão devia ter a sua sala heptagonal, mas ela não existia.

"Não existe", eu disse.

"Não é que não exista. Se não existisse, as outras salas seriam maiores, enquanto são mais ou menos do formato daquelas dos outros lados. Existe, mas não se chega lá."

"Está murada?"

"Provavelmente. E eis o finis Africae, eis o lugar em torno do qual rondavam os curiosos que morreram. Está murada, mas não está dito que não haja uma passagem. Ao contrário, seguramente existe, e Venâncio a encontrara, ou obtivera sua descrição de Adelmo, e este de Berengário. Vamos reler seus apontamentos."

Tirou do hábito o papel de Venâncio e releu: "A mão por cima do ídolo opera sobre o primeiro e o sétimo dos quatro!" Olhou ao seu redor: "Mas claro! O idolum é a imagem do espelho! Venâncio pensava em grego e naquela língua, mais ainda que na nossa, eidolon é tanto imagem como espectro, e o espelho nos devolve a imagem deformada que nós mesmos, a noite passada, confundimos com um espectro! Mas o que serão então os quatro supra speculum? Algo sobre a superfície refletora? Mas então deveríamos nos pôr de acordo com um certo ângulo de visão de modo a podermos perceber algo que se reflete no espelho e que corresponde à descrição dada por Venâncio."

Movemo-nos em todas as direções, mas sem resultados. Para além de nossas imagens, o espelho devolvia contornos confusos do resto da sala, mal e mal iluminada pela lâmpada.

"Então", meditava Guilherme, "por supra speculum poderia querer dizer além do espelho... O que exigiria que primeiro fôssemos além, porque certamente este espelho é uma porta..."

O espelho era mais alto que um homem normal, encaixado na parede por uma robusta moldura de carvalho. Tocamo-lo de todos os modos, tentamos insinuar os nossos dedos, nossas unhas, por entre a moldura e a parede, mas o espelho estava firme como se fizesse parte da parede, pedra na pedra.

"E se não está além, poderia estar super speculum", murmurou Guilherme, e ao mesmo tempo erguia o braço e se levantava nas pontas dos pés, e fazia deslizar a mão sobre a borda superior da moldura, sem encontrar nada além de poeira.

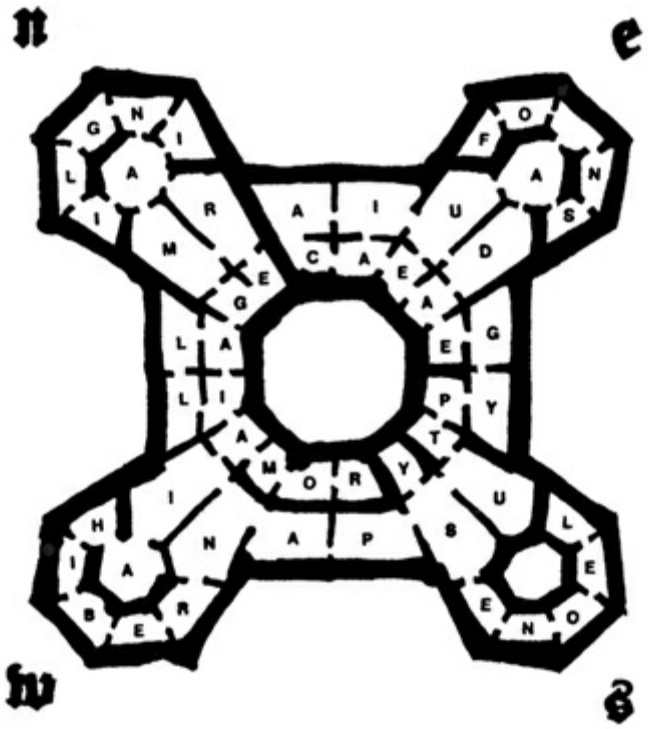
"Por outro lado", refletia melancolicamente Guilherme, "mesmo que ali atrás

houvesse uma sala, o livro que procuramos e que outros procuraram, naquela sala não estaria mais, porque o levaram embora, primeiro Venâncio e depois, quem sabe para onde, Berengário."

"Mas quem sabe Berengário o tenha trazido aqui novamente."

"Não, aquela noite nós estávamos na biblioteca e tudo nos leva a crer que ele tenha morrido não muito tempo depois do furto, aquela mesma noite na casa de banhos. De outro modo nós o teríamos visto novamente na manhã seguinte. Não importa... por enquanto apuramos onde está o finis Africae e temos quase todos os elementos para melhor aperfeiçoar o mapa da biblioteca. Deves admitir que muitos dos mistérios do labirinto já estão agora esclarecidos. Todos, diria, menos um. Creio que tirarei mais partido de uma releitura atenta do manuscrito de Venâncio do que de outras inspeções. Viste que o mistério do labirinto nós o descobrimos melhor de fora que de dentro. Esta noite, diante de nossas imagens distorcidas, não resolveremos o problema. E finalmente, o lume está se enfraquecendo. Vem, coloquemos em ordem as outras indicações que nos servem para definir o mapa."

Percorremos outras salas, registrando sempre as nossas descobertas no meu mapa. Encontramos salas dedicadas apenas a escritos de matemática e astronomia, outras com obras em caracteres aramaicos que nenhum de nós dois conhecia, outras em caracteres mais ignotos ainda, quiçá textos da Índia. Movíamo-nos por entre duas seqüências embricadas que diziam IUDAEA e AEGYPTUS. Em suma, para não entediar o leitor com a crônica de nossa decifração, quando mais tarde acabamos definitivamente de estudar o mapa, convencemo-nos que a biblioteca era realmente constituída e distribuída segundo a imagem do orbe terráqueo. A setentrião encontramos ANGLIA e GERMANI, que ao longo da parede ocidental se ligavam a GALLIA, para depois gerar no extremo ocidente HIBERNIA e na parede meridional ROMA (paraíso dos clássicos latinos!) e YSPANIA. Vinham a seguir, a meridião, os LEONES, o AEGYPTUS, que para o oriente se tornavam IUDAEA e FONS ADAE. Entre oriente e setentrião, ao longo da parede, ACAIA, uma boa sinédoque, como se expressou Guilherme, para indicar a Grécia, e de fato naquelas quatro salas havia uma grande profusão de poetas e filósofos da antiguidade pagã.



O modo de leitura era bizarro, às vezes se procedia numa única direção, às vezes se andava para trás, às vezes em círculo, freqüentemente, como disse, uma letra servia para compor duas palavras diferentes (e nesses casos a sala tinha um armário dedicado a um assunto e um a um outro). Mas não havia evidentemente que se procurar uma regra áurea naquela disposição. Tratava-se de mero artifício mnemônico para permitir ao bibliotecário encontrar uma obra. Dizer que um livro se achava na quarta Acaiae significava que estava na quarta sala, a partir daquela em que aparecia o A inicial, e quanto ao modo de individuá-la, supunha-se que o bibliotecário soubesse de cor o percurso, reto ou circular, a ser feito. ACAIA, por exemplo, estava distribuído em quatro salas dispostas em quadrado, o que significa que o primeiro A era também o último, coisa que, de resto, mesmo nós tínhamos aprendido em pouco tempo. Assim como tínhamos logo aprendido o jogo das barreiras. Por exemplo, vindo do oriente, nenhuma das salas de ACAIA dava nas salas seguintes: o labirinto naquele ponto terminava e para atingir o torreão setentrional era necessário atravessar as outras três. Mas naturalmente os bibliotecários, entrando pelo FONS, sabiam bem que para irem, suponhamos, a ANGLIA, deviam atravessar AEGYPTUS, YSPANIA, GALLIA e GERMANI.

Com essas e outras belas descobertas terminou a nossa frutífera exploração na

biblioteca. Mas antes de dizer que, satisfeitos, nos preparamos para sair (para nos tornarmos partícipes de outros eventos que dentro em pouco contarei), devo fazer uma confissão ao meu leitor. Eu disse que a nossa exploração foi conduzida, por um lado, à procura da chave do misterioso lugar e por outro, entretendo-nos de passagem, nas salas que individuávamos quanto a colocação e assunto, a folhear livros de vários gêneros, como se explorássemos um continente misterioso ou uma terra desconhecida. E habitualmente a exploração aconteceu de comum acordo, eu e Guilherme entretendo-nos com os mesmos livros, eu lhe indicando os mais curiosos, ele me explicando muitas coisas que eu não conseguia compreender.

Mas a um certo ponto, e justamente enquanto circulávamos pelas salas do torreão meridional ditas LEONES, aconteceu que o meu mestre se detivesse numa sala rica em obras árabes com curiosos desenhos de óptica, e uma vez que naquela noite dispúnhamos não de um, mas de dois lumes, eu me desloquei por curiosidade para a sala ao lado, percebendo que a sagacidade e a prudência dos legisladores da biblioteca tinham juntado, numa de suas paredes, livros que certamente não podiam ser dados para leitura a qualquer um, porque de modos diferentes tratavam de variadas doenças do corpo e do espírito, quase sempre por obra de sábios e infiéis. E meus olhos caíram sobre um livro não grande, adornado de miniaturas muito diferentes (por sorte!) do tema, flores, gavinhas, animais aos pares, algumas ervas medicinais: o título era Speculum amoris, de frei Massimo de Bolonha, e trazia citações de muitas outras obras, todas sobre o mal de amor. Como o leitor entenderá, não era necessário mais nada para despertar a minha curiosidade doentia. Aliás, justamente aquele título bastou para reacender a minha mente, que desde a manhã tinha sossegado, excitando-a de novo com a imagem da moça.

Uma vez que durante o dia inteiro eu rechaçara de mim os pensamentos matinais, dizendo-me que não eram de um noviço são e equilibrado, e uma vez que, por outro lado, os eventos do dia tinham sido demasiado ricos e intensos para me distrair, os meus apetites tinham-se tranqüilizado, tanto que já agora acreditava ter-me libertado daquilo que outra coisa não tinha sido senão uma inquietação passageira. Ao contrário, bastou a visão daquele livro para fazer-me dizer "de te fabula narratur" e para me descobrir doente de amor, mais do que acreditava. Aprendi depois que lendo livros de medicina, convencemo-nos sempre estar provando as dores de que eles falam. Foi assim que a leitura daquelas páginas, olhadas rapidamente por medo que Guilherme entrasse na sala e me perguntasse com o que eu estava doutamente me entretendo, convenceu-me que

eu sofria justamente daquela doença cujos sintomas eram tão esplendidamente descritos, que, se por um lado eu me preocupava por achar-me doente (e com a escolta infalível de tantas auctoritates), por outro lado me alegrava em ver descrita com tanta vivacidade a minha situação; convencendo-me de que, se é que estava doente, a minha doença era por assim dizer normal, visto que muitos outros a tinham sofrido do mesmo modo, e os autores citados pareciam ter tomado a mim próprio como modelo de suas descrições.

Fiquei bastante comovido com as páginas de Ibn Hazm, que define o amor como uma doença rebelde, que tem sua cura em si mesma, sendo que quem está doente não quer curar-se e quem está enfermo não deseja recobrar-se (e Deus sabe se não era verdade!). Dei-me conta porque de manhã estava tão excitado com tudo aquilo que via, porque parece que o amor entra através dos olhos como diz também Basílio de Ancira, e — sintoma inconfundível — quem é tomado por tal mal manifesta uma excessiva alegria enquanto deseja ao mesmo tempo estar à parte e prefere a solidão (como eu fizera aquela manhã), enquanto outros fenômenos que o acompanham são a inquietação violenta e o atordoamento que tolhe as palavras... Assustei-me lendo que para o amante sincero, de quem se rouba a visão do objeto amado, não pode senão sobrevir um estado de consumpção que freqüentemente chega até a fazê-lo ficar de cama, e às vezes o mal domina o cérebro, perde-se o senso e delira-se (evidentemente não tinha chegado ainda àquele estado porque trabalhara bastante bem explorando a biblioteca). Mas li com apreensão que se o mal piora, pode sobrevir a morte e perguntei-me se a alegria que a moça me dava ao pensar nela valia este sacrifício supremo do corpo, afora qualquer justa consideração direta sobre a saúde da alma.

Mesmo porque encontrei uma outra citação de Basílio segundo a qual "qui animam corpori per vitia conturbationesque commiscent, utrinque quod habet utile ad vitam necessarium demoliuntur, animamque lucidam ac nitidam carnalium voluptatum limo perturbant, et corporis munditiam atque nitorem hac ratione miscentes, inutile hoc ad vitae officia ostendunt." Situação extrema em que não queria realmente me encontrar.

Aprendi outrossim por uma frase de Santa Hildegarda que aquele humor melancólico que experimentara durante o dia, e que atribuía ao doce sentimento de pena pela ausência da moça, perigosamente assemelha-se ao sentimento que prova quem se afasta do estado harmônico e perfeito que o homem experimenta no paraíso, e que essa melancolia "nigra et amara" é produzida pelo bafejo da serpente e pela sugestão do diabo. Idéia compartilhada também pelos infiéis de

igual sabedoria, porque me caíram sob os olhos as linhas atribuídas a Abu Bakr-Muhammad Ibn Zaka-riyya ar-Razi, que num Liber continens identifica a melancolia amorosa com a licantropia, que impele quem é tocado por ela a se comportar como um lobo. A sua descrição apertou-me a garganta: de início os amantes aparecem mudados em seu aspecto exterior, sua visão se enfraquece, os olhos se tornam cavos e sem lágrimas, a língua seca lentamente e sobre ela aparecem pústulas, todo o corpo fica seco e sofre continuamente de sede; chegados a esse ponto passam o seu dia estirados de bruços, sobre o rosto e sobre as tíbias aparecem sinais semelhantes a mordidas de cão, e por fim à noite vagam pelos cemitérios como lobos.

Finalmente não tive mais dúvidas sobre a gravidade do meu estado quando li citações do grandíssimo Avicena, onde o amor é definido como um pensamento assíduo de natureza melancólica, que nasce por causa do pensar e repensar as feições, os gestos, ou os costumes de uma pessoa de sexo oposto (como Avicena representara com fiel vivacidade o meu próprio caso!): ele não nasce como doença, mas doença se torna quando, não sendo satisfeito, torna-se pensamento obsessivo (e porque então me sentia obcecado eu, que no entanto, Deus me perdoe, estava bem satisfeito? ou quem sabe aquilo que acontecera na noite precedente não era satisfação de amor? Mas como então se satisfaz esse mal?), e como conseqüência, tem-se um moto contínuo das pálpebras, uma respiração irregular, ora se ri e ora se chora, e o pulso bate (e realmente o meu batia, e a respiração se entrecortava enquanto eu lia aquelas linhas!). Avicena aconselhava um método infalível já proposto por Galeno para descobrir de quem alguém está enamorado: segurar o pulso do doente e pronunciar muitos nomes de pessoas do outro sexo, até que se perceba a que nome o ritmo do pulso se acelera: e eu temia que de repente o meu mestre entrasse e me tomasse o braço e visse na pulsação das minhas veias o meu segredo, do que muito me envergonharia... Infelizmente Avicena sugeria, como remédio, unir os dois amantes em matrimônio, e o mal estaria curado. Verdade mesmo que era um infiel, ainda que sagaz, porque não levava em conta a condição de um noviço beneditino, condenado portanto a não sarar nunca — ou melhor consagrado, por sua escolha, ou por cautelosa escolha de seus pais, a nunca ficar doente. Por sorte Avicena, ainda que não tivesse pensado na ordem cluniacense, considerava o caso de amantes fadados a ficarem separados, e aconselhava como cura radical os banhos quentes (será que Berengário queria curar seu mal de amor pelo desaparecido Adelmo? Mas podia-se sofrer de mal de amor por um ser do próprio sexo ou isso não passava de bestial luxúria? e quem sabe não fosse bestial

luxúria a da minha noite passada? claro que não, eu me dizia logo, era dulcíssima — e logo depois: tu te enganas, Adso, aquela foi ilusão do diabo, bestialíssima era, e se pecaste em ser besta, pecas ainda mais agora em não querer tomar conhecimento disso. Mas depois li também que, sempre segundo Avicena, havia outros meios, por exemplo, recorrer à assistência de mulheres velhas e espertas que passam o tempo a denegrir a amada — e parece que as mulheres velhas são mais espertas que os homens nesta circunstância. Talvez essa fosse a solução, mas mulheres velhas na abadia eu não podia encontrar (nem jovens, na verdade) e por isso deveria pedir a algum monge para me falar mal da moça, mas a quem? E depois, podia um monge conhecer bem as mulheres como as conhecia uma mulher velha e tagarela? A última solução sugerida pelo sarraceno chegava a ser indecente porque postulava que se fizesse conjugar o amante infeliz com muitas escravas, coisa demasiado inconveniente para um monge. Enfim, eu me dizia, como pode sarar do mal de amor um jovem monge, não há mesmo solução para ele? Talvez devesse recorrer a Severino e às suas ervas? De fato encontrei um trecho de Arnaldo de Villanova, autor que já ouvira citar com muita consideração por Guilherme, o qual fazia nascer o mal de amor de uma abundância de humores e de pneuma, isto é, quando o organismo humano se acha em excesso de umidade e calor, dado que o sangue (que produz o sêmen gerador) aumentando por excesso provoca excesso de sêmen, uma "complexio venerea", e um desejo intenso de união entre homem e mulher. Há uma virtude estimativa situada na parte dorsal do ventrículo médio do encéfalo (o que é? me perguntei) cujo objetivo é perceber as intentiones não sensíveis que estão nos objetos sensíveis captados pelos sentidos, e quando o desejo pelo objeto percebido pelos sentidos se torna muito forte, eis que a faculdade estimativa é transtornada, e se alimenta só do fantasma da pessoa amada; então verifica-se uma inflamação de toda a alma e o corpo, com a tristeza alternada à alegria, porque o calor (que nos momentos de desespero desce às partes mais profundas do corpo e regela a cútis) nos momentos de alegria sobe à tona inflamando o rosto. A cura sugerida por Arnaldo consistia em tentar perder a confiança e a esperança de atingir o objeto amado, de modo que o pensamento dele se afastasse.

Mas então estou sarado, ou em vias de sarar, me disse, porque tenho pouca ou nenhuma esperança de rever o objeto de meus pensamentos, e se o visse de tocá-lo, e se o tocasse de possuí-lo de novo, e se o possuísse de novo de mantê-lo junto a mim, seja por causa de meu estado monacal, como pelos deveres que me são impostos pela classe de minha linhagem... Estou salvo, eu me disse, fechei o

fascículo e me recompus, justamente quando Guilherme entrava na sala. Retomei com ele a viagem através do labirinto, já agora revelado (como contei) e por um momento esqueci a minha obsessão.

Como se verá eu a reencontraria dentro em breve, mas em circunstâncias (infelizmente) bem diversas.

Quarto dia

NOITE

Onde Salvatore se deixa miseramente descobrir
por Bernardo Gui, a moça amada por Adso
acaba presa como bruxa e todos vão para a cama
mais infelizes e preocupados que antes.

Estávamos de fato descendo para o refeitório quando ouvimos clamores, e luzes fracas raiaram dos lados da cozinha. Guilherme apagou logo o lume. Seguindo as paredes aproximamo-nos da porta que dava para a cozinha, e ouvimos que o rumor vinha de fora, só que a porta estava aberta. Depois as vozes e as luzes se afastaram, e alguém fechou a porta com violência. Era um tumulto grande, prelúdio de algo desagradável. Velozmente repassamos pelo ossário, reaparecemos na igreja deserta, saímos pelo portal meridional, e percebemos um vislumbre de tochas no claustro.

Aproximamo-nos, e, na confusão, parecia que tínhamos acorrido nós também junto com os muitos que já estavam no lugar, saídos quer do dormitório quer da casa dos peregrinos. Vimos que os arqueiros estavam segurando Salvatore com força, branco como o branco de seus olhos, e uma mulher que chorava. Senti um aperto no coração: era ela, a moça de meus pensamentos. Quando me viu reconheceu-me e lançou-me um olhar implorante e desesperado. Tive o impulso de atirar-me para libertá-la, mas Guilherme puxou-me sussurrando alguns impropérios nada afetuosos. Os monges e os hóspedes agora acorriam de todos os lados.

Chegou o Abade, chegou Bernardo Gui, a quem o capitão dos arqueiros apresentou um breve relato. Eis o que acontecera.

Por ordem do inquisidor eles patrulhavam, à noite, a esplanada toda e com particular atenção o caminho que ia do portal de entrada à igreja, a zona dos hortos, e a fachada do Edifício (por quê? perguntei-me, e compreendi: evidentemente porque Bernardo escutara dos fâmulos ou dos cozinheiros rumores

sobre transações noturnas, sem saber talvez quem fossem os responsáveis, que aconteciam entre o exterior da muralha e as cozinhas, e quem sabe se o estulto Salvatore, como dissera a mim sobre seus propósitos, não os tinha já contado na cozinha ou nas pocilgas a qualquer desgraçado que, amedrontado pelo interrogatório vespertino, tinha soprado a Bernardo essa murmuração). Andando circunspectos e no escuro em meio à neve, os arqueiros tinham finalmente surpreendido Salvatore, em companhia da mulher, enquanto manobrava diante da porta da cozinha.

"Uma mulher neste lugar santo! E com um monge!" disse Bernardo severamente voltando-se para o Abade. "Senhor magnificentíssimo", prosseguiu, "se se tratasse apenas da violação do voto de castidade, a punição deste homem seria coisa de vossa alçada. Mas desde que ainda não sabemos se as tramóias desses dois desgraçados têm algo a ver com a saúde de todos os hóspedes, devemos primeiro lançar luz sobre este mistério. Vamos, estou falando contigo, miserável", e arrancava do peito de Salvatore o visível embrulho que o outro acreditava estar escondendo, "o que tens aí dentro?"

Eu já sabia: uma faca, um gato preto que, aberto o embrulho, fugiu miando enfurecido, e dois ovos, já agora quebrados e viscosos, que para todos pareceram sangue, ou bile amarela, ou outra substância imunda. Salvatore estava prestes a entrar na cozinha, matar o gato e arrancar-lhe os olhos, e sabe-se lá com que promessas tinha induzido a moça a segui-lo. Com que promessas, eu logo fiquei sabendo. Os arqueiros revistaram a moça, em meio a risadas maliciosas e meias palavras lascivas, e encontraram junto dela um frango morto, ainda a ser depenado. O azar quis que durante a noite, em que todos os gatos são pardos, o galo parecesse ele também preto como o gato. Eu pensei, ao contrário, que não era necessário muito para atraía-la, a pobre esfomeada que já na noite passada tinha abandonado (e por amor a mim!) o seu precioso coração de boi...

"Ah, ah!" exclamou Bernardo com tom de grande preocupação, "gato e galo preto... Mas eu conheço essas parafernálias..." Notou Guilherme entre os presentes: "Vós também não as conheceis, frei Guilherme? Não fostes inquisidor em Kilkenny, há três anos, onde aquela moça mantinha conúbio com um demônio que lhe aparecia sob a forma de um gato preto?"

Pareceu-me que meu mestre se calava por vileza. Puxei-o pela manga, sacudi-o, sussurrei-lhe desesperado: "Mas dizei-lhe que era para comer..."

Ele libertou-se do meu puxão e voltou-se educadamente para Bernardo: "Não creio que vós tenhais necessidade das minhas antigas experiências para chegar às

vossas conclusões", disse.

"Oh, não, há testemunhos bem mais autorizados", sorriu Bernardo. "Estêvão de Bourbon conta em seu tratado sobre os sete dons do espírito santo como São Domingos, após ter pregado em Fanjeaux contra os hereges, anunciou a algumas mulheres que elas veriam quem tinham servido até então. E de repente jogou no meio delas um gato assustador do tamanho de um grande cão, com os olhos grandes e fogosos, a língua sanguinolenta que chegava até o umbigo, o rabo curto e em pé no ar, de modo que para onde quer que o animal se virasse mostrava a indecência de seu traseiro, fétido a mais não poder, conforme convém àquele ânus, que muitos devotos de Satanás, inclusive os cavaleiros templários, sempre tiveram o costume de beijar no decorrer de suas reuniões. E após ter rodeado as mulheres por uma hora, o gato pulou na corda do sino e lá trepou, deixando para trás seus restos fedorentos. E não é o gato o animal amado pelos cátaros, que segundo Alan das Ilhas assim são chamados justamente de catus, porque dessa besta beijam o traseiro considerando-o encarnação de Lúcifer? E não confirma essa repugnante prática também Guilherme d'Alvernia em seu De legibus? E não diz Alberto Magno que os gatos são demônio em potencial? E não relata o meu venerável confrade Jacques Fournier que no leito de morte do inquisidor Gaufrido de Carcassonne apareceram dois gatos pretos, que outra coisa não eram senão demônios que queriam escarnecer dos despojos?"

Um murmúrio de horror percorreu o grupo de monges, muitos dos quais fizeram o sinal da santa cruz.

"Senhor Abade, senhor Abade", dizia Bernardo entrementes com ar virtuoso, "talvez vossa magnificência não saiba o que costumam fazer os pecadores com esses instrumentos! Mas eu sei muito bem, Deus me livre! Vi mulheres celeradas, nas horas mais escuras da noite, juntamente com outras de sua laia, usarem gatos pretos para obterem prodígios que nunca puderam negar: como cavalgar certos animais, e percorrer com o favor noturno espaços imensos, arrastando seus escravos, transformados em íncubos cheios de desejos... E o próprio diabo se mostra a elas, ou pelo menos elas o crêem fortemente, sob a forma de galo, ou de outro animal escuríssimo, e com ele até, não me pergunteis como, se deitam. E sei decerto que com nicromancias do gênero, não faz muito tempo, justamente em Avignon, prepararam-se filtros e ungüentos para atentar contra a vida do próprio papa, envenenando-lhe os alimentos. O papa pôde defender-se e separar o tóxico apenas porque estava munido de prodigiosas jóias em forma de língua de serpente, fortificadas por admiráveis esmeraldas e rubis que por virtude divina

serviam para revelar a presença de veneno nos alimentos! Onze lhe foram dadas pelo rei de França, dessas línguas preciosíssimas, graças ao céu, e só assim o nosso senhor papa pôde escapar à morte! É verdade que os inimigos do pontífice fizeram muito mais, e todos sabem o que se descobriu do herege Bernard Délicieux, detido dez anos atrás: foram encontrados em sua casa livros de magia negra anotados justamente nas páginas mais celeradas, com todas as instruções para construir figuras de cera com que provocar danos a seus inimigos. E se quereis acreditar, em sua casa foram também encontradas figuras que reproduziam, com arte certamente admirável, a imagem do próprio papa, com círculos vermelhos nas partes vitais do corpo: e todos sabem que tais figuras, mantidas suspensas por uma corda, são postas diante de um espelho e depois são espetados os círculos vitais com alfinetes e... Oh, mas por que me demoro com essas misérias repugnantes? O próprio papa falou delas e as descreveu, condenando-as, justamente o ano passado, em sua constituição Super illius specula! E quero crer que tenhais uma cópia nesta vossa rica biblioteca, para meditardes como se deve...”

“Nós a temos, nós a temos”, confirmou fervorosamente o Abade, preocupadíssimo.

“Está bem”, concluiu Bernardo. “Agora o fato já me parece claro. Um monge seduzido, uma bruxa, e algum ritual que por sorte não aconteceu. Com que fins? É o que saberemos, e pretendo perder algumas horas de sono para sabê-lo. Vossa magnificência queira pôr à minha disposição um lugar onde este homem possa ser guardado...”

“Temos celas no subsolo do laboratório dos ferreiros”, disse o Abade, “que por sorte são muito pouco usadas e estão vazias há anos...”

“Por sorte ou por falta de sorte”, observou Bernardo. E ordenou aos arqueiros que se fizessem mostrar o caminho e conduzissem para duas celas diferentes os dois capturados; e que amarrassem bem o homem nalgum anel fixo no muro, de modo que ele pudesse, dentro em breve, descer para interrogá-lo e olhá-lo bem no rosto. Quanto à moça, acrescentou, quem era estava claro, e não valia a pena interrogá-la aquela noite. Mais provas seriam obtidas antes de queimá-la como bruxa. E se era bruxa, não falaria facilmente. Mas o monge, talvez, podia ainda arrepender-se (e fitava o trêmulo Salvatore, como para fazê-lo entender que lhe oferecia ainda uma possibilidade), contando a verdade e, acrescentou, denunciando seus cúmplices.

Os dois foram arrastados dali, um silencioso e desfeito, quase febril, a outra que

chorava, esperneava, e gritava como um animal no matadouro. Mas nem Bernardo, nem os arqueiros, nem mesmo eu, entendíamos o que estava falando em sua língua de camponesa. Embora falasse, estava como muda. Há palavras que dão poder, outras que deixam mais desamparados, e dessa espécie são as palavras vulgares dos simples, a quem o Senhor não concedeu o saber exprimir-se na língua universal da sabedoria e do poder.

Ainda uma vez fui tentado a segui-la, ainda uma vez Guilherme, com o rosto sombrio, puxou-me. "Fica quieto, bobo", disse, "a moça está perdida, é carne queimada."

Enquanto observava estarrecido a cena, num turbilhão de pensamentos contraditórios, fitando a moça, senti que me tocavam no ombro. Não sei por quê, mas antes mesmo de me voltar, reconheci Ubertino pelo toque.

"Estás olhando a bruxa, não é?" perguntou-me. E eu sabia que não podia saber de minha aventura, e por isso estava falando assim só porque percebera, com sua terrível acuidade pelas paixões humanas, a intensidade de meu olhar.

"Não..." defendi-me, "não estou olhando para ela... isto é, talvez esteja, mas não é uma bruxa... não o sabemos, talvez seja inocente..."

"Tu a olhas porque é bonita. É bonita, não é?" perguntou-me com extraordinário calor, apertando-me o braço. "Se olhas para ela porque é bonita, e ficas perturbado (mas sei que estás perturbado, porque o pecado de que ela é suspeita torna-a ainda mais fascinante para ti), se olhas para ela e sentes desejos, por isso mesmo ela é uma bruxa. Toma cuidado, meu filho... A beleza do corpo se limita à pele. Se os homens vissem o que está sob a pele, assim como acontece ao lince da Beócia, sentiriam calafrios ante a visão de uma mulher. Toda aquela graça consiste em mucosidades e em sangue, em humores e em bile. Se se pensa naquilo que se oculta nas narinas, na garganta e no ventre, não se achará senão imundície. E se te repugna tocar o muco ou o esterco com a ponta do dedo, por que desejaríamos abraçar o saco que contém o esterco?"

Tive ânsias de vômito. Não queria mais escutar aquelas palavras. Meu mestre, que ouvira, veio em meu socorro. Aproximou-se bruscamente de Ubertino, segurou-lhe o braço e o tirou do meu.

"Chega, Ubertino", disse. "Aquela moça logo estará sob tortura, e depois na fogueira. Ficará exatamente como dizes, muco, sangue, humores e bile. Mas serão os nossos semelhantes que arrancarão de sob sua pele aquilo que o Senhor quis que fosse protegido e adornado por aquela pele. E do ponto de vista da matéria-prima, tu não és melhor que ela. Deixa o rapaz sossegado."

Ubertino perturbou-se: "Talvez eu tenha pecado", murmurou. "Sem dúvida pequei. Que mais pode fazer um pecador?"

Todos já estavam regressando, comentando o acontecido. Guilherme entreteve-se um pouco com Michele e com os outros menoritas, que lhe pediam suas impressões.

"Bernardo agora tem um argumento nas mãos, ainda que equívoco. Pela abadia vagueiam nicromantes que fazem as mesmas coisas que foram feitas contra o papa em Avignon. Não é uma prova certamente, e em primeira instância não pode ser usada para perturbar o encontro de amanhã. Esta noite tentará arrancar daquele desgraçado alguma outra indicação de que, estou certo disso, não fará uso logo amanhã cedo. Vai deixá-la de reserva, servir-lhe-á mais tarde, para perturbar o andamento das discussões, caso tomem um rumo que lhe desagrade."

"Poderia fazê-lo dizer algo para usar contra nós?" perguntou Michele de Cesena.

Guilherme ficou na dúvida: "Esperemos que não", disse. Dei-me conta de que, se Salvatore dissesse a Bernardo o que dissera a nós, sobre o seu passado e o do celeireiro, e se mencionasse algo sobre a relação de ambos com Ubertino, por fugaz que fosse, estaria criada uma situação bastante embaraçosa.

"Em todo caso, aguardemos os acontecimentos", disse Guilherme com serenidade. "Por outro lado, Michele, tudo já foi decidido de antemão. Mas tu queres pôr à prova."

"Quero", disse Michele, "e o Senhor me ajudará. Que São Francisco interceda por todos nós."

"Amém", responderam todos.

"Mas não é tão certo", foi o irreverente comentário de Guilherme. "São Francisco poderia estar em qualquer lugar à espera do juízo, sem ver o Senhor frente a frente."

"Maldito seja o herege João!" ouvi resmungar misser Girolamo enquanto cada um se dispunha a ir dormir. "Se agora nos tira também a assistência dos santos, onde iremos acabar nós, pobres pecadores?"

QUINTO DIA

Quinto dia

PRIMA

Onde tem lugar uma fraterna discussão sobre a pobreza de Jesus.

O coração agitado por mil angústias, após a ceia da noite, levantei-me na manhã do quinto dia quando já soava a prima, e Guilherme sacudia-me rudemente para avisar que dentro em pouco estariam reunidas as duas legações. Olhei para fora da janela da cela e não enxerguei nada. A névoa do dia anterior tornara-se uma mortalha leitosa que dominava soberana a esplanada.

Mal acabara de sair vi a abadia como não a vira ainda até então; somente algumas construções maiores, a igreja, o Edifício, a sala capitular destacavam-se mesmo a distância, ainda que imprecisas, sombras recortadas em meio às sombras, mas o resto do casario era visível apenas a poucos passos. Parecia que os contornos das coisas e dos animais surgiam de repente do nada; as pessoas pareciam emergir da bruma, de início cinzentas como fantasmas, depois pouco a pouco e a custo reconhecíveis.

Nascido nos países nórdicos, não era novo para mim aquele fenômeno, que em outros momentos me teria recordado com alguma doçura a planície e o castelo de meu nascimento. Mas aquela manhã as condições do tempo pareceram-me dolorosamente afins às condições de minha alma, e a impressão de tristeza com que tinha acordado cresceu à medida que eu me aproximava da sala capitular.

A poucos passos da construção, avistei Bernardo Gui que se despedia de uma outra pessoa que logo de início não reconheci. Quando depois me passou ao lado, vi que era Malaquias. Olhava à sua volta como quem não quer ser reconhecido enquanto comete um crime: mas já disse que a expressão desse homem era por natureza a de quem cala, ou tenta calar um inconfessável segredo.

Não me reconheceu e afastou-se. Eu, movido pela curiosidade, segui Bernardo e vi que estava dando uma olhada em alguns papéis, que talvez Malaquias tivesse

lhe entregado. No umbral do capítulo chamou com um gesto o chefe dos arqueiros, que estava nas proximidades, e sussurrou-lhe algumas palavras. Depois entrou. Eu fui atrás dele.

Era a primeira vez que eu punha os pés naquele lugar que, por fora, era de modestas dimensões e feições sóbrias; percebi que fora reconstruído em tempos recentes sobre os despojos de uma primitiva igreja abacial, talvez destruída em parte por um incêndio.

Entrando de fora passava-se por baixo de um portal à moda nova, com arco em ogiva, sem ornamentos e encimado por uma rosácea. Mas dentro, encontrávamo-nos num átrio, refeito sobre os vestígios de um antigo nártex. À frente postava-se um outro portal, com o arco à moda antiga, o tímpano em meia-lua admiravelmente esculpido. Devia ser o portal da igreja desaparecida.

As esculturas do tímpano eram igualmente belas porém menos inquietantes que as da igreja atual. Também aqui o tímpano era dominado por um Cristo no trono; mas a seu lado, em várias poses e com vários objetos nas mãos, estavam os doze apóstolos que dele tinham recebido ordem de andar pelo mundo para evangelizar as gentes. Sobre a cabeça do Cristo, num arco dividido em doze painéis, e sob os pés do Cristo, numa procissão ininterrupta de figuras, estavam representados os povos do mundo, destinados a receber a boa-nova. Reconheci por seus costumes os hebreus, os capadócios, os árabes, os indianos, os frígios, os bizantinos, os armênios, os citas, os romanos. Mas, misturados a eles, em trinta círculos que se dispunham em arco sobre o arco dos doze painéis, estavam os habitantes dos mundos desconhecidos, dos quais apenas nos falam o Fisiologo e os discursos incertos dos viajantes. Muitos deles eram desconhecidos para mim, outros eu reconheci: por exemplo, os brutos com seis dedos em cada mão, os faunos que nascem dos vermes que se formam entre a casca e a polpa das árvores, as sereias de cauda escamosa, que seduzem os marinheiros, os etíopes de corpo completamente escuro, que se protegem do calor do sol escavando cavernas subterrâneas, os onocentauros, homens até o umbigo e no resto asnos, os ciclopes com um olho só, do tamanho de um escudo, Scilla com a cabeça e o peito de moça, o ventre de loba e a cauda de delfim, os homens peludos da Índia que vivem nos pântanos e às margens do Epigmaride, cinocéfalos, que não podem falar sem se interromper e latir, os sciapodes, que correm velozmente com sua única perna e quando querem abrigar-se do sol deitam-se e levantam o imenso pé como um guarda-sol, os astomatos da Grécia privados de boca, que respiram pelas narinas e vivem somente do ar, as mulheres barbadas da Armênia, os pigmeus, os epistígios

também chamados blemmos, que nascem sem cabeça, têm boca na barriga e olhos nos ombros, as mulheres monstruosas do Mar Vermelho, de doze pés de altura, com os cabelos que chegam no calcanhar, um rabo de boi no fim da espinha e cascos de camelo, e aqueles com as plantas dos pés viradas para trás, de modo que quem os segue olhando as pegadas chega sempre ao lugar de onde vêm e nunca aonde vão, e ainda homens com três cabeças, uns com olhos luzidios como lâmpadas e os monstros da ilha de Circe, corpos humanos e cervizes dos mais variados animais...

Estes e outros prodígios estavam esculpidos naquele portal. Mas nenhum deles provocava inquietação porque eles não significavam os males da terra ou os tormentos do inferno, porém eram testemunhas do fato que a boa-nova atingira toda a terra cógnita e estava se estendendo à incógnita, sendo por isso o portal jubilosa promessa de concórdia, de alcançada unidade na palavra de Cristo, de esplêndida ecumene.

Bom auspício, eu me disse, para o encontro que se desenvolverá para além deste umbral, em que homens tornados inimigos um do outro por interpretações opostas do evangelho, quiçá hoje se reencontrem para compor suas querelas. E disse a mim mesmo que eu era um frágil pecador doendo-me com meus casos pessoais enquanto estavam por acontecer eventos de tanta importância para a história da cristandade. Comparei a pequenez das minhas penas à grandiosa promessa de paz e de serenidade marcada na pedra do tímpano. Pedi perdão a Deus pela minha fragilidade, e atravessei mais sereno o umbral.

* * *

Mal entrei vi por completo os membros de ambas as legações, que se defrontavam numa série de bancos dispostos em hemiciclos e duas cabeceiras separadas por uma mesa, nas quais sentavam-se o Abade e o cardeal Bertrando.

Guilherme, que eu acompanhara para tomar apontamentos, colocou-me do lado dos menoritas, onde estavam Michele com os seus e outros franciscanos da corte de Avignon: porque o encontro não podia aparecer como um duelo entre italianos e franceses, mas como uma disputa entre sustentadores da regra franciscana e os seus críticos, todos unidos por uma sã e católica fidelidade à corte pontifícia.

Estavam com Michele de Cesena frei Arnaldo de Aquitânia, frei Hugo de Newcastle e frei Guilherme Alnwick, que tinham tomado parte do capítulo de

Perugia, e depois o bispo de Caffa e Berengário Talloni, Bonagrazia de Bérgamo e outros menoritas da corte avignonense. Do outro lado estavam sentados Lorenzo Decoalcone, bacharel de Avignon, e o bispo de Pádua e Jean d'Anneaux, doutor em teologia em Paris. Junto de Bernardo Gui, silencioso e absorto, estava o dominicano Jean de Baune, que na Itália era chamado Giovanni Dalbena. Este, disse-me Guilherme, fora, anos antes, inquisidor em Narbona, onde tinha processado muitos beguinos e terciários; mas como acusara de heresia justamente uma proposição concernente à pobreza de Cristo, levantara-se contra ele Berengário Talloni, leitor no convento daquela cidade, apelando ao papa. Naquele tempo João estava ainda incerto sobre o assunto, e convocara ambos à corte para discutir, sem que se chegasse a uma conclusão. Tanto que, pouco depois, os franciscanos tomaram a posição de que falei, no capítulo de Perugia. Por fim, do lado dos avignonenses, havia outros ainda, entre os quais o bispo de Alborea.

A sessão foi aberta por Abbone que achou oportuno resumir os fatos mais recentes. Recordou que no ano do Senhor de 1322 o capítulo geral dos frades menores, reunidos em Perugia sob a direção de Michele de Cesena, estabelecera com madura e diligente deliberação que Cristo, para dar exemplo de vida perfeita, e os apóstolos para se adequarem ao seu ensinamento, não tinham nunca tido qualquer coisa em comum, seja por razões de propriedade, seja por senhoria, e que essa verdade era matéria de fé sã e católica como se deduz de várias citações dos livros canônicos. De onde era meritória e santa a renúncia à propriedade de todas as coisas e que a essa regra de santidade ativeram-se os primeiros fundadores da igreja militante. Que a essa verdade ativera-se em 1312 o concílio de Viena e que o mesmo papa João, em 1317, na constituição sobre o estado dos frades menores que começa por Quorundam exigit, tinha considerado as deliberações daquele concílio como santamente compostas, lúcidas, sólidas e maduras. De onde o capítulo perugino, achando que aquilo que por sã doutrina a cátedra apostólica aprovara devia sempre ter-se por aceito, nem disso de modo algum devia-se discordar, outra coisa não fizera se não reconfirmar tal decisão conciliar, com a assinatura de mestres em teologia sagrada como frei Guilherme da Inglaterra, frei Henrique da Alemanha, frei Arnaldo de Aquitânia, provinciais e ministros; ainda mais com a aprovação de frei Nicolau, ministro de França, frei Guilherme Bloc, bacharel, do ministro geral e de quatro ministros provinciais, frei Tommaso de Bolonha, frei Pietro da província de São Francisco, frei Fernando de Castelo e frei Simão de Turônia. Porém, acrescentou Abbone, no ano seguinte o papa promulgava a decretal Ad conditorem canonum contra a qual se erguia frei

Bonagrazia de Bérgamo, considerando-a contrária aos interesses de sua ordem. O papa então tinha despregado a decretal das portas da igreja maior de Avignon onde tinha sido afixada, e a emendara em vários pontos. Mas, na realidade, tornara-a ainda mais áspera, prova disso que por imediata conseqüência frei Bonagrazia ficara preso por um ano. Nem era possível ter dúvidas sobre a severidade do pontífice, porque no mesmo ano promulgava a já agora conhecidíssima Cum inter nonnullos, em que eram condenadas definitivamente as teses do capítulo de Perugia.

Falou a essa altura, interrompendo gentilmente Abbone, o cardeal Bertrando e disse que era preciso lembrar como, para complicar as coisas e irritar o pontífice, tinha intervindo em 1324 Ludovico, o Bávaro, com a declaração de Sachsenhausen, onde eram assumidas, sem qualquer boa razão, as teses de Perugia (nem se compreendia, notou Bertrando com um fino sorriso, porque afinal o imperador aclamasse tão entusiasticamente uma pobreza que ele não praticava absolutamente), pondo-se contra misser o papa, chamando-o inimicus pacis e dizendo-o desejoso de suscitar escândalos e discórdias, tratando-o finalmente de herege, aliás de heresiarca.

"Não exatamente", tentou mediar Abbone.

"Em substância sim", disse secamente Bertrando. E acrescentou que fora justamente para rebater a inoportuna intervenção do imperador que misser o papa tinha sido obrigado a emitir a decretal Quia quorundam, e que por fim severamente convidara Michele de Cesena a vir à sua presença. Michele enviara cartas de escusas dizendo-se doente, coisa de que ninguém duvidara, mandando em seu lugar frei Giovanni Fidanza e frei Umile Custodio de Perugia. Mas ocorria que, disse o cardeal, os guelfos de Perugia tinham informado ao papa que, longe de estar doente, frei Michele vinha mantendo contatos com Ludovico da Baviera. E em todo caso, o que se passou já havia passado, agora frei Michele parecia com aspecto bom e sereno, e era esperado portanto em Avignon. De resto era melhor, admitia o cardeal, medir primeiro, como se estava fazendo agora, na presença de homens prudentes de ambas as partes, o que Michele diria depois ao papa, dado que o objetivo de todos era sempre o de não exacerbar as coisas e compor fraternalmente uma diatribe que não tinha razão de ser entre um pai amoroso e seus filhos devotos, e que até então tinha-se inflamado somente pelas intervenções de homens do século, imperadores e vigários que fossem, os quais nada tinham a ver com as questões da santa madre igreja.

Interveio então Abbone e disse que, por ser homem da igreja e abade de uma

ordem a quem a igreja tanto devia (um murmúrio de respeito e deferência percorreu ambos os lados do hemiciclo), não achava todavia que o imperador devesse permanecer alheio a tais questões, pelas muitas razões que frei Guilherme de Baskerville diria a seguir. Mas, dizia ainda Abbone, era justo que a primeira parte do debate devesse desenvolver-se entre os enviados pontifícios e os representantes daqueles filhos de São Francisco que pelo próprio fato de terem intervindo nesse encontro, demonstravam-se filhos devotíssimos do pontífice. E por isso convidava frei Michele ou um substituto para dizer o que ele pretendia sustentar em Avignon.

Michele disse que, para sua grande alegria e comoção, achava-se entre eles aquela manhã Ubertino de Casale, a quem o próprio pontífice, em 1322, tinha pedido um relatório fundamentado sobre a questão da pobreza. E justamente Ubertino poderia resumir, com a lucidez, a erudição e a fé apaixonada que todos lhe reconheciam, os pontos capitais daquelas que eram agora, e indefectíveis, as idéias da ordem franciscana.

Levantou-se Ubertino e, mal começou a falar, compreendi por que suscitara tanto entusiasmo, quer como pregador quer como homem da corte. Apaixonado no gesto, persuasivo na voz, fascinante no sorriso, claro e conseqüente no raciocínio, ele prendeu a si os ouvintes durante todo o tempo em que teve a palavra. Iniciou uma disquisição muito douta sobre as razões que apoiavam as teses de Perugia. Disse que antes de mais nada devia-se reconhecer que Cristo e seus apóstolos estiveram em duplo estado, porque foram prelados da igreja do novo testamento e desse modo possuíram, quanto à autoridade de versação e distribuição, para dar aos pobres e aos ministros da igreja, como está escrito no quarto capítulo dos Atos dos apóstolos, e sobre isso ninguém tem dúvidas. Mas, em segundo lugar, Cristo e os apóstolos devem ser considerados como pessoas singulares, fundamento de toda perfeição religiosa, e perfeitos desprezadores do mundo. E a respeito disso são propostos dois modos de ter, um dos quais é civil e mundano, que as leis imperiais definem com as palavras in bonis nostris, porque nossos são ditos os bens dos quais temos defesa e que, ao nos serem tirados, temos direito de pretender. Uma coisa é defender civil e mundanamente as próprias posses daqueles que as querem tirar, apelando ao juiz imperial (e dizer que Cristo e os apóstolos tiveram coisas desse modo é afirmação herética, porque como diz Mateus no V capítulo, àquele que quer contender contigo em juízo e tirar-te a túnica, deixa também o manto, nem diz de outro modo Lucas no VI capítulo. Com essas mesmas palavras Cristo remove de si todo domínio e soberania e é isso mesmo que ele impõe a seus

apóstolos, veja-se inclusive Mateus capítulo XXIV, onde Pedro diz ao Senhor que para segui-lo abandonaram tudo); mas, por outro lado, é possível todavia ter as coisas temporais em razão da caridade fraterna comum, e desse modo Cristo e os seus tiveram bens por razão natural, que é por alguns chamada de jus poli, isto é, razão do céu, para sustentação da natureza que sem ordenação humana está consoante à reta razão; enquanto o jus fori é poder que depende de estipulação humana. Anteriormente à primeira divisão dessas coisas, quanto ao domínio, foram como agora são as coisas que não constam entre os bens de alguém e são concedidas a quem as ocupa e foram num certo sentido comuns a todos os homens, enquanto somente depois do pecado os nossos progenitores começaram a dividir entre si a propriedade das coisas e desde então iniciaram os domínios mundanos como são conhecidos hoje. Mas Cristo e os apóstolos tiveram as coisas do primeiro modo, e assim tiveram a vestimenta, os pães e os peixes, e como diz Paulo na Primeira a Timóteo, temos os alimentos, e com que cobrir-nos e estamos contentes. Por isso Cristo e os seus tiveram essas coisas não como posse, mas como uso, permanecendo salvaguardada sua absoluta pobreza. Coisa que já fora reconhecida pelo papa Nicolau II na decretal Exiit qui seminat.

Porém levantou-se do lado oposto Jean d'Anneaux e disse que as posições de Ubertino pareciam-lhe contrárias quer à justa razão quer à reta interpretação das escrituras. Pois que, quanto aos bens deterioráveis com o uso, como o pão e os peixes, não se pode falar em simples direito de uso, nem se pode ter uso de fato, mas apenas abuso; tudo aquilo que os crentes tinham em comum na igreja primitiva, como se deduz dos Atos segundo e terceiro, tinham-no com base no mesmo tipo de domínio que detinham antes da conversão; os apóstolos, após a descida do Espírito Santo, possuíram propriedades na Judéia; o voto de viver sem propriedade não se estende àquilo de que o homem tem absoluta necessidade para viver, e quando Pedro disse que tinha abandonado tudo não pretendia dizer que tivesse renunciado à propriedade; Adão teve domínio e propriedade sobre as coisas; o servo que toma dinheiro de seu patrão certamente não está fazendo nem uso e nem abuso; as palavras da Exiit qui seminat a que os menoritas sempre se atêm e que estabelece que os frades menores têm somente o uso daquilo de que se servem, sem ter dele o domínio e a propriedade, devem referir-se apenas aos bens que não se exaurem com o uso, e de fato se a Exiit compreendesse os bens deterioráveis sustentaria uma coisa impossível; o uso de fato não se pode distinguir do domínio jurídico; todo o direito humano, na base do qual se possuem bens materiais, está contido nas leis dos reis; Cristo como homem mortal, desde o

instante de sua concepção, foi proprietário de todos os bens terrenos e, como Deus, teve do pai o domínio universal de tudo; foi proprietário de vestes, alimentos, dinheiro para contribuições e ofertas dos fiéis, e se foi pobre não foi porque não teve propriedade mas porque não recebia dela os frutos, pois que o simples domínio jurídico, separado do recebimento dos interesses, não torna rico quem o detém; e por fim, mesmo que a Exiit tivesse dito coisas diferentes, o pontífice romano, naquilo que se refere à fé e às questões morais, pode revogar as determinações de seus predecessores e fazer também asserções contrárias.

Foi naquele momento que se levantou com veemência frei Girolamo, bispo de Caffa, com a barba que lhe tremia de raiva ainda que suas palavras tentassem parecer conciliantes. E iniciou uma argumentação que pareceu um tanto confusa. "O que desejarei dizer ao santo padre, e eu mesmo o direi, submeto desde agora à sua correção, porque creio verdadeiramente que João seja vigário de Cristo e por essa confissão fui preso pelos sarracenos. E começarei citando um fato relatado por um grande doutor, sobre a disputa que surgiu um dia entre monges, a respeito de quem seria o pai de Melquisedec. E então o abade Copes, interrogado sobre isso, sacudiu a cabeça e disse: ai de ti Copes, porque procuras somente aquelas coisas que Deus não te ordena procurar e és negligente naquelas que ele te ordena. Pois bem, como se deduz limpidamente pelo meu exemplo, é tão claro que Cristo e a santa Virgem e os apóstolos não tiveram nada nem em particular nem em comum, que menos claro seria reconhecer que Jesus foi homem e Deus ao mesmo tempo, e no entanto parece-me claro que quem negasse a primeira evidência deveria depois negar a segunda."

Disse triunfalmente, e vi Guilherme que levantava os olhos para o céu. Desconfio que considerasse o silogismo de Girolamo um tanto defeituoso, e não posso contradizê-lo, porém mais defeituosa ainda pareceu-me a irritadíssima e contrária argumentação de Giovanni Dalbena, o qual disse que quem afirma algo sobre a pobreza de Cristo afirma aquilo que se vê (ou não se vê) através dos olhos, enquanto para definir sua humanidade e sua divindade intervém a fé, sendo que, por isso, as duas proposições não podem ser igualadas. Na resposta, Girolamo foi mais agudo que o adversário:

"Oh, não, caro irmão", disse, "parece-me verdadeiro justamente o contrário, pois todos os evangelhos declaram que Cristo era homem e comia e bebia e, por meio de seus evidentíssimos milagres, era Deus também, e tudo isso salta justamente aos olhos!"

"Magos e adivinhos também fizeram milagres", disse o Dalbena com

pedantismo.

"Sim", rebateu Girolamo, "mas por obra de arte mágica. E tu queres igualar os milagres de Cristo à arte mágica?" O interpelado murmurou que não almejava tanto. "E por fim", continuou Girolamo, que já se sentia próximo da vitória, "o senhor cardeal do Poggetto pretenderia considerar herética a crença na pobreza de Cristo, quando sobre tal proposição rege-se a regra de uma ordem como a franciscana, tal que não existe reino onde seus filhos não tenham andado pregando e espargindo seu sangue, do Marrocos até a Índia?"

"Alma santa de Pedro Hispano", murmurou Guilherme, "protege-nos tu."

"Irmão diletíssimo", vociferou então o Dalbena dando um passo à frente, "podes falar do sangue de teus frades, mas não te esqueças que esse tributo foi pago também pelos religiosos de outras ordens..."

"Com todo respeito ao senhor cardeal", gritou Girolamo, "nenhum dominicano jamais morreu entre os infiéis, enquanto só no meu tempo nove menores foram martirizados."

Com o rosto vermelho ergueu-se o dominicano bispo de Alborea: "Então posso eu demonstrar que antes que os menores fossem à Tartária, o papa Inocêncio para lá mandou três dominicanos!"

"Ah, é?" zombou Girolamo. "No entanto sei eu que há oitenta anos os menores estão na Tartária e têm quarenta igrejas por todo o país, enquanto os dominicanos têm apenas cinco postos na costa e ao todo serão quinze frades! E isso resolve a questão!"

"Não resolve questão nenhuma", gritou Alborea, "porque esses menoritas que parem terciários como as cadelas parem filhotes, atribuem tudo a si, gabam-se de ter mártires e depois têm belas igrejas, paramentos suntuosos e compram e vendem como todos os demais religiosos!"

"Não, meu senhor, não", interveio Girolamo, "eles não compram nem vendem eles próprios, mas através dos procuradores da sé apostólica, e os procuradores detêm a posse enquanto que os menores têm apenas o uso!"

"Verdade?" escarneceu o Alborea, "e quantas vezes então tu vendeste sem procuradores? Conheço a história de algumas propriedades que..."

"Se o fiz, errei", interrompeu precipitadamente Girolamo, "não reverta sobre a ordem o que pode ter sido uma fraqueza minha!"

"Mas veneráveis irmãos", interveio então Abbone, "o nosso problema não é se os menoritas são pobres, mas se era pobre o Nosso Senhor..."

"Pois bem", fez-se ainda ouvir nesse instante Girolamo, "tenho sobre tais

questões um argumento que corta como a espada...”

“São Francisco, protege os teus filhos...” disse desanimadamente Guilherme.

“O argumento é”, continuou Girolamo, “que os orientais e os gregos, bem mais familiarizados que nós com a doutrina dos santos padres, têm por certa a pobreza de Cristo. E se aqueles hereges e cismáticos sustentam tão limpidamente uma tão límpida verdade, desejaríamos ser nós mais hereges e cismáticos que eles e negá-la? Esses orientais, se ouvissem algum de nós pregar contra essa verdade, nos apedrejariam!”

“O que me dizes agora?” motejou Alborea, “e por que então não apedrejam os dominicanos que pregam justamente contra isso?”

“Os dominicanos? Mas nunca os vi lá embaixo!”

O Alborea, com o rosto violáceo, observou que o tal frei Girolamo ficara na Grécia quando muito quinze anos, enquanto ele lá estivera desde a meninice. Girolamo secundou que ele, o dominicano Alborea, talvez tivesse estado também na Grécia, mas levando vida folgada em belos palácios episcopais, enquanto ele, franciscano, permanecera ali não quinze mas vinte e dois anos e pregara diante do imperador em Constantinopla. Então Alborea, sem mais argumentos, tentou superar o espaço que o separava dos menoritas, manifestando em voz alta, e com palavras que não ouso repetir, a sua firme intenção de arrancar a barba do bispo de Caffa, de quem punha em dúvida a virilidade, e que justamente segundo a lógica do talião queria punir, usando aquela barba à guisa de flagelo.

Os demais menoritas correram a fazer barreira em defesa de seu confrade, os avignonenses acharam útil dar mão forte ao dominicano e seguiu-se (Senhor, tem piedade dos melhores dentre os teus filhos!) uma rixa que o Abade e o cardeal tentaram acalmar em vão. No tumulto que se seguiu menoritas e dominicanos disseram-se reciprocamente coisas muito pesadas, como se cada um fosse um cristão em luta com os sarracenos. Os únicos que permaneceram em seus lugares foram por um lado Guilherme, por outro Bernardo Gui. Guilherme parecia triste e Bernardo alegre, se de alegria se podia falar pelo pálido sorriso que encrespava o lábio do inquisidor.

“Não há melhores argumentos”, perguntei a meu mestre, enquanto Alborea se agarrava à barba do bispo de Caffa, “para demonstrar ou negar a pobreza de Cristo?”

“Mas tu podes afirmar ambas as coisas, meu bom Adso”, disse Guilherme, “e não poderás jamais estabelecer com base nos evangelhos se Cristo considerava de sua propriedade, e quanto, a túnica que vestia e que talvez depois jogasse fora

quando estava gasta. E, se queres, a doutrina de Tomás de Aquino sobre a propriedade é mais ousada que aquela nossa, de nós menoritas. Nós dizemos: não possuímos nada e temos tudo em uso. Ele dizia: podeis considerar-vos possuidores contanto que, se a alguém faltar o que vós possuís, vós lhe concedais o uso, e por obrigação, não por caridade. Mas a questão não é se Cristo era pobre, é se deve ser pobre a igreja. E pobre não significa tanto possuir ou não um palácio, quanto manter ou abandonar o direito de legislar sobre as coisas terrenas."

"Eis então", eu disse, "por que o imperador se prende tanto aos discursos dos menoritas sobre a pobreza."

"De fato. Os menoritas fazem o jogo imperial contra o papa. Mas para Marsílio e para mim o jogo é duplo, e queríamos que o jogo do império fizesse o nosso jogo e servisse à nossa idéia do governo humano."

"E vós ireis dizer isso quando falardes?"

"Se o digo cumpro a minha missão, que era manifestar as opiniões dos teólogos imperiais. Mas se o digo, minha missão falha, porque eu deveria facilitar um segundo encontro em Avignon, e não creio que João aceite que eu vá lá embaixo para dizer essas coisas."

"E daí?"

"E daí estou preso entre duas forças contrastantes, como um asno que não sabe de qual dos dois sacos de feno comer. É que os tempos não estão maduros. Marsílio sonha com uma transformação impossível, agora, e Ludovico não é melhor que seus predecessores, mesmo se por enquanto permanece o único baluarte contra um miserável como João. Talvez tenha que falar, a menos que esses aqui não acabem antes por se matarem um ao outro. Em todo caso, escreve Adso, que permaneçam ao menos traços do que está acontecendo hoje."

"E Michele?"

"Temo que perca seu tempo. O cardeal sabe que o papa não busca uma mediação, Bernardo Gui sabe que deverá fazer gorar o encontro; e Michele sabe que irá a Avignon de qualquer jeito, porque não quer que a ordem rompa relações com o papa. E arriscará a vida."

Enquanto assim falávamos — e na verdade não sei como podíamos ouvir um ao outro — a disputa tinha atingido o seu auge. A um sinal de Bernardo Gui, os arqueiros intervieram para impedir que as duas fileiras chegassem definitivamente às vias de fato. Mas qual assediantes e assediados, de ambos os lados dos muros de uma cidadela, eles lançavam-se contestações e impropérios, que aqui refiro ao acaso, sem conseguir mais atribuir-lhes a paternidade, e deixo claro que as frases

não foram pronunciadas uma por vez, como teria sido numa disputa nas minhas terras, mas à moda mediterrânea, uma se acavalando na outra, como as ondas de um mar revolto.

"O evangelho diz que Cristo tinha uma bolsa!"

"Chega dessa bolsa que vocês pintam até nos crucifixos! O que dizes então do fato de que Nosso Senhor, quando estava em Jerusalém, voltava toda noite a Betânia?"

"E se Nosso Senhor queria ir dormir na Betânia, quem és tu para controlar a sua decisão?"

"Não, bode velho, Nosso Senhor volta a Betânia porque não tinha dinheiro para pagar uma hospedaria em Jerusalém!"

"Bonagrazia, bode és tu! E o que comia Nosso Senhor em Jerusalém?"

"E dirias tu então que o cavalo que recebe aveia do patrão para sobreviver tem a propriedade da aveia?"

"Olha que estás comparando Cristo a um cavalo..."

"Não, és tu que comparas Cristo a um prelado simoníaco da tua corte, receptáculo de esterco!"

"É? E quantas vezes a santa sé precisou assumir processos para defender os vossos bens?"

"Os bens da igreja, não os nossos! Nós os temos em uso!"

"Em uso para devorá-los, para construir-vos belas igrejas com as estátuas de ouro, hipócritas, barcos de iniqüidade, sepulcros caiados, focos de vícios! Sabeis bem que é a caridade, e não a pobreza, o princípio da vida perfeita!"

"Isso quem disse foi aquele glutão do vosso Tomás!"

"Olha só, ímpio! Aquele que chamas de glutão é um santo da sagrada igreja romana!'

"Santo das minhas sandálias, canonizado por João para fazer despeito aos franciscanos! O vosso papa não pode fazer santos, porque é um herege. Ou melhor, é um heresiarca!"

"Esta bela proposição nós já conhecemos! É a declaração do fantoche da Baviera em Sachsenhausen, preparada pelo vosso Ubertino!"

"Olha como falas, porco, filho da prostituta da Babilônia e de outras meretrizes mais! Tu sabes que aquele ano Ubertino não estava com o imperador, mas estava justamente em Avignon, a serviço do cardeal Orsini, e o papa o estava enviando como mensageiro a Aragão!"

"Eu sei, eu sei que fazia voto de pobreza à mesa do cardeal, como faz agora na

abadia mais rica da península! Ubertino, se não foste tu, quem sugeriu a Ludovico o uso de teus escritos?”

“É culpa minha se Ludovico lê meus escritos? Certamente não pode ler os teus que és um iletrado!”

“Eu, um iletrado? Era letrado o vosso Francisco, que falava com os gansos?”

“Blasfemo!”

“Blasfemo és tu, fradeco — arruela!”

“Eu nunca servi de arruela, e tu sabes disso!!!”

“Claro que sim, com os teus fraticelli, quando te enfiavas na cama de Clara de Montefalco!”

“Que Deus te fulmine! Eu era inquisidor naquela época, e Clara já exalava odor de santidade!”

“Clara exalava odor de santidade, mas tu aspiravas um outro odor quando cantavas o matutino às monjas!”

“Continua, continua, a ira de Deus te atingirá como atingirá o teu patrão, que deu abrigo a dois hereges como aquele ostrogodo de Eckhart e aquele nicromante inglês que chamais Branucerton!”

“Veneráveis irmãos, veneráveis irmãos!” gritavam o cardeal Bertrando e o Abade.

Quinto dia

TERÇA

Onde Severino fala a Guilherme de um estranho livro e Guilherme fala aos legados de uma estranha concepção do governo temporal.

O divérbio estava ainda recrudescendo quando um dos noviços de guarda à porta entrou, passando por aquela confusão como quem atravessa um campo batido pela tormenta, e veio sussurrar a Guilherme que Severino queria lhe falar com urgência. Saímos no nártex apinhado de monges curiosos os quais tentavam colher através dos gritos e dos rumores alguma coisa daquilo que acontecia lá dentro. Na primeira fila vimos Aymaro de Alexandria que nos acolheu com seu costumeiro esgar de comiseração pela estupidez do mundo: "Claro que desde que surgiram as ordens mendicantes a cristandade tornou-se mais virtuosa", disse.

Guilherme afastou-o, não sem indelicadeza, e dirigiu-se para Severino, que nos esperava num canto. Estava ansioso, queria nos falar em particular, mas não se podia encontrar um lugar tranqüilo naquela confusão. Queríamos sair ao ar livre, mas na soleira da sala capitular assomava Michele de Cesena que incitava Guilherme a retornar porque, dizia, o divérbio estava se acalmando, e era preciso continuar a série de intervenções.

Guilherme, dividido entre dois sacos de feno, incitou Severino a falar e o herborista tentou não se deixar ouvir pelos presentes.

"Berengário esteve no hospital com certeza, antes de ir à casa de banhos", disse.

"Como sabes?" Alguns monges se aproximavam, atraídos por nosso confabular. Severino falou em voz mais baixa ainda, olhando ao seu redor.

"Tu me disseste que aquele homem... devia ter algo consigo... Bem, encontrei algo em meu laboratório, confundido entre os outros livros... um livro não meu, um estranho livro..."

"Deve ser aquele", disse Guilherme triunfante, "traze-o depressa."

"Não posso", disse Severino, "depois te explico, descobri... creio ter descoberto algo de interessante... Tu precisas vir, devo mostrar-te o livro... com cuidado..." Não continuou. Percebemos que, silencioso como de hábito, Jorge aparecera quase de repente ao nosso lado. Esticava as mãos para a frente como se, não acostumado a se mover naquele lugar, procurasse entender por onde andava. Uma pessoa normal não teria podido entender os sussurros de Severino, mas tínhamos percebido há tempo que o ouvido de Jorge, como o de todos os cegos, era particularmente agudo.

O ancião pareceu entretanto não ter ouvido nada. Moveu-se para uma direção oposta à nossa, tocou num dos monges e perguntou alguma coisa. Esse tomou-o com delicadeza pelo braço e o conduziu para fora. Naquele momento reapareceu Michele que novamente solicitou Guilherme, e meu mestre tomou uma resolução: "Peço-te", disse a Severino, "volta logo para onde estavas. Tranca-te lá dentro e espera-me. Tu", disse para mim, "segue Jorge. Mesmo que tenha escutado algo, não creio que se faça conduzir ao hospital. Em todo caso fica sabendo aonde ele vai."

Voltou-se para entrar na sala, e percebeu (como eu também percebi) Aymaro que abria passagem entre a aglomeração dos presentes para seguir Jorge que estava saindo. Aqui Guilherme cometeu uma imprudência, porque nesse momento, em voz alta, duma ponta a outra do nártex, disse a Severino já na soleira externa: "Recomendo. Não consintas a ninguém que... aqueles papéis... voltem para o lugar de onde saíram!" Eu, que estava me preparando para seguir Jorge, vi naquele instante, encostado ao batente da porta externa, o celeireiro que escutara as palavras de Guilherme e fitava alternadamente meu mestre e o herborista, com o rosto contraído pelo medo. Viu Severino que saía e seguiu-o. Eu, na soleira, temia perder de vista Jorge, que já estava para ser engolido pela névoa: mas os dois também, na direção oposta, estavam prestes a sumir na caligem. Calculei rapidamente o que devia fazer. Fora-me ordenado seguir o cego, mas porque se temia que fosse para o hospital. Em vez disso a direção que estava tomando, com seu acompanhante, era outra, pois estava atravessando o claustro, direto para a igreja, ou para o Edifício. Ao contrário, o celeireiro certamente estava seguindo o herborista e Guilherme estava preocupado com o que poderia acontecer no laboratório. Por isso foram aqueles dois que me pus a seguir, perguntando-me dentre outras coisas aonde tinha ido Aymaro, se é que não tinha saído por razões bastante diferentes das nossas.

Mantendo uma distância razoável não perdia de vista o celeireiro, que estava diminuindo o passo, porque percebera que eu o seguia. Não podia entender se a sombra que lhe estava no encalço era eu, como eu não podia entender se a sombra de quem estava no encalço fosse ele, mas como eu não tinha dúvidas sobre ele, ele não tinha dúvidas sobre mim.

Obrigando-o a controlar-me, eu o impedi de chegar muito perto de Severino. Assim, quando a porta do hospital surgiu na névoa, ela já estava fechada. Severino já entrara, sejam dadas graças aos céus. O celeireiro virou-se ainda uma vez para olhar para mim, que estava agora parado como uma árvore do horto, depois pareceu tomar uma decisão e dirigiu-se à cozinha. Achei que tinha cumprido minha missão, Severino era um homem ajuizado, cuidar-se-ia sozinho, sem abrir a ninguém. Eu não tinha mais o que fazer e sobretudo estava ardendo de curiosidade de ver o que acontecia na sala capitular. Por isso decidi voltar para relatar. Talvez tenha feito mal, deveria ter ficado ainda de guarda, e teríamos evitado muitas outras desventuras. Mas sei disso agora, não o sabia então.

Quando estava entrando, quase esbarrei em Bêncio que sorria com ar de cumplicidade: "Severino encontrou algo deixado por Berengário, não é verdade?"

"O que sabes disso?" respondi-lhe indelicadamente, tratando-o como a um coetâneo, em parte pela ira e em parte por causa de seu rosto jovem, agora malicioso como o de uma criança.

"Não sou um idiota", respondeu Bêncio, "Severino vem correndo dizer alguma coisa a Guilherme, tu controlas que ninguém o siga..."

"E tu nos observas demais, e ao Severino", disse irritado.

"Eu? Claro que observo. Desde anteontem que não perco de vista nem a casa de banhos nem o hospital. Se apenas tivesse podido já teria entrado lá. Daria um olho da cara para saber o que Berengário encontrou na biblioteca."

"Tu queres saber coisas demais sem ter esse direito!"

"Eu sou um estudioso e tenho direito de saber, eu vim dos confins do mundo para conhecer a biblioteca e a biblioteca permanece fechada como se contivesse coisas ruins e eu..."

"Deixa-me ir", eu disse brusco.

"Eu te deixo ir, já que me disseste o que queria."

"Eu?"

"Coisas são ditas mesmo quando se cala."

"Aconselho-te a não entrar no hospital", disse-lhe.

"Não entro, não entro, fica sossegado. Mas ninguém me proíbe de olhar lá fora."

Não lhe dei mais ouvidos e entrei. Aquele curioso, pareceu-me, não representava perigo maior. Aproximei-me de Guilherme e o pus rapidamente a par dos fatos. Ele anuiu em sinal de aprovação, depois fez-me sinal para calar. A confusão já estava se atenuando. Os legados de ambos os lados já estavam trocando o beijo da paz. Alborea louvava a fé dos menoritas, Girolamo exaltava a caridade dos pregadores, todos laudavam a esperança de uma igreja não mais agitada por lutas intestinas.

Uns celebravam a força, outros a temperança, todos invocavam a justiça e retornavam à prudência. Nunca vi tantos homens tão sinceramente interessados no triunfo das virtudes teologais e cardeais.

Mas Bertrando do Poggetto já estava convidando Guilherme a expressar as teses dos teólogos imperiais. Guilherme ergueu-se de má vontade: por um lado estava percebendo que o encontro não tinha nenhuma utilidade, por outro tinha pressa em sair dali e o livro misterioso importava-lhe, no momento, mais que os destinos do encontro. Mas estava claro que não podia se furtar ao próprio dever.

Começou então a falar entre muitos "eh" e "oh", talvez mais que de costume e mais que o devido, como para dar a entender que estava absolutamente incerto sobre as coisas que ia falar, e exordiou afirmando que compreendia muito bem o ponto de vista dos que tinham falado antes dele e que por outro lado aquela que outros chamavam "doutrina" dos teólogos imperiais não eram mais que algumas esparsas observações que não pretendiam impor-se como verdade de fé.

Disse então que, dada a imensa bondade que Deus manifestara ao criar o povo de seus filhos, amando a todos sem distinções, desde aquelas páginas do Gênesis, em que ainda não se fazia menção a sacerdotes e a reis, considerando também que o Senhor tinha dado a Adão e a seus descendentes o poder sobre as coisas desse mundo, contanto que obedecesse às leis divinas, era de se imaginar que ao próprio Senhor não fosse estranha a idéia de que nas coisas terrenas o povo seria legislador e causa primeira e efetiva da lei. Por povo, disse, seria bom entender a universalidade dos cidadãos, mas uma vez que entre os cidadãos é necessário considerar também as crianças, os obtusos, os mal viventes e as mulheres, talvez se pudesse chegar de modo razoável a uma definição de povo como parte melhor dos cidadãos, embora ele, no momento, não achasse oportuno pronunciar-se sobre quem efetivamente pertencia a tal parte. Pigarreou, desculpou-se com os presentes

sugerindo que, indubitavelmente, naquele dia a atmosfera estava muito úmida, e levantou a hipótese de que o modo em que o povo poderia exprimir a sua vontade podia coincidir com uma assembléia geral eletiva. Disse parecer-lhe sensato que uma tal assembléia pudesse interpretar, mudar ou suspender a lei, porque se é um só que faz a lei, ele poderia fazê-la mal por ignorância ou por maldade, e acrescentou que não era necessário lembrar aos presentes quantos desses fatos tinham-se passado recentemente. Notei que os presentes, antes perplexos com suas palavras precedentes, não podiam senão concordar com essas últimas, porque cada um estava evidentemente pensando numa pessoa diferente, e cada um achava péssima a pessoa em quem pensava.

Bem, continuou Guilherme, se um sozinho pode fazer mal as leis, muitos não seria melhor? Naturalmente, sublinhou, estava-se falando de leis terrenas, concernentes ao bom andamento das coisas civis. Deus dissera a Adão para não comer da árvore do bem e do mal, e essa era a lei divina; mas depois o autorizara — o que estou dizendo?, encorajara-o a dar nomes às coisas, e sobre isso tinha deixado livre o seu súdito terrestre. De fato embora alguns, nos nossos tempos, digam que nomina sunt consequentia rerum, o livro do Gênesis é contudo bastante claro sobre esse ponto: Deus levou ao homem todos os animais para ver como os chamaria, e qualquer que fosse o modo como o homem tivesse chamado a cada ser vivente, esse deveria ser o seu nome. E embora certamente o primeiro homem tivesse sido muito cuidadoso ao chamar, em sua língua edênica, cada coisa e animal segundo a sua natureza, isso não impede que ele exercitasse uma espécie de direito soberano ao imaginar o nome que, a seu ver, melhor correspondia àquela natureza. Porque, de fato, é agora sabido que diferentes são os nomes que os homens impõem para designar os conceitos, e iguais para todos são apenas os conceitos, signo das coisas. Assim que certamente vem a palavra nomem de nomos, ou seja, lei, visto que justamente os nomina são dados pelos homens ad placitum, isto é, por livre e coletiva convenção. Os presentes não ousaram contestar essa douta demonstração. De modo que, concluiu Guilherme, vê-se bem como a legislação sobre as coisas deste mundo e portanto sobre as coisas das cidades e dos reinos não tem nada a ver com a custódia e a administração da palavra divina, privilégio inalienável da hierarquia eclesiástica. Infelizes por sinal, disse Guilherme, são os infiéis, que não têm semelhante autoridade que interprete para eles a palavra divina (e todos se compadeceram dos infiéis). Mas podemos por isso dizer, por acaso, que os infiéis não têm a tendência para fazer leis e para administrar suas coisas mediante governos, reis, imperadores ou sultões e califas

ou equivalentes? E poder-se-ia negar que muitos imperadores romanos tenham exercido o poder temporal com sabedoria, pensando-se em Trajano? E quem deu, a pagãos e a infiéis, essa capacidade natural de legislar e de viver em comunidades políticas? Quem sabe suas divindades mentirosas que necessariamente não existem (ou não existem necessariamente, conforme se queira entender a negação dessa modalidade)? Claro que não. Não poderia senão tê-la conferido o Deus dos exércitos, o Deus de Israel, pai de Nosso Senhor Jesus Cristo... Admirável prova da bondade divina que conferiu a capacidade de julgar as coisas políticas também a quem desconhece a autoridade do pontífice romano e não professa os mesmos sagrados, doces e terríveis mistérios do povo cristão! Porém que mais bela demonstração, se não essa, do fato de que o domínio temporal e a jurisdição secular não têm nada a ver com a igreja e com a lei de Jesus Cristo, e foram ordenados por Deus fora de qualquer aprovação eclesiástica e antes mesmo que surgisse a nossa santa religião?

Tossiu de novo, mas dessa vez não sozinho. Muitos dos presentes se agitavam em seus assentos e limpavam a garganta. Vi o cardeal passar a língua nos lábios e fazer um gesto, ansioso mas cortês, para convidar Guilherme a concluir. E Guilherme enfrentou aquelas que já agora pareciam a todos, mesmo a quem não as compartilhasse, as conclusões talvez desagradáveis daquele incontestável discurso. Disse então Guilherme que suas deduções lhe pareciam sustentadas pelo próprio exemplo de Cristo, que não veio a este mundo para comandar, mas para submeter-se às condições que no mundo encontrava, pelo menos no que dizia respeito às leis de César. Ele não quis que os apóstolos tivessem comando e domínio, e por isso parecia coisa sábia que os sucessores dos apóstolos devessem ser aliviados de qualquer poder mundano e coativo. Se o pontífice, os bispos e os padres não fossem submetidos ao poder mundano e coativo do príncipe, a autoridade do príncipe seria anulada, e anular-se-ia com isso uma ordem que, como se tinha demonstrado antes, fora disposta por Deus. Devem ser considerados certamente casos muito delicados — disse Guilherme — como aquele dos hereges, sobre cuja heresia só a igreja, guardiã da verdade, pode se pronunciar, e todavia só o braço secular pode agir. Quando a igreja individua hereges deverá certamente apontá-los ao príncipe, o qual é bem que seja informado das condições de seus cidadãos. Mas o que deverá fazer o príncipe com um herege? Condená-lo em nome daquela verdade divina da qual não é guardião? O príncipe pode e deve condenar o herege, se sua ação prejudica a convivência de todos, isto é, se o herege afirma a sua heresia matando ou impedindo os que não compartilham dela. Mas nesse

ponto detém-se o poder do príncipe, porque ninguém neste mundo pode ser obrigado através de suplícios a seguir os preceitos do evangelho, de outro modo aonde iria parar o livre-arbítrio no exercício do qual cada um será julgado depois no outro mundo? A igreja pode e deve advertir o herege que ele está saindo da comunidade dos fiéis, mas não pode julgá-lo na terra e obrigá-lo contra sua vontade. Se Cristo tivesse querido que seus sacerdotes obtivessem poder coativo, teria estabelecido preceitos precisos como fez Moisés com a lei antiga. Não o fez. Portanto não o quis. Ou se pretende sugerir a idéia que ele o quisesse, mas lhe faltara tempo ou capacidade de dizê-lo, em três anos de pregação? Mas era justo que não quisesse, porque se o tivesse querido, então o papa poderia ter imposto sua vontade ao rei, e o cristianismo não mais seria lei de liberdade, mas intolerável escravidão.

Tudo isso, acrescentou Guilherme com expressão hílare, não é para limitação dos poderes do sumo pontífice, mas antes para exaltação de sua missão: porque o servo dos servos de Deus está neste mundo para servir e não para ser servido. E, por fim, seria no mínimo bizarro se o papa tivesse jurisdição sobre as coisas do império e não sobre outros reinos da terra. Como é sabido, aquilo que o papa diz sobre as coisas divinas vale para os súditos do rei de França como para aqueles do rei da Inglaterra, mas deve valer também para os súditos do Grande Khan ou do sultão dos infiéis, pois são ditos infiéis justamente porque não são fiéis a essa bela verdade. E portanto se o papa admitisse ter jurisdição temporal — enquanto papa — sobre todas as coisas do império, poderia deixar margem à suspeita de que, identificando-se a jurisdição temporal com a espiritual, por isso mesmo ele não só não teria jurisdição espiritual sobre os sarracenos ou sobre os tártaros, mas tampouco sobre os franceses e os ingleses — o que seria uma criminosa blasfêmia. Eis a razão, concluía meu mestre, pela qual parecia-lhe justo sugerir que a igreja de Avignon injuriava a humanidade inteira asserindo que lhe cabia aprovar ou suspender aquele que fora eleito imperador dos romanos. O papa não tem sobre o império direitos maiores que sobre outros reinos, e uma vez que não estão sujeitos à aprovação do papa nem o rei de França, nem o sultão, não há uma boa razão por que deva estar sujeito a ele o imperador dos germânicos e dos italianos. Tal sujeição não é de direito divino, porque as escrituras não falam dela. Não é sancionada pelo direito das pessoas, em virtude das razões supracitadas. Quanto às relações com a disputa pela pobreza, disse Guilherme finalmente, suas modestas opiniões, elaboradas em forma de sugestões coloquiais por ele e por alguns como Marsílio de Pádua e João de Jandun, levavam às seguintes conclusões:

se os franciscanos queriam permanecer pobres, o imperador não podia nem devia se opor a um desejo tão virtuoso. Claro que se a hipótese da pobreza de Cristo tivesse sido provada, isso não só ajudaria os menoritas, mas reforçaria a idéia de que Jesus não tinha querido para si qualquer jurisdição terrena. Mas ouvira aquela manhã pessoas bastante sábias asseverarem que não se podia provar que Jesus tivesse sido pobre. Onde lhe parecia mais conveniente inverter a demonstração. Uma vez que ninguém asserira, e teria podido asserir, que Jesus requisitara para si e para os seus qualquer jurisdição terrena, esse despojamento de Jesus das coisas temporais parecia-lhe um indício suficiente para levar a pensar, sem cair em pecado, que Jesus tivesse outrossim preferido a pobreza.

Guilherme falara em tom tão modesto, expressara suas certezas de modo tão dubitativo, que nenhum dos presentes tinha podido erguer-se para replicar. Isso não quer dizer que todos estivessem convencidos daquilo que dissera. Não só os avignonenses se agitavam agora com os rostos amuados e cochichando entre si comentários, mas o próprio Abade parecia desfavoravelmente impressionado por aquelas palavras, como se pensasse que não era aquele o modo com que imaginara as relações entre a sua ordem e o império. E quanto aos menoritas, Michele de Cesena estava perplexo, Girolamo estarrecido, Ubertino pensativo.

O silêncio foi rompido pelo cardeal do Poggetto, sempre sorridente e disposto, que com toda fineza perguntou a Guilherme se iria a Avignon para dizer essas coisas a misser o papa. Guilherme perguntou o parecer do cardeal, este disse que misser o papa tinha ouvido pronunciarem muitas opiniões discutíveis na sua vida e era homem amabilíssimo para com todos os seus filhos, mas que seguramente essas proposições o teriam magoado muito.

Interveio Bernardo Gui, que até então não tinha aberto a boca: "Eu ficaria muito contente se frei Guilherme, tão hábil e eloqüente ao expor as próprias idéias, viesse submetê-las ao juízo do pontífice..."

"Me haveis convencido, senhor Bernardo", disse Guilherme. "Não irei." Depois voltando-se para o cardeal, em tom de desculpa: "Sabeis, a fluxão que me toma o peito me desaconselha a fazer uma viagem tão longa nesta estação..."

"Mas então por que falastes tão demoradamente?" perguntou o cardeal.

"Para testemunhar a verdade", disse Guilherme com humildade. "A verdade nos fará livres."

"Eh não!" explodiu Giovanni Dalbena nesse momento. "Aqui não se trata da verdade que nos faz livres, mas da excessiva liberdade que quer se fazer verdadeira!"

“Isso também é possível”, admitiu Guilherme com suavidade.

Percebi por súbita intuição que estava para desabar uma tempestade de corações e línguas bem mais furiosa que a primeira. Mas não aconteceu nada. Enquanto Dalbena ainda falava, o capitão dos arqueiros tinha entrado e fora sussurrar algo no ouvido de Bernardo Gui. Este ergueu-se de repente e com a mão pediu audiência.

“Irmãos”, disse, “pode ser que esta aproveitável discussão venha a ser retomada, mas agora um evento de imensa gravidade nos obriga a suspender os nossos trabalhos, com permissão do Abade. Talvez eu tenha preenchido, sem querer, as expectativas do próprio Abade, que esperava descobrir o culpado dos muitos crimes dos dias passados. O homem está agora em minhas mãos. Mas, infelizmente, foi preso demasiado tarde, mais uma vez... Algo aconteceu lá embaixo...” e indicava vagamente o exterior. Atravessou rapidamente a sala e saiu, seguido por muitos, Guilherme entre os primeiros e eu com ele.

Meu mestre fitou-me e disse: “Temo que tenha acontecido algo a Severino.”

Quinto dia

SEXTA

Onde se encontra Severino assassinado e não se encontra mais o livro que ele encontrara.

Atravessamos a esplanada a passos rápidos e angustiados. O capitão dos arqueiros conduzia-nos ao hospital e quando lá chegamos entrevimos no denso cinzento um agitar-se de sombras: eram monges e fâmulos que acorriam, eram arqueiros que estavam diante da porta e impediam o acesso.

"Esses arqueiros tinham sido enviados por mim para procurar um homem que podia lançar luz sobre tantos mistérios", disse Bernardo.

"O irmão herborista?" perguntou o Abade estupefato.

"Não, agora vereis", disse Bernardo abrindo passagem para dentro.

Penetramos no laboratório de Severino e ali uma visão penosa ofereceu-se aos nossos olhos. O desventurado herborista jazia, cadáver num lago de sangue, com a cabeça rachada. Ao redor, as estantes pareciam ter sido devastadas pela tempestade: ampolas, garrafas, livros, documentos jaziam aqui e ali em grande desordem e ruína. Junto ao corpo estava uma esfera armilar, pelo menos duas vezes maior que a cabeça de um homem; de metal finamente trabalhado, encimada por uma cruz de ouro e sobreposta a um certo tripé decorado. Outras vezes eu a vira sobre a mesa à esquerda da entrada.

Na outra ponta da sala dois arqueiros seguravam com força o celeireiro que se soltava protestando inocência e que aumentou seus clamores quando viu entrar o Abade. "Senhor", gritava, "as aparências estão contra mim! Entrei quando Severino já estava morto e me encontraram enquanto eu estava observando boquiaberto esta carnificina!"

O chefe dos arqueiros aproximou-se de Bernardo, e obtida sua permissão, fez-lhe um relatório, diante de todos. Os arqueiros tinham recebido ordem de encontrar o celeireiro e detê-lo, e há mais de duas horas procuravam-no pela abadia. Devia

tratar-se, pensei, da disposição dada por Bernardo antes de entrar no capítulo, e os soldados, estrangeiros naquele lugar, tinham provavelmente conduzido suas buscas nos lugares errados, sem perceberem que o celeireiro, ignorando ainda o seu destino, estava com os outros no nártex; e por outro lado a névoa tornara mais árdua a sua caçada. Em todo caso, pelas palavras do capitão, depreendia-se que quando Remigio, depois de eu tê-lo deixado, fora até as cozinhas, alguém o vira e avisara os arqueiros, os quais tinham chegado ao Edifício quando Remigio dele se afastara novamente, e há pouco, porque estava na cozinha Jorge que afirmava ter acabado de falar com ele. Os arqueiros exploraram então a esplanada em direção aos hortos e ali, imerso na névoa como um fantasma, encontraram o velho Alinardo, que tinha quase se perdido. Justamente Alinardo dissera ter visto o celeireiro, pouco antes, entrar no hospital. Os arqueiros dirigiram-se para lá encontrando a porta aberta. Entrando, deram com Severino exânime e o celeireiro que estava revistando desvairadamente as estantes, jogando tudo ao chão, como se estivesse procurando algo. Era fácil compreender o que acontecera, concluía o capitão. Remigio tinha entrado, lançara-se sobre o herborista, matara-o, e ficara depois procurando aquilo por que tinha matado.

Um arqueiro ergueu do chão a esfera armilar e a estendeu a Bernardo. A elegante arquitetura de círculos de prata e cobre, unidos por uma forte urdidura de anéis de bronze, empunhada pela haste do tripé, fora arremessada com força no crânio da vítima, tanto que no impacto muitos dos círculos mais finos tinham se despedaçado e amassado de um lado. E que aquele era o lado que se abatera sobre a cabeça de Severino revelavam os vestígios de sangue e até os grumos de cabelos e as babas imundas da matéria cerebral.

Guilherme inclinou-se sobre Severino para constatar sua morte. Os olhos do infeliz, velados pelo sangue que correra em rios da cabeça, estavam arregalados e perguntei-me se era possível ler na pupila enrijecida, como se conta que aconteceu em outros casos, a imagem do assassino, último vestígio das percepções da vítima. Vi que Guilherme procurava as mãos do morto, para examinar se tinham as manchas pretas nos dedos, ainda que naquele caso a causa da morte fosse, evidentemente, bem diversa: mas Severino estava calçando as mesmas luvas de pele com que algumas vezes o tinha visto manusear ervas perigosas, sardões, insetos ignotos.

Entrementes Bernardo Gui voltava-se para o celeireiro: "Remigio de Varagine, é este o teu nome, não? Tinha mandado que meus homens te procurassem com base em outras acusações e para confirmar outras suspeitas. Agora vejo que agi

corretamente embora, reprovo-me por isso, com muito atraso. Senhor", disse ao Abade, "acho-me quase responsável por este último crime, porque desde manhã sabia que era preciso assegurar este homem à justiça, após ter escutado as revelações daquele outro desgraçado detido durante a noite. Mas haveis visto também vós, durante a manhã estive preso a outros deveres e os meus homens fizeram o melhor que puderam..."

Enquanto falava, em voz alta para que todos os presentes ouvissem (e a sala nesse ínterim estava apinhada, com gente que se introduzia por todos os cantos, olhando as coisas espalhadas e destruídas, apontando o cadáver e comentando a meia-voz o grande crime), vi em meio à pequena multidão Malaquias, que observava sombriamente a cena. Viu-o também o celeireiro, que naquele momento estava para ser arrastado para fora. Desvencilhou-se dos arqueiros e lançou-se sobre o confrade, agarrando-o pelo hábito e falando-lhe rápida e desesperadamente rosto contra rosto, antes que os arqueiros o pegassem novamente. Mas, levado, embora com brutalidade, virou-se ainda para Malaquias gritando-lhe: "Jura e eu juro!"

Malaquias não respondeu logo, como se procurasse as palavras apropriadas. Depois quando o celeireiro já estava ultrapassando à força a soleira, disse-lhe: "Nada farei contra ti."

Guilherme e eu nos fitamos perguntando-nos o que significava essa cena. Bernardo também a observara, mas não pareceu preocupado, antes sorriu para Malaquias como para aprovar suas palavras, e selar com ele uma sinistra cumplicidade. Depois anunciou que logo após a refeição seria reunido no capítulo um primeiro tribunal para instruir publicamente aquela investigação. E saiu ordenando que conduzissem o celeireiro às forjas, sem deixá-lo falar com Salvatore.

Naquele momento ouvimos Bêncio chamar-nos, às nossas costas: "Eu entrei logo depois de vós", disse num sussurro, "quando a sala estava ainda semivazia, e Malaquias não estava."

"Terá entrado depois", disse Guilherme.

"Não", assegurou Bêncio, "eu estava perto da porta, vi quem entrava. Estou vos dizendo, Malaquias já estava dentro... antes."

"Antes de quê?"

"Antes que entrasse o celeireiro. Não posso jurar, mas creio que tenha saído daquela tenda, quando aqui já éramos muitos", e apontou para uma ampla tenda que protegia uma cama sobre a qual habitualmente Severino punha a repousar

quem acabara de sofrer uma medicação.

"Queres insinuar que foi ele quem matou Severino e que se retirou lá para trás quando entrou o celeireiro?" perguntou Guilherme.

"Ou então que de lá de trás assistiu a tudo o que aconteceu aqui. Para que, de outro modo, o celeireiro lhe imploraria para não prejudicá-lo prometendo em troca não prejudicar a ele?"

"É possível", disse Guilherme. "Em todo caso aqui havia um livro e deveria haver ainda, porque tanto o celeireiro como Malaquias saíram de mãos vazias." Guilherme sabia pelo meu relato que Bêncio sabia: e naquele momento precisava de ajuda. Aproximou-se do Abade que observava tristemente o cadáver de Severino e pediu-lhe que mandasse todos saírem, pois queria examinar melhor o lugar. O Abade consentiu saindo ele também, não sem lançar a Guilherme um olhar de ceticismo, como se o reprovasse por chegar sempre atrasado. Malaquias tentou ficar, aduzindo várias razões, de resto sem fundamentos: Guilherme fê-lo notar que ali não era a biblioteca e naquele lugar não podia invocar direitos. Foi cortês mas inflexível, vingou-se de quando Malaquias não lhe consentira examinar a mesa de Venâncio.

Quando ficamos apenas nós três, Guilherme liberou uma das mesas dos cacos e dos papéis que a ocupavam, e disse-me para ir-lhe passando, um após o outro, os livros da coleção de Severino. Coleção pequena, comparada àquela imensa do labirinto, mas tratava-se sempre de dezenas e dezenas de volumes de vários tamanhos, que antes estavam em ordem nas estantes e agora jaziam em desordem no chão, entre vários objetos, já remexidos pelas mãos apressadas do celeireiro, alguns aliás rasgados, como se ele não estivesse procurando um livro, mas algo que devia estar entre as páginas de um livro. Alguns tinham sido dilacerados com violência, separados de suas encadernações. Recolhê-los, examinar-lhes rapidamente a natureza e repô-los em pilhas sobre a mesa, foi empresa demorada e conduzida com pressa, porque o Abade nos tinha concedido pouco tempo, visto que depois deviam entrar monges para recompor o corpo arrebentado de Severino e prepará-lo para a sepultura. E tratava-se também de ir procurar em torno, embaixo das mesas, atrás das estantes e dos armários, se algo tinha escapado a uma primeira inspeção. Guilherme não quis que Bêncio me ajudasse e permitiu-lhe apenas ficar de guarda junto à porta. Malgrado as ordens

do Abade muitos se comprimiam para entrar, fâmulos aterrorizados com a notícia, monges chorando seu confrade, noviços chegados com alvos panos e bacias de água para lavar e envolver o cadáver...

Devia-se portanto proceder com rapidez. Eu pegava os livros, estendia-os a Guilherme que os examinava e os punha em cima da mesa. Depois nos demos conta de que o trabalho era demorado e procedemos juntos, isto é, eu apanhava um livro, recompunha-o se estava descomposto, lia o seu título, e o empilhava. E em muitos casos tratava-se de folhas esparsas.

"De plantis libri tres, maldição não é esse", dizia Guilherme e punha o livro em cima da mesa.

"Thesaurus herbarum", dizia eu, e Guilherme: "Deixa estar, procuramos um livro grego!"

"Este?" perguntava eu mostrando-lhe uma obra com as páginas cobertas de caracteres estranhos. E Guilherme: "Não, esse é árabe, bobo! Tinha razão Bacon que o primeiro dever do sábio é estudar as línguas!"

"Mas o árabe nem mesmo vós o sabeis!" eu secundava melindrado, ao que Guilherme respondia: "Mas pelo menos entendo quando é árabe!" E eu corava porque ouvia Bêncio rir às minhas costas.

Eram muitos os livros, e demais os apontamentos, os rolos com desenhos da abóbada celeste, os catálogos de plantas exóticas, manuscritos, provavelmente do defunto, em folhas esparsas. Trabalhamos muito tempo, exploramos todos os cantos do laboratório, Guilherme chegou até, com grande frieza, a remover o cadáver para ver se não havia nada embaixo, e a remexer-lhe o hábito. Nada.

"É indispensável", disse Guilherme. "Severino trancou-se aqui dentro com um livro. Com o celeireiro não estava..."

"Não o terá escondido no hábito?" perguntei.

Não, o livro que vi aquela manhã na mesa de Venâncio era grande, nós teríamos percebido. "Como estava encadernado?" perguntei.

"Não sei. Estava aberto e eu o vi por poucos segundos, apenas para dar-me conta de que era em grego, mas não lembro de mais nada. Continuemos: o celeireiro não o pegou, e Malaquias muito menos, creio."

"Absolutamente não", confirmou Bêncio, "quando o celeireiro o agarrou pelo peito pôde-se ver que não o trazia sob o escapulário."

"Bem. Isto é, mau. Se o livro não está nesta sala é evidente que um outro, além de Malaquias e do celeireiro, tinha entrado antes."

"Ou seja, uma terceira pessoa que matou Severino?"

"Gente demais", disse Guilherme.

"Por outro lado", eu disse, "quem podia saber que o livro estava aqui?"

"Jorge, por exemplo, se nos ouviu."

"Sim", eu disse, "mas Jorge não teria podido matar um homem tão robusto como Severino, e com tanta violência."

"Certamente não. Além disso tu o viste dirigir-se ao Edifício, e os arqueiros encontraram-no na cozinha poucos antes de encontrar o celeireiro. Portanto, não teria tido tempo de vir aqui e depois de voltar à cozinha. Calcula que, mesmo que se mova com desenvoltura, deve todavia proceder costeando os muros e não teria podido atravessar os hortos, e correr..."

"Deixai-me pensar com minha cabeça", disse eu, que ambicionava impressionar meu mestre. "Portanto, não pode ter sido Jorge. Alinardo vagava pelas redondezas, mas ele também se mantém a custo sobre as pernas, e não pode ter dominado Severino. O celeireiro esteve aqui, mas o tempo transcorrido entre sua saída das cozinhas e a chegada dos arqueiros foi tão breve que me parece difícil que tenha podido fazer Severino abrir, enfrentá-lo, matá-lo e depois armar todo esse pandemônio. Malaquias poderia ter precedido a todos: Jorge nos ouviu no nártex, e foi até o scriptorium para informar Malaquias que um livro da biblioteca estava com Severino. Malaquias vem aqui, convence Severino a abrir, mata-o, Deus sabe por quê. Mas se procurava o livro deveria reconhecê-lo sem revistar tanto, porque é ele o bibliotecário! Então quem sobra?

"Bêncio", disse Guilherme.

Bêncio negou vigorosamente sacudindo a cabeça: "Não, frei Guilherme, vós sabeis que eu ardia de curiosidade. Mas se tivesse entrado aqui e tivesse podido sair com o livro, agora não estaria a fazer-vos companhia, mas em outro lugar qualquer examinando o meu tesouro..."

"Uma prova quase convincente", sorriu Guilherme. "Porém nem tu sabes como é feito o livro. Poderias ter matado e agora estarias aqui tentando identificá-lo."

Bêncio corou violentamente. "Eu não sou um assassino!" protestou.

"Ninguém o é, antes de cometer o primeiro crime", disse filosoficamente Guilherme. "Em todo caso o livro não está, e essa é uma prova suficiente do fato de que tu não o deixaste aqui. E parece-me razoável que, se o tivesses pego antes, terias escapado para fora durante a confusão."

Depois virou-se para contemplar o cadáver. Parece que só então deu-se conta da morte do amigo. "Pobre Severino", disse, "tinha suspeitado também de ti e de teus venenos. E tu esperavas a traição de um veneno, de outro modo não terias

calçado as luvas. Temias um perigo da terra e ao contrário ele te chegou da abóbada celeste...” Retomou na mão a esfera observando-a com atenção. “Quem sabe por que usaram justamente esta arma...”

“Estava ao alcance da mão.”

“Pode ser. Havia outras coisas também, vasos, instrumentos de jardineiro... É um belo exemplo de arte em metais e de ciência astronômica. Está todo estragado e... Santo Deus!” exclamou.

“O que é?”

“E foi atingida a terceira parte do sol e a terceira parte da lua e a terceira parte das estrelas...” recitou.

Eu conhecia demasiado bem o texto de João apóstolo: “A quarta trombeta!” exclamei.

“De fato. Primeiro o granizo, depois o sangue, depois a água e agora as estrelas... Se é assim tudo deve ser revisto, o assassino não golpeou ao acaso, seguiu um plano... Mas é possível imaginar uma mente tão perversa que mate somente quando pode fazê-lo seguindo os ditames do livro do Apocalipse?”

“O que acontecerá com a quinta trombeta?” perguntei aterrorizado. Procurei lembrar-me: “E vi uma estrela que do céu caiu na terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo... Alguém irá morrer afogado num poço?”

“A quinta trombeta nos promete muitas outras coisas”, disse Guilherme. “Do poço sairá o fumo de uma fornalha, depois sairão locustas que atormentarão os homens com um ferrão semelhante ao dos escorpiões. E a forma das locustas será semelhante à dos cavalos com coroas de ouro na cabeça e dentes de leão... O nosso homem teria à disposição vários meios para realizar as palavras do livro... Mas não imaginemos fantasias. Tentemos antes lembrar o que disse Severino quando nos anunciou ter encontrado o livro...”

“Vós lhe dissestes para trazê-lo e ele disse que não podia...”

“De fato, depois fomos interrompidos. Por que não podia? Um livro pode ser transportado. E por que calçou as luvas? Há algo na encadernação do livro conexo ao veneno que matou Berengário e Venâncio? Uma insídia misteriosa, uma ponta infecta...”

“Uma serpente!” eu disse.

“Por que não uma baleia? Não, estamos fantasiando ainda. O veneno, pelo que vimos, deveria passar pela boca. Depois, não é que Severino tenha dito que não podia transportar o livro. Disse que preferia que eu o visse aqui. E calçou as luvas... Pelo menos sabemos que o livro deve ser tocado com luvas. E isso vale também

para ti, Bêncio, se o encontrares como esperas. E visto que és tão prestativo, podes me ajudar. Sobe ao scriptorium e fica de olho em Malaquias. Não o percas de vista."

"Será feito!" disse Bêncio, e saiu, contente, pareceu-nos, com a missão.

Não pudemos conter por mais tempo os outros monges e a sala foi invadida pela multidão. Já passara da hora do almoço e provavelmente Bernardo estava reunindo sua corte no capítulo.

"Aqui não há mais nada a fazer", disse Guilherme.

Uma idéia travessou minha mente: "O assassino", disse, "não podia ter jogado o livro pela janela para depois ir buscá-lo atrás do hospital?" Guilherme olhou com ceticismo os janelões do laboratório, que pareciam hermeticamente fechados. "Vamos ver", disse.

Saímos e inspecionamos o lado posterior da construção, que estava quase encostada à muralha, não sem deixar uma estreita passagem. Guilherme procedeu com cautela porque naquele espaço a neve dos dias anteriores conservara-se intacta. Os nossos passos imprimiam na crosta gelada, mas frágil, sinais evidentes, e portanto se alguém tivesse passado antes de nós a neve o teria denunciado. Não vimos nada.

Abandonamos com o hospital a minha pobre hipótese, e enquanto atravessávamos o horto perguntei a Guilherme se confiava realmente em Bêncio. "Não completamente", disse Guilherme, "mas em todo caso não lhe dissemos nada que já não soubesse, e o deixamos temeroso nos confrontos do livro. Finalmente fazendo-o vigiar Malaquias o fazemos também ser vigiado por Malaquias, que evidentemente está procurando o livro por conta própria."

"E o celeireiro, o que queria?"

"Logo saberemos. Decerto queria algo e o queria logo para evitar um perigo que o aterrorizava. Esse algo deve ser conhecido por Malaquias, de outro modo não explicaríamos a invocação desesperada que Remigio lhe fez..."

"Em todo caso o livro desapareceu..."

"Esta é a coisa mais inverossímil", disse Guilherme quando já estávamos chegando ao capítulo. "Se havia, e Severino disse que havia, ou foi levado embora, ou ainda há."

"E uma vez que não há, alguém o levou embora", concluí.

"Não é certo que o raciocínio seja feito partindo de outra premissa menor. Visto que tudo confirma que ninguém pode tê-lo levado embora..."

"Então ainda deveria estar lá. Mas não está."

"Um momento. Nós dizemos que não está porque não o encontramos. Mas talvez não o tenhamos encontrado porque não o vimos lá onde estava."

"Mas olhamos por toda parte!"

"Olhamos mas não vimos. Ou seja, vimos mas não reconhecemos... Adso, como foi que Severino nos descreveu o livro, que palavras usou?"

"Disse ter encontrado um livro que não era dos seus, em grego..."

"Não! Agora me lembro. Disse um estranho livro. Severino era um douto e para um douto um livro em grego não é estranho, ainda que o douto não saiba grego, porque ao menos teria reconhecido o alfabeto. E um douto não definiria como estranho nem mesmo um livro em árabe, ainda que não conhecesse o árabe..." Interrompeu-se. "E o que estava fazendo um livro em árabe no laboratório de Severino?"

"Mas por que deveria definir como estranho um livro em árabe?"

"Este é o problema. Se o definiu como estranho é porque tinha um aspecto inusitado, inusitado ao menos para ele, que era herborista e não bibliotecário... E nas bibliotecas acontece que muitos manuscritos antigos venham às vezes encadernados juntos, reunindo num volume textos diferentes e curiosos, um em grego, um em aramaico..."

"... e um árabe!" gritei, fulgurado por aquela iluminação.

Guilherme puxou-me com rudeza para fora do nártex fazendo-me correr ao hospital: "Alemão besta, palerma, ignorante, olhaste apenas as primeiras páginas e o resto não!"

"Mas mestre", ofegava, "fostes vós que olhastes as páginas que vos mostrei e dissestes que era árabe e não grego!"

"É verdade, Adso, é verdade, sou eu a besta, corre, depressa!"

Retornamos ao laboratório e custamos a entrar porque os noviços já estavam transportando o cadáver para fora. Outros curiosos circulavam pela sala. Guilherme precipitou-se sobre a mesa, ergueu os volumes procurando o fatídico livro, jogou-os um por um no chão sob os olhares estarrecidos dos presentes, depois os abriu e reabriu todos duas vezes. Infelizmente o manuscrito árabe não estava mais. Lembrava-me vagamente da velha capa, não forte, bastante gasta, com leves bandas metálicas.

"Quem entrou aqui depois que saí?" perguntou Guilherme a um monge. Este deu de ombros, era claro que todos tinham entrado, e ninguém.

Tentamos considerar as possibilidades. Malaquias? Era verossímil, sabia o que queria, quem sabe nos vigiara, vira-nos sair sem nada nas mãos, voltara certo de

sua sorte. Bêncio? Lembrei que quando houvera o bate-boca sobre o texto em árabe tinha rido. Então eu achara que tinha rido de minha ignorância, mas talvez risse da ingenuidade de Guilherme, ele sabia bem de quantos modos pode-se apresentar um velho manuscrito, talvez tivesse pensado aquilo que nós não pensamos de imediato, e que deveríamos pensar, ou seja, que Severino não conhecia o árabe e que portanto era singular que conservasse entre os seus um livro que não podia ler. Ou então havia uma terceira personagem?

Guilherme estava profundamente humilhado. Tentava consolá-lo, dizia-lhe que ele estava procurando há três dias um texto em grego e era natural que tivesse descartado, no decorrer de seu exame, todos os livros que não pareciam em grego. Ele respondia que realmente é humano cometer erros, porém há seres humanos que os cometem mais que os outros, e são chamados de tolos, e ele estava entre esses, e perguntava-se se valera a pena estudar em Paris e em Oxford para depois ser incapaz de pensar que os manuscritos são encadernados também em grupos, coisa que até os noviços sabem, menos os estúpidos como eu, e um par de estúpidos como nós dois teriam um grande sucesso nas feiras, é isso que deveríamos fazer, e não tentar resolver mistérios, especialmente quando tínhamos à nossa frente gente muito mais astuta do que nós.

"Mas é inútil chorar", concluiu depois. "Se Malaquias o pegou, já o repôs na biblioteca. E o reencontraríamos apenas se soubéssemos entrar no finis Africae. Se Bêncio o pegou, terá imaginado que antes ou depois eu desconfiaria o que desconfiei e voltaria ao laboratório, de outro modo não teria agido tão depressa. E portanto estará escondido e o único lugar em que decerto não está escondido é aquele em que nós procuraríamos de imediato, ou seja, sua cela. Portanto voltemos ao capítulo e vejamos se durante a instrução o celeireiro dirá alguma coisa de útil. Porque depois de tudo não tenho ainda claro o plano de Bernardo, o qual procurava o seu homem antes da morte de Severino, e com outros objetivos."

Voltamos ao capítulo. Teríamos feito melhor em ir à cela de Bêncio pois, como apreendemos depois, o nosso jovem amigo não tinha absolutamente em tão grande estima Guilherme e não pensara que voltaria tão depressa ao laboratório; pelo que, acreditando não ser procurado por aqueles lados, tinha justamente ido esconder o livro em sua cela.

Mas isso contarei depois. Nesse ínterim aconteceram fatos tão dramáticos e inquietantes que quase nos fizeram esquecer do livro misterioso. E se no entanto não o esquecemos, fomos tomados por outras necessidades urgentes, relacionadas à missão de que Guilherme continuava encarregado.

Quinto dia

NOA

Onde se aplica a justiça e tem-se a embaraçosa impressão de que todos estejam errados.

Bernardo Gui postou-se no centro da grande mesa de nogueira na sala do capítulo. Junto dele um dominicano desempenhava as funções de notário e dois prelados da legação pontifícia estavam a seu lado como juízes. O celeireiro estava de pé diante da mesa, entre dois arqueiros.

O Abade voltou-se para Guilherme sussurrando-lhe: "Não sei se o procedimento é legítimo. O concílio lateranense de 1215 sancionou em seu cânone XXXVII que não se pode citar alguém a comparecer diante de juízes que exerçam a mais de dois dias de marcha de seu domicílio. Aqui a situação é quiçá diferente, é o juiz que vem de longe, mas..."

"O inquisidor está fora de qualquer jurisdição regular", disse Guilherme, "e não deve seguir as normas do direito comum. Goza de privilégio especial e não é sequer obrigado a escutar os advogados."

Olhei o celeireiro. Remigio estava reduzido a um estado miserável. Olhava a seu redor como um animal assustado, como se reconhecesse os movimentos e os gestos de uma temida liturgia. Agora sei que temia por duas razões, igualmente assustadoras: uma porque fora pego, de acordo com todas as aparências, em flagrante delito, a outra porque desde o dia anterior, quando Bernardo tinha iniciado sua investigação, recolhendo rumores e insinuações, ele temia que viesse à luz seu passado; e começara a se agitar mais ainda quando viu prenderem Salvatore.

Se o desventurado Remigio era presa dos próprios terrores, Bernardo Gui conhecia, por sua vez, os modos para transformar em pânico o medo de suas vítimas. Ele não falava: enquanto todos esperavam que desse início ao interrogatório, mantinha as mãos sobre os papéis que tinha à frente, fingindo

reordená-los, mas distraidamente. O olhar estava na verdade dirigido para o acusado, e era um olhar misto de hipócrita indulgência (como a dizer: "Não temas, estás nas mãos de um congresso fraterno, que não pode querer senão o teu bem"), de gélida ironia (como a dizer: "Não sabes ainda qual é o teu bem, e eu dentro em breve to direi"), de impiedosa severidade (como a dizer: "Mas em todo caso eu sou aqui o teu único juiz, e tu és coisa minha"). Tudo coisas que o celeireiro já sabia, mas o silêncio e a demora do juiz serviam para fazê-lo recordar, quase saborear melhor, para que — em vez de esquecer — sempre mais tirasse disso motivo de humilhação, a sua inquietação se transformasse em desespero, e do juiz se tornasse coisa exclusiva, cera mole em suas mãos.

Finalmente Bernardo rompeu o silêncio. Pronunciou algumas fórmulas do rito, disse aos juízes que se procedia ao interrogatório do acusado de dois crimes igualmente odiosos, dos quais um era evidente a todos, mas o outro menos desprezível, porque efetivamente o acusado fora surpreendido cometendo um homicídio, quando era procurado por crime de heresia.

Tinha dito. O celeireiro escondeu o rosto entre as mãos, que movia com esforço porque estavam acorrentadas. Bernardo deu início ao interrogatório.

"Quem és tu?" perguntou.

"Remigio de Varagine. Nasci há cinqüenta e dois anos e entrei ainda menino para o convento dos menores de Varagine."

"E como é que te encontras hoje na ordem de São Bento?"

"Anos atrás, quando o pontífice promulgou a bula Sancta Romana, uma vez que temia ser contagiado pela heresia dos fraticelli... mesmo não tendo aderido às suas proposições... pensei ser mais útil à minh'alma pecadora subtrair-me de um ambiente prenhe de seduções e obtive admissão entre os monges desta abadia, onde há mais de oito anos sirvo como celeireiro."

"Tu te retiraste das seduções da heresia", motejou Bernardo, "ou seja, tu te subtraíste à investigação de quem fora indicado para descobrir a heresia e erradicar a erva daninha, e os bons monges cluniacenses acreditaram estar cumprindo um ato de caridade acolhendo-te e aos demais como tu. Mas não basta trocar de hábito para apagar da alma a torpeza da depravação herética, e por isso nós estamos aqui agora para investigar o que vai pelos recessos de tua alma impenitente e o que fizeste antes de chegar neste santo lugar."

"A minh'alma é inocente e não sei o que vós pretendeis quando falais em depravação herética", disse cautamente o celeireiro.

"Estais vendo?" exclamou Bernardo voltando-se para os outros juízes. "Todos

iguais! Quando um deles é detido, apresenta-se em juízo como se sua consciência estivesse tranqüila e sem remorsos. E não sabem que esse é o sinal mais evidente de sua culpa, porque o justo, no processo, se apresenta inquieto! Perguntai-lhe se conhece a causa por que eu ordenei a sua detenção. Tu a conheces, Remigio?"

"Senhor", respondeu o celeireiro, "ficaria contente de sabê-la por vossa boca."

Fiquei surpreso, porque me pareceu que o celeireiro respondia às perguntas do rito com palavras igualmente rituais, como se conhecesse bem as regras da instrução e suas armadilhas, e há tempo tivesse sido instruído para enfrentar um semelhante evento.

"Eis", exclamava no entanto Bernardo, "a típica resposta do herege impenitente! Percorrem sendas de raposas e é muito difícil pegá-los em falta porque a comunidade deles admite o seu direito a mentir para evitar a devida punição. Eles recorrem a respostas tortuosas tentando arrastar ao engano o inquisidor, que já deve suportar o contato com gente tão desprezível. Então, frei Remigio, tu nunca tiveste nada a ver com os ditos fraticelli ou frades da vida pobre, ou beguinos?"

"Eu vivi as vicissitudes dos menores, quando por muito tempo discutiu-se sobre a pobreza, mas nunca pertenci à seita dos beguinos."

"Estais vendo?" disse Bernardo. "Nega ter sido beguino porque os beguinos, participando também da mesma heresia dos fraticelli, consideram esses últimos um ramo seco da ordem franciscana e acham-se mais puros e perfeitos do que eles. Mas muitas das atitudes de uns são comuns aos outros. Podes negar, Remigio, teres sido visto na igreja encolhido, com o rosto voltado para a parede, ou prosternado com a cabeça coberta pelo capuz, em vez de ajoelhado e de mãos postas como os outros homens?"

"Também na ordem de São Bento nos prosternamos no chão, nos momentos devidos..."

"Eu não estou te perguntando o que fizeste nos momentos devidos, mas naqueles não devidos! Portanto não negues ter assumido uma ou outra postura, típicas dos beguinos! Mas tu não és beguino, disseste... Então dize-me: em que acreditas?"

"Senhor, acredito em tudo aquilo em que acredita um bom cristão..."

"Que santa resposta! E em que acredita um bom cristão?"

"Naquilo que ensina a santa igreja."

"E qual santa igreja? Aquela que é considerada como tal pelos crentes que se dizem perfeitos, os pseudo-apóstolos, os fraticelli heréticos, ou a igreja que eles

comparam à meretriz da Babilônia, e em que todos nós, ao contrário, acreditamos firmemente?"

"Senhor", disse o celeireiro perdido, "dizei-me vós qual acreditais que seja a verdadeira igreja..."

"Eu creio que seja a igreja romana, una, santa e apostólica, dirigida pelo papa e por seus bispos."

"Assim acredito eu", disse o celeireiro.

"Admirável astúcia!" gritou o inquisidor. "Admirável argúcia de dicto! Vós ouvistes: ele quer dizer que ele crê que eu creia nessa igreja, e subtrai-se ao dever de dizer no que acredita ele! Mas conhecemos bem essas artimanhas de fuinha! Vamos ao que importa. Acreditas tu que os sacramentos tenham sido instituídos por Nosso Senhor, que para fazer uma justa penitência seja necessário confessar-se aos servos de Deus, que a igreja romana tenha o poder de desatar e unir nesta terra aquilo que será unido e desatado no céu?"

"Não deveria por acaso acreditar?"

"Não te pergunto no que deverias acreditar, mas no que acreditas!"

"Eu acredito em tudo aquilo que vós e os demais bons doutores me ordenais que acredite", disse o celeireiro assustado.

"Ah! Porém os bons doutores a que fazes alusão não são por acaso os que comandam a tua seita? É isso que querias dizer quando falavas dos bons doutores? É a esses perversos mentirosos que se acham os únicos sucessores dos apóstolos que tu recorres para reconhecer os teus artigos de fé? Tu insinuas que se eu acredito naquilo que crêem eles, então me acreditarás, de outro modo acreditarás somente neles!"

"Não disse isso, senhor", gaguejou o celeireiro, "vós me fazeis dizer. Eu creio em vós, se vós me ensinais o que é certo."

"Oh protérvia!" gritou Bernardo dando um soco na mesa. "Repetes de cor com torva determinação o formulário que se ensina na tua seita. Tu dizes que acreditarás em mim somente se eu pregar aquilo que tua seita acha que seja o bem. Assim sempre responderam os pseudo-apóstolos e assim agora respondes tu, talvez sem perceberes, porque afloram em teus lábios as frases que te foram ensinadas antigamente com que enganar os inquisidores. E é assim que te acusas com tuas próprias palavras, e eu cairia na tua armadilha somente se não tivesse uma longa experiência de inquisição... Mas vamos à verdadeira questão, homem perverso. Nunca ouviste falar de Gherardo Segalelli de Parma?"

"Ouvi falar", disse o celeireiro empalidecendo, se por acaso se pudesse ainda

falar de palidez para aquele rosto desfeito.

"Nunca ouviste falar em frei Dulcino de Novara?"

"Ouvi falar."

"Nunca o viste pessoalmente, conversaste com ele?"

O celeireiro permaneceu alguns instantes em silêncio, como para avaliar até que ponto convinha-lhe dizer uma parte da verdade. Depois decidiu-se, e com um fio de voz: "Eu o vi e falei com ele."

"Mais alto!" gritou Bernardo, "que finalmente se possa ouvir uma palavra verdadeira sair de teus lábios! Quando falaste com ele?"

"Senhor", disse o celeireiro, "era frade num convento da região de Novara quando a gente de Dulcino reuniu-se por aqueles lados e passaram também perto de meu convento, e no princípio não se sabia bem quem eram..."

"Mentes! Como podia um franciscano de Varagine estar num convento de Novara? Tu não estavas no convento, tu já fazias parte de um bando de fraticelli que percorriam aquelas terras vivendo de esmolas e te uniste aos dulcinianos!"

"Como podeis afirmar isso, senhor?" disse o celeireiro tremendo.

"Eu te direi como posso, aliás devo, afirmá-lo", disse Bernardo, e ordenou que fizessem entrar Salvatore.

A visão do desgraçado, que certamente passara a noite num interrogatório não público e mais severo, causou-me piedade. O rosto de Salvatore, já disse, era de hábito horrível. Mas aquela manhã parecia ainda mais semelhante ao de um animal. Não apresentava sinais de violência, mas o modo como o corpo se movia acorrentado, com os membros deslocados, quase incapaz de se mover, arrastado pelos arqueiros como um macaco amarrado numa corda, revelava muito bem o modo como devia ter-se desenvolvido o seu atroz responsório.

"Bernardo o torturou..." sussurrei a Guilherme.

"Que nada", respondeu Guilherme. "Um inquisidor não tortura jamais. A cura do corpo do acusado é sempre confiada ao braço secular."

"Mas é a mesma coisa!" eu disse.

"Não absolutamente! Não o é para o inquisidor, que tem as mãos limpas, e não o é para o inquirido, que quando chega o inquisidor encontra nele um súbito apoio, um lenitivo para suas penas, e abre-lhe o coração."

Fitei o meu mestre: "Vós estais brincando", disse espantado.

"Parecem-te coisas com que se brinque?" respondeu Guilherme.

Bernardo estava agora interrogando Salvatore, e minha pena não consegue transcrever as palavras rotas e, se ainda fosse possível, muito mais babélicas, com

que aquele homem já metade do que era, reduzido agora à condição de um babuíno, respondia, compreendido a custo por todos, ajudado por Bernardo que lhe propunha os quesitos de modo que ele não pudesse responder outra coisa que sim ou não, incapaz de qualquer mentira. E o que disse Salvatore o meu leitor pode bem imaginar. Contou, ou admitiu ter contado durante a noite, uma parte daquela história que eu já tinha reconstruído: suas andanças como fraticello, pastorello e pseudo-apóstolo; e como nos tempos de frei Dulcino ele tinha encontrado Remigio entre os dulcinianos; e com ele tinha se salvado após a batalha de monte Rebello, indo, após várias vicissitudes, para o convento de Casale. No mais, acrescentou que o heresiarca Dulcino, próximo da derrota e da captura, tinha confiado a Remigio algumas cartas, para serem entregues ele não sabia onde ou a quem. E Remigio tinha sempre trazido as cartas consigo, sem ousar remetê-las, e à sua chegada na abadia, temeroso em retê-las ainda consigo, mas não querendo destruí-las, confiara-as ao bibliotecário, sim, justamente a Malaquias, para que as escondesse em qualquer parte nos recessos do Edifício.

Enquanto Salvatore falava, o celeireiro fitava-o com ódio, e a certa altura não pôde conter-se em gritar-lhe: "Cobra, macaco lascivo, fui para ti pai, amigo, escudo, e assim me pagas!"

Salvatore fitou seu protetor agora necessitado de proteção e respondeu a custo: "Senhor Remigio, fosse que pudesse eu era teu. E me eras dilectissimo. Mas tu conheces a família do esbirro. Qui non habet caballum vadat cum pede..."

"Louco!" gritou-lhe ainda Remigio. "Esperas salvar-te? Não sabes que morrerás também como um herege? Dize que falaste sob tortura, dize que inventaste tudo!"

"Que sei eu senhor como se chamam todas essas resias... Paterinos, gazesos, leonistas, arnaldistas, esporistas, circuncisos... Eu não sou homo literatus, pecava sine malitia, e o senhor Bernardo magnificentíssimo el sabe, et ispero ne a indulgentia sua in nomine patre et filio et spiritis sanctis..."

"Seremos indulgentes o quanto permitir-nos o nosso ofício", disse o inquisidor, "e consideraremos com paterna benevolência a boa vontade com que nos abriste a tua alma. Vai, vai, volta a meditar em tua cela e espera na misericórdia do Senhor. Agora temos de debater uma questão de alcance bem diferente. Então, Remigio, tu trazias contigo cartas de Dulcino e as entregaste ao teu confrade que cuida da biblioteca..."

"Não é verdade, não é verdade!" gritou o celeireiro, como se aquela defesa tivesse ainda alguma eficácia. E justamente Bernardo o interrompeu: "Mas não é de ti que esperamos uma confirmação, porém de Malaquias de Hildesheim."

Fez chamar o bibliotecário, e não estava entre os presentes. Eu sabia que estava no scriptorium, ou nos arredores do hospital, procurando Bêncio e o livro. Foram buscá-lo, e quando apareceu, sombrio e tentando não olhar ninguém no rosto, Guilherme murmurou desapontado: "E agora Bêncio poderá fazer o que quiser!" Mas enganava-se, porque vi o rosto de Bêncio despontar por sobre os ombros de outros monges, que se amontoavam às portas da sala para acompanhar o interrogatório. Apontei-o a Guilherme. Pensamos então que a curiosidade por aquele evento era ainda mais forte que sua curiosidade pelo livro. Soubemos depois que, naquele instante, ele já concluíra uma sua ignóbil transação.

Malaquias apareceu então diante dos juízes, sem nunca cruzar seus olhos com os do celeireiro.

"Malaquias", disse Bernardo, "esta manhã, após a confissão obtida à noite de Salvatore, perguntei-vos se tínheis recebido do acusado aqui presente algumas cartas..."

"Malaquias!" berrou o celeireiro, "há pouco me juraste que não farias nada contra mim!"

Malaquias mal se voltou para o acusado, a quem dava as costas, e disse em voz baixíssima, que quase eu não ouvia: "Não perjurei. Se podia fazer algo contra ti, já o tinha feito. As cartas tinham sido entregues ao senhor Bernardo de manhã, antes que tu matasses Severino..."

"Mas tu sabes, tu deves saber que eu não matei Severino! Tu sabes porque já estavas lá!"

"Eu?" perguntou Malaquias. "Eu entrei lá depois que te descobriram."

"E ainda que assim fosse", interrompeu Bernardo, "o que tu procuravas lá com Severino, Remigio?"

O celeireiro virou-se para olhar Guilherme com olhos perdidos, depois olhou Malaquias, depois ainda Bernardo: "Mas eu... eu ouvi de manhã frei Guilherme aqui presente dizer a Severino para guardar certos papéis... eu desde ontem à noite, após a captura de Salvatore, temia que se falasse daquelas cartas..."

"Então tu sabes algo sobre as cartas!" exclamou triunfalmente Bernardo. O celeireiro já caíra na armadilha. Encontrava-se apertado entre duas urgências, justificar-se da acusação de heresia e afastar de si a suspeita de homicídio. Resolveu provavelmente enfrentar a segunda acusação, por instinto, porque agora agia sem regra, e sem conselho: "Falarei das cartas depois... justificarei... direi como chegaram às minhas mãos... Mas deixai que explique o que aconteceu de manhã. Eu pensava que se falaria daquelas cartas, quando vi Salvatore cair nas

mãos do senhor Bernardo, há anos que a lembrança das cartas me atormenta o coração... Então quando ouvi Guilherme e Severino falarem de alguns papéis... não sei, apavorado, pensei que Malaquias tivesse se desembaraçado delas e as tivesse dado a Severino... queria destruí-las e assim fui até Severino... a porta estava aberta e Severino já estava morto, pus-me a remexer entre as coisas dele procurando as cartas... tinha medo somente...”

Guilherme sussurrou-me no ouvido: “Pobre estúpido, amedrontado por um perigo, jogou-se de ponta-cabeça num outro...”

“Admitamos que estejas dizendo quase — digo quase — a verdade”, interveio Bernardo. “Tu pensavas que Severino tivesse as cartas e as procuraste com ele. E por que pensaste que estavam com ele? E por que mataste antes também os outros confrades? Talvez pensasses que as cartas há tempo circulavam nas mãos de muitos? Talvez seja uso desta abadia perseguir as relíquias dos hereges queimados?

Vi o Abade estremecer. Não havia nada de mais insidioso que a acusação de recolher relíquias de hereges, e Bernardo era muito hábil em misturar os crimes à heresia, e o todo à vida da abadia. Fui interrompido em minhas reflexões pelo celeireiro que gritava não ter nada a ver com os outros crimes. Bernardo indulgentemente o tranqüilizou: não era aquela no momento a questão sobre a qual estava-se discutindo, ele era interrogado por crime de heresia, e não tentasse (e aqui sua voz tornou-se severa) desviar a atenção de suas transgressões heréticas falando de Severino ou tentando tornar Malaquias suspeito. Que se voltasse então às cartas.

“Malaquias de Hildesheim”, disse voltado para a testemunha, “vós não estais aqui como acusado. De manhã respondestes às minhas perguntas e à minha investigação sem tentar esconder nada. Agora repetireis aqui aquilo que me dissestes de manhã e não tereis nada a temer.”

“Repito o que disse de manhã”, disse Malaquias. “Logo depois que chegou aqui, Remigio começou a se ocupar das cozinhas, e tivemos freqüentes contatos por razões de trabalho... eu como bibliotecário sou encarregado do fechamento noturno do Edifício, e portanto das cozinhas também... não tenho motivo para esconder que nos tornamos fraternos amigos, nem tinha eu motivo para alimentar suspeitas contra ele. E ele me contou que tinha consigo alguns documentos de natureza secreta, confiados a ele em confissão, que não deviam cair em mãos profanas, e que não ousava manter junto de si. Visto que eu tomava conta do único lugar do mosteiro proibido a todos os demais, pediu-me para guardar-lhe aqueles papéis

longe de todo olhar curioso, e eu concordei, sem presumir que os documentos eram de natureza herética, e sequer os li, colocando-os... colocando-os no mais inatingível dos penetrais da biblioteca, e desde então esquecera-me desse fato, até que esta manhã o senhor inquisidor mencionou-as, e então fui buscá-las e entreguei-lhas...”

O Abade tomou a palavra, agastado: “Por que não me informaste desse teu pacto com o celeireiro? A biblioteca não é reservada às coisas de propriedade dos monges!” O Abade tinha deixado claro que a abadia não tinha nada a ver com aquele assunto.

“Senhor”, respondeu confuso Malaquias, “tinha-me parecido coisa de pouca importância. Pequei sem maldade.”

“Claro, claro”, disse Bernardo em tom cordial, “estamos todos convencidos de que o bibliotecário agiu de boa fé, e a franqueza com que colaborou com este tribunal é prova disso. Peço fraternalmente a vossa excelência para não torná-lo responsável por essa antiga imprudência. Nós acreditamos em Malaquias. E lhe pedimos apenas que nos confirme, agora sob juramento, que os papéis que neste momento lhe exibo são aqueles que ele me deu de manhã e são aqueles que Remigio de Varagine entregou-lhe anos atrás, após sua chegada à abadia.” Mostrava dois pergaminhos que tirara das folhas pousadas na mesa. Malaquias olhou-os e disse com voz firme: “Juro por Deus pai onipotente, pela santíssima Virgem e por todos os santos que assim é e foi.”

“Para mim basta”, disse Bernardo. “Podes ir, Malaquias de Hildesheim.”

Enquanto Malaquias saía cabisbaixo, pouco antes que chegasse à porta, ouviu-se uma voz elevar-se do grupo dos curiosos amontoados no fundo da sala: “Tu lhe escondias as cartas e ele te mostrava o cu dos noviços na cozinha!” Explodiram algumas risadas, Malaquias saiu rápido dando empurrões à direita e à esquerda, eu teria jurado que a voz era a de Aymaro, mas a frase fora gritada em falsete. O Abade, com o rosto violáceo, berrou que fizessem silêncio, e ameaçou tremendas punições para todos, intimando os monges a desocuparem a sala. Bernardo sorria lubricamente, o cardeal Bertrando, de um lado da sala, debruçava-se no ouvido de Jean d’Anneaux e lhe dizia alguma coisa, a que o outro reagia cobrindo a boca com a mão e abaixando a cabeça como se tossisse. Guilherme disse-me: “O celeireiro não era apenas um pecador carnal em proveito próprio, mas bancava também o rufião. Mas disso nada interessa a Bernardo, a não ser aquele tanto que põe em embaraço o Abade, mediador imperial...”

Foi interrompido justamente por Bernardo que agora se voltava para ele:

"Interessar-me-ia depois saber de vós, frei Guilherme, de que papéis estáveis falando de manhã com Severino, quando o celeireiro vos ouviu e cometeu o engano."

Guilherme susteve seu olhar: "Cometeu o engano, justamente. Falávamos de uma cópia do tratado sobre a hidrofobia canina de Ayyub al Ruhawi, livro admirável de doutrina que vós por certo conheceis de fama e que vós terá sido freqüentemente de muita utilidade... A hidrofobia, diz Ayyub, é reconhecível por vinte e cinco sinais evidentes..."

Bernardo, que pertencia à ordem dos dominicanos, não julgou oportuno enfrentar uma nova batalha. "Tratava-se portanto de coisas estranhas ao caso em questão", disse rapidamente. E prosseguiu a instrução.

"Voltemos a ti, frei Remigio menorita, bem mais perigoso que um cão hidrófobo. Se frei Guilherme nesses dias tivesse dado mais atenção à baba dos hereges que à dos cães, quem sabe teria descoberto ele também que cobra se aninhava na abadia. Voltemos às cartas. Agora sabemos com certeza que estiveram em tuas mãos e que cuidaste de escondê-las como se fossem algo venenosíssimo, e que até mesmo mataste..." deteve com um gesto uma tentativa de negação, "... e da matança falaremos depois... que mataste, dizia, para que eu nunca as tivesse. Então reconheces estes papéis como coisa tua?"

O celeireiro não respondeu, mas o seu silêncio era demasiado eloqüente. Pelo que Bernardo instou: "E o que são esses papéis? São duas páginas estiladas de próprio punho pelo heresiarca Dulcino, poucos dias antes de ser preso, e que ele confiava a um de seus acólitos para que as levasse aos seus outros seguidores ainda espalhados pela Itália. Poderia ler-vos tudo o que nelas se diz, e como Dulcino, prevendo seu fim iminente, confia uma mensagem de esperança — diz ele a seus confrades — no demônio! Ele os consola avisando que, mesmo que as datas que ele anuncia aqui não concordem com as de suas cartas precedentes, onde prometera para o ano de 1305 a destruição completa de todos os padres por obra do imperador Frederico, todavia essa destruição não estaria longe. Mais uma vez o heresiarca mentia, porque vinte e poucos anos são passados desde aquele dia e nenhuma de suas nefastas previsões se realizou. Mas não é sobre a risível presunção dessas profecias que devemos discutir, porém sobre o fato de que Remigio era seu portador. Podes ainda negar, frade herege e impenitente, teres tido relações e contubérnio com a seita dos pseudo-apóstolos?"

O celeireiro agora já não podia mais negar. "Senhor", disse, "a minha juventude foi povoada de erros funestíssimos. Quando fiquei sabendo da pregação de frei

Dulcino, já seduzido que estava pelos erros dos frades de vida pobre, acreditei em suas palavras e me uni a seu bando. Sim, é verdade, estive com eles em Brescia e em Bérgamo, estive com eles em Como e em Valsesia, com eles me refugiei na Parede Calva e no vale de Rassa, e finalmente no monte Rebello. Mas não tomei parte em nenhum malfeito, e quando eles cometeram saques e violências, eu trazia ainda em mim o espírito de mansidão que foi próprio dos filhos de Francisco e justamente no monte Rebello disse a Dulcino que não me sentia mais à vontade para participar da luta deles, e ele me deu permissão para ir embora, porque, disse, não queria pávidos consigo, e me pediu apenas para levar-lhe esses papéis a Bolonha..."

"Para quem?" perguntou o cardeal Bertrando.

"Para alguns de seus seguidores, dos quais me parece recordar o nome, e como me lembro vô-lo digo, senhor", apressou-se em dizer Remigio. E pronunciou os nomes de alguns que o cardeal Bertrando demonstrou conhecer, porque sorriu com ar de satisfação, fazendo um sinal de entendimento a Bernardo.

"Muito bem", disse Bernardo, e tomou nota daqueles nomes. Depois perguntou a Remigio: "E como é que agora nos entregas os teus amigos?"

"Não são meus amigos, senhor, prova disso é que as cartas eu nunca as entreguei. Antes, fiz mais, e o digo agora depois de ter tentado esquecê-lo por muitos anos: para poder abandonar aquele lugar sem ser preso pelo exército do bispo de Vercelli que nos esperava na planície, consegui pôr-me em contato com alguns deles, e em troca de um salvo-conduto indiquei-lhes boas passagens para poder assaltar as fortificações de Dulcino, de modo que parte do sucesso das forças da igreja foi devida à minha colaboração..."

"Muito interessante. Isso nos diz que não só foste herege, mas também que foste vil e traidor. O que não muda a tua situação. Como hoje para te salvares tentaste acusar Malaquias, que no entanto tinha te prestado um favor, assim para te salvares então entregaste teus companheiros de pecado nas mãos da justiça. Mas traíste seus corpos, nunca traíste seus ensinamentos, e conservaste essas cartas como relíquia, esperando um dia ter a coragem, e a possibilidade, sem correr riscos, de entregá-los, para te tornares de novo bem aceito junto aos pseudo-apóstolos."

"Não, senhor, não", dizia o celeireiro, coberto de suor, as mãos trêmulas. "Não, juro-vos que..."

"Um juramento!" disse Bernardo. "Eis uma nova prova de tua maldade! Queres jurar porque sabes que eu sei que os hereges valdenses estão preparados para

qualquer astúcia, e até para morrer, porém não para jurar! E se impelidos pelo medo, fingem jurar e fazem falsos juramentos aos borbotões. Mas eu sei bem que não és da seita dos pobres de Lyon, raposa maldita, e tentas me convencer de que não és aquilo que não és para que eu não diga que tu és aquilo que és! Então juras? Juras para ser absolvido mas saibas que um simples juramento não me basta. Posso exigir um, dois, três, cem, quantos quiser. Sei muito bem que vós pseudo-apóstolos concedeis dispensa a quem jura em falso para não trair a seita. E desse modo todo juramento será uma nova prova da tua culpabilidade!"

"Mas então o que devo fazer?" berrou o celeireiro, caindo de joelhos.

"Não te prosternes como um beguino! Não deves fazer nada. Agora só eu sei o que deverá ser feito", disse Bernardo com um sorriso tremendo. "Tu não deves senão confessar. E estarás danado e condenado se confessares, e estarás danado e condenado se não confessares, porque serás punido como perjuro! Então confessa, ao menos para abreviar este dolorosíssimo interrogatório, que perturba nossas consciências e o nosso senso de brandura e de compaixão!"

"Mas o que devo confessar?"

"Dois tipos de pecados. Que foste da seita de Dulcino, que compartilhaste suas proposições heréticas, e costumes e ofensas à dignidade dos bispos e dos magistrados citadinos, que, impenitente, continuas a compartilhar suas mentiras e ilusões, mesmo após a morte do heresiarca e a dispersão da seita, ainda que não de todo debelada e destruída. E que, corrompido no íntimo de tua alma pelas práticas que aprendeste na seita imunda, és culpado por desordens contra Deus e os homens perpetradas nesta abadia, por razões que ainda me escapam mas que não precisarão sequer ser esclarecidas de todo, uma vez que se tenha demonstrado luminosamente (como estamos fazendo) que a heresia daqueles que pregaram e pregam a pobreza, contra os ensinamentos do senhor papa e de suas bulas, não leva senão a obras criminosas. Isso deverão aprender os fiéis e isso me bastará. Confessa."

Ficou claro nesse momento o que pretendia Bernardo. Nada interessado em saber quem tinha matado os outros monges, queria apenas demonstrar que Remigio, de algum modo, compartilhava as idéias propugnadas pelos teólogos do imperador. E após ter demonstrado a conexão entre aquelas idéias, que também eram as do capítulo de Perugia, e as dos fraticelli e dos dulcinianos, e ter mostrado que um homem sozinho, naquela abadia, participava de todas aquelas heresias, e tinha sido o autor de muitos crimes, daquele modo ele teria dado um golpe realmente mortal nos próprios adversários. Fitei Guilherme e compreendi que ele

tinha compreendido, mas não podia fazer nada, ainda que o tivesse previsto. Fitei o Abade e o vi sombrio no rosto: dava-se conta, com atraso, de ter caído ele também numa armadilha, e que sua própria autoridade de mediador ia se desmoronando, agora que estava para aparecer como o senhor de um lugar em que todas as infâmias do século tinham acontecido. Quanto ao celeireiro já não sabia mais qual era o crime do qual podia ainda justificar-se. Mas talvez naquele momento ele não tenha sido capaz de nenhum cálculo, o grito que lhe saiu da boca era o grito de sua alma e nele e com ele descarregava anos de longos e secretos remorsos. Ou seja, após uma vida de incertezas, entusiasmos e desilusões, vilezas e traições, posto diante da inelutabilidade de sua ruína, ele decidia professar a fé de sua juventude, sem mais perguntar-se se era justa ou errada, mas como para mostrar a si mesmo que era capaz de alguma fé.

"Sim, é verdade", gritou, "estive com Dulcino e compartilhei dos crimes, dos abusos, talvez estivesse louco, confundia o amor de nosso senhor Jesus Cristo com a necessidade de liberdade e com o ódio pelos bispos, é verdade, pequei, mas estou inocente do que aconteceu na abadia, juro!"

"Obtivemos entretanto alguma coisa", disse Bernardo. "Portanto tu admites ter praticado a heresia de Dulcino, da bruxa Margherita e de seus pares. Tu admites ter estado com eles enquanto perto de Trivero enforcavam muitos fiéis de Cristo entre os quais um menino inocente de dez anos? E quando enforcaram outros homens na presença de suas mulheres e genitores porque não queriam entregar-se ao arbítrio daqueles cães? E por que cegados por vossa fúria e por vossa soberba, consideráveis que ninguém podia ser salvo se não pertencesse à vossa comunidade? Fala!"

"Sim, sim, acreditei nessas coisas e fiz as outras!"

"E estavas presente quando capturaram alguns fiéis do bispo e deixaram alguns morrer de fome no cárcere, e a uma mulher grávida cortaram um braço e uma mão, deixando-a depois parir uma criança que logo depois morreu sem batismo? E estavas com eles quando arrasaram e atearam fogo nos vilarejos de Mosso, Trivero, Cossila e Flecchia, e muitas outras localidades da zona de Crepacorio e muitas casas em Mortiliano e em Quorino, e incendiaram a igreja de Trivero sujando antes as imagens sagradas, arrancando as lápides dos altares, quebrando um braço da estátua da Virgem, saqueando os cálices, os paramentos e os livros, destruindo o campanário, rompendo os sinos, apropriando-se de todos os vasos da confraria e dos bens do sacerdote?"

"Sim, sim, eu estava lá, e ninguém sabia mais o que estava fazendo, queríamos

antecipar o momento do castigo, éramos as vanguardas do imperador enviado pelo céu e pelo santo papa, devíamos apressar o momento da descida do anjo da Filadélfia, e então todos receberiam a graça do espírito santo e a igreja seria renovada, e após a destruição de todos os perversos somente os perfeitos reinariam!"

O celeireiro parecia endemoninhado e iluminado a um só tempo, parecia que agora o dique do silêncio e da simulação tinha se rompido, que o seu passado voltava não só em palavras, mas por imagens, e que ele tornava a provar as emoções que o tinham exaltado antigamente.

"Então", instava Bernardo, "tu confessas teres honrado como mártir Gherardo Segalelli, teres negado toda a autoridade da igreja romana, teres afirmado que nem o papa nem qualquer autoridade podiam vos prescrever um modo de vida diferente do vosso, que ninguém tinha o direito de vos excomungar, que desde os tempos de São Silvestre todos os prelados da igreja tinham sido prevaricadores e sedutores, exceto Pietro de Morrone, que os leigos não são obrigados a pagar os dízimos aos padres que não pratiquem um estado de absoluta perfeição e pobreza como o praticaram os primeiros apóstolos, que os dízimos, por isso, deviam ser pagos a vós sozinhos, os únicos apóstolos e pobres de Cristo, que para orar a Deus uma igreja consagrada não vale mais que um estábulo, que percorríeis os vilarejos e seduzíeis as pessoas gritando 'penitenziagite', que cantáveis o Salve Rainha para atrair perfidamente as multidões, e vos fazíeis passar por penitentes levando uma vida perfeita aos olhos do mundo, e depois vos concedíeis toda licenciosidade e toda luxúria, porque não críeis no sacramento do matrimônio, nem em qualquer outro sacramento, e considerando-vos mais puros que os outros vos permitíeis todo opróbrio e toda ofensa ao vosso corpo e ao corpo dos outros? Fala!"

"Sim, sim, eu confesso a verdadeira fé em que acreditei outrora com toda alma, confesso que abandonamos nossas vestes em sinal de espoliação, que renunciamos a todos os nossos bens enquanto vós, raça de cães, não renunciastes jamais, que desde então não aceitamos mais dinheiro de ninguém nem o portamos conosco, e vivemos de esmola e não nos reservamos nada para o amanhã, e quando nos acolhiam e nos preparavam à mesa comíamos e partíamos deixando em cima dela o que tinha sobrado..."

"E haveis queimado e saqueado para apoderar-vos dos bens dos bons cristãos!"

"E havemos queimado e saqueado porque tínhamos eleito a pobreza como lei universal e tínhamos o direito de nos apoderamos das riquezas ilegítimas dos outros, e queríamos atingir no coração a trama de avidez que se alastrava de

paróquia em paróquia, mas nunca saqueamos para possuir, nem matamos para saquear, matávamos para punir, para purificar os impuros através do sangue, talvez estivéssemos tomados por um desejo descabido de justiça, também se peca por excesso de amor a Deus, por superabundância de perfeições, nós éramos a verdadeira congregação espiritual enviada pelo Senhor e reservada à glória dos últimos tempos, procurávamos nosso prêmio no paraíso antecipando os tempos de vossa destruição, nós sozinhos éramos os apóstolos de Cristo, todos os demais haviam traído, e Gherardo Segalelli fora uma planta divina, planta Dei pullulans in radice fidei, a nossa regra nos vinha diretamente de Deus, não de vós cães danados, pregadores mentirosos que aspergis em torno o cheiro do enxofre e não o do incenso, cães infames, carcaças pútridas, corvos, servos da puta de Avignon, prometidos que estais à perdição! Então eu acreditava, nosso corpo também se libertara, e éramos a espada do Senhor, precisávamos no entanto matar os inocentes para poder matar-vos todos o mais rápido possível. Nós queríamos um mundo melhor, de paz e de cortesia, e a felicidade para todos, nós queríamos matar a guerra que vós trazíeis com vossa avidez, porque nos reprovais se para estabelecer a justiça e a felicidade precisamos derramar um pouco de sangue... é... é que não precisava ser muito, para fazer depressa, e mesmo assim valia a pena tornar vermelha toda a água do Carnasco, aquele dia em Stavello, era sangue nosso também, não nos poupávamos, sangue nosso e sangue vosso, tanto tanto, logo logo, os tempos da profecia de Dulcino estavam próximos, era preciso apressar o curso dos acontecimentos...”

Tremia inteiro, passava as mãos no hábito como se quisesse limpá-las do sangue que evocava. “O glutão tornou-se um puro”, disse-me Guilherme. “Mas é esta a pureza?” perguntei horrorizado. “Haverá também as de uma outra espécie”, disse Guilherme, “mas, seja qual for, sempre me dá medo.”

“O que vos aterroriza mais na pureza?” perguntei.

“A pressa”, respondeu Guilherme.

“Basta, basta”, dizia agora Bernardo, “nós te pedíamos uma confissão, não uma conclamação à carnificina. Está bem, não só foste herege como ainda o és. Não só foste assassino, mas ainda mataste. Então dize como mataste os teus irmãos nesta abadia e por quê.”

O celeireiro parou de tremer, olhou ao seu redor como se saísse de um sonho: “Não”, disse, “não tenho nada a ver com os crimes da abadia. Confessei tudo aquilo que fiz, não me façais confessar o que não fiz...”

“Mas o que resta que tu não possas ter feito? Agora te dizes inocente? Oh

cordeiro, oh modelo de mansidão! Vós o ouvistes, durante um tempo teve as mãos sujas de sangue e agora é inocente! Talvez nos tenhamos enganado, Remigio de Varagine é um modelo de virtude, um filho fiel da igreja, um inimigo dos inimigos de Cristo, sempre respeitou a ordem, que a mão vigilante da igreja afanou-se para impor aos vilarejos e cidades, a paz dos comércios, as lojas dos artesãos, os tesouros das igrejas. Ele é inocente, não cometeu nada, aos meus braços, irmão Remigio, que eu possa te consolar das acusações que os malvados levantaram contra ti!" E enquanto Remigio o fitava com olhos perdidos, como se de repente quase estivesse acreditando numa absolvição final, Bernardo recompôs-se e voltou-se em tom de comando ao capitão dos arqueiros.

"Repugna-me recorrer a meios que a igreja sempre criticou quando são praticados pelo braço secular. Mas há uma lei que domina e dirige também os meus sentimentos pessoais. Pedi ao Abade um lugar onde possam ser predispostos os instrumentos de tortura. Mas que não se proceda logo. Por três dias fique numa cela, mãos e pés nos cepos. Mostrem-se-lhe depois os instrumentos. Somente. E no quarto dia proceda-se. A justiça não é movida pela pressa, como acreditavam os pseudo-apóstolos, e a de Deus tem séculos à disposição. Proceda-se devagar, e por etapas. E sobretudo, lembrai o que foi dito repetidamente: que se evitem as mutilações e o perigo de morte. Uma das providências que esse procedimento reconhece ao ímpio é justamente que a morte seja saboreada, e esperada, mas não chegue antes que a confissão tenha sido plena, e voluntária, e purificadora."

Os arqueiros inclinaram-se para erguer o celeireiro, mas este fincou os pés no chão e opôs resistência, dando sinais de querer falar. Obtida a licença, falou, mas as palavras lhe saíam a custo da boca e o seu discurso era como o tartamudear de um bêbado e tinha qualquer coisa de obsceno. Apenas pouco a pouco, à medida que falava, encontrou aquela espécie de energia selvagem que animara sua confissão pouco antes.

"Não, senhor. A tortura não. Eu sou um homem vil. Traí outrora, reneguei por onze anos neste mosteiro a minha fé de antigamente, arrecadando dízimo de vinhateiros e camponeses, inspecionando as pocilgas e os estábulos para que florescessem de modo a enriquecer o Abade, colaborei de bom grado na administração desta fábrica do Anticristo. E me dava bem, tinha esquecido os dias da revolta, cozinhava-me nos prazeres da gula e em outros mais. Eu sou vil. Vendi hoje meus antigos confrades de Bolonha, vendi outrora Dulcino. E como vil, travestido como um dos homens da cruzada, assisti à captura de Dulcino e Margherita, quando no sábado de aleluia foram levados ao castelo do Bugello.

Vaguei pelos arredores de Vercelli por três meses, até que chegasse a carta do papa Clemente com a ordem de condenação. E vi Margherita ser feita em pedaços diante dos olhos de Dulcino, e gritava, degolada que estava, pobre corpo que uma noite eu também tocara... E enquanto seu cadáver despedaçado queimava, foram para cima de Dulcino, e arrancaram-lhe o nariz e os testículos com tenazes incandescentes, e não é verdade o que disseram depois, que não emitiu sequer um gemido. Dulcino era alto e robusto, tinha uma grande barba de diabo e os cabelos ruivos que lhe caíam em anéis pelos ombros, era belo e potente quando nos guiava com um chapéu de abas largas, e a pluma, e a espada à roda da veste talar, Dulcino provocava medo nos homens e fazia gritar de prazer as mulheres... Mas quando o torturaram gritava de dor ele também, como uma mulher, como um bezerro, perdia sangue por todas as feridas enquanto o levavam de um canto a outro, e continuavam a feri-lo devagar, para mostrar o quão demoradamente podia viver um emissário do demônio, e ele queria morrer, pedia que acabassem com ele, mas morreu demasiado tarde, quando chegou à fogueira, e era somente um amontoado de carne sangrenta. Eu o seguia e estava contente comigo mesmo por ter escapado àquela prova, estava orgulhoso de minha astúcia, e o tratante do Salvatore estava comigo e dizia-me: como fizemos bem, irmão Remigio, em nos comportarmos como pessoas previdentes, não há nada mais feio que a tortura! Teria abjurado mil religiões, aquele dia. E são anos, muitos anos que me digo o quanto fui vil, e o quanto fui feliz por ser vil, e todavia esperava sempre poder mostrar a mim mesmo que não era tão vil assim. Hoje tu me deste essa força, senhor Bernardo, foste para mim aquilo que os imperadores pagãos foram para os mais vis dos mártires. Deste-me coragem de confessar aquilo em que acreditei com a alma, enquanto o corpo se retraía. Porém não imponhas demasiada coragem, mais do que possa suportar essa minha carcaça mortal. A tortura não. Direi tudo o que queres, antes a fogueira, morre-se sufocado antes de queimar. A tortura como a Dulcino, não. Tu queres um cadáver e tens necessidade de que assuma por mim a culpa por outros cadáveres. Cadáver logo serei, de qualquer modo. E por isso eu te dou o que queres. Matei Adelmo de Otranto por ódio à sua juventude e à sua bravura em usar monstros iguais a mim, velho, gordo, pequeno e ignorante. Matei Venâncio de Salvemec porque era demasiado sábio e lia livros que eu não compreendia. Matei Berengário de Arundel por ódio à sua biblioteca, eu que fiz teologia espancando párocos muito gordos. Matei Severino de Sant'Emmerano... por quê? Porque colecionava ervas, eu que estive no monte Rebello onde as ervas as comíamos, sem nos perguntarmos sobre suas virtudes. Na verdade poderia

matar também os outros, inclusive ao nosso Abade: com o papa ou com o império, ele sempre faz parte de meus inimigos e sempre o odiei, mesmo quando me dava de comer porque eu lhe dava de comer. Basta para ti? Ah, não, queres saber também como matei toda aquela gente... Mas matei-os... vejamos... Evocando as potências infernais, com a ajuda de mil legiões submetidas ao meu comando, com a arte que me ensinou Salvatore. Para matar alguém, não é necessário golpear, o diabo o faz por vós, se sabeis comandar o diabo."

Fitava os presentes com ar cúmplice, rindo. Mas já era o riso de um demente, ainda que, como me fez notar depois Guilherme, esse demente tivesse tido a sagacidade de arrastar na própria ruína Salvatore, para vingar-se de sua delação.

"E como podias comandar o diabo?" instava Bernardo, que assumia este delírio como legítima confissão.

"Tu o sabes também, não se lida tantos anos com os endemoninhados sem vestir o seu hábito! Tu o sabes também, degolador de apóstolos! Pegas um gato preto, não é verdade?, que não tenha sequer um pêlo branco (e tu o sabes) e lhe amarras as quatro patas, depois o levas à meia-noite a uma encruzilhada, aí então gritas em voz alta: ó grande Lúcifer, imperador do inferno, eu te pego e te enfio no corpo de meu inimigo assim como agora mantenho prisioneiro este gato, e se levares meu inimigo à morte, no dia seguinte à meia-noite, neste mesmo lugar, eu te oferecerei este gato em sacrifício, e tu farás o que te ordeno pelos poderes mágicos que agora exerço de acordo com o livro oculto de São Cipriano, em nome de todos os chefes das maiores legiões do inferno, Adramelch, Alastor e Amon, que eu agora invoco com todos seus irmãos..." O lábio tremia-lhe, os olhos pareciam saltados das órbitas, e começou a rezar — ou seja, parecia estar rezando, mas elevava suas implorações a todos os barões das legiões infernais... "Abigor, pecca pro nobis... Amon, miserere nobis... Samael, libera nos a bono... Belial eleyson... Focalor, in corruptionem meam intende... Haborym, damnamus dominum... Zaebos, anum meum aperies... Leonardo, asperge me spermate tuo et inquinabor..."

"Chega, chega!" gritavam os presentes persignando-se. E: "Oh, Senhor, perdoa-nos todos!"

O celeireiro agora calava. Tendo acabado de proferir os nomes de todos esses diabos, caiu de cara no chão derramando saliva esbranquiçada, pela boca torta e pela arcada rangente dos dentes. As mãos, ainda mortificadas pelas correntes, abriam-se e fechavam-se de modo convulso, seus pés chutavam o ar irregularmente, de vez em quando. Percebendo que eu fora tomado por um frêmito de horror, Guilherme pousou a mão em minha cabeça, pegou-me quase na nuca

apertando-a, e devolvendo-me a calma: "Aprende", disse-me, "sob tortura, ou ameaçado de tortura, um homem não só diz aquilo que fez mas também aquilo que desejaria fazer, ainda que não soubesse. Remigio agora deseja a morte com toda sua alma."

Os arqueiros levaram o celeireiro ainda presa de convulsões. Bernardo arrumou seus papéis. Depois fitou os presentes, imóveis, tomados de grande perturbação.

"O interrogatório está terminado. O acusado, réu confesso, será conduzido a Avignon, onde terá lugar o processo definitivo, para salvaguarda escrupulosa da verdade e da justiça, e somente após esse processo regular será queimado. Ele, Abbone, não mais vos pertence, nem pertence mais a mim, que fui apenas o humilde instrumento da verdade. O instrumento da justiça está alhures, os pastores cumpriram seu dever, agora aos cães, que separem a ovelha infecta do rebanho e a purifiquem com o fogo. O miserável episódio que presenciou este homem culpado de muitos crimes cruéis acabou-se. Que agora a abadia viva em paz. Mas o mundo..." e aqui ergueu a voz e dirigiu-se ao grupo dos legados, "o mundo não encontrou ainda a paz, o mundo está despedaçado pela heresia, que encontra refúgio até nas salas dos palácios imperiais! Que meus irmãos recordem-se disso: um cingulum diaboli liga os perversos seguidores de Dulcino aos honrados mestres do capítulo de Perugia. Não esqueçamos disso, diante dos olhos de Deus os delírios desse miserável, que acabamos de entregar à justiça, não são diferentes daqueles dos mestres que se banqueteiam à mesa do alemão excomungado da Baviera. A fonte das infâmias dos hereges jorra de muitas pregações, também honradas ainda impunes. É dura paixão e humilde calvário o de quem foi chamado por Deus, como a minha pessoa pecadora, para individuar a serpe da heresia onde quer que se aninhe. Mas cumprindo essa obra santa aprende-se que não é herege apenas quem pratica a heresia às claras. Os sustentadores da heresia podem ser individuados através de cinco indícios comprobatórios. Primeiro, aqueles que os visitam às escondidas enquanto estão presos; segundo, aqueles que choram sua captura e foram seus amigos íntimos em vida (difícil, de fato, que não saiba da atividade do herege quem o freqüentou por muito tempo); terceiro, aqueles que sustentam que os hereges foram condenados injustamente, ainda que tenha sido demonstrada a sua culpa; quarto, aqueles que olham de atravessado e criticam os que perseguem os hereges e pregam com sucesso contra eles, e pode-se distingui-los pelos olhos, pelo nariz, pela expressão que tentam esconder, mostrando odiar os que para com eles experimentam amargura e amar os que de cuja desgraça tanto se doem. Quinto sinal é, enfim, o fato que se guardem as cinzas dos ossos

dos hereges queimados e delas se faça objeto de veneração... Mas eu atribuo altíssimo valor também a um sexto sinal, e considero notoriamente amigos dos hereges aqueles em cujos livros (ainda que esses não ofendam abertamente a ortodoxia) os hereges encontraram as premissas com que silogizar de seu modo perverso."

Falava, e fitava Ubertino. Toda a legação franciscana entendeu bem a que Bernardo aludia. Agora o encontro já estava falido, ninguém mais ousaria retomar as discussões da manhã, sabendo que toda palavra seria ouvida pensando nos últimos e desgraçados acontecimentos. Se Bernardo fora enviado pelo papa para impedir uma recomposição entre os dois grupos, tinha conseguido.

Quinto dia

VÉSPERAS

Onde Ubertino foge, Bêncio começa a observar as leis e Guilherme faz algumas reflexões sobre os diversos tipos de luxúria encontrados naquele dia.

Enquanto a assembléia esvaziava lentamente a sala capitular Michele aproximou-se de Guilherme, e ambos foram juntar-se a Ubertino. Saímos todos juntos ao ar livre, discutindo dali ao claustro, protegidos pela névoa que não dava mostras de atenuar-se, ao contrário, tornara-se ainda mais densa que a treva.

"Não creio ser necessário comentar o que aconteceu", disse Guilherme. "Bernardo nos derrotou. Não me pergunteis se aquele imbecil de um dulciniano é realmente culpado de todos aqueles crimes. Pelo que entendo, não, sem mais. O fato é que voltamos ao ponto de partida. João quer-te sozinho em Avignon, Michele, e este encontro não te forneceu as garantias que buscávamos. Melhor, deu-te uma imagem de como cada palavra tua, lá, poderia ser distorcida. De onde se deduz, parece-me, que tu não devas ir."

Michele sacudiu a cabeça: "Ao contrário, irei. Não quero um cisma. Tu, Guilherme, hoje falaste claro, e disseste o que querias. Pois bem, não é o que eu quero, e me dou conta de que as deliberações do capítulo de Perugia têm sido usadas pelos teólogos imperiais além de nossos entendimentos. Eu quero que a ordem franciscana seja aceita, em seus ideais de pobreza, pelo papa. E o papa precisará entender que somente se a ordem assumir sobre si própria o ideal da pobreza, poderão ser reabsorvidas suas ramificações heréticas. Eu não penso na assembléia do povo ou no direito das gentes. Eu devo impedir que a ordem se dissolva numa pluralidade de fraticelli. Irei a Avignon, e se for necessário farei um ato de submissão a João. Transigirei em tudo, menos sobre o princípio da pobreza."

Ubertino interveio: "Sabes que estás arriscando a vida?"

"Que assim seja", respondeu Michele, "melhor que arriscar a alma."

Arriscou seriamente a vida e, se João estava certo (coisa em que ainda não acredito), perdeu a alma também. Como agora já sabem todos, Michele foi ao papa na semana seguinte aos fatos que estou narrando. Ele o enfrentou por quatro meses, até que em abril do ano seguinte João convocou um consistório em que o tratou de louco, temerário, teimoso, tirano, causador de heresia, serpente nutrida pela igreja em seu próprio seio. E é de se pensar que já então, de acordo com o modo como ele via as coisas, João tivesse razão, porque naqueles quatro meses Michele tornara-se amigo do amigo de meu mestre, o outro Guilherme, o de Ockham, e compartilhara suas idéias — não muito diferentes, ainda que mais extremadas, daquelas que meu mestre compartilhava com Marsílio e expressara aquela manhã. A vida desses dissidentes tornou-se precária, em Avignon, e em fins de maio Michele, Guilherme de Ockham, Bonagrazia de Bérgamo, Francisco d'Ascoli e Henri de Talheim empreenderam sua fuga, perseguidos pelos homens do papa em Nice, Toulon, Marselha e Aigues Mortes, onde foram alcançados pelo cardeal Pierre de Arrablay que tentou em vão induzi-los a voltar, sem vencer sua resistência, seu ódio para com o pontífice, seu medo. Em junho chegaram a Pisa, recebidos em triunfo pelos imperiais, e nos seis meses seguintes Michele denunciaria publicamente João. Demasiado tarde, então. A sorte do imperador estava minguando, de Avignon João tramava para dar aos menoritas um novo superior-geral, obtendo por fim a vitória. Melhor teria feito Michele aquele dia decidindo não ir ao papa: poderia ter cuidado da resistência dos menoritas de perto, sem perder tantos meses à mercê de seu inimigo, enfraquecendo sua posição... Mas quem sabe assim tenha predisposto a onipotência divina — nem agora eu sei quem dentre todos estava com a razão, e após tantos anos também o fogo das paixões se apaga, e com ele o que se acreditava ser a luz da verdade. Quem de nós é mais capaz de dizer se tinham razão Heitor ou Aquiles, Agamenon ou Príamo quando se debatiam pela beleza de uma mulher que agora é cinza de cinzas?

Mas estou me perdendo em melancólicas divagações. Devo ao contrário contar o fim daquele triste colóquio. Michele tinha decidido, e não houve jeito de convencê-lo a desistir. Exceto que agora colocava-se um outro problema, e Guilherme enunciou-o sem rodeios: o próprio Ubertino não estava mais em segurança. As frases que lhe dirigira Bernardo, o ódio que por ele já nutria o papa, o fato de que enquanto Michele representava ainda um poder com que tratar, Ubertino permanecera ao contrário, um partido isolado...

"João quer Michele na corte e Ubertino no inferno. Se bem conheço Bernardo,

até amanhã, e com a cumplicidade da névoa, Ubertino estará morto. E se alguém se perguntar por quem, a abadia poderá bem suportar um outro crime, e dirão que eram diabos evocados por Remigio com seus gatos pretos, ou algum sobrevivente dulciniano que ainda vaga dentro destas muralhas...”

Ubertino estava preocupado: “E então?” perguntou.

“Então”, disse Guilherme, “vai falar com o Abade. Pede-lhe uma montaria com provisões, uma carta para alguma abadia distante, além dos Alpes. E aproveita a névoa e a escuridão para partir imediatamente.”

“Mas os arqueiros não estão ainda de guarda junto às portas?”

“A abadia tem outras saídas, e o Abade as conhece. Basta que um servo te espere numa das curvas inferiores com a montaria e, saindo por qualquer passagem da muralha, tu terás apenas que percorrer um pedaço de bosque. Deves fazê-lo depressa, antes que Bernardo se recobre do êxtase de seu triunfo. Eu devo ocupar-me de algo diferente, tinha duas missões, uma falhou, que ao menos a outra não falhe. Quero pôr as mãos em cima de um livro, e de um homem. Se tudo correr bem, tu estarás fora daqui antes que eu ainda procure por ti. E então adeus.” Abriu os braços. Comovido, Ubertino o abraçou apertado: “Adeus, Guilherme, és um inglês louco e arrogante, mas tens um grande coração. Tornaremos a nos ver?”

“Tornaremos”, afirmou-lhe Guilherme, “se Deus quiser.”

Deus, depois, não quis. Como já disse, Ubertino morreu misteriosamente assassinado dois anos depois. Vida dura e aventureira, a desse velho combativo e ardente. Talvez não tenha sido um santo, mas espero que Deus tenha premiado aquela sua diamantina certeza de o ser. Mais velho me torno e mais me abandono à vontade de Deus, e aprecio sempre menos a inteligência que quer saber e a vontade que quer fazer: e reconheço a fé como único elemento de salvação, que sabe esperar paciente sem questionar demasiado. E Ubertino teve certamente muita fé no sangue e na agonia de Nosso Senhor crucificado.

Talvez estivesse pensando nessas coisas também então e o místico velho percebeu, ou adivinhou que as teria pensado um dia. Sorriu-me com doçura e abraçou-me, sem o ardor com que me agarrara muitas vezes nos dias precedentes. Abraçou-me como um avô abraça o neto, e com o mesmo espírito devolvi-lhe o abraço. Depois afastou-se com Michele para procurar o Abade.

“E agora?” perguntei a Guilherme.

“E agora voltemos aos nossos crimes.”

“Mestre”, disse, “hoje aconteceram coisas muito graves para a cristandade e

falhou a vossa missão. Entretanto pareceis mais interessado na solução desse mistério que no encontro entre o papa e o imperador."

"Os loucos e as crianças dizem sempre a verdade, Adso. Meu amigo Marsílio pode ser melhor do que eu como conselheiro imperial, mas como inquisidor eu sou melhor. Melhor até que Bernardo Gui, Deus me perdoe. Porque a Bernardo não interessa descobrir os culpados, porém queimar os acusados. E eu ao contrário encontro o deleite mais jubiloso em desenredar uma bela e intrincada intriga. E será ainda por que no momento em que, como filósofo, duvido que o mundo tenha uma ordem, consola-me descobrir, se não uma ordem, pelo menos uma série de conexões em pequenas porções dos negócios do mundo. Por fim há provavelmente uma outra razão: é que nesta história talvez estejam em jogo coisas maiores e mais importantes que a batalha entre João e Ludovico..."

"Mas é uma história de roubos e vinganças entre monges de pouca virtude!" exclamei duvidoso.

"Em torno de um livro proibido, Adso, em torno de um livro proibido", respondeu Guilherme.

Já agora os monges dirigiam-se à ceia. A refeição já estava na metade quando sentou-se junto a nós Michele de Cesena avisando-nos que Ubertino tinha partido. Guilherme deu um suspiro de alívio.

No fim da ceia evitamos o Abade que se entretinha com Bernardo e vimos Bêncio, que nos cumprimentou com um meio sorriso, tentando chegar à porta. Guilherme alcançou-o e o obrigou a nos seguir até um canto da cozinha.

"Bêncio", perguntou-lhe Guilherme, "onde está o livro?"

"Que livro?"

"Bêncio, nenhum de nós é tolo. Estou falando do livro que procurávamos hoje com Severino e que eu não reconheci e que tu reconheceste muito bem e foste buscar..."

"O que vos faz pensar que eu o tenha pegado?"

"Eu penso, e pensas tu também. Onde está?"

"Não posso dizer."

"Bêncio, se não me disseres irei falar ao Abade."

"Não posso dizer por ordem do Abade", disse Bêncio com ar virtuoso. "Hoje, depois que nos vimos, aconteceu uma coisa que deveis saber. Após a morte de

Berengário faltava um ajudante-bibliotecário. Hoje à tarde Malaquias propôs-me tomar o lugar dele. Faz justamente meia hora que o Abade consentiu, e amanhã cedo, espero, serei iniciado nos segredos da biblioteca. É verdade, peguei o livro de manhã, e o escondi no enxergão da minha cela sem olhá-lo sequer, porque sabia que Malaquias estava me vigiando. E num certo momento Malaquias me fez a proposta que vos contei. E aí fiz o que deve fazer um ajudante-bibliotecário: entreguei-lhe o livro."

Não pude deixar de intervir, e com violência.

"Mas Bêncio, ontem, e anteontem tu... vós dissestes que ardíeis de curiosidade de saber, que não mais queríeis que a biblioteca ocultasse mistérios, que um estudioso precisa saber..."

Bêncio calava corando, mas Guilherme deteve-me: "Adso, há algumas horas Bêncio passou para o outro lado! Agora ele é o guardião dos segredos que queria conhecer, e enquanto os guarda terá todo o tempo que quiser para conhecê-los."

"Mas e os outros?" perguntei. "Bêncio falava em nome de todos os sábios!"

"Antes", disse Guilherme. E puxou-me deixando Bêncio presa de confusão.

"Bêncio", disse-me depois Guilherme, "é vítima de uma grande luxúria, que não é a mesma de Berengário, nem do celeireiro. Como muitos estudiosos, tem a luxúria do saber. Do saber para si próprio. Excluído de uma parte desse saber, queria apoderar-se dele. Agora apoderou-se. Malaquias conhecia o seu homem e usou o melhor meio para reaver o livro e selar os lábios de Bêncio. Tu me perguntarás de que serve controlar tanta reserva de saber quando se aceita não colocá-lo à disposição de todos os demais. Mas justamente por isso falei em luxúria. Não era luxúria a sede de conhecimento de Roger Bacon, que queria usar a ciência para fazer mais feliz o povo de Deus e por isso não buscava o saber pelo saber. A de Bêncio é apenas curiosidade insaciável, orgulho do intelecto, um modo como outro, para um monge, e transformar e pacificar os desejos da própria carne, ou o ardor que faz de outrem um guerreiro da fé, ou da heresia. Não existe apenas a luxúria da carne. É luxúria a de Bernardo Gui, distorcida luxúria de justiça, que se identifica com luxúria de poder. É luxúria de riqueza a do nosso santo e não mais romano pontífice. Era luxúria de testemunho e transformação e penitência e morte a do celeireiro quando jovem. E é luxúria de livros a de Bêncio. Como todas as luxúrias, como aquela de Onan que espargia o próprio sêmen por terra, é luxúria estéril, e não tem nada a ver com o amor, nem mesmo com o carnal..."

"Eu sei", murmurei malgrado meu. Guilherme fingiu não ter ouvido. Mas, como dando continuidade a seu discurso, disse: "O amor verdadeiro deseja o bem do

amado.”

“Não será que Bêncio quer o bem de seus livros (já que agora são dele também) e pensa que o bem deles seja ficarem longe de mãos rapaces?” perguntei.

“O bem de um livro está em ser lido. Um livro é feito de signos que falam de outros signos, os quais por sua vez falam das coisas. Sem um olho que o leia, um livro traz signos que não produzem conceitos, e portanto é mudo. Esta biblioteca talvez tenha nascido para salvar os livros que contém, mas agora vive para sepultá-los. Por isso tornou-se fonte de impiedade. O celeireiro disse ter traído. Assim fez Bêncio. Traiu. Oh, que dia horrível, meu bom Adso! Cheio de sangue e ruína. Por hoje me basta. Vamos nós também às completas, e depois dormir.”

Saindo da cozinha encontramos Aymaro. Perguntou-nos se era verdade aquilo que se murmurava, que Malaquias tinha proposto Bêncio como seu ajudante. Não pudemos deixar de confirmar.

“Esse Malaquias aprontou muitas coisas boas, hoje”, disse Aymaro com seu habitual esgar de desprezo e de indulgência. “Se houvesse justiça, o diabo viria buscá-lo, esta noite.”

Quinto dia

COMPLETAS

Onde se escuta um sermão sobre a vinda do Anticristo e Adso descobre o poder dos nomes próprios.

Vésperas tivera lugar de modo confuso, ainda durante o interrogatório do celeireiro, com os noviços curiosos que tinham fugido à mão de seu mestre para acompanhar pelas janelas e fendas o que acontecia na sala capitular. Era preciso agora que toda a comunidade orasse pela boa alma de Severino. Achava-se que o Abade falaria a todos, e nos perguntávamos o que diria. Em vez disso, após a ritual homilia de São Gregório, o responsório e os três salmos prescritos, o Abade assomou ao púlpito, mas somente para dizer que aquela noite não falaria. Muitas desventuras tinham enlutado a abadia, disse, para que o mesmo pai comum pudesse falar com o tom de quem reprova e adverte. Era preciso que todos, ninguém excluído, fizessem um severo exame de consciência. Mas visto que era necessário que alguém falasse, propunha que a admoestação viesse de alguém, mais velho que todos e já próximo da morte, que fosse entre todos o menos envolvido nas paixões terrestres que tinham ocasionado tantos males. Por direito de idade a palavra caberia a Alinardo de Grottaferrata, mas todos sabiam o quanto a saúde do venerável confrade era frágil. Logo depois de Alinardo, na ordem estabelecida pelo passar inexorável dos tempos, vinha Jorge. A ele o Abade dava agora a palavra.

Ouvimos um murmúrio daquele lado dos assentos onde habitualmente sentavam-se Aymaro e os outros italianos. Imaginei que o Abade tinha confiado o sermão a Jorge sem consultar Alinardo. Meu mestre fez-me notar, à meia-voz, que o fato de não falar tinha sido para o Abade uma prudente decisão: porque qualquer coisa que dissesse seria pesada por Bernardo e pelos demais avignonenses presentes. O velho Jorge, ao contrário, se limitaria a algum de seus vaticínios místicos, e os avignonenses não lhe dariam muito peso. "Não eu porém",

acrescentou Guilherme, "porque não creio que Jorge tenha aceitado, e talvez pedido para falar sem um objetivo bem preciso."

Jorge subiu ao púlpito, ajudado por alguém. Seu rosto estava iluminado pelo trípode que, sozinho, clareava a nave. A luz da chama punha em evidência a treva que gravava sobre seus olhos, que pareciam dois buracos negros.

"Irmãos diletíssimos", ele principiou, "e todos vós hóspedes nossos mui caros, se quereis escutar este pobre velho... As quatro mortes que afligiram a nossa abadia — para não falar nos pecados, remotos e recentes, dos mais desgraçados dentre os vivos — não são, vós o sabeis, para serem atribuídas aos rigores da natureza que, implacável em seus ritmos, administra a nossa jornada terrena, do berço à sepultura. Todos vós pensareis talvez que, embora vos tenha transtornado de dor, esta triste vicissitude não envolva a vossa alma, porque todos, exceto um, sois inocentes, e quando esse um tiver sido punido, vos restará certamente chorar a ausência dos desaparecidos, mas não tereis de vos desculpar de nenhuma acusação diante do tribunal de Deus. Vós assim pensais. Loucos!" gritou com voz terrível, "loucos e temerários que sois! Quem matou levará para adiante de Deus o fardo de suas culpas, mas somente porque aceitou ser portador dos decretos de Deus. Assim como era preciso que alguém traísse Jesus, para que se cumprisse o milagre da redenção, e todavia o Senhor determinou danação e vitupério para quem o traiu, assim alguém nesses dias pecou trazendo morte e ruína, mas eu vos digo que essa ruína foi, se não desejada, pelo menos permitida por Deus para humilhação de nossa soberba."

Calou-se, e volveu o olhar vazio sobre a sombria assembléia, como se com os olhos pudesse colher suas emoções, enquanto de fato com o ouvido saboreava seu consternado silêncio.

"Nesta comunidade", continuou, "serpenteia há muito tempo a áspide do orgulho. Mas qual orgulho? O orgulho do poder num mosteiro isolado do mundo? Claro que não. O orgulho da riqueza? Meus irmãos, antes que o mundo conhecido ecoasse em longas querelas sobre a pobreza e sobre a posse, desde os tempos de nosso fundador nós, mesmo quando tivemos tudo, não tivemos nada — sendo a nossa única e verdadeira riqueza a observância da regra, a prece e o trabalho. Mas de nosso trabalho, do trabalho de nossa ordem, e em particular do trabalho deste mosteiro fazem parte — aliás é a sua substância — o estudo e a custódia do saber. A custódia, digo, não a busca, porque é próprio do saber, coisa divina, ser completo e definido desde o início, na perfeição do verbo que exprime a si mesmo. A custódia, digo, não a busca porque é próprio do saber, coisa humana, ter sido

definido e completado no arco dos séculos que vai desde a pregação dos profetas à interpretação dos padres da igreja. Não há progresso, não há revolução de períodos na história do saber, mas, no máximo, contínua e sublime recapitulação. A história humana marcha com o moto inestancável da criação, através da redenção, para o retorno do Cristo triunfante, que aparecerá circundado por um nimbo para julgar os vivos e os mortos, mas o saber divino e humano não segue o mesmo rumo: firme como uma rocha que não desmorona, ele nos permite, quando nos fazemos humildes e atentos à sua voz, seguir, predizer o rumo, mas não é por ele atingido. Eu sou aquele que é, disse o Deus dos hebreus. Eu sou o caminho, a verdade e a vida, disse Nosso Senhor. Bem, o saber não é outra coisa senão o atônito comentário dessas duas verdades. Tudo quanto foi dito a mais, foi proferido pelos profetas, pelos evangelistas, pelos padres e pelos doutores para tornar mais claras essas duas sentenças. E muitas vezes um comentário oportuno provém mesmo dos pagãos que as ignoravam, e suas palavras foram assumidas pela tradição cristã. Mas fora disso não há mais nada a dizer. Há que se tornar a meditar, explicar, conservar. Este era e deveria ser o ofício de nossa abadia com sua esplêndida biblioteca — não outro. Conta-se que um califa oriental certo dia pôs fogo na biblioteca de uma cidade famosa e orgulhosa e gloriosa e que, enquanto aqueles milhares de volumes ardiam, disse que eles podiam e deviam desaparecer: porque ou repetiam o que já dizia o corão, e portanto eram inúteis, ou contradiziam o livro sagrado dos infiéis, e portanto eram prejudiciais. Os doutores da igreja — e nós com eles — não raciocinaram desse modo. Tudo aquilo que soa como comentário e esclarecimento da escritura deve ser conservado, porque das escrituras divinas aumenta a glória; tudo aquilo que as contradiz não deve ser destruído, porque somente conservando-o poderá ser contradito por sua vez, por quem possa e tenha esse ofício, nos modos e nos tempos que o Senhor quiser. Eis aí a responsabilidade de nossa ordem durante os séculos, e o fardo de nossa abadia hoje: orgulhosos da verdade que proclamamos, humildes e prudentes em preservar as palavras inimigas da verdade, sem nos deixarmos conspurcar por elas. Ora, meus irmãos, qual é o pecado de orgulho que pode tentar um monge estudioso? O de entender o próprio trabalho não como custódia mas como busca de alguma notícia que não tenha sido ainda dada aos humanos, como se a derradeira já não tivesse ressoado nas palavras do último anjo que fala no último livro das escrituras: "Agora declaro a quem ouve as palavras de profecia deste livro, que se alguém a ele acrescentar qualquer coisa, Deus lançará sobre ele as pragas descritas neste livro, e se alguém suprimir algo das palavras de profecias deste

livro, Deus suprimirá a sua parte do livro da vida e da cidade santa e das coisas que estão escritas neste livro! Bem... não vos parece, meus desventurados irmãos, que essas palavras outra coisa não encobrem senão o que aconteceu recentemente dentre estes muros, enquanto o que aconteceu entre estes muros outra coisa não encobre senão as próprias vicissitudes do século em que vivemos, que pretende, na palavra como nas obras, nas cidades como nos castelos, nas soberbas universidades e nas igrejas catedrais tentar descobrir com afã novos codicilos às palavras da verdade, distorcendo o sentido daquela verdade já rica de todos os escólios, e necessitada apenas de intrépida defesa e não de insensato incremento? Esse é o orgulho que serpenteou e ainda serpenteia entre estes muros: e eu digo a quem se afanou e se afana em romper os selos dos livros que não lhe são devidos, que é esse orgulho que o Senhor quis punir e que continuará a punir se ele não diminuir e não se humilhar, porque para o Senhor não é difícil encontrar, sempre e mais, devido à nossa fragilidade, os instrumentos de sua vingança."

"Ouviste, Adso?" sussurrou-me Guilherme. "O velho sabe mais do que diz. Que haja ou não um dedo seu nesta história, ele sabe, e adverte que se os monges curiosos continuarem a violar a biblioteca, a abadia não recobrará sua paz."

Jorge então, após uma longa pausa, retomava a palavra. "Mas quem é, finalmente, o símbolo deste orgulho, de quem os orgulhosos são imagem e mensageiros, cúmplices e vexilários? Quem, na verdade, agiu e talvez ainda esteja agindo dentro destes muros, de modo a nos advertir que os tempos estão próximos — e a nos consolar, porque se os tempos estão próximos os sofrimentos serão por certo insustentáveis, mas não infinitos no tempo, dado que o grande ciclo deste universo está para se completar? Oh, vós haveis compreendido, e temeis pronunciar seu nome, porque é também o vosso e vós tendes medo dele, mas se vós tendes medo eu não terei, e esse nome eu o direi em altíssima voz, para que vossas vísceras se contorçam de susto e os vossos dentes batam até cortar-vos a língua, e o gelo que se formará em vosso sangue faça descer um véu escuro sobre vossos olhos... Ele é a besta imunda, ele é o Anticristo!"

Fez uma longuíssima pausa. Os presentes pareciam mortos. A única coisa móvel em toda a igreja era a chama do trípode, mas até as sombras que ela formava pareciam ter-se enregelado. O único rumor, abafado, era o ofegar de Jorge, que enxugava o suor da fronte. Depois Jorge recomeçou.

"Vós talvez desejaríeis dizer-me: não, ele ainda não chegou, onde estão os sinais de sua vinda? Insipiente de quem o disser! Mas se temos diante dos olhos, a cada dia, no grande anfiteatro do mundo, e na imagem reduzida da abadia, as

catástrofes precursoras... Foi dito que quando o momento estiver próximo erguer-se-á no ocidente um rei estrangeiro, senhor de inacreditáveis engodos, ateu, matador de homens, fraudulento, sedento de ouro, hábil em astúcias, perverso, inimigo dos fiéis e seu perseguidor, e na sua época não se fará conta da prata, mas se apreciará apenas o ouro! Eu sei bem: vós que me escutais, apressai-vos em fazer os vossos cálculos para saber se aquele de quem falo assemelha-se ao papa, ou ao imperador ou ao rei de França ou a quem quiserdes, para poder dizer: ele é o meu inimigo e eu estou do lado dos bons! Mas não sou tão ingênuo a ponto de indicar-vos um homem, o Anticristo quando vem, vem em todos e para todos, e cada um é parte dele. Estará nos bandos de salteadores que saquearão cidades e regiões, estará nos imprevistos signos do céu onde aparecerão repentinamente arco-íris, chifres e fogos, enquanto serão ouvidos mugidos de vozes e o mar referverá. Está dito que os homens e os animais engendrarão dragões, mas queria-se dizer que os corações concederão ódio e discórdia, não olheis à vossa volta para perceber as bestas das miniaturas que vos deleitam nos pergaminhos! Foi dito que as jovens recém-casadas parirão crianças já capazes de falar perfeitamente, as quais trarão o anúncio da maturidade dos tempos e pedirão para serem mortas. Mas não procureis por entre os vilarejos do vale, as crianças demasiado sábias já foram mortas dentro destes muros! E como aquelas das profecias tinham o aspecto de homens já encanecidos, e da profecia elas eram os filhos quadrúpedes, e os espectros, e os embriões que deveriam profetizar no ventre das mães pronunciando encantamentos mágicos. E tudo foi escrito, sabeis? Foi escrito que muitas seriam as agitações nas castas, nos povos e nas igrejas; que se levantarão pastores iníquos, perversos, depreciadores, ávidos, desejosos de prazeres, amantes do lucro, prenhes de palavras vãs, jactanciosos, soberbos, gulosos, protervos, imersos em libidinagem, sequiosos da vanglória, inimigos do evangelho, prontos a repudiar a porta estreita, a desprezar a palavra verdadeira, e odiarão qualquer caminho de piedade, não se arrependerão de seu pecado, e por isso em meio aos povos espalhar-se-ão a incredubilidade, o ódio fraterno, a perversidade, a dureza, a inveja, a indiferença, o latrocínio, a embriaguez, a intemperança, a lascívia, o prazer carnal, a fornicação e todos os demais vícios. Diminuirão a aflição, a humildade, o amor pela paz, a pobreza, a compaixão, o dom do pranto... Vamos, não vos reconheceis, todos aqui presentes, monges da abadia e poderosos vindos de fora?”

Na pausa que se seguiu, ouviu-se um farfalhar. Era o cardeal Bertrando que se agitava em seu assento. No fundo, pensei, Jorge estava sendo um grande

pregador, e enquanto fustigava seus confrades não poupava nem mesmo os visitantes. E eu teria dado não sei o que para saber o que estava passando naquele momento pela cabeça de Bernardo, ou pelas dos gordos avignonenses.

"E será nesse momento, que é justamente este", trovejou Jorge, "que o Anticristo terá sua blasfema parúsia, qual macaco que quer ser de Nosso Senhor. Naqueles tempos (que são estes) serão derrubados todos os reinos, haverá carestia e pobreza, e penúria de messes, e invernos de excepcional rigor. E os filhos daquele tempo (que é este) não terão mais quem administre seus bens e conserve em seus depósitos os alimentos e serão maltratados nos mercados de compra e de venda. Bem-aventurados então os que não mais estiverem vivendo, ou que vivendo conseguirem sobreviver! Chegará então o filho da perdição, o adversário que se glorifica e que se gaba, exibindo múltiplas virtudes para atrair em engano toda a terra e para prevalecer sobre os justos. A Síria desmoronará e chorará os seus filhos. A Cilícia elevará a cabeça até não aparecer aquele que é chamado para julgá-la. A filha da Babilônia levantará de seu trono de esplendor para beber o cálice da amargura. A Capadócia, a Lícia e a Licaônia dobrarão o dorso porque multidões inteiras serão destruídas na corrupção de sua iniqüidade. Acampamentos de bárbaros e carros de guerra aparecerão de toda parte para ocupar as terras. Na Armênia, no Ponto e na Bitínia os adolescentes perecerão ao fio de espada, as meninas serão presas, os filhos e as filhas consumarão incestos, a Pisídia, que se exalta em sua glória, será prostrada, a espada rasgará ao meio a Fenícia, a Judéia se vestirá de luto e se preparará para o dia da perdição, por causa de sua impureza. De todas as partes então aparecerão abomínio e desolação, o Anticristo expugnará o ocidente e destruirá as vias de tráfico, terá nas mãos espada e fogo ardente e queimará em furor de violência e chama: sua força será a blasfêmia, engano a sua mão, a direita será a ruína, a esquerda portadora de trevas. Estes são os traços que o distinguirão: sua cabeça será de fogo ardente, seu olho direito injetado de sangue, seu olho esquerdo de um verde felino, e terá duas pupilas, e suas pálpebras serão brancas, seu lábio inferior grande, terá fraco o fêmur, grossos os pés, o polegar achatado e alongado!"

"Parece o retrato dele próprio", caçoou Guilherme num sopro. Era uma frase muito ímpia, mas fiquei-lhe agradecido, porque os cabelos estavam se eriçando em minha cabeça. Contive a custo uma risada, inchando as bochechas e deixando sair um sopro pelos lábios fechados. Ruído que, no silêncio que se seguira às últimas palavras do velho, foi muito bem ouvido, mas por sorte todos pensaram que fosse alguém que tossia ou que chorava, ou sentia calafrios, e todos tinham motivos para

isso.

"É o momento", dizia Jorge agora, "em que tudo cairá no arbítrio, os filhos erguerão as mãos contra os genitores, a mulher tramará contra o marido, o marido chamará em juízo a mulher, os patrões serão desumanos com os servos e os servos desobedecerão aos patrões, não haverá mais reverência para com os anciãos, os adolescentes exigirão o comando, o trabalho parecerá a todos uma inútil fadiga, de toda parte elevar-se-ão cânticos de glória à permissividade, ao vício, à dissoluta liberdade dos costumes. E depois disso, estupros, adultérios, perjuras, pecados contra a natureza seguirão em grandes vagalhões, e males, e adivinhações, e encantamentos, e aparecerão no céu corpos voadores, surgirão em meio aos bons cristãos falsos profetas, falsos apóstolos, corruptores, impostores, bruxos, estupradores, avarentos, perjuros e falsificadores, os pastores se transformarão em lobos, os sacerdotes mentirão, os monges desejarão as coisas do mundo, os pobres não acorrerão em auxílio dos chefes, os poderosos não terão misericórdia, os justos servirão de testemunhas à injustiça. Todas as cidades serão sacudidas por terremotos, haverá pestilências em todas as regiões, tempestades de vento erguerão a terra, os campos serão contaminados, o mar segregará humores enegrecidos, novos prodígios desconhecidos terão lugar na lua, as estrelas abandonarão seu curso normal, outras — desconhecidas — sulcarão o céu, nevará no verão e fará calor tórrido no inverno. E chegarão os tempos do fim e o fim dos tempos... No primeiro dia, na hora terça, elevar-se-á no firmamento do céu uma voz grande e poderosa, uma nuvem purpúrea avançará do setentrião, trovões e relâmpagos a seguirão, e sobre a terra tombará uma chuva de sangue. No segundo dia a terra será erradicada de sua sede e o fumo de um grande fogo passará através das portas do céu. No terceiro dia os abismos da terra rumorejarão pelos quatro cantos do cosmos. Os pináculos do firmamento se abrirão, o ar se encherá de pilastras de fumaça e haverá fedor de enxofre até a décima hora. No quarto dia logo cedo o abismo se liquefará e emitirá estrondos, e cairão os edifícios. No quinto dia, à hora sexta serão desfeitas as potências de luz e a rota do sol, e haverá trevas no mundo até o fim da tarde, e as estrelas e a lua cessarão o seu ofício. O sexto dia, à hora quarta, o firmamento se fenderá do oriente ao ocidente e os anjos poderão olhar a terra através das fendas do céu e todos os que estão na terra poderão ver os anjos que do céu olham. Então todos os homens esconder-se-ão nas montanhas para escapar ao olhar dos anjos justos. E no sétimo dia chegará o Cristo na luz de seu pai. E haverá então o julgamento dos bons e a sua ascensão, na beatitude eterna dos corpos e das almas. Mas não meditareis sobre isso esta

noite, orgulhosos irmãos! Não será dado aos pecadores ver a aurora do oitavo dia, quando se elevará uma voz doce e suave do oriente, no meio do céu, e manifestar-se-á aquele Anjo que tem poder sobre todos os outros anjos santos, e todos os anjos avançarão junto com ele, sentados num carro de nuvens, cheios de alegria, correndo velozes pelo ar, para libertar os eleitos que acreditaram, e todos juntos comprazer-se-ão porque a destruição deste mundo terá sido consumada! Não é com isso que devemos orgulhosamente nos comprazer esta noite! Meditaremos, ao contrário, sobre as palavras que o Senhor pronunciará para afastar de si quem não mereceu salvação: ide para longe de mim, malditos, ao fogo eterno que vos foi preparado pelo diabo e por seus ministros! Vós merecestes isso, e agora gozai! Afastai-vos de mim, descendo às trevas exteriores e ao fogo inextinguível! Eu vos dei forma e vós vos tornastes sequazes de outrem! Vós vos tornastes servos de um outro senhor, ide morar com ele na escuridão, com ele, a serpente que não repousa, no meio do estridor de dentes! Dei-vos ouvido para ouvir as escrituras e vós escutastes as palavras dos pagãos! Dei-vos uma boca para glorificar a Deus, e vós a usastes para as falsidades dos poetas e para os enigmas dos jograis! Dei-vos os olhos para que vísseis a luz dos meus preceitos, e vós os usastes para perscrutar a treva! Eu sou um juiz humano, porém justo. A cada um darei o que merece. Desejaria ter misericórdia de vós, mas não encontro óleo em vossos vasos. Seria impelido a compadecer-me, mas as vossas lâmpadas estão cheias de fumo. Afastai-vos de mim... Assim falará o Senhor. E aqueles... e nós talvez desceremos ao suplício eterno. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo."

"Amém!" responderam todos em uníssono.

Todos em fila, sem um sussurro, foram os monges para suas camas. Sem desejo de se falarem desapareceram os menoritas e os homens do papa, ansiando por isolamento e repouso. Meu coração estava pesado.

"Para a cama, Adso", disse-me Guilherme, subindo as escadas do albergue dos peregrinos. "Não é uma noite para se ficar andando por aí. Poderia vir à mente de Bernardo Gui antecipar o fim do mundo começando por nossas carcaças. Amanhã tentaremos estar presentes à matina, pois logo depois partirão Michele e os demais menoritas."

"Partirá também Bernardo com seus prisioneiros?" perguntei com um fio de voz.

"Certamente, não tem mais nada a fazer aqui. Desejará preceder Michele em

Avignon, mas de modo que sua chegada coincida com o processo do celeireiro, menorita, herege e assassino. A fogueira do celeireiro iluminará como tocha propiciatória o primeiro encontro de Michele com o papa."

"E o que acontecerá a Salvatore... e à moça?"

"Salvatore acompanhará o celeireiro, porque deverá testemunhar em seu processo. Pode ser que em troca desse serviço Bernardo lhe conceda a vida. Talvez o deixe escapar e depois mande matá-lo. Ou talvez o deixe ir realmente, porque alguém como Salvatore não interessa a alguém como Bernardo. Quem sabe, talvez acabe degolado nalguma floresta da Langue d'Oc...

"E a moça?"

"Já te disse, é carne queimada. Mas queimará antes, a caminho, para edificação de alguma vilazinha cátara ao longo da costa. Ouvi dizer que Bernardo deverá se encontrar com seu colega Jacques Fournier (guarda este nome, por ora queima albigenses, mas visa mais alto) e uma bela bruxa para se pôr sobre a pilha aumentará o prestígio e a fama de ambos..."

"Mas não se pode fazer alguma coisa para salvá-los?" gritei. "O Abade não pode intervir?"

"Por quem? Pelo celeireiro, réu confesso? Por um miserável como Salvatore? Ou tu estás pensando na moça?"

"E se fosse?" ousei. "No fundo, dos três é a única verdadeiramente inocente, vós sabeis que não é uma bruxa..."

"E acreditas que o Abade, depois do que aconteceu, queira pôr em risco o pouco de prestígio que lhe sobrou por uma bruxa?"

"Mas se assumiu a responsabilidade pela fuga de Ubertino!"

"Ubertino era um monge seu e não era acusado de nada. E depois, que besteiras estás me dizendo, Ubertino era uma pessoa importante, Bernardo poderia atingi-lo somente à traição."

"Então o celeireiro tinha razão, os simples pagam sempre por todos, mesmo por aqueles que falam em seu favor, mesmo por aqueles como Ubertino e Michele, que com suas palavras de penitência os impeliram à revolta!" Estava desesperado, e não considerava sequer que a moça não era um fraticello, seduzido pela mística de Ubertino. Porém era uma camponesa, e pagava por uma história que não lhe dizia respeito.

"Assim é", respondeu-me Guilherme tristemente. "E se procuras justamente um sinal de justiça, te direi que um dia os grandes cães, o papa e o imperador, para fazer as pazes, passarão por cima dos corpos dos cães menores que se pegaram a

serviço deles. E Michele ou Ubertino serão tratados como hoje foi tratada a tua mocinha."

Agora sei que Guilherme fazia profecia, ou seja, silogizava com base em princípios de filosofia natural. Mas naquele momento suas profecias e seus silogismos em nada me consolaram. A única coisa certa era que a moça seria queimada. E eu me sentia co-responsável, porque era como se na fogueira ela expiasse também pelo pecado que eu cometera com ela.

Desatei impudentemente em soluços e refugiei-me em minha cela, onde durante a noite inteira mordi o enxergão e choraminguei impotente, porque não me era sequer concedido — como tinha lido nos romances de cavalaria com meus companheiros em Melk — lamentar-me invocando o nome da amada.

Do único amor terreno de minha vida não sabia, e nunca soube, o nome.

SEXTO DIA

Sexto dia

MATINAS

Onde os principes sederunt, e Malaquias cai no chão.

Descemos para as matinas. Aquela última parte da noite, quase a primeira do novo dia iminente, ainda estava enevoada. Enquanto atravessava o claustro, a umidade ia penetrando até o fundo de meus ossos, moídos pelo sono inquieto. Ainda que a igreja estivesse fria, foi com um suspiro de alívio que me ajoelhei sob aquelas abóbadas, ao abrigo dos elementos, confortado pelo calor dos outros corpos, e pela prece.

O canto dos salmos tinha começado há pouco, quando Guilherme indicou-me um lugar vazio nos bancos à nossa frente, entre Jorge e Pacifico de Tivoli. Era o lugar de Malaquias, que de fato sempre se sentava ao lado do cego. Nem éramos os únicos a dar por aquela ausência. Por um lado surpreendi o olhar preocupado do Abade, que certamente já sabia então que aquelas faltas eram portadoras de tristes novas. E por outro, percebi uma singular inquietação que agitava o velho Jorge. Seu rosto, de costume tão indecifrável devido àqueles seus olhos brancos privados de luz, estava imerso por três quartos na sombra, mas suas mãos estavam nervosas e irrequietas. De fato, muitas vezes tateou o lugar a seu lado, como para controlar se fora ocupado. Fazia e refazia o gesto a intervalos regulares, como à espera de que o ausente reaparecesse de um momento para o outro, temendo que não voltasse.

"Onde está o bibliotecário?" sussurrei a Guilherme.

"Malaquias", respondeu Guilherme, "era agora o único a ter o livro nas mãos. Se não é ele o culpado pelos crimes, então poderia não conhecer os perigos que aquele livro comportava..."

Não havia mais o que dizer; devia-se apenas esperar. E esperamos, nós, o Abade que continuava a fitar o lugar vazio, Jorge que não parava de interrogar a escuridão com as mãos.

Quando se chegou ao fim do ofício, o Abade recordou aos monges e aos noviços que era preciso preparar-se para a missa solene natalina e que por isso, como de hábito, empregariam o tempo antes das laudes provando a harmonização da comunidade inteira na execução de alguns dos cantos previstos para aquela ocasião. Aquela fileira de homens devotos estava efetivamente harmonizada como um só corpo e uma só voz, e no decorrer dos anos reconhecia-se unida, como uma só alma, no canto.

O Abade convidou a entoarem o Sederunt:

Sederunt principes
et adversus me
loquebantur, iniqui.
Persecuti sunt me.
Adjuva me, Domine,
Deus meus salvum me
fac propter magnam misericordiam tuam.

Perguntei-me se o Abade não tinha escolhido para cantar aquele gradual justamente aquela noite, quando ainda estavam presentes na função os enviados dos príncipes, para lembrar que, há séculos, a nossa ordem estava pronta a resistir à perseguição dos poderosos, graças à sua privilegiada relação com o Senhor, Deus dos exércitos. E realmente o início do canto causou uma forte impressão de potência.

Na primeira sílaba se iniciou-se um coro lento e solene de dezenas e dezenas de vozes, cujo som baixo encheu a nave e adejou sobre nossas cabeças, e contudo parecia surgir do coração da terra. Nem se interrompeu, porque enquanto outras vozes começavam a tecer sobre aquela linha profunda e contínua, uma série de vocalises e melismas, o coro — telúrico — continuava a dominar e não parou por todo o tempo preciso para um recitante de voz cadenciada e lenta repetir doze vezes a Ave Maria. E como que livres de qualquer temor, pela confiança que a obstinada sílaba, alegoria da duração eterna, dava aos orantes, as outras vozes (e principalmente as dos noviços) sobre aquela base pedregosa e sólida erguiam cúspides, colunas, pináculos de neumas liquescentes e subpontuados. E enquanto meu coração se atordoava de doçura ao vibrar de um climacus ou de um porrectus, de um torculus ou de um salicus, aquelas vozes pareciam dizer-me que a alma (a dos orantes e a minha que os escutava), não podendo resistir à exuberância do sentimento, através deles lacerava-se para exprimir a alegria, a dor, a laudação, o

amor, com ímpeto de sonoridades suaves. Entretanto, o obstinado enfurecer-se das vozes ctônias não esmorecia, como se a presença ameaçadora dos inimigos, dos poderosos que perseguiam o povo do Senhor, pairasse irresoluta. Até que aquele netúnico tumultuar de uma só nota pareceu vencido, ou pelo menos convicto e envolto pelo júbilo aleluiático de quem se lhe opunha, e dissolveu-se num majestoso e perfeitíssimo acorde e num neuma ressupino.

Pronunciado com esforço quase obtuso o "sederunt", alçou-se no ar o "principes", numa grande e seráfica calma. Não me perguntei mais quem eram os poderosos que falavam contra mim (contra nós), tinha desaparecido, dissolvido a sombra daquele fantasma assente e ameaçador.

E outros fantasmas, acreditei então, dissolveram-se naquele momento porque, olhando para o assento de Malaquias, depois que minha atenção fora absorvida pelo canto, vi a figura do bibliotecário entre a dos demais orantes, como se nunca tivesse saído dali. Olhei para Guilherme e vi um matiz de alívio em seus olhos, o mesmo que percebi de longe nos olhos do Abade. Quanto a Jorge, estendera de novo as mãos e, encontrando o corpo de seu vizinho, prontamente as retirara. Mas não saberia dizer que sentimentos o agitavam.

Agora o coro estava entoando festivamente o "adjuva me", cujo a claro expandia-se alegremente pela igreja, e o próprio u não parecia sombrio como o do "sederunt", mas pleno de santa energia. Os monges e os noviços cantavam, como requer a regra do canto, com o corpo reto, a garganta solta, a testa voltada para cima, o livro quase à altura dos ombros de modo que se pudesse lê-lo sem que, abaixando a cabeça, o ar saísse com menor energia do peito. Mas a hora ainda era noturna e, embora tinissem as trombetas do júbilo, a caligem do sono insidiava muitos dos cantores que, perdidos talvez na emissão de uma longa nota, confiantes na própria vaga do cântico, às vezes reclinavam a cabeça, tentados pela sonolência. Então os vigilantes, também naquela vaga, exploravam-lhes os rostos com o lume, um por um, para reconduzi-los à vigília, do corpo e da alma.

Foi por isso mesmo um vigilante o primeiro a perceber que Malaquias pendia de modo estranho, oscilando como se de repente tivesse caído nas névoas obscuras de um sono que provavelmente aquela noite não tinha dormido. Aproximou-se dele com a lâmpada, iluminando-lhe o rosto e atraindo desse modo a minha atenção. O bibliotecário não reagiu. O vigilante tocou-o, e este caiu pesadamente para a

frente. O vigilante mal teve tempo de sustentá-lo antes que ele tombasse.

O canto diminuiu, as vozes se apagaram, houve um breve alvoroço. Guilherme tinha se deslocado logo de seu lugar e precipitara-se para lá onde Pacifico de Tivoli e o vigilante estavam estendendo Malaquias no chão, exânime.

Alcançamo-los quase ao mesmo tempo que o Abade, e à luz da lâmpada vimos o rosto do infeliz. Já descrevi o aspecto de Malaquias, mas naquela noite, àquela luz, ele já era a imagem da própria morte. O nariz afilado, os olhos cavos, as têmporas encavadas, as orelhas brancas e contraídas com os lóbulos virados para fora, a pele do rosto já rija, esticada e seca, a cor das faces amarelada e empanada por uma sombra escura. Os olhos ainda estavam abertos e uma respiração dificultosa saía daqueles lábios ressecados. Abri a boca e, inclinado atrás de Guilherme que se inclinara sobre ele, vi agitar-se na arcada dentária uma língua já enegrecida. Guilherme ergueu-o abraçando-lhe as costas, enxugando-lhe com a mão um véu de suor que lhe empalidecia a fronte. Malaquias percebeu um toque, uma presença, olhou fixo diante de si, certamente sem enxergar, seguramente sem reconhecer quem estava à sua frente. Ergueu a mão trêmula, agarrou Guilherme pelo peito, puxando seu rosto quase a tocar o dele, depois abafada e roucamente proferiu algumas palavras: "Tinha-me dito... é verdade... tinha o poder de mil escorpiões..."

"Quem tinha te dito?" perguntou-lhe Guilherme. "Quem?"

Malaquias tentou falar ainda. Depois foi sacudido por um forte tremor e a cabeça tombou-lhe para trás. O rosto perdeu toda a cor, toda aparência de vida. Estava morto.

Guilherme levantou-se. Deu com o Abade a seu lado, e não lhe disse palavra. Depois viu, atrás do Abade, Bernardo Gui.

"Senhor Bernardo", perguntou Guilherme, "quem matou este, se vós encontrastes tão bem e aprisionastes os assassinos?"

"Não o pergunteis a mim", disse Bernardo. "Eu nunca afirmei ter assegurado à justiça todos os iníquos que andam por esta abadia. Tê-lo-ia feito de boa vontade, se tivesse podido", e fitou Guilherme. "Mas os demais agora os deixo à severidade... ou à excessiva indulgência do senhor Abade", falou, enquanto o Abade empalidecia em silêncio. E afastou-se.

Nesse ínterim ouvimos uma espécie de pipilar, um soluço abafado. Era Jorge, inclinado sobre seu genuflexório, sustentado por um monge que devia ter-lhe descrito o acontecido.

"Não terminará nunca..." disse com voz entrecortada. "Oh, Senhor, perdoa-nos

a todos!”

Guilherme inclinou-se ainda um momento sobre o cadáver. Tomou-lhe os pulsos, virando para a luz as palmas das mãos. As pontas dos três primeiros dedos da mão direita estavam escuras.

Sexto dia

LAUDES

Onde é eleito um novo celeireiro mas não um novo bibliotecário.

Já era hora das laudes? Era mais cedo ou mais tarde? Daquele momento em diante perdi o senso do tempo. Passaram talvez horas, talvez menos, em que o corpo de Malaquias ficou estendido na igreja sobre um catafalco, enquanto os confrades dispunham-se em leque. O Abade dava ordens para as próximas exéquias. Ouvi chamar a si Bêncio e Nicola de Morimondo. No correr de menos de um dia, disse, a abadia tinha sido privada do bibliotecário e do celeireiro. "Tu", disse a Nicola, "assumirás as funções de Remigio. Conheces o trabalho de muitos, aqui na abadia. Põe alguém por tua vez na guarda das forjas, provê as necessidades imediatas de hoje, na cozinha, no refeitório. Estás dispensado dos ofícios. Vai." Depois a Bêncio: "Justamente ontem à noite foste nomeado ajudante de Malaquias. Cuida da abertura do scriptorium e vigia para que ninguém suba sozinho à biblioteca." Bêncio fez timidamente notar que não tinha sido ainda iniciado nos segredos daquele lugar. O Abade fitou-o com severidade: "Ninguém disse que serás. Cuida que o trabalho não se detenha e sirva de prece aos irmãos mortos... e aos que ainda venham a morrer. Cada um trabalhará somente nos livros que já tem consigo, quem quiser poderá consultar o catálogo. Nada mais. Estás dispensado das vésperas porque a essa hora fecharás tudo."

"E como sairei?" perguntou Bêncio.

"É verdade, fecharei eu as portas de baixo após a ceia. Vai."

Saiu com eles, evitando Guilherme que tentava falar-lhe. No coro sobravam, num pequeno grupo, Alinardo, Pacifico de Tivoli, Aymaro de Alexandria e Pietro de Sant'Albano. Aymaro escarnecia.

"Agradeçamos ao Senhor", disse. "Morto o alemão corríamos o risco de ter um novo bibliotecário mais bárbaro ainda."

"Quem achais que será nomeado para seu lugar?" perguntou Guilherme.

Pietro de Sant'Albano sorriu de modo enigmático: "Após tudo o que aconteceu nesses dias, o problema não é mais o bibliotecário, porém o Abade..."

"Cala-te", disse-lhe Pacifico. E Alinardo, sempre com seu olhar absorto: "Cometerão outra injustiça... como na minha época. É preciso detê-los."

"Quem?" perguntou Guilherme. Pacifico tomou-o confidencialmente pelo braço e o acompanhou para longe do ancião, em direção à porta.

"Alinardo... tu sabes, nós o amamos muito, representa para nós a antiga tradição e os melhores dias da abadia... Mas às vezes fala sem saber o que diz. Todos estamos preocupados com o novo bibliotecário. Deverá ser digno, e maduro, e sábio... Eis tudo."

"Deverá conhecer o grego?" perguntou Guilherme.

"E o árabe, assim o quer a tradição, assim exige o ofício. Mas há muitos em nosso meio com esses dotes. Eu, modestamente, e Pietro, e Aymaro..."

"Bêncio sabe grego."

"Bêncio é muito jovem. Não sei por que Malaquias o escolheu ontem como seu ajudante, mas..."

"Adelmo conhecia o grego?"

"Acho que não. Aliás, não mesmo."

"Mas Venâncio o conhecia. E Berengário. Está bem, agradeço-te."

Saímos para ir arranjar alguma coisa na cozinha.

"Por que queríeis saber quem conhecia o grego?" perguntei.

"Porque todos os que morrem com os dedos pretos sabem o grego. Portanto não será mau esperar o próximo cadáver dentre os que sabem o grego. Eu inclusive. Tu estás salvo."

"E o que pensais das últimas palavras de Malaquias?"

"Tu as ouviste. Os escorpiões. A quinta trombeta anuncia dentre outras coisas a saída das locustas que atormentarão os homens com um ferrão semelhante ao do escorpião, tu sabes. E Malaquias nos fez saber que alguém lhe prenunciara isso."

"A sexta trombeta", disse, "anuncia cavalos com cabeças de leões de cuja boca sai fumaça e fogo e enxofre, montados por homens cobertos por couraças cor de fogo, jacinto e enxofre."

"Coisas demais. Porém o próximo crime poderia acontecer perto do estábulo dos cavalos. Será preciso ficar de olho ali. E preparemo-nos para o sétimo toque. Duas pessoas ainda, portanto. Quem são os candidatos mais prováveis? Se o objetivo é o segredo do finis Africae, os que o conhecem. E de meu conhecimento existe apenas o Abade. A menos que a trama não seja outra ainda. Ouviste há

pouco, estavam conspirando para depor o Abade, mas Alinardo falou no plural...”

“Será preciso prevenir o Abade”, eu disse.

“Do quê? Que o matarão? Não tenho provas convincentes. Eu procedo como se o assassino raciocinasse como eu. Mas se seguisse um outro caminho? E se, sobretudo, não houvesse um assassino?”

“O que estais querendo dizer?”

“Não sei exatamente. Mas como te disse, é preciso imaginar todas as ordens possíveis, e todas as desordens.”

Sexto dia

PRIMA

Onde Nicola conta muitas coisas, enquanto se visita a cripta do tesouro.

Nicola de Morimondo, em sua nova roupa de celeireiro, estava dando ordens aos cozinheiros, e estes lhe davam informações sobre os usos da cozinha. Guilherme queria falar-lhe, e ele nos pediu para esperar um instante. Depois, disse, deveria descer à cripta do tesouro para vigiar o trabalho de polimento das tecas, que ainda lhe competia, e lá teria mais tempo para conversar.

Pouco depois, de fato, convidou-nos a segui-lo, entrou na igreja, passou por trás do altar-mor (enquanto os monges dispunham um catafalco na nave, para velar os despojos de Malaquias), e nos fez descer uma escadinha, aos pés da qual nos encontramos numa sala de abóbadas muito baixas, sustidas por pilastras de pedra não lavrada. Estávamos na cripta em que se guardavam as riquezas da abadia, lugar de que o Abade era muito ciumento e que era aberto somente em circunstâncias excepcionais e para hóspedes de muito respeito.

Havia, ao redor, tecas de tamanho desigual, dentro das quais a luz das tochas (acendidas por dois fiéis ajudantes de Nicola) fazia resplandecer objetos de admirável beleza. Paramentos dourados, coroas áureas incrustadas de gemas, escrínios de vários metais lavrados com figuras, trabalhos de ourivesaria, marfins. Nicola nos mostrou extasiado um evangeliário cuja encadernação ostentava admiráveis placas de esmalte que compunham uma variegada unidade de compartimentos regulares, divididos por filigranas de ouro e presos, a modo de cravos, por pedras preciosas. Apontou-nos uma delicada edícula com duas colunas em lápis-lazúli e ouro que enquadravam uma deposição do sepulcro representada em fino baixo-relevo de prata, encimada por uma cruz de ouro incrustada de treze diamantes sobre um fundo de ônix variegado, enquanto o pequeno frontão era pespontado em ágata e rubis. Depois vi um díptico criselefantino dividido em cinco

partes, com cinco cenas da vida de Cristo, e no centro um místico cordeiro composto de alvéolos de prata dourada com amálgamas de vidro, única imagem policromada sobre um fundo de cérea brancura.

O rosto, os gestos de Nicola, enquanto nos mostrava aquelas coisas, estavam iluminados de orgulho. Guilherme elogiou as coisas que vira, depois perguntou a Nicola que tipo era Malaquias, afinal.

"Pergunta estranha", disse Nicola, "tu também o conhecias."

"Sim, mas não o suficiente. Nunca compreendi que pensamentos ocultava... e..." hesitou em pronunciar julgamentos sobre alguém que mal tinha desaparecido, "... e se os tinha."

Nicola umedeceu um dedo, passou-o sobre uma superfície de cristal não perfeitamente polida, e respondeu com um meio sorriso, sem olhar Guilherme no rosto: "Vês que não tem necessidade de fazer perguntas... É verdade, no dizer de muitos Malaquias parecia demasiado pensativo, mas era, ao contrário, um homem muito simples. Segundo Alinardo era um parvo."

"Alinardo guarda rancor de alguém por um acontecimento distante, quando lhe foi negada a dignidade de bibliotecário."

"Ouvi falar disso eu também, mas trata-se de uma história velha, remonta a cinqüenta anos pelo menos. Quando aqui cheguei era bibliotecário Roberto de Bobbio, e os velhos murmuravam sobre uma injustiça cometida, em prejuízo de Alinardo. Então não quis me aprofundar, porque me parecia faltar ao respeito para com os mais velhos e não queria envolver-me em murmurações. Roberto tinha um ajudante, que depois morreu, e no seu lugar foi nomeado Malaquias, ainda muito jovem. Muitos disseram que não tinha qualquer mérito, que afirmava saber o grego e o árabe e não era verdade, era apenas um ótimo macaco que copiava numa bela caligrafia os manuscritos naquelas línguas, mas sem compreender o que copiava. Dizia-se que um bibliotecário deve ser bem mais douto. Alinardo, que então era ainda um homem cheio de força, disse coisas muito amargas sobre a nomeação. E insinuou que Malaquias tinha sido posto naquele lugar para fazer o jogo de seu inimigo, mas não entendi de quem estava falando. Eis tudo. Sempre sussurraram que Malaquias defendia a biblioteca como um cão de guarda, mas sem compreender direito o que guardava. Por outro lado murmurou-se também contra Berengário, quando Malaquias o escolheu como seu ajudante. Dizia-se que ele também não era mais habilidoso que seu mestre, que era apenas um intrigante. Disseram igualmente que... Mas agora já terás ouvido tu também esses rumores... que havia uma estranha relação entre Malaquias e ele... Coisas antigas, depois

sabes que falaram de Berengário e Adelmo, e os escrivães jovens diziam que Malaquias sofria em silêncio de um ciúme atroz... E depois murmuravam também sobre as relações entre Malaquias e Jorge, não, não no sentido que podes pensar... ninguém nunca duvidou da virtude de Jorge! Porém Malaquias, como bibliotecário, por tradição, tivera que escolher o Abade como seu confessor, enquanto todos os demais se confessavam com Jorge (ou com Alinardo, mas o velho agora está quase demente)... Bem, dizia-se que apesar disso Malaquias confabulava freqüentemente com Jorge, como se o Abade dirigisse sua alma, mas Jorge regulasse seu corpo, seus gestos, seu trabalho. Por outro lado sabes, viste, provavelmente: se alguém queria uma indicação sobre um livro antigo e esquecido, não pedia a Malaquias, mas a Jorge. Malaquias guardava o catálogo e subia à biblioteca, mas Jorge sabia o que significava cada um dos títulos...”

“Por que Jorge sabia tantas coisas sobre a biblioteca?”

“Era o mais velho, depois de Alinardo, está aqui desde sua juventude. Jorge deve ter mais de oitenta anos, dizem que é cego há pelo menos quarenta anos ou mais...”

“Como fez para se tornar tão sábio antes da cegueira?”

“Oh, há lendas sobre ele. Parece que, menino ainda, tinha sido tocado pela graça divina e lá em Castela lia os livros dos árabes e dos doutores gregos ainda impúbere. E depois da cegueira, ainda agora, senta-se por longas horas na biblioteca, faz com que lhe recitem o catálogo, faz com que lhe tragam livros e um noviço lê para ele em voz alta durante horas. Ele se lembra de tudo, não é desmemoriado como Alinardo. Mas por que estás me perguntando tudo isso?”

“Agora que Malaquias e Berengário estão mortos, quem continua a possuir os segredos da biblioteca?”

“O Abade, e o Abade deverá agora transmiti-los a Bêncio... se quiser...”

“Por que se quiser?”

“Porque Bêncio é jovem, foi nomeado ajudante quando Malaquias estava vivo ainda, é diferente ser ajudante bibliotecário e bibliotecário. Por tradição, o bibliotecário torna-se depois Abade...”

“Ah, é assim... Por isso o cargo de bibliotecário é tão ambicionado. Mas então Abbone foi bibliotecário?”

“Não, Abbone não. Sua nomeação deu-se antes de eu chegar aqui, vai fazer trinta anos. Antes era Abade Paulo de Rimini, um homem curioso de quem se contam estranhas histórias: parece que era um leitor muito voraz, conhecia de cor todos os livros da biblioteca, mas tinha uma estranha enfermidade, não conseguia

escrever, chamavam-no Abbas agraphicus... Tornou-se abade muito jovem, dizia-se que tinha o apoio de Algirdas de Cluny, o Doctor Quadratus... Mas isso é conversa fiada dos monges. Em suma, Paulo tornou-se abade, Roberto de Bobbio tomou seu lugar na biblioteca, mas estava minado por um mal que o consumia, sabia-se que não poderia governar os destinos da abadia e quando Paulo de Rimini desapareceu...”

“Morreu?”

“Não, desapareceu, não sei como, um dia partiu para uma viagem e não voltou mais, talvez tenha sido morto por ladrões no decorrer da viagem... Em suma, quando Paulo desapareceu, Roberto não podia assumir o lugar dele e ocorreram certas tramas obscuras. Abbone — diz-se — era filho natural do senhor destas plagas, crescera na abadia de Fossanova, dizia-se que mocinho tinha assistido São Tomé quando lá morreu e cuidara do transporte daquele imenso corpo escadas abaixo de uma torre por onde o cadáver não conseguia passar... essa era sua glória, murmuravam os malignos aqui... O que importa é que foi eleito abade, ainda que não tivesse sido bibliotecário, e foi instruído por alguém, creio que por Roberto, sobre os mistérios da biblioteca.”

“E Roberto, por que foi eleito?”

“Não sei. Sempre procurei não investigar muito sobre essas coisas: as nossas abadias são lugares santos, mas em torno da dignidade abacial são entretecidas, às vezes, horríveis tramas. Eu estava interessado nos meus vidros e nos meus relicários, não queria me misturar a essas histórias. Mas estás entendendo agora por que não sei se o Abade quer instruir Bêncio, seria como se o designasse seu sucessor, um rapaz desconsiderado, um gramático quase bárbaro, do extremo norte, como poderia ficar sabendo sobre este país, sobre a abadia e sobre as suas relações com os senhores do lugar...”

“Mas também Malaquias não era italiano nem Berengário, no entanto foram preferidos para o cargo na biblioteca.”

“Eis um fato obscuro. Os monges murmuram que, já faz meio século, a abadia abandonou suas tradições... Por isso, há mais de cinqüenta anos, talvez antes, Alinardo aspirava à dignidade de bibliotecário. O bibliotecário sempre fora italiano, não faltam grandes engenhos nesta terra. E vês agora...” e aqui Nicola hesitou como se não quisesse dizer o que estava para dizer: “... vês, Malaquias e Berengário foram mortos, talvez, para que não se tornassem abades.”

Sacudiu-se, agitou a mão diante do rosto como para enxotar idéias pouco honestas, depois fez o sinal-da-cruz. “O que estou dizendo, afinal? Sabes, neste

país há muitos anos vêm acontecendo coisas vergonhosas, mesmo nos mosteiros, na corte papal, nas igrejas... Lutas para conquistar o poder, acusação de heresia para tirar de alguém uma prebenda... Que feio, eu estou perdendo a confiança no gênero humano, enxergo complôs e intrigas palacianas por toda parte. A isso devia ficar reduzida também a abadia, a este ninho de serpentes, surgido por magia oculta naquela que era uma urna de membros santos. Olha o passado deste mosteiro!"

Apontava-nos os tesouros espalhados à volta, e deixando de lado cruzes e outras alfaias, levou-nos para ver os relicários que constituíam a glória daquele lugar.

"Olhai", dizia, "esta é a ponta da lança que atravessou a costela do Salvador!" Era uma caixa de ouro, de tampa de cristal, onde, em cima de um coxim de púrpura, estava um pedaço de ferro de forma triangular, já roído pela ferrugem, mas agora reconduzido ao vivo esplendor por um demorado trabalho de óleos e ceras. Mas isso não era nada. Porque numa outra caixa de prata, incrustada de ametistas, e cuja parede anterior era transparente, vi um pedaço do lenho venerando da santa cruz, trazido à abadia pela própria rainha Helena, mãe do imperador Constantino, após ter peregrinado aos lugares santos e mandado desenterrar a colina do Gólgota e o santo sepulcro, construindo ali uma catedral.

Depois Nicola nos fez ver outras coisas, e de todas não saberei falar, por sua quantidade e sua raridade. Havia, numa urna toda de água-marinha, um cravo da cruz. Havia, numa ampola, pousado num leito de pequenas rosas murchas, um pedaço da coroa de espinhos, e numa outra caixa, sempre em cima de uma colcha de flores secas, uma nesga da toalha da última ceia. E depois havia a bolsa de São Mateus, em malhas de prata, e num cilindro, atado por um nastro violeta esgarçado pelo tempo e lacrado em ouro, um osso do braço de Santana. Vi, maravilha das maravilhas, encimada por uma campânula de vidro e sobre uma almofada vermelha pespontada de pérolas, um pedaço da manjedoura de Belém, e um palmo da túnica purpurina de São João Evangelista, duas das correntes que prenderam os tornozelos do apóstolo Pedro em Roma, o crânio de Santo Adalberto, a espada de Santo Estêvão, uma tíbia de Santa Margarida, um dedo de São Vital, uma costela de Santa Sofia, o queixo de Santo Eobano, a parte superior da omoplata de São Crisóstomo, o anel de noivado de São José, um dente do Batista, a verga de Moisés, um bordado dilacerado e finíssimo do hábito nupcial da Virgem Maria.

E depois outras coisas que não eram relíquias, mas sempre representavam, no

entanto, testemunhos de prodígios e de seres prodigiosos de terras distantes, trazidos à abadia por monges que tinham viajado até os extremos confins do mundo: um basilisco e uma hidra empalhados, um chifre de unicórnio, um ovo que um eremita encontrara dentro de um outro ovo, um pedaço de maná que alimentou os hebreus no deserto, um dente de baleia, uma noz de coco, o úmero de uma besta antediluviana, a presa de marfim de um elefante, a costela de um delfim. E depois outras relíquias ainda que eu não reconheci, de que talvez eram mais preciosos os relicários e algumas (a julgar pela fatura de seus recipientes, de prata escurecida) antiqüíssimas, uma série infinita de fragmentos de ossos, de tecidos, de madeira, de metal, de vidro. E ampolas com pós escuros, uma das quais eu soube que continha os detritos carbonizados da cidade de Sodoma, e outra, cal das muralhas de Jericó. Coisas essas, mesmo as mais modestas, pelas quais um imperador teria dado mais que um feudo, e que constituíam uma reserva não só de imenso prestígio mas também de verdadeira riqueza material para a abadia que nos hospedava.

Eu continuava a vagar estonteado, pois Nicola já deixara de nos descrever os objetos, que de resto vinham descritos cada um por seu cartão, já livre agora para vagar quase ao acaso por aquela reserva de maravilhas inestimáveis, às vezes admirando aquelas coisas em plena luz, às vezes entrevendo-as na semi-obscuridade, enquanto os acólitos de Nicola se postavam num outro ponto da cripta com suas tochas. Estava fascinado com aquelas cartilagens amareladas, místicas e repugnantes ao mesmo tempo, transparentes e misteriosas, com os retalhos de roupas de tempos imemoriais, desbotados, esfiapados, às vezes trapos dentro de uma ampola como um manuscrito descorado, com aquelas matérias esmigalhadas que se confundiam com o tecido que lhe servia de almofada, detritos santos de uma vida que foi animal (e racional) e agora, aprisionados em edifícios de cristal ou de metal que imitavam, em sua minúscula dimensão, a ousadia das catedrais de pedra com suas torres e suas agulhas, pareciam transformados também eles em substância mineral. Quer dizer então que os corpos dos santos esperam sepultos a ressurreição da carne? Dessas lascas iriam se recompor aqueles organismos que no fulgor da visão divina, reconquistando toda sua natural sensibilidade, perceberiam, como escrevia Piperno, também as mínimas differentias odorum?

Fui tirado de minhas meditações por Guilherme, que me tocava o ombro: "Eu vou indo", disse. "Subo ao scriptorium, tenho ainda que consultar algumas coisas..."

"Mas não se poderá ter os livros", disse, "Bêncio recebeu ordem..."

"Devo só examinar mais um pouco os livros que estava lendo outro dia, e ainda

estão todos no scriptorium sobre a mesa de Venâncio. Tu, se queres, fica aqui. Esta cripta é uma boa epítome aos debates sobre a pobreza que assististe nestes dias. E agora sabes pelo que esses teus confrades se esfolam, quando aspiram à dignidade abacial."

"Mas vós acreditastes naquilo que Nicola vos sugeriu? Os crimes dizem respeito então a uma luta pela investidura?"

"Já te disse que por ora não quero arriscar hipóteses em voz alta. Nicola disse muitas coisas. E algumas me interessaram. Mas agora vou seguir uma outra pista ainda. Ou talvez a mesma, mas por um outro lado. E tu não fiques muito encantado com essas tecas. Fragmentos da cruz eu vi muitos outros, em outras igrejas. Se todos fossem autênticos, Nosso Senhor não teria sido supliciado sobre duas achas cruzadas, mas sobre uma floresta inteira."

"Mestre!" disse escandalizado.

"É assim, Adso. E há tesouros mais ricos ainda. Faz tempo, na catedral de Colônia, vi o crânio de João Batista aos doze anos de idade."

"Verdade?" exclamei admirado. Depois, invadido por uma dúvida: "Mas o Batista foi morto em idade mais avançada!"

"O outro crânio deve estar num outro tesouro", disse Guilherme com o rosto sério. Não entendia nunca quando estava zombando. Nas minhas terras, quando se brinca, se diz uma coisa e depois se ri com muito barulho, de modo que todos participem da brincadeira. Guilherme, ao contrário, ria só quando dizia coisas sérias, e se mantinha seriíssimo quando presumivelmente estava zombando.

Sexto dia

TERÇA

Onde Adso, escutando o Dies irae, tem um sonho ou visão como se queira dizer.

Guilherme cumprimentou Nicola e subiu ao scriptorium. Eu agora tinha visto o suficiente do tesouro, e decidi ir à igreja para rezar pela alma de Malaquias. Nunca gostara daquele homem, que me dava medo, e não escondo que por muito tempo eu o acreditei culpado de todos os crimes. Agora tinha aprendido que talvez fosse um coitado, oprimido pelas paixões insatisfeitas, vaso de barro entre vasos de ferro, sombrio porque perdido, silencioso e elusivo porque consciente de não ter nada a dizer. Sentia certo remorso em relação a ele e pensei que a prece por seu destino sobrenatural poderia aquietar meus sentimentos de culpa.

A igreja estava agora iluminada por um clarão tênue e lívido, dominada pelos despojos do desventurado, habitada pelo sussurro uniforme dos monges que recitavam o ofício dos mortos.

O mosteiro de Melk assistira várias vezes os falecimentos de um confrade. Era uma circunstância que não posso dizer alegre mas que me parecia mesmo assim serena, regulada pela calma e por um difuso senso de justiça. Cada um se alternava na cela do moribundo, confortando-o com palavras boas, e cada um pensava em seu coração quão beato era o moribundo, porque estava para coroar uma vida virtuosa e dentro em pouco estaria unido ao coro dos anjos, no gáudio que nunca acaba. E parte dessa serenidade, o aroma daquela santa inveja, comunicava-se ao moribundo, que por fim falecia sereno. Quão diferentes tinham sido as mortes daqueles últimos dias! Vira finalmente de perto como morria uma vítima dos diabólicos escorpiões do finis Africae, e certamente tinham morrido desse modo também Venâncio e Berengário, buscando conforto na água, o rosto já contraído como o de Malaquias...

Sentei-me no fundo da igreja, reclinei-me sobre mim mesmo para combater o

frio. Senti um pouco de calor, movi os lábios para unir-me ao coro dos confrades orantes. Seguia-os sem quase me dar conta do que diziam os meus lábios, com a cabeça que me balançava e os olhos que se fechavam. Passou muito tempo, creio ter adormecido e acordado pelo menos três ou quatro vezes. Depois o coro entoou o Dies irae... O salmodiar envolveu-me como um narcótico. Adormeci por completo. Ou quem sabe, mais que adormecer, caí exausto num agitado torpor, encolhido sobre mim mesmo, como uma criatura trancada ainda no ventre da mãe. E naquela névoa da alma, encontrando-me como que numa região que não era deste mundo, tive uma visão, ou sonho que fosse.

Penetrava por uma escada estreita num funil baixo e fechado, como se entrasse na cripta do tesouro, mas chegava, sempre descendo, numa cripta mais ampla que eram as cozinhas do Edifício. Eram certamente as cozinhas, não só operosas de fornos e panelas, mas igualmente de foles e martelos, como se ali tivessem se acomodado também os ferreiros de Nicola. Era tudo um vislumbre vermelho de estufas e caldeiras, e caldeirões borbulhantes que soltavam fumaça enquanto à superfície de seus líquidos subiam grandes bolhas crepitantes que depois estouravam de repente com um ruído surdo e contínuo. Os cozinheiros arremessavam espetos pelo ar, enquanto os noviços, reunidos todos ali, davam pulos para capturar os frangos e outras aves espetadas naqueles ferros em brasa. Mas, ao lado, os ferreiros martelavam com tal força que todo o ar ficava ensurdecido, e nuvens de fagulhas erguiam-se das bigornas confundindo-se com as cuspidas pelos dois fornos.

Não entendia se me encontrava no inferno ou num paraíso como o poderia ter concebido Salvatore, gotejante de molhos e palpitante de salsichões. Mas não tive tempo de me perguntar onde estava, pois uma turma de homúnculos, de anõezinhos com a cabeça grande em forma de panela, entraram correndo e, arrastando-me em seu ímpeto, empurraram-me para a soleira do refeitório, obrigando-me a entrar.

A sala estava enfeitada para festa. Grandes tapizes e estandartes pendiam das paredes, mas as imagens que os adornavam não eram aquelas que de hábito fazem apelo à piedade dos fiéis ou celebram as glórias dos reis. Elas pareciam muito mais inspiradas nas marginalia de Adelmo e, de suas imagens, reproduziram as menos tremendas e as mais bufonescas: lebres que dançavam ao redor do mastro-de-cocanha, rios percorridos por peixes que se jogavam espontaneamente na frigideira, estendida por macacos vestidos de bispos-cozinheiros, monstros de ventre pingue que dançavam em torno de marmitas fumegantes.

No centro da mesa estava o Abade, vestido em gala, com uma grande veste de púrpura recamada, empunhando seu garfo como um cetro. A seu lado, Jorge bebia um grande bocal de vinho, e o celeireiro, vestido como Bernardo Gui, lia virtuosamente de um livro em forma de escorpião as vidas dos santos e os trechos do evangelho, mas eram relatos dizendo de Jesus que zombava com o apóstolo recordando-lhe que era uma pedra e sobre aquela pedra desavergonhada que rolava pela planície fundaria sua igreja, ou o relato de São Jerônimo que comentava a Bíblia dizendo que Deus queria desnudar as costas de Jerusalém. E a cada frase do celeireiro Jorge ria batendo o punho em cima da mesa e gritava: "Tu serás o próximo Abade, ventre de Deus!", dizia assim mesmo, Deus me perdoe.

A um sinal festivo do Abade entrou o cortejo das virgens. Era uma fúlgida fileira de mulheres ricamente vestidas, no meio das quais pareceu-me de início distinguir minha mãe, depois dei-me conta do engano, porque se tratava certamente da moça terrível como exército a postos para a batalha. Salvo que trazia na cabeça uma coroa de pérolas brancas, em duas voltas, e mais duas cascatas de pérolas desciam-lhe de cada um dos lados do rosto, confundindo-se com outras duas fileiras de pérolas que lhe pendiam no peito, e a cada pérola estava preso um diamante grande como uma ameixa. Além disso, de ambas as orelhas descia um fio de pérolas azuis que se juntavam numa gargantilha na base do pescoço, branco e ereto como uma torre do Líbano. O manto era cor de múrice, e na mão tinha uma taça de ouro incrustada de diamantes na qual soube, não sei como, que estava contido o ungüento mortal roubado um dia a Severino. Seguiam esta mulher, bela como a aurora, outras figuras muliebres, uma vestida com um manto branco recamado sobre uma veste escura adornada por uma dupla estola de ouro pespontada de flores do campo; a segunda tinha um manto de damasco amarelo, sobre uma veste cor-de-rosa pálido constelada de folhas verdes e com dois grandes quadrados tecidos em forma de labirinto marrom; e a terceira tinha o manto vermelho e a veste cor de esmeralda entretecida de pequenos animais vermelhos, e trazia nas mãos uma estola recamada e branca; e das outras não reparei nas vestes, porque tentava compreender quem eram aquelas que acompanhavam a moça, que agora se assemelhava à Virgem Maria; e como se cada uma trouxesse na mão, ou lhe saísse da boca um cartão, soube que eram Rute, Sara, Susana e outras mulheres da sagrada escritura.

Àquela altura o Abade gritou: "Traete, filii de puta!" e entrou no refeitório uma outra fileira composta de personagens sagrados, que reconheci muito bem, austera e esplendidamente ataviados, e no meio da fileira estava alguém sentado no trono,

que era Nosso Senhor mas era ao mesmo tempo Adão, vestido com um manto purpurino e um grande diadema vermelho e branco de rubis e pérolas a prender o manto nos ombros, na cabeça uma coroa igual àquela da moça, na mão uma taça maior, cheia do sangue dos porcos. Outras personagens santíssimas de que falarei, todas conhecidíssimas minhas, faziam-lhe roda, mais uma tropa de arqueiros do rei de França, vestidos ora de verde ora de vermelho, com um escudo esmeraldino no qual sobressaía o monograma de Cristo. O chefe da brigada foi render homenagem ao Abade estendendo-lhe a taça e dizendo: "São ko akelas terras para akeles fins ke kem kontem, trinta anos as possuis parte sancti Benedicti." A que o Abade respondeu: "Age primum et septimum de quatuor" e todos entoaram: "In finibus Africae, amen." Então todos sederunt.

Assim desatadas, as duas fileiras opostas, a uma ordem do Abade Salomão, se dispuseram a arrumar as mesas, Jacomo e André trouxeram um fardo de feno, Adão ajeitou-se no meio, Eva reclinou-se sobre uma folha, Caim entrou arrastando o arado, Abel veio com um balde para mungir Brunello, Noé fez uma entrada triunfal remando em cima da arca, Abraão sentou-se embaixo de uma árvore, Isaac deitou-se no altar de ouro da igreja, Moisés acocorou-se sobre uma pedra, Daniel apareceu sobre um palco fúnebre de braço com Malaquias, Tobias estirou-se numa cama, José trepou num módio, Benjamim se estendeu em cima de um saco e depois ainda, mas aqui a visão se tornava confusa, Davi ficou sobre um montículo, João no chão, Faraó na areia (naturalmente, eu me disse, mas por quê?), Lázaro em cima da mesa, Jesus na borda do poço, Zaqueu nos galhos de uma árvore, Mateus num escabelo, Raab numa estopa, Rute na palha, Tecla no peitoril da janela (de fora aparecendo o rosto pálido de Adelmo que a avisava que se podia também cair, lá embaixo, no precipício), Susana no horto, Judas entre as tumbas, Pedro na cátedra, Jacomo numa rede, Elias numa sela, Raquel num embrulho. E Paulo apóstolo, deposta a espada, escutava Esaú que resmungava, enquanto Jó gania no esterco e corriam em seu auxílio Rebeca com uma roupa, Judite com um cobertor, Agar com uma mortalha, e alguns noviços traziam um grande caldeirão fumegante do qual pulava fora Venâncio de Salvemec, inteirinho vermelho, que começava a distribuir chouriços de porco.

O refeitório estava cada vez mais apinhado e todos comiam gulosamente, Jonas trazia à mesa abóboras, Isaías legumes, Ezequiel amoras, Zaqueu flores de sicômoro, Adão limões, Daniel tremoços, Faraó pimentões, Caim cardos, Eva figos, Raquel maçãs, Ananias ameixas graúdas como diamantes, Lia cebolas, Arão azeitonas, José um ovo, Noé uva, Simeão caroços de pêssego, enquanto Jesus

cantava o Dies irae e alegremente derramava sobre todas as comidas o vinagre que espremia de uma esponja que pegara da lança de um dos arqueiros do rei de França.

"Meus filhos, meus cordeirinhos", disse nesse momento o Abade agora já bêbado, "não podeis cear vestidos assim como esfarrapados, vinde, vinde." E apertava o primeiro e o sétimo dos quatro que despontavam disformes como espectros, do fundo do espelho, o espelho era feito em cacos e dele caíam no chão, ao longo das salas do labirinto, vestes multicores incrustadas de pedras, todas sujas e rasgadas. E Zaqueu pegou uma veste branca, Abraão uma passarinha, Lot uma cor-de-enxofre, Jonas azulada, Tecla avermelhada, Daniel leonina, João tridina, Adão cor-de-saco, Judas em moedas de prata, Raab escarlate, Eva cor da árvore do bem e do mal, e uma pegava colorina, outro espartarcina, outro cardina e outro marinha, outro arvorina e outro muricina, ou então ferrugem e preta e jacinto e cor de fogo e enxofre, e Jesus pavoneava-se numa veste colombina e rindo acusava Judas de não saber nunca brincar em santa alegria.

E a essa altura Jorge, tirando os vitra ad legendum, acendeu um sarçal ardente para o qual Sara trouxera a lenha, Jefté a apanhara, Isaac a carregara, José a cortara, e enquanto Jacó abria o poço e Daniel sentava-se junto ao lago, os servos traziam água, Noé vinho, Agar um odre, Abraão um bezerro que Raab amarrou a um pau enquanto Jesus esticava a corda e Elias amarrava-lhes os pés: depois Absalão suspendeu-o pelos cabelos, Pedro deu a espada, Caim o matou, Herodes derramou-lhe o sangue, Sem jogou fora as vísceras e o esterco, Jacó pôs o óleo, Molessadão o sal, Antioco o pôs no fogo, Rebeca o cozinhou e Eva o provou primeiro e soube-lhe mal, mas Adão dizia para não pensar nisso e batia nas costas de Severino que aconselhava acrescentar-lhe ervas aromáticas. Então Jesus partiu o pão, distribuiu os peixes, Jacó gritava porque Esaú tinha comido todas as suas lentilhas, Isaac estava devorando um cabrito ao forno e Jonas uma baleia cozida, e Jesus permaneceu em jejum durante quarenta dias e quarenta noites.

Entretanto todos entravam e saíam trazendo caça prelibada de todo formato e cor, da qual Benjamim pegava para si sempre a parte maior e Maria a parte melhor, enquanto Marta se queixava de sempre ter que lavar todos os pratos. Depois dividiram o bezerro que no ínterim se tornara enorme e João ficou com a cabeça. Absalão com o cachaço, Arão com a língua, Sansão com a queixada, Pedro com a orelha, Holofernes com a testa, Lia com a bunda, Saul com o pescoço, Jonas com a barriga, Tobias com o fel, Eva com a costela, Maria com a teta, Isabel com a vulva, Moisés com o rabo, Lot com as pernas e Ezequiel com os ossos. No entanto

Jesus devorava um asno, São Francisco um lobo, Abel uma ovelha, Eva uma moréia, Batista uma locusta, Faraó um pólipo (naturalmente, eu me disse, mas por quê?) e Davi comia cantáridas lançando-se sobre a moça nigra sed formosa enquanto Sansão mordia os costados de um leão e Tecla fugia gritando, perseguida por uma aranha negra e peluda.

Todos estavam evidentemente bêbados agora, e uns escorregavam no vinho, uns caíam nos caldeirões despontando apenas com as pernas cruzadas como dois paus, e Jesus tinha todos os dedos pretos e oferecia folhas de livros dizendo tomai e comei, esses são os enigmas de Sinfosio, entre os quais aquele do peixe que é filho de Deus e vosso Salvador. E todos bebendo, Jesus do passito, Jonas do marsico, Faraó do sorrento (por quê?), Moisés do gaditano, Isaac do cretense, Arão do adriano, Zaqueu do arbustino, Tecla do arsino, João do albano, Abel do campano, Maria do signino, Raquel do florentino.

Adão gorgulhava de bruços e o vinho saía-lhe pela costela, Noé maldizia Cam em sono, Holofernes roncava sem desconfiar, Jonas dormia pesado, Pedro velava até o canto do galo e Jesus acordou de repente ouvindo Bernardo Gui e Bertrando do Poggetto que pensavam em queimar a moça; e gritou, pai, se é possível afasta de mim este cálice! E uns serviam mal, uns bebiam bem, uns morriam rindo e uns riam morrendo, uns traziam ampolas e uns bebiam nos copos dos outros. Susana gritava que nunca daria seu belo corpo branco ao celeireiro e a Salvatore por um mísero coração de boi, Pilatos andava pelo refeitório como uma alma penada pedindo água para as mãos e frei Dulcino, com a pluma no chapéu, a trazia, depois abria a veste gargalhando e mostrava as pudendas vermelhas de sangue, enquanto Caim caçoava dele abraçando a bela Margherita de Trento: e Dulcino se punha a chorar e ia encostar a cabeça no ombro de Bernardo Gui chamando-o de papa angélico, Ubertino consolava-o com uma árvore da vida, Michele de Cesena com uma bolsa de ouro, as Marias passavam-lhe ungüentos e Adão o convencia a morder uma maçã recém-colhida.

E então se abriram as abóbadas do Edifício e desceu do céu Roger Bacon, em cima de uma máquina voadora, único homine regente. Depois Davi tocou a cítara, Salomé dançou com seus sete véus e a cada véu que caía soava uma das sete trombetas e mostrava um dos sete selos, até que ficou unicamente amicta sole. Todos diziam que nunca se vira uma abadia tão alegre e Berengário levantava a roupa de todo mundo, homens e mulheres, beijando seus ânus. E teve início uma dança, Jesus vestido de mestre, João de guardião, Pedro de gladiador, Nembrote de caçador, Judas de delator, Adão de jardineiro, Eva de tecelã, Caim de ladrão,

Abel de pastor, Jacó de mensageiro, Zacarias de sacerdote, Davi de rei, Jubal de citarista, Jacomo de pescador, Antioco de cozinheiro, Rebeca de aguadeira, Molessadão de idiota, Marta de serva, Herodes de louco furioso, Tobias de médico, José de carpinteiro, Noé de bêbado, Isaac de camponês, Jó de homem triste, Daniel de juiz, Tamar de prostituta, Maria de patroa que ordenava os servos para trazerem mais vinho, porque o desnaturado de seu filho não queria transformar a água.

Foi então que o Abade ficou tocado nos brios, porque, dizia, ele tinha organizado uma festa tão bonita e ninguém lhe dava nada: e todos se revezaram então para trazer-lhe doações e tesouros, um touro, uma ovelha, um leão, um camelo, um cervo, um bezerro, uma jumenta, um carro solar, o queixo de Santo Eobano, a cauda da Santa Morimonda, o útero de Santa Arundalina, a nuca de Santa Burgosina, cinzelada como uma taça aos doze anos de idade, e uma cópia do Pentagonun Salomonis. Mas o Abade se pôs a gritar que assim fazendo tentavam desviar sua atenção e na verdade saqueavam-lhe a cripta do tesouro, na qual todos nos encontrávamos agora, e que tinha sido roubado um livro preciosíssimo que falava dos escorpiões e das sete trombetas, e chamava os arqueiros do rei de França para que revistassem todos os suspeitos. E foram encontrados, para o desdouro de todos, uma tira variegada com Agar, um selo de ouro com Raquel, um espelho de prata no seio de Tecla, um sifão de bebida debaixo do braço de Benjamim, uma coberta de seda entre as vestes de Judite, uma lança na mão de Longino e a mulher de um outro nos braços de Abimelec. Mas o pior aconteceu quando encontraram um galo preto com a moça, preta e belíssima como um gato da mesma cor, e a chamaram de bruxa e pseudo-apóstolo de modo que todos se jogaram em cima dela para puni-la. O Batista a decapitou, Abel a degolou, Adão a enxotou, Nabucodonosor escreveu-lhe com a mão em brasa signos zodiacais no seio, Elias a raptou num carro de fogo, Noé mergulhou-a na água, Lot a transformou numa estátua de sal, Susana a acusou de luxúria, José a traiu com outra, Ananias a fincou numa fornalha, Sansão acorrentou-a, Paulo flagelou-a, Pedro crucificou-a de cabeça para baixo, Estêvão lapidou-a, Lourenço tostou-a na grelha, Bartolomeu esfolou-a, Judas denunciou-a, o celeireiro queimou-a, e Pedro negava tudo. Depois todos se lançaram sobre aquele corpo jogando-lhe excrementos em cima, peidando-lhe na cara, urinando-lhe na cabeça, vomitando-lhe no seio, arrancando-lhe os cabelos, golpeando-lhe as costas com tochas ardentes. O corpo da moça, antes tão bela e tão doce, agora estava sendo descarnado, subdividindo-se em fragmentos que se espalhavam pelas tecas e pelos

relicários de cristal e ouro da cripta. Ou seja, não era o corpo da moça que ia povoar a cripta, eram os fragmentos da cripta que pouco a pouco, em turbilhão, se compunham para formar o corpo da moça, já agora coisa mineral, e depois novamente se decompunham, espalhando-se, pulvísculo sagrado de segmentos acumulados por desatinada impiedade. Agora era como se um único corpo imenso tivesse no curso dos milênios se dissolvido em suas partes e essas partes tivessem sido dispostas para ocupar a cripta inteira, mais refulgente, porém não diferente do ossário dos monges mortos, e como se a forma substancial do próprio corpo humano, obra-prima da criação, tivesse se fragmentado em formas acidentais plurimas e separadas, tornando-se assim imagem do próprio contrário, forma não mais ideal mas terrena, de poeira e de tiras fétidas, capazes de significar unicamente morte e destruição...

Já não reconhecia mais as personagens do ágape, e os dons que tinham deixado, era como se todos os hóspedes do simpósio estivessem agora na cripta, cada um mumificado num detrito próprio, cada um uma diáfana sinédoque de si mesmo, Raquel como um osso, Daniel como um dente, Sansão como um maxilar, Jesus como um trapo de veste purpurina. Como se no fim do ágape, transformando-se a festa no massacre da moça, este se tornasse o massacre universal e ali eu visse o resultado final, os corpos (o que digo? Todo o corpo terrestre e sublunar daqueles comensais famélicos e sedentos) transformados num único corpo morto, dilacerado e torturado como o corpo de Dulcino após o suplício, transformado num imundo e resplandecente tesouro, estendido em toda sua superfície como a pele de um animal esfolado e pendurado, que no entanto contivesse, ainda petrificadas, com as peles, as vísceras e todos os órgãos, e os próprios traços do rosto. A pele com cada uma de suas pregas, rugas e cicatrizes, com seus planos aveludados, com a floresta dos pêlos, da cútis, do peito, e das pudendas, tornadas um suntuoso damasco, e os seios, as unhas, as formações córneas sob o calcanhar, os filamenta dos cílios, a matéria aquosa dos olhos, a polpa dos lábios, a fina espinha da coluna, a arquitetura dos ossos, tudo reduzido a farinha arenosa, sem que nada tivesse porém perdido a própria figura e disposição recíproca, as pernas esvaziadas e murchas como botas, sua carne disposta ao lado como uma casula com todos os arabescos vermelhos das veias, o monte cinzelado das vísceras, o intenso e mucoso rubi do coração, a fileira perlácea dos dentes todos iguais dispostos em colar, com a língua qual um penduricalho rosa e azul, os dedos alinhados como círios, a marca do umbigo amarrando os fios do tapete estendido do ventre... Por toda parte, na cripta, agora escarnecia de mim,

sussurrava-me, convidava-me à morte aquele macrocorpo subdividido em urnas e relicários e no entanto reconstruído em sua vasta e irracional totalidade, e era o mesmo corpo que na ceia comia e dava cambalhotas obscenas e aqui me aparecia ao contrário agora presa da intangibilidade de sua ruína surda e cega. E Ubertino, agarrando-me pelo braço, até cravar as unhas na carne, me sussurrava: "Vê, é a mesma coisa, aquele que antes triunfava em sua loucura e que se deleitava com seu jogo, agora está aqui punido e premiado, liberado da sedução das paixões, enrijecido pela eternidade, entregue ao gelo eterno que o conserva e purifica, subtraído à corrupção através do triunfo da corrupção, porque nada mais poderá reduzir a pó aquilo que já é pó e substância mineral, mors est quies viatoris, finis est omnis laboris..."

Mas de repente Salvatore entrou na cripta, flamejante como um diabo, e gritou: "Estúpido! Não estás vendo que esta é a grande besta liotarda do livro de Jó? De que tens medo, meu patrãozinho? Olha o pastel de queijo!" E de repente a cripta se iluminou de fulgores avermelhados e era novamente a cozinha, porém mais que uma cozinha, era o interior de um grande ventre, mucoso e viscoso, e no meio um bicho preto como um corvo e com mil mãos, acorrentado a uma grande grade, que alongava aqueles seus membros para pegar todos que lhe estavam à volta, e como o aldeão quando tem sede espreme o cacho da uva, assim o bichão apertava quem tinha capturado de tal modo que os quebrava todos com as mãos, a alguns as pernas, a outros a cabeça, fazendo disso depois uma grande comilança, arrotando um fogo que parecia mais fétido que o enxofre. Porém, mistério admirável, a cena não me incutia mais medo e surpreendia-me a olhar com familiaridade para aquele "bom diabo" (assim pensei) que no fim de tudo não era senão Salvatore, porque do corpo humano mortal, de seus sofrimentos e de sua corrupção, agora sabia tudo e não temia mais nada. De fato, à luz da chama, que agora parecia gentil e convivial, revi todos os convivas da ceia, já restituídos à sua forma, que cantavam afirmando que tudo recomeçava, e entre eles a moça, íntegra e belíssima, que me dizia: "Não é nada, não é nada, verás que depois retorno mais bela que antes, deixa que eu vá só um momento queimar na fogueira, depois nos reveremos aqui dentro!" E me mostrava, Deus me perdoe, sua vulva, na qual entrei e me achei numa caverna belíssima, que parecia o vale ameno da idade do ouro, orvalhada de águas e frutas e árvores nas quais cresciam pasteizinhos de queijo. E todos estavam agradecendo ao Abade pela bela festa, e manifestavam-lhe seu afeto e bom humor dando-lhe tapas, pontapés, arrancando-lhe a roupa, jogando-o no chão, batendo-lhe na verga com as vergas, enquanto ele ria e pedia para não lhe fazerem mais cócegas. E a

cavalo em cavalos que lançavam nuvens de enxofre pelo nariz entraram os frades de vida pobre que traziam à cinta bolsas cheias de ouro com as quais convertiam lobos em cordeiros e cordeiros em lobos e os coroavam imperadores com o beneplácito da assembléia do povo que aplaudia a infinita onipotência de Deus. "Ut cachinnis dissolvatur, torqueatur rictibus!" gritava Jesus agitando a coroa de espinhos. Entrou o papa João imprecando contra a confusão e dizendo: "Desse modo não sei onde iremos parar!" Mas todos o ridicularizavam e, com o Abade à frente, saíram com os porcos para procurar trufas na floresta. Eu estava prestes a segui-los, quando vi Guilherme num canto saindo do labirinto, e tinha na mão o magnete que o arrastava velozmente para o norte. "Não me deixeis, mestre!" gritei. "Quero ver eu também o que há no finis Africae!"

"Já viste!" respondeu-me Guilherme agora distante. E acordei enquanto terminavam na igreja as últimas palavras do canto fúnebre:

Lacrimosa dies illa
qua resurget ex favilla
iudicandus homo reus:
huic ergo parce deus!
Pie Iesu domine
dona eis requiem.

Sinal que a minha visão, se não tinha durado, fulmínea como todas as visões, a duração de um amém, tinha durado pouco menos que um Dies irae.

Sexto dia

APÓS A TERÇA

Onde Guilherme explica a Adso seu sonho.

Saí transtornado pelo portal principal e encontrei-me diante de uma pequena multidão. Eram os franciscanos que estavam partindo, e Guilherme descera para se despedir.

Uni-me aos adeuses, aos abraços fraternos. Depois perguntei a Guilherme quando partiriam os outros, com os prisioneiros. Disse-me que tinham partido meia hora antes, enquanto nós estávamos no tesouro, talvez, pensei, enquanto eu já estava sonhando.

Fiquei consternado por um átimo, depois me recobrei. Melhor assim. Não teria podido suportar a visão dos condenados (digo o pobre desgraçado celeireiro, Salvatore... e claro, digo a moça também), arrastados para longe e para sempre. E depois ainda estava tão perturbado com meu sonho que meus próprios sentimentos tinham como que enregelado.

Enquanto a caravana dos menoritas dirigia-se para a porta de saída da muralha, Guilherme e eu permanecemos na frente da igreja, ambos melancólicos, ainda que por razões diferentes. Depois decidi contar o sonho a meu mestre. Embora a visão tivesse sido multiforme e ilógica, lembrava-me dela com extraordinária lucidez, imagem por imagem, gesto por gesto, palavra por palavra. E assim eu a contei, sem descuidar de nada, porque sabia que os sonhos são freqüentemente mensagens misteriosas em que as pessoas doutas podem ler claríssimas profecias.

Guilherme escutou-me em silêncio, depois me perguntou: "Tu sabes o que sonhaste?"

"Aquilo que vos disse..." respondi desconcertado.

"Claro, entendi. Mas tu sabes que em grande parte o que me contaste já foi escrito? Inseriste pessoas e acontecimentos destes dias num quadro que já conhecias, porque a trama do sonho já deves tê-la lido nalgum lugar, ou te

contaram quando criança, na escola, no convento. É a Coena Cypriani."

Fiquei perplexo por um instante. Depois me lembrei. Era verdade! Talvez tivesse esquecido o título, mas que monge adulto ou noviço irrequieto não sorriu ou riu com as várias visões, em prosa ou em verso, dessa história que pertence à tradição do rito pascal e dos ioca monachorum? Proibida ou vituperada pelos mais austeros dentre os mestres dos noviços, não há todavia convento em que os monges não a sussurrassem entre si em voz baixa, diferentemente resumida e reajustada, enquanto alguns piamente a transcreviam, asserindo que sob o véu da alegria ela escondia secretos ensinamentos morais; e outros encorajavam sua difusão porque, diziam, através do jogo os jovens podiam mais facilmente gravar na memória os episódios da história sagrada. Fora escrita uma sua versão em versos para o papa João VIII, com a dedicatória: "Ludere me libuit, ludentem, papa Johannes, accipe. Ridere, si placet, ipse potes." E dizia-se que o próprio Carlos, o Calvo, a tinha posto em cena, como um jocosíssimo mistério sagrado, uma versão rimada para divertir à ceia seus dignitários:

> Ridens cadit Gaudericus
> Zacharias admiratur,
> supinus in lectulum
> docet Anastasius…

E quantas repreensões eu recebi de meus mestres, quando com meus companheiros recitávamos trechos dela! Lembrava de um velho monge de Melk que dizia que um homem virtuoso como Cipriano não teria podido escrever uma coisa tão indecente, uma semelhante e sacrílega paródia das escrituras, mais digna de um infiel e de um bufão que de um santo mártir... Há anos tinha esquecido daqueles jogos infantis. Como então aquele dia a Coena reaparecera tão vívida em meu sonho? Sempre pensara que os sonhos eram mensagens divinas, ou que no máximo eram absurdos murmúrios da memória adormecida em torno de coisas acontecidas durante o dia. Percebia agora que se pode sonhar mesmo sobre livros, e por isso se pode sonhar até sonhos.

"Queria ser Artemidor para interpretar corretamente teu sonho", disse Guilherme. "Mas me parece que mesmo sem a sabedoria de Artemidor é fácil compreender o que aconteceu. Tu viveste nestes dias, meu pobre rapaz, uma série de acontecimentos em que toda regra justa parece ter sido desfeita. E de manhã reaflorou em tua mente adormecida a lembrança de uma espécie de comédia em

que, seja mesmo talvez com outras intenções, o mundo virara de cabeça para baixo. Inseriste aí tuas lembranças mais recentes, tuas ânsias, teus temores. Partiste das marginalia de Adelmo para reviver um grande carnaval em que tudo parece andar pelo lado errado, e todavia, como na Coena, cada um faz exatamente aquilo que fez na vida. E no fim te perguntaste, no sonho, qual é o mundo errado, e o que quer dizer andar de cabeça para baixo. Teu sonho não sabia mais onde era o alto e onde o baixo, onde a morte e onde a vida. Teu sonho duvidou dos ensinamentos que recebeste."

"Não eu", disse virtuosamente, "mas o meu sonho. Mas então os sonhos não são mensagens divinas, são devaneios diabólicos, e não contêm verdade alguma!"

"Não sei, Adso", disse Guilherme. "Já temos tantas verdades nas mãos que no dia em que aparecesse também alguém pretendendo tirar uma verdade de nossos sonhos, então estariam realmente próximos os tempos do Anticristo. E contudo, quanto mais penso em teu sonho, mais eu o acho revelador. Talvez não para ti, mas para mim. Perdoa-me se me apodero de teus sonhos para desenvolver minhas hipóteses, eu sei, é uma coisa vil, não deveria ser feita... Mas creio que tua alma adormecida tenha compreendido mais coisas que eu nestes seis dias e acordado..."

"Verdade?"

"Verdade. Ou talvez não. Acho teu sonho revelador porque coincide com uma de minhas hipóteses. Mas foste-me de grande ajuda. Obrigado."

"Mas o que havia em meu sonho que vos interessa tanto? Era sem sentido, como todos os sonhos!"

"Tinha um outro sentido, como todos os sonhos, e as visões. Deve ser lido alegórica ou anagogicamente..."

"Como as escrituras?"

"Um sonho é uma escritura, e muitas escrituras não são mais do que sonhos."

Sexto dia

SEXTA

Onde se reconstrói a história dos bibliotecários e tem-se algumas notícias a mais sobre o livro misterioso.

Guilherme quis subir ao scriptorium, do qual acabara de descer. Pediu a Bêncio para consultar o catálogo, e o folheou rapidamente. "Deve estar por aqui", dizia, "eu o vi justamente há uma hora..." Deteve-se numa página. "Eis", disse, "lê este título."

Embaixo de uma única colocação (finis Africae!) estava uma série de quatro títulos, sinal de que se tratava de um só volume que continha mais textos. Li:

I. ar. de dictis cujusdam stulti
II. syr. libellus alchemicus aegypt
III. Expositio Magistri Alcofribae de cena beati Cypriani Cartaginensis Episcopi
IV. Liber acephalus de stupris virginum et meretricum amoribus

"Do que se trata?" perguntei.

"É o nosso livro", sussurrou-me Guilherme. "Eis por que o teu sonho me sugeriu algo. Agora tenho certeza de que é este. E de fato..." folheava com rapidez as páginas imediatamente precedentes e as seguintes, "de fato eis os livros em que estava pensando, todos juntos. Mas não é isso que queria examinar. Escuta. Estás com a tua tabuleta? Bem, precisamos fazer um cálculo, e tenta lembrar-te seja o que nos disse Alinardo outro dia seja o que ouvimos de manhã de Nicola. Ora, Nicola nos disse que chegou aqui cerca de trinta anos atrás e Abbone já tinha sido nomeado abade. Antes era abade Paulo de Rimini. Certo? Digamos que a sucessão se tenha dado por volta de 1290, ano mais, ano menos, não importa. Depois Nicola nos disse que, quando ele chegou, Roberto de Bobbio já era bibliotecário. Está

certo? Morre em seguida, e o posto é dado a Malaquias, digamos no começo deste século. Escreve. Há porém um período precedente à vinda de Nicola, em que Paulo de Rimini é o bibliotecário. Desde quando o era? Não nos disseram, poderíamos examinar os registros da abadia, mas imagino que estejam com o Abade, e no momento não queria pedi-los. Levantamos a hipótese de que Paulo tenha sido eleito bibliotecário há sessenta anos, escreve. Por que Alinardo se dói com o fato de que, cerca de cinqüenta anos atrás, devia caber a ele o posto de bibliotecário, e ao contrário foi dado a outro? Estava aludindo a Paulo de Rimini?"

"Ou então a Roberto de Bobbio!" disse eu.

"Pareceria. Mas agora olha o catálogo. Sabes que os títulos estão registrados, isso quem disse foi Malaquias no primeiro dia, por ordem de aquisição. E quem é que os inscreve no registro? O bibliotecário. Portanto, de acordo com a mudança de caligrafia nestas páginas, podemos estabelecer a seqüência dos bibliotecários. Agora olhemos o catálogo do fim, a última caligrafia é a de Malaquias, muito gótica, estás vendo. E preenche poucas páginas. A abadia não adquiriu muitos livros nestes últimos trinta anos. Depois começa uma série de páginas escritas numa caligrafia trêmula, aqui leio claramente a assinatura de Roberto de Bobbio, doente. Também aqui são poucas páginas, Roberto permaneceu no cargo provavelmente pouco tempo. E eis o que encontramos agora: páginas de uma caligrafia diferente, direita e firme, uma série de aquisições (dentre as quais o grupo de livros que estava examinando há pouco) realmente impressionante. Como Paulo de Rimini deve ter trabalhado! Demais, se pensas que Nicola nos disse que se tornou abade em tenra idade. Mas, suponhamos que em poucos anos esse leitor voraz tenha enriquecido a abadia com tantos livros... Não nos foi dito que era chamado de Abbas agraphicus por causa daquele estranho defeito, ou doença, que o impedia de escrever? Então quem escrevia aqui? Eu diria seu ajudante bibliotecário. Mas se por acaso esse ajudante bibliotecário tivesse sido nomeado bibliotecário, eis que teria continuado a escrever ele mesmo, e compreenderíamos por que há aqui tantas páginas estiladas com a mesma caligrafia. Então teríamos, entre Paulo e Roberto, um outro bibliotecário, eleito há cinqüenta anos, que é o misterioso concorrente de Alinardo, que, esperava ele, mais velho, suceder a Paulo. Depois este desaparece e de algum modo, contra as expectativas de Alinardo e dos demais, para seu lugar é eleito Malaquias."

"Mas por que estais tão certo de que esta seja a seqüência correta? Mesmo admitindo-se que esta caligrafia seja do bibliotecário sem nome, por que não poderiam ser, ao contrário, de Paulo os títulos das páginas ainda precedentes?"

"Porque entre essas aquisições estão registradas todas as bulas e as decretais, que têm uma data precisa. Quero dizer, se tu encontras aqui, como encontras, a Firma cautela de Bonifácio VII, datada de 1296, sabes que este texto não entrou antes daquele ano, e podes pensar que não tenha chegado muito depois. Com isso, eu tenho como que pedras miliárias dispostas ao longo dos anos, sendo que, se admito que Paulo de Rimini se torne bibliotecário em 1265, e abade em 1275, e vejo depois que sua caligrafia, ou o de um outro qualquer que não é Roberto de Bobbio, dura de 1265 a 1285, descubro uma diferença de dez anos."

Meu mestre era realmente muito arguto. "Mas que conclusões tirais dessa descoberta?" perguntei então.

"Nenhuma", respondeu-me, "só premissas."

Depois levantou-se e foi falar com Bêncio. Este se encontrava bravamente a postos em seu lugar, mas com ar muito pouco seguro. Estava ainda em sua antiga mesa e não tinha ousado ocupar a de Malaquias, perto do catálogo. Guilherme o abordou com certa indiferença. Não esquecíamos a desagradável cena da noite anterior.

"Ainda que tenhas ficado tão poderoso, senhor bibliotecário, não vais te negar a me dizer uma coisa, espero. Aquela manhã em que Adelmo e os outros discutiam aqui sobre enigmas argutos, e Berengário fez a primeira menção ao finis Africae, alguém se referiu à Coena Cypriani?"

"Sim", respondeu Bêncio, "não te disse? Antes que se falasse nos enigmas de Sinfósio foi justamente Venâncio que acenou à Coena e Malaquias ficou enfurecido, dizendo que era uma obra ignóbil, e lembrando que o Abade havia proibido a todos sua leitura..."

"O Abade, hein?" disse Guilherme. "Muito interessante. Obrigado, Bêncio."

"Esperai", disse Bêncio, "quero falar convosco." Fez-nos sinal para segui-lo para fora do scriptorium, na escada que descia às cozinhas, de modo que os outros não o escutassem. Tremiam-lhe os lábios.

"Estou com medo, Guilherme", disse. "Mataram Malaquias também. Agora eu sei coisas demais. E depois, sou malquisto pelo grupo dos italianos... Não querem mais um bibliotecário estrangeiro... Eu acho que os outros foram eliminados justamente por isso... Nunca cheguei a vos falar do ódio de Alinardo por Malaquias, de seus rancores..."

"Quem é que lhe roubou o posto, anos atrás?"

"Isso eu não sei, ele fala sempre de modo vago, e depois é uma história remota. Devem estar todos mortos. Mas o grupo dos italianos em torno de Alinardo

fala freqüentemente... falava freqüentemente de Malaquias como um homem de palha, colocado aqui por alguém, com a cumplicidade do Abade... Eu, sem me dar conta... entrei no jogo contrário de duas facções... Entendi isso somente esta manhã... A Itália é uma terra de conjuras, aqui envenenam os papas, imaginemos então um pobre rapaz como eu... Ontem não tinha compreendido, acreditava que tudo dissesse respeito àquele livro, mas agora não estou tão certo disso, aquele foi o pretexto: vistes que o livro foi recuperado e Malaquias foi morto mesmo assim... Eu preciso... quero... queria fugir. O que me aconselhais?"

"Mantém-te calmo. Agora queres conselhos, não é? Mas ontem à noite parecias o dono do mundo. Tolo, se tivesses me ajudado ontem teríamos impedido este último crime. Foste tu que deste a Malaquias o livro que o levou à morte. Mas dize-me pelo menos uma coisa. Tu tiveste o livro entre as mãos, tocaste nele, leste? E por que então não estás morto?"

"Não sei. Juro, não o toquei, ou melhor, toquei-o ao pegá-lo no laboratório, sem abri-lo, escondi-o sob a túnica e fui guardá-lo na cela embaixo do colchão. Sabia que Malaquias estava me vigiando e voltei imediatamente ao scriptorium. E depois, quando Malaquias me ofereceu o posto de ajudante, levei-o à minha cela e entreguei-lhe o livro. É tudo.

"Não me digas que nem sequer o abriste?"

"Sim, eu o abri, antes de escondê-lo, para certificar-me de que era realmente o que procuráveis vós também. Começava com um manuscrito árabe, depois um que acredito em sírio, depois havia um texto latino e finalmente um em grego..."

Lembrei-me das siglas que víramos no catálogo. Os primeiros dois títulos eram indicados como ar. e syr. Era o livro! Mas Guilherme prosseguia: "E daí tocaste nele e não morreste. Então não se morre ao tocá-lo. E do texto grego o que sabes dizer? Tu o viste?"

"Muito pouco, o suficiente para saber que estava sem o título, começava como se faltasse uma parte..."

"Liber acephalus..." murmurou Guilherme.

"...tentei ler a primeira página, mas na verdade eu conheço muito mal o grego, teria precisado de mais tempo. E por fim fiquei curioso com outro detalhe, justamente a propósito das folhas em grego. Não o folheei inteiro porque não consegui. As folhas estavam, como dizer, empapadas de umidade, não se separavam bem uma da outra. E isso porque o pergaminho era estranho... mais macio que os outros pergaminhos, o modo como a primeira página estava corroída, e quase se escamava, era... em suma, estranho."

“Estranho: a mesma expressão usada por Severino”, disse Guilherme.

“O pergaminho não parecia pergaminho... Parecia tecido, mas fino...” continuava Bêncio.

“Charta lintea, ou pergaminho de pano”, disse Guilherme. “Nunca os viste?”

“Ouvi falar deles, mas não creio ter visto um. Diz-se que é muito caro, é frágil. Por isso é pouco usado. São feitos pelos árabes, não é?”

“Eles foram os primeiros. Mas são feitos aqui na Itália também, em Fabriano. E também... Mas é isso, claro, é isso!” Os olhos de Guilherme cintilavam. “Que bela e interessante revelação, muito bem Bêncio, agradeço-te! Sim, imagino que aqui na biblioteca a charta lintea seja rara, porque não chegaram manuscritos muitos recentes. E depois muitos temem que não sobreviva aos séculos como o pergaminho, e quem sabe seja verdade. Imaginemos se aqui haveriam de querer algo que não fosse mais perene que o bronze... Pergaminho de pano, hein? Bem, adeus. E fica sossegado. Tu não corres perigo.”

“Verdade, Guilherme, tendes certeza?”

“Tenho. Se ficares no teu lugar. Já provocaste muita confusão.”

Afastamo-nos do scriptorium deixando Bêncio, se não mais sereno, mais calmo.

“Estúpido!” disse Guilherme entre dentes enquanto saímos. “Podíamos já ter resolvido tudo se não se metesse no meio...”

Encontramos o Abade no refeitório. Guilherme enfrentou-o e pediu-lhe um colóquio. Abbone não pôde tergiversar e combinou o encontro conosco, em breve, em sua casa.

Sexto dia

NOA

Onde o Abade se recusa a ouvir Guilherme,
fala da linguagem das gemas e manifesta o desejo
de que não se indague mais sobre aquelas tristes vicissitudes.

A casa do Abade ficava em cima do capítulo e pela janela da sala, grande e suntuosa, em que ele nos recebeu, podiam-se ver, no dia sereno e ventoso, além do telhado da igreja abacial, as formas do Edifício.

O Abade, em pé diante de uma janela, estava justamente a admirá-lo, e nô-lo apontou com um gesto solene.

"Fortaleza admirável", disse, "que resume em suas proporções a regra áurea que presidiu à construção da arca. Estabelecida em três planos porque três é o número da trindade, três foram os anjos que visitaram Abraão, os dias que Jonas passou na barriga do grande peixe, os que Jesus e Lázaro permaneceram na sepultura; as vezes que Cristo pediu ao Pai que o cálice amargo se afastasse dele, as que se apartou para orar com os apóstolos. Três vezes Pedro o renegou, e três vezes manifestou-se aos seus, após a ressurreição. Três são as virtudes teologais, três as línguas sagradas, três as partes da alma, três as classes de criaturas intelectuais, anjos, homens e demônios, três as espécies de som, vox, flatus, pulsus, três as épocas da história humana, antes, durante e depois da lei."

"Maravilhoso concento de correspondências místicas", concordou Guilherme.

"Mas a forma quadrada também", continuou o Abade, "é rica de ensinamentos espirituais. Quatro são os pontos cardeais, as estações, os elementos, e o quente, e o frio, o úmido e o seco, o nascimento, o crescimento, a maturidade e a velhice, e as espécies celestes, terrestres, aéreas e aquáticas dos animais, as cores componentes do arco-íris e o número de anos necessários para formar um bissexto."

"Oh, claro", disse Guilherme, "e três mais quatro dá sete, número místico mais

que os outros, enquanto três multiplicado por quatro é igual a doze, como os apóstolos, e doze vezes doze dá cento e quarenta e quatro, que é o número dos eleitos." E a esta última manifestação de místico conhecimento do mundo hiperurânio dos números, o Abade não teve nada mais a acrescentar. O que permitiu a Guilherme abordar o assunto.

"Precisamos falar dos últimos fatos, sobre os quais tenho refletido demoradamente", disse.

O Abade deu as costas à janela e enfrentou Guilherme com rosto severo: "Demasiado demoradamente, talvez, confesso-vos, frei Guilherme, que esperava mais de vós. Desde que chegastes aqui se passaram quase seis dias, quatro monges estão mortos, além de Adelmo, dois foram detidos pela inquisição — foi por justiça, claro, mas teríamos podido evitar essa vergonha se o inquisidor não tivesse sido obrigado a se ocupar dos crimes anteriores — e, por fim, o encontro de que eu era mediador, e justamente por causa desses desatinos, deu penosos resultados... Convireis que podia esperar um desenlace diferente desses acontecimentos quando vos pedi para investigar sobre a morte de Adelmo..."

Guilherme calou-se, embaraçado. Claro que o Abade tinha razão. Eu disse no início deste relato que meu mestre gostava de estarrecer os outros com a presteza de suas deduções, e era lógico que seu orgulho ficasse ferido quando era acusado, e nem sequer injustamente, de lentidão.

"É verdade", admitiu, "não satisfiz as vossas expectativas, mas vos direi por quê, vossa magnificência. Os crimes não derivam de uma rixa ou de uma vingança qualquer entre os monges, mas dependem de fatos que têm por sua vez origem na história remota da abadia..."

O Abade fitou-o inquieto: "O que pretendeis dizer? Entendo eu também que a chave não está na história desventurada do celeireiro, que se cruzou com uma outra. Mas a outra, a outra que eu talvez conheça, mas de que não posso falar... esperava que a esclarecêsseis, e que vós me falaríeis dela..."

"Vossa magnificência está pensando nalgum acontecimento de que soube em confissão..." O Abade desviou o olhar para outro lugar e Guilherme continuou: "Se vossa magnificência quer saber se sei, sem sabê-lo de vossa magnificência, se ocorreram relações desonestas entre Berengário e Adelmo, e entre Berengário e Malaquias, pois bem, isso é sabido por todos na abadia..."

O Abade corou com violência: "Não creio que seja útil falar de semelhantes coisas na presença deste noviço. E não creio, uma vez realizado o encontro, que vós tenhais mais necessidade dele como escrivão. Sai, rapaz", disse-me em tom

imperativo. Humilhado, saí. Mas, curioso que era, agachei-me atrás da porta da sala, que deixei entreaberta, de modo a poder seguir o diálogo.

Guilherme retomou a palavra: "Então, essas relações desonestas, se é que aconteceram, desempenharam um pequeno papel nesses dolorosos acontecimentos. A chave é outra, e pensei que vós o soubésseis. Tudo se desenvolve em torno do furto e da posse de um livro, que estava escondido no finis Africae, e que para lá voltou por obra de Malaquias, sem que, entretanto, vós o vistes, a seqüência dos crimes tenha sido interrompida."

Houve um longo silêncio, depois o Abade recomeçou a falar com voz entrecortada e incerta, como de pessoa surpreendida por inesperadas revelações. "Não é possível... Vós... Como fizestes para saber do finis Africae? Violastes minha proibição e entrastes na biblioteca?"

Guilherme deveria ter dito a verdade, e o Abade se enfureceria além da medida. Não queria evidentemente mentir. Preferiu responder à pergunta com outra pergunta. "Não me disse vossa magnificência, durante nosso primeiro encontro, que um homem como eu, que tinha descrito tão bem Brunello sem jamais tê-lo visto, não teria tido dificuldade em raciocinar sobre lugares onde não podia ir?"

"É isso mesmo", disse Abbone. "Mas por que pensais o que pensais?"

"Como cheguei aí, é uma longa história. Mas foi cometida uma série de crimes para impedir a muitos descobrirem algo que não se queria descoberto. Agora todos aqueles que sabiam algo dos segredos da biblioteca, ou por direito ou por fraude, estão mortos. Resta só uma pessoa, vós."

"Quereis insinuar... quereis insinuar..." o Abade falava como alguém a quem estavam engrossando as veias do pescoço.

"Não me entendais mal", disse Guilherme, que provavelmente também tentara insinuar, "digo que há alguém que sabe e que quer que ninguém mais saiba. Vós sois o último a saber, vós poderíeis ser a próxima vítima. A menos que me digais o que sabeis sobre aquele livro proibido e, sobretudo, quem é que na abadia poderia saber tanto quanto vós, e talvez mais, sobre a biblioteca."

"Faz frio aqui", disse o Abade. "Saiamos."

Eu me afastei rapidamente da porta e esperei no topo da escada que conduzia para baixo. O Abade viu-me e sorriu.

"Quantas coisas inquietantes deve ter ouvido esse monge nestes dias. Vamos, rapaz, não te deixes perturbar muito. Parece-me que foram imaginadas mais tramas do que as que realmente existem..."

Ergueu a mão e deixou que a luz do dia iluminasse um esplêndido anel que trazia no anular, insígnia de seu poder. O anel cintilou com todo o fulgor de suas pedras.

"Tu o reconheces, não é?" disse-me. "Símbolo de minha autoridade mas também de meu fardo. Não é um ornamento, é um esplêndido florilégio da palavra divina de que sou guardião." Tocou com os dedos a pedra, ou melhor, o triunfo de pedras variegadas que compunham aquela obra de arte humana e da natureza. "Eis a ametista", disse, "que é espelho de humildade e nos recorda a ingenuidade e a ternura de São Mateus; eis o calcedônio, insígnia da caridade, símbolo da piedade de José e de São Tiago Maior; eis o diaspório, que anuncia a fé, associado a São Pedro; e a sardônica, signo do martírio, que nos lembra São Bartolomeu; eis a safira, esperança e contemplação, pedra de Santo André e de São Paulo; e o berilo, sã doutrina, ciência e tolerância, virtudes próprias de São Tomé... Como é esplêndida a linguagem das gemas", continuou, absorto em sua visão mística, "que os lapidadores da tradição traduziram do rationale de Arão e da descrição da Jerusalém celeste no livro do apóstolo. Por outro lado as muralhas de Sion eram entretecidas das mesmas jóias que ornavam o peitoral do irmão de Moisés, menos o carbúnculo, a ágata e o ônix que, citados no Êxodo, são substituídos no Apocalipse pelo calcedônio, pela sardônica, pelo crisópraso e pelo jacinto."

Guilherme tentou abrir a boca, mas o Abade o silenciou erguendo a mão e continuou o próprio discurso: "Lembro-me de um litanial em que cada pedra era descrita e rimada em honra à Virgem. Nele falava-se de seu anel de noivado como de um poema simbólico resplandecente de verdades superiores manifestadas na linguagem lapidar das pedras que o embelezavam. Diaspório para a fé, calcedônio para a caridade, esmeralda para a pureza, sardônica para a placidez da vida virginal, rubi para o coração sangrante no Calvário, crisólito cuja cintilação multiforme lembra a maravilhosa variedade dos milagres de Maria, jacinto para a caridade, ametista, com sua mistura de rosa e azul, para o amor de Deus... Mas no castão estavam incrustadas outras substâncias não menos eloqüentes, como o cristal que remete à castidade da alma e do corpo, o ligúrio, que se assemelha ao âmbar, símbolo da temperança e a pedra magnética que atrai o ferro, assim como a Virgem toca as cordas dos corações penitentes com o arco de sua bondade. Todas substâncias que, como vedes, ornam ainda que em mínima e humílima medida também o meu anel."

Movia o anel e deslumbrava meus olhos com seu fulgor, como se quisesse me atordoar. "Maravilhosa linguagem, não é? Para outros padres as pedras significam

outras coisas ainda, para o papa Inocêncio III o rubi anuncia a calma e a paciência e a granada, a caridade. Para São Bruno a água-marinha concentra a ciência teológica na virtude de seus puríssimos fulgores. A turquesa significa alegria, a sardônica evoca os serafins, o topázio os querubins, o diaspório os tronos, a crisólita as dominações, a safira as virtudes, o ônix as potestades, o berilo os principados, o rubi os arcanjos e a esmeralda os anjos. A linguagem das gemas é multiforme, cada uma exprime mais verdade, de acordo com o sentido de leitura que se pretende, de acordo com o contexto em que aparecem. E quem decide qual o nível de interpretação e qual o contexto justo? Tu o sabes, rapaz, ensinaram-te: é a autoridade, o comentador dentre todos o mais seguro e o mais investido de prestígio, e por isso de santidade. De outro modo, como interpretar os signos multiformes que o mundo põe sob nossos olhos de pecadores, como não cair nos equívocos para os quais nos atrai o demônio? Repara, é curioso como a linguagem das gemas é malquista pelo diabo, provou Santa Hildegarda. A besta imunda vê nela uma mensagem que se ilumina por sentidos ou níveis de sabedoria diferentes, e ele queria distorcê-la porque ele, o inimigo, percebe no esplendor das pedras o eco das maravilhas que tinha em seu poder antes da queda, e compreende que esses fulgores são produzidos pelo fogo, que é o seu tormento." Estendeu-me o anel para beijar, e eu me ajoelhei. Acariciou-me a cabeça. "E então tu, rapaz, esquece as coisas sem dúvida errôneas que ouviste nestes dias. Tu entraste na ordem maior e mais nobre dentre todas, desta ordem eu sou um Abade, tu estás sob minha jurisdição. E portanto, ouve a minha ordem: esquece, e que teus lábios sejam selados para sempre. Jura."

Comovido, subjugado, teria jurado certamente. E tu, meu bom leitor, não poderias ler agora esta minha crônica fiel. Mas àquela altura Guilherme interveio, e talvez não para impedir-me de jurar, mas por reação instintiva, por fastio, para interromper o Abade, para desfazer aquele encantamento que ele certamente criara.

"O que tem a ver o rapaz com isso? Eu vos fiz uma pergunta, eu vos adverti de um perigo, eu vos pedi para me dizerdes um nome... Quereis agora que eu beije também o anel e que jure esquecer o que soube ou o que suspeito?"

"Oh, vós..." disse melancolicamente o Abade, "não espero de um frade esmoler que compreenda a beleza de nossas tradições, ou que respeite a reserva, os segredos, os mistérios da caridade... sim, da caridade, e o sentido de honra, e o voto de silêncio sobre o qual vem regida a nossa grandeza... Vós me falastes de uma história estranha, de uma história inacreditável. Um livro proibido, pelo qual

se mata em cadeia, alguém que sabe aquilo que só eu deveria saber... loucuras, ilações sem sentido. Falai delas, se quiserdes, ninguém vos acreditará. E se no entanto qualquer elemento de vossa fantasiosa reconstrução fosse verdadeiro... pois bem, agora tudo recai sob meu controle e minha responsabilidade. Controlarei, tenho os meios, tenho a autoridade. Fiz mal desde o início em pedir a um estranho, mesmo que sábio, mesmo que digno de confiança, para indagar sobre coisas que são de minha exclusiva competência. Mas vós o compreendestes, mo dissestes, eu achava no início que se tratava de uma violação do voto de castidade, e queria (imprudente que fui) que outro me dissesse aquilo que ouvi dizer em confissão. Bem, agora mo dissestes. Fico-vos agradecido por aquilo que fizestes ou tentastes fazer. O encontro das legações aconteceu, vossa missão aqui terminou. Imagino que vos esperem com ansiedade na corte imperial, ninguém se priva por muito tempo de um homem como vós. Dou-vos licença de deixar a abadia. Hoje é tarde talvez, não quero que viajeis após o anoitecer, as estradas são inseguras. Partireis amanhã cedo, em boa hora. Oh, não me agradeçais, foi uma alegria ter-vos como irmão entre irmãos e honrar-vos com nossa hospitalidade. Podereis retirar-vos com vosso noviço para preparar a bagagem. Ainda me despedirei de vós amanhã cedo. Obrigado, de todo coração. Naturalmente, não é necessário que continueis a conduzir vossas investigações. Não perturbeis ulteriormente os monges. Ide então."

Era mais que uma despedida, era uma expulsão. Guilherme despediu-se e descemos as escadas.

"O que quer dizer isso?" perguntei. Não estava entendendo mais nada.

"Experimenta formular uma hipótese, deves ter aprendido como se faz."

"Se é assim, aprendi que devo formular pelo menos duas, uma em oposição à outra, e todas as duas inacreditáveis. Bem, então..." Engoli em seco: fazer hipóteses me deixava pouco à vontade. "Primeira hipótese, o Abade já sabia de tudo e imaginava que vós não tínheis descoberto nada. Havia vos encarregado da investigação antes, quando Adelmo morreu, mas devagar foi percebendo que a história era muito mais complexa, que envolve de algum modo até a ele, e não quer que vós ponhais a nu essa trama. Segunda hipótese, o Abade nunca desconfiou de nada (do que, realmente não sei, porque não sei em que estais pensando agora). Mas em todo caso continuava pensando que tudo era devido a uma rixa entre... entre monges sodomitas... Agora porém vós abristes seus olhos, ele percebeu de repente algo de terrível, pensou num nome, tem uma idéia exata sobre o responsável pelos crimes. Mas a essa altura quer resolver a questão sozinho e quer vos afastar, para salvar a honra da abadia."

"Bom trabalho. Estás começando a raciocinar direito. Mas já vês que em ambos os casos o Abade está preocupado com a boa reputação de seu mosteiro. Assassino ou vítima marcada que seja, não quer que ultrapassem as montanhas notícias difamatórias sobre esta santa comunidade. Matem-lhe os monges, mas não toquem na honra da abadia. Ah, por..." Guilherme estava ficando encolerizado. "Aquele bastardo de um feudatário, aquele pavão tornado célebre por ter bancado o coveiro para o Aquinate, aquele odre inchado que existe apenas porque usa um anel grosso como o fundo de um copo! Raça de soberbo, raça de soberbos todos vós cluniacenses, pior que os príncipes, mais barões que os barões!"

"Mestre..." ousei, queimado, em tom de repreensão.

"Cala-te, que és da mesma massa. Vós não sois simples, nem filhos de simples. Se vos surge um camponês talvez o acolhais, mas vi ontem, não hesitais em entregá-lo ao braço secular. Mas um dos vossos não, é preciso encobrir, Abbone é capaz de individuar o desgraçado e de apunhalá-lo na cripta do tesouro, e distribuir os despojos por seus relicários, contanto que a honra da abadia fique a salvo... Um franciscano, um plebeu menorita que descobre a podridão desta santa casa? Eh, não, isso Abbone não pode se permitir de modo algum. Obrigado, frei Guilherme, o imperador precisa de vós, vistes que belo anel tenho eu, até logo. Mas agora o desafio não é somente entre mim e Abbone, é entre mim e todo o acontecimento, eu não saio destas muralhas antes de ter sabido. Quer que eu parta amanhã? Bem, ele é o dono da casa, mas até amanhã eu preciso saber. Preciso."

"Precisais? Quem vos obriga, afinal?"

"Ninguém nos obriga a saber, Adso. É preciso, eis tudo, mesmo ao preço de compreender mal."

Estava ainda confuso e humilhado com as palavras de Guilherme contra minha ordem e seus abades. E tentei justificar Abbone em parte formulando uma terceira hipótese, arte em que me tornara, parecia, habilíssimo: "Não considerastes uma terceira possibilidade, mestre", disse. "Pudemos notar nestes dias, e hoje de manhã nos ficou claro, após as confidências de Nicola e os rumores que ouvimos na igreja, que há um grupo de monges italianos que mal suportavam a seqüência dos bibliotecários estrangeiros, que acusam o Abade de não respeitar a tradição e que, pelo que entendi, se escondem atrás do velho Alinardo, empurrando-o diante de si como um estandarte, para exigir um governo diferente da abadia. Essas coisas eu as compreendi bem, porque mesmo um noviço ouviu em seu mosteiro muitas discussões, e alusões, e complôs dessa natureza. E então talvez o Abade tema que vossas revelações possam servir de arma a seus inimigos, e quer dirimir toda a

questão com muita prudência...”

“É possível. Mas continua sendo um odre cheio, e se deixará matar.”

“Mas o que vós pensais de minhas conjecturas?”

“Eu te direi mais tarde.”

Estávamos no claustro. O vento estava cada vez mais enraivecido, a luz menos clara, ainda que há pouco tivesse transcorrido a noa. O dia estava se aproximando do crepúsculo e nos restava muito pouco tempo. À véspera o Abade certamente avisaria os monges que Guilherme não tinha mais nenhum direito de fazer perguntas ou circular por toda parte.

“É tarde”, disse Guilherme, “e quando se tem pouco tempo, ai de quem perder a calma. Devemos agir como se tivéssemos a eternidade diante de nós. Tenho um problema para resolver, como penetrar no finis Africae, porque lá deveria estar a resposta final. Depois precisamos salvar uma pessoa, não decidi ainda quem. Finalmente devemos esperar algo da parte dos estábulos em que tu ficarás de olho... Repara quanto movimento...”

De fato o espaço entre o Edifício e o claustro estava particularmente animado. Um noviço, pouco antes, que vinha da casa do Abade, tinha corrido ao Edifício. Agora saía dali Nicola, que se dirigia aos dormitórios. Num canto o grupo da manhã, Pacifico Aymaro e Pietro, estavam falando concitadamente com Alinardo, como para convencê-lo de algo.

Depois pareceram tomar uma decisão, Aymaro ajudou Alinardo, ainda relutante, e dirigiu-se com ele à residência abacial. Estavam entrando, quando do dormitório saiu Nicola, que conduzia Jorge na mesma direção. Viu os dois entrarem, sussurrou algo ao ouvido de Jorge, o ancião sacudiu a cabeça, e prosseguiram assim mesmo até o capítulo.

“O Abade toma as rédeas da situação...” murmurou Guilherme com ceticismo. Do Edifício estavam saindo outros monges que deveriam estar no scriptorium, seguidos logo depois por Bêncio, que veio ao nosso encontro cada vez mais preocupado.

“Há rebuliço no scriptorium”, disse-nos, “ninguém trabalha, todos falam concitados entre si... O que está acontecendo?”

“Está acontecendo que as pessoas que até de manhã pareciam as mais suspeitas estão todas mortas. Até ontem todos se protegiam de Berengário, tolo e volúvel e lascivo, depois do celeireiro, suspeito de heresia, por fim de Malaquias, tão malquisto por todos... Agora não sabem mais de quem se proteger, e precisam urgentemente encontrar um inimigo, ou um bode expiatório. E cada um suspeita do

outro, uns têm medo, como tu, outros decidiram fazer medo a alguém mais. Estais todos muito agitados. Adso, de vez em quando dá uma olhada nos estábulos. Eu vou me deitar."

Deveria ficar estarrecido: ir deitar-se quando tinha poucas horas ainda à sua disposição, não parecia a resolução mais sábia. Mas já então conhecia meu mestre, quanto mais seu corpo estava relaxado, tanto mais sua mente estava em efervescência.

Sexto dia

ENTRE VÉSPERAS E COMPLETAS

Onde brevemente se narra sobre longas horas de confusão.

É difícil para mim contar o que aconteceu nas horas que se seguiram, entre vésperas e completas.

Guilherme estava ausente. Eu vagava ao redor dos estábulos mas sem notar nada de anormal. Os cavalariços estavam fazendo entrar os animais, inquietos com o vento, mas, de resto, tudo estava tranqüilo.

Entrei na igreja. Todos já estavam em seus lugares nos bancos, mas o Abade notou a ausência de Jorge. Com um gesto retardou o início do ofício. Chamou Bêncio para ir procurá-lo. Bêncio não estava. Alguém observou que estava provavelmente arrumando o scriptorium para ser fechado. O Abade disse, apoquentado, ter sido estabelecido que Bêncio não fechasse nada porque não conhecia as regras. Aymaro de Alexandria levantou-se do lugar: "Se vossa paternidade consente, vou eu chamá-lo..."

"Ninguém te pediu nada", disse o Abade bruscamente, e Aymaro voltou ao seu lugar, não sem antes ter lançado um olhar indefinível a Pacifico de Tivoli. O Abade chamou Nicola, que não estava ali. Recordaram-lhe que ele estava preparando as coisas para a ceia e ele fez um gesto de desapontamento, como se lhe desagradasse mostrar a todos que se achava num estado de excitação.

"Quero Jorge aqui", gritou, "procurem-no! Vai tu", ordenou ao mestre dos noviços.

Um outro fez-lhe notar que faltava também Alinardo. "Eu sei", disse o Abade, "está enfermo." Encontrava-me perto de Pietro de Sant'Albano e ouvi-o dizer a seu vizinho, Gunzo de Nola, em um vulgar da Itália Central, que em parte entendia: "Acredito mesmo. Hoje quando saiu após o colóquio, o pobre velho estava transtornado. Abbone se comporta como a puta de Avignon!"

Os noviços sentiam-se perdidos, com sua sensibilidade de moços ignaros

percebiam contudo a tensão que reinava no coro, como eu também percebia. Passaram-se alguns longos momentos de silêncio e de embaraço. O Abade mandou recitar alguns salmos e indicou três deles ao acaso, que não eram prescritos pela regra para as vésperas. Todos se entreolharam, depois começaram a rezar em voz baixa. Voltou o mestre dos noviços seguido por Bêncio que alcançou seu lugar cabisbaixo. Jorge não estava no scriptorium e não estava em sua cela. O Abade ordenou que o ofício tivesse início.

No fim, antes que todos descessem à ceia, fui chamar Guilherme. Estava estirado em seu enxergão, vestido, imóvel. Disse que não pensava que fosse tão tarde. Contei-lhe rapidamente o que acontecera. Sacudiu a cabeça.

À porta do refeitório vimos Nicola, que poucas horas antes acompanhara Jorge. Guilherme perguntou-lhe se tinha entrado logo na casa do Abade. Nicola disse que precisara esperar bastante tempo do lado de fora da porta, porque na sala estavam Alinardo e Aymaro de Alexandria. Depois Jorge entrara, permanecera lá dentro algum tempo e ele o esperara. Em seguida saíra e fizera-se acompanhar até a igreja, uma hora antes das vésperas, ainda deserta.

O Abade viu-nos falando com o celeireiro. "Frei Guilherme", admoestou, "estais ainda inquirindo?" Fez-lhe sinal para se acomodar à sua mesa como de hábito. A hospitalidade beneditina é sagrada.

A ceia foi mais silenciosa do que de costume, e tristonha. O Abade comia de má vontade, oprimido por obscuros pensamentos. Por fim disse aos monges para se apressarem para as completas.

Alinardo e Jorge estavam ainda ausentes. Os monges apontavam o lugar vazio do cego sussurrando. No fim do rito o Abade convidou todos a rezarem uma prece especial pela saúde de Jorge de Burgos. Não ficou claro se estava falando da saúde física ou da saúde eterna. Todos compreenderam que uma nova desgraça estava para transtornar a comunidade. Depois o Abade ordenou a cada um que fosse depressa, com maior solicitude que de hábito, para sua cama. Ordenou que ninguém, e acentuou a palavra ninguém, ficasse circulando fora do dormitório. Os noviços amedrontados saíram primeiro, o capuz no rosto, cabisbaixos, sem trocar gracejos, cotoveladas, risadinhas, maliciosas e ocultas rasteiras com que costumavam provocar-se (porque o noviço, ainda que mongezinho, é no entanto sempre um menino, e de pouco valem as repreensões de seu mestre, que não pode impedir que eles se comportem freqüentemente como meninos, como exige sua tenra idade).

Quando saíram os adultos enfileirei-me, destoando no aspecto, ao grupo que

agora já se caracterizara aos meus olhos como o dos "italianos". Pacifico estava cochichando com Aymaro: "Acreditas que Abbone não saiba realmente onde está Jorge?" E Aymaro secundava: "Poderia até saber, e saber que de onde está não voltará jamais. Talvez o velho tenha querido demais, e Abbone não queira mais a ele..."

Enquanto eu e Guilherme fingíamos nos retirar para o albergue dos peregrinos, surpreendemos o Abade que tornava a entrar no Edifício pela porta do refeitório ainda aberta. Guilherme aconselhou esperar um pouco, depois quando a esplanada ficou vazia de qualquer presença, convidou-me a segui-lo. Atravessamos rapidamente os espaços vazios e entramos na igreja.

Sexto dia

APÓS AS COMPLETAS

Onde, quase por acaso, Guilherme descobre o segredo para entrar no finis Africae.

Postamo-nos, como dois sicários, perto da entrada, atrás de uma coluna, de onde se podia observar a capela dos crânios.

"Abbone foi fechar o Edifício", disse Guilherme. "Quando tiver barrado as portas por dentro só poderá sair pelo ossário."

"E depois?"

"E depois vejamos o que faz."

Não pudemos saber o que fez. Depois de uma hora não tinha saído ainda. Foi ao finis Africae, disse eu. Pode ser, respondeu Guilherme. E, preparado para formular muitas hipóteses, acrescentei: Talvez tenha saído do refeitório e ido procurar Jorge. E Guilherme: Pode ser isso também. Talvez Jorge já esteja morto, imaginei ainda. Talvez esteja no Edifício e esteja matando o Abade. Talvez ambos estejam noutro lugar e alguém os espere numa emboscada. O que queriam os "italianos"? E por que Bêncio estava tão assustado? Não seria talvez uma máscara que colocara no rosto para nos enganar? Por que se demorara no scriptorium durante as vésperas, se não sabia nem como fechar nem como sair? Queria tentar o caminho do labirinto?

"Tudo pode ser", disse Guilherme. "Mas só uma coisa é ou foi, ou está sendo. E finalmente a misericórdia divina está nos locupletando de uma luminosa certeza."

"Qual?" perguntei cheio de esperança.

"Que frei Guilherme de Baskerville, o qual já tem agora a impressão de ter entendido tudo, não sabe como entrar no finis Africae. Aos estábulos, Adso, aos estábulos."

"E se encontrarmos o Abade?"

"Fingiremos ser dois espectros."

Não me pareceu uma solução praticável, mas fiquei calado. Guilherme estava ficando nervoso. Saímos pelo portão setentrional e atravessamos o cemitério, enquanto o vento sibilava com força e pedia ao Senhor que não fôssemos nós a encontrar dois espectros, pois de almas penadas, naquela noite, a abadia não tinha penúria. Chegamos aos estábulos e ouvimos os cavalos cada vez mais inquietos com a fúria dos elementos. O portão principal da construção tinha, na altura do peito de um homem, uma ampla grade de metal, de onde se podia enxergar para dentro. Entrevimos no escuro os perfis dos cavalos, reconheci Brunello porque era o primeiro à esquerda. À sua direita, o terceiro animal da fileira levantou a cabeça sentindo a nossa presença e relinchou. Sorri. "Tertius equi", disse.

"O quê?" perguntou Guilherme.

"Nada, estava me lembrando do pobre Salvatore. Queria fazer não sei que magia com aquele cavalo, e com seu latim designava-o como tertius equi. Que seria o u."

"O u?" perguntou Guilherme que tinha acompanhado meu devaneio sem prestar muita atenção.

"Sim, porque tertius equi queria dizer não um terceiro cavalo mas o terceiro do cavalo, e a terceira letra da palavra cavalo é o u. Mas é uma tolice..."

Guilherme fitou-me, e no escuro parecia-me notar seu rosto alterado: "Deus te abençoe, Adso!" disse. "Mas claro, suppositio materialis, o discurso se assume de dicto e não de re... Como sou tolo!" Estava se dando um grande tapa na testa, com a mão aberta, tanto que se ouviu um estalo, e acho que se machucou. "Meu rapaz, é a segunda vez hoje que a sabedoria fala por tua boca, primeiro em sonho, agora em vigília! Corre, corre à tua cela para pegar o lume, ou melhor, os dois que escondemos. Não te deixes ver, e alcança-me depressa na igreja! Não faças perguntas, vai!"

Fui sem fazer perguntas. As lamparinas estavam embaixo de meu enxergão, cheias de óleo, porque eu já providenciara sua preparação. Estava com o sílex no hábito. Com os dois preciosos instrumentos junto ao peito corri até a igreja.

Guilherme estava sob o trípode e relia o pergaminho com as anotações de Venâncio.

"Adso", disse-me, "primum et septimum de quatuor não significa o primeiro e o sétimo dos quatro, mas do quatro, da palavra quatro!" Não entendi de início, depois tive uma iluminação: "Super thronos viginti quatuor! A escrita! O versículo! As palavras que estão gravadas em cima do espelho!"

"Vamos!" disse Guilherme, "talvez ainda possamos salvar uma vida!"

"De quem?" perguntei enquanto ele já estava apalpando as caveiras e abrindo a passagem para o ossário.

"De alguém que não merece", disse. E, nesse momento, estávamos no corredor do subterrâneo, os lumes acesos, em direção à porta que dava para a cozinha.

Já disse que àquela altura se empurrava uma porta de madeira e se entrava na cozinha atrás da chaminé, aos pés da escada em caracol que conduzia ao scriptorium. E justamente quando empurrávamos a porta, ouvimos à nossa esquerda ruídos surdos no muro. Vinham de parede ao lado da porta, na qual terminava a fileira de lóculos com as caveiras e os ossos. Lá, em lugar do último lóculo, havia um trecho da parede cheia, de blocos de pedra grandes e quadrados, com uma velha lápide no centro, que trazia gravados monogramas desgastados. As batidas vinham, parecia, de trás da lápide, ou melhor, de cima da lápide, parte atrás da parede, parte quase acima de nossa cabeça.

Se um acontecimento semelhante tivesse se produzido na primeira noite eu teria logo pensado nos monges mortos. Mas agora estava pronto a esperar o pior dos monges vivos. "Quem será?" perguntei.

Guilherme abriu a porta e saiu atrás da chaminé. As batidas eram audíveis também ao longo da parede que costeava a escada em caracol, como se alguém estivesse prisioneiro no muro, ou seja, naquela espessura de parede (realmente larga) que se podia presumir existisse entre a parede interna da cozinha e a de fora, do torreão meridional.

"Há alguém encerrado aqui dentro", disse Guilherme. "Perguntava-me sempre se haveria outra entrada para o finis Africae, neste Edifício tão cheio de passagens. Evidentemente há; do ossário, antes de subir à cozinha, abre-se um pedaço de parede e sobe-se por uma escada paralela a esta, escondida no muro, dando diretamente na sala murada."

"Mas quem está aí dentro agora?"

"A segunda pessoa. Uma está no finis Africae, outra tentou alcançá-la, mas a de cima deve ter bloqueado o mecanismo que regula ambas as entradas. Desse modo o visitante caiu na armadilha. E deve estar muito agitado porque, imagino, naquele lugar apertado não deve circular muito ar."

"E quem é? Vamos salvá-lo!"

"Quem é veremos daqui a pouco. E quanto a salvá-lo, só poderá ser feito destravando o mecanismo de cima, porque desse lado não conhecemos o segredo. Por isso vamos subir depressa."

Assim fizemos, subimos ao scriptorium, e dali ao labirinto, e atingimos logo o

torreão meridional. Precisei deter meu ímpeto bem umas duas vezes, porque o vento que naquela noite penetrava pelas fendas formava correntes que, ao se insinuarem por aqueles meandros, percorriam gemendo as salas, soprando sobre os fólios soltos sobre as mesas, e precisava proteger a chama com a mão.

Chegamos logo à sala do espelho, desta vez preparados para o jogo deformante que nos aguardava. Erguemos as lamparinas e iluminamos os versículos que encimavam a moldura, super thronos viginti quatuor... Finalmente o segredo se esclarecera: a palavra quatuor tem sete letras, era preciso tocar o q e o r. Pensei, excitado, em fazê-lo eu: pousei rapidamente a lamparina em cima da mesa no meio da sala, completei o gesto nervosamente, a chama foi lamber a encadernação de um livro que ali estava.

"Cuidado, tonto!" gritou Guilherme, e com um sopro apagou a chama. "Queres pôr fogo na biblioteca?"

Desculpei-me e fiz menção de reacender o lume. "Não precisa", disse Guilherme, "basta o meu. Segura-o e ilumina para mim, porque a escrita está muito no alto e tu não alcançarias lá. Vamos logo."

"E se aí dentro houver alguém armado?" perguntei, enquanto Guilherme, quase tateando, procurava as letras fatais, erguendo-se na ponta dos pés, alto que era, para tocar o versículo apocalíptico.

"Ilumina, pelos diabos, e não tenhas medo, Deus está conosco!" respondeu-me aliás incoerentemente. Seus dedos estavam tocando o q de quatuor, e eu que estava a alguns passos atrás via melhor que ele o que estava fazendo. Já disse que as letras dos versículos pareciam entalhadas ou gravadas na parede: evidentemente as da palavra quatuor eram constituídas de perfis metálicos, por trás dos quais estava encaixado e murado um prodigioso mecanismo. Porque, quando foi empurrado para a frente, o q fez ouvir como que um estalo seco, e o mesmo sucedeu quando Guilherme moveu o r. A moldura inteira do espelho teve como que um sobressalto, e a superfície vítrea pulou para trás. O espelho era uma porta, com os gonzos no lado esquerdo. Guilherme enfiou a mão na abertura que se formara entre a borda direita e a parede, e puxou em direção a si. Rangendo, a porta abriu-se para nós. Guilherme insinuou-se na abertura e eu escorreguei atrás dele, o lume alto sobre a cabeça.

Duas horas após as completas, no fim do sexto dia, no coração da noite que dava início ao sétimo dia, tínhamos penetrado no finis Africae.

SÉTIMO DIA

Sétimo dia

NOITE

Onde, para resumir as revelações prodigiosas
de que se fala aqui, o título deveria ser longo
como o capítulo, o que é contrário aos costumes.

Encontramo-nos na soleira de uma sala igual, na forma, às outras três salas cegas heptagonais, em que dominava um forte cheiro de fechado e de livros macerados pela umidade. O lume que eu mantinha alto iluminou primeiro a abóbada, depois movi o braço para baixo, à direita e à esquerda, e a chama adejou vagos clarões sobre os armários distantes, ao longo das paredes. Por fim, vimos no centro uma mesa, cheia de papéis, e atrás da mesa, uma figura sentada, que parecia nos esperar imóvel no escuro, se é que ainda estava viva. Antes mesmo que a luz iluminasse seu rosto, Guilherme falou.

"Boa noite, venerável Jorge", disse. "Estavas à nossa espera?"

A lamparina agora, avançados alguns passos, clareava o rosto do velho, que nos olhava como se enxergasse.

"És tu Guilherme de Baskerville?" perguntou. "Esperava-te desde hoje à tarde antes das vésperas, quando vim me trancar aqui. Sabia que chegarias."

"E o Abade?" perguntou Guilherme. "É ele que se agita na escada secreta?" Jorge teve um instante de hesitação: "Está vivo ainda?" perguntou. "Pensei que já lhe tivesse faltado o ar."

"Antes de começarmos a falar", disse Guilherme, "queria salvá-lo. Tu podes abrir daqui."

"Não", disse Jorge com fadiga, "não posso mais. O mecanismo manobra-se lá embaixo apertando a lápide, e aqui em cima salta uma alavanca que abre uma porta lá no fundo, atrás daquele armário", e apontou às suas costas. "Poderás ver junto ao armário uma roda com contrapesos, que governa o mecanismo daqui de cima. Mas quando ouvi daqui a roda girar, sinal de que Abbone tinha entrado

embaixo, dei um puxão na corda que sustenta os pesos, e a corda arrebentou. Agora a passagem está fechada, por ambos os lados, e não poderias amarrar os fios da engenhoca. O Abade está morto."

"Por que o mataste?"

"Hoje quando me mandou chamar disse que graças a ti descobrira tudo. Não sabia ainda o que eu tentava proteger, nunca chegou a entender exatamente quais eram os tesouros, e os fins da biblioteca. Pediu-me para explicar-lhe o que não sabia. Queria que o finis Africae fosse aberto. O grupo dos italianos pedira-lhe para pôr um fim naquele que eles chamam o mistério alimentado por mim e por meus predecessores. Estão agitados pela cupidez de coisas novas..."

"E tu deves ter-lhe prometido que virias aqui e porias fim à tua vida como puseste fim à dos outros, de modo que a honra da abadia fosse salva e ninguém soubesse de nada. Depois lhe indicaste o caminho para chegar, mais tarde, para averiguar. Em vez disso, tu o esperavas, para matá-lo. Não pensavas que podia entrar pelo espelho?"

"Não, Abbone é pequeno de estatura, não seria capaz de alcançar sozinho o versículo. Indiquei-lhe esta passagem, que somente eu ainda conhecia. É a que usei durante muitos anos, porque era mais fácil, no escuro. Bastava chegar à capela e depois seguir os ossos dos mortos, até o fim da passagem."

"Então fizeste com que ele viesse aqui sabendo que o matarias..."

"Não podia mais confiar nem mesmo nele. Estava assustado. Tornara-se célebre porque em Fossanova conseguira fazer descer um corpo por uma escada em caracol. Injusta glória. Agora está morto porque não conseguiu fazer sair o seu."

"Usaste-o durante quarenta anos. Quando percebeste que estavas ficando cego e não poderias continuar a controlar a biblioteca, trabalhaste com afinco. Fizeste eleger abade um homem em quem podias confiar, e fizeste nomear bibliotecário, primeiro Roberto de Bobbio, que podias instruir a teu bel-prazer, depois Malaquias, que precisava de tua ajuda e não dava um passo sem consultar-te. Durante quarenta anos foste o dono desta abadia. É isso que o grupo de italianos compreendera, é isso que Alinardo repetia, mas ninguém lhe dava ouvidos porque o consideravam demente, não é? Porém tu ainda me esperavas, e não poderias ter bloqueado a entrada do espelho, porque o mecanismo está murado. Por que me esperavas, o que te dava a certeza de que eu viria?" Guilherme perguntava, mas pelo seu tom compreendia-se que ele já adivinhava a resposta, e a esperava como um prêmio à própria habilidade.

"Desde o primeiro dia compreendi que compreenderias. Pela tua voz, pelo modo

com que me levaste a discutir sobre aquilo de que não queria que se falasse. Eras melhor que os outros, chegarias de qualquer modo. Sabes, basta pensar e reconstruir na própria mente os pensamentos do outro. E depois ouvi que fazias perguntas aos monges, todas apropriadas. Mas nunca fazias perguntas sobre a biblioteca, como se já conhecesses seu segredo. Uma noite vim bater à tua cela, e não estavas. Estavas certamente aqui. Tinham desaparecido duas lamparinas da cozinha, escutei um servo dizer. E por fim, quando Severino veio te falar sobre um livro, outro dia no nártex, tive certeza que estavas no meu rastro."

"Mas conseguiste subtrair-me o livro. Foste até Malaquias, que até então não tinha compreendido nada. Agitado pelo próprio ciúme, o tolo continuava obcecado pela idéia de que Adelmo lhe raptara seu adorado Berengário, que queria carne mais nova que a dele. Não compreendia o que tinha a ver Venâncio com essa história, e tu lhe confundiste ainda mais as idéias. Disseste-lhe que Berengário tivera uma relação com Severino, e que para compensá-lo, tinha dado ao outro um livro do finis Africae. Não sei exatamente o que lhe disseste. Malaquias foi até Severino, louco de ciúme, e o matou. Depois não teve tempo de procurar o livro que tu lhe descreveste, porque chegou o celeireiro. Foi assim?"

"Mais ou menos."

"Mas tu não querias que Malaquias morresse. Ele provavelmente nunca olhara os livros do finis Africae, confiava em ti, obedecia às tuas proibições. Ele se limitava a predispor, à noite, as ervas para espantar os curiosos eventuais. Severino lhas fornecia. Por fim aquele dia Severino deixou Malaquias entrar no hospital, era sua visita diária para pegar as ervas frescas, que ele preparava todos os dias, por ordem do Abade. Adivinhei?"

"Adivinhaste. Eu não queria que Malaquias morresse. Disse-lhe para recuperar o livro, de qualquer modo, e repô-lo aqui, sem abri-lo. Disse-lhe que tinha o poder de mil escorpiões. Mas pela primeira vez o desatinado quis agir por iniciativa própria. Não o queria morto, era um executor fiel. Mas não fiques repetindo o que sabes, sei que sabes. Não quero alimentar o teu orgulho, já fazes isso por ti mesmo. Ouvi-te de manhã no scriptorium interrogar Bêncio sobre a Coena Cypriani. Estavas muito perto da verdade. Não sei como descobriste o segredo do espelho, mas quando soube pelo Abade que tu lhe fizeste menção ao finis Africae, estava certo de que em breve chegarias aqui. Por isso estava te esperando. E agora o que queres?"

"Quero ver", disse Guilherme, "o último manuscrito do volume encadernado que recolhe um texto árabe, um sírio e uma interpretação ou transcrição da Coena

Cypriani. Quero ver aquela cópia em grego, feita provavelmente por um árabe, ou por um espanhol, que tu encontraste quando, ajudante de Paulo de Rimini, conseguiste que te mandassem ao teu país para recolher os mais belos manuscritos do Apocalipse de Leão e Castela, um saque que te tornou famoso e estimado aqui na abadia e te fez obter o posto de bibliotecário, enquanto cabia a Alinardo, dez anos mais velho que tu. Quero ver aquela cópia grega escrita em papel de pano, que então era muito raro, e que era fabricado em Silos, justamente, perto de Burgos, tua pátria. Quero ver o livro que roubaste lá, após tê-lo lido, porque não querias que outros o lessem, e que escondeste aqui, protegendo-o de modo perspicaz, e que não destruíste porque um homem como tu não destrói um livro, mas apenas o guarda e cuida para que ninguém o toque. Quero ver o segundo livro da Poética de Aristóteles, aquele que todos consideravam perdido ou nunca escrito, e do qual tu guardas talvez a última cópia."

"Que magnífico bibliotecário terias sido, Guilherme", disse Jorge num tom conjunto de admiração e amargura. "Então sabes de tudo. Vem, creio que há um banco do teu lado da mesa. Senta, eis o teu prêmio."

Guilherme sentou-se e pousou o lume, que eu lhe passara, iluminando por baixo o rosto de Jorge. O velho pegou o volume que tinha diante de si e passou-o a Guilherme. Eu reconheci a encadernação, era o que eu abrira no hospital, acreditando tratar-se de um manuscrito árabe.

"Lê, então, folheia, Guilherme", disse Jorge. "Venceste."

Guilherme olhou o volume mas não o tocou. Tirou do hábito um par de luvas, não as suas com a ponta dos dedos descobertas, mas aquelas que estava usando Severino quando o encontramos morto. Abriu lentamente a encadernação desgastada e frágil. Eu me aproximei e me inclinei às suas costas. Jorge com seu ouvido finíssimo ouviu o barulho que eu fazia. Disse: "Tu também estás aqui, rapaz? Deixarei que o vejas também... depois."

Guilherme percorreu rapidamente as primeiras páginas: "É um manuscrito árabe sobre os ditos de um estulto qualquer, de acordo com o catálogo", disse. "Do que se trata?"

"Oh, lendas tolas dos infiéis, donde se conclui que os tolos têm motes argutos que espantam seus sacerdotes e entusiasmam seus califas..."

"O segundo é um manuscrito sírio, mas segundo o catálogo traduz um libreto egípcio de alquimia. Como afinal se encontra aqui?"

"É uma obra egípcia do terceiro século de nossa era. Coerente com a obra que acompanha, mas menos perigosa. Ninguém daria ouvidos aos delírios de um

alquimista africano. Atribui a criação do mundo ao riso divino...” Levantou o rosto e recitou, com sua prodigiosa memória de leitor que já há quarenta anos repetia a si mesmo coisas lidas, quando ainda possuía o bem da visão: “Mal Deus acabou de rir nasceram sete deuses que governaram o mundo, mal desatou a rir apareceu a luz, na segunda risada apareceu a água, e no sétimo dia que ria apareceu a alma... Loucuras. E também o escrito que vem em seguida, de um dos inumeráveis estúpidos que se puseram a glosar a Coena... Mas não são esses que te interessam.”

Guilherme de fato havia folheado rapidamente as páginas e chegara ao texto grego. Vi logo que as folhas eram de material diferente e mais mole, quase arrancada a primeira, com uma parte da margem carcomida, coberta de manchas pálidas, como de hábito o tempo e a umidade produzem nos outros livros. Guilherme leu as primeiras linhas, primeiro em grego, depois traduzindo em latim e continuando em seguida nessa língua, de modo que também eu pude apreender como começava o livro fatal.

> No primeiro livro tratamos da tragédia e de como ela suscitando piedade e medo produz a purificação de tais sentimentos. Como tínhamos prometido, tratamos agora da comédia (ainda mais da sátira e do mimo) e de como suscitando o prazer do ridículo ela chegue à purificação de tal paixão; quanto tal paixão seja digna de consideração já o dissemos no livro sobre a alma, enquanto — único dentre todos os animais — o homem é capaz de rir. Definiremos portanto de que tipo de ações é mimesis a comédia, em seguida examinaremos os modos como a comédia suscita o riso, e esses modos são os fatos e o elóquio. Mostraremos como o ridículo dos fatos nasce da assimilação do melhor ao pior e vice-versa, do surpreender enganando, do impossível e da violação das leis da natureza, do irrelevante e do inconseqüente, do rebaixamento das personagens, do uso de pantomimas bufonescas e vulgares, da desarmonia, da escolha das coisas menos dignas. Mostraremos por conseguinte como o ridículo do elóquio nasce dos equívocos entre palavras semelhantes para coisas diferentes e diferentes para coisas semelhantes, da loquacidade e da repetição, dos jogos de palavras, dos diminutivos, dos erros de pronúncia e dos barbarismos...

Guilherme traduzia com esforço, buscando as palavras corretas, detendo-se de vez em quando. Traduzindo sorria, como se estivesse reconhecendo coisas que esperava encontrar. Leu em voz alta a primeira página, depois parou, como se não lhe interessasse saber mais, e folheou rapidamente as páginas seguintes: mas após algumas folhas encontrou resistência, porque junto à margem lateral superior, e ao longo do corte, as folhas estavam unidas umas às outras, como acontece quando — umedecida e apodrecida — a matéria do papel forma uma espécie de glúten grudento. Jorge percebeu que o farfalhar das folhas tinha cessado, e incitou

Guilherme.

"Vamos, lê, folheia. É teu, tu o mereceste."

Guilherme riu, e parecia antes divertido: "Então não é verdade que me consideras tão agudo, Jorge! Tu não podes ver, mas estou com luvas. Com os dedos assim empachados não consigo destacar as folhas uma da outra. Deveria fazê-lo com as mãos nuas, umedecer meus dedos na língua, como me aconteceu fazer de manhã no scriptorium, de modo que de repente também este mistério me foi esclarecido, e deveria continuar folheando assim, até que o veneno me passasse para a boca, em boa medida. Falo do veneno que tu um dia, há tempos, roubaste do laboratório de Severino, talvez já então preocupado porque ouviste alguém no scriptorium manifestar curiosidade, quer sobre o finis Africae quer sobre o livro perdido de Aristóteles, quer sobre ambos. Creio que guardaste a ampola por muito tempo, deixando para fazer uso dela quando tivesses percebido um perigo. E o percebeste há alguns dias, quando de um lado Venâncio chegou demasiado perto do tema deste livro, e Berengário, por leviandade, por gabolice, para impressionar Adelmo, revelou-se menos discreto do que tu esperavas. Então vieste e armaste a tua cilada. Bem a tempo porque algumas noites depois Venâncio penetrou aqui, roubou o livro, folheou-o com ansiedade, com voracidade quase física. Sentiu-se mal em seguida e correu a buscar ajuda na cozinha. Onde morreu. Estou errado?"

"Não, continua."

"O resto é simples. Berengário encontra o corpo de Venâncio na cozinha, teme que daí nasça uma investigação, porque na verdade Venâncio estava de noite no Edifício, como conseqüência de sua primeira revelação a Adelmo. Não sabe o que fazer, carrega o corpo nas costas e o mete no alguidar de sangue, pensando que todos ficariam convencidos de que tinha se afogado."

"E tu como sabes que aconteceu assim?"

"Tu o sabes também, vi como reagiste quando encontraram um pano sujo de sangue com Berengário. Com o pano aquele desgraçado tinha limpado as mãos após ter enfiado Venâncio no sangue. Mas uma vez que desaparecera, Berengário só podia ter desaparecido com o livro que agora também o deixara curioso. E tu esperavas que o encontrassem nalgum lugar, não ensangüentado, porém envenenado. O resto é claro. Severino encontrou o livro, porque Berengário tinha ido antes ao hospital para lê-lo ao abrigo de olhos indiscretos. Malaquias matou Severino instigado por ti, e morreu quando retornou aqui para saber o que havia de tão proibido no objeto que o fizera tornar-se um assassino. Eis que temos uma explicação para todos os cadáveres... Que tolo!..."

"Quem?"

"Eu. Por causa de uma frase de Alinardo estava convencido que a série dos crimes seguia o ritmo das sete trombetas do Apocalipse. A nevasca para Adelmo, e foi um suicídio. O sangue para Venâncio, e foi uma idéia bizarra de Berengário, e foi um fato casual; a terceira parte do céu para Severino, e Malaquias o golpeara com a esfera armilar porque era a única coisa que tinha encontrado à mão. Finalmente os escorpiões de Malaquias... Por que lhe disseste que o livro tinha a força de mil escorpiões?"

"Por tua causa. Alinardo me comunicara sua idéia, depois ouvi também que tu acharas que era persuasiva... então fiquei convencido de que um plano divino estaria regulando os desaparecimentos dos quais eu não era responsável. E avisei Malaquias que se fosse curioso pereceria de acordo com o mesmo plano divino, como de fato aconteceu."

"É assim então... fabriquei um esquema falso para interpretar os movimentos do culpado e o culpado se adequou a ele. E foi justamente esse falso esquema que me pôs nos teus rastros. Em nossos tempos todos estão obcecados pelo livro de João, mas tu me parecias aquele que mormente sobre ele meditava, e não tanto por tuas especulações sobre o Anticristo, mas porque vinhas do país que produziu os mais esplêndidos Apocalipses. Um dia alguém me disse que os códices mais bonitos desse livro, na biblioteca, tinham sido trazidos por ti. Depois um dia Alinardo gabou-se de um seu misterioso inimigo que tinha ido procurar livros em Silos (interessou-me o fato de ele dizer que tinha voltado antes do tempo ao reino das trevas: no momento podia-se pensar que quisesse dizer que tinha morrido jovem, em vez disso estava aludindo à tua cegueira). Silos fica perto de Burgos, e de manhã, no catálogo, encontrei uma série de aquisições que se referiam a todos os apocalipses hispânicos, no período em que sucedeste ou estavas para suceder Paulo de Rimini. E naquele grupo de aquisições havia também este livro. Mas eu não podia estar seguro daquilo que reconstruíra, até que não soubesse que o livro roubado era de papel de pano. Então lembrei-me de Silos, e fiquei certo. Naturalmente, à medida que tomava forma a idéia deste livro e de seu poder venéfico, desmoronava a idéia do esquema apocalíptico, e no entanto não conseguia compreender como o livro e a seqüência das trombetas levavam ambas a ti, e compreendi melhor a história do livro justamente quando, seguindo a seqüência apocalíptica, era obrigado a pensar em ti, e nas tuas discussões sobre o riso. Tanto que esta noite, quando já não acreditava mais no esquema apocalíptico, insisti em controlar os estábulos, onde esperava o troar da sexta

trombeta, e justamente nos estábulos, por mero acaso, Adso forneceu-me a chave para entrar no finis Africae."

"Não te acompanho", disse Jorge. "Estás orgulhoso por me mostrares como, seguindo a tua razão, chegaste a mim e no entanto estás me demonstrando que chegaste aqui seguindo um raciocínio errado. O que pretendes me dizer?"

"A ti, nada. Estou desconcertado, eis tudo. Mas não importa. Estou aqui."

"O Senhor soava as sete trombetas. E tu, mesmo em teu erro, ouviste um eco confuso daquele som."

"Isso já o disseste no sermão de ontem à noite. Tentas convencer-te de que toda esta história aconteceu segundo um desígnio divino para ocultar de ti mesmo o fato de que és um assassino."

"Eu não matei ninguém. Todos caíram seguindo os seus destinos por causa dos próprios pecados. Eu fui somente um instrumento."

"Ontem disseste que Judas também tinha sido um instrumento. Isso não impede que se tenha danado."

"Aceito o risco da danação. O Senhor me absolverá, porque sabe que agi para a sua glória. O meu dever era proteger a biblioteca."

"Ainda há poucos momentos estavas pronto a matar também a mim, e também a este rapaz..."

"És mais sutil, mas não melhor que os outros."

"E agora o que irá acontecer, agora que desfiz tua trama?"

"Veremos", respondeu Jorge. "Não quero necessariamente a tua morte. Talvez consiga convencer-te. Mas dize-me antes, como adivinhaste que se tratava do segundo livro de Aristóteles?"

"Não me teriam bastado certamente os teus anátemas contra o riso, nem o pouco que soube sobre a discussão que tiveste com os outros. Fui auxiliado por alguns apontamentos de Venâncio. Não entendia, de início, o que queriam dizer. Mas havia algumas referências a uma pedra desavergonhada que rola pela planície, às cigarras que cantarão debaixo da terra, aos venerandos figos. Já tinha lido algo no gênero: conferi estes dias. São exemplos que Aristóteles usava já no primeiro livro da Poética, e na Retórica. Depois me lembrei que Isidoro de Sevilha define a comédia como algo que narra stupra virginum et amores meretricum... Pouco a pouco foi-se esboçando na minha mente este segundo livro como deveria ter sido. Poderia te contar quase tudo, sem ler as páginas que me envenenariam. A comédia nasce nas komai, ou seja, nos vilarejos dos camponeses, como celebração jocosa após um banquete ou uma festa. Não narra de homens famosos e poderosos, mas

de seres vis e ridículos, não malvados, e não termina com a morte dos protagonistas. Atinge o efeito de ridículo mostrando homens comuns, defeitos e vícios. Aqui Aristóteles vê a disposição ao riso como uma força boa, que pode mesmo ter um valor cognoscitivo, quando através de enigmas argutos e metáforas inesperadas, mesmo dizendo-nos as coisas ao contrário daquilo que são, como se mentisse, de fato nos obriga a reparar melhor, e nos faz dizer: eis, as coisas estavam justamente assim, e eu não sabia. A verdade atingida através da representação dos homens e do mundo, piores do que são ou do que acreditamos, piores em todo caso do que os poemas heróicos, as tragédias, as vidas dos santos nos mostraram. É assim?

"O suficiente. Tu a reconstruíste lendo outros livros?"

"Em muitos dos quais trabalhava Venâncio. Creio que há tempo Venâncio estava em busca deste livro. Deve ter lido no catálogo as indicações que li eu também e ter-se convencido de que aquele era o livro que procurava. Mas não sabia como entrar no finis Africae. Quando ouviu Berengário falar disso a Adelmo, então lançou-se como um cão na pista de uma lebre."

"Foi assim, dei-me conta logo. Compreendi que chegara o momento em que deveria defender a biblioteca com os dentes..."

"E usaste o ungüento. Deve ter dado trabalho... no escuro."

"Já agora enxergam melhor minhas mãos que teus olhos. De Severino roubei também um pincel. E eu também usei luvas. Foi uma boa idéia, não? Custaste bastante a chegar..."

"Sim. Eu estava pensando numa combinação mais complexa, num dente envenenado ou algo assim. Devo dizer que a tua solução era exemplar, a vítima se envenenava sozinha, e justamente na medida em que queria ler..."

Dei-me conta, com um calafrio, que naquele momento aqueles dois homens, a postos para uma luta mortal, se admiravam reciprocamente, como se cada um tivesse agido apenas para obter o aplauso do outro. Minha mente foi atravessada pelo pensamento de que as artes empregadas por Berengário para seduzir Adelmo, e os gestos simples e naturais com que a donzela suscitara minha paixão e meu desejo, não eram nada, quanto à astúcia e desvairada habilidade em conquistar o outro, diante do caso de sedução que se desenvolvia ante meus olhos naquele instante, em que se desenrolara ao longo de sete dias, cada um dos dois interlocutores marcando, por assim dizer, misteriosos encontros com o outro, cada um aspirando secretamente à aprovação do outro, que temia e odiava.

"Mas agora dize-me", estava dizendo Guilherme, "por quê? Por que quiseste

proteger este livro mais que muitos outros? Por que escondias, mas não a preço de um crime, tratados de nicromancia, páginas em que se blasfemava, talvez, o nome de Deus, mas por essas páginas danaste teus irmãos e danaste a ti mesmo? Há muitos outros livros que falam da comédia, muitos outros ainda que contêm o elogio do riso. Por que este te incutia tanto medo?"

"Porque era do Filósofo. Cada livro daquele homem destruiu uma parte da sabedoria que a cristandade acumulara no correr dos séculos. Os padres disseram aquilo que era preciso saber sobre a potência do Verbo, e bastou que Boécio comentasse o Filósofo para que o mistério divino do Verbo se transformasse na paródia humana das categorias e do silogismo. O livro do Gênesis diz o que é preciso saber sobre a formação do cosmos, e bastou que se descobrissem os livros físicos do Filósofo, para que o universo fosse repensado em termos de matéria surda e viscosa, e para que o árabe Averroes quase convencesse a todos da eternidade do mundo. Sabíamos tudo sobre os nomes divinos, e o dominicano sepultado por Abbone — seduzido pelo Filósofo — os nomeou de novo seguindo as sendas orgulhosas da razão natural. Desse modo o cosmos, que para o Areopagita se manifestava a quem soubesse olhar para cima a cascata luminosa da causa primeira exemplar, tornou-se uma reserva de indícios terrestres dos quais se remonta para nomear uma abstrata eficiência. Primeiro olhávamos para o céu, dignando de um olhar agastado a lama da matéria, agora olhamos para a terra, e acreditamos no céu pelo testemunho da terra. Cada uma das palavras do Filósofo, sobre as quais já agora juram também os santos e os pontífices, viraram de cabeça para baixo a imagem do mundo. Mas ele não chegou a virar de cabeça para baixo a imagem de Deus. Se este livro se tornasse... tivesse se tornado matéria de livre interpretação, teríamos ultrapassado o último limite."

"Mas o que te assustou nesse discurso sobre o riso? Não eliminas o riso eliminando o livro."

"Claro que não. O riso é a fraqueza, a corrupção, a insipidez de nossa carne. É o folguedo para o camponês, a licença para o embriagado, mesmo a igreja em sua sabedoria concedeu o momento da festa, do carnaval, da feira, essa ejaculação diurna que descarrega os humores e retém de outros desejos e de outras ambições... Mas desse modo o riso permanece coisa vil, defesa para os simples, mistério dessacralizado para a plebe. Dizia-o também o apóstolo, antes do que abrasar, casai-vos. Antes do que rebelar-se contra a ordem desejada por Deus, ride e deleitai-vos com vossas imundas paródias da ordem, no fim do pasto, após terdes esvaziado os cântaros e os frascos. Elegei o rei dos tolos, perdei-vos na liturgia do

asno e do porco, representai as vossas saturnais de cabeça para baixo... Mas aqui, aqui...” Jorge batia agora o dedo em cima da mesa, perto do livro que Guilherme tinha diante de si, “aqui a função do riso é invertida, elevada à arte, abrem-se-lhe as portas do mundo dos doutos. Faz-se dele objeto de filosofia, e de pérfida teologia... Tu viste ontem como os simples podem conceber, e pôr em prática, as mais túrbidas heresias, desconhecendo quer as leis de Deus quer as leis da natureza. Mas a igreja pode suportar a heresia dos simples, que se condenam sozinhos, arruinados por sua ignorância. O inculto desatino de Dulcino e de seus pares nunca porá em crise a ordem divina. Pregará a violência e morrerá pela violência, não deixará traço, consumir-se-á do modo como se consome o carnaval, e não importa se durante a festa produzir-se-á na terra, e por pouco tempo, a epifania do mundo ao avesso. Basta que o gesto não se transforme em desígnio, que este vulgar não encontre um latim que o traduza. O riso libera o aldeão do medo do diabo, porque na festa dos tolos também o diabo aparece pobre e tolo, portanto controlável. Mas este livro poderia ensinar que se libertar do medo do diabo é sabedoria. Quando ri, enquanto o vinho borbulha em sua garganta, o aldeão sente-se patrão, porque inverteu as relações de senhoria: mas este livro poderia ensinar aos doutos os artifícios argutos, e desde então ilustres, com que legitimar a inversão. Então seria transformado em operação do intelecto aquilo que no gesto irrefletido do aldeão é ainda e afortunadamente operação do ventre. Que o riso é próprio do homem é sinal do nosso limite de pecadores. Mas deste livro quantas mentes corrompidas como a tua tirariam o silogismo extremo, pelo qual o riso é a finalidade do homem! O riso distrai, por alguns instantes, o aldeão do medo. Mas a lei é imposta pelo medo, cujo nome verdadeiro é temor a Deus. E deste livro poderia partir a fagulha luciferina que atearia no mundo inteiro um novo incêndio: e o riso seria designado como arte nova, desconhecida até de Prometeu, para anular o medo. Para o aldeão que ri, naquele momento, não lhe importa morrer: mas depois, acabada sua licença, e a liturgia impõe-lhe de novo, de acordo com o desígnio divino, o medo da morte. E deste livro poderia nascer a nova e destrutiva aspiração a destruir a morte através da libertação do medo. E o que seremos nós, criaturas pecadoras, sem o medo, talvez o mais benéfico e afetuoso dos dons divinos? Durante séculos os doutores e os padres secretaram perfumadas essências de santo saber para redimir, através do pensamento daquilo que é elevado, a miséria e a tentação daquilo que é baixo. E este livro, justificando como remédio milagroso a comédia, a sátira e o mimo, que produziriam a purificação das paixões através da representação do defeito, do vício, da fraqueza, induziria os

falsos sábios a tentarem redimir (com diabólica inversão) o elevado, através da aceitação do baixo. Deste livro derivaria o pensamento de que o homem pode querer na terra (como sugeria o teu Bacon a propósito da magia natural) a abundância própria do país da Cocanha. Mas é isso que não devemos e não podemos ter. Olha os jovens monges que se desavergonham na paródia bufonesca da Coena Cypriani. Que diabólica transfiguração da sagrada escritura! Entretanto ao fazê-lo sabem que é mal. Porém o dia em que a palavra do Filósofo justificasse os jogos marginais da imaginação desregrada, oh, então realmente o que estivesse à margem pularia para o centro, e do centro se perderia qualquer vestígio. O povo de Deus se transformaria numa assembléia de monstros arrotados pelos abismos da terra desconhecida, e naquele momento a periferia da terra conhecida se tornaria o coração do império cristão, os Arimaspes no trono de Pedro, os Blemmyes nos mosteiros, os anões de barriga cheia e de cabeça grande na guarda da biblioteca! Os servos a ditarem a lei, nós (mas tu também, então) a obedecermos à vacância de qualquer lei. Disse um filósofo grego (que teu Aristóteles cita aqui, cúmplice e imunda auctoritas) que se deve desmantelar a seriedade dos adversários com o riso, e adversar o riso com a seriedade. A prudência de nossos pais fez sua escolha: se o riso é o deleite da plebe, que a licença da plebe seja refreada e humilhada, e amedrontada com a severidade. E a plebe não tem armas para afiar o seu riso até fazê-lo tornar-se instrumento contra a seriedade dos pastores que devem conduzi-la à vida eterna e subtraí-la às seduções do ventre, das pudendas, da comida, de seus sórdidos desejos. Mas se um dia alguém, agitando as palavras do Filósofo, e portanto falando como filósofo, levasse a arte do riso à condição de arma sutil, se à retórica do convencimento se substituísse a retórica da irrisão, se à tópica da paciente e salvadora construção das imagens da redenção se substituísse a tópica da impaciente desconstrução e do reviramento de todas as imagens mais santas e veneráveis — oh, naquele dia também tu e toda a tua sabedoria, Guilherme, estaríeis destruídos!”

“Por quê? Bater-me-ia, minha argúcia contra a argúcia alheia. Seria um mundo melhor que aquele em que o fogo e o ferro em brasa de Bernardo Gui humilham o fogo e o ferro em brasa de Dulcino.”

“Estarias preso já então na trama do demônio. Combaterias do outro lado do campo do Armagedom, onde deverá ocorrer o embate final. Mas para aquele dia a igreja deve saber impor mais uma vez a regra do conflito. Não nos faz medo a blasfêmia, porque mesmo na maldição de Deus reconhecemos a imagem confusa da ira de Jeová que amaldiçoou os anjos rebeldes. Não nos faz medo a violência de

quem mata os pastores em nome de alguma fantasia de renovação, porque é a mesma violência dos príncipes que tentaram destruir o povo de Israel. Não nos faz medo o rigor do donatista, a loucura suicida do circuncelião, a luxúria do bogomilo, a orgulhosa pureza do albigense, a necessidade de sangue do flagelante, a vertigem do mal do irmão do livre espírito: conhecemo-los todos e conhecemos a raiz de seus pecados que é a mesma raiz de nossa santidade. Não nos fazem medo e sobretudo sabemos como destruí-los, melhor, como deixar que se destruam sozinhos, levando brutalmente ao zênite a vontade de morte que nasce dos próprios abismos de seu nadir. Antes, queria dizer, sua presença nos é preciosa, está inscrita no desígnio de Deus, porque seu pecado incita nossa virtude, sua blasfêmia encoraja nossa canto de louvor, sua desregulada penitência regula o nosso gosto pelo sacrifício, sua impiedade faz resplandecer nossa piedade, assim como o príncipe das trevas foi necessário, com sua rebelião e seu desespero, para melhor fazer refulgir a glória de Deus, princípio e fim de toda esperança. Mas se um dia — e não mais como exceção plebéia, mas como ascese do douto, consignada ao testemunho indestrutível da escritura — se tornasse aceitável, e aparecesse nobre, e liberal, e não mais mecânica, a arte da irrisão, se um dia alguém pudesse dizer (e ser escutado): eu rio-me da Encarnação... Então não teríamos armas para deter a blasfêmia, porque ela conclamaria as forças obscuras da matéria corporal, as que se afirmam no peido e no arroto, e o arroto e o peido arrogariam a si o direito que é só do espírito, de soprar onde quer!”

“Licurgo mandou erigir uma estátua ao riso.”

“Leste-o no libelo de Clorizio, que tentou absolver os mimos da acusação de impiedade, que diz como um doente foi curado por um médico que o tinha ajudado a rir. Por que precisava curá-lo, se Deus tinha estabelecido que sua jornada terrena chegara ao fim?”

“Não creio que o tenha curado do mal. Ensinou-lhe a rir do mal.”

“Não se exorciza o mal. Destrói-se.”

“Com o corpo do doente.”

“Se é necessário.”

“Tu és o diabo”, disse então Guilherme.

Jorge pareceu não entender. Se enxergasse eu teria dito que ele fixaria seu interlocutor com olhos atônitos.

“Eu?” disse.

“Sim, mentiram-te. O diabo não é o príncipe da matéria, o diabo é a arrogância do espírito, a fé sem sorriso, a verdade que não é nunca presa de dúvida. O diabo é

sombrio porque sabe por onde anda, e andando, vai sempre por onde veio. Tu és o diabo e como o diabo vives nas trevas. Se querias convencer-me, não conseguiste. Eu te odeio, Jorge, e se pudesse eu te conduziria, pela esplanada abaixo, nu, com penas de aves enfiadas no buraco do cu, e a cara pintada como um jogral e um bufão, para que todo o mosteiro risse de ti, e não sentisse mais medo. Agradar-me-ia lambuzar-te de mel, depois envolver-te nas plumas, levar-te atrelado às feiras, para dizer a todos: este vos anunciava a verdade e vos dizia que a verdade tem o sabor da morte, e vós não críeis em sua palavra, porém em sua tenebrosidade. E agora eu vos digo que, na infinita vertigem dos possíveis, Deus vos consente mesmo imaginar um mundo em que o presunçoso intérprete da verdade outra coisa não é senão um melro desajeitado, que repete palavras aprendidas há muito tempo."

"Tu és pior que o diabo, menorita", disse Jorge então. "És um jogral, como o santo que vos pariu. És como o teu Francisco que de toto corpore fecerat linguam, que fazia sermões dando espetáculos como os saltimbancos, que confundia o avaro metendo-lhe na mão moedas de ouro, que humilhava a devoção das freiras recitando o Miserere em vez da prédica, que esmolava em francês, e imitava, com um pedaço de pau, os movimentos de quem toca violino, que se travestia de vagabundo para confundir os frades glutões, que se jogava nu na neve, falava com os animais e as ervas, transformava o próprio mistério da natividade em espetáculo de aldeia, invocava o cordeiro de Belém imitando o balido da ovelha... Foi uma boa escola... Não era menorita aquele frei Deusteguarde de Florença?"

"Sim", sorriu Guilherme. "Aquele que foi ao convento dos pregadores e disse que não aceitaria comida se antes não lhe dessem um pedaço da túnica de frei João, para conservá-la como relíquia, e quando o teve, limpou a bunda com ele e depois jogou-o na esterqueira e com uma vara rolava-o no esterco gritando: que pena, ajudem-me irmãos, porque perdi na latrina as relíquias do santo!"

"Esta história te diverte, parece-me. Talvez queiras contar-me também aquela do outro menorita, frei Paulo Milmoscas, que um dia caiu estirado no gelo e os cidadãos zombavam dele e um perguntou-lhe se não queria algo melhor embaixo de si, e ele respondeu-lhe: sim, tua mulher... Assim vós procuráveis a verdade."

"Assim Francisco ensinava à gente a olhar as coisas de um outro lado."

"Mas nós nos disciplinamos. Viste, ontem, os teus confrades. Voltaram às nossas fileiras, não falam mais como os simples. Os simples não devem falar. Este livro teria justificado a idéia de que a língua dos simples é portadora de alguma sabedoria. Era preciso impedir isso, foi o que fiz. Tu dizes que eu sou o diabo: não

é verdade. Eu fui a mão de Deus."

"A mão de Deus cria, não oculta."

"Há limites além dos quais não é permitido ir. Deus quis que em certos papéis fosse escrito: hic sunt leones."

"Deus criou os monstros também. Também te criou. E quer que se fale de tudo."

Jorge esticou as mãos trêmulas e puxou o livro para si. Mantinha-o aberto, mas de cabeça para baixo, de modo que Guilherme continuasse a vê-lo pelo lado certo. "Então por que", disse, "permitiu que este texto ficasse perdido no curso dos séculos, e se salvasse apenas uma cópia sua, que a cópia dessa cópia, que foi parar sabe-se lá onde, permanecesse sepultada durante anos nas mãos de um infiel que não conhecia o grego, e depois continuasse fechada numa velha biblioteca onde eu, não tu, fui chamado pela providência para encontrá-la, e trazê-la comigo, e escondê-la por mais anos ainda? Eu sei, sei como se o visse escrito em letras de diamante, com meus olhos que vêm coisas que tu não vês, eu sei que essa era a vontade do Senhor, e interpretando-a, agi. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo."

Sétimo dia

NOITE

Onde ocorre a ecpirose e por causa do excesso de virtude as forças do inferno prevalecem.

O velho calou-se. Mantinha ambas as mãos abertas sobre o livro, quase acariciando suas páginas, como se estivesse esticando as folhas para ler melhor, ou quisesse protegê-lo de uma presa voraz.

"Tudo isso de qualquer modo não serviu para nada", disse-lhe Guilherme. "Agora acabou, encontrei-te, encontrei o livro, e os outros morreram em vão."

"Em vão, não", disse Jorge. "Talvez em demasia. E caso carecesses de uma prova de que este livro é maldito, tu a tiveste. Mas não devem ter morrido em vão. E a fim de que não tenham morrido em vão, uma outra morte não será demais."

Disse, e começou com as mãos descarnadas e diáfanas a rasgar lentamente, em pedaços e tiras, as páginas moles do manuscrito, colocando-as aos bocados na boca, e mastigando lentamente como se estivesse consumindo a hóstia e quisesse torná-la carne na própria carne.

Guilherme fitava-o fascinado e parecia não se dar conta do que estava acontecendo. Depois percebeu e adiantou-se gritando: "O que estás fazendo?" Jorge sorriu descobrindo as gengivas exangues, enquanto uma baba amarelada escorria-lhe dos lábios pálidos sobre o pelame branco e ralo do queixo.

"És tu que esperavas o toque da sétima trombeta, não é verdade? Escuta agora o que diz a voz: sela o que disseram os sete trovões e não o escrevas, pega-o e devora-o, ele amargará o teu ventre mas para a tua boca será doce como o mel. Vês? Agora selo o que não devia ser dito, no túmulo que me torno."

Riu, logo ele, Jorge. Pela primeira vez escutei-o rir... Riu com a garganta, sem que os lábios esboçassem alegria, e quase parecia estar chorando: "Não esperavas, Guilherme, esta conclusão, não é? O velho, por graça do Senhor, vence ainda, não é mesmo?" E como Guilherme tentasse tirar-lhe o livro, Jorge, que adivinhou o

gesto percebendo as vibrações do ar, retraiu-se apertando o volume contra o peito com a esquerda, enquanto com a direita continuava a rasgar as páginas e a enfiá-las na boca.

Estava do lado oposto da mesa e Guilherme, que não chegava a tocá-lo, tentou bruscamente contornar o obstáculo. Mas deixou cair seu banco, enroscando nele o hábito, de modo que Jorge teve jeito de perceber a manobra. O velho riu ainda, desta vez mais forte, e com insuspeita rapidez estendeu a mão direita, individuando o lume às apalpadelas, guiado pelo calor alcançou a chama e apertou a mão em cima, sem temer a dor, e a chama se apagou. A sala tombou na escuridão e ouvimos pela última vez a risada de Jorge, que gritava: "Encontrai-me agora, porque agora sou eu quem vê melhor!" Depois calou e não foi mais ouvido. Movendo-se com aqueles passos silenciosos que tornavam tão inesperadas suas aparições, e só ouvíamos de vez em quando, em pontos diferentes da sala, o rumor do papel que se rasgava.

"Adso!" gritou Guilherme, "fica à porta, não deixes que saia!"

Mas falara demasiado tarde porque eu, que já há alguns segundos fremia de vontade de lançar-me sobre o velho, ao cair da treva postara-me adiante tentando contornar a mesa pelo lado oposto àquele em que se movera meu mestre. Demasiado tarde compreendi que tinha permitido a Jorge ganhar a porta, porque o velho sabia orientar-se no escuro com extraordinária segurança. E, de fato, ouvimos um ruído de papel rasgado às nossas costas, e bastante abrandado, porque já provinha da sala contígua. E ao mesmo tempo ouvimos outro ruído, um chiado custoso e progressivo, um gemer de gonzos.

"O espelho!" gritou Guilherme. "Está nos fechando aqui dentro!" Guiados pelo ruído, ambos nos lançamos em direção à entrada, eu tropecei num banco e machuquei uma perna, mas não fiz caso, porque num lampejo compreendi que se Jorge nos trancasse ali, nunca mais sairíamos: no escuro não encontraríamos o jeito de abrir, não sabendo daquele lado o que se precisava manobrar e como.

Creio que Guilherme estava se movendo com o mesmo desespero meu porque o senti ao meu lado enquanto ambos, atingindo o umbral, nos empurrávamos contra o avesso do espelho que estava se fechando sobre nós. Chegamos a tempo, porque a porta se deteve e logo depois cedeu, reabrindo-se. Evidentemente Jorge, percebendo que o jogo estava empatado, afastara-se. Saímos da sala maldita, mas agora não sabíamos para onde se dirigira o velho e a escuridão era total. De repente me lembrei:

"Mestre, mas eu tenho comigo a pederneira!"

"Então o que estás esperando", gritou Guilherme, "procura a lamparina e acende-a!" Eu me lancei na escuridão, em direção ao finis Africae, procurando o lume às apalpadelas. Alcancei-o logo, por milagre divino, remexi no escapulário, encontrei a pederneira, as mãos me tremiam e falhei duas ou três vezes antes de conseguir, enquanto Guilherme ofegava da porta: "Rápido, rápido!" e finalmente consegui.

"Rápido", incitou-me ainda Guilherme, "senão o outro come o Aristóteles inteiro!"

"E morre!" gritei angustiado, alcançando-o e pondo-me à procura com ele.

"Não me importa se morre, o maldito!" gritava Guilherme cravando o olhar ao redor e movendo-se de modo desordenado. "Com tudo aquilo que comeu seu destino já está selado. Mas eu quero o livro!"

Depois parou, e acrescentou com maior calma: "Pára. Se continuarmos assim nunca o encontraremos. Calados e parados, por um momento." Enrijecemo-nos em silêncio. E no silêncio ouvimos não muito longe o ruído de um corpo que derrubava um armário, e o estardalhaço de alguns livros que caíam. "Para lá!" gritamos juntos.

Corremos em direção aos rumores, mas logo nos demos conta que devíamos diminuir o passo. De fato, fora do finis Africae, a biblioteca era atravessada naquela noite por rajadas de ar que sibilavam e gemiam na proporção do forte vento externo. Multiplicadas pelo nosso ímpeto elas ameaçavam apagar o lume, tão duramente reconquistado. Uma vez que não podíamos acelerar, seria necessário deter Jorge. Mas Guilherme teve uma intuição oposta e gritou: "Te pegamos, velho, agora temos a luz!" E foi uma sábia resolução porque a revelação deixou Jorge provavelmente tão agitado, que precisou acelerar o passo, comprometendo o equilíbrio daquela sua mágica sensibilidade de vidente das trevas. De fato ouvimos logo depois outro ruído e quando, acompanhando o som, entramos na sala Y de YSPANIA vimo-lo caído no chão, o livro ainda entre as mãos, enquanto tentava reerguer-se no meio dos volumes caídos da mesa, em que ele tinha esbarrado e que havia derrubado. Procurava erguer-se porém continuava arrancando as páginas, como para devorar o mais depressa possível a sua presa.

Alcançamo-lo quando já se tinha levantado e, sentindo nossa presença, nos enfrentava recuando. Seu rosto, no clarão vermelho do lume, apareceu-nos agora horrendo: os traços alterados, um suor maligno estriava-lhe a fronte e as faces, os olhos habitualmente brancos de morte tinham se injetado de sangue, e da boca saíam-lhe tiras de pergaminho como a uma fera famélica que tivesse abocanhado

em demasia e não conseguisse mais engolir sua comida. Desfigurada pela ânsia, pela ação do veneno, que agora já lhe circulava abundante nas veias, por sua desesperada e diabólica determinação, aquela que fora a figura venerável do ancião parecia agora horrenda e grotesca: em outros momentos teria provocado o riso, mas nós também estávamos reduzidos a animais, a cães que acuam a caça.

Poderíamos tê-lo agarrado com calma, em vez disso lançamo-nos sobre ele com ênfase, ele se desvencilhou, fechou as mãos sobre o peito, defendendo o volume, eu o segurava com a esquerda enquanto com a direita tentava manter o lume levantado, mas rocei-lhe o rosto com a chama, ele percebeu o calor, emitiu um som sufocado, um rugido, quase deixando cair da boca pedaços de papel, largou com a direita o livro, moveu a mão em direção ao lume, arrebatou-o de mim, de repente, jogando-o à frente...

O lume foi cair justamente no monte de livros tombados da mesa, empilhados um por cima do outro, com as páginas abertas. O óleo derramou-se, o fogo ateou-se logo a um pergaminho fragilíssimo que flamejou como um feixe de galhos secos. Tudo aconteceu em poucos instantes, uma labareda elevou-se dos volumes, como se aquelas páginas milenares aspirassem há séculos à combustão e se alegrassem ao satisfazer de repente uma imemorial sede de ecpirose. Guilherme tomou conhecimento do que estava acontecendo e abandonou a caçada ao velho — o qual, quando se sentiu livre, retrocedeu alguns passos — hesitou um pouco, demasiado, não há dúvida, incerto se retomava Jorge ou punha-se a apagar a pequena fogueira. Um livro mais velho que os outros ardeu repentinamente, atirando para o alto uma língua de fogo.

As sutis lâminas de vento, que podiam apagar uma chama débil, ao contrário, encorajavam uma mais forte e vivaz, e faziam antes brotar fagulhas errantes.

"Apaga o fogo, rápido!" gritou Guilherme. "Vai queimar tudo aqui!"

Lancei-me sobre a fogueira, depois me detive porque não sabia o que fazer. Guilherme moveu-se em minha direção, para vir em meu auxílio. Estendemos as mãos para o incêndio, procurando com os olhos algo com que sufocá-lo, eu tive como que uma inspiração, arranquei o hábito tirando-o pela cabeça e tentei colocá-lo sobre a fogueira. Mas as labaredas já estavam agora muito altas, engoliram o meu hábito e o consumiram. Retirei as mãos que estavam queimadas, voltei-me para Guilherme e vi, justamente às suas costas, Jorge que se aproximava novamente. O calor tornara-se agora tão forte que ele o percebeu muito bem, soube com absoluta certeza onde estava o fogo e jogou nele o Aristóteles.

Guilherme teve um impulso de raiva e deu um violento empurrão no velho que

esbarrou num armário batendo a cabeça numa quina e caindo no chão... mas Guilherme, de quem creio ter ouvido uma horrível blasfêmia, não ligou para ele. Voltou aos livros. Tarde demais. O Aristóteles, ou seja, o que dele restara após o pasto do velho, já estava queimado.

Entretanto, algumas fagulhas tinham voado até as paredes, e já os volumes de um outro armário estavam se encartuchando sob o ímpeto do fogo. Já agora não um, mas dois incêndios ardiam na sala.

Guilherme compreendeu que não poderíamos apagá-lo com as mãos, e resolveu salvar os livros com os livros. Agarrou um volume que lhe pareceu mais bem encadernado que os outros e mais compacto, e tentou usá-lo como arma para abafar o elemento inimigo. Mas batendo a encadernação lavrada sobre a pira dos livros ardentes, só fazia suscitar novas fagulhas. Tentou dispersá-las com os pés, mas obteve o efeito contrário, porque se elevaram pedacinhos voláteis de pergaminho quase incandescentes, que velejaram como morcegos enquanto o ar, aliado a seu aéreo companheiro, levava-os a incendiar a matéria terrestre de outras folhas.

Quis o azar que aquela fosse uma das salas mais desordenadas do labirinto. Das prateleiras, dos armários pendiam manuscritos enrolados, outros livros, já desmantelados, deixavam sair de suas capas, como que de lábios abertos, línguas de velo ressequido pelos anos, e a mesa devia ter contido uma enorme quantidade de escritos que Malaquias (já então sozinho, há dias) deixara de guardar. De modo que a sala, após o desmoronamento provocado por Jorge, fora invadida por pergaminhos que esperavam tão-somente transformar-se em outro elemento.

Em breve o lugar tornou-se um braseiro, um sarçal ardente. Os armários também participavam daquele sacrifício e começavam a crepitar. Dei-me conta de que todo o labirinto outra coisa não era senão uma imensa pira de sacrifício, preparada à espera duma primeira fagulha...

"Água, é preciso água!" dizia Guilherme, mas depois acrescentava: "e onde se encontra água neste inferno?"

"Na cozinha, lá embaixo na cozinha!" gritei.

Guilherme fitou-me perplexo, com o rosto avermelhado pelo furioso clarão. "Sim, mas antes que tenhamos descido e subido... ao diabo!" gritou depois, "em todo caso esta sala está perdida, e talvez a próxima. Desçamos logo, eu busco a água, e tu vais dar o alarme, é preciso muita gente!"

Encontramos o caminho para a escada porque a conflagração clareava também as salas vizinhas, ainda que cada vez mais fracamente, tanto que percorremos as

duas últimas salas quase às apalpadelas. Embaixo, a luz da noite iluminava palidamente o scriptorium e dali descemos ao refeitório. Guilherme correu à cozinha, eu à porta do refeitório, atrapalhando-me ao abri-la de dentro, o que consegui após muito trabalho, porque a agitação me tornava desajeitado e inábil. Saí na esplanada, corri ao dormitório, depois compreendi que não poderia acordar os monges um por um, tive uma inspiração, fui à igreja procurando caminho para a torre campanária. Quando ali cheguei, agarrei-me a todas as cordas, soando a rebate. Puxava com força e a corda do sino maior, remontando, arrastava-me consigo. As mãos, na biblioteca, tinham se queimado no dorso, tinha as palmas sãs ainda, mas as queimei fazendo-as resvalar ao longo das cordas, até que sangraram e precisei largar a presa.

Mas já então fizera barulho suficiente, precipitei-me para fora, a tempo de ver os primeiros monges que saíam do dormitório, enquanto de longe ouviam-se as vozes dos fâmulos que estavam aparecendo à soleira dos seus alojamentos. Não pude me explicar bem, porque sentia-me incapaz de formular palavras, e as primeiras que me vieram à boca foram em minha língua materna. Com a mão ensangüentada apontava as janelas da ala meridional do Edifício, das quais transparecia, através do alabastro, um clarão anormal. Dei-me conta, pela intensidade da luz, que enquanto descia e tocava os sinos, o fogo já se propagara a outras salas. Todas as janelas da África e toda a fachada entre ela e o torreão oriental reluziam agora de clarões desiguais.

"Água, trazei água!", gritava.

De início ninguém entendeu. Os monges estavam tão acostumados a considerar a biblioteca como um lugar sagrado e inacessível, que não conseguiam dar-se conta que ela estava ameaçada por um acidente comum, como a cabana de um camponês. Os primeiros que ergueram o olhar para as janelas persignaram-se, murmurando palavras de espanto, e compreendi que acreditavam em novas aparições. Agarrei-me a seus hábitos, implorei que compreendessem, até que alguém traduziu meus soluços em palavras humanas.

Era Nicola de Morimondo, que disse: "A biblioteca está queimando!"

"É isso", murmurei, deixando-me cair desfalecido no chão.

Nicola deu prova de grande energia, gritou ordens aos servos, deu instruções aos monges que o rodeavam, mandou alguém para abrir as outras portas do Edifício, impeliu outros a buscarem baldes e recipientes de toda espécie, aviou os presentes em direção às nascentes e aos depósitos de água da muralha. Ordenou aos vaqueiros para usarem os mulos e os asnos para transportar as tinas... Se

tivesse sido um homem dotado de autoridade a dar essas instruções, teria sido logo obedecido. Mas os fâmulos estavam acostumados a receber ordens de Remigio, os escrivães de Malaquias, todos do Abade. E nenhum dos três estava infelizmente presente. Os monges procuravam o Abade com os olhos buscando indicações e conforto, e não o encontravam, e só eu sabia que ele estava morto, ou estava morrendo naquele instante, murado num beco asfixiante que agora se transformava num forno, num touro de Fálaris.

Nicola empurrava os vaqueiros para um lado, mas um outro monge qualquer, animado de boas intenções, empurrava-os para outro. Alguns confrades tinham evidentemente perdido a calma, outros estavam ainda entorpecidos de sono. Eu tentava explicar, pois que já havia recuperado o uso da palavra, mas é necessário lembrar que estava quase desnudo, tendo jogado o hábito às chamas, e a visão do rapaz que era, ensangüentado, com o rosto enegrecido pela fuligem, indecentemente implume de corpo, entorpecido agora pelo frio, não devia certamente inspirar confiança.

Finalmente Nicola conseguiu arrastar alguns confrades e mais gente para a cozinha, que entrementes alguém tornara acessível. Alguém teve o bom senso de levar archotes. Encontramos o local em grande desordem, e compreendi que Guilherme devia tê-lo revolvido para buscar água e recipientes adequados ao transporte.

Nesse ínterim justamente vi Guilherme que desembocava pela porta do refeitório, o rosto queimado, o hábito fumegante, uma grande caçarola na mão e senti piedade por ele, pobre alegoria da impotência. Compreendi que mesmo que tivesse conseguido transportar ao segundo andar uma panela d'água sem derramá-la, e mesmo que o tivesse feito mais de uma vez, teria obtido bem pouco. Lembrei-me da história de Santo Agostinho, quando vê um menino que tenta transvazar a água do mar com uma colher: o menino era um anjo que assim fazia para brincar com o santo que pretendia penetrar os mistérios da natureza divina. E como o anjo, Guilherme falou comigo apoiando-se exausto no batente da porta: "É impossível, nunca conseguiremos, nem mesmo com todos os monges da abadia. A biblioteca está perdida." Ao contrário do anjo, Guilherme chorava.

Eu me abracei a ele, enquanto ele arrancava de uma mesa um pano e tentava recobrir-me. Detivemo-nos a observar, derrotados, o que estava acontecendo à nossa volta.

Era um acorrer desordenado de gente, alguns subiam de mãos vazias e se cruzavam na escada em caracol com outros que, de mãos vazias, impelidos por

insensata curiosidade, já tinham subido, e agora desciam para pegar recipientes. Outros, mais espertos, buscavam logo panelas e bacias, para aperceberem-se, depois, que na cozinha não havia água suficiente. De repente o salão foi invadido por alguns mulos que transportavam tinas, e os vaqueiros que os impeliam descarregavam-nos e fizeram menção de levar a água para cima. Mas não conheciam o caminho para subir ao scriptorium, e foi necessário certo tempo antes que alguns dos escrivães os instruíssem, e quando subiam esbarravam com os que desciam aterrorizados. Algumas tinas quebraram-se e derramaram a água no chão, outras foram passadas ao longo da escada em caracol por mãos prestativas. Acompanhei o grupo e achei-me no scriptorium; da entrada da biblioteca chegava uma fumaça densa, os últimos que tinham tentado subir ao torreão oriental já estavam de volta tossindo com os olhos avermelhados e declaravam que não se podia mais penetrar naquele inferno.

Vi Bêncio, então. Com o rosto alterado, subindo ao andar superior com enorme recipiente. Ouviu o que diziam os que voltavam e os apostrofou: "O inferno engolirá vós todos, velhacos!" Virou-se como para ajudar e me viu: "Adso", gritou, "a biblioteca... a biblioteca..." Não esperou minha resposta. Correu aos pés da escada e penetrou ousadamente na fumaça. Foi a última vez que o vi.

Percebi um estalido que vinha de cima. Das abóbadas do scriptorium caíam pedaços de pedras misturados a cal. Uma pedra de fecho esculpida em forma de flor soltou-se e quase me caiu na cabeça. O pavimento do labirinto estava cedendo.

Desci correndo ao andar térreo e saí ao ar livre. Alguns fâmulos prestativos tinham trazido escadas com as quais tentavam atingir as janelas dos andares superiores e fazer passar a água por aquela via. Mas as escadas mais compridas mal chegavam às janelas do scriptorium e quem ali subira não podia abri-las de fora. Mandaram dizer para abrir por dentro, porém, agora, ninguém mais ousava subir.

Entretanto eu fitava as janelas do terceiro andar. A biblioteca inteira devia ter-se tornado a essa altura um único braseiro fumegante e o fogo corria então de sala em sala, ateando-se rápido aos milhares de páginas ressecadas. Todas as janelas estavam iluminadas agora, uma fumaça negra saía do telhado: o fogo já se comunicava aos travejamentos da cobertura. O Edifício, que parecia um tetrágono sólido, revelava naquela contingência sua fraqueza, suas fendas, as paredes carcomidas desde o interior, as pedras desmoronadas que permitiam à chama alcançar as unidades de madeira onde quer que estivessem.

De repente algumas janelas se despedaçaram, como premidas por uma força

interna, as fagulhas saíram ao ar livre ponteando de luzes errantes a escuridão da noite. O vento, de forte tornara-se mais leve, e foi azar, porque forte teria apagado as fagulhas, e leve transportava-as excitando-as, e com elas fazia voltear no ar tiras de pergaminhos, tornados finos pela chama interior. Àquela altura ouviu-se um estrondo: o pavimento do labirinto cedera nalgum ponto precipitando suas traves em brasa no andar inferior, porque então vi línguas de fogo levantarem-se do scriptorium, ele também povoado por livros e armários, e papéis soltos estendidos nas mesas, prontos à solicitação das fagulhas. Ouvi gritos de desespero virem de um grupo de escrivães que se puxavam os cabelos com as mãos e ainda queriam subir heroicamente, para recuperar seus amados pergaminhos. Em vão, pois a cozinha e o refeitório eram agora um cruzamento de almas perdidas agitadas em todas as direções, onde cada um cortava o caminho d'outros. As pessoas se esbarravam, caíam, quem tinha um recipiente derramava seu conteúdo salvador; os mulos, penetrados na cozinha, tinham percebido a presença do fogo e, pateando, precipitavam-se para as saídas esbarrando nos humanos e nos seus próprios palafreneiros assustadíssimos. Via-se bem que, em todo caso, aquela turba de aldeões e de homens devotos e sábios, mas inabilíssimos, sem que alguém desse qualquer orientação, estava estorvando os socorros, que, no entanto, teriam podido sobrevir.

Toda a esplanada fora tomada pela desordem. Mas estava-se apenas no início da tragédia. Porque, saindo pelas janelas e pelo telhado, a nuvem agora triunfante das fagulhas, encorajada pelo vento, recaía por toda parte, tocando as coberturas da igreja. Não há quem não saiba quantas esplêndidas catedrais tinham sido vulneráveis à ação do fogo: porque a casa de Deus aparece bela e bem defendida como a Jerusalém celeste por causa da pedra que lhe dá pompa, mas as pedras e as abóbadas são erigidas sobre uma frágil, mesmo que admirável, arquitetura de madeira, e se a igreja de pedra recorda as florestas mais veneráveis por suas colunas que se ramificam altas nas abóbadas, ousadas como carvalhos, do carvalho tem freqüentemente o corpo — como tem igualmente de madeira todas as mobílias, os altares, os coros, as mesas pintadas, os bancos, os tronos, os candelabros. Assim aconteceu com a igreja abacial de belíssimo portal, que tanto me fascinara no primeiro dia. Ela pegou fogo num tempo curtíssimo. Os monges e toda a população da esplanada compreenderam então que estava em jogo a

própria sobrevivência da abadia, e todos se puseram a correr ainda mais brava e desordenadamente para fazer frente ao perigo.

Certamente a igreja era mais acessível e portanto mais defensável que a biblioteca. A biblioteca fora condenada por sua própria impenetrabilidade, pelo mistério que a protegia, pela exigüidade de seus acessos. A igreja, aberta maternalmente a todos na hora da prece, estava aberta a todos na hora do socorro. Porém não havia mais água, ou pelo menos pouquíssima podia-se encontrar depositada em quantidade suficiente, as nascentes a forneciam com natural parcimônia e com lentidão não comensurada à urgência da necessidade. Todos poderiam ter apagado o incêndio da igreja, ninguém sabia agora como. Além disso, o fogo se comunicara pelo alto onde era difícil içar-se para combater as chamas ou abafá-las com terra e trapos. E quando as chamas chegaram embaixo, já era inútil então jogar-lhes terra ou areia, pois o forro já desmoronava sobre os que tinham acorrido, soterrando não poucos.

Desse modo, aos gritos de pena pelas muitas riquezas queimadas estavam se unindo os gritos de dor pelos rostos queimados, os membros esmagados, os corpos desaparecidos sob um precipitar de abóbadas.

O vento tornara-se novamente impetuoso e mais impetuosamente alimentava o contágio. Logo depois da igreja pegaram fogo as pocilgas e os estábulos. Os animais aterrorizados romperam suas amarras, transpuseram as portas, espalharam-se pela esplanada nitrindo, mugindo, balindo, grunhindo horrivelmente. Algumas fagulhas atingiram a crina de muitos cavalos e viu-se a esplanada percorrida por criaturas infernais, corcéis chamejantes que destruíam tudo em seu caminho, que não tinha nem meta nem réquiem. Vi o velho Alinardo, que vagava perdido sem entender o que estava acontecendo, derrubado pelo magnífico Brunello, aureolado de fogo, arrastado na poeira e ali abandonado, pobre coisa informe. Mas não tive nem jeito nem tempo de socorrê-lo, nem de chorar seu fim, porque cenas não diferentes ocorriam agora por todo lugar. Os cavalos em chamas tinham transportado o fogo lá onde o vento ainda não o tinha feito: agora ardiam também as oficinas e a casa dos noviços. Torrentes de pessoas corriam de um lado a outro da esplanada, sem meta ou com metas ilusórias. Vi Nicola, a cabeça ferida, o hábito em farrapos, que já vencido agora, de joelhos no caminho de acesso, maldizia a maldição divina. Vi Pacifico de Tivoli que, renunciando a qualquer idéia de socorro, estava tentando agarrar de passagem um mulo empinado, e quando conseguiu, gritou-me para fazer eu também a mesma coisa, e para fugir, para escapar àquele sinistro simulacro de Armagedom.

Perguntei-me então onde estava Guilherme e temi que tivesse sido arrastado por um desabamento. Encontrei-o, após longa busca, nas proximidades do claustro. Trazia na mão seu saco de viagem: enquanto o fogo já se comunicava à casa dos peregrinos tinha subido à sua cela para salvar ao menos suas preciosíssimas coisas. Pegara também o meu saco, no qual encontrei algo com que me vestir. Detivemo-nos ofegantes a olhar o que acontecia ao redor.

A abadia estava condenada. Quase todos seus edifícios tinham, uns mais outros menos, sido atingidos pelo fogo. Os ainda intactos, não o estariam em breve, porque tudo agora, dos elementos naturais à obra confusa dos socorredores, colaborava para propagar o incêndio. Salvas permaneciam as partes não edificadas, o horto, o jardim diante do claustro... Não se podia fazer mais nada para salvar as construções, mas bastava abandonar a idéia de salvá-las para poder observar tudo sem perigo, permanecendo em zona aberta.

Olhamos a igreja que agora ardia lentamente, porque é próprio dessas grandes construções incendiar-se logo nas partes lígneas e depois agonizar por horas, às vezes por dias. Diferentemente flamejava ainda o Edifício. Aqui o material combustível era muito mais rico, o fogo tendo já se propagado de todo pelo scriptorium, tinha invadido agora o andar da cozinha. Quanto ao terceiro andar, onde antes e por centenas de anos havia estado o labirinto, já fora praticamente destruído.

"Era a maior biblioteca da cristandade", disse Guilherme. "Agora", acrescentou, "o Anticristo está realmente próximo porque nenhuma sabedoria vai barrá-lo mais. Por outro lado vimos seu vulto esta noite."

"O vulto de quem?" perguntei aturdido.

"De Jorge, digo. Naquele rosto devastado pelo ódio à filosofia, vi pela primeira vez o retrato do Anticristo, que não vem da tribo de Judas, como querem seus anunciadores, nem de um país distante. O Anticristo pode nascer da própria piedade, do excessivo amor a Deus ou da verdade, como o herege nasce do santo e o endemoninhado do vidente. Teme, Adso, os profetas e os que estão dispostos a morrer pela verdade, pois de hábito levam à morte muitíssimos consigo, freqüentemente antes de si, às vezes em seu lugar. Jorge cumpriu uma obra diabólica porque amava tão lubricamente a sua verdade, a ponto de ousar tudo para destruir a mentira. Jorge temia o segundo livro de Aristóteles porque este talvez ensinasse realmente a deformar o rosto de toda verdade, a fim de que não nos tornássemos escravos de nossos fantasmas. Talvez a tarefa de quem ama os homens seja fazer rir da verdade, fazer rir a verdade, porque a única verdade é

aprendermos a nos libertar da paixão insana pela verdade."

"Mas mestre", ousei, penalizado, "vós falais assim agora porque estais ferido no fundo da alma. Porém há uma verdade, aquela que descobristes esta noite, aquela à qual chegastes interpretando as pistas que lestes esses dias. Jorge venceu, mas vós vencestes Jorge porque pusestes a nu sua trama..."

"Não havia uma trama", disse Guilherme, "e eu a descobri por engano."

A afirmação era autocontraditória, e não entendi se realmente Guilherme queria que assim fosse. "Mas era verdade que as pegadas na neve levavam a Brunello", disse, "era verdade que Adelmo se suicidara, era verdade que Venâncio não fora afogado na tina, era verdade que o labirinto estava organizado do modo como haveis imaginado, era verdade que se entrava no finis Africae tocando a palavra quatuor, era verdade que o livro misterioso era de Aristóteles... Poderia continuar enumerando todas as coisas verdadeiras que descobristes, utilizando-vos de vossa ciência..."

"Nunca duvidei da verdade dos signos, Adso, são a única coisa de que dispõe o homem para se orientar no mundo. O que eu não compreendi foi a relação entre os signos. Cheguei a Jorge através de um esquema apocalíptico que parecia reger todos os crimes, contudo era casual. Cheguei a Jorge procurando um autor de todos os crimes e descobrimos que cada crime tinha no fundo um autor diferente, ou então nenhum. Cheguei a Jorge seguindo o desígnio de uma mente perversa e raciocinante, e não havia desígnio algum, ou seja, Jorge mesmo fora dominado pelo próprio desígnio inicial e depois se iniciara uma cadeia de causas, e de concausas, e de causas em contradição entre si, que procederam por conta própria, criando relações que não dependiam de qualquer desígnio. Onde está toda a minha sabedoria? Comportei-me como um obstinado, seguindo um simulacro de ordem, quando devia bem saber que não há uma ordem no universo."

"Mas imaginando ordens erradas, haveis no entanto encontrado alguma coisa..."

"Disseste uma coisa muito bonita, Adso, agradeço-te. A ordem que nossa mente imagina é como uma rede, ou uma escada, que se constrói para alcançar algo. Mas depois deve-se jogar a escada, porque se descobre que, mesmo servindo, era privada de sentido. Er muoz gelîchesame die Leiter abewerfen, sô Er an ir ufgestigen ist… Se diz assim?"

"Soa assim na minha língua. Quem o disse?"

"Um místico de tuas terras. Escreveu-o nalgum lugar, não lembro onde. E não é necessário que alguém um dia reencontre aquele manuscrito. As únicas verdades

que prestam são instrumentos para se jogar fora."

"Vós não podeis reprovar-vos nada, fizestes o melhor que podíeis."

"É o melhor possível dos homens, o que é pouco. É difícil aceitar a idéia de que não pode haver ordem no universo, porque ofenderia a livre vontade de Deus e sua onipotência. Assim a liberdade de Deus é a nossa condenação, ou pelo menos, a condenação de nossa soberba."

Ousei, pela primeira e última vez na minha vida, uma conclusão teológica: "Mas como pode existir um ser necessário totalmente entretecido de possível? Que diferença há então entre Deus e o caos primigênio? Afirmar a absoluta onipotência de Deus e sua absoluta disponibilidade a respeito de suas próprias escolhas não equivale a demonstrar que Deus não existe?"

Guilherme fitou-me sem qualquer sentimento a lhe transparecer no rosto, e disse: "Como poderia um sábio continuar comunicando seu saber se respondesse sim à tua pergunta?" Não compreendi o sentido de suas palavras: "Pretendeis dizer", perguntei, "que não haveria mais saber possível e comunicável, se faltasse o próprio critério da verdade, ou então que não poderíeis mais comunicar aquilo que sabeis porque os outros não vô-lo consentiriam?"

Naquele instante, uma parte dos telhados do dormitório desabou com imenso fragor soprando para o alto uma nuvem de fagulhas. Uma parte das ovelhas e das cabras, que vagava pelo pátio, passou junto a nós lançando atrozes balidos. Servos em tropel passaram junto a nós, gritando, e quase nos pisaram.

"Há muita confusão aqui", disse Guilherme. "Non in commotione, non in commotione Dominus."

ÚLTIMO FÓLIO

A abadia ardeu durante três dias e três noites e de nada valeram os últimos esforços. Já na manhã do sétimo dia de nossa permanência naquele lugar, quando finalmente os sobreviventes perceberam que nenhum edifício poderia ainda ser salvo, quando desabaram os muros externos das construções mais bonitas e a igreja, como envolvida em si mesma, engoliu a torre, àquela altura faltou a cada um a vontade de combater contra o castigo divino. Cada vez mais cansadas foram as idas aos poucos baldes de água restantes, enquanto ardia ainda sossegadamente a sala capitular, com a soberba casa do Abade. Quando o fogo atingiu o lado extremo das várias oficinas, os servos tinham já há tempos salvado quantos mais apetrechos podiam, e preferiram bater a colina para recuperar pelo menos parte dos animais, fugidos para além da muralha na confusão da noite.

Vi alguns fâmulos aventurarem-se dentro do que sobrava da igreja: imaginei que estivessem tentando entrar na cripta do tesouro para pilhar, antes da fuga, algum objeto precioso. Não sei se conseguiram, se a cripta já não tinha afundado, se os tolos não afundaram nas vísceras da terra, na tentativa de alcançá-la.

Entretanto, homens subiam do vilarejo para prestar socorro, ou para procurar, eles também, alguma coisa para saquear. A maioria dos mortos permaneceu entre as ruínas ainda ardentes. No terceiro dia, curados os feridos, sepultados os cadáveres que ficaram ao relento, os monges e todos os demais recolheram suas coisas e abandonaram a esplanada ainda fumegante, como um lugar maldito. Não sei por onde se espalharam.

Guilherme e eu deixamos aquelas plagas em duas cavalgaduras encontradas perdidas no bosque e que já então consideramos res nullius. Seguimos para oriente. Chegando novamente em Bobbio tomamos conhecimento de más notícias sobre o imperador. Chegado a Roma tinha sido coroado pelo povo. Ao considerar impossível agora qualquer composição com João, elegera um antipapa, Nicola V. Marsílio tinha sido nomeado vigário espiritual de Roma, mas por culpa sua, ou por fraqueza, aconteciam naquela cidade coisas demasiado tristes para se contar. Sacerdotes fiéis ao papa que não queriam dizer missa eram torturados, um prior dos agostinianos fora jogado na fossa dos leões, em Capitólio. Marsílio e João de Jandun tinham declarado João herege e Ludovico o condenara à morte. Mas o imperador governava mal, estava se tornando inimigo dos senhores locais, dilapidava o erário público. À medida que ouvíamos essas notícias, retardávamos nossa descida a Roma, e compreendi que Guilherme não queria estar lá para ser testemunha de eventos que humilhavam suas esperanças.

Chegados que fomos a Pomposa, soubemos que Roma se rebelara contra

Ludovico, o qual voltara a Pisa, enquanto na cidade papal reentravam triunfalmente os legados de João.

Nesse ínterim, Michele de Cesena dera-se conta de que sua presença em Avignon não levava a resultado algum, aliás temia por sua vida, e fugira reunindo-se a Ludovico em Pisa. O imperador tinha, entrementes, perdido também o apoio de Castruccio, senhor de Lucca e Pistoia, que morrera.

Em breve, prevendo os eventos, e sabendo que o Bávaro seria conduzido a Munique, invertemos o caminho e decidimos precedê-lo acolá, mesmo porque Guilherme percebia que a Itália estava se tornando insegura para ele. Nos meses e nos anos que se seguiram, Ludovico viu a aliança dos senhores guibelinos se desfazer, o ano seguinte o antipapa Nicola se renderia a João, apresentando-se-lhe com uma corda no pescoço.

Quando chegamos a Munique, na Baviera, eu precisei me separar, entre muitas lágrimas, de meu bom mestre. Sua sorte era incerta, meus pais preferiram que eu voltasse a Melk. Desde a trágica noite em que Guilherme me revelara seu desconforto diante das ruínas da abadia, como por tácito acordo, não faláramos mais sobre o acontecimento. Nem lhe fizemos mais menção, no decorrer de nossa dolorosa despedida.

Meu mestre deu-me muitos bons conselhos para meus estudos futuros, e deu-me de presente as lentes que Nicola lhe fabricara, tendo ele já agora novamente as suas. Eu era jovem ainda, disse-me, mas um dia me seriam úteis (e realmente eu as tenho sobre o nariz, agora, ao escrever estas linhas). Depois me abraçou com força, com a ternura de um pai, e despediu-se de mim.

Não o vi mais. Soube muito mais tarde que morrera durante a peste que se alastrou pela Europa na metade deste século. Rezo sempre para que Deus tenha acolhido sua alma e tenha perdoado os muitos atos de orgulho que sua soberba intelectual o fizera cometer.

Anos depois, já homem maduro, tive a ocasião de fazer uma viagem à Itália por ordem de meu Abade. Não resisti à tentação e na volta fiz um longo desvio para revisitar o que sobrara da abadia.

Os dois vilarejos no sopé do monte estavam despovoados, as terras ao redor, incultas. Subi até a esplanada e um espetáculo de desolação e de morte apresentou-se aos meus olhos umedecidos de pranto.

Das grandes e magníficas construções que adornavam o lugar, sobraram ruínas esparsas, como já acontecera a monumentos dos antigos pagãos na cidade de Roma. A hera cobrira pedaços de muros, colunas, raras arquitraves que tinham ficado intactas. Ervas selvagens invadiam o terreno por toda parte, e não se entendia nem mesmo onde tinham estado antigamente o horto e o jardim. Somente o lugar do cemitério era reconhecível, por alguns túmulos que ainda afloravam no terreno. Único sinal de vida, altas aves de rapina caçavam lagartos e serpentes que, como basiliscos, se escondiam por entre as pedras ou deslizavam pelos muros. Do portal da igreja tinham restado poucos vestígios corroídos de mofo. O tímpano sobrevivera pela metade e percebi nele ainda, dilatado pelas intempéries e lânguido de liquens repelentes, o olho esquerdo do Cristo entronado, e algo do rosto do leão.

O Edifício, exceto o muro meridional, desabado, parecia ainda estar em pé, desafiando o curso do tempo. Os dois torreões externos, que davam para o precipício, pareciam quase intactos, mas por todo lugar as janelas eram olhos vazios cujas lágrimas viscosas eram trepadeiras pútridas. Dentro, a obra de arte, destruída, se confundia com a da natureza e por vastos espaços da cozinha o olho corria a céu aberto, através do rasgão dos andares superiores e do telhado, vindos abaixo como anjos caídos. Tudo aquilo que não estava verde de musgo, estava preto ainda da fumaça de tantos decênios antes.

Remexendo entre os detritos encontrava de vez em quando pedaços de pergaminho, caídos dos scriptorium e da biblioteca e que sobreviveram como tesouros sepultados na terra; e pus-me a recolhê-los, como se devesse recompor as folhas de um livro. Depois percebi que por um dos torreões subia ainda, prestes a cair e quase intacta, uma escada em caracol até o scriptorium, e dali, trepando por um declive de detritos, podia-se chegar à altura da biblioteca: a qual era porém apenas uma espécie de galeria rente às paredes externas, que dava para o vazio, em todas as direções.

Junto a um pedaço de parede encontrei um armário, ainda milagrosamente de pé, não sei como sobrevivido ao fogo, apodrecido de umidade e insetos. Dentro havia ainda algumas folhas. Mais lagartos encontrei remexendo nas ruínas, por baixo. Pobre messe foi a minha, mas passei um dia inteiro a recolhê-la, como se daquelas disjecta membra da biblioteca devesse chegar-me uma mensagem. Alguns pedaços de pergaminho estavam desbotados, outros deixavam entrever a sombra de uma imagem, de vez em quando o fantasma de uma ou outra palavra. Por vezes encontrei folhas em que frases inteiras eram legíveis, com maior

facilidade encadernações ainda intactas, protegidas por aquilo que tinham sido rosetas de metal... Larvas de livros, aparentemente ainda sãos por fora mas devorados por dentro: no entanto às vezes salvava-se meia folha, transparecia um incipit, um título...

Recolhi todas as relíquias que pude encontrar, e enchi com elas dois sacos de viagem, abandonando coisas que me eram úteis para salvar aquele mísero tesouro.

Durante a viagem de volta, e depois em Melk, passei muitas e muitas horas tentando decifrar aqueles vestígios. Freqüentemente reconheci por uma palavra ou pela sobra de uma imagem remanescente, de que obra se tratava. Quando reencontrei, no futuro, outras cópias daqueles livros, estudei-os com amor, como se o fado tivesse me deixado aquele legado, como se ter individuado a cópia destruída tivesse sido um sinal do céu que dizia tolle et lege. No final de minha paciente recomposição desenhou-se para mim como que uma biblioteca menor, signo daquela maior, desaparecida, uma biblioteca feita de trechos, citações, períodos incompletos, aleijões de livros.

Quanto mais leio este elenco mais me convenço de que ele é efeito do acaso e não contém nenhuma mensagem. Mas essas páginas incompletas acompanharam-me pela vida inteira, que desde então me foi dado viver, consultei-as freqüentemente como a um oráculo, e tenho quase a impressão que o que escrevi sobre essas folhas, que tu agora lerás, leitor ignoto, outra coisa não é senão um centão, um carme figurado, um imenso acróstico que não diz e não repete nada além daquilo que esses fragmentos me sugeriram, tampouco sei se falei até agora deles ou se eles falaram por minha boca. Mas qualquer uma que seja das duas venturas, quanto mais recito a mim mesmo a história que deles saiu, menos consigo entender se nela há uma trama que ultrapasse a seqüência natural dos eventos e dos tempos que os conectam. E é duro para este velho monge, nos umbrais da morte, não saber se a carta que escreveu contém algum sentido oculto, e se mais de um, e muitos, ou nenhum.

Quem sabe essa minha inabilidade em ver seja efeito da sombra que a grande treva que se aproxima está lançando sobre o mundo encanecido.

Est ubi gloria nunc Babylonia? Onde estão as neves de outrora? A terra dança a dança de Macabré, parece-me de vez em quando que o Danúbio é percorrido por batéis carregados de loucos que se dirigem para um lugar obscuro.

Não me resta senão calar. O quam salubre, quam iucundum et suave est sedere in solitudine et tacere et loqui cum Deo! Em breve terei me achegado ao meu princípio, e não creio mais que seja o Deus de glória de que me falaram os abades de minha ordem, ou de alegria, como acreditavam os menoritas de então, talvez nem mesmo de piedade. Gott ist ein lautes Nichts, ihn rührt kein Nun noch Hier… Penetrarei logo nesse deserto imenso, perfeitamente plano e incomensurável, em que o coração verdadeiramente pio sucumbe bem-aventurado. Afundarei na treva divina, num silêncio mudo e numa união inefável, e nesse afundar-se será perdida toda igualdade e toda desigualdade, e naquele abismo meu espírito perderá a si mesmo e não conhecerá nem o igual nem o desigual, nem nada: e serão esquecidas todas as diferenças, estarei no fundamento simples, no deserto silencioso onde nunca se viram diferenças, no íntimo onde ninguém se encontra no próprio lugar. Cairei na divindade silenciosa e desabitada onde não há obra nem imagem.

Está fazendo frio no scriptorium, dói-me o polegar; deixo esta escritura, não sei para quem, não sei mais sobre o quê: stat rosa pristina nomine, nomina nuda tenemus.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.